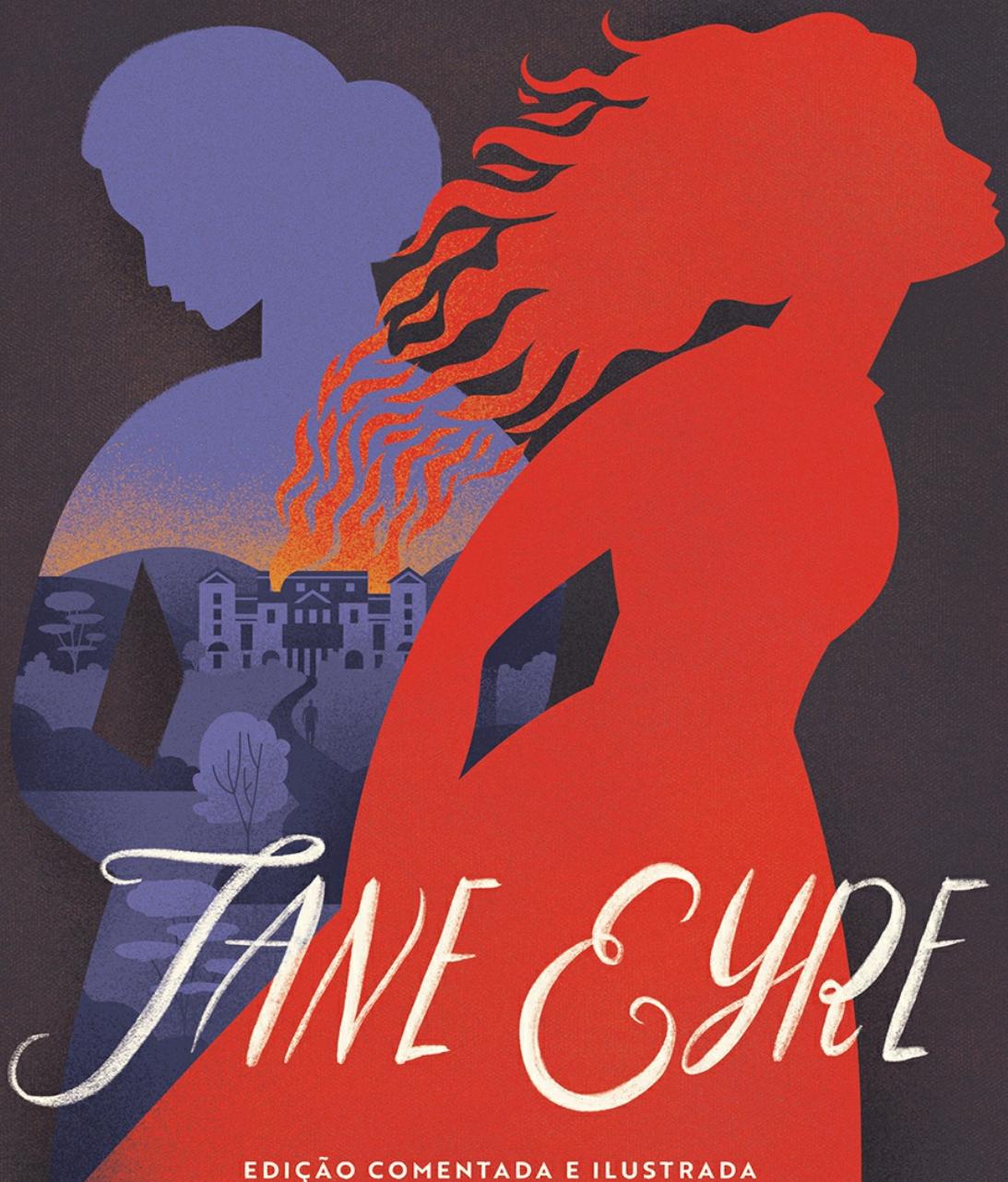


CHARLOTTE BRONTË



CHARLOTTE BRONTË



EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

CLÁSSICOS ZAHAR

Charlotte Brontë

JANE EYRE
uma autobiografia

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Tradução:
Adriana Lisboa

Apresentação:
Antonia Pellegrino

Notas:
Bruno Gambarotto



SUMÁRIO

[Apresentação, por Antonia Pellegrino](#)

[JANE EYRE](#)

[ANEXOS](#)

[Prefácio à segunda edição](#)

[Nota à terceira edição](#)

[Cronologia: vida e obra de Charlotte Brontë](#)

APRESENTAÇÃO

VOCÊ TEM EM MÃOS um clássico. E isso pode soar chato. Mas em poucos capítulos você estará largando o celular para almoçar com Jane. Ela será sua companhia no banheiro. Terá lugar cativo na sua bolsa ou mochila. E vai fazer você ir embora mais cedo dos lugares para encontrá-la.

Tudo isso porque você tem em mãos um romance do século XIX, escrito como um diário, em primeira pessoa, por uma autora que maneja todos os recursos mais maravilhosos da construção narrativa e sabe fazer o leitor habitar estas páginas. A linguagem é vibrante, o ritmo não cai, as viradas não cessam, os mistérios são muitos.

A distância de quase duzentos anos entre você e este livro – que talvez faça parecer impossível conectar-se à história da órfã maltratada pela tia postiça, que vai estudar em um convento austero, onde aprende francês, bordado e piano, para depois se tornar preceptor de uma criança rica que não vai à escola (e paro por aqui nos *spoilers*) – sempre irá existir. Mas a literatura, quando é máquina do tempo, é a coisa mais linda. Em questão de instantes você estará sentindo o frio da Inglaterra pré-energia elétrica rachar-lhe as mãos.

Jane Eyre é uma obra-prima, embalada pelo conforto do melodrama. Seus diálogos pulsam. Suas descrições são precisas, perspicazes e na medida certa. Nas palavras de Virginia Woolf: “[Charlotte Brontë] não procura resolver os problemas da vida humana; ela é até alheia à existência desses problemas; toda a sua força, que é ainda mais forte por ser contida, está na afirmação, ‘Eu amo’, ‘Eu odeio’, ‘Eu sofro’.” Simplesmente irresistível.

Pelas mãos de Charlotte Brontë, você vai acompanhar a saga de Jane Eyre da infância à vida adulta, quando ela viverá um amor impossível, graças, sobretudo, à desigualdade que a afasta do outro personagem central: o sr. Rochester. Desigualdade de classe, isto é, social e financeira, e de gênero. Apontar essa desigualdade, criticá-la, pensar a respeito, iluminá-la é o que a

autora faz nesta história de amor. Nesse sentido, Brontë se inscreve numa linhagem de autoras que trabalham, no bojo de suas escritas, com a premissa de que a luta pela igualdade de gênero é algo atingível, e que a desigualdade, nas suas mais variadas facetas, foi construída – podendo, dessa maneira, ser algo passível de ser transformado.

Na abertura do segundo capítulo, a personagem diz: “Resisti durante todo o caminho.” A frase, usada para narrar o momento em que a pequena Jane é levada ao quarto vermelho e fantasmagórico onde será trancada sozinha, retorna constantemente ao longo de sua trajetória. Segundo a escritora Joyce Carol Oates: “Que uma mulher possa ‘resistir’ aos comandos do seu destino (social ou espiritual) talvez não seja uma completa novidade na literatura inglesa até a publicação de *Jane Eyre*, em 1847: temos, afinal de contas, as voluntárias heroínas de algumas peças de Shakespeare, e aquelas das elegantes comédias de costumes de Jane Austen. Mas *Jane Eyre* é uma jovem totalmente desprotegida do ponto de vista social e familiar, bem como desprovida de independência financeira; ela não tem poder; ela é, como a própria Charlotte Brontë a julgava, ‘pequena, simples e quase uma *quaker*’ – carente das mais superficiais e no entanto aparentemente necessárias virtudes da feminilidade.”

Não é mera coincidência que, historicamente, as taxas de violência entre o grupo dos “sem poder” sejam altíssimas. E são inúmeras as situações de violência física, verbal e psicológica às quais Jane é exposta, e contra as quais resiste. Jane poderia ter-se submetido às agressões da rica tia postiça, de seus filhos e empregadas, para viver protegida e até com algum luxo numa casa próspera. Mas ela prefere dizer não. “Eu era uma estranha em Gateshead Hall”, diz, sem deixar sua diferença se tornar fraqueza. Com instinto de sobrevivente, após um colapso nervoso a menina de dez anos pede para ir viver em uma escola.

Diante da chance de livrar-se dela, a tia permite a mudança para o orfanato de Lowood, cujo diretor “tem analisado as melhores maneiras de esmagar nas crianças esse sentimento mundano que é o orgulho”. Ao receber a notícia de que irá embora, a menina, que carrega a pecha de má e ardilosa, num aguerrido gesto de resistência ousa falar sua verdade para a tia adulta, até então dona de seu destino. Jane faz um desabafo de todas as violências que sofrera na casa. “Uma pradaria em chamas, devorando tudo” é a imagem que

a autora usa para descrever o estado em que a menina se encontra após a catarse.

Se na infância a resistência da protagonista é impulsiva, reativa e violenta, após os anos de estudo no colégio interno, com sua disciplina massacrante, a resiliência torna-se tenaz e madura, apesar da encarniçada tentativa de alienar as internas no orfanato.

Jane é capaz de dizer: “Cansei-me, numa tarde, da rotina de oito anos. Desejava liberdade, ansiava pela liberdade.” Mais à frente, reflete: “Das mulheres se espera que sejam muito calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam de exercício para suas faculdades e espaço para os seus esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, com uma estagnação absoluta demais, exatamente como sofreriam os homens. E é uma estreiteza de visão por parte de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas deveriam se confinar a preparar pudim e tricotar meias, a tocar piano e bordar bolsas. É insensato condená-las ou rir delas se buscam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou necessário ao seu sexo.”

A inteligência precoce, o coração pulsante e a firmeza fazem Jane renegar as qualidades femininas da época e não aceitar sujeitar-se a um destino estreito e repleto de humilhações. Não se assuste, mas isso faz dela uma feminista. Quase setenta anos depois do início dos debates por igualdade de gênero na Inglaterra e na França, Jane/Charlotte ainda estão completamente à frente de seu tempo.

As cenas iniciais de aproximação entre Jane e o sr. Rochester são exemplos antológicos do uso da não violência, aliada à inteligência crítica, como forma de ultrapassar o lugar estreito onde a sociedade insiste em tentar manter as mulheres. No acidente que marca o primeiro encontro, enquanto ele a acusa por tê-lo derrubado do cavalo, ela o ajuda a montar de volta, mas sem se desculpar. Já em casa, diante da lareira e da aspereza do patrão, Jane não se intimida; ao contrário, sente-se digna e consegue se impor. Seu respeito por si mesma é tamanho que Rochester chega a assumir o próprio autoritarismo, como quem pede licença para continuar agindo como sempre fez. No encontro seguinte o patrão, disposto ao diálogo, convoca sua empregada Jane. Alega que, por ser mais velho, teria o direito de mandar nela. Frase com a qual ela discorda, realçando que “sua alegação de superioridade depende do

uso que fez de seu tempo e experiência”, além de salientar o paradoxal fato de que ele “parece esquecer que me paga trinta libras ao ano para receber ordens suas”. Nessas três passagens, Jane delimita os espaços onde a relação dos dois pode se dar. Mais do que isso, estabelece os termos constitutivos da relação. A partir daí, Rochester é capaz de baixar as armas. Estão criadas as condições para florescer uma amizade, e mais tarde um amor.

Joyce Carol Oates, novamente, escreveu: “Jane pensa, entende, julga. É sua inteligência que primeiro a torna atraente para Rochester, o fato de ela o enfrentar, de ultrapassá-lo racionalmente. Ela pesa e compara sua relação potencial com St. John à que tem com Rochester. Ela sabe onde funcionará melhor, ampliando sua capacidade de fazer o bem e sendo mais feliz. Da mesma forma, a chave para seu casamento com Rochester é o fato de que ela se tornou sua igual, financeira e socialmente. Ela pode aceitá-lo em seus próprios termos. É uma escolha intelectual, tanto quanto uma rendição emocional. É uma das coisas que fazem de *Jane Eyre* um romance feminista radical, uma boa distância à frente de seu tempo (e da época de Virginia Woolf).”

O MARCO FUNDADOR DOS feminismos no mundo ocidental acontece durante a Revolução Francesa, no século XVIII. À época, as reivindicações iniciais por maior inserção na vida política e social eram apenas para fornecer direitos aos homens. Como explica a professora de filosofia Carla Rodrigues, no documentário *#PrimaveraDasMulheres* : ¹ “Nesse momento histórico havia, e há até hoje, uma sobreposição entre homem e humanidade. O padrão da humanidade era o homem. A Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão é um exemplo disso. Ela é proposta como se a mulher não fizesse parte do conjunto da humanidade.” Em 1791, contudo, a ativista abolicionista francesa Olympe de Gouges propõe a Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã. E entra para a história como a primeira feminista. ² Um ano depois, na Inglaterra, a escritora Mary Wollstonecraft publica *Reivindicação dos direitos da mulher*. Cresce então a primeira onda feminista, que varreria o mundo nos séculos seguintes, demandando um espaço cidadão para as mulheres e alterando completamente suas experiências.

É nesse contexto que nasce Charlotte Brontë, em Thornton, condado de Yorkshire, na Inglaterra, em 1816. Filha de um clérigo da Igreja Anglicana, ela é a terceira em uma família de seis filhos. Aos cinco anos, com o falecimento da mãe, o pai envia Charlotte, as irmãs Emily e Anne e o irmão Branwell para morar com uma tia, e as crianças são educadas em casa até serem mandadas para um colégio interno. Nesse período, elas usam a escrita e a ficção como forma de animar uma vida solitária e de privações – sobretudo depois que o pai as presenteia com uma caixa com doze soldados de madeira, atiçando sua criatividade. Passam então a inventar histórias em que esses bonecos são personagens. É no colégio interno que Maria e Elizabeth, as irmãs mais velhas de Charlotte, morrem de tuberculose. Anos depois, Charlotte trabalha como preceptora e então como governanta, além de viver um amor impossível com um homem casado. Qualquer semelhança com a trajetória de Jane Eyre não é mera coincidência. Há muito de autobiografia no romance.

Depois de a autora ter tido a primeira versão de *Jane Eyre* rejeitada, e considerando o preconceito da época em relação às escritoras mulheres, ela recorreu à prática então comum de usar um pseudônimo masculino: Currer Bell.³ O livro obteve enorme sucesso de público e de crítica. A identidade de Currer chegou a ser questionada, porém as duas edições seguintes continuaram assinadas sob pseudônimo. E assim Charlotte tornou-se escritora, como já eram as irmãs Emily, autora de *O morro dos ventos uivantes*, e Anne, que escreveu *Agnes Grey*.

“Quando o assunto é literatura inglesa do século XIX – e muitos são os mestres desse período – temos de tirar o chapéu para a família Brontë. Todos os membros desse clã tinham pendores literários e só uma coisa foi capaz de afastá-los de seu ofício: a morte”, escreveu Heloísa Seixas. Sete anos após a publicação do romance, Charlotte falece, em 1855, grávida de Arthur Bell Nicholls, de causas nunca esclarecidas, cujas especulações vão de desnutrição a tuberculose.

DESAFIO O LEITOR a pensar em outro romance tão ou mais adaptado para o cinema e a TV. Pode e deve haver, mas *Jane Eyre* certamente não fica muito atrás. O tempo só reforça o diálogo que a personagem e o enredo estabelecem

com diferentes épocas.

A primeira adaptação para o cinema foi em 1934, pelas mãos de uma roteirista mulher, Adele Comandini. Jane ganhava as telas num filme preto e branco, de baixo orçamento, um tanto precário, mas, na medida do possível, fiel ao ímpeto combativo da personagem. A segunda versão cinematográfica, de 1943, contava no time dos roteiristas com o escritor Aldous Huxley. Nela, o diretor se vale do que há de gótico no livro para usar elementos estéticos do horror, como a fotografia sombria e a trilha tensa. A película é estrelada por Joan Fontaine e o jovem Orson Welles – a melhor escalação de todas para o sr. Rochester (e com interessantíssima interpretação). Essa adaptação consegue duas “proezas”: é protagonizada pelos personagens masculinos – com o requinte de, nas cenas onde estão duas mulheres, elas basicamente falarem sobre os homens – e apresenta uma Jane submissa.

Em 1950, a TV americana exibe uma *Jane Eyre* carregada no melodrama, com o galã Charlton Heston dando vida ao feioso Rochester. Aqui, a história começa quando Jane deixa o orfanato de Lowood. Essa é a primeira de inúmeras séries para a TV, produzidas em todo o mundo.

Até que, em 1970, enfim o cinema conhece uma *Jane Eyre* minimamente à altura do romance. Com trilha de John Williams e bela fotografia, o filme constrói dramaticamente a relação de poder entre Rochester e Jane, sendo esta interpretada com firmeza e sem doçura, por Susannah York. Curioso como soluções que não estão no livro – como o castigo de Helen Burns (a melhor amiga de Jane) na chuva – chegam a esta e a outras versões, num diálogo entre os roteiros dos filmes.

Mais de duas décadas depois, provavelmente insatisfeito com o que a linguagem cinematográfica já contribuíra ao livro, o diretor italiano Franco Zefirelli realiza, em 1996, sua bem-dirigida adaptação com Charlotte Gainsbourg e William Hurt privilegiando a história de amor. Dez anos depois, a BBC novamente faz uma série a partir do romance – já havia produzido outra em 1983 –, que é tida por muitos fãs do livro como a melhor adaptação audiovisual.

Até 2018, ano em que este volume está sendo republicado, a última adaptação para o cinema data de 2011. Trata-se de uma cuidadosa produção da prestigiada Focus Feature, dirigida pelo então estreante Cary Fukunaga,

em tom sóbrio, e por isso tocante, onde a questão da igualdade é frontalmente abordada pelos personagens estrelados por Mia Wasikowska e Michael Fassbender.

UM CLÁSSICO SÓ se torna um clássico por sua capacidade de encantar gerações e gerações. Não o ter lido é tão maravilhoso que me causa inveja. Porque então você tem a oportunidade de ler com olhos frescos. Conhecer Jane ou reconhecê-la, nesta novíssima tradução feita pela escritora Adriana Lisboa, é uma sorte. Em poucos capítulos você já estará largando o celular para almoçar com Jane. Desejo boa viagem.

ANTONIA PELLEGRINO ^a

¹ . Realizado por Antonia Pellegrino e Isabel Nascimento Silva, 2017.

² . Vale notar que, para algumas feministas negras, o feminismo é oriundo dos matriarcados africanos.

^a Antonia Pellegrino é roteirista, feminista e cineasta. Recebeu o prêmio de melhor roteiro adaptado da Academia Brasileira de Cinema por *Bruna Surfistinha* e o Prêmio ABL de Cinema por *Tim Maia* . Realizou o documentário *#PrimaveraDasMulheres* e escreveu *Cem ideias que deram em nada* . É curadora do blog *#AgoraÉQueSãoElas*, na *Folha de S. Paulo* . Tem formação em ciências sociais e mestrado em letras.

JANE EYRE

uma autobiografia ¹

edição de CURRER BELL ²

¹ . O subtítulo “uma autobiografia” advém de sugestão do editor George Smith e foi suprimido da segunda e da terceira edição do romance, nas quais o nome de Currer Bell (cf. nota 2) assume a própria autoria do texto. A enunciação do autor como “editor” da narrativa em primeira pessoa tinha a função de assinalar a autenticidade do texto narrado e, portanto, a “veracidade” da história; com a passagem de Currer Bell à função de autor do romance, reforça-se seu caráter ficcional. O subgênero autobiográfico está fortemente ancorado na tradição do romance inglês – suas raízes remontam à prosa confessional puritana, em que o autor expõe o percurso de sua vida e consciência com vistas à expiação de pecados e à afirmação de sua inocência – e é uma de suas mais importantes matrizes.

² . Currer Bell é o pseudônimo sob o qual Charlotte Brontë publicou seus três romances, *Jane Eyre* (1847), *Shirley* (1849) e *Vilette* (1853). O sobrenome Bell foi utilizado pelas duas irmãs de Charlotte – Emily (ou Ellis Bell, em *O morro dos ventos uivantes*) e Anne (ou Acton Bell, em *A inquilina de Wildfeld Hall* e *Agnes Grey*) – para a publicação de suas obras. A adoção dos pseudônimos de gênero duvidoso deveu-se, conforme escreve Charlotte em prefácio à edição de *O morro dos ventos uivantes*, ao fato de as irmãs serem “avessas à publicidade pessoal” e terem “uma vaga impressão de que a autoria feminina poderia ser encarada com preconceito”.

Ao exmo. sr. W.M. Thackeray ³
esta obra é respeitosamente dedicada

³ . Romancista britânico, William Makepeace Thackeray (1811-63) é conhecido por seu grande panorama satírico da sociedade britânica, *Vanity Fair* (1848). A menção a Thackeray como “profeta” de seu tempo se dá no contexto de suas preocupações reformistas, estas de forte viés moral e apoiadas mais na ação e caráter individual dos agentes sociais do que na identificação e análise de forças coletivas. Contemporânea da Revolução de 1848, Charlotte Brontë viveu momentos de entusiasmo – aos quais atribui a escrita do prefácio – e dúvida acerca dos acontecimentos que mobilizaram a sociedade francesa entre fevereiro e junho daquele ano.

CAPÍTULO 1

NAQUELE DIA, não havia a menor possibilidade de sair para uma caminhada. Na verdade, tínhamos perambulado em meio aos arbustos nus por uma hora naquela manhã; mas desde a hora do almoço (quando não havia companhia, a sra. Reed almoçava cedo) o vento frio do inverno trouxera nuvens tão negras e uma chuva tão penetrante que agora estava fora de cogitação fazer exercício ao ar livre.

Um alívio, para mim. Nunca apreciei longas caminhadas, especialmente em tardes frias: era terrível o regresso à casa no crepúsculo gelado, com os dedos das mãos e dos pés doloridos e um coração entristecido pelas repreensões de Bessie, a ama, e humilhada pela consciência da minha inferioridade física diante de Eliza, John e Georgiana Reed.

Esses, Eliza, John e Georgiana, agrupavam-se agora em torno da mãe na sala de estar: ela estava recostada num sofá ao lado da lareira, e com os seus queridos filhos ao redor (por ora, nem brigando nem chorando) parecia imensamente feliz. Quanto a mim, dispensara-me de me juntar ao grupo, dizendo que “lamentava ver-se obrigada a me deixar de lado, mas até que Bessie lhe dissesse (e ela própria pudesse observar) que eu estava me esforçando ardenteamente para adquirir uma disposição mais sociável e inocente, um comportamento mais afável e alegre – uma atitude mais leve, mais franca, mais natural, por assim dizer –, realmente teria que me excluir dos privilégios destinados apenas a criancinhas satisfeitas e felizes”.

– O que Bessie disse que eu fiz? – perguntei.

– Jane, eu não gosto de gente crítica nem respondona; além disso, é muito desagradável uma criança que se comporta desse modo com os mais velhos. Vá se sentar em algum lugar; até que seja capaz de falar como convém, fique calada.

Havia uma saleta contígua ao salão; esgueirei-me para lá. Nela havia uma

estante de livros: logo me apossei de um volume, tomando o cuidado de escolher um recheado de imagens. Fui para junto da janela: levantando os pés, sentei-me de pernas cruzadas, como um turco, e, depois de fechar quase por completo a pesada cortina vermelha, entreguei-me a um duplo isolamento.

Dobras de pano escarlate tapavam minha visão à direita; à esquerda estavam as vidraças transparentes, que me protegiam do dia de novembro, mas não me separavam dele. De vez em quando, ao virar as páginas do meu livro, eu estudava o aspecto daquela tarde de inverno. À distância, ela oferecia um pálido borrão de névoa e nuvem; mais perto, o cenário era o gramado molhado e os arbustos açoitados pelo temporal, a chuva incessante varrendo tudo com violência antes de uma longa e terrível rajada de vento.

Voltei ao livro – a *História dos pássaros britânicos*, de Bewick.⁴ O que estava impresso ali pouco me importava, de modo geral; contudo, havia certas páginas introdutórias que, mesmo sendo a criança que era, eu não conseguia passar com o mesmo desinteresse. Eram aquelas que tratavam da morada das aves marinhas; de “solitários rochedos e promontórios” somente por elas habitados; da costa da Noruega, repleta de ilhas desde a extremidade sul, Lindeness, ou Naze, até o cabo Norte...

Onde o oceano Norte, em vastos turbilhões,
ferve ao redor das ilhas áridas e melancólicas
da distante Thule; e as ondas do Atlântico
se derramam entre as tempestuosas Hébridas.⁵

Nem podia passar despercebida a sugestão das sombrias praias da Lapônia, da Sibéria, de Spitzbergen, da Nova Zembla, da Islândia, da Groenlândia, com “a vasta extensão do Ártico e aquelas regiões ermas de espaço lúgubre – aquele reservatório de gelo e neve, onde sólidos campos glaciais, acúmulo de séculos de invernos, vitrificam as alturas alpinas, cercam o polo e concentram os rigores multiplicados do frio extremo”. Desses reinos brancos como a morte formei uma ideia pessoal minha; vaga, como todas as noções malcomprendidas que flutuam no cérebro das crianças, mas estranhamente impressionante. As palavras nessas páginas introdutórias ligavam-se às vinhetas seguintes e davam significado à rocha que se erguia sozinha num mar de ondas e borrifos de água, ao barco quebrado, encalhado numa costa

desolada, à lua fria e sinistra espreitando por entre as nuvens um navio naufragado que começava a afundar.

Não sei dizer ao certo que sentimento assombrava o solitário adro da igreja, com sua lápide gravada; seu portão, suas duas árvores, seu horizonte baixo, cercado por um muro em ruínas, e a lua crescente que acabava de nascer, assinalando o cair da noite.

Os dois navios calmos num mar turbulento eu acreditava serem fantasmas marinhos.

Pelo demônio agarrado ao saco que o ladrão levava às costas passei rapidamente: era uma imagem aterrorizante.

Como também era aquela criatura preta, de chifres, sentada isolada numa rocha, observando a multidão ao longe em torno de um patíbulo.

Cada imagem contava uma história; misteriosa, muitas vezes, para a minha compreensão pouco desenvolvida e meus sentimentos imperfeitos, mas ainda assim profundamente interessante: tão interessante quanto os contos que Bessie às vezes narrava nas noites de inverno, quando calhava de estar de bom humor; e quando, tendo trazido a tábua de passar para junto da lareira, permitia que nos sentássemos ao redor e, enquanto passava os babados de renda da sra. Reed e frisava os debruns de suas toucas de dormir, alimentava nossa ansiosa atenção com passagens de amor e aventura extraídas de antigos contos de fadas e baladas mais antigas ainda; ou (como mais adiante vim a descobrir) das páginas de *Pamela* e *Henry, conde de Moreland*.⁶

Com o Bewick no colo, eu me sentia feliz, pelo menos ao meu modo. Só o que temia era ser interrompida, e isso aconteceu pouco depois. A porta da saleta se abriu.

– Buuu! Madame Boboca! – exclamou a voz de John Reed; logo ele se calou: a sala estava aparentemente vazia.

– Onde diachos ela está? Lizzy? Georgy! – chamou as irmãs –, Joan não está aqui: digam à mamãe que saiu na chuva, aquela peste!

“Ainda bem que fechei a cortina”, pensei, e desejei ardorosamente que ele não descobrisse meu esconderijo. John Reed não o haveria de encontrar sozinho: nem sua visão nem suas ideias eram sagazes; mas Eliza colocou a cabeça na porta e disse, sem demora:

– Ela deve estar no banco da janela, Jack.

E eu saí imediatamente, pois temia a ideia de ser arrastada para fora dali pelo dito Jack.

– O que você quer? – perguntei, com incômoda desconfiança.

– Diga “o que o senhor quer, sr. Reed” – foi a resposta. – Quero que venha até aqui.

E, sentando-se numa poltrona, intimou-me com um gesto a me aproximar e ficar de pé diante dele.

John Reed era um rapaz de quatorze anos, e ia à escola. Quatro anos mais velho que eu, que só tinha dez, ele era grande e robusto para sua idade, com a pele pardacenta e enfermiça; tinha feições grosseiras num rosto largo, braços e pernas pesados, mãos e pés grandes demais. Tinha o hábito de se empanturrar à mesa, o que o deixava irritadiço e lhe conferia um olhar turvo e apagado, e bochechas flácidas. Deveria estar na escola, mas sua mãe o havia trazido para casa por um ou dois meses, “por conta de sua saúde frágil”. O sr. Miles, diretor da escola, afirmara que lhe faria muito bem comer menos dos bolos e doces que lhes eram enviados de casa, mas o coração da mãe recuava diante de tão severa opinião, e pendia à ideia mais refinada de que a palidez de John se devia ao excesso de aplicação aos estudos e, talvez, a saudades de casa.

John não tinha muito afeto por sua mãe e suas irmãs, e a mim ele detestava. Atormentava-me e me castigava, e isso não acontecia uma ou duas vezes por semana, nem uma ou duas vezes por dia, mas continuamente: cada nervo meu o temia, e cada pedaço de carne sobre meus ossos se encolhia quando ele se aproximava. Havia momentos em que eu me sentia atordoada pelo terror que ele inspirava, porque não tinha quem me defendesse de suas ameaças ou de seus castigos. Os criados não queriam ofender seu jovem senhor tomindo meu partido, e a sra. Reed se fazia de desentendida em relação ao assunto: nunca via o filho me bater e nunca o ouvia me maltratar, embora ele fizesse ambas as coisas vez por outra em sua presença; com mais frequência, porém, fazia-o às suas costas.

Em geral obediente a John, fui até sua poltrona: ele passou uns três minutos esticando a língua para mim tanto quanto conseguia sem machucar o freio. Eu sabia que ele logo haveria de me agredir, e embora temesse o golpe

fiquei contemplando o aspecto feio e repugnante daquele que em breve haveria de desfechá-lo. Talvez ele tenha lido em meu rosto esses pensamentos, pois no mesmo instante, sem dizer uma palavra, deu uma forte bofetada. Cambaleei, e ao recobrar o equilíbrio recuei um ou dois passos, afastando-me da sua poltrona.

– Isso é pela sua impertinência ao responder à mamãe há pouco – disse ele –, e por esse seu jeito furtivo de ir se esconder atrás das cortinas, e por essa expressão que tinha no olhar há dois minutos, garota desprezível!

Acostumada aos maus-tratos de John Reed, nunca me ocorria reagir: minha preocupação era como resistir à pancada que certamente haveria de se seguir ao insulto.

– O que você estava fazendo atrás da cortina?

– Estava lendo.

– Deixe-me ver o livro.

Fui até a janela e o apanhei.

– Você não tem nada que pegar os nossos livros; é uma dependente, é o que a mamãe diz. Não tem dinheiro, seu pai não lhe deixou nada. Você devia estar mendigando, e não vivendo aqui com filhos de gente de bem como nós, comendo as mesmas refeições que comemos, usando roupas à custa da mamãe. Vou ensiná-la a não ficar mexendo nas minhas estantes de livros: porque *são* minhas, a casa toda me pertence, ou vai pertencer dentro de alguns anos. Vá para junto da porta, longe do espelho e das janelas.

Obedeci, sem saber ao certo, a princípio, quais eram suas intenções; mas quando vi que erguia o livro e se preparava para arremessá-lo, instintivamente saltei para o lado com um grito alarmado. Tarde demais, porém; ele atirou o livro e me acertou, e eu caí, batendo a cabeça na porta e me ferindo. O corte sangrava, a dor era aguda: meu terror já ultrapassara o clímax, e outros sentimentos se sucederam.

– Garoto malvado e cruel! – eu disse. – Você mais parece um assassino, parece um senhor de escravos... parece um imperador romano!

Eu tinha lido a *História de Roma* de Goldsmith,⁷ e formara minha opinião sobre Nero, Calígula e os demais. Também traçara, em silêncio, paralelos que nunca teria pensado em declarar assim, em voz alta.

– O quê?! O quê?! – exclamou ele. – Ela me disse mesmo isso? Eliza e Georgiana, ouviram? Acha que não vou contar à mamãe? Mas antes...

E ele correu impetuosamente na minha direção: senti-o agarrar meu cabelo e meu ombro: altercava-se com uma criatura desesperada. Eu via mesmo nele um tirano: um assassino. Senti uma ou duas gotas de sangue escorrendo da minha cabeça para o pescoço, e me dominou uma dor pungente; tais sensações pela primeira vez sobrepujaram o medo, e eu estava pronta para ele, fora de mim. Não sei muito bem o que fiz com as mãos, mas ele me chamou de “Desgraçada! Desgraçada!” e começou a berrar. O socorro estava próximo: Eliza e Georgiana tinham ido correndo chamar a sra. Reed, que fora para o andar de cima; ela regressava e se deparava com a cena, seguida por Bessie e sua criada Abbot. Separaram-nos. Ouvi as palavras:

- Minha nossa! Com que fúria ela ataca o sr. John!
- Onde já se viu tamanha demonstração de cólera!

Então a sra. Reed acrescentou:

- Levem-na para o quarto vermelho, e podem trancá-la ali.

Quatro mãos se apoderaram imediatamente de mim, e fui levada lá para cima.

[4](#) . Publicada em 1797, com reedição aumentada de 1804, *Uma história dos pássaros britânicos*, do naturalista e gravurista Thomas Bewick, foi uma das obras centrais da infância de Charlotte Brontë. O séc.XIX atribuiu valor literário e artístico aos dois volumes do trabalho de Bewick, que foi considerado o primeiro guia de campo para observadores de pássaros e da natureza em geral. Encontram-se referências à obra e ao autor também na obra poética de William Wordsworth. A passagem citada e a seguinte, com pequena alteração, constam do segundo volume da obra, dedicado aos pássaros aquáticos.

[5](#) . Trata-se de versos do poema “Outono”, do britânico James Thomson (1700-1748), citados por Bewick em sua obra. As referências a uma Thule – nome de origem grega – remontam aos geógrafos gregos da Antiguidade, a partir dos quais a ilha mítica é incorporada às tradições latina e medieval. Da era cristã em diante, o nome denota qualquer localidade distante para além “das fronteiras do mundo conhecido”. A Groenlândia, por exemplo, será tradicionalmente nomeada Última Thule (expressão cunhada por Virgílio e presente na primeira das *Geórgicas*), enquanto a Islândia constará de cartas do período como Thule. Lindeness, mencionado logo acima, é na verdade Lindesnes.

[6](#) . O romance epistolar *Pamela, ou A virtude recompensada* (1740) é uma das obras-primas do inglês Samuel Richardson, cultor do gênero romance sentimental e, ao lado de seu contemporâneo Henry Fielding, um dos responsáveis pela formação do romance moderno. *O idiota da excelência, ou A*

história de Henry, conde de Moreland, é um romance picaresco e sentimental escrito pelo irlandês Henry Brooke (1703-83). A passagem pode ser lida tanto no sentido da afinidade quanto do contraste entre as obras citadas e os contos de fadas. No primeiro sentido, ela soa como crítica ao caráter fabular (isto é, pouco preocupado com a realidade) das mesmas; no segundo, sugere uma distinção já clara entre a literatura adulta dos romances e o repertório tradicional dos contos de fadas, de interesse infantil.

[7](#) . Oliver Goldsmith (1728-74) foi um importante dramaturgo, romancista e poeta irlandês, mais famoso por seu romance *O vicário de Wakefield*. Sua *História de Roma* (1769) ficou conhecida pelo estilo acessível e, em versão reduzida pelo próprio autor, tinha uso escolar.

CAPÍTULO 2

RESISTI DURANTE TODO o caminho: uma atitude nova para mim, e uma circunstância que reforçava em muito a opinião negativa que Bessie e a srtá Abbot estavam predispostas a ter a meu respeito. O fato é que eu estava um tanto fora de controle; ou fora de mim, como diriam os franceses: tinha consciência de que a momentânea insubordinação já me expusera a punições fora do comum, e, como qualquer outro escravo rebelde, estava decidida, em meu desespero, a ir até as últimas consequências.

– Segure os braços dela, srtá. Abbot: está que mais parece uma gata selvagem.

– Que vergonha, que vergonha! – exclamou a criada. – Que conduta mais indecorosa, srtá. Eyre, bater num jovem cavalheiro, o filho de sua benfeitora! O seu jovem senhor.

– Senhor! Desde quando ele é meu senhor? Por acaso sou uma criada?

– Não; a senhorita é menos do que uma criada, pois não faz nada para ganhar seu sustento. Muito bem, sente-se aí, e vá pensar sobre sua perversidade.

A essa altura já tinham me levado ao quarto indicado pela sra. Reed, e me jogado em cima de um banco: meu impulso foi saltar dali feito uma mola; os dois pares de mãos me seguraram imediatamente.

– Se não ficar quieta, terá de ser amarrada – disse Bessie. – Srtá. Abbot, empreste-me as suas ligas. As minhas ela arrebentaria no mesmo instante.

A srtá. Abbot se virou para tirar da perna robusta a liga solicitada. Esses preparativos que faziam para me amarrar, e a ignomínia adicional que implicavam, abrandaram um pouco minha excitação.

– Não precisa tirá-las – exclamei. – Vou me aquietar.

Para convencê-las do que dizia, agarrei com as mãos o banco.

– É melhor mesmo – disse Bessie; e quando teve certeza de que eu estava de fato me acalmando, soltou-me.

Ela e a srta. Abbot ficaram ali paradas, de braços cruzados, olhando de modo ameaçador e desconfiado para o meu rosto, como se duvidassem da minha sanidade.

– Ela nunca fez isso antes – disse Bessie por fim, voltando-se para a criada.

– Mas sempre teve isso dentro de si – foi a resposta. – Já disse várias vezes à madame qual a minha opinião sobre essa menina, e a madame concordou. É uma coisinha dissimulada. Nunca vi uma menina da sua idade ser tão fingida.

Bessie não respondeu; não tardou a se dirigir a mim, porém, dizendo:

– Precisa se dar conta, mocinha, de que tem dívidas para com a sra. Reed. Ela a está recebendo em sua casa; se a mandasse embora, teria de ir para um orfanato.

Eu não tinha nada a dizer ante essas palavras, que não eram novas para mim: minhas primeiras lembranças da existência incluíam comentários dessa natureza. Palavras de reprovação sobre a minha dependência tinham se tornado uma cantilena vaga e monótona aos meus ouvidos; muito dolorosas e esmagadoras, mas só parcialmente inteligíveis. A srta. Abbot se somou ao coro...

– E não devia pensar em si mesma em termos de igualdade com relação às srtas. Reed e ao sr. Reed, porque a madame gentilmente permite que seja criada com eles. Terão um bocado de dinheiro e a senhorita não terá nenhum: seu papel é ser humilde, e tentar ser agradável para eles.

– O que lhe dizemos é para o seu bem – acrescentou Bessie, numa voz amena. – Deveria tentar ser útil e agradável, e então talvez encontrasse aqui um lar; mas se agir de modo arrebatado e rude, a madame vai mandá-la embora, tenho certeza.

– Além do mais – disse a srta. Abbot –, Deus vai puni-la: poderia fazê-la cair morta no meio de um de seus ataques, e então para onde iria? Venha, Bessie, vamos deixá-la. Eu não gostaria, por nada do mundo, de ter um coração assim. Faça as suas orações, srta. Eyre, quando estiver sozinha; pois se não se arrepender algo muito ruim pode ter permissão de descer pela chaminé e levá-la embora.

Saíram, trancando a porta atrás de si.

O quarto vermelho era um cômodo desocupado, onde raramente alguém dormia: eu poderia dizer nunca, a menos que houvesse um afluxo eventual de visitas em Gateshead Hall e se fizesse necessário o uso de todas as acomodações de que dispunha. Não obstante, era um dos maiores e mais pomposos quartos da mansão. Uma cama apoiada em pilares de mogno maciço, de onde pendia um dossel de damasco vermelho-escuro, destacava-se feito um tabernáculo no centro. As duas enormes janelas, com as venezianas sempre fechadas, eram parcialmente cobertas por grinaldas e cascatas do mesmo tecido. O tapete era vermelho, a mesa ao pé da cama era coberta por um pano carmim, as paredes eram de uma delicada cor de camurça, com um toque rosado. O guarda-roupa, a penteadeira e as cadeiras eram de mogno polido e pesado. Dessas cores escuras ao meu redor elevava-se num branco reluzente a pilha de colchões e travesseiros da cama, cobertos com uma colcha de alvo piquê. Ligeiramente menos proeminente era uma ampla poltrona almofadada junto à cabeceira da cama, também branca, com um banquinho para os pés e o aspecto, parecia-me, de um trono alvo.

O quarto estava gelado, porque raramente acendia-se ali a lareira; estava silencioso, porque ficava distante dos cômodos das crianças e da cozinha; solene, porque só raramente alguém entrava ali. Só uma criada vinha aos sábados tirar dos espelhos e da mobília a quieta camada de poeira de uma semana. E a própria sra. Reed, a intervalos distantes, visitava-o para revisar o conteúdo de certa gaveta secreta no guarda-roupa, onde mantinha vários pergaminhos, seu baú de joias e um retrato em miniatura de seu finado marido; e nessas últimas palavras jaz o segredo do quarto vermelho – o feitiço que o conservava tão solitário a despeito de sua grandiosidade.

Fazia nove anos que o sr. Reed, o pai, tinha morrido: nesse quarto dera seu último suspiro, e ali fora seu velório; seu caixão em seguida fora trazido pelos homens do agente funerário e, desde então, uma sensação de lúgubre consagração resguardara-o de intrusões frequentes.

Meu banco, ao qual Bessie e a implacável sra. Abbot me haviam deixado presa, era um divã baixo perto da chaminé de mármore; a cama se erguia diante de mim; à minha direita estava o guarda-roupa alto e escuro, com reflexos baços e irregulares sobre a superfície lustrosa da madeira; à minha esquerda ficavam as janelas cobertas; um imenso espelho entre elas repetia a

vaga majestade da cama e do quarto. Eu não tinha certeza absoluta de que tivessem trancado a porta; quando ousei me mexer, levantei-me e fui verificar. Ai de mim! Sim, nenhuma prisão era mais segura. Regressando, tive que passar diante do espelho; meu olhar fascinado explorou involuntariamente as profundezas que revelava. Naquele oco visionário, tudo parecia mais frio e mais escuro do que na realidade. E o pequeno e estranho vulto ali a me fitar, rosto e braços pálidos maculando a escuridão, e olhos cintilantes de medo movendo-se onde tudo mais se encontrava imóvel, teve um efeito verdadeiramente sobrenatural: pensei que era como um daqueles pequeninos fantasmas, metade fada, metade duende, que as histórias que Bessie contava à noite retratavam saindo de solitários vales repletos de fetas nas charnecas e aparecendo diante dos olhos de viajantes tardios. Regressei ao meu banco.

A superstição me acompanhava naquele momento, mas não era ainda seu instante de vitória completa: meu sangue ainda estava quente, o espírito da escrava rebelde ainda se apoderava de mim com seu vigor amargo; tive de conter uma veloz torrente de recordações antes de me retrair no presente soturno.

Toda a violenta tirania de John Reed, toda a indiferença orgulhosa de suas irmãs, toda a aversão de sua mãe, toda a parcialidade das criadas, tudo isso se revolveu em minha mente confusa como um depósito escuro num poço barrento. Por que motivo eu estava sempre sofrendo, por que era sempre intimidada, sempre acusada e sempre condenada? Por que jamais conseguia agradar? Por que era inútil tentar cair nas graças de alguém? Eliza, teimosa e egoísta, era respeitada. Georgiana, que tinha um temperamento mimado, uma malevolência muito pungente e um comportamento ardiloso e insolente, era indiscriminadamente tolerada. Sua beleza, suas faces rosadas e seus cachinhos dourados pareciam deleitar a todos que a contemplavam, e garantir-lhe salvaguarda para cada deslize. A John ninguém frustrava, muito menos punia, embora ele torcesse o pescoço dos pombos, matasse os filhotes de faisão, soltasse os cachorros sobre as ovelhas, arrancasse as uvas das parreiras na estufa e partisse os brotos das melhores plantas que havia ali. Também chamava sua mãe de “velha”, e às vezes a ultrajava por sua pele escura, parecida com a dele. Ignorava categoricamente seus desejos; não era raro que rasgasse e sujasse seus trajes de seda; ainda assim, era “o seu

queridinho". Eu não ousava cometer o menor deslize: esforçava-me em cumprir cada uma de minhas tarefas e era acusada de ser malcriada e maçante, mal-humorada e dissimulada, da manhã até a tarde, da tarde até a noite.

Minha cabeça ainda doía e sangrava do golpe e da queda, mas ninguém censurava John por bater em mim descaradamente; e como eu me voltara contra ele para me proteger de sua violência irracional, o opróbrio geral era contra mim.

"Que injusto! Que injusto!", dizia a minha mente racional, forçada pelo agonizante estímulo a um vigor precoce porém transitório; e a Determinação, igualmente incitada, instigava algum estranho expediente para tentar escapar da insuportável opressão – como fugir ou, se isso não se pudesse realizar, nunca mais comer ou beber coisa alguma, deixando-me assim morrer.

Que consternação da alma foi a minha naquela tarde terrível! Que tumulto em meu cérebro, e como todo meu coração se insurgia! Mas em que escuridão, em que densa ignorância a batalha mental foi travada! Eu não conseguia responder à incessante pergunta íntima: *por que* eu sofria dessa maneira; agora, à distância de – não direi quantos anos – vejo tudo com clareza.

Eu destoava em Gateshead Hall; não era ninguém ali, e não tinha nada em comum com a sra. Reed ou seus filhos, ou com a criadagem. Se não me amavam, eu, na verdade, tampouco os amava. Não estavam obrigados a demonstrar afeto por uma criatura que não simpatizava com um único deles; uma criatura heterogênea, oposta a eles em temperamento, em capacidade, em propensões; uma coisinha inútil, incapaz de servir aos seus interesses, ou acrescentar o que fosse aos seus prazeres; uma coisinha nociva, que abrigava os germes da indignação ante o tratamento que recebia deles, e do desprezo diante do seu julgamento. Sei que, se eu fosse uma criança alegre, brilhante, despreocupada, exigente, bonita e brincalhona – ainda que igualmente dependente e sem amigos –, a sra. Reed teria tolerado a minha presença de modo mais complacente; seus filhos teriam tido um pouco mais da cordialidade que se demonstra por um semelhante; os criados seriam menos propensos a fazer de mim o bode expiatório da ala das crianças.

A luz do dia começou a abandonar o quarto vermelho; passava das quatro

horas, e a tarde nublada pendia agora a um lúgubre crepúsculo. Eu ainda ouvia a chuva açoitando continuamente a janela da escada, e o vento uivando no bosque atrás da mansão. Fui aos poucos ficando fria como uma pedra, e minha coragem então cedeu. Meu estado de espírito habitual de humilhação, insegurança e desamparada depressão caiu úmido sobre as brasas de minha ira decrescente. Todos diziam que eu era má, e talvez fosse mesmo: pois não estava justamente pensando em deixar de comer até morrer? Isso com certeza era um crime: e estaria eu pronta para morrer? Ou seria o jazigo sob o coro da igreja de Gateshead uma morada convidativa? Nesse jazigo eu fora informada de que estava enterrado o sr. Reed; esse pensamento fez com que eu o evocasse, e me detive nessa evocação com pavor crescente. Não conseguia me lembrar dele, mas sabia que era meu tio – o irmão da minha mãe –, que me trouxera quando eu era uma criança órfã para a sua casa, e que em seus últimos momentos exigira da sra. Reed a promessa de que ia me criar e cuidar de mim como um de seus próprios filhos. A sra. Reed provavelmente achava que tinha cumprido essa promessa, e de fato tinha, até onde sua natureza lhe permitia. Mas como poderia gostar de verdade de uma intrusa, alguém que não tinha o seu sangue nem se unia a ela, após a morte do marido, por qualquer traço que fosse? Devia ter sido bastante penoso ver-se atada, por uma promessa arrancada à força, a fazer as vezes de mãe a uma criança estranha que ela não tinha como amar, e ver uma forasteira antipática intrometendo-se permanentemente em seu núcleo familiar.

Uma ideia singular me ocorreu. Eu não duvidava – nunca duvidara – que se o sr. Reed estivesse vivo ele teria me tratado bem; e agora, sentada ali olhando para a cama branca e as paredes sombrias – ocasionalmente dirigindo meu olhar fascinado ao espelho e sua luz mortiça –, comecei a me lembrar do que ouvira sobre os mortos, perturbados em seus túmulos pela violação de seus últimos desejos, revisitando a terra para punir aqueles que cometaram perjúrio e vingar os oprimidos: e pensei que o espírito do sr. Reed, molestado pelas ofensas da filha de sua irmã, poderia deixar sua morada – fosse ela no jazigo da igreja ou no mundo desconhecido daqueles que já se foram – e surgir diante de mim naquele quarto. Enxuguei minhas lágrimas e calei meus soluços, com medo de que o menor sinal de sofrimento profundo pudesse despertar alguma voz sobrenatural para me reconfortar, ou invocar na penumbra um rosto cercado por um halo, curvando-se sobre mim

com estranha compaixão. Senti que a ideia, reconfortante na teoria, seria terrível se concretizada: com todas as forças tentei reprimi-la – procurei ser firme. Sacudindo o cabelo de cima dos olhos, ergui a cabeça e tentei olhar de modo desafiador para o quarto escuro ao meu redor: nesse momento, uma luz reluziu na parede. Seria, eu me perguntei, um raio da lua penetrando por alguma abertura na veneziana? Não, o luar era imóvel, e esse lume se movia; enquanto eu observava, deslizou até o teto e oscilou sobre minha cabeça. Posso agora conjecturar com facilidade que esse facho de luz era, provavelmente, o brilho de alguma lamparina que alguém levava pelo gramado: naquele momento, porém, preparada como estava minha mente para o terror, abalados como estavam meus nervos pela agitação, pensei que o raio veloz era o arauto de alguma visão do outro mundo. Meu coração disparou, minha cabeça ferveu; um som ocupou meus ouvidos, e eu o percebi como um bater de asas: algo parecia próximo de mim; eu estava oprimida, sufocada. A resistência se foi e dei um grito arrebatado e involuntário; corri para a porta e sacudi a tranca num esforço desesperado. Passos se aproximaram pelo corredor; a chave girou, e Bessie e Abbot entraram.

- Sente-se doente, sra. Eyre? – perguntou Bessie.
- Que som terrível! Atravessou meu corpo! – exclamou Abbot.
- Deixem-me sair! Levem-me para a ala das crianças! – foi minha exclamação.
- Por quê? Acaso se machucou? Viu alguma coisa? – perguntou Bessie outra vez.
- Ah! Vi uma luz, e pensei que um fantasma se aproximava – eu agarrara a mão de Bessie, e ela não a retirara.
- Ela gritou de propósito – declarou Abbot, com certa repugnância. – E que grito! Se estivesse sentindo dor poderíamos desculpá-la, mas ela só queria que viéssemos até aqui: conheço seus truques malvados.
- O que está acontecendo? – indagou outra voz peremptoriamente; e a sra. Reed se aproximou pelo corredor, a touca esvoaçando, o vestido farfalhando alto. – Abbot e Bessie, acredo ter dado ordens para que Jane Eyre fosse deixada no quarto vermelho até que eu mesma viessevê-la.
- A sra. Jane gritou tão alto, madame – alegou Bessie.
- Solte-a – foi a única resposta. – Solte as mãos de Bessie, menina: não vai

conseguir sair daqui desse jeito, pode estar certa. Odeio esperteza, particularmente em crianças; é meu dever lhe mostrar que esses truques de nada adiantam: ficará aqui, agora, uma hora a mais, e somente se demonstrar completa submissão e ficar quieta virei soltá-la.

– Ah, tia! Tenha piedade! Desculpe-me! Não posso suportar... castigue-me de outra maneira! Eu vou morrer se...

– Silêncio! Esse arrebatamento é quase repulsivo – e era isso, sem dúvida, que ela sentia. Eu era uma atriz precoce aos seus olhos: ela realmente via em mim um conjunto de paixões virulentas, má índole e perigosa falsidade.

Bessie e Abbot tendo se retirado, a sra. Reed, impaciente diante da minha angústia agora frenética e dos meus soluços convulsivos, jogou-me abruptamente para trás e me trancou ali dentro, sem dizer mais nada. Ouvi o ruído de seu vestido enquanto ela se afastava; pouco depois que me deixara, acho que tive uma espécie de ataque de nervos: a inconsciência encerrou a cena.

CAPÍTULO 3

SÓ O QUE RECORDO, a seguir, foi acordar com a sensação de ter tido um pesadelo medonho, e ver diante de mim um terrível lume vermelho, atravessado por espessas barras pretas. Ouvi vozes, também, falando com um som oco, parecendo abafadas por uma corrente de vento ou água: agitação, incerteza e uma sensação onipresente de terror confundiam minhas faculdades mentais. Não demorou até que eu me desse conta de que alguém me amparava; me ajudava para que eu me sentasse, e com mais carinho do que eu jamais fora erguida ou segurada antes. Repousei a cabeça sobre um travesseiro ou um braço, e me senti confortável.

Mais cinco minutos e a nuvem de torpor se dissolveu: tinha plena consciência de que estava em minha própria cama, e de que o brilho vermelho era a lareira do quarto das crianças. Estava de noite: uma vela queimava sobre a mesa. Bessie estava parada junto ao pé da cama com uma bacia na mão, e um cavalheiro se encontrava sentado numa cadeira junto ao meu travesseiro, debruçado sobre mim.

Senti um alívio inexprimível, uma tranquilizadora convicção de que estava protegida e segura, quando soube que havia um estranho no quarto, um indivíduo que não fazia parte de Gateshead e não era parente da sra. Reed. Voltando meu rosto, que fitava Bessie (embora sua presença fosse muito menos desagradável que a de Abbot, por exemplo, teria sido), examinei o semblante do cavalheiro: conhecia-o; era o sr. Lloyd, um boticário, chamado às vezes pela sra. Reed quando os criados estavam enfermos – para si mesma e para as crianças ela recorria a um médico.

– Bem, quem sou eu? – indagou ele.

Pronunciei seu nome, ao mesmo tempo oferecendo-lhe a mão: ele a segurou, sorrindo e dizendo:

– Logo, logo estaremos bem.

E então fez com que eu me deitasse e, dirigindo-se a Bessie, encarregou-a de tomar todos os cuidados para que eu não fosse incomodada durante a noite. Após dar-lhe outras instruções e anunciar que faria nova visita no dia seguinte, ele se foi, para o meu pesar. Sentia-me tão protegida e acolhida enquanto ele estava sentado na cadeira junto à minha cabeceira, e quando ele saiu e fechou a porta o quarto escureceu e meu coração voltou a afundar: uma tristeza inexprimível pesava ali.

– Acha que devia dormir, senhorita? – perguntou Bessie, em tom ameno.

Eu mal ousava responder, pois temia que a frase seguinte fosse áspera.

– Vou tentar.

– Tem sede, ou gostaria de comer alguma coisa?

– Não, Bessie, obrigada.

– Então acho que vou para a cama, pois passa da meia-noite, mas pode me chamar se precisar de alguma coisa.

Que maravilhosa polidez! Deu-me coragem para fazer uma pergunta.

– Bessie, qual o problema comigo? Estou doente?

– Sentiu-se mal de tanto chorar no quarto vermelho, eu acho; logo vai estar melhor, sem dúvida.

Bessie foi até o quarto de outra criada, que ficava perto. Ouvi-a dizer:

– Sarah, venha dormir comigo no quarto das crianças; não tenho coragem de ficar sozinha com aquela pobre menina esta noite. Pode ser que ela morra; tão estranho foi aquele ataque: eu me pergunto se viu alguma coisa. A madame foi severa demais.

Sarah voltou com ela; as duas foram se deitar. Conversaram aos sussurros por meia hora antes de adormecer. Entendi passagens da conversa, a partir das quais pude concluir o assunto principal em discussão.

“Alguma coisa passou por ela, um vulto todo vestido de branco, e desapareceu...”, “Um cachorro preto imenso atrás dele...”, “Três batidas fortes na porta do quarto...”, “Uma luz no cemitério, bem acima do túmulo dele...” etc. etc.

Por fim ambas adormeceram; o fogo da lareira e a vela se extinguiram. Para mim, aquela longa noite foi passada em medonha vigília; meus ouvidos,

olhos e minha mente estavam dominados pelo terror, um terror que só as crianças podem sentir.

A esse incidente no quarto vermelho não se seguiu nenhuma enfermidade física severa ou prolongada: foi somente um choque em meus nervos, cuja reverberação sinto ainda hoje. Sim, sra. Reed, à senhora devo algumas medonhas pontadas de sofrimento mental. Mas devo perdoá-la, pois não sabia o que fazia: ⁸ ao despedaçar as fibras do meu coração, acreditava estar apenas cortando pela raiz as minhas más predisposições.

No dia seguinte, ao meio-dia, eu estava já fora da cama e vestida, e me sentava envolta num xale junto à lareira do quarto das crianças. Sentia-me fisicamente fraca e desanimada, mas meu pior sofrimento era um indizível tormento mental: um tormento que não parava de arrancar de mim lágrimas silenciosas. Tão logo eu limpava do rosto uma gota salgada, outra se seguia. Ainda assim eu achava que devia me alegrar, pois nenhum dos Reed estava por ali – tinham todos saído de carroagem com a mãe. Também Abbot estava em outro quarto, costurando, e Bessie, enquanto andava de um lado a outro, guardando brinquedos e arrumando gavetas, dirigia-me vez por outra uma palavra de gentileza incomum. Esse estado de coisas devia ser, para mim, um paraíso de paz, acostumada como estava a uma vida de incessantes reprimendas e de labuta sem recompensa; mas na verdade meus nervos atormentados estavam agora em tal condição que calma alguma podia mitigar, e prazer algum poderia alegrar.

Bessie tinha ido até a cozinha e trazido uma torta num prato de porcelana pintado com cores vivas, cuja ave do paraíso, aninhada numa guirlanda de corriolas e botões de rosa, costumava me deixar num estado entusiasmado de admiração; aquele prato eu várias vezes pedira para ter permissão de segurar nas mãos de modo a examinar mais de perto, mas até então sempre fora considerada indigna de tal privilégio. Esse objeto precioso era agora depositado sobre meus joelhos, e eu era cordialmente convidada a comer o pequeno círculo tão delicado de doce sobre ele. Inútil benevolência! Chegando, como todas as outras longamente negadas e frequentemente desejadas, tarde demais! Não pude comer a torta, e a plumagem do pássaro e as cores das flores pareciam estranhamente desbotadas. Bessie perguntou se eu queria um livro: a palavra “livro” funcionou como um estímulo passageiro, e eu lhe pedi que apanhasse *As viagens de Gulliver* na biblioteca.

⁹ Esse volume eu folheara repetidas vezes com deleite. Considerava-o uma narrativa de fatos reais, e descobri nele uma veia de interesse mais profunda do que encontrava nos contos de fadas: pois quanto aos elfos, depois de tê-los buscado em vão entre folhas e flores de dedaleira, sob cogumelos e em meio à hera que recobria recantos de velhas paredes, eu chegara por fim à triste conclusão de que tinham todos abandonado a Inglaterra e rumado a algum país selvagem onde os bosques eram mais densos e bravios, e a população mais escassa. Ao passo que, sendo Lilipute e Brobdingnag, ¹⁰ acreditava eu, partes sólidas da superfície da Terra, não tinha dúvidas de que talvez um dia pudesse, empreendendo uma longa viagem, ver com meus próprios olhos os pequenos campos, casas e árvores, as pessoas diminutas, os miúdos pássaros, vacas e ovelhas do primeiro reino, e os milharais altos como florestas, os mastiffs imensos, os gatos monstruosos e os homens e mulheres iguais a torres do segundo. Contudo, quando esse livro adorado foi posto em minhas mãos – quando o folheei e busquei em suas imagens o encanto que até então nunca deixara de encontrar –, tudo me pareceu estranho e lúgubre; os gigantes eram duendes esqueléticos, os pigmeus eram diabinhos malvados e temíveis; Gulliver, um viajante triste em regiões medonhas e perigosas. Fechei o volume, que já não ousava folhear, e coloquei-o sobre a mesa ao lado da torta intacta.

Bessie já tinha terminado de tirar o pó do quarto e de arrumá-lo, e, após lavar as mãos, abriu certa gavetinha, cheia de retalhos esplêndidos de seda e cetim, e começou a fazer um gorro novo para a boneca de Georgiana. Enquanto isso cantava, e sua canção dizia:

Nos dias em que andávamos como ciganos

Há muito tempo atrás. ¹¹

Ouvira com frequência essa canção no passado, e sempre com imenso prazer; Bessie tinha uma voz encantadora – eu achava, pelo menos. Mas agora, embora sua voz ainda fosse encantadora, eu encontrava na melodia uma tristeza indescritível. Às vezes, preocupada com o trabalho, ela cantava o refrão de modo muito, muito demorado: “Há muito tempo atrás” soava como a mais triste cadência de um hino fúnebre. Ela passou a outra balada, dessa vez uma realmente triste.

Meus pés estão feridos, meus braços e pernas cansados;

Longo é o caminho, e as montanhas são ermas;
Logo virá o crepúsculo, temível e sem luar
Sobre o caminho da pobre orfãzinha.

Por que me mandaram tão longe e tão só
Onde se estende a urze e se erguem as rochas?
Cruéis são os homens, e só os bondosos anjos
Velam pelo caminho da pobre orfãzinha.

Mas sopra a brisa noturna, distante e suave
Não há nuvens, e claras estrelas reluzem brandas;
Deus, em Sua bondade, oferece proteção,
Consolo e esperança à pobre orfãzinha.

Ainda que eu caia sobre a ponte quebrada,
Ou me perca no pântano, enganada por falsas luzes,
Ainda assim meu Pai, com promessas e bênçãos,
Há de tomar junto ao peito a pobre orfãzinha.
Um pensamento vem me dar forças;
Ainda que sem teto e sem família;
O Céu é um lar, e lá encontrarei repouso;
Deus é amigo da pobre orfãzinha.

– Ora, srtá. Jane, não chore – falou Bessie, quando terminou.

Poderia muito bem ter dito ao fogo “não queime!”, mas como poderia adivinhar o mórbido sofrimento que me arrebatava? Mais tarde naquela manhã, o sr. Lloyd voltou.

– Ora, já de pé! – disse ele, ao entrar no quarto das crianças. – Bem, ama, como está ela?

Bessie respondeu que eu passava muito bem.

– Então deveria ter um aspecto mais alegre. Venha cá, srtá. Eyre; seu nome é Jane, não é?

– Sim, senhor; Jane Eyre.

– Bem, a senhorita andou chorando, srtá. Jane Eyre: pode me dizer por quê? Está sentindo dor?

– Não, senhor.

– Ah! Imagino que ela esteja chorando porque não pôde sair de carrogem com a madame – interveio Bessie.

– Claro que não! Ora, ela já é grande demais para esse tipo de bobagem.

Eu concordava com ele; e, com a autoestima ferida pela falsa acusação, respondi prontamente:

– Nunca chorei por uma coisa dessas na vida: detesto sair na carruagem. Choro porque me sinto infeliz.

– Ah, não faça drama, senhorita!

O gentil boticário parecia um tanto desconcertado. Eu estava parada diante dele, que fixou em mim seus olhos – olhos pequenos e cinzentos, não muito brilhantes, mas creio que hoje eu os consideraria sagazes: ele tinha um rosto de feições duras mas expressão amável. Após me observar por algum tempo, disse:

– O que fez com que adoecesse ontem?

– Ela caiu – disse Bessie, intrometendo-se de novo.

– Caiu? Ora, isso também parece coisa de bebê! Ela não sabe andar direito, na sua idade? Deve ter oito ou nove anos.

– Eu fui derrubada – a brusca explicação saltou de meus lábios com outra pontada de humilhado orgulho –; mas isso não me deixou doente – acrescentei, enquanto o sr. Lloyd pegava um punhadinho de rapé.

Enquanto ele guardava a caixa no bolso do paletó, um sino alto soou, chamando os criados para o almoço; ele sabia o que era.

– Isso é para a senhorita, ama – disse ele. – Pode descer; vou passar um sermão na srta. Jane enquanto não volta.

Bessie teria preferido ficar, mas tinha que ir, porque a pontualidade nas refeições era estritamente observada em Gateshead Hall.

– A queda não a fez adoecer; o que foi, então? – prosseguiu o sr. Lloyd, depois que Bessie se foi.

– Fui trancada num quarto onde há um fantasma, até depois que escurece.

Vi o sr. Lloyd sorrir e franzir o cenho ao mesmo tempo:

– Fantasma? Ora, a senhorita é mesmo um bebê, ao fim das contas! Tem medo de fantasmas?

– Do fantasma do sr. Reed eu tenho: ele morreu naquele quarto, e me colocaram ali. Nem Bessie nem mais ninguém entra lá à noite, se puder

evitar; e foi cruel me trancar sozinha, sem uma vela... tão cruel que acho que nunca vou esquecer.

– Bobagem! E é isso o que a deixa tão triste? Tem medo agora, à luz do dia?

– Não, mas a noite vai chegar logo, e além disso... estou infeliz... muito infeliz, por outros motivos.

– Que outros motivos? Pode me contar alguns?

Como eu desejava dar uma resposta completa a essa pergunta! Como era difícil responder ao que quer que fosse! As crianças têm sentimentos, mas não conseguem analisá-los; e se logram fazer, com o pensamento, uma análise parcial, não sabem como expressar o resultado do processo em palavras. Temerosa, porém, de perder essa primeira e única oportunidade de aliviar minhas dores compartilhando-as, consegui, após uma pausa perturbada, dar-lhe uma explicação sucinta porém verdadeira naquele contexto.

– Para começo de conversa, não tenho pai nem mãe, irmãos nem irmãs.

– Tem uma bondosa tia, e primos.

Fiz nova pausa; então anunciei desajeitadamente:

– Mas John Reed me derrubou no chão, e minha tia me trancou no quarto vermelho.

O sr. Lloyd pegou uma segunda vez sua caixa de rapé.

– Não acha Gateshead Hall uma casa linda? – indagou. – Não se sente grata por morar num lugar tão belo?

– Não é minha casa, senhor; e Abbot diz que tenho menos direito de estar aqui do que os criados.

– Bobagem! Você não pode ser tão tola a ponto de querer ir embora de um lugar tão esplêndido.

– Se eu tivesse para onde ir, partiria de bom grado; mas nunca vou poder deixar Gateshead antes de me tornar adulta.

– Talvez possa... quem sabe? Tem outros parentes além da sra. Reed?

– Acho que não, senhor.

– Ninguém por parte de pai?

– Não sei; perguntei à tia Reed uma vez e ela me disse que talvez eu tenha algum parente pobre, de classe inferior, chamado Eyre, mas ela não sabia nada a respeito.

– Se tivesse um parente desses, gostaria de viver com ele?

Refleti. A pobreza parece ameaçadora aos adultos; às crianças mais ainda, pois elas não têm muita ideia do que seja uma pobreza industriosa, trabalhadora e respeitável. Só conseguem pensar na palavra relacionada a roupas esfarrapadas, comida escassa, lareiras apagadas, maneiras rudes e práticas aviltantes. Pobreza, para mim, era sinônimo de degradação.¹²

– Não, eu não gostaria de viver com gente pobre – foi a minha resposta.

– Mesmo que fossem gentis com você?

Sacudi a cabeça: não via como gente pobre poderia vir a ser gentil; e eu acabaria falando como eles, adotando seus modos, não recebendo instrução e crescendo como as mulheres que eu às vezes via amamentando seus filhos ou lavando roupas nas portas dos casebres do vilarejo de Gateshead: não, eu não era heroica o bastante para comprar minha liberdade ao preço da minha casta.

– Mas os seus parentes são tão pobres assim? São trabalhadores?

– Não sei; a tia Reed diz que se eu tiver algum, devem ser mendigos, e eu não gostaria de me tornar uma mendiga.

– Gostaria de ir à escola?

Mais uma vez refleti: mal sabia o que era a escola; Bessie às vezes a mencionava como um lugar onde moças tinham que usar instrumentos e tábua para endireitar os dedos e aprumar a postura, e ser extremamente bem-educadas e precisas: John Reed odiava sua escola e insultava seu professor, mas o gosto de John Reed não era exemplo para o meu, e se os relatos feitos por Bessie da disciplina da escola (ouvidos das moças de uma família com a qual ela vivia antes de vir para Gateshead) eram algo assustadores, os relatos de certos sucessos obtidos pelas mesmas moças eram, eu achava, igualmente atraentes. Ela falava de belas pinturas de paisagens e flores feitas por elas; de canções que sabiam cantar e peças que sabiam tocar, de bolsas que sabiam tecer ou livros em francês que podiam traduzir; até o meu espírito ser movido a imitá-las, enquanto eu escutava. Além disso, a escola seria uma mudança absoluta; envolvia uma longa viagem, uma separação completa de Gateshead,

o ingresso numa nova vida.

– Eu gostaria muito de ir à escola – foi a conclusão audível de minhas reflexões.

– Ora, ora; quem sabe o que pode acontecer? – disse o sr. Lloyd, ao se levantar. – Essa menina precisa de uma mudança de ares e de cenário – acrescentou, falando para si mesmo –; seus nervos não se encontram em bom estado.

Bessie então regressou, no mesmo momento em que se pôde ouvir a carruagem rolando sobre o cascalho, na entrada.

– É a sua senhora que está chegando, ama? – perguntou o sr. Lloyd. – Gostaria de falar com ela.

Bessie convidou-o à saleta, indo na frente. Na conversa que se seguiu entre ele e a sra. Reed, presumo, a julgar pelas consequências, que o boticário se aventurou a recomendar que eu fosse mandada à escola, e a recomendação foi sem dúvida rapidamente aceita. Pois, como disse Abbot ao discutir o assunto com Bessie, quando as duas estavam sentadas costurando no quarto das crianças certa noite, depois que eu tinha ido para a cama e, acreditavam elas, adormecido: “A madame ficou, como acabou dizendo, bastante contente por se livrar de uma criança tão aborrecida e perversa, que sempre parece estar vigiando todo mundo e tramando alguma coisa em segredo.” Abbot, acho eu, me considerava uma espécie de versão infantil do rebelde Guy Fawkes. [13](#)

Na mesma ocasião fiquei sabendo pela primeira vez, graças às conversas da sra. Abbot com Bessie, que meu pai tinha sido um homem do clero, e pobre; que minha mãe tinha se casado com ele contra a vontade dos parentes próximos, que o consideravam inferior a ela; que meu avô Reed ficou tão irritado diante dessa desobediência que a deixou sem um vintéim; que um ano após o casamento de minha mãe e meu pai este contraiu febre tifoide ao visitar os pobres numa grande cidade industrial onde se situava o seu vicariato, e onde essa doença era comum; que minha mãe contraiu dele a enfermidade, e ambos morreram num intervalo de menos de um mês.

Ao ouvir essa narrativa, Bessie suspirou e disse:

– Há que se ter pena da pobre sra. Jane também, Abbot.

– Sim – respondeu Abbot –; se ela fosse uma menina boazinha e bonita,

seria possível ter compaixão por seu desamparo; mas não há como sentir carinho por uma pessoa tão desprezível quanto ela.

– Não muito, com certeza – concordou Bessie. – Uma beldade como a srt. Georgiana sem dúvida despertaria mais piedade na mesma condição.

– Sim, eu adoro a srt. Georgiana! – exclamou a fervorosa Abbot. – Tão querida! Com seus cachinhos compridos e seus olhos azuis, e que cor tão linda tem a sua pele, quase como se fosse pintada!... Bessie, eu gostaria de comer torradas com queijo derretido no jantar.

– Eu também... com cebola assada. Venha, vamos descer.
E se foram.

[8](#) . As palavras ecoam o que teria dito Cristo na cruz, segundo testemunho do evangelista Lucas: “E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34).

[9](#) . As viagens de Gulliver (1726) – ou *Viagens a diversas nações remotas do mundo por Lemuel Gulliver*, em seu título completo – é a obra-prima do escritor, filósofo e polemista inglês Jonathan Swift.

[10](#) . Ao lado de Blefuscú, Lílipite é uma das duas ilhas imaginárias que aparecem na primeira parte de *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Localizadas ao sul do Índico, são habitadas por uma população que mede $\frac{1}{12}$ da estatura média dos seres humanos. Brobdingnag, por sua vez, é uma península ficcional situada na costa oeste da América do Norte, visitada por Gulliver depois de seu navio perder-se no caminho para o Pacífico e chegar acidentalmente à Micronésia. A terra – de proporções continentais, segundo seu relato – era habitada por gigantes.

[11](#) . Versos da popular balada “In the days we went gipsyng” (c.1830), do compositor e cantor inglês Edwin Ransford.

[12](#) . No contexto, o termo traz implicações econômicas, sociais e éticas e expressa a angústia de se viver à margem do tecido social, comum a mulheres criadas em uma pobreza de contornos aristocráticos, para a qual o status era condição baseada em nascimento.

[13](#) . Guy Fawkes (1570-1606) foi um dos rebeldes católicos responsáveis pela Conspiração da Pólvora, desbaratada em 5 de novembro de 1605, que visava à explosão do Parlamento inglês e à morte do rei Jaime I.

CAPÍTULO 4

GRAÇAS AO MEU ENCONTRO com o sr. Lloyd e à referida conversa entre Bessie e Abbot, consegui reunir esperança suficiente como motivação para querer melhorar: uma mudança parecia próxima – eu desejava e aguardava em silêncio. Ela tardava, contudo; dias e semanas se passaram, eu recobrara minha saúde habitual, mas nenhuma menção foi feita ao assunto sobre o qual eu meditava. A sra. Reed às vezes me observava com um olhar severo, mas raramente se dirigia a mim: desde a minha doença, ela traçara uma linha ainda mais nítida separando-me de seus filhos. Designara uma pequena alcova onde eu deveria dormir sozinha, condenara-me a fazer as refeições também só e passar todo o meu tempo no quarto das crianças, enquanto meus primos iam com frequência à sala de estar. Nenhum comentário fez, porém, sobre mandar-me para a escola. De todo modo, eu tinha uma certeza intuitiva de que ela não haveria de me tolerar por muito tempo sob o mesmo teto: pois quando seu olhar voltava-se para mim, agora mais do que nunca havia nele a expressão de uma aversão arraigada e insuperável.

Eliza e Georgiana, evidentemente obedecendo a ordens, falavam comigo o mínimo possível. John mostrava a língua sempre que me via, e uma vez tentou me machucar; mas como eu reagi instantaneamente, movida pelo mesmo sentimento de profunda raiva e desesperada revolta que provocara minha ira antes, ele achou melhor desistir e correu de mim, proferindo execrações e jurando que eu tinha quebrado seu nariz. Eu de fato havia apontado na direção daquele detalhe proeminente de seu rosto o golpe mais forte que os nós dos meus dedos tinham condições de desfechar. Quando vi que ou isso ou a minha expressão o haviam intimidado, fiquei muito inclinada a levar a cabo a ameaça, mas ele já tinha se refugiado junto à mãe. Ouvi-o começar a lhe relatar, choramingando, que “aquela malvada da Jane Eyre” tinha se atirado sobre ele como uma gata doida; foi interrompido de maneira brusca:

– Não me fale dela, John. Já lhe disse para se afastar, a garota não merece nem ser notada. Não quero você ou suas irmãs na companhia dela.

Nesse ponto, apoiada no balauistre, exclamei subitamente e sem medir minhas palavras:

– Eles não merecem a minha companhia.

A sra. Reed era uma mulher bem corpulenta, mas ao ouvir essa estranha e audaciosa declaração correu ágil escadaria acima, arrastou-me feito um vendaval ao quarto das crianças e, empurrando-me com força de encontro à beirada do meu catre, ordenou-me que não me levantasse daquele lugar nem pronunciasse uma única sílaba que fosse até o final do dia.

– O que o tio Reed haveria de lhe dizer, se estivesse vivo? – foi minha pergunta quase involuntária.

Digo quase involuntária porque foi como se minha língua pronunciasse as palavras sem a permissão da minha vontade consciente: o que falou foi alguma coisa em mim sobre a qual eu não tinha controle.

– O quê? – indagou a sra. Reed, entre os dentes.

Seus olhos cinzentos, normalmente frios e circunspectos, foram agitados por um brilho que parecia medo; ela tirou a mão do meu braço e me fitou como se realmente não soubesse se eu era uma criança ou um demônio. Eu agora pagaria caro.

– Meu tio Reed está no céu, e pode ver tudo o que a senhora faz e pensa. O papai e a mamãe também. Eles sabem que a senhora me deixa trancada o dia inteiro, e que preferiria que eu estivesse morta.

A sra. Reed logo recobrou a compostura: sacudiu-me para valer, deu tapas em minhas orelhas e foi embora sem dizer mais uma palavra. Bessie preencheu o hiato fazendo um sermão de uma hora de duração, durante o qual provou, sem deixar sombra de dúvida, que eu era a criança mais perversa e desavergonhada que jamais fora criada sob um teto. Parte de mim acreditava nela, pois eu de fato só tinha maus sentimentos irrompendo em meu peito.

Novembro, dezembro e a metade de janeiro se passaram. O Natal e o Ano-Novo tinham sido celebrados em Gateshead com o habitual espírito festivo. Presentes foram trocados, houve jantares e festas noturnas. De todos esses

prazeres eu fui, é claro, excluída: meu quinhão de diversão consistia em testemunhar a aparição diária de Eliza e Georgiana, evê-las descer à sala usando finos vestidos de musselina e faixas escarlate, o cabelo em cachinhos elaborados; em ouvir, depois, o som do piano ou da harpa tocados lá embaixo, o mordomo e o criado passando para lá e para cá, o tilintar do vidro e da porcelana conforme a comida e a bebida eram servidas, o murmurio ocasional das conversas quando as portas da sala se abriam e se fechavam. Se me cansava dessa ocupação, eu deixava o alto da escada e ia para o solitário e silencioso quarto das crianças: ali, embora um tanto triste, eu não me sentia desolada. Para dizer a verdade, não tinha a menor vontade de estar na companhia de outras pessoas, pois nessas ocasiões raramente me notavam. E se ao menos Bessie tivesse se mostrado gentil e amável, eu teria achado um privilégio desfrutar as noites tranquilamente com ela, em vez de passá-las sob os olhos amedrontadores da sra. Reed, numa sala cheia de damas e cavalheiros. Mas Bessie, assim que terminava de vestir suas jovens damas, costumava se retirar para as áreas movimentadas da cozinha e dos quartos das criadas, em geral levando a vela consigo. Então eu me sentava com minha boneca no colo até que o fogo baixasse, olhando ao redor ocasionalmente para me certificar de que não havia nenhuma aparição pior do que eu mesma no quarto povoado de sombras. E quando as brasas esmoreciam, ganhando um tom de vermelho baço, eu me despia depressa, fazendo o que podia para desatar os nós e os cordões, e buscava abrigo do frio e da escuridão em meu catre. A esse catre sempre levava minha boneca; os seres humanos têm de amar algo, e, na falta de objetos de afeto mais dignos, eu me esforçava em encontrar prazer em amar e acariciar uma desbotada réplica, rota como um pequeno corvo. Intriga-me agora recordar com que absurda sinceridade eu gostava dessa bonequinha, quase imaginando-a viva e dotada de sentimentos. Não conseguia dormir até que ela estivesse envolvida em minha camisola; quando se encontrava aí, protegida e aquecida, eu me sentia comparativamente feliz, acreditando ser assim que ela se sentia.

Longas me pareciam as horas durante as quais eu esperava pela partida dos convidados, e aguçava os ouvidos em busca do som dos passos de Bessie na escada. Às vezes ela subia no intervalo para buscar seu dedal ou sua tesoura, ou talvez para me trazer algo à guisa de jantar – um pão ou torta de queijo –, e então se sentava na cama enquanto eu comia. Depois que eu terminava, ela

ajeitava minhas cobertas, dava-me dois beijos e dizia “Boa noite, srt. Jane”. Quando era gentil assim, Bessie parecia ser a melhor, mais linda e mais gentil criatura do mundo, e eu desejava ardenteamente que fosse assim sempre tão simpática e amigável, e nunca me intimidasse ou brigasse comigo, nem me desse tarefas demasiadas, como fazia com tanta frequência. Bessie Lee, eu pensava, devia ter sido uma garota de grandes aptidões, pois era tão competente em tudo o que fazia, e tinha um talento notável para a arte da narrativa; ou pelo menos era a minha impressão, a tomar pelas histórias que contava no quarto das crianças. Era bonita, também, se minhas lembranças de seu rosto e de sua pessoa são corretas. Recordo-me dela como uma bela jovem de cabelo negro, olhos escuros, traços muito finos e uma tez boa e clara. Mas tinha um temperamento inconstante e precipitado, e ideias indiferentes sobre princípios ou justiça; ainda assim, tal como era, eu preferia Bessie a qualquer outra pessoa em Gateshead Hall.

Era dia 15 de janeiro, por volta das nove da manhã. Bessie descera para o desjejum; meus primos ainda não tinham sido chamados para ir para junto da mãe. Eliza colocava a touca e o casaco quente para ir alimentar suas galinhas – tarefa que lhe agradava, bem como vender os ovos à governanta e guardar o dinheiro que assim obtinha. Possuía talento para o comércio e uma clara tendência para a poupança – demonstrada não somente na venda dos ovos e das galinhas, mas no modo como conduzia barganhas acirradas com o jardineiro sobre mudas, sementes e enxertos, tendo o empregado recebido ordens da sra. Reed de comprar da jovem senhorita todos os produtos de seu canteiro que ela desejasse vender – e Eliza teria vendido seus próprios cabelos se pudesse obter um bom lucro. Quanto ao seu dinheiro, primeiro o guardava pelos cantos, embrulhado num trapo de pano ou num velho papelote, mas depois que alguns desses tesouros escondidos foram descobertos pela criada Eliza, com medo de que em algum momento pudesse perder sua adorada fortuna, consentiu em confiá-lo à mãe, cobrando uma taxa de juros usurária – cinquenta ou sessenta por cento. Juros que recolhia a cada trimestre, tomando nota de sua contabilidade num caderninho, com ansiosa precisão.

Georgiana estava sentada num banco alto, penteando os cabelos diante do espelho e trançando os cachinhos com flores artificiais e penas desbotadas, de que encontrara uma reserva numa gaveta no sótão. Eu arrumava minha cama,

tendo recebido de Bessie ordens estritas de terminar antes que ela voltasse (pois Bessie agora me empregava frequentemente como uma espécie de criada do quarto das crianças, para arrumar, tirar o pó das cadeiras etc.). Depois de estender a colcha e dobrar minha camisola, fui até o assento perto da janela para organizar livros ilustrados e a mobília da casa de bonecas que estavam espalhados por ali; uma ordem abrupta de Georgiana para que não mexesse em suas coisas (pois os diminutos espelhos e cadeiras e os pratos e xícaras que mais pareciam pertencer a fadas eram seus) interrompeu minhas atividades. Então, por falta de outra ocupação, fui soprar as flores de gelo que decoravam a janela, criando assim um espaço no vidro através do qual eu pudesse olhar lá para fora, onde tudo ainda estava imóvel e petrificado devido a uma forte geada.

Dessa janela eram visíveis a guarita do porteiro e a estrada, e tão logo tinha acabado de dissolver a folhagem em branco e prata que velava a janela o bastante para poder olhar lá para fora, vi os portões se abrirem e uma carruagem entrar. Observei com indiferença enquanto se aproximava: com frequência chegavam carruagens a Gateshead, mas nenhuma trazia visitas que me interessassem. Parou diante da casa, a campainha soou, alta, e o recém-chegado entrou. Nada disso era novidade para mim, de modo que minha atenção desocupada logo se sentiu mais atraída pelo espetáculo de um pequeno e esfomeado pisco-de-peito-ruivo que vinhapiar nos galhos nus da cerejeira presa à parede, perto do batente da janela. O restante do meu desjejum composto de pão e leite se encontrava sobre a mesa; esfarelei um pedaço de pão e estava tentando abrir a janela de guilhotina para colocar lá fora os farelos quando Bessie chegou correndo no quarto.

– Srta. Jane, tire o avental. O que está fazendo aí? Lavou as mãos e o rosto esta manhã?

Tentei mais uma vez antes de responder, pois queria garantir ao passarinho seu pão: a janela cedeu, espalhei as migalhas – algumas no parapeito, outras no galho da cerejeira. Então, fechando o vidro, respondi:

– Não, Bessie; terminei agora mesmo de tirar o pó.

– Que menina mais desobediente e desleixada! E o que está fazendo agora? Está bem corada, como se andasse aprontando alguma bobagem. Por que está abrindo a janela?

Não precisei me dar ao trabalho de responder, pois Bessie parecia estar apressada demais para ouvir explicações. Ergueu-me sobre o lavatório, esfregou meu rosto e minhas mãos de forma impiedosa, mas felizmente breve, com sabão, água e uma toalha áspera, disciplinou meu cabelo com uma escova dura, tirou meu avental e depois, correndo até a escada, mandou que eu descesse imediatamente, pois queriam falar comigo na sala de desjejum.

Eu teria perguntado quem queria falar comigo – teria indagado se a sra. Reed estava lá, mas Bessie já tinha ido embora, e fechara a porta do quarto. Desci a escada devagar. Por quase três meses eu não fora chamada uma única vez a falar com a sra. Reed; exilada por tanto tempo no quarto das crianças, as salas de desjejum, de jantar e de visitas tinham se tornado regiões medonhas, que eu receava invadir.

Fiquei parada no vestíbulo vazio; diante de mim estava a sala de desjejum e eu me detive, intimidada, tremendo. Que miserável covarde eu me tornara naqueles dias, graças ao medo, engendrado pelos castigos injustos! Temia voltar ao quarto das crianças, e temia entrar na sala de desjejum; por dez minutos fiquei ali em agitada hesitação. O soar veemente da sineta na sala fez com que me decidisse: *tinha* que entrar.

“Quem poderia querer me ver?”, indaguei a mim mesma, enquanto girava com as duas mãos a dura maçaneta que, por um segundo ou dois, resistiu aos meus esforços. “Quem será que me espera na sala além da sra. Reed – uma mulher ou um homem?” A maçaneta girou, a porta se abriu e, após entrar e fazer uma profunda mesura, ergui os olhos e me deparei com... uma pilastra negra! Foi isso que me pareceu ser, pelo menos à primeira vista, o vulto ereto, delgado e vestido de preto que se encontrava de pé sobre o tapete. O rosto austero que o encimava era como uma máscara entalhada, colocada no alto da coluna à guisa de capitel. [14](#)

A sra. Reed estava em seu lugar habitual junto à lareira. Fez sinal para que eu me aproximasse; obedeci, e ela me apresentou ao impassível vulto desconhecido com as palavras:

– Esta é a garotinha de quem lhe falei.

Ele – pois se tratava de um homem – virou devagar a cabeça em minha direção, e depois de me examinar com dois olhos cinzentos e inquisitivos,

que rebrilhavam debaixo de um par de sobrancelhas cerradas, disse solenemente, com uma voz de baixo:

– É uma menina pequena. Quantos anos tem?

– Dez.

– Tudo isso? – foi a resposta desconfiada, e ele prolongou o escrutínio por mais alguns minutos.

Logo em seguida se dirigiu a mim:

– Seu nome, garotinha?

– Jane Eyre, senhor.

Ao pronunciar essas palavras, ergui os olhos: ele me parecia um senhor alto, mas eu era muito pequena; os traços do seu rosto eram pronunciados e, como a sua constituição geral, severos e rígidos.

– Bem, Jane Eyre, a senhorita é uma boa menina?

Impossível responder afirmativamente: meu pequeno mundo tinha uma opinião negativa. Permaneci em silêncio. A sra. Reed respondeu por mim, com um expressivo menear da cabeça, acrescentando em seguida:

– Talvez quanto menos dissermos a esse respeito, melhor, sr. Brocklehurst.

– Lamento muito ouvir isso! Ela e eu precisamos conversar – e, curvando-se, ele se instalou na poltrona diante da sra. Reed. – Venha cá – disse.

Dei alguns passos sobre o tapete, e ele me colocou de pé à sua frente. Que rosto tinha, agora que estava quase na mesma altura do meu! Que narigão! E que boca! E que dentes grandes e proeminentes!

– Nada tão triste de se ver como uma criança desobediente – ele começou a dizer. – Sobretudo uma menininha desobediente. Sabe para onde vão os maus quando morrem?

– Vão para o inferno – foi minha pronta e ortodoxa resposta.

– E o que é o inferno? Pode me dizer?

– Um poço cheio de fogo.

– E você gostaria de cair nesse poço, e ficar queimando ali para sempre?

– Não, senhor.

– O que tem de fazer para evitá-lo?

Refleti por um momento. Minha resposta, quando veio, foi repreensível:

– Tenho que cuidar da saúde, e não morrer.

– Como pode cuidar da saúde? Crianças mais novas do que a senhorita morrem todos os dias. Enterrei uma criancinha de cinco anos de idade faz só um dia ou dois... uma criancinha bem-comportada, cuja alma está agora no céu. Temo que o mesmo não pudesse ser dito da senhorita, se fosse chamada neste momento.

Sem condições de desfazer sua dúvida, limitei-me a baixar os olhos para os dois pés imensos plantados no tapete, e suspirei, desejando estar longe dali.

– Espero que esse suspiro seja sincero, e que a senhorita se arrependa de ter algum dia sido motivo de desgosto para a sua bondosa benfeitora.

“Benfeitora! Benfeitora!”, disse para mim mesma: “Todos chamam a sra. Reed de minha benfeitora; se for isso mesmo, uma benfeitora é algo muito ruim.”

– Faz suas orações à noite e pela manhã? – continuou meu interrogador.

– Sim, senhor.

– Lê a Bíblia?

– Às vezes.

– Com prazer? Gosta dela?

– Gosto do Apocalipse, e do Livro de Daniel, e do Gênesis, e de Samuel, uma pequena parte do Êxodo, e algumas partes do Livro de Reis e das Crônicas, e Jó e Jonas.

– E os Salmos? Imagino que goste deles?

– Não, senhor.

– Não? Ah, que surpresa! Tenho um menininho, mais novo do que a senhorita, que sabe de cor seis salmos. E quando lhe perguntamos o que prefere, comer um biscoito de gengibre ou aprender um versículo de um salmo, ele diz: “Ah! Um versículo de um salmo! Os anjos cantam salmos, quero ser um anjinho aqui na terra.” Recebe então dois biscoitos em recompensa à sua infantil devoção.

– Os salmos não são interessantes – observei.

– Isso prova que a senhorita tem um coração perverso, e deve rezar para

que Deus o substitua: que lhe dê um coração novo, que remova seu coração de pedra e lhe dê um coração de carne. [15](#)

Eu estava prestes a fazer uma pergunta acerca da maneira como deveria ocorrer a operação de troca do meu coração quando a sra. Reed interrompeu, dizendo que eu me sentasse; passou então a conduzir a conversa.

– Sr. Brocklehurst, informei-lhe, na carta que lhe escrevi há três semanas, que esta menina não tem o temperamento e o caráter que eu desejaría. Se admiti-la em Lowood, eu gostaria que a diretora e as professoras ficassem atentas a ela e, sobretudo, que tomassem cuidado com seu principal defeito, uma tendência a mentir. Menciono isso em sua presença, Jane, para que não tente enganar o sr. Brocklehurst.

Como eu temia a sra. Reed, como ela me desagradava; era de sua natureza ferir-me cruelmente: eu nunca me sentia feliz em sua presença. Por mais escrupulosamente que lhe obedecesse, por mais que tentasse a todo custo agradá-la, meus esforços eram sempre em vão, e recompensados com frases como a supracitada. Agora, pronunciada diante de um estranho, a acusação penetrou-me o coração: percebi vagamente que ela já extinguia a esperança da nova fase da existência a que me destinava. Senti, embora não soubesse expressar o sentimento, que ela semeava aversão e indelicadeza em meu futuro caminho: vi-me transformada, aos olhos do sr. Brocklehurst, numa criança ardilosa e perniciosa, e o que poderia fazer para remediar o dano?

“Nada, na realidade”, pensei, enquanto lutava para reprimir um soluço e enxugava depressa algumas lágrimas, provas impotentes de minha angústia.

– A tendência a mentir é, de fato, um triste defeito numa criança – disse o sr. Brocklehurst –; assemelha-se à falsidade, e todos os mentirosos terão sua porção no lago ardente de fogo e enxofre; mas ela será vigiada, sra. Reed. Falarei com a srta. Temple e com as professoras.

– Gostaria que ela fosse criada de modo condizente com suas perspectivas – continuou minha benfeitora –; que se torne uma moça útil e que se mantenha humilde. Quanto às férias, irá passá-las, com sua permissão, sempre em Lowood.

– Suas decisões são muito sensatas, madame – respondeu o sr. Brocklehurst. – A humildade é uma virtude cristã, e particularmente apropriada às pupilas de Lowood. Minha orientação, portanto, é que se tenha

especial cuidado em cultivá-la ali. Estudei como melhor mortificar nas meninas o sentimento mundano do orgulho e, não faz muito tempo, tive uma feliz prova do meu sucesso. Minha segunda filha, Augusta, foi visitar a escola com a mãe, e ao regressar exclamou: “Ah, papai, como as moças em Lowood são quietas e simples. Com o cabelo preso atrás da orelha e o avental comprido, e aqueles bolsinhos no vestido, são quase como as filhas dos pobres!”, disse ela. “E olharam para o meu vestido e o da mamãe como se nunca na vida tivessem visto roupas de seda.”

– Esse é o tipo de ambiente que eu aprovo – disse a sra. Reed. – Se eu tivesse procurado em toda a Inglaterra, dificilmente teria encontrado um sistema mais adequado a uma criança como Jane Eyre. Consistência, sr. Brocklehurst: defendo a consistência acima de todas as coisas.

– A consistência, madame, é o primeiro dos deveres cristãos, [16](#) e tem sido observada em todos os detalhes do estabelecimento de Lowood: alimentação frugal, roupas simples, acomodações sem sofisticação, hábitos árduos e ativos; essa é a ordem do dia na casa e para suas habitantes.

– E está correta, senhor. Posso então ter certeza de que esta menina será recebida como aluna em Lowood, e lá treinada de acordo com sua posição e suas perspectivas?

– Sem dúvida, madame; será colocada na estufa das plantas eleitas, e acredo que há de se mostrar grata pelo privilégio inestimável dessa eleição.

– Vou mandá-la, então, o quanto antes, sr. Brocklehurst; pois lhe garanto que estou ansiosa para me ver livre de uma responsabilidade que estava se tornando demasiadamente penosa.

– Sem dúvida, sem dúvida, madame. E agora lhe desejo um bom dia. Devo regressar a Brocklehurst Hall dentro de uma semana ou duas; meu bom amigo, o arquidiácono, não permite que eu me vá antes disso. Informarei à sra. Temple que deve esperar uma nova aluna, de modo que não haverá dificuldades em recebê-la. Adeus.

– Adeus, sr. Brocklehurst; minhas lembranças à sra. e à sra. Brocklehurst, e a Augusta e Theodore, e ao sr. Broughton Brocklehurst.

– Hei de transmiti-las, madame. Menina, eis aqui um livro chamado *O guia da criança*; [17](#) leia-o junto com as orações, especialmente a parte que contém “um relato da terrível morte súbita de Martha G., uma criança perversa,

viciada em falsidade e mentira”.

Com essas palavras, o sr. Brocklehurst pôs em minhas mãos um folheto fino e encapado, e, após chamar sua carruagem, partiu.

A sra. Reed e eu fomos deixadas a sós. Alguns minutos se passaram em silêncio; ela costurava, eu a observava. A sra. Reed talvez tivesse, por essa época, seus trinta e seis ou trinta e sete anos; era uma mulher robusta, de ombros quadrados e braços e pernas fortes. Não era alta e, embora corpulenta, não era obesa. Tinha o rosto um tanto largo, a mandíbula inferior sendo bastante pronunciada e muito sólida. A testa era baixa, o queixo grande e proeminente; a boca e o nariz suficientemente regulares, e sob as sobrancelhas finas reluziam olhos destituídos de compaixão. Sua pele era escura e opaca, seu cabelo inteiramente liso. Sua constituição era sólida como um sino – as enfermidades nunca se aproximavam; era uma administradora cuidadosa e hábil, que mantinha a casa e os arrendamentos sob meticoloso controle. Somente seus filhos desafiavam, às vezes, sua autoridade, fazendo-lhe pouco caso; ela se vestia bem, e tinha uma presença e um porte calculados para realçar as roupas bonitas.

Sentada num banco baixo, a alguns metros da poltrona, examinei-a, perscrutei os traços do seu rosto. Na mão eu tinha o tratado contendo a morte súbita da Mentirosa, a cuja narrativa minha atenção tinha sido direcionada como uma apropriada advertência. O que acabava de se passar, o que a sra. Reed dissera a meu respeito ao sr. Brocklehurst, todo o teor de sua conversa – tudo isso era recente, como uma ferida em carne viva, e dava pontadas em minha mente. A intensidade com que eu sentira cada palavra era tão grande quanto a nitidez com que as escutara, e o ressentimento agora crescia dentro de mim.

A sra. Reed ergueu o rosto da costura. Seus olhos se fixaram nos meus, e seus dedos ao mesmo tempo interromperam os ágeis movimentos.

– Saia daqui; volte para o quarto das crianças – foram suas ordens.

A expressão do meu rosto ou alguma outra coisa deve ter lhe parecido ofensiva, pois ela falou com irritação extrema, ainda que contida. Levantei-me; fui até a porta; voltei; fui até a janela, atravessei a sala, por fim me aproximei dela.

Eu precisava *falar* : havia sido severamente pisoteada, e *tinha* que

retribuir: mas como? Que força eu possuía para dirigir qualquer retaliação à minha antagonista? Reuni minhas energias e as atirei nesta frase brusca:

– Não sou mentirosa. Se fosse, deveria dizer que *amo* a senhora, mas declaro que não amo: detesto a senhora mais do que qualquer outra pessoa no mundo, exceto John Reed; e este livro sobre a Mentirosa a senhora pode dar para a sua filha, Georgiana, pois é ela quem conta mentiras, não eu.

As mãos da sra. Reed ainda estavam sobre a costura, imóveis; seus olhos gélidos continuavam cravados nos meus.

– O que mais tem a dizer? – perguntou, num tom que uma pessoa poderia usar ao se dirigir a um adulto, mais do que o que habitualmente se emprega com uma criança.

Aquele olhar seu, aquela voz, suscitarão toda a antipatia que eu tinha condições de sentir. Tremendo dos pés à cabeça, arrebatada por uma excitação incontrolável, continuei:

– Que bom que a senhora não é parente minha. Nunca mais vou chamá-la de tia, enquanto viver. Nunca virei visitá-la quando tiver crescido, e se alguém me perguntar se gostava da senhora e como me tratava, vou dizer que me sinto mal só em me lembrar da senhora, e que me tratou com uma crueldade terrível.

– Como ousa afirmar isso, Jane Eyre?

– Como ouso, sra. Reed? Como ouso? Porque essa é a *verdade*. Pensa que não tenho sentimentos, e que posso viver sem um grama de amor ou gentileza, mas não posso. E a senhora não tem piedade. Vou me lembrar para sempre de como me atirou, bruscamente, com violência, no quarto vermelho, e me trancou ali, embora eu estivesse muito angustiada, embora eu gritasse, sufocando de tristeza, “Tenha piedade! Tenha piedade, tia Reed!”. E a senhora me castigou assim porque o seu filho me bateu... me derrubou no chão, sem motivo algum. Vou contar essa história, exatamente, a qualquer um que me faça perguntas. As pessoas acham que a senhora é uma mulher boa, mas a senhora é má, tem o coração frio. A *senhora* é mentirosa!

Antes que eu terminasse de responder, minha alma começou a se expandir, se exultar, com a mais estranha sensação de liberdade, de triunfo, que jamais senti. Era como se uma antiga amarra se tivesse rompido, e eu tivesse com esforço encontrado uma libertação inesperada. Esse sentimento não era sem

causa: a sra. Reed parecia assustada; a costura caíra-lhe do joelho. Ela erguia as mãos, balançando-se para trás e para a frente, e até mesmo contraindo as feições do rosto, como se fosse chorar.

– Jane, você se engana. O que se passa com você? Por que treme tanto? Quer beber um pouco d'água?

– Não, sra. Reed.

– Há algo que deseje, Jane? Posso lhe assegurar, quero ser sua amiga.

– Não é verdade. Disse ao sr. Brocklehurst que eu tenho um mau temperamento, que sou mentirosa; vou contar a todos em Lowood o que a senhora é, e o que fez.

– Jane, há coisas que você não entende: as crianças precisam ter seus defeitos corrigidos.

– Contar mentiras não é um defeito que eu tenha! – exclamei, com uma voz aguda e arrebatada.

– Mas você é muito impetuosa, Jane, com isso há de concordar; e agora volte ao quarto das crianças... muito bem, minha querida... e vá se deitar um pouco.

– Não sou sua querida e não quero me deitar. Mande-me logo para a escola, sra. Reed, pois detesto viver aqui.

– Vou mesmo mandá-la para a escola em breve – murmurou a sra. Reed, *sotto voce*; ¹⁸ pegando a costura, saiu abruptamente da sala.

Fui deixada sozinha – a vencedora. A batalha mais difícil que eu jamais travara, e minha primeira vitória. Fiquei parada por algum tempo ali, sobre o tapete, onde o sr. Brocklehurst estava antes, e desfrutei da solidão do conquistador. Primeiro, sorri para mim mesma e me senti exultante, mas esse prazer intenso se desfez com a mesma rapidez do acelerado latejar dos meus pulsos. Uma criança não pode discutir com os mais velhos, como eu tinha feito – não pode soltar as rédeas de seus sentimentos furiosos, como eu tinha feito –, sem sentir em seguida a pontada do remorso e o medo da reação. Uma cordilheira de urze em chamas, viva, a me observar, a me devorar, seria um emblema adequado da minha mente enquanto acusava e ameaçava a sra. Reed; a mesma cordilheira, negra e mirrada depois de extintas as chamas, teria representado com a mesma adequação minha condição subsequente,

quando meia hora de silêncio e reflexão já me havia mostrado a loucura da minha conduta, e a desolação da minha posição odiosa e odienta.

Algo de vingança eu provara pela primeira vez. Ao engolir, parecia vinho aromático, quente e forte; o sabor que deixava, metálico e corrosivo, fazia-me sentir como se tivesse sido envenenada. Teria, de boa vontade, ido pedir desculpas à sra. Reed, mas sabia, em parte por experiência e em parte por instinto, que esse era o modo de fazê-la me repelir com redobrado escárnio, voltando portanto a instigar cada impulso turbulentão da minha natureza.



– *Como ouso, sra. Reed?*
Como ouso? Porque essa é a verdade.

Teria de bom grado exercido alguma faculdade melhor que a da fala violenta – encontrado alimento para algum sentimento menos diabólico que o da indignação sombria. Peguei um livro – histórias árabes; sentei-me e tentei ler. Não conseguia entender o tema; meus pensamentos nadavam sem cessar entre mim e a página que habitualmente eu teria achado fascinante. Abri a porta de vidro da sala de desjejum: os arbustos estavam imóveis e o gelo reinava lá fora, sem ter sido ainda partido por sol ou brisa. Cobri a cabeça e os braços com a saia do meu vestido e saí para caminhar numa parte da fazenda que ainda era bem pouco ocupada, mas não encontrei prazer nas árvores silenciosas, nas pinhas que caíam, nas relíquias congeladas do outono, as folhas avermelhadas varridas pelo vento de dias passados e empilhadas em montinhos, e agora enrijecidas ali. Apoiei-me numa árvore e olhei para um pasto deserto onde não havia ovelhas, onde o capim curto estava pálido e crestado pelo frio. Era um dia muito cinzento; um céu opaco recobria tudo, com a ameaça da neve; então, flocos começaram a cair a intervalos, depositando-se no caminho endurecido e no pasto branco sem derreter. Fiquei parada ali, sentindo-me muito infeliz e sussurrando comigo mesma repetidas vezes: “O que faço agora? O que faço agora?”

Ouvi imediatamente uma voz límpida chamar:

– Srta. Jane! Onde está? Venha almoçar!

Era Bessie, eu sabia; mas não me movi. Seus passos leves vieram tropeçando pelo caminho.

– Sua criaturinha desobediente! – disse. – Por que não vem quando é chamada?

A presença de Bessie, comparada aos pensamentos que eu estivera ruminando, parecia alegre, mesmo que, como de hábito, ela estivesse um pouco zangada. O fato é que, depois do meu conflito com a sra. Reed e minha vitória, eu não estava disposta a me incomodar muito com a raiva passageira da ama. E *estava* disposta a desfrutar da leveza de seu jovem coração. Limitei-me a envolvê-la com os dois braços e dizer:

– Por favor, Bessie, não brigue comigo!

O gesto foi mais franco e destemido do que eu de hábito me permitia. De algum modo, agradou-lhe.

– A senhorita é uma menina esquisita, srt. Jane – disse ela, fitando-me –; uma criaturinha solitária, que gosta de andar por aí a esmo. E vai para a escola, suponho?

Fiz que sim.

– E não vai ficar triste em deixar a pobre Bessie?

– E por acaso Bessie se importa comigo? Está sempre me dando bronca.

– Porque a senhorita é uma menina tão estranha, assustada e tímida. Deveria ser mais corajosa.

– O quê? Para levar mais socos?

– Não diga bobagens. Mas de fato abusam da senhorita, isso é certo. Minha mãe disse, quando veio me ver na semana passada, que não gostaria que uma filha dela estivesse em seu lugar. Agora venha para casa, tenho boas notícias.

– Não acho que tenha, Bessie.

– Menina! O que quer dizer? Que olhos tão tristes os seus! Ora! Mas a madame e as meninas e o sr. John vão sair para o chá esta tarde, e a senhorita vai tomar o chá comigo. Vou pedir à cozinheira para lhe preparar um bolinho, e então a senhorita vai me ajudar a examinar suas gavetas, pois em breve terei que arrumar seus baús. A madame deseja que deixe Gateshead dentro de um ou dois dias, e a senhorita pode escolher quais brinquedos quer levar.

– Bessie, tem de me prometer que não vai mais brigar comigo até eu ir embora.

– Bem, prometo: mas trate de ser uma boa menina, e não tenha medo de mim. Não se alarme quando eu por acaso falar de um jeito mais ríspido. Isso é enervante.

– Acho que nunca mais terei medo de você, Bessie, porque já me acostumei com você; em breve terei outras pessoas para temer.

– Se tiver medo delas, vão antipatizar com a senhorita.

– Assim como você, Bessie?

– Não antipatizo com a senhorita; acho que lhe tenho mais carinho do que

a todos os outros.

– Não demonstra.

– Mas que língua tão afiada! A senhorita arranjou um novo jeito de falar. O que a torna tão ousada?

– Ora, eu logo vou estar longe de você, e além disso... – eu ia contar algo do que se passara entre mim e a sra. Reed, mas pensei melhor e achei mais prudente manter silêncio sobre o assunto.

– E então está feliz em me deixar?

– De jeito nenhum, Bessie; na verdade, neste momento estou bem triste.

– Neste momento! E bem triste! Com que indiferença minha mocinha fala! Imagino que, se agora eu lhe pedisse um beijo, não haveria de me dar. Diria que *preferia* não dar.

– Quero lhe dar um beijo: abaixe a cabeça.

Bessie se curvou, abraçamo-nos e eu a acompanhei de volta à casa sentindo-me reconfortada. Aquela tarde se passou em paz e harmonia, e naquela noite Bessie me contou algumas de suas mais encantadoras histórias, e cantou para mim algumas de suas mais lindas canções. Até para mim a vida tinha seus momentos ensolarados.

[14](#) . A tradição de leitura de *Jane Eyre* tem na figura de Brocklehurst um ponto de controvérsia. Desde a publicação de *A vida de Charlotte Brontë*, de Elizabeth Gaskell, assumiu-se que sua figura era inspirada na do reverendo William Carus Wilson, fundador da Clergy Daughters' School em Cowan Bridge, frequentada pelas quatro irmãs mais velhas da família Brontë. A autora da primeira biografia de Charlotte Brontë, amiga próxima da escritora e de sua família, aponta similaridades entre vida e obra, porém fazendo ressalvas à dureza do caráter de Wilson, opinião que se tornou dominante no séc.XX. A pesquisa documental da vida de Wilson, porém, tem apontado um reverendo muito mais próximo das convicções reformistas de Charlotte Brontë.

[15](#) . Em 2 Coríntios 3:3-6, lê-se: “Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.”

[16](#) . O caráter problemático de Brocklehurst pode ser observado nesta passagem. O primeiro dos deveres cristãos não é a consistência, mas o amor. A passagem remonta a Mateus: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei? E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem

toda a lei e os profetas” (22:36-40).

17 . Publicado entre 1824 e 1930, o *Children’s Friend* foi um importante periódico voltado ao público infantil e à sua edificação moral, o que realizava com uma dura retórica calcada na ideia do pecado e sua violenta punição. Fundado pelo reverendo William Carus Wilson, o rigor de seu conteúdo foi elencado ao longo do séc.XX entre os argumentos que associavam a figura de Wilson à violência sem meias-tintas de Brocklehurst.

18 . Em italiano no original: “em voz baixa”; algo que se diz para que apenas os interlocutores próximos escutem.

CAPÍTULO 5

MAL TINHAM SOADO as cinco horas na manhã de sábado, dia 19 de janeiro, quando Bessie trouxe uma vela à minha alcova e me encontrou já de pé e quase completamente vestida. Eu acordara meia hora antes, e lavara o rosto, e me vestira à luz de uma lua crescente que se punha, cujos raios se derramavam através da janela estreita junto ao meu catre. Eu devia deixar Gateshead naquele dia, numa diligência que passava diante do portão às seis da manhã. Bessie era a única que já estava acordada; acendera a lareira no quarto das crianças, onde agora preparava meu desjejum. Poucas crianças conseguem comer quando excitadas com a perspectiva de uma viagem; eu tampouco. Bessie, tendo insistido em vão para que eu tomasse algumas colheradas do leite fervido com pão que preparara para mim, embrulhou algumas bolachas em papel e colocou na minha valise. Ajudou-me então a vestir a capa e a touca; envolveu-se num xale e saímos juntas do quarto das crianças. Quando passamos pelo quarto da sra. Reed, ela disse:

– Não vai entrar e se despedir da madame?

– Não, Bessie; ela veio até minha cama ontem à noite, quando você tinha descido para jantar, e disse que eu não devia perturbá-la pela manhã, nem aos meus primos. Pediu que eu lembrasse que ela sempre fora minha melhor amiga, e para falar dela e ser grata a ela como tal.

– O que disse a senhorita?

– Nada: tapei a cabeça com as cobertas e me virei para a parede.

– Isso foi errado, srtá. Jane.

– Foi correto, Bessie: sua patroa nunca foi minha amiga. Ela é minha inimiga.

– Ah, srtá. Jane! Não diga uma coisa dessas!

– Adeus, Gateshead! – exclamei, quando passamos pelo vestíbulo e saímos pela porta da frente.

Já não havia mais lua no céu, e estava muito escuro; Bessie levava uma lamparina, cuja luz se refletia nos degraus molhados e na estrada de cascalho encharcada pelo recente degelo. A manhã de inverno estava fria e úmida; meus dentes tremiam enquanto eu seguia apressada pelo caminho. Havia uma luz na casinha do porteiro: quando ali chegamos, vimos a esposa do porteiro acabando de acender a lareira. Meu baú, levado para lá na noite anterior, estava amarrado junto à porta. Faltavam alguns minutos para as seis, e logo depois que essa hora soou o distante ruído de rodas anunciou a diligência que chegava; fui até a porta e observei suas luzes aproximando-se depressa na penumbra.

– Ela vai sozinha? – perguntou a esposa do porteiro.

– Sim.

– E qual a distância?

– Oitenta quilômetros.

– Que viagem tão comprida! Admira-me que a sra. Reed não tenha medo de mandá-la sozinha para tão longe.

Chegou a diligência; ali estava, diante do portão, com seus quatro cavalos e cheia de passageiros. O guarda e o cocheiro pediram pressa, falando alto; subiram com meu baú e me tiraram do abraço de Bessie, a quem eu me aferrava e cobria de beijos.

– Tratem de cuidar bem dela! – exclamou ao guarda, enquanto me levantava e punha dentro da diligência.

– Certo, certo! – foi a resposta.

A porta se fechou com um golpe, uma voz exclamou “Tudo pronto” e partimos. Assim fui separada de Bessie e de Gateshead; assim fui arremessada a regiões desconhecidas e, como então imaginava, remotas e misteriosas.

Recordo pouca coisa da viagem; só sei que o dia me pareceu durar infinitamente, e que parecemos percorrer centenas de quilômetros de estrada. Passamos por diversas cidades, e numa delas, bastante grande, a diligência parou; os cavalos foram levados, e os passageiros desceram para almoçar. Levaram-me a uma estalagem, onde o guarda queria que eu comesse; mas como eu não tinha apetite, ele me deixou num imenso salão com uma lareira

em cada ponta e um candelabro pendendo do teto, e um pequeno balcão vermelho, alto na parede, cheio de instrumentos musicais. Por ali caminhei durante um bom tempo, sentindo-me muito estranha, e com um pavor mortal de que alguém viesse e me sequestrasse – pois eu acreditava em sequestradores, cujas façanhas com frequência figuravam nas histórias que Bessie contava ao pé da lareira. Por fim, o guarda regressou: mais uma vez me colocaram na diligência, meu protetor subiu para seu próprio assento, tocou sua trombeta oca e seguimos trepidando pela “rua pedregosa” [19](#) de L.

A tarde veio úmida e um tanto enevoada. Enquanto se esvaía no crepúsculo, comecei a sentir que estávamos de fato nos afastando muito de Gateshead: já não atravessávamos mais cidades, a paisagem mudou, e altas montanhas cinzentas avultaram no horizonte. Conforme escurecia, entramos num vale tomado pela mata, e quando a noite já encobrira por completo a paisagem ouvi um vento feroz soprando entre as árvores.

Embalada pelo som, por fim adormeci. Não fazia muito tempo que cochilava quando o súbito cessar do movimento me acordou; a porta da diligência se abriu e alguém que parecia uma criada estava de pé diante dela: vi seu rosto e seu vestido à luz das lamparinas.

– Está aí uma menina chamada Jane Eyre? – ela indagou.

– Sim – e então me ergueram e levaram para fora. Desceram com meu baú, e a diligência partiu imediatamente.

Eu estava rígida após ter passado tanto tempo sentada, e aturdida com o ruído e o movimento da diligência. Tentando recobrar minhas faculdades, olhei ao redor. Chuva, vento e escuridão preenchiam o ar; não obstante, discerni vagamente um muro diante de mim, e uma porta aberta. Por essa porta passei com minha nova guia, que então a fechou e trancou. Agora era visível uma casa ou fileira de casas – pois a construção se estendia – com muitas janelas, luzes acesas em algumas. Seguimos por um caminho amplo de pedras, completamente encharcado, e fomos admitidas numa porta. Então a criada me levou através de um corredor até um quarto com uma lareira, onde me deixou sozinha.

De pé, aqueci os dedos junto às chamas, depois olhei ao meu redor; não havia velas, mas o lume incerto da lareira revelava, a intervalos, paredes decoradas com papel, carpetes, cortinas, mobília reluzente de mogno: era

uma sala de estar, não tão espaçosa e esplêndida quanto a de Gateshead, mas bastante confortável. Eu estava tentando enxergar uma pintura na parede quando a porta se abriu e entrou alguém trazendo uma lamparina; outra pessoa vinha logo atrás.

A primeira era uma senhora alta de cabelo escuro, [20](#) olhos escuros e testa alta e pálida; seu vulto estava parcialmente envolto num xale, seu rosto era grave e seu corpo, ereto.

– Esta menina é muito nova para ser mandada sozinha – disse ela, colocando a vela sobre a mesa.

Examinou-me atentamente por um minuto ou dois, então acrescentou:

– É melhor ir logo para a cama; parece cansada. Está cansada? – indagou, pondo a mão sobre o meu ombro.

– Um pouco, senhora.

– E com fome também, não duvido. Sirva-lhe um jantar antes que ela vá para a cama, srta. Miller. Esta é a primeira vez que deixa seus pais para ir à escola, mocinha?

Expliquei-lhe que não tinha pais. Ela perguntou quanto tempo fazia que tinham morrido, depois quantos anos eu tinha, qual o meu nome, se eu sabia ler e costurar um pouco; então tocou minha testa de leve com o indicador, dizendo que “esperava que eu fosse uma boa menina”. Com o que me dispensou, junto com a srta. Miller.

A senhora que eu acabava de deixar teria talvez vinte e nove anos; a que me acompanhava parecia um pouco mais nova. A primeira me impressionou por sua voz, expressão e aparência. A srta. Miller era mais comum, de tez rosada, apesar de um semblante cansado: apressada no modo de caminhar e nos gestos, como alguém que tem sempre uma multiplicidade de tarefas a cumprir. Parecia, de fato, o que mais tarde fiquei sabendo que era, uma auxiliar de ensino. Conduzida por ela, passei de cômodo a cômodo, de corredor a corredor, de uma construção grande e irregular, até que, emergindo do silêncio absoluto e um tanto lúgubre que dominava aquela parte da casa que atravessáramos, ouvimos o sibilo baixo de muitas vozes, e logo entramos num salão amplo e comprido, com mesas grandes, duas de cada lado, em cada uma das quais um par de velas queimava, e, sentado em bancos ao redor das mesas, um grupo de moças de todas as idades, dos nove aos vinte anos.

Vistas à luz mortiça das velas, seu número me pareceu infinito, embora na realidade não excedesse oitenta; trajavam idênticos vestidos de tecido marrom e corte antiquado, e compridos aventais de linho. Era hora do estudo; estavam ocupadas decorando as tarefas do dia seguinte, e o sibilo que ouvi era o resultado da combinação de suas repetições sussurradas.

A srta. Miller fez um sinal para que eu me sentasse num banco junto à porta, e então, caminhando até a extremidade do comprido salão, exclamou:

– Monitoras, recolham e guardem os livros de estudo!

Quatro garotas se levantaram em diferentes mesas e, caminhando pelo salão, pegaram os livros e os retiraram. A srta. Miller deu outra ordem:

– Monitoras, peguem as bandejas do jantar!

As meninas altas saíram e logo regressaram, trazendo uma bandeja cada uma, com porções de alguma coisa, eu não sabia o quê, dispostas em cima, e um jarro de água e uma caneca em cada bandeja. As porções foram distribuídas; as que assim desejavam tomavam um gole d'água, a caneca sendo comum a todas. Quando chegou a minha vez, bebi, pois tinha sede, mas não toquei na comida, já que a excitação e o cansaço me deixavam incapaz de comer. Vi, porém, que se tratava de um bolo fino de aveia cortado em pedaços.

Terminada a refeição, a srta. Miller leu as orações e as turmas seguiram em fila, aos pares, para o andar de cima. Já vencida, a essa altura, pelo cansaço, mal notei que tipo de lugar era o quarto; exceto por ver que, assim como a sala, era bastante comprido. Naquela noite eu dormiria com a srta. Miller; ela me ajudou a tirar a roupa. Quando me deitei, fitei as compridas fileiras de camas, cada qual rapidamente ocupada por duas garotas. Em dez minutos, a única luz estava apagada; em meio ao silêncio e à completa escuridão, adormeci.

A noite passou depressa. Eu estava cansada demais até mesmo para sonhar. Despertei somente uma vez, ouvindo o vento bramar em furiosas rajadas e a chuva cair em torrentes, e com a consciência de que a srta. Miller viera ocupar seu lugar ao meu lado. Quando voltei a abrir os olhos, um sino alto tocava. As garotas se levantavam e se vestiam; o dia ainda não raiara, e uma ou duas velas queimavam. Relutante, pus-me de pé; fazia muito frio, e eu me vesti o melhor que pude, tremendo, e me lavei quando encontrei uma tina

desocupada, o que não aconteceu logo, pois havia somente uma tina para cada seis garotas nos lavatórios no meio do quarto. O sino tocou outra vez: todas se agruparam em filas, de duas em duas, e nessa ordem desceram a escada e entraram na penumbra fria da sala. A srt. Miller leu as orações, e em seguida exclamou:

– Agrupem-se em turmas!

Um grande tumulto se sucedeu por alguns minutos, durante os quais a srt. Miller exclamou repetidamente “Silêncio!” e “Ordem!”. Quando tudo se acalmou, vi todas elas dispostas em quatro semicírculos, diante de quatro cadeiras, diante das quatro mesas: tinham livros nas mãos, e em cada mesa havia um livro grande, como uma Bíblia, defronte ao assento vago. Uma pausa de alguns segundos se sucedeu, preenchida pelo rumor baixo e vago do grupo de moças; a srt. Miller caminhou de turma a turma, silenciando esse som indefinido.

Um sino distante soou: imediatamente três mulheres entraram no salão, e cada uma foi até uma das mesas e se sentou. A srt. Miller foi ocupar a quarta cadeira vaga, que era a mais próxima da porta e em torno da qual as meninas menores estavam reunidas. A essa classe inferior fui chamada, e colocada no final dela.

O trabalho então começou: uma oração foi repetida, depois alguns textos das Escrituras, e a esses se seguiu uma prolongada leitura de capítulos da Bíblia, que durou uma hora. Quando o exercício terminou, o dia já amanheceu. O incansável sino tocou pela quarta vez: as turmas foram arrebanhadas e marcharam até um outro salão para o desjejum. Como eu estava feliz ante a perspectiva de comer alguma coisa! Estava agora quase doente de inanição, tendo comido tão pouco na véspera.

O refeitório era um salão imenso, sombrio e de teto baixo; em duas mesas compridas fumegavam bacias de algo quente – de que, no entanto, para o meu desânimo, desprendia-se um odor nada convidativo. Vi uma manifestação geral de desagrado quando os vapores do repasto chegaram às narinas das destinadas a engoli-lo; da vanguarda da procissão, as garotas altas da primeira turma, vieram palavras sussurradas: “Que nojo! O mingau queimou outra vez!”

– Silêncio! – proferiu uma voz; não era a da srt. Miller, mas de uma das

professoras, uma personagem miúda e morena, de roupa elegante mas aspecto algo moroso, que se instalou na ponta de uma das mesas enquanto uma senhora mais rechonchuda presidia outra.

Olhei em vão ao redor em busca da senhora que vira na véspera; ela não estava ali. A sra. Miller ocupava a cabeceira da mesa onde eu me sentava, e uma senhora estranha e mais idosa, de aspecto estrangeiro – a professora de francês, como mais tarde fiquei sabendo –, foi se sentar à cadeira correspondente na outra mesa. Deram graças longamente pela comida, e cantaram um hino; uma criada então trouxe chá para as professoras, e a refeição começou.

Esfomeada, e agora muito fraca, devorei uma ou duas colheradas da minha porção sem pensar no sabor; depois que a fome começou a ser mitigada, porém, percebi que tinha nas mãos uma mistura nauseabunda – mingau queimado é quase tão ruim quanto batatas podres; a própria fome logo se sente enjoada. As colheres se moviam devagar: vi cada uma das garotas provar sua comida e tentar engoli-la, mas na maioria dos casos o esforço foi logo abandonado. O desjejum chegara ao fim, e ninguém comera. Após as graças pelo que não tínhamos recebido e um segundo hino, todas deixaram o refeitório e foram para a sala. Fui uma das últimas a sair, e ao passar pelas mesas vi uma das professoras pegar uma tigela de mingau e prová-lo; olhou para as outras, todos os rostos expressavam desaprovação. Uma delas, a corpulenta, sussurrou:

– Que coisa mais abominável! Uma vergonha!

Antes que as aulas recomeçassem, quinze minutos se passaram, durante os quais a sala esteve em glorioso tumulto; nesse intervalo parecia ser permitido falar alto e com mais liberdade, e elas se valiam do privilégio. A conversa inteira foi sobre o desjejum, do qual cada uma falou mal sem rodeios. Pobrezinhas! Era o único consolo que tinham. A sra. Miller era agora a única professora na sala: um grupo de meninas mais velhas, de pé diante dela, falava com gestos sérios e mal-humorados. Ouvi o nome do sr. Brocklehurst pronunciado por alguns lábios, ao que a sra. Miller meneou a cabeça em desaprovação, mas não fez nenhum esforço para reprimir a ira generalizada: sem dúvida compartilhava dela.

Um relógio na sala bateu nove horas. A sra. Miller deixou seu círculo e,

de pé no meio do cômodo, exclamou:

– Silêncio! Voltem aos seus lugares!

A disciplina prevaleceu: em cinco minutos, a confusa aglomeração se ordenou e um silêncio relativo extinguiu o clamor das línguas daquela Babel.

[21](#) As professoras então regressaram devidamente aos seus postos, mas ainda assim pareciam esperar. Aprumadas em bancos nas laterais da sala, as oitenta garotas se sentavam imóveis e eretas. Um grupo bastante pitoresco, todas com penteados simples de modo que o cabelo não cobrisse o rosto, nem um cachinho visível; o vestido era marrom de decote alto e com um pano ao redor do pescoço, e bolsinhos de linho (com o formato parecido ao da bolsa de um montanhês) na frente, servindo para guardar a costura; e todas elas usavam também meias de lã e sapatos de camponesa com fivelas de metal. Mais de vinte das alunas vestidas com esse uniforme eram já garotas crescidas, ou melhor, jovens mulheres; a roupa se ajustava mal a elas, e conferia um ar esquisito até mesmo à mais bonita.

Eu ainda as estava fitando, e também examinando a intervalos as professoras – nenhuma das quais me agradava; a rechonchuda era um pouco grosseira, a morena, bastante severa, a estrangeira, desagradável e grotesca, e a srta. Miller, pobrezinha!, parecia arroxeadas, castigada pelo tempo e sobrecarregada de trabalho – quando, enquanto meu olhar ia de um rosto a outro, todas as presentes se levantaram simultaneamente, como se impulsionadas por uma mola comum.

O que estava acontecendo? Não ouvi nenhuma ordem; fiquei intrigada. Antes que eu tivesse tempo de entender, as turmas se sentaram outra vez, mas como todos os olhos estavam agora voltados a um ponto, os meus seguiram na mesma direção, e encontraram a personagem que me recebera na noite anterior. Ela estava parada na ponta do salão, diante da lareira, pois havia uma lareira em cada extremidade; observava as duas filas de garotas de modo grave e silencioso. A srta. Miller se aproximou e pareceu lhe fazer uma pergunta; tendo recebido a resposta, voltou ao seu lugar e disse em voz alta:

– Monitoras da primeira série, peguem os globos!

Enquanto a ordem era executada, a senhora que fora consultada avançou devagar pelo salão. Imagino que eu tenha uma capacidade de veneração bastante considerável, pois ainda recordo a sensação de reverência enquanto

meus olhos traçavam seus passos. Vista agora, à luz do dia, ela parecia alta, bela e bem-feita; olhos castanhos, com uma luz benigna nas íris, e cílios longos e arredondados, delicadamente desenhados, suavizavam a brancura de sua ampla fronte. Em cada uma de suas têmporas o cabelo, de um castanho bem escuro, caía em cachinhos, em acordo com a moda daqueles dias, quando nem madeixas lisas nem cachos mais longos estavam em voga; seu vestido, também seguindo a moda, era de tecido púrpura, decorado com uma espécie de debrum espanhol de cetim preto. Um relógio de ouro (os relógios não eram tão comuns naquela época como são agora) reluzia em seu cinto. Que o leitor acrescente, para completar a imagem, traços finos e pele límpida, ainda que pálida, e ar e postura imponentes, e terá, pelo menos até onde as palavras têm como transmitir, uma ideia correta da aparência da srt. Temple – Maria Temple, como mais tarde vi o nome escrito num livro de orações confiado a mim para que o levasse à igreja.

Depois que a diretora de Lowood (pois é o que essa senhora era) se sentou diante de um par de globos colocados sobre uma das mesas, ela chamou a primeira turma para junto de si e começou a dar uma aula de geografia; as turmas mais jovens foram chamadas pelas professoras. Repetições em história, gramática etc. seguiram-se por uma hora; mais escrita e aritmética se sucederam, e aulas de música foram dadas pela srt. Temple a algumas das garotas mais velhas. A duração de cada aula era marcada pelo relógio, que por fim soou o meio-dia. A diretora se levantou.

– Tenho uma palavra a dizer às alunas – falou.

O tumulto do fim das aulas já se iniciava, mas se abafou diante de sua voz. Ela prosseguiu:

– Tiveram esta manhã um desjejum que não puderam comer; devem estar com fome. Dei ordens para que um lanche de pão e queijo seja servido a todas.

As professoras a fitaram com uma espécie de surpresa.

– Isso será feito sob minha responsabilidade – acrescentou ela, num tom explanatório, e imediatamente a seguir deixou a sala.

O pão e o queijo foram trazidos e distribuídos, para o imenso prazer de todas as alunas. Veio então a ordem: “Para o jardim!” Cada uma pôs um rústico chapéu de palha, com cordões de chita colorida, e uma capa de tecido

de lã cinzento. Fui similarmente equipada e, seguindo a corrente, saí para o ar livre.

O jardim era um amplo terreno cercado por muros tão altos que excluíam qualquer lampejo de vista; uma varanda coberta se estendia por um dos lados, e largos caminhos bordejavam um espaço central dividido em pequenos canteiros. Esses canteiros tinham sido designados como jardins para as alunas cultivarem, e cada um deles tinha sua dona. Quando estivessem floridos, sem dúvida seriam belos, mas agora, em fins de janeiro, tudo tinha o aspecto mirrado do inverno, e a cor marrom da decomposição. Senti um arrepião ao olhar ao redor: era um dia inclemente para fazer exercício ao ar livre – não havia ameaça de chuva, mas estava escuro devido a uma neblina amarelada e úmida; sob os nossos pés, tudo estava ainda encharcado do temporal da véspera. As mais fortes das meninas corriam e participavam de jogos ativos, mas outras, pálidas e magras, se amontoavam em busca de abrigo e calor na varanda; entre elas, enquanto a densa neblina penetrava-lhes os corpos trêmulos, ouvi com frequência o som de uma tosse seca.

Até então eu ainda não tinha falado com ninguém, e ninguém parecia reparar em mim. Fiquei parada ali sozinha, mas a essa sensação de solidão eu estava acostumada; não me oprimia. Apoiei-me num pilar da varanda, puxei a capa cinzenta em torno do corpo e, tentando esquecer o frio que me cortava por fora e a fome insatisfeita que me roía por dentro, entreguei-me à tarefa de observar e pensar. Minhas reflexões eram demasiado indefinidas e fragmentadas para merecer um registro. Eu mal sabia onde estava. Gateshead e minha vida passada pareciam flutuar para longe, a uma distância imensurável. O presente era vago e estranho, e sobre o futuro eu não tinha como conjecturar. Olhei para o jardim ao meu redor, que mais parecia o de um convento, e em seguida para a casa – uma construção grande, metade da qual era cinzenta e velha, e a outra metade bastante nova. A parte nova, onde ficavam a sala de aula e o dormitório, era iluminada por janelas com barras verticais e gelosias, o que lhe dava um aspecto de igreja. Uma placa de pedra acima da porta tinha a inscrição: “Instituição Lowood. – Esta seção foi construída em ...D.C. – por Naomi Brocklehurst, de Brocklehurst Hall, neste condado. ‘Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está no céu.’ – Mateus 5:16.”

Li essas palavras repetidas vezes. Senti que havia uma explicação por trás delas, mas não era inteiramente capaz de penetrar em seu sentido. Eu ainda pesava o significado da palavra “instituição”, e tentava decifrar qual a conexão entre as primeiras palavras e o versículo das Escrituras, quando o som de alguém tossindo às minhas costas fez com que eu virasse a cabeça. Vi uma garota sentada num banco de pedra ali perto. Ela estava debruçada sobre um livro, e parecia concentrada na leitura. De onde me encontrava, eu podia ler o título – *Rasselas* –, ²² nome que me pareceu estranho, e portanto atraente. Ao virar uma página, ela por acaso ergueu os olhos, e eu lhe perguntei diretamente:

– É interessante o seu livro?

Já tinha a intenção de lhe pedir que me emprestasse o volume algum dia.

– Eu gosto – respondeu ela, depois de uma pausa de um ou dois segundos, durante os quais me examinou.

– Sobre o que é? – prossegui.

Mal sei como encontrei a audácia de iniciar desse jeito uma conversa com uma estranha. Era um gesto contrário à minha natureza e aos meus hábitos, mas acho que o modo como ela se ocupava despertou minha simpatia em algum lugar, pois eu também gostava de ler, embora minhas leituras fossem infantis e frívolas. Não tinha condições de compreender algo sério ou substancial.

– Pode olhar – respondeu a garota, oferecendo-me o livro.

Aceitei. Um breve exame convenceu-me de que o conteúdo era menos interessante que o título. *Rasselas* pareceu maçante ao meu gosto fútil. Nada encontrei sobre fadas, sobre gênios; não parecia haver figuras coloridas espalhadas por suas páginas de letras miúdas. Devolvi o livro. Ela o apanhou em silêncio e, sem dizer nada, estava prestes a regressar à leitura concentrada de antes. Mais uma vez me arrisquei a incomodá-la...

– Sabe me dizer o que significa aquilo que está escrito sobre a porta? O que é a Instituição Lowood?

– Esta casa onde você veio viver.

– E por que chamam de “instituição”? Por acaso é diferente das outras escolas?

– É em parte uma instituição de caridade. Você, eu e todas nós vivemos de caridade. Suponho que você seja órfã. Seu pai e sua mãe não morreram?

– Os dois morreram cedo, nem tenho lembrança.

– Bem, todas as meninas aqui perderam ou um dos pais ou ambos, e esta é uma instituição para a educação de órfãs.

– Não pagamos nada? Eles cuidam da gente de graça?

– Nós pagamos, nossos parentes próximos pagam, quinze libras ao ano cada.

– Então por que dizem que vivemos de caridade?

– Porque quinze libras não são suficientes para moradia, alimentação e aulas, e o que falta é coberto por doações.

– Quem faz as doações?

– Várias senhoras e cavalheiros caridosos da vizinhança e de Londres.

– Quem foi Naomi Brocklehurst?

– A senhora que construiu a seção nova desta casa, como registra a placa, e cujo filho supervisiona e coordena tudo por aqui.

– Por quê?

– Porque ele é o tesoureiro e administrador do estabelecimento.

– Então esta casa não pertence à senhora alta que usa um relógio, e que disse que era para recebermos pão e queijo?

– À sra. Temple? Ah, não! Quem dera. Ela tem que prestar contas ao sr. Brocklehurst de tudo o que faz. O sr. Brocklehurst compra toda a nossa comida e todas as nossas roupas.

– Ele mora aqui?

– Não... mora a três quilômetros daqui, numa mansão.

– Ele é um homem bom?

– É um clérigo, e dizem que faz muitas boas ações.

– Você disse que a senhora alta se chama sra. Temple?

– Sim.

– E como se chamam as outras professoras?

– A de bochechas vermelhas se chama sra. Smith; ensina corte e costura e

corta os tecidos, pois nós fazemos nossas próprias roupas, nossos vestidos, casacos e tudo mais. A baixinha de cabelo preto é a srta. Scatcherd; ensina história e gramática, e acompanha a segunda série nas repetições. E a de xale, que tem um lenço de bolso amarrado do lado com uma fita amarela, é madame Pierrot; ela é de Lisle, na França, e ensina francês.

- Você gosta das professoras?
- Sim, gosto.
- Gosta da morena baixinha, e da madame...? Não sei pronunciar o nome dela como você.
- A srta. Scatcherd se irrita facilmente; tome cuidado para não ofendê-la. Madame Pierrot não é má pessoa.
- Mas a srta. Temple é a melhor... não é?
- A srta. Temple é ótima, e muito inteligente. Está acima das outras, porque sabe muito mais do que elas.
- Faz muito tempo que você está aqui?
- Dois anos.
- Você é órfã?
- Minha mãe morreu.
- Você é feliz aqui?
- Você faz perguntas demais. Já lhe dei respostas o bastante por ora. Agora quero ler.

Mas nesse momento souu o chamado para o almoço. Todas voltamos para a casa. O cheiro que agora preenchia o refeitório era pouco mais atraente do que o que regalara nossas narinas no desjejum. O almoço foi servido em duas imensas vasilhas de estanho, das quais subia um vapor intenso com forte cheiro de gordura rançosa. Vi que o cozido era feito de batatas de aparência insípida e estranhas fatias de carne velha, misturadas e cozidas juntas. Desse cozido, um prato toleravelmente abundante foi oferecido a cada aluna. Comi o que pude, e em meu íntimo me perguntei se todos os dias a comida seria assim.

Depois do almoço, fomos imediatamente para a sala de aula. As lições recomeçaram, e continuaram até as cinco horas.

O único evento notável da tarde foi que vi a garota com quem eu conversara na varanda ser banida de uma aula de história pela srt. Scatcherd, que a mandou ficar de pé no meio da ampla sala de aula. A punição me pareceu infame, sobretudo por se tratar de uma menina já tão crescida – parecia ter treze anos, ou mais. Esperei que demonstrasse sinais de grande aflição e vergonha, mas para minha surpresa ela não chorou nem enrubesceu. Calma, ainda que séria, ela ficou parada ali, alvo central de todos os olhares. Como podia tolerar aquilo tão sobriamente – tão firmemente?, perguntei-me. “Se eu estivesse em seu lugar, acho que ia desejar que a terra se abrisse e me engolisse. Ela parece estar ali pensando em alguma coisa para além da punição – para além da sua situação; alguma coisa que não está nem ao redor dela, nem diante dela. Já ouvi falar em gente que sonha acordada... estará ela sonhando acordada, agora? Seus olhos estão fixos no chão, mas tenho certeza de que não o veem – sua visão parece estar voltada para dentro, parece ter entrado em seu coração: ela está olhando para aquilo de que pode se lembrar, acredito, e não para o que está de fato presente. Pergunto-me que tipo de garota ela é, se boa ou perversa.”

Logo depois das cinco horas tivemos outra refeição consistindo em uma caneca de café e meia fatia de pão preto. Devorei meu pão e bebi meu café com deleite, mas teria ficado feliz com muito mais – ainda estava com fome. Meia hora de recreio se sucedeu, depois estudo; depois o copo d’água e o pedaço de bolo de aveia, orações e cama. Assim foi o meu primeiro dia em Lowood.

[19](#) . Referência ao Canto III de *A peregrinação de Childe Harold* (1812-18), de Lord Byron: “Não, era apenas o vento/ou o carro que chacoalhava pela rua pedregosa.”

[20](#) . Segundo Davies, a suposta referência da caracterização da srt. Temple é Ann Evans, educadora à frente da escola de Cowan Bridge.

[21](#) . A Torre de Babel é um mito de explicação da origem das diferentes línguas dos povos. Segundo o Velho Testamento (Gênesis 11:1-9), a humanidade unificada nas gerações que se sucederam ao Dilúvio – e falante de uma só língua – chega à terra de Shinar e ali decide construir uma cidade e uma torre cuja altura lhes permitisse alcançar o céu. Para evitar que tal projeto se concretizasse, Deus dissemina o desentendimento mediante o estabelecimento dos diferentes idiomas.

[22](#) . A história de Rasselas, príncipe da Abissínia (1759), do romancista, jornalista e crítico literário inglês Samuel Johnson, é um conto moral que aborda o tema do sentido da vida. Rasselas, o

protagonista, decide partir de seu reino em uma viagem pelo mundo questionando a realização da felicidade e o sentimento de angústia que acomete os indivíduos, bem como as instituições que regem a vida social. Historicamente, a obra dialoga com *Cândido*, de Voltaire, no tocante à forma e aos questionamentos didáticos.

CAPÍTULO 6

O DIA SEGUINTE COMEÇOU como o anterior, todas se levantando e se vestindo à luz das velas; mas fomos obrigadas a dispensar a cerimônia do lavatório: a água nas bacias estava congelada. O tempo mudara na noite anterior, e um penetrante vento nordeste, assobiando por entre as frestas das janelas do nosso quarto a noite inteira, fizera-nos tremer em nossas camas e transformara o conteúdo dos cãntaros em gelo.

Antes que a longa hora e meia de orações e leitura da Bíblia terminasse, senti-me prestes a sucumbir de frio. Por fim chegou a hora do desjejum, e nessa manhã o mingau não estava queimado; a qualidade era passável e a quantidade, pequena; como minha porção parecia pequena! Gostaria que fosse o dobro.

Ao longo do dia, fui registrada como membro da quarta série, e tarefas e ocupações regulares me foram designadas; até então eu fora somente espectadora nos procedimentos em Lowood, e dali em diante deveria me tornar participante. A princípio, como eu não estava acostumada a decorar, as aulas me pareciam longas e difíceis. A mudança frequente de tarefa a tarefa também me desconcertava, e fiquei feliz quando, por volta das três horas da tarde, a srta. Smith pôs em minhas mãos um corte de musselina com cerca de dois metros de comprimento, junto com agulha, dedal etc., e mandou que eu fosse me sentar num canto tranquilo da sala de aula, com instruções para fazer a bainha. A essa altura, a maioria das meninas também costurava, mas uma das turmas ainda estava ao redor da cadeira da srta. Scatcherd, lendo, e como de resto fazia-se silêncio era possível ouvir o tema da aula, e também a maneira como cada garota lia, e as críticas e elogios da srta. Scatcherd ao desempenho delas. Era história inglesa: em meio às leitoras, observei minha conhecida da varanda. No começo da lição, seu lugar era na frente da classe, mas por algum erro de pronúncia ou alguma desatenção a um ponto ou outro ela foi subitamente mandada para o final. Mesmo nessa posição obscura, a

srita. Scatcherd continuava a fazer dela objeto de nota constante: dirigia-lhe continuamente comentários como os que se seguem: “Burns (esse, ao que parecia, era o seu nome; todas as garotas ali eram chamadas pelo sobrenome, como os meninos em outros lugares), Burns, a senhorita está sentada com os pés virados de lado, ajeite esses dedos imediatamente.” “Burns, está cutucando o queixo de um modo muito desagradável; pare com isso.” “Burns, insisto que erga a cabeça; não vou admitir que adote essa atitude diante de mim” etc. etc.

Após lerem duas vezes um capítulo, os livros foram fechados e as garotas, testadas. A lição compreendia parte do reinado de Carlos I,²³ e havia perguntas variadas sobre tonelagem, impostos sobre o peso e sobre os navios, para que estes não fossem confiscados para as guerras. A maioria das garotas parecia incapaz de responder; ainda assim, cada pequena dificuldade era solucionada instantaneamente quando chegava a Burns: sua memória parecia ter retido a essência da lição inteira, e ela estava com as respostas prontas para cada tópico. Eu esperava que a srita. Scatcherd fosse elogiar sua atenção, mas em vez disso ela exclamou:

– Sua garota suja e desagradável! Não limpou as unhas pela manhã!

Burns não respondeu. Eu estava espantada com seu silêncio.

“Por que”, perguntei-me, “ela não explica que não podia limpar as unhas nem lavar o rosto, pois a água estava congelada?”

Minha atenção foi então chamada pela srita. Smith, que queria que eu segurasse uma meada de linha: enquanto ela a enrolava, falava comigo de quando em quando, perguntando se eu já tinha ido à escola, se sabia fazer marcações, costurar, tricotar etc.; até que me liberasse, não pude continuar a observar os movimentos da srita. Scatcherd. Quando voltei ao meu lugar, a professora estava dando uma ordem que não pude compreender, mas Burns imediatamente deixou a sala e, dirigindo-se ao quartinho interno onde se guardavam os livros, regressou em meio minuto trazendo na mão um punhado de gravetos amarrados numa das pontas. Ela entregou o instrumento sinistro à srita. Scatcherd com uma medida respeitosa; então, silenciosamente e sem que lhe dissessem nada, soltou o avental, e a professora imediatamente e com força desfechou em seu pescoço uma dezena de golpes com o punhado de gravetos. Nem uma única lágrima assomou aos olhos de Burns, e quando

interrompi a costura, porque meus dedos tremiam diante daquele espetáculo com um sentimento de ira inútil e impotente, nem um único traço de seu rosto pensativo alterara a expressão habitual.

– Garota teimosa! – exclamou a sra. Scatcherd. – Nada consegue corrigir seus hábitos desmazelados. Vá guardar o látego.

Burns obedeceu. Estudei-a enquanto saía da saleta dos livros; guardava o lenço no bolso, e o traço de uma lágrima brilhava em sua face magra.

A hora do recreio, à noite, era para mim a parte mais agradável do dia em Lowood: o pedaço de pão e o café tomado às cinco horas, se não satisfaziam a fome, reacendiam a vitalidade. A austeridade do dia era um pouco relaxada; a sala de aula ficava um pouco mais quente do que pela manhã – tendo as lareiras permissão de queimar um tanto mais intensamente para ocupar, em certa medida, o lugar das velas, ainda não trazidas: o lume avermelhado, o falatório autorizado e a confusão de muitas vozes traziam a grata sensação de liberdade.

Na noite do dia em que eu vira a sra. Scatcherd castigar sua aluna Burns, vaguei como de hábito sem companhia em meio às turmas e mesas e grupos de garotas rindo, mas não me sentia solitária: quando passava pelas janelas, vez por outra levantava uma veneziana e olhava para fora. Nevava bastante, e já se acumulava um pouco de neve junto às vidraças de baixo; colocando o ouvido junto à janela eu podia distinguir do tumulto alegre lá dentro o gemido desconsolado do vento lá fora.

Provavelmente, se eu tivesse deixado um lar feliz e pais bondosos, esse seria o momento em que lamentaria de modo mais agudo a separação: o vento teria entristecido meu coração, e esse caos obscuro teria perturbado minha paz. Sendo minha situação tal como era, eu encontrava em ambos uma estranha excitação, imprudente e febril, e desejava que o vento soprasse ainda mais, que a penumbra se adensasse em escuridão, e que a confusão se transformasse em clamor.

Saltando sobre os bancos e me arrastando por baixo das mesas, fui até uma das lareiras; ali, ajoelhada junto ao alto guarda-fogo de tela metálica, encontrei Burns, absorta, silenciosa, alheia a tudo ao seu redor graças à companhia de um livro, que lia sob o lume fraco das brasas.

– Ainda é *Rasselas*? – perguntei, aproximando-me por trás dela.

– Sim – disse ela –, e terminei agora mesmo.

Mais cinco minutos e ela fechou o livro, o que me alegrou.

“Agora”, pensei, “talvez eu consiga fazer com que ela fale.” Sentei-me no chão a seu lado.

– Qual o seu nome, além de Burns?

– Helen.

– Você vem de muito longe?

– Venho de um lugar mais ao norte, quase na fronteira com a Escócia. [24](#)

– Em algum momento vai voltar para lá?

– Espero que sim, mas ninguém pode ter certeza do futuro.

– Você gostaria de ir embora de Lowood?

– Não, por que eu haveria de querer? Mandaram-me para Lowood para que eu estudasse, e não faria sentido ir embora antes de atingir esse objetivo.

– Mas aquela professora, a srta. Scatcherd, é tão cruel com você!

– Cruel? De jeito nenhum! Ela é severa; não gosta dos meus defeitos.

– E se eu estivesse no seu lugar não gostaria dela; ia querer resistir a ela, e se batesse em mim com aquele látego eu o arrancaria da sua mão e quebraria debaixo do seu nariz.

– Você provavelmente não faria nada do tipo, mas se fizesse o sr. Brocklehurst ia expulsá-la da escola. Isso entristeria muito seus familiares. É muito melhor suportar pacientemente uma dor que ninguém mais sente além de você do que cometer uma ação precipitada cujas consequências vão se estender para todos aqueles que estão ligados a você; além disso, a Bíblia nos diz para pagar o mal com o bem.

– Mas parece vergonhoso ser castigada, e que a mandem ficar de pé no meio de uma sala cheia de gente; e você é uma menina tão boa. Sou muito mais nova do que você, e não poderia suportar.

– Mas seria o seu dever suportar, se não tivesse como evitar: é uma fraqueza e uma tolice dizer que *não pode suportar* o que é seu destino ter de suportar.

Escutei-a maravilhada. Não conseguia alcançar essa doutrina da tolerância, e menos ainda entender ou me solidarizar com a paciência que ela

demonstrava para com a professora que a castigara. De todo modo, porém, sentia que Helen Burns considerava as coisas sob uma luz invisível aos meus olhos. Suspeitava que ela talvez estivesse certa e eu, errada, mas não queria ponderar demasiadamente a questão: como Félix, adiei-a para um momento mais conveniente. [25](#)

– Você diz que tem seus defeitos, Helen. Quais são eles? Para mim você parece ótima.

– Então aprenda comigo a não julgar as aparências. Sou desmazelada, como diz a srta. Scatcherd; raramente organizo as coisas, e nunca as mantendo em ordem; sou descuidada; esqueço as regras, leio quando deveria estudar minhas lições, não tenho método. E às vezes digo, como você, que não posso *suportar* ser submetida a uma disciplina sistemática. Tudo isso provoca a srta. Scatcherd, que é naturalmente asseada, pontual e minuciosa.

– E irritada e cruel – acrescentei, mas Helen Burns não quis admitir minha adição: manteve-se em silêncio.

– A srta. Temple é tão severa com você quanto a srta. Scatcherd?

Diante da menção do nome da srta. Temple, um leve sorriso passou por seu rosto sério.

– A srta. Temple é cheia de bondade. Dói-lhe ser severa com quem quer que seja, até mesmo as piores garotas da escola. Ela vê os meus erros, e fala deles com gentileza; e se faço algo digno de elogios, não os economiza. Uma prova convincente da minha natureza falha é que mesmo as suas repreensões, tão moderadas, não têm influência bastante para me curar de meus defeitos; e mesmo seus elogios, embora eu os valorize muito, não têm como me estimular a um esmero e uma prudência constantes.

– Que curioso – disse eu –; é tão fácil ser esmerada.

– Para você não tenho dúvidas de que sim. Observei-a na aula esta manhã, e vi que prestava muita atenção. Seus pensamentos nunca pareciam vagar enquanto a srta. Miller explicava a lição e lhe fazia perguntas. Ora, os meus se dispersam continuamente: quando deveria estar escutando a srta. Scatcherd, e apreendendo com diligência o que diz, com frequência me afasto do próprio som da sua voz, e ingresso numa espécie de sonho. Às vezes acho que estou em Northumberland, e que os ruídos que ouço ao meu redor são o borbulhar de um riachinho que atravessa Deepden, perto da nossa casa...

então, quando chega a minha vez de responder, tenho que ser despertada, e, como não ouvi nada do que foi lido porque estava escutando o riacho imaginário, não tenho resposta.

– Mas se saiu muito bem hoje à tarde.

– Foi puro acaso: o assunto sobre o qual estávamos lendo me interessava. Esta tarde, em vez de sonhar com Deepden eu me perguntava como um homem que queria fazer o bem podia agir de forma tão injusta e imprudente quanto Carlos I às vezes agia. Eu lastimava que, com sua integridade e consciência, ele não conseguisse enxergar para além das prerrogativas da coroa. Se ele tivesse podido olhar um pouco mais à distância e ver para onde se encaminhava o que chamam de espírito da época! Ainda assim, gosto de Carlos, respeito-o... tenho pena dele, pobre rei assassinado! Sim, seus inimigos eram os piores: derramavam sangue que não tinham direito de derramar. Como ousaram matá-lo?

Helen falava consigo mesma agora: tinha esquecido que eu não podia entendê-la muito bem – que eu era ignorante, ou quase, do assunto que ela discutia. Recordei-lhe qual o meu nível.

– E quando a srta. Temple dá aula, seus pensamentos também se perdem?

– Não, claro que não, não com frequência, porque a srta. Temple em geral tem algo a dizer que vai além das minhas próprias reflexões; acho a sua linguagem particularmente agradável, e a informação que ela transmite é muitas vezes exatamente a que eu queria adquirir.

– Então com a srta. Temple você se comporta bem?

– Sim, de um modo passivo; não faço esforço, acompanho como me guia a inclinação. Não há mérito nesse comportamento.

– Há muito mérito; você é boa com aqueles que são bons com você. É tudo que eu gostaria de ser. Se as pessoas fossem sempre gentis e obedientes com aqueles que são cruéis e injustos, as pessoas más sempre fariam as coisas ao seu modo; nunca teriam medo, e assim nunca haveriam de mudar, só piorar cada vez mais. Quando recebemos um golpe sem razão, devemos revidar com muita força; disso tenho certeza. Com tanta força que a pessoa que nos agrediu aprenda a nunca mais fazer isso.

– Você vai mudar de ideia, espero, quando for mais velha. Por enquanto, é só uma menininha que ainda não aprendeu suas lições.

– Mas é o que sinto, Helen: não devo gostar daqueles que, não importa o que eu faça para lhes agradar, insistem em não gostar de mim; devo resistir àqueles que me castigam injustamente. É natural que ame aqueles que demonstram afeto por mim, ou que me impõem alguma punição quando sinto merecer.

– Pagãos e tribos selvagens adotam essa doutrina, mas cristãos e nações civilizadas renunciam a ela.

– Como? Não entendo.

– Não é a violência que sobrepuja o ódio, nem é a vingança o que cura as ofensas.

– O que é, então?

– Leia o Novo Testamento, e observe o que diz Cristo, e como Ele age; faça da Sua palavra a norma, e da Sua conduta o exemplo.

– O que Ele diz?

– Ame os seus inimigos; abençoe os que a amaldiçoam; faça o bem aos que a odeiam e usam de modo perverso. [26](#)

– Então eu deveria amar a sra. Reed, o que não tenho condições de fazer. Teria que abençoar seu filho John, o que é impossível.

Helen Burns, por sua vez, me pediu que explicasse aquilo, e de imediato me pus a verter, a meu modo, o relato de meus sofrimentos e ressentimentos. Amarga e agressiva quando exaltada, falei com honestidade, sem reservas, sem abrandar minhas palavras.

Helen me ouviu pacientemente até o fim; eu imaginava que fosse fazer algum comentário, mas ela nada disse.

– Bem – perguntei, impaciente –, não acha que a sra. Reed é uma mulher má e cruel?

– Ela sem dúvida não foi gentil com você, pois, veja, seu temperamento lhe desagrada, como o meu desagrada à srt. Scatcherd. Mas com que pormenor você se lembra de tudo o que ela fez e disse! Que impressão particularmente profunda as injustiças que ela cometeu parecem ter deixado em seu coração! Os maus-tratos que sofri não ficaram tão fortemente impressos em meus sentimentos. Você não se sentiria mais feliz se tentasse esquecer sua severidade, bem como as emoções arrebatadas que desperta? A

vida me parece curta demais para ser gasta em alimentar animosidades, ou em registrar agravos. Carregamos, cada um de nós, e não há como ser diferente, o fardo dos erros neste mundo: mas há de chegar logo o tempo em que, acredito, havemos de nos despir deles ao nos despirmos de nosso corpo corruptível.²⁷ Quando o aviltamento e o pecado hão de cair com esta pesada moldura de carne, e somente a centelha do espírito há de permanecer... o princípio intangível da vida e do pensamento, puro como quando deixou o Criador para inspirar a criatura. Vai regressar ao lugar de onde veio, talvez para ser transmitido outra vez a algum ser mais elevado que o homem, talvez para passar por gradações de glória, da pálida alma humana até a luz do serafim! Certamente não vai, ao contrário, ser forçado a degenerar de homem a demônio? Não, não posso acreditar nisso: meu credo é outro; não me foi ensinado por ninguém, e raramente o menciono, mas nele me deleito e a ele me aferro, pois estende a esperança a todos. Faz da eternidade um repouso, um lar magnífico, não um terror e um abismo. Além do mais, com esse credo posso distinguir claramente entre o criminoso e seu crime, posso perdoar sinceramente o primeiro enquanto abomino o segundo. Com esse credo, a vingança nunca preocupa o meu coração, a degradação nunca me repugna por demais, a injustiça nunca me esmaga por completo. Vivo num estado de calma, contemplando o fim.

A cabeça de Helen, sempre baixa, afundou um pouco mais quando ela terminou a frase. Vi, pela expressão em seu rosto, que não queria mais falar comigo, mas sim conversar com seus próprios pensamentos. Não lhe foi dado muito tempo para meditação. Uma monitora, uma garota grande e rude, logo se aproximou, exclamando com um forte sotaque de Cumberland:

– Helen Burns, se você não for arrumar sua gaveta e guardar sua costura neste exato minuto, vou dizer à srta. Scatcherd que venha ver como estão!

Helen suspirou enquanto seus devaneios se dissipavam e, levantando-se, obedeceu à monitora, sem uma palavra e sem demora.

²⁴ . O sobrenome de Helen – Burns – ecoa o nome do grande bardo escocês Robert Burns, bem como evoca uma poesia romanticamente inspirada na força da natureza selvagem.

²⁵ . Nos Atos dos Apóstolos, lê-se: “Vários dias depois, Félix veio com Drusila sua mulher, que era

judia, mandou chamar Paulo e o ouviu falar sobre a fé em Cristo Jesus. Quando Paulo se pôs a discorrer acerca da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro, Félix teve medo e disse: ‘Basta, por enquanto! Pode sair. Quando achar conveniente, mandarei chamá-lo de novo’” (Atos 24:24, 25).

26 . Lê-se em Mateus: “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus” (5:44).

27 . Na Primeira Epístola aos Coríntios, há a seguinte passagem do apóstolo Paulo sobre o Juízo Final: “Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade” (1 Coríntios 15:52-3).

CAPÍTULO 7

MEU PRIMEIRO TRIMESTRE em Lowood pareceu durar um século, e decerto não foi o século de ouro. Implicou uma fastidiosa luta com as dificuldades para me adaptar às novas regras e tarefas a que não estava habituada. O medo de falhar nessas questões me molestava mais do que as penúrias físicas que tinha de suportar, e que não eram poucas.

Durante janeiro, fevereiro e parte de março, as fortes nevadas e, depois de derretida a neve, as estradas quase intransitáveis impediam que ultrapassássemos os muros do jardim, exceto para ir à igreja, mas naqueles limites tínhamos que passar uma hora por dia ao ar livre. Nossas roupas eram insuficientes para nos proteger do frio intenso. Não tínhamos botas, a neve penetrava em nossos sapatos e ali derretia; nossas mãos sem luvas ficavam entorpecidas e cobertas de frieiras, bem como nossos pés. Lembro-me bem da irritação que sentia por causa disso todas as noites, quando meus pés inflamavam, e a tortura de enfiar os dedos inchados, enrijecidos e em carne viva nos sapatos pela manhã. E as porções magras de comida eram angustiantes: com o apetite aguçado de crianças em idade de crescimento, mal comíamos o suficiente para manter vivo um delicado inválido. Dessa deficiência de alimentação resultava um abuso que atingia com mais intensidade as alunas mais novas: sempre que as mais velhas, esfomeadas, tinham uma oportunidade, coagiam ou ameaçavam as mais novas para que lhes dessem sua porção. Muitas vezes compartilhei com duas impetrantes o precioso naco de pão preto distribuído à hora do chá. E depois de ter cedido metade da minha caneca de café a uma terceira, engoli o que restava junto com lágrimas secretas, arrancadas pelo suplício da fome.

Os domingos eram dias melancólicos naquela gélida estação. Tínhamos que caminhar três quilômetros até a igreja de Brocklebridge, onde nosso benfeitor oficiava. Partíamos com frio, chegávamos à igreja com mais frio ainda. Durante o serviço matinal, ficávamos quase paralisadas. Como era

longe demais para que voltássemos a tempo para o almoço, um lanche composto de carne fria e pão, nas mesmas proporções miseráveis das nossas refeições habituais, era servido entre os serviços.

Ao final do serviço da tarde voltávamos por uma estrada aberta e montanhosa, onde o frio cortante do inverno, soprando sobre uma cadeia de picos nevados ao norte, quase arrancava a pele do nosso rosto.

Lembro-me da srta. Temple caminhando com leveza e rapidez junto à nossa cabisbaixa fila, a capa xadrez, que o vento gélido agitava, puxada para bem junto do corpo, e encorajando-nos, com palavras e com seu exemplo, a não desaninar, a seguir caminhando, como ela dizia, “como soldados robustos”. As outras professoras, pobrezinhas, normalmente estavam por demais abatidas para tentar animar alguém.

Como ansiávamos pela luz e o calor de uma lareira acesa ao nosso regresso! Pelo menos para as mais novas, porém, isso era negado; cada uma das lareiras da sala de aula era imediatamente cercada por uma dupla fileira de garotas mais velhas, e atrás delas as crianças se agachavam em grupos, os braços magros embrulhados nos aventais.

Um pouco de alívio vinha com a hora do chá, sob a forma de uma dupla ração de pão – uma fatia inteira, em vez de somente a metade – com a deliciosa adição de um bocadinho de manteiga; era o regalo semanal pelo que todas ansiávamos, de domingo a domingo. Eu em geral conseguia reservar para mim a metade desse abundante repasto; mas era invariavelmente obrigada a compartilhar o restante.

A noite de domingo se passava repetindo de cor as lições de catecismo, e o quinto, sexto e sétimo capítulos do Evangelho de são Mateus, [28](#) e escutando um longo sermão, lido pela srta. Miller, cujo cansaço era atestado por bocejos irreprimíveis. Um interlúdio frequente dessas atividades era a encenação de parte do Éutico [29](#) por meia dúzia das mais novas que, vencidas pelo sono, caíam, se não do terceiro andar, pelo menos do banco, e eram erguidas semimortas. O remédio era levá-las para o meio da sala e obrigá-las a ficar de pé ali até que o sermão tivesse terminado. Às vezes os pés lhes faltavam, e elas desabavam juntas, quando então eram escoradas pelos bancos altos das monitoras.

Ainda não aludi às visitas do sr. Brocklehurst. Na verdade o cavalheiro

esteve fora de casa durante a maior parte do primeiro mês após minha chegada, talvez prolongando sua estada com seu amigo, o arquidiácono. Sua ausência foi um alívio para mim. Não preciso dizer que tinha meus próprios motivos para temer suas visitas: mas ele veio, por fim.

Certa tarde (fazia três semanas que eu chegara a Lowood), sentada com uma lousa nas mãos, refletindo sobre uma soma numa longa divisão, ergui distraída os olhos à janela e vi de relance um vulto passando. Reconheci quase instinctivamente a silhueta descarnada. Quando, dois minutos mais tarde, a escola inteira, incluindo as professoras, se levantou, não precisei erguer o rosto para averiguar quem era a pessoa que saudavam. Passadas largas atravessaram a sala de aula. Logo se encontrava, ao lado da sra. Temple, que tinha também se levantado, a mesma coluna negra que me reprovara de modo tão ameaçador sobre o tapete da lareira em Gateshead. Eu agora olhava de lado para aquela obra arquitetônica. Sim, tinha razão: era o sr. Brocklehurst, abotoado num sobretudo e parecendo mais alto, mais magro e mais rígido do que nunca.

Eu tinha meus motivos para ficar desolada com aquela aparição: recordava bem demais as observações pérfidas da sra. Reed sobre o meu caráter, assim como a promessa feita pelo sr. Brocklehurst de informar a sra. Temple e todas as professoras sobre minha natureza perversa. Por todo aquele tempo eu temera o cumprimento dessa promessa – todos os dias aguardava a “vinda do homem” [30](#) cujas informações sobre minha vida passada haveriam de me marcar para sempre como uma criança má: e ali estava ele agora. Estava parado ao lado da sra. Temple e falava em voz baixa ao seu ouvido: eu não duvidava que fazia revelações da minha perfídia, e observava o olhar dela com dolorosa ansiedade, esperando a todo momento ver as orbes negras virarem-se para mim com repugnância e desprezo. Escutava atentamente, também; e como calhava de estar sentada bem na frente da sala, podia ouvir quase tudo o que ele dizia. O conteúdo de suas palavras livrou-me da apreensão imediata.

– Suponho, sra. Temple, que a linha que comprei em Lowton vai servir: pareceu-me ser do tipo apropriado para as camisas de algodão, e trouxe as agulhas necessárias também. Pode dizer à sra. Smith que esqueci de mandar o pedido das agulhas de cerzir, mas vou enviar os papéis na próxima semana; ela não deve, de modo algum, dar mais de uma vez às alunas. Quando

têm mais, acabam mais propensas a se descuidar e perdê-las. E ah, mais uma coisa! As meias de algodão precisam ser mais bem cuidadas! Quando estive aqui da última vez, fui até a horta e examinei as roupas secando no varal. Havia uma quantidade de meias pretas em péssimo estado; a julgar pelo tamanho dos buracos, ficou óbvio ter muito tempo que não eram remendadas.

Ele fez uma pausa.

– Suas ordens serão cumpridas, senhor – disse a sra. Temple.

– E, minha senhora – prosseguiu ele –, a lavadeira me disse que algumas meninas recebem dois colarinhos limpos em uma semana. É demais; o regulamento só permite um.

– Acho que posso explicar essa ocasião, senhor. Agnes e Catherine Johnstone foram convidadas a tomar chá com amigos em Lowton na quinta-feira passada, e lhes dei permissão de vestir colarinhos limpos para o evento.

O sr. Brocklehurst assentiu.

– Bem, uma vez passa. Mas por favor não deixe que isso ocorra com frequência. E há outra coisa que me surpreendeu: descobri, vendo as anotações da governanta, que um lanche, consistindo de pão e queijo, foi servido duas vezes às moças durante as últimas duas semanas. Como isso se deu? Ao verificar o regulamento, não encontro a menção a lanches. Quem introduziu essa inovação? E com que autoridade?

– Sou eu a responsável pelo ocorrido, senhor – respondeu a sra. Temple. – O desjejum foi tão mal preparado que as alunas não tinham como comê-lo, e eu não pude deixá-las em jejum até a hora do almoço.

– Madame, um momento, por favor. Bem sabe que o meu projeto quanto à educação dessas meninas não é acostumá-las a hábitos de luxo e excessos, mas torná-las fortes, pacientes e abnegadas. Se algum eventual desapontamento do apetite acontecer, como uma refeição estragada ou algum prato mal condimentado, o incidente não deve ser neutralizado substituindo-se com algo mais saboroso o alimento perdido, o que equivaleria a mimar o corpo e atentar contra os objetivos desta instituição. A ocasião deve servir para a edificação espiritual das alunas, encorajando-as a mostrar força diante da privação temporária. Uma breve palestra nesses casos não deve ser subestimada, e nela uma instrutora sensata aproveitaria a oportunidade para mencionar os sofrimentos dos cristãos primitivos, os tormentos dos mártires,

bem como as exortações do nosso adorado Senhor, conclamando Seus discípulos a tomar sua cruz e segui-Lo, Suas advertências de que nem só de pão vive o homem, mas de cada palavra que sai da boca de Deus, e Suas consolações divinas: “Feliz aquele que sofre de fome ou sede em meu nome.” Ah, madame, quando a senhora coloca pão e queijo em vez de mingau queimado na boca destas crianças, decerto alimenta seus vis corpos, mas não sabe como mata de fome suas almas imortais!

O sr. Brocklehurst fez outra pausa – talvez tomado pela emoção. A srt. Temple baixara os olhos quando ele começara a lhe falar, mas agora olhava direto à sua frente, e seu rosto, de hábito branco feito mármore, parecia assumir também a frieza e a fixidez daquele material. Sobretudo a boca, fechada como se fosse precisar do cinzel de um escultor para abri-la, e as sobrancelhas, que se petrificavam numa expressão de severidade.

Enquanto isso, o sr. Brocklehurst, de pé junto à lareira com as mãos às costas, supervisionava de forma majestosa todas as alunas. De súbito pestanejou, como se algo tivesse ofuscado ou escandalizado suas pupilas; virando-se, pronunciando as palavras mais depressa do que até então:

– Srita. Temple, srita. Temple, o que... o *que* é aquela menina de cabelo cacheado? Cabelo ruivo, minha senhora, e cacheado?

E, estendendo a bengala, apontou ao desprezível objeto, as mãos tremendo.

– É Julia Severn – respondeu a srt. Temple em voz baixa.

– Julia Severn, madame! E por que ela, ou qualquer outra, usa o cabelo cacheado? Por que, desafiando cada preceito e princípio desta casa, ela faz tão abertamente concessão ao mundo, aqui, num estabelecimento de caridade evangélica, usando o cabelo como uma massa de cachos?

– O cabelo dela é naturalmente cacheado – respondeu a srt. Temple, a voz ainda mais baixa.

– Naturalmente! Sim, mas não devemos nos conformar à natureza. Quero que essas meninas sejam filhas da Graça. E por que essa abundância? Repetidas vezes manifestei meu desejo de que usem o cabelo sempre preso, modesto, simples. Srita. Temple, o cabelo dessa menina deve ser inteiramente cortado; vou mandar um barbeiro amanhã. E vejo outras que têm essa excrescência em tamanho exagerado... aquela garota alta, diga-lhe que se vire. Diga a toda a primeira série que vire o rosto para a parede.

A sra. Temple passou o lenço sobre os lábios, como se quisesse desfazer o sorriso involuntário que os recurvava. Ainda assim, deu a ordem, e quando a primeira série entendeu o que se queria delas, obedeceu. Recostando-me no meu banco, pude ver as expressões e as caretas com que comentavam a manobra. Era uma pena que o sr. Brocklehurst não pudesse vê-las também; teria sentido talvez que, independentemente do que pudesse fazer com o seu exterior, o interior estava muito mais fora do alcance de sua interferência do que ele imaginava.

Ele examinou o reverso daquelas medalhas vivas por bons cinco minutos, depois proferiu a sentença. Suas palavras soaram como uma condenação:

– Todos esses coques devem ser cortados.

A sra. Temple pareceu objetar.

– Madame – prosseguiu ele –, sirvo a um Senhor cujo reino não é deste mundo. ³¹ Minha missão é mortificar nessas meninas as tentações da carne, ensiná-las a se vestir com pudor e sobriedade, não com cabelos trançados e roupas caras. E cada uma dessas jovens diante de nós tem o cabelo em tranças que a própria vaidade poderia ter feito: repito, devem ser cortadas; pense no tempo desperdiçado, no...

O sr. Brocklehurst foi então interrompido: três outras senhoras, visitantes, entraram na sala. Deveriam ter chegado um pouco mais cedo para ouvir seu sermão sobre vestuário, pois estavam magnificamente trajadas de veludo, seda e peles. As duas mais jovens do trio (belas moças de dezesseis e dezessete anos) tinham chapéus de castor cinza, então na moda, decorados com penas de avestruz, e sob a aba desses graciosos ornamentos saía uma profusão de leves madeixas, elaboradamente cacheadas. A mais velha estava envolvida num caro xale de veludo, debruado de arminho, e usava um aplique cacheado falso. As damas foram recebidas com deferência pela sra. Temple como a sra. e as sras. Brocklehurst, e conduzidas a lugares de honra na frente da sala. Aparentemente haviam chegado na mesma carruagem de seu parente, o reverendo, e tinham estado examinando de forma rigorosa os quartos no andar de cima enquanto ele cuidava de negócios com a governanta, fazia perguntas à lavadeira e passava um sermão na diretora. Começaram então a fazer diversos comentários e críticas à sra. Smith, encarregada dos cuidados com a roupa de cama e da inspeção dos

dormitórios. Mas eu não tinha tempo para prestar atenção no que diziam; outros assuntos chamavam-me a atenção.

Até ali, enquanto ouvia a conversa do sr. Brocklehurst e da srt. Temple, eu não deixara de tomar precauções, ao mesmo tempo, para garantir minha segurança pessoal – acreditava que estaria a salvo se pudesse não ser notada. Com esse propósito, sentei-me bem atrás, e querendo parecer ocupada com meus cálculos, segurava a lousa de modo a ocultar meu rosto. Poderia ter escapado se minha traiçoeira lousa não desse um jeito de escapulir da minha mão e cair com um estrondo, atraindo todos os olhares em minha direção. Eu sabia que era o fim, e, enquanto me abaixava para pegar os dois fragmentos da lousa, reuni forças para o pior. E ele veio.

– Uma menina descuidada! – disse o sr. Brocklehurst, e logo em seguida: – É a nova aluna, percebo.

E antes que eu pudesse recobrar o fôlego:

– Não posso esquecer que tenho algumas coisas a dizer sobre ela.

E então, bem alto – como me pareceu alto! –, disse:

– Que se aproxime a menina que quebrou a lousa!

Se dependesse da minha própria vontade, eu não teria conseguido me mexer: estava paralisada. Mas as duas garotas mais velhas sentadas ao meu lado puseram-me de pé e me empurraram na direção do temido juiz. A srt. Temple então ajudou-me gentilmente a chegar aos pés dele, e ouvi seu conselho sussurrado:

– Não tenha medo, Jane; vi que foi um acidente. Você não será punida.

O gentil sussurro penetrou meu coração como uma adaga.

“Mais um minuto e ela vai me desprezar como uma hipócrita”, pensei, e um impulso de fúria contra Reed, Brocklehurst e companhia latejou em minhas veias ante essa convicção. Eu não era nenhuma Helen Burns.

– Tragam esse banco – disse o sr. Brocklehurst, apontando para um banco bem alto de que uma monitora acabava de se levantar. Foi trazido.

– Coloquem a menina em cima dele.

E fui colocada ali, não sei por quem. Não estava em condições de notar detalhes. Só tinha consciência de que haviam me colocado na mesma altura do nariz do sr. Brocklehurst, de que ele estava a um metro de distância e de

que uma extensão de seda e pelica laranja e púrpura, e uma nuvem de plumagem prateada, se estendiam e ondulavam abaixo de mim.

O sr. Brocklehurst pigarreou.

– Senhoras – disse ele, voltando-se à sua família. – Srta. Temple, professoras e alunas, todas veem esta menina?

Claro que viam, pois eu sentia seus olhos voltados como lentes para minha pele, que ardia.

– Veem que ainda é pequena; podem observar que ainda possui a forma habitual da infância. Deus lhe conferiu, magnanimamente, a aparência que nos deu a todos nós; não se nota qualquer deformidade. Quem haveria de imaginar que o Maligno já encontrou nela uma serva e uma agente? Contudo, é esse o caso, lamento dizer.

Uma pausa, em que comecei a conter a paralisia dos meus nervos. Senti que já passara o Rubicão, [32](#) e que o julgamento, não podendo mais ser evitado, teria que ser enfrentado com firmeza.

– Minhas caras mocinhas – prosseguiu emocionado o clérigo de mármore negro –, esta é uma situação triste e melancólica, pois é meu dever adverti-las que esta menina, que poderia ser uma ovelha de Deus, é uma pária. Não é um membro do rebanho, mas, evidentemente, uma estranha, uma intrusa. Devem estar em guarda contra ela, evitar seguir seu exemplo; se necessário, evitar sua companhia, excluí-la de suas brincadeiras e de suas conversas. Professoras, devem vigiá-la: não tirem os olhos de seus movimentos, pesem todas as suas palavras, examinem suas ações, castiguem seu corpo para salvar sua alma. Se é que a salvação é possível; pois, e meus lábios tremem ao dizer isso, esta menina, esta criança, nascida em terra cristã, é pior do que muitos pagãos que fazem orações a Brahma e se ajoelham diante do carro com a imagem do deus hindu... [33](#) esta menina... é uma mentirosa!

Seguiu-se então uma pausa de dez minutos, durante os quais eu, a essa altura já em perfeita posse de meus sentidos, observei todas as senhoras Brocklehurst apanharem seus lenços e levá-los aos olhos, enquanto a mais velha balançava-se para trás e para a frente, e as mais novas sussurravam: “Que revoltante!”

O sr. Brocklehurst prosseguiu:

– Isso me foi relatado por sua benfeitora, uma senhora devota e piedosa que a adotou quando se viu órfã, criou-a como sua própria filha, e cuja gentileza e generosidade esta menina infeliz pagou com uma ingratidão tão extrema, tão terrível, que por fim sua excelente protetora foi obrigada a separá-la de seus próprios filhos, com medo de que seu exemplo perverso lhes contaminasse a pureza. Enviaram-na para cá a fim de que fosse curada, assim como os judeus de antanho mandavam seus enfermos para o turbulento tanque de Betesda. ³⁴ Professoras, diretora, rogo que não deixem as águas estagnarem ao redor dela.

Com essa sublime conclusão, o sr. Brocklehurst fechou o botão da gola de seu sobretudo e murmurou algo à família, que se levantou. Cumprimentou a sra. Temple, e então toda a gente importante saiu da sala em cortejo. Virando-se da porta, meu juiz disse:

– Que ela fique de pé aí por mais meia hora, e que ninguém lhe dirija a palavra pelo resto do dia.

Ali estava eu, então, no alto do banco. Eu, que dissera não ter condições de suportar a vergonha de ficar de pé no meio da sala, estava agora exposta à vista de todos num pedestal de infâmia. Quais eram as minhas emoções, nenhuma língua pode descrever. Mas conforme surgiam, paralisando-me a respiração e apertando-me a garganta, uma garota se aproximou e passou por mim. Ao passar, ela ergueu o olhar. Que luz estranha o inspirava! Que extraordinária sensação aquele raio enviou através de mim! Como esse novo sentimento me amparou! Foi como se um mártir ou herói tivesse passado por um escravo ou por uma vítima, e lhe dado forças nesse encontro. Dominei a histeria que se avolumava, ergui a cabeça e cravei os pés com firmeza no banco. Helen Burns fez alguma pergunta sem importância sobre sua costura à sra. Smith, foi repreendida pela trivialidade da dúvida, voltou ao seu lugar e sorriu para mim mais uma vez ao passar. Que sorriso! Recordo-me dele agora, e sei que era a emanção de uma grande inteligência, e de verdadeira coragem. Iluminava seus traços marcantes, seu rosto magro, seus olhos cinzentos e fundos, como o reflexo do semblante de um anjo. E no entanto naquele momento Helen Burns usava no braço a “insígnia de desordeira”; menos de meia hora antes eu a ouvira ser condenada pela sra. Scatcherd a almoçar somente pão e água no dia seguinte, porque borrara um exercício ao copiá-lo. Tal é a natureza imperfeita do homem! Manchas assim estão no

disco do mais límpido planeta, e olhos como os da srta. Scatcherd só conseguem ver esses pequenos defeitos, cegos ao brilho intenso da orbe.

28 . Capítulos do Evangelho de Mateus referentes aos ensinamentos de Jesus, com destaque ao Sermão da Montanha (Capítulo 5) e a prescrições de comportamento e ações a seus seguidores (Capítulos 6 e 7).

29 . Éutico é personagem bíblica, protagonista de um dos milagres do Apóstolo Paulo (Atos 20:7-12). Durante discurso de Paulo, Éutico, que estava no beiral de uma janela, adormeceu e caiu mortalmente de grande altura. Paulo, então, acolhe Éutico do chão e o traz novamente à vida.

30 . Referência irônica à Segunda Vinda de Jesus à Terra, no Dia do Juízo Final. No caso, trata-se do sr. Brocklehurst, cuja segunda vinda é temida por Jane quando esta começa seus estudos na escola de Lowood.

31 . Brocklehurst cita a resposta que Jesus, preso, dá a Pilatos, governador da Judeia: “Tornou, pois, a entrar Pilatos na audiência, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Tu és o Rei dos Judeus? ... Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (João 18:33, 36).

32 . Localizado a nordeste da Península Itálica, o rio Rubicão era um ponto de referência militar para as defesas romanas. Tornou-se célebre pela decisão do general romano Júlio César, em 49 a.C., de atravessá-lo com sua legião para a tomada de Roma, nos momentos finais da Guerra Civil que marcaria a transição da República para o Império. A partir dos feitos de Júlio César, a expressão "atravessar o Rubicão" designa uma decisão arriscada e sem volta.

33 . Em ensaio publicado em Bruxelas em abril de 1842, “Sacrifício de uma viúva indiana”, Charlotte Brontë personifica a Índia (Hindustão, como usado no ensaio) sob a forma de uma mulher: “A Índia é rica e poderosa, porém a despeito de sua riqueza e poder ela é escravizada. Que bem lhe fazem os diamantes e o dinheiro, se ela permanece sujeita ao despotismo de uma hierarquia arrogante e cruel?” O ensaio mostra uma autora a um só tempo fascinada e estarrecida com a cultura indiana. O motivo da riqueza vazia em face do cativeiro tem significativa ressonância em *Jane Eyre* . A partir da permanência do tema e da distância temporal entre ambas as publicações, é possível inferir a solidade das preocupações da autora com a independência e emancipação feminina.

34 . Localizado em Jerusalém, o tanque de Betesda continha águas supostamente curativas. Foi diante dele que Jesus Cristo realizou um de seus mais significativos milagres, a cura de um paralítico. O episódio é mencionado no quinto capítulo do Evangelho segundo João.

CAPÍTULO 8

ANTES QUE A MEIA HORA TERMINASSE , soaram as cinco; as turmas foram liberadas, e todas se encaminharam ao refeitório para o chá. Aventurei-me então a descer. Já estava bastante escuro; recolhi-me a um canto e me sentei no chão. O encantamento que até aquele momento me sustentara começou a se desfazer; veio então a reação, e logo a dor que se apossou de mim foi tão intensa que afundei, prostrada, o rosto colado ao chão. E chorei. Helen Burns não estava ali, nada me amparava. Deixada por minha própria conta, entreguei-me, e minhas lágrimas molharam as tábuas do piso. Eu tinha a intenção de ser tão boa e de realizar tanto em Lowood, fazer tantas amigas, conquistar respeito e afeto. Já fizera visível progresso: naquela mesma manhã chegara a ser a primeira da minha turma; a srta. Miller me elogiara entusiasmada; a srta. Temple sorria com aprovação. Prometera ensinar-me desenho e deixar que eu aprendesse francês, se eu continuasse a fazer o mesmo progresso por mais dois meses. Além disso, eu era bem recebida pelas minhas colegas, tratada como igual pelas de minha idade, e deixada em paz por todas elas. Agora, ali estava eu mais uma vez esmagada e pisoteada; conseguiria voltar a me levantar?

“Nunca”, pensei, e desejei ardenteamente morrer. Enquanto proferia esse desejo aos soluços, alguém se aproximou. Ergui o rosto – Helen Burns estava outra vez junto de mim; o fogo que morria nas lareiras mostrara-a se aproximando pela sala extensa e vazia. Ela trazia meu café e meu pão.

– Vamos, coma alguma coisa – disse, mas eu recusei a comida e a bebida, sentindo que uma migalha teria feito com que eu engasgassem, em minha presente condição.

Helen me fitou, provavelmente surpresa. Eu não conseguia controlar a agitação, embora tentasse, e continuava chorando alto. Ela se sentou no chão ao meu lado, envolveu os joelhos com os braços e descansou a cabeça ali. Nessa postura permaneceu silenciosa como um indiano. Fui a primeira a

falar:

– Helen, por que fica ao lado de uma garota que todos acreditam ser uma mentirosa?

– Todos, Jane? Ora, só oitenta pessoas ouviram você ser chamada disso, e o mundo contém centenas de milhões.

– Mas o que tenho eu a ver com milhões? As oitenta que eu conheço me desprezam.

– Jane, você se engana. Provavelmente ninguém na escola a despreza ou antipatiza com você. Muitas, tenho certeza, apiedam-se de você.

– Como podem se apiedar depois do que o sr. Brocklehurst disse?

– O sr. Brocklehurst não é um deus. Ele nem sequer é um grande homem, muito admirado. Por aqui, a estima que lhe têm é pequena; ele nunca fez nada para conquistá-la. Se a tivesse tratado como uma favorita, como alguém especial, você encontraria inimigas, declaradas ou ocultas, por toda parte. Mas sendo a situação como é, a maioria haveria de lhe oferecer simpatia, se ousasse. As professoras e alunas podem manter certa distância por um ou dois dias, mas os sentimentos de amizade estão escondidos em seus corações; se você continuar se comportando bem, esses sentimentos vão dentro em breve aparecer de modo ainda mais evidente, devido à sua temporária supressão. Além disso, Jane...

Ela fez uma pausa.

– Sim, Helen? – perguntei, colocando minha mão na sua.

Ela esfregou meus dedos suavemente para aquecê-los, e prosseguiu:

– Se o mundo inteiro a detestasse, e a achasse má, enquanto a sua própria consciência a aprovasse e a absolvesse, você não estaria sem amigos.

– Não; sei que tenho motivos para pensar bem de mim mesma, mas isso não é suficiente. Se os outros não gostarem de mim, eu preferiria morrer a seguir vivendo... não posso suportar ser solitária e odiada, Helen. Veja, para conquistar um afeto real junto a você, ou à srta. Temple, ou a qualquer outra pessoa de quem eu realmente goste, eu me submeteria de bom grado a que me quebrassem o braço, ou deixaria que um touro me jogasse longe, ou pararia junto às patas traseiras de um cavalo e deixaria que golpeasse meu peito com seu casco...

– Acalme-se, Jane! Você dá um valor exagerado ao amor dos seres humanos; é impulsiva demais, passional demais. A Mão soberana que criou seu corpo e pôs vida dentro dele lhe deu outros recursos além do seu fraco eu, ou do que criaturas tão fracas quanto você. Para além desta terra, e para além da raça humana, há um mundo invisível e um reino dos espíritos. Esse mundo está ao nosso redor, em toda parte, e esses espíritos nos observam, pois é sua tarefa nos proteger. E se estivermos morrendo em meio à dor e à vergonha, se o desprezo nos afligir por todos os lados, e o ódio nos esmagar, os anjos veem as nossas torturas, reconhecem a nossa inocência (se formos inocentes, como sei que você é da acusação que o sr. Brocklehurst repetiu de segunda mão, com fraqueza e pompa, após tê-la ouvido da sra. Reed, pois percebo uma natureza sincera em seus olhos ardentes e em sua fronte desanuviada), e Deus aguarda só a separação entre o espírito e a carne para nos coroar com a merecida recompensa. Por que, então, deixar-nos abater pela aflição, quando a vida é tão breve, e a morte é o caminho certo para a felicidade e a glória?

Fiquei em silêncio. Helen me acalmara, mas a tranquilidade que transmitia estava tingida com inexprimível tristeza. Tive a impressão de algum infortúnio enquanto ela falava, mas não sabia dizer de onde vinha. E quando, após terminar de falar, sua respiração se acelerou um pouco e ela tossiu uma tosse curta, por um instante esqueci meus próprios pesares e senti uma vaga preocupação com ela.

Descansando a cabeça no ombro de Helen, envolvi os braços em torno de sua cintura. Ela me puxou para junto de si, e ficamos ali em silêncio. Não se passou muito tempo e outra pessoa chegou. Nuvens pesadas, varridas do céu pelo vento que começava a soprar, tinham desnudado a lua; sua luz, derramando-se por uma janela próxima, caía em cheio sobre nós duas e sobre o vulto que se aproximava, e que de imediato reconhecemos como sendo a sra. Temple.

– Vim falar com você, Jane Eyre – disse ela. – Querovê-la no meu quarto. E como Helen Burns está com você, pode vir também.

Fomos. Seguindo a diretora, tivemos que percorrer corredores intrincados e subir uma escada até chegar aos seus aposentos; havia uma lareira acesa, e o quarto parecia acolhedor. A sra. Temple disse a Helen Burns que se sentasse numa poltrona baixa a um lado da lareira. Sentando-se na outra, chamou-me para junto de si.

– Terminou? – indagou ela, fitando meu rosto. – Já chorou tudo que precisava?

– Acho que nunca vou chorar tudo que preciso.

– Por quê?

– Porque fui acusada injustamente. E a senhora, madame, e todas as outras vão agora achar que sou má.

– Vamos pensar que é aquilo que demonstrar ser, mocinha. Continue se comportando como uma boa menina e há de nos deixar satisfeitas.

– Mesmo, srtá. Temple?

– Claro que sim – disse ela, envolvendo-me com o braço. – E agora me diga: quem é a senhora que o sr. Brocklehurst chamou de sua benfeitora?

– A sra. Reed, esposa do meu tio. Meu tio morreu, e me deixou sob seus cuidados.

– Então ela não a adotou por sua livre vontade?

– Não, senhora; ela lamentou ter de fazê-lo. Mas meu tio, como ouvi com frequência os criados dizerem, fez com que ela prometesse, antes de morrer, que haveria de cuidar de mim para sempre.

– Bem, Jane, você sabe, ou se não sabe vou lhe informar: quando um criminoso é acusado, tem sempre permissão de falar em sua defesa. Você foi acusada de ser mentirosa; defende-se, agora, como puder. Diga o que quer que sua memória sugira como sendo verdade, mas não acrescente nada e não exagere nada.

Resolvi, no íntimo do meu coração, que falaria de forma moderada – de forma correta. E, após refletir alguns minutos a fim de organizar com coerência o que tinha a dizer, contei-lhe toda a história da minha triste infância. Exausta pela emoção, minha maneira de falar estava mais suave do que em geral acontecia quando eu abordava esse tema tão triste. Atenta às advertências de Helen a não ceder ao ressentimento, infundi na narrativa bem menos rancor e amargura do que o habitual. Que assim contida e simplificada parecia mais digna de crédito: senti, à medida que prosseguia, que a srtá. Temple acreditava em tudo.

No decorrer do relato, mencionei que o sr. Lloyd fora me ver após o meu desmaio. Nunca esqueci o episódio do quarto vermelho, que foi aterrorizador.

Ao descrevê-lo, minha emoção certamente foi extravasada, pois nada conseguia abrandar em minha memória o espasmo de agonia que esmagara meu coração quando a sra. Reed rejeitou minha desesperada súplica por perdão e me trancou uma segunda vez no quarto escuro e mal-assombrado.

Eu terminara; a sra. Temple me fitou em silêncio por alguns minutos, então disse:

– Conheço o sr. Lloyd. Vou escrever a ele. Se a resposta estiver de acordo com o seu relato, você será publicamente inocentada de qualquer acusação. Para mim, Jane, já está inocentada.

Ela me deu um beijo e, ainda me mantendo ao seu lado (onde eu me sentia feliz, encontrando um prazer infantil em contemplar seu rosto, seu vestido, seus poucos adereços, sua testa pálida, seus cachos fartos e brilhantes e seus reluzentes olhos negros), dirigiu-se então a Helen Burns.

– Como você se sente esta noite, Helen? Tossiu muito hoje?

– Não tanto, acho, senhora.

– E a dor no peito?

– Está um pouco melhor.

A sra. Temple se levantou, tomou-lhe a mão e lhe examinou o pulso; voltou então à poltrona, e ao fazê-lo ouvi que suspirava. Ficou pensativa por alguns minutos. Então, levantando-se, disse alegremente:

– Mas vocês duas são minhas convidadas, hoje, e devem ser tratadas apropriadamente.

Ela tocou a sineta.

– Barbara – disse à criada que a atendeu –, eu ainda não tomei chá. Traga a bandeja, e coloque xícaras para essas duas mocinhas.

E uma bandeja logo foi trazida. Que lindos, aos meus olhos, pareciam o bule e as xícaras de porcelana colocados sobre a mesinha redonda diante da lareira! Que fragrante o vapor que exalava a bebida, e o cheiro da torrada!, da qual, para minha deceção (pois eu começava a sentir fome), vi somente uma porção muito pequena: a sra. Temple notou o mesmo.

– Barbara – disse ela –, não pode trazer um pouco mais de pão e manteiga? Não há suficiente para três.

Barbara se foi. Regressou logo.

– Madame, a sra. Harden disse que mandou a quantidade habitual.

A sra. Harden, observe-se, era a governanta, uma mulher feita à imagem e semelhança do sr. Brocklehurst, um coração com porções iguais de ferro e barbatana de baleia.

– Ah, muito bem! – respondeu a srt. Temple. – Vamos nos arranjar como for possível, então, Barbara.

Quando a moça se retirou, ela acrescentou, sorrindo:

– Felizmente estou preparada para remediar essa deficiência.

Convidando a mim e a Helen para nos aproximarmos da mesa, e colocando diante de cada uma de nós uma xícara de chá com uma deliciosa mas fina fatia de torrada, ela se levantou, destrancou uma gaveta e, tirando dali um pacote embrulhado em papel, revelou-nos um bolo com aroma de especiarias.

– Queria dar a vocês um pedaço para que levassem ao seu quarto – disse ela –, mas como há tão pouca torrada podem comer agora.

E ela se pôs a cortar generosas fatias.

Banqueteamo-nos, naquela noite, com néctar e ambrosia. E era cheio de alegria e contentamento o sorriso com que nos observava nossa anfitriã, enquanto satisfazíamos nosso apetite esfomeado com as delícias que ela generosamente oferecia. Terminado o chá e levada a bandeja, ela mais uma vez nos chamou para junto da lareira. Sentamo-nos uma a cada lado seu, e então seguiu-se uma conversa entre ela e Helen, que foi um verdadeiro privilégio poder escutar.

A srt. Temple tinha sempre algo de sereno em sua postura, de nobre em seu semblante e de refinada adequação em sua maneira de falar que impedia que a conversa ganhasse um tom ardente, excitado ou ansioso. Era algo que purificava o prazer dos que olhavam para ela e a ouviam, com uma sensação de reverência. E aquele era o meu sentimento, agora. Mas com Helen Burns eu estava verdadeiramente maravilhada.

A refeição saborosa, o fogo vívido e a presença e a gentileza de sua adorada instrutora – ou, talvez, mais do que tudo isso, algo em sua mente única – despertaram suas energias. Avivaram-se, reluziram. Primeiro, refugiram na cor acalorada de seu rosto, que até então eu só vira pálido e

exangue; depois brilharam no lustre líquido de seus olhos, que de súbito adquiriram uma beleza mais singular do que os da srta. Temple – uma beleza que não vinha da cor, de cílios longos ou de sobrancelhas bem-desenhadas, mas de intenção, movimento e resplendor. Então sua alma pousou em seus lábios, e as palavras fluíram, de que fonte não sei dizer: tem uma garota de quatorze anos um coração grande e vigoroso o suficiente para conter o manancial transbordante de pura, completa e ardente eloquência? Essa era a característica do discurso de Helen naquela noite que, para mim, foi memorável. Seu espírito parecia apressar-se para viver num momento muito breve o que muitos vivem ao longo de uma existência prolongada.

Conversaram sobre coisas de que eu nunca ouvira falar, sobre nações e tempos passados, sobre países distantes, sobre segredos da natureza, conhecidos ou supostos. Falaram de livros: quantos tinham lido! Quanto conhecimento possuíam! E pareciam tão familiarizadas com nomes franceses e autores franceses. Mas o meu deslumbramento chegou ao ápice quando a srta. Temple perguntou a Helen se ela vez por outra encontrava um momento para recordar o latim que seu pai lhe ensinara, e, tirando um livro da estante, pediu-lhe que lesse e analisasse um trecho de Virgílio.³⁵ Helen obedeceu, meu órgão de veneração expandindo-se a cada linha. Ela mal terminara quando o sino anunciou a hora de dormir; não se admitia atraso. A srta. Temple abraçou-nos às duas, dizendo, enquanto nos puxava para junto do peito:

– Deus as abençoe, meninas!

A Helen ela manteve assim por um pouco mais de tempo do que a mim; largou-a com mais relutância. Foi a Helen que seu olhar acompanhou até a porta; foi por ela que deu um suspiro triste e enxugou uma lágrima do rosto.

Ao chegar ao quarto, ouvimos a voz da srta. Scatcherd: ela examinava gavetas, e acabava de abrir a de Helen Burns. Quando entramos, Helen foi recebida com uma severa repreensão, e informada de que no dia seguinte teria meia dúzia de itens maldobrados presos com alfinetes ao seu ombro.

– Minhas coisas estavam mesmo numa desordem vergonhosa – murmurou Helen para mim, em voz baixa. – Eu pretendia arrumá-las, mas esqueci.

Na manhã seguinte, a srta. Scatcherd escreveu com letras grandes a palavra “desleixada” num pedaço de papelão, que prendeu como um filactério em

torno da fronte ampla, suave, inteligente e bondosa de Helen. Ela o usou até a noite, paciente, sem guardar rancor, e considerando-o merecida punição. No momento em que a srt. Scatcherd se retirou, após as aulas da tarde, corri até Helen, arranquei o papelão e o tirei no fogo. A fúria de que ela era incapaz ardera em minha alma durante todo o dia, e lágrimas gordas tinham queimado meu rosto sem parar: meu coração doía de maneira insuportável com o espetáculo de sua triste resignação.

Cerca de uma semana após os incidentes narrados acima, a srt. Temple, que escrevera ao sr. Lloyd, recebeu uma resposta. Aparentemente, o que ele dizia corroborava meu relato. Reunindo a escola inteira, a srt. Temple anunciou que um inquérito fora feito sobre as acusações contra Jane Eyre, e que ela se alegrava em declará-la inteiramente isenta de qualquer culpa. As professoras então me cumprimentaram com apertos de mão e beijos, e um murmúrio de prazer percorreu minhas companheiras enfileiradas.

Aliviada de um fardo pesado, voltei daquele momento em diante a trabalhar com afinco, decidida a abrir caminho através de qualquer dificuldade. Dediquei-me muito, e meu sucesso foi proporcional aos meus esforços. Minha memória, habitualmente não muito tenaz, melhorou com a prática; os exercícios aguçaram minha inteligência. Em poucas semanas fui promovida a uma classe mais avançada; em menos de dois meses tive permissão para começar a estudar francês e desenho. Aprendi os dois primeiros tempos do verbo *être* e desenhei minha primeira casinha (cujas paredes, aliás, rivalizavam em ângulo com as da torre inclinada de Pisa)³⁶ no mesmo dia. Naquela noite, ao ir para a cama, esqueci-me de preparar em minha mente o banquete imaginário de batatas assadas ou de pão branco e leite fresco com que de hábito estava acostumada a ocupar meus anseios interiores. Em vez disso, banqueteei-me com o espetáculo de desenhos perfeitos que via no escuro – todos eles feitos pela minha mão: casas e árvores desenhadas a mão livre, rochedos e ruínas pitorescos, rebanhos em pequenos grupos ao estilo de Cuyp,³⁷ belas pinturas de borboletas evoçando sobre botões de rosas, de pássaros bicando cerejas maduras, de ninhos de carriça tecidos com raminhos de hera abrigando ovos feito pérolas. Também examinei, em meu pensamento, a possibilidade de algum dia ser capaz de traduzir correntemente certo livro de histórias francesas que madame Pierrot uma vez me mostrara; o problema ainda não estava resolvido de maneira

satisfatória em minha mente quando adormeci, feliz.

Sábias as palavras de Salomão: “Melhor é a comida de hortaliça onde há amor do que o boi cevado, e com ele o ódio.” [38](#)

Eu já não trocaria Lowood, com todas as suas privações, por Gateshead e seu luxo cotidiano.

[35](#) . Públis Virgílio Maro (70-19 a.C.) foi um poeta romano do período augustano. É autor de três das principais obras da literatura da Era de Ouro latina: as Bucólicas, as Geórgicas e o épico Eneida.

[36](#) . Construída durante um período de 177 anos entre os sécs. XII e XIV, a torre de Pisa é o campanário da catedral da cidade italiana de mesmo nome. A inclinação que a torna célebre ocorreu no estágio inicial da construção (1178), em virtude de fundações pouco profundas e um solo instável. Atribui-se sua permanência aos longos intervalos de tempo entre as etapas da construção, com a consequente reacomodação do solo sob o peso da torre.

[37](#) . Albert Cuyp (1620-91) foi um dos principais pintores realistas de paisagens da Idade de Ouro da pintura holandesa.

[38](#) . Citação de Provérbios 15:17.

CAPÍTULO 9

MAS AS PRIVAÇÕES, ou, antes, as adversidades de Lowood diminuíram. A primavera se aproximava – na verdade, já se sentia no ar. As geadas do inverno cessaram, a neve derreteu, as ventanias cortantes amainaram. Meus pobres pés, esfolados e inchados pelos ares inclementes de janeiro, a ponto de me fazer mancar, começaram a sarar sob as aragens brandas de abril. As noites e manhãs não mais nos congelavam o sangue nas veias, com suas temperaturas canadenses. Agora suportávamos a hora de recreio no jardim; às vezes, num dia de sol, podia mesmo ser agradável. Aqueles canteiros marrons começavam a se tingir de verde e, mais viçosos a cada dia, sugeriam a ideia de que a Esperança passava por ali durante a noite e deixava, pela manhã, marcas cada vez mais vivas de sua passagem. Flores espiavam em meio às folhas: campânulas-brancas, açafrões, prímulas roxas e amores-perfeitos tingidos de dourado. Nas tardes de quinta-feira, que eram meio feriado, saímos agora para caminhar, e encontrávamos flores ainda mais graciosas se abrindo junto ao caminho, debaixo da sebe.

Também descobri que havia um grande prazer, uma alegria que só o horizonte limitava, para além dos muros altos e encimados por pontas de ferro do nosso jardim. Esse prazer consistia na vista de majestosos cumes circundando um amplo vale, coberto de verde e sombras, e num resplandecente riacho de pedras negras e redemoinhos cintilantes. Como essa paisagem parecera diferente quando eu a observara sob o céu plúmbeo do inverno, endurecida de gelo, envolta na mortalha da neve! Uma bruma gelada como a morte errava por ali, então, ao impulso do vento leste, em meio aos cimos purpúreos, e corria pela campina até se misturar à frígida bruma do riacho! Esse riacho era, àquela altura, uma torrente turva e indomável, que partia as árvores e lançava ao ar um sonoro rugido, muitas vezes engrossado pela chuva ou pelo granizo que caía num turbilhão. E quanto à floresta às suas margens, só o que havia ali eram esqueletos.

Abril deu lugar a maio – um mês claro e sereno, todo ele composto por dias de céu azul, brilho plácido do sol e vento suave soprando do oeste ou do sul. E a vegetação agora chegava ao seu ápice, vigorosa. Lowood sacudia as tranças: estava agora toda verde, toda florida. Os imensos esqueletos dos olmos, freixos e carvalhos foram devolvidos à sua majestosa vida; as plantas rasteiras brotavam em profusão em seus recantos; uma variedade incontável de musgo enchia as calhas e a profusão de primulas fazia com que um outro sol brilhasse no chão – vi seu lume amarelo-claro espalhado nas sombras, disseminando ali o mais doce esplendor. De tudo isso eu desfrutava com frequência e integralmente, em liberdade, sem vigilância, e quase sozinha – pois para essa inusitada liberdade e para esse prazer havia uma causa, que agora devo relatar.

Não acabo de descrever um local agradável para se viver, quando falo dele como abraçado por colinas e pela floresta, às margens de um riacho? Muito agradável, de fato; se era saudável ou não, essa é outra história.

Aquele vale junto à floresta, onde ficava Lowood, era o berço da névoa [39](#) e das enfermidades carregadas pela névoa – que, avançando junto com a primavera, esgueirou-se até o Asilo de Órfãs, soprou tifo em suas salas e dormitórios apinhados e, antes que maio chegasse, transformou o seminário num hospital.

A alimentação escassa e os resfriados negligenciados tinham deixado a maioria das alunas predispostas a contrair a infecção: quarenta e cinco das oitenta meninas caíram doentes ao mesmo tempo. As aulas foram interrompidas e as regras, afrouxadas. Às poucas que continuavam bem se dava liberdade quase ilimitada: o médico insistia na necessidade de exercício frequente para que continuassem saudáveis – e ainda que não fosse o caso, ninguém tinha tempo para vigiá-las ou reprimi-las. Toda a atenção da srt. Temple era absorvida pelas pacientes: ela morava na enfermaria, jamais saindo dali exceto para umas poucas horas de repouso durante a noite. As professoras estavam integralmente ocupadas com as malas e outros preparativos necessários à partida das garotas afortunadas o bastante para ter amigos ou parentes com condições e disposição de removê-las do local de contágio. Muitas, já doentes, foram para casa apenas para morrer; outras morreram na escola, e foram enterradas sem alarde e depressa, a natureza da enfermidade não permitindo demora. [40](#)

Enquanto a doença passara a residir em Lowood e a morte se tornara visita constante; enquanto entre as paredes havia tristeza e medo; enquanto os quartos e corredores estavam tomados por um cheiro de hospital, medicamentos e fumigações que tentavam em vão sobrepujar os eflúvios da mortalidade, aquele luminoso maio brilhava sem nuvens sobre as colinas majestosas e a bela floresta lá fora. O jardim também resplandecia: malvas se erguiam altas como árvores, lírios se abriram, tulipas e rosas desabrochavam; as beiradas dos canteirinhos estavam radiantes com pequenas flores rosa e carmim; a roseira-brava exalava, pela manhã e à noite, o seu cheiro de especiarias e maçãs. Esses fragrantes tesouros eram todos inúteis para a maioria das internas de Lowood, exceto ao fornecer de vez em quando um punhado de flores e folhas para adornar um caixão.

Mas eu e as outras que permaneciam com saúde desfrutávamos integralmente das belezas da paisagem e da estação. Deixavam que perambulássemos pela floresta, como ciganas, da manhã à noite; fazíamos o que queríamos, íamos aonde queríamos: vivíamos melhor, também. O sr. Brocklehurst e sua família agora já não chegavam perto de Lowood; as questões domésticas não eram analisadas. A governanta mal-humorada se fora, afugentada pelo medo da infecção, e sua sucessora, antes responsável pelo Dispensário de Lowton, não estava acostumada aos hábitos da nova moradia e se portava com certa liberalidade. Além disso, havia menos alunas para alimentar: as enfermas não conseguiam comer muito, e nossas tigelas de desjejum ficavam mais cheias. Quando não havia tempo para preparar um almoço normal, o que com frequência acontecia, ela nos dava um pedaço grande de torta fria, ou uma fatia grossa de pão com queijo, que levávamos para a floresta, onde escolhíamos o local de que mais gostávamos e almoçávamos suntuosamente.

Meu lugar preferido era uma pedra grande e lisa, que se projetava branca e seca no meio do riacho; até ali, só se chegava caminhando pela água rasa, o que eu fazia descalça. A pedra era larga o suficiente para acomodar confortavelmente a mim e a outra menina, nessa época minha colega predileta, Mary Ann Wilson. Ela era uma pessoa sagaz e observadora, cuja companhia eu desfrutava, em parte porque ela era inteligente e original, e em parte porque seu modo de agir me deixava à vontade. Alguns anos mais velha do que eu, ela sabia mais do mundo, e podia me contar muitas coisas que eu

gostava de escutar. Com ela, minha curiosidade se sentia satisfeita. E com os meus defeitos ela era bastante indulgente, jamais impondo entraves ou controlando o que quer que eu dissesse. Demonstrava talento para a narrativa e eu para a análise; gostava de informar e eu, de questionar. Assim, nós nos entendíamos bem, encontrando muito prazer nesse convívio, e também crescendo com ele.

E onde estava, enquanto isso, Helen Burns? Por que eu não passava esses doces dias de liberdade com ela? Esquecera-a? Ou será que eu era tão desprezível a ponto de me cansar da sua companhia pura? Decerto que a mencionada Mary Ann Wilson era inferior à minha outra colega: só tinha como me contar histórias divertidas, e retribuía alguns mexericos atrevidos e mordazes que eu porventura fazia. Enquanto Helen, sendo verdade o que falei a seu respeito, tinha condições de dar àqueles que desfrutavam do privilégio de conversar com ela o gosto de coisas muito mais elevadas.

É verdade, leitor; disso eu sabia e isso sentia. E embora eu seja uma criatura defeituosa, com muitas falhas e poucos méritos capazes de me redimir, nunca me cansei de Helen Burns, tampouco deixei de nutrir por ela um sentimento de afeto, tão forte, terno e respeitoso quanto qualquer outro que meu coração jamais conhecera. Como poderia ser diferente se Helen, em todos os momentos e sob quaisquer circunstâncias, demonstrava por mim uma amizade tranquila e fiel, que o mau humor nunca azedava e que a irritação nunca perturbava? Mas Helen estava, no momento, doente: fazia algumas semanas que sumira de vista e se encontrava não sei em que quarto lá em cima. Não estava, fui informada, na parte da casa transformada em hospital, onde se encontravam os pacientes com febre; sua doença era consunção, e não tifo. E por consunção, eu, em minha ignorância, pensei em algo brando, que o tempo e os cuidados certamente haveriam de aliviar.

Essa ideia me foi confirmada pelo fato de que ela descia, uma ou duas vezes, em tardes quentes e ensolaradas, e a srta. Temple a levava ao jardim. Mas eu não tinha permissão de ir falar com ela nessas ocasiões; via-a somente pela janela da sala de aula, e de forma não muito distinta – ela estava muito agasalhada, e sentada à distância na varanda.

Certa noite, no princípio de junho, eu ficara lá fora na floresta até bem tarde com Mary Ann. Tínhamos, como de hábito, nos separado das outras, e caminhado até mais longe – tão longe que nos perdemos, e tivemos que pedir

informação numa casinha solitária onde viviam um homem e uma mulher cuidando de uma vara de porcos meio selvagens, que se alimentavam de frutos na floresta. Quando voltamos, a lua já nascera. Um pônei, que sabíamos pertencer ao médico, estava parado na porta do jardim. Mary Ann observou que alguém devia estar muito doente, pois raramente mandavam chamar o sr. Bates àquela hora da noite. Ela entrou; eu fiquei lá fora mais alguns minutos a fim de plantar no meu jardim um punhado de raízes que trouxera da floresta, e que, temia, haveriam de murchar se as deixasse ali até de manhã. Terminada a tarefa, ainda me demorei um pouco mais: o cheiro das flores era tão doce sob o orvalho, e a noite estava tão agradável, tão serena. Um resto de luz a oeste prometia mais um belo dia quando amanhecesse; a lua subia tão majestosa no grave oriente. Eu notava essas coisas e desfrutava delas como uma criança desfruta, quando algo penetrou em minha mente pela primeira vez:

“Que tristeza estar agora num leito, enferma, e correr risco de vida! O mundo é tão agradável... que terrível ser chamada a deixá-lo, e ter de ir sabe-se para onde!”

E então minha mente fez o primeiro esforço consciente para compreender o que nela fora infundido acerca do céu e do inferno: pela primeira vez ela recuou, desorientada. E olhando pela primeira vez para trás, para os lados e para o que estava adiante minha mente viu, por toda parte, um incomensurável abismo. Sentia o ponto em que se encontrava – o presente. Tudo mais era uma nuvem disforme, um vazio sem fundo; minha mente estremeceu ante a ideia de vacilar e desabar nesse caos. Enquanto refletia sobre esse novo pensamento, ouvi a porta da frente se abrir; o sr. Bates saiu, e com ele uma enfermeira. Depois de ajudá-lo a montar em seu cavalo e partir, estava prestes a fechar a porta, mas corri até ela.

- Como está Helen Burns?
- Muito mal – foi a resposta.
- O sr. Bates veiovê-la?
- Sim.
- E o que ele disse sobre ela?
- Disse que não vai ficar aqui por muito tempo.

Essa frase, pronunciada na véspera aos meus ouvidos, teria apenas

transmitido a informação de que ela seria levada para sua casa em Northumberland. Não teria suspeitado significar que estava morrendo. Agora, porém, eu soube no mesmo instante: revelou-se com clareza para mim a compreensão de que Helen Burns estava passando seus últimos dias neste mundo, e que seria levada para a região dos espíritos, se é que tal região existia. Senti um terrível choque, depois uma tristeza imensa, e então o desejo, ou, antes, a necessidade devê-la. Perguntei em que quarto estava.

– No quarto da sra. Temple – disse a enfermeira.

– Posso subir para falar com ela?

– Ah, não, minha filha! Não é possível. E agora está na hora de você entrar; vai acabar com febre se ficar aí fora com o orvalho caindo.

A enfermeira fechou a porta da frente; entrei pela lateral, que levava à sala de aula. Bem a tempo: eram nove horas, e a sra. Miller chamava as alunas para irem se deitar.

Cerca de duas horas depois, talvez perto das onze, como não conseguia dormir e imaginava, pelo silêncio completo do dormitório, que minhas colegas estavam todas imersas em profundo repouso, levantei-me em silêncio, coloquei o vestido por cima da camisola e, descalça, saí dali em busca do quarto da sra. Temple. Ficava na outra extremidade da casa, mas eu sabia como chegar; a luz da lua no céu límpido de verão, penetrando aqui e ali em janelas nos corredores, permitiu-me encontrá-lo sem dificuldade. Um odor de cânfora e vinagre queimado advertiu-me quando me aproximei do quarto da febre, pelo qual passei depressa, com medo de que a enfermeira que ficava de vigília ali por toda a noite me escutasse. Temia ser descoberta e mandada de volta, pois *tinha* de ver Helen – tinha de abraçá-la antes que ela morresse, dar-lhe um último beijo, trocar com ela uma última palavra.

Após descer uma escadaria, atravessar uma parte da casa lá embaixo e seguir abrindo e fechando, sem fazer ruído, duas portas, cheguei a outro lance de escadas. Subi, e diante de mim estava o quarto da sra. Temple. Via-se, pelo buraco da fechadura e por baixo da porta, a luz acesa; uma profunda quietude reinava nos arredores. Aproximando-me, encontrei a porta entreaberta, talvez para deixar entrar um pouco de ar fresco no quarto da doente. Sem hesitar, tomada por impulsos impacientes – a alma e os sentidos a estremecer –, empurrei-a e olhei para dentro. Meus olhos buscavam Helen,

temendo encontrar a morte.

Junto à cama da srta. Temple, e parcialmente coberta pelo cortinado branco, havia uma cama de criança. Vi os contornos de um corpo deitado sob as cobertas, mas o rosto estava oculto pelo dossel. A enfermeira com quem eu falara no jardim adormecera numa poltrona; uma vela queimava fraca sobre a mesa. A srta. Temple não estava: soube, depois, que havia sido chamada a ver uma paciente delirante no quarto das doentes. Adiantei-me, e parei ao lado da cama. Minha mão segurava o dossel, mas preferi falar antes de afastá-lo. Ainda recuava de medo ante a possibilidade de ver um cadáver.

– Helen! – sussurrei baixinho –, está acordada?

Ela se mexeu, puxou o cortinado e pude ver seu rosto, pálido, magro, mas bastante sereno; ela parecia tão pouco mudada que meus temores se dissiparam no mesmo instante.

– É você, Jane? – perguntou, com sua voz suave.

“Ah!”, pensei, “ela não vai morrer; enganam-se: se fosse, não falaria com tanta calma, nem teria esse aspecto tranquilo.”

Subi em sua cama e a beijei. Sua testa estava fria, e sua face tanto fria quanto magra, bem como sua mão e seu punho. Mas ela sorria como antes.

– Por que veio até aqui, Jane? Já passa das onze horas; ouvi o relógio soar não faz muito.

– Vim vê-la, Helen. Ouvi dizer que está muito doente, e não ia conseguir dormir até falar com você.

– Então veio se despedir de mim. E provavelmente chegou bem a tempo.

– Você vai a algum lugar, Helen? Vai para casa?

– Sim, para a minha casa eterna..., [41](#) para minha última morada.

– Não, não, Helen! – interrompi, aflita.

Enquanto eu tentava engolir minhas lágrimas, Helen teve um acesso de tosse, que contudo não acordou a enfermeira. Quando terminou, ficou deitada exausta por alguns minutos, então sussurrou:

– Jane, seus pezinhos estão descalços, deite-se e se cubra com a minha colcha.

Obedeci. Ela passou o braço ao meu redor, e eu me aninhei ali. Após um

longo silêncio, ela prosseguiu, ainda sussurrando:

– Estou muito feliz, Jane. E quando você receber a notícia de que morri, não deve lamentar. Não há nada para lamentar. Todos vamos morrer um dia, e a doença que está me levando embora não me causa sofrimento. É suave e gradual. Minha mente está tranquila. Não deixo ninguém que vá lamentar muito a minha perda; tenho só o meu pai, que recentemente voltou a se casar, e não há de sentir falta de mim. Morrendo jovem, vou evitar grandes sofrimentos. Não tenho qualidades ou talentos para me sair muito bem no mundo; estaria continuamente cometendo erros.

– Mas para onde você vai, Helen? Consegue ver? Sabe?

– Acredito. Tenho fé. Eu vou para junto de Deus.

– Onde está Deus? O que é Deus?

– Meu Criador, e seu também, que nunca destrói o que criou. Eu me fio cegamente em Seu poder, e confio por completo em Sua bondade: conto as horas até que a ceifadora venha me devolver a Ele, revelar-me a Ele.

– Tem certeza, então, Helen, de que o céu realmente existe, e que para lá nossas almas podem ir quando morremos?

– Tenho certeza de que há um estado futuro; acredito que Deus é bom. Posso entregar a Ele minha porção imortal sem a menor apreensão. Deus é meu pai, é meu amigo. Eu o amo, e acredito que Ele me ama.

– E vou vê-la outra vez quando eu morrer?

– Você virá ao mesmo território de felicidade, e será recebida pelo mesmo poderoso Pai universal, sem dúvida, querida Jane.

De novo perguntei, mas dessa vez só em meus pensamentos. “Onde fica esse território? Existe?” E abracei Helen com mais força; ela me parecia mais preciosa do que nunca. Eu sentia que não podia deixar que se fosse. Fiquei deitada com o rosto escondido em seu pescoço. Pouco depois ela me disse, num tom de voz muito suave:

– Eu me sinto tão confortável! Aquele último ataque de tosse me cansou um pouco. Quero dormir. Mas não me deixe, Jane; gosto de tê-la perto de mim.

– Vou ficar com você, querida . Ninguém me levará daqui.

– Está aquecida?

– Sim.

– Boa noite, Jane.

– Boa noite, Helen.

Ela me beijou, e eu a ela, e ambas logo adormecemos.

Quando acordei, já era dia. Um movimento incomum me despertou. Olhei; estava nos braços de alguém. Era a enfermeira que me levava pelo corredor de volta ao dormitório. Não fui repreendida por ter deixado minha cama. As pessoas tinham outro assunto em que pensar. Nenhuma resposta foi dada, então, às minhas muitas perguntas, mas após um dia ou dois fiquei sabendo que a srta. Temple, ao voltar ao seu quarto quando raiava o dia, encontrara-me na caminha, o rosto contra o ombro de Helen, os braços ao redor do seu pescoço. Eu estava adormecida; Helen... estava morta.

Seu túmulo está no cemitério de Brocklebridge. Por quinze anos após a sua morte esteve coberto somente por um montinho gramado, mas agora marca o local uma placa de mármore, onde estão inscritos seu nome e a palavra “*Resurgam* ”. ⁴²

³⁹ . A passagem alude à antiga noção de miasma como propagador de epidemias. Em um período em que não se tinha notícia da existência das bactérias, acreditava-se que eram os vapores perigosos e eflúvios surgidos das profundezas da terra que traziam doenças.

⁴² . Termo latino que significa “Hei de me levantar novamente”.

CAPÍTULO 10

ATÉ AQUI, registrei com detalhes os eventos da minha existência insignificante: para os dez primeiros anos da minha vida dediquei quase o mesmo número de capítulos. Mas esta não deve ser uma autobiografia tradicional: [43](#) só estou obrigada a invocar a memória quando sei que suas respostas terão algum grau de interesse. Portanto, passo agora um período de oito anos quase em silêncio. Só umas poucas linhas são necessárias para fazer a conexão.

Quando a febre tifoide acabou de cumprir sua função de devastação em Lowood, desapareceu gradualmente dali, mas só depois que sua virulência e o número de vítimas já tinham chamado a atenção do público à escola. Investigações foram feitas sobre a origem do flagelo, e aos poucos vieram à tona vários fatos que provocaram intensa indignação pública. A natureza insalubre do local, a quantidade e qualidade da comida das crianças, a água salobra e fétida usada em seu preparo, as roupas e acomodações miseráveis das alunas – todas essas coisas foram descobertas. E esse fato produziu um resultado arrasador para o sr. Brocklehurst, mas benéfico à instituição.

Vários indivíduos ricos e caridosos do condado fizeram generosas doações para a construção de uma casa mais conveniente e mais bem-localizada. Criou-se um novo regulamento, introduziram-se melhorias na dieta e no vestuário; os fundos da escola foram confiados à administração de um comitê. O sr. Brockle-hurst, que, devido à sua fortuna e às suas conexões familiares, não podia ser desconsiderado, ainda manteve o posto de tesoureiro. Mas era auxiliado, no cumprimento de suas tarefas, por cavalheiros de mentes bem mais generosas e compreensivas. Seu posto de inspetor também foi dividido com aqueles que sabiam como combinar razão e rigor, conforto e economia, compaixão e equidade. A escola, a partir dessas melhorias, tornou-se com o tempo uma instituição verdadeiramente útil e nobre. Continuei ali como interna, depois da reforma, por oito anos – seis

como aluna e dois como professora. E em ambas as posições posso testemunhar seu valor e importância.

Durante esses oito anos, minha vida foi uniforme, mas não infeliz, porque eu não estava inativa. Tive uma excelente educação ao meu dispor; o interesse por alguns dos meus estudos e um desejo de sobressair em todos, juntamente com um grande prazer em agradar as professoras, sobretudo aquelas de quem gostava, impeliam-me adiante. Aproveitei integralmente os benefícios que me eram oferecidos. Com o tempo, cheguei a ser a primeira aluna da primeira classe; depois confiaram-me o posto de professora, que ocupei com dedicação por dois anos, ao fim dos quais fui embora.

A sra. Temple continuara, ao longo de todas essas mudanças, a ser a diretora do seminário: às suas instruções devo a nata dos meus conhecimentos. Sua amizade e companhia foram meu contínuo conforto; ela me apoiou fazendo papel de mãe, governanta e, ao fim, colega. Durante esse período ela se casou, mudou-se com o marido (um clérigo, excelente pessoa, quase digno de uma esposa como ela) para um condado distante, e consequentemente desapareceu da minha vida.

Desde o dia em que partiu, não fui mais a mesma. Com ela se foi cada sentimento estável, cada vínculo que transformara Lowood até certo ponto em um lar para mim. Eu absorvera algo de sua natureza e muito de seus hábitos, de seus pensamentos mais harmoniosos; sentimentos que pareciam mais bem regulados tornaram-se os habitantes da minha mente. Eu jurara lealdade ao dever e à ordem; era tranquila; acredito que me sentisse satisfeita: aos olhos dos outros, e em geral até mesmo aos meus, eu parecia ter um temperamento disciplinado e brando.

Mas o destino, na pessoa do rev. M. Nasmyth, se interpôs entre mim e a sra. Temple. Eu a vi subir, com seu vestido de viagem, numa diligência, logo após a cerimônia de casamento. Observei a diligência subir a colina e desaparecer lá no alto, e então me recolhi aos meus aposentos, onde passei sozinha a maior parte do meio feriado concedido em homenagem à ocasião.

Fiquei caminhando pelo quarto durante muito tempo. Imaginei estar apenas lamentando minha perda, e pensando em como repará-la, mas quando concluí minhas reflexões, ergui os olhos e vi que a tarde já se fora e que a noite já avançara, fiz outra descoberta: a de que naquele intervalo passara por

um processo de transformação, de que minha mente pusera de lado tudo que pegara emprestado com a srta. Temple – ou, antes, que ela levara embora consigo a atmosfera serena que eu antes respirava ao seu lado – e que agora eu fora deixada em meu elemento natural, e começava a sentir antigas emoções se revolvendo. Não era como se um ponto de apoio tivesse sido retirado, mas, antes, como se a motivação tivesse desaparecido. Eu não perdera a capacidade de me sentir tranquila, mas a razão para tal. Meu mundo, durante alguns anos, havia sido Lowood; minha experiência, a de suas regras e de seu sistema. Agora me lembrava de que o mundo real era vasto, e de que uma variada gama de esperanças e temores, de sensações e exaltação aguardava aqueles que tinham coragem de se aventurar por sua amplitude, de buscar o verdadeiro conhecimento da vida em meio aos seus perigos.

Fui até a janela, abri e olhei para fora. Ali estavam as duas alas da casa; ali estavam o jardim, os limites de Lowood, as colinas no horizonte. Meu olhar percorreu a paisagem e repousou nos picos azuis à distância. Eram eles que eu ansiava transpor; tudo o que ficava aquém de seu círculo de rocha e urze me parecia uma prisão, um exílio. Acompanhei o traçado da estrada branca que se enroscava ao pé de uma das montanhas e desaparecia num desfiladeiro entre outras duas. Como eu desejava seguir por ela e ir mais longe! Lembrei-me da ocasião em que viajara por essa mesma estrada numa diligência, descendo a montanha ao crepúsculo. Uma eternidade parecia haver se passado desde o dia da minha chegada a Lowood, de onde eu nunca saíra desde então. Minhas férias tinham todas sido passadas em casa. A sra. Reed nunca mandara me buscar para que eu voltasse a Gateshead; nem ela nem qualquer outra pessoa da família jamais viera me visitar. Eu não tivera qualquer comunicação, por carta ou mensagem, com o mundo externo. As regras e obrigações da escola, seus hábitos e noções, suas vozes e rostos e frases, costumes, preferências e antipatias: isso era o que eu sabia da existência. E agora sentia que não era o bastante. Cansei-me, numa tarde, da rotina de oito anos. Desejava liberdade, ansiava pela liberdade; pela liberdade rezei uma oração, que pareceu se dispersar no vento suave. Abandonei-a e fiz uma súplica mais humilde: por mudança, por estímulo. Esse pedido também pareceu ser varrido para o espaço.

– Então – exclamei, meio desesperada –, dê-me pelo menos uma nova

servidão!

Nesse momento, o sino, anunciando a hora do jantar, chamou-me a descer.

Não pude retomar a cadeia interrompida das minhas reflexões até a hora de ir dormir. Até mesmo uma professora que dividia comigo o quarto manteve-me afastada, com uma prolongada conversa sobre trivialidades, do tema ao qual eu ansiava por regressar. Como eu queria que o sono a silenciasse! Parecia-me que, se eu pudesse voltar à ideia que me ocupara por último a mente enquanto eu estava diante da janela, alguma sugestão criativa haveria de surgir, para o meu alívio.

A srta. Gryce por fim começou a roncar. Era uma galesa pesadona, e até então eu só considerara seus habituais esforços nasais um transtorno. Naquela noite, saudei com satisfação as primeiras notas profundas. Estava livre de interrupções, e meus pensamentos meio apagados regressaram no mesmo instante.

“Uma nova servidão! Há algo aí”, falei comigo mesma (mentalmente, é claro; não disse nada em voz alta). “Sei que há, porque não soa muito agradável. Não é como as palavras Liberdade, Entusiasmo, Satisfação: palavras que soam encantadoras, mas que não passam de sons para mim, e tão vazios e transitórios que é pura perda de tempo prestar atenção neles. Mas Servidão! Essa existe de verdade. Todos podem servir. Eu servi, aqui, durante oito anos. Agora, tudo o que desejo é ir servir em outro lugar. Será que posso mesmo querer isso? Não será factível? Sim... sim... o objetivo não é tão difícil, se eu ao menos tivesse um cérebro ativo o suficiente para encontrar os meios para atingi-lo.”

Sentei-me na cama a fim de despertar o cérebro. Era uma noite fria; cobri os ombros com um xale e então me dediquei a pensar com todas as forças.

“O que eu quero? Um lugar diferente, numa nova casa, em meio a rostos novos, sob novas circunstâncias. Quero isso porque não adianta querer algo melhor. Como as pessoas fazem para ir a um lugar diferente? Recorrem a amigos, imagino. Eu não tenho amigos. Há muitas outras pessoas sem amigos, que precisam cuidar de si mesmas e ajudar a si mesmas. Quais são os seus recursos?”

Eu não sabia dizer – as respostas não vinham. Ordenei a meu cérebro que encontrasse uma solução, e logo. Ele se pôs a trabalhar mais depressa. Senti

minha cabeça e minhas têmporas latejando, mas por quase uma hora minha mente trabalhou no caos, e seus esforços não tiveram resultado. Febril com esse esforço em vão, levantei-me e caminhei pelo quarto, abri a cortina, notei uma ou duas estrelas, estremeci de frio e voltei para a cama.

Uma fada boa certamente depositara a requerida sugestão em meu travesseiro durante minha ausência, pois quando me deitei ela me veio à mente com simplicidade e naturalidade: “Quem deseja um emprego põe anúncios. Você precisa anunciar... no *Herald do condado de...*”

“Mas como? Não sei nada de anúncios.”

As respostas agora vinham suave e prontamente:

“Deve pôr o anúncio e o dinheiro para pagá-lo num envelope endereçado ao editor do *Herald*. Deve levá-lo na primeira oportunidade ao correio em Lowton. As respostas devem ser endereçadas a J.E., posta-restante. Pode ir perguntar, uma semana depois de enviar a carta, se chegou alguma, e agir conforme for.”

Repasssei o esquema duas, três vezes, até ser digerido pela minha mente. Eu tinha uma forma clara e prática. Estava satisfeita, e adormeci.

Cedo no dia seguinte já estava de pé. Meu anúncio estava escrito, envelopado e endereçado antes que tocassem o sino despertando as alunas. Dizia o seguinte:

“Jovem acostumada a lecionar” (pois eu não fora professora por dois anos?) “deseja encontrar trabalho em casa de família, com crianças até quatorze anos” (pensei que como eu própria mal completara dezoito anos, não seria possível ensinar crianças quase da mesma idade). “Está qualificada a ensinar as matérias habituais da boa educação inglesa, bem como francês, desenho e música” (naqueles dias, leitor, esse agora magro catálogo de habilidades pareceria razoavelmente amplo). “Procurar J.E., posta-restante, Lowton, condado de...”

Esse documento permaneceu trancado em minha gaveta o dia inteiro. Depois do chá, pedi à nova diretora para ir a Lowton, a fim de realizar algumas incumbências para mim mesma e para minhas colegas professoras. A permissão foi rapidamente concedida, e parti. Era uma caminhada de três quilômetros, e o fim de tarde estava úmido, mas os dias ainda estavam compridos. Fui a uma ou duas lojas, deixei a carta no correio e voltei debaixo

de forte chuva, a roupa encharcada, mas o coração leve.

A semana seguinte me pareceu longa, mas por fim terminou, como todas as coisas terrenas. Mais uma vez, ao entardecer de um agradável dia de outono, encontrei-me a caminho de Lowton. Era uma estradinha pitoresca, a propósito, acompanhando o riacho e as curvas mais encantadoras do vale. Mas naquele dia eu pensava mais nas cartas, que poderiam ou não estar esperando por mim no vilarejo, do que nos encantos do campo ou das águas.

Minha incumbência declarada, desta vez, era tirar medidas para um par de sapatos. Dela me livrei primeiro, e em seguida atravessei a ruazinha limpa e tranquila do sapateiro ao correio. Deste cuidava uma senhora de idade, com óculos de chifre no nariz e luvas pretas nas mãos.

– Alguma carta para J.E.? – perguntei.

Ela me espiou por cima dos óculos, e então abriu uma gaveta e remexeu em seu conteúdo por um bom tempo, tanto que minhas esperanças começaram a me abandonar. Por fim, depois de segurar por quase cinco minutos um documento diante dos óculos, entregou-o a mim por cima do balcão, acompanhando o gesto com outro olhar inquisitivo e desconfiado – era para J.E.

– Só uma? – perguntei.

– Não tem nenhuma outra – disse ela.

Coloquei a carta no bolso e me pus a caminho de casa. Não podia abri-la ali; as normas me obrigavam a estar de volta às oito, e já eram sete e meia.

Várias tarefas me aguardavam quando cheguei. Tive que me sentar com as meninas durante sua hora de estudo, depois foi minha vez de ler as orações e de mandá-las para a cama. Em seguida, jantei com as outras professoras. Mesmo quando por fim nos recolhemos, eu tinha ainda a companhia da inevitável sra. Gryce. Havia somente um toco de vela em nosso castiçal, e eu temia que ela fosse falar até que queimasse por completo. Felizmente, contudo, o farto jantar que ela comera tivera efeito soporífero: já estava roncando antes que eu terminasse de me despir. Ainda restava um centímetro de vela. Peguei minha carta, cujo lacre era a inicial F. Rompi-o; o conteúdo era sucinto.

“Se J.E., que anunciou no *Herald do condado de...* na quinta-feira passada, possuir as qualificações mencionadas, e se estiver em condições de fornecer

referências satisfatórias de seu caráter e competência, oferece-se uma posição para se ocupar de uma aluna somente, uma menina com menos de dez anos de idade, e cujo salário é de trinta libras por ano. Pede-se a J.E. que envie referências, nome, endereço e demais detalhes ao seguinte endereço: sra. Fairfax, Thornfield, perto de Millcote, condado de...”

Examinei o documento por muito tempo. A caligrafia era antiquada e um tanto irregular, como a de uma velha senhora. Circunstância que me satisfazia: perseguia-me um medo íntimo de que, ao agir por conta própria e segundo meu critério, corresse o risco de cair em alguma cilada. Queria sobretudo que o resultado dos meus esforços fosse respeitável, apropriado, *en règle*. Sentia agora que uma velha senhora não seria um mau ingrediente no negócio que eu tinha em mãos. Sra. Fairfax! Pudevê-la de vestido negro e com a touca de uma viúva. Fria, talvez, mas não indelicada: um modelo da respeitabilidade inglesa. Thornfield! Esse era, sem dúvida, o nome de sua casa, um lugar limpo e ordenado, eu estava segura, embora não conseguisse imaginar como seria exatamente. Millcote, condado de...; revolvi minhas memórias do mapa da Inglaterra. Sim, vi tanto o condado quanto a cidade. O condado ficava cem quilômetros mais próximo de Londres do que o local remoto onde eu agora vivia: para mim, um ponto positivo. Queria ir aonde houvesse vida e movimento. Millcote era uma grande cidade industrial às margens do A., um local de fato movimentado. Melhor ainda: seria uma mudança completa, pelo menos. Não que minha imaginação fosse cativada pela ideia de compridas chaminés e nuvens de fumaça. “Mas Thornfield há de ser bem longe da cidade”, argumentei.

Nesse momento, acabou-se o toco de vela, e o pavio apagou.

No dia seguinte, tinha de tomar novas providências. Meus planos já não podiam mais ser confinados à minha mente; tinha de partilhá-los para que obtivessem sucesso. Tendo solicitado e conseguido uma audiência com a diretora durante o recreio do meio-dia, falei-lhe das perspectivas de conquistar uma nova colocação em que o salário seria o dobro do que agora recebia (pois em Lowood só ganhava quinze libras por ano). Solicitei-lhe que informasse ao sr. Brocklehurst, ou a alguém do comitê, e perguntasse se me permitiriam nomeá-los como referência. Ela consentiu de bom grado em servir de intermediária. No dia seguinte, levou o assunto ao sr. Brocklehurst, que disse que seria necessário escrever também à sra. Reed, posto que era

minha guardiã natural. Um bilhete foi então enviado àquela senhora, cuja resposta foi que eu “podia fazer conforme me aprouvesse; havia muito tempo que já desistira de interferir nos meus assuntos”. Esse bilhete foi apresentado a todos os membros do comitê, e por fim, após o que me pareceu a mais tediosa demora, recebi autorização formal para melhorar minhas condições, se pudesse. Acrescentaram uma declaração de que, como eu sempre me conduzira bem, tanto como professora quanto como aluna, em Lowood, um atestado do meu caráter e das minhas capacidades, assinado pelos inspetores da instituição, em breve me seria entregue.

Esse atestado recebi cerca de um mês depois, encaminhando uma cópia à sra. Fairfax, e recebi a resposta da senhora, dizendo que estava satisfeita e estabelecendo para dali a duas semanas o início do meu trabalho como educadora em sua casa.

Ocupei-me então dos preparativos; as duas semanas se passaram depressa. Eu não tinha um guarda-roupa muito grande, embora fosse adequado às minhas necessidades, e o último dia foi suficiente para arrumar meu baú – o mesmo que trouxera oito anos antes de Gateshead.

Amarrei o baú, etiquetei-o. Em meia hora chegaria o carregador para levá-lo até Lowton, aonde eu mesma devia me dirigir cedo na manhã seguinte para pegar a diligência. Escovara meu vestido preto de viagem, aprontara a touca, as luvas e o regalo. Abrira todas as gavetas para ver se nada havia sido deixado para trás. E então, não mais tendo o que fazer, sentei-me e tentei descansar. Não conseguia; embora tivesse ficado de pé o dia inteiro, agora não era capaz de repousar por um instante, tamanha a excitação. Uma fase da minha vida se encerrava aquela noite, e outra se abria no dia seguinte. Impossível pegar no sono nesse intervalo: eu precisava permanecer em ardente vigília enquanto se operava a mudança.

– Senhorita – disse uma criada que me encontrou no saguão, onde eu vagava feito uma alma penada –, alguém lá embaixo deseja vê-la.

“O carregador, sem dúvida”, pensei, e corri escada abaixo sem mais perguntas. Encaminhando-me à cozinha, eu passava pela saleta dos fundos, ou sala das professoras, cuja porta estava entreaberta, quando alguém saiu correndo dali...

– É ela, tenho certeza!... Eu poderia reconhecê-la em qualquer lugar! –

exclamou uma pessoa que me deteve e segurou minha mão.

Olhei: vi uma mulher com as roupas de uma criada bem-vestida, um ar de matrona, mas ainda jovem. Bonita, de olhos e cabelos pretos, e semblante vivo.

– Muito bem: quem sou eu? – ela perguntou, com uma voz e um sorriso que não me eram estranhos. – Já se esqueceu de mim, srtá Jane?

Um segundo depois e eu a estava abraçando e beijando, arrebatada.

– Bessie! Bessie! Bessie! – era tudo que eu dizia.

Enquanto isso, ela ria e chorava ao mesmo tempo. Entramos na sala. Junto à lareira estava um menininho de três anos de idade, de calça e blusa xadrez.

– Este é o meu filho – disse Bessie.

– Então você se casou, Bessie?

– Sim, já faz quase cinco anos. Com Robert Leaven, o cocheiro. E tenho uma menininha além do nosso Bobby aqui. Batizei-a de Jane.

– E não vive mais em Gateshead?

– Moro na casinha do velho porteiro, que foi embora.

– Bem, e como vão todos? Conte-me como estão, Bessie. Mas primeiro sente-se, e Bobby, venha se sentar no meu colo!

Mas Bobby preferiu ir para junto da mãe.

– Não ficou muito alta, nem muito encorpada, srtá Jane – prosseguiu a sra. Leaven. – Acho que não a trataram muito bem na escola. Deve chegar aos ombros da srtá. Reed, e a srtá. Georgiana daria duas da senhorita em circunferência.

– Georgiana está bonita, imagino, Bessie.

– Muito. Foi para Londres no inverno passado com a mãe, e lá todos a admiraram, e um jovem cavalheiro se apaixonou por ela. Mas os parentes dele eram contra a união, e... imagine só!... ele e a srtá. Georgiana decidiram fugir, mas foram descobertos e impedidos. A srtá. Reed descobriu-os; acho que estava com inveja. E agora ela e a irmã vivem como cão e gato. Estão sempre brigando.

– E quanto a John Reed?

– Ah, ele não vai tão bem quanto a mãe gostaria. Foi para a faculdade, mas

acabou... posto na rua, como dizem. E seus tios queriam que fosse advogado, que estudasse as leis. Mas é um joventinho dissoluto, acho que nunca vai servir para muita coisa.

– E que aparência ele tem?

– É bem alto. Algumas pessoas dizem que é um belo rapaz, mas tem os lábios tão grossos...

– E a sra. Reed?

– A madame parece forte, parece estar bem, mas acho que sua mente não está em paz. A conduta do sr. John não lhe agrada... ele gasta muito dinheiro.

– Foi ela quem a enviou aqui, Bessie?

– Não, ora essa. Faz tempos que eu queria vê-la, e quando ouvi dizer que chegara uma carta sua, e que ia se mudar para outra parte do país, pensei em vir antes que estivesse fora do meu alcance.

– Temo tê-la desapontado, Bessie – disse eu, rindo.

Notara que o olhar de Bessie, embora expressasse afeto, não demonstrava admiração.

– Não, srtá. Jane, não exatamente. A senhorita está bem fina, parece uma dama, e está como eu sempre esperei: não era nenhuma beldade quando criança.

Sorri diante da franqueza de Bessie. Senti que suas palavras eram corretas, mas confesso que não fiquei indiferente ao seu significado. Aos dezoito anos, a maioria das pessoas quer agradar, e a convicção de que não têm uma aparência capaz de endossar esse desejo não é gratificante para ninguém.

– Mas imagino que seja inteligente – prosseguiu Bessie, tentando me consolar. – O que sabe fazer? Toca piano?

– Um pouco.

Havia um piano na sala. Bessie foi abri-lo, e então me pediu que me sentasse e tocassem algo. Toquei uma ou duas valsas, e ela ficou encantada.

– As senhoritas Reed não tocam tão bem! – disse ela, exultante. – Eu sempre disse que a senhorita ia superá-las nos estudos. Sabe desenhar?

– É uma de minhas pinturas ali sobre a lareira – era uma paisagem, uma aquarela que eu dera de presente à diretora em reconhecimento à sua útil

mediação a meu favor junto ao comitê; ela pusera vidro e moldura.

– Ora, mas que beleza, srtá Jane! É tão bonita quanto qualquer coisa que o professor de desenho da srtá Reed poderia pintar. Quanto às duas moças, não saberiam fazer algo nem próximo a isso. E aprendeu francês?

– Sim, Bessie, leio e falo francês.

– E sabe bordar em musselina e tela?

– Sei.

– Ah, mas é uma verdadeira dama, srtá Jane! Sabia que isso ia acontecer. A senhorita há de prosperar, saibam os seus parentes ou não. Há algo que gostaria de lhe perguntar. Teve notícias da família de seu pai, os Eyre?

– Nunca na vida.

– Bem, sabe que a madame sempre dizia que eram pobres e desprezíveis. E pode ser que sejam pobres, mas acredito que tenham uma origem tão nobre quanto os Reed. Pois um dia, faz quase sete anos, um certo sr. Eyre veio a Gates-head e queria vê-la. A madame disse que a senhorita estava na escola, a mais de setenta quilômetros dali. Ele pareceu muito desapontado, pois não podia ficar; partia em viagem para um país estrangeiro, e o navio deixaria Londres dentro de um ou dois dias. Ele parecia um cavalheiro, e acho que era o irmão de seu pai.

– A que país estrangeiro ele ia, Bessie?

– Uma ilha a milhares de quilômetros daqui, onde fazem vinho... o mordomo me disse...

– Madeira?

– Sim. Isso mesmo, é esse o nome.

– E ele foi?

– Sim, não se demorou muito na casa. A madame portou-se de modo muito altivo com ele; chamou-o mais tarde de “comerciante desonesto”. Meu Robert acha que ele era comerciante de vinhos.

– Provavelmente – respondi –; ou talvez representante ou agente de um comerciante de vinhos.

Bessie e eu conversamos sobre os velhos tempos durante mais uma hora, e então ela foi obrigada a me deixar. Vimo-nos por mais alguns minutos na

manhã seguinte em Lowton, enquanto eu esperava a diligência. Por fim nos despedimos à porta do Brocklehurst Arms, e cada uma seguiu seu caminho. Ela partiu para as cercanias da charneca de Lowood, a fim de esperar o transporte que haveria de levá-la de volta a Gateshead; eu subi no veículo que me transportaria a novas obrigações e uma nova vida nos desconhecidos arredores de Millcote.

[43](#) . Isto é, uma autobiografia que siga linearmente a cronologia. Segundo Stevie Davies, Charlotte Brontë estava ciente de que esse modelo de autobiografia já não interessava ao público leitor. Nesse sentido, a autora tem por espelho o inglês Thomas de Quincey, cujas *Confissões de um comedor de ópio* haviam sido publicadas em 1821. De Quincey incorpora os acidentes da memória ao processo narrativo.

CAPÍTULO 11

UM NOVO CAPÍTULO num romance é como uma nova cena numa peça de teatro. Quando eu levantar a cortina desta vez, leitor, deve se imaginar num quarto no George Inn, em Millcote. As paredes são forradas com o mesmo papel de grandes estampas que têm os quartos das hospedarias; o carpete é o mesmo, os móveis também são, os enfeites na lareira, os quadros – incluindo um retrato de Jorge III [44](#) e outro do príncipe de Gales, e uma representação da morte de Wolfe. [45](#) Tudo isso lhe é visível à luz de uma lamparina a óleo que pende do teto, e também ao lume de um fogo agradável junto ao qual me sento, de casaco e touca. O regalo e a sombrinha estão sobre a mesa, e eu me livro do torpor do frio após ter passado dezesseis horas exposta à crueza de um dia de outubro. Deixei Lowton às quatro da manhã, e o relógio da cidade de Millcote está soando as oito.

Embora eu me encontre confortavelmente acomodada, leitor, minha mente não está tranquila. Pensei, quando a diligência parou aqui, que haveria alguém para me receber. Olhei ansiosa ao redor enquanto descia a escadinha de madeira que os criados da hospedaria puseram para minha conveniência, esperando ouvir meu nome e ver alguma carruagem me aguardando para me levar a Thornfield. Nada semelhante à vista. Quando perguntei a um atendente se alguém viera perguntar pela sra. Eyre, recebi resposta negativa. Não tinha outra coisa a fazer a não ser pedir que me levasssem a um quarto particular. E aqui estou, esperando, enquanto todo tipo de dúvida e medo perturba meus pensamentos.

A uma jovem inexperiente, é uma sensação muito estranha a de estar como que sozinha no mundo, à deriva e sem contato com outra gente, sem saber ao certo se o porto ao qual se dirige tem como ser alcançado, e impedida, por uma série de obstáculos, de regressar àquele do qual partiu. O charme da aventura adoça essa sensação, o brilho do orgulho a aquece. Mas o latejar do medo perturba-a. No meu caso, o medo se tornou predominante quando meia

hora se passou e eu ainda estava sozinha. Resolvi tocar a campainha.

– Há algum lugar nos arredores chamado Thornfield? – indaguei ao criado que me atendeu.

– Thornfield? Não sei, madame. Vou perguntar no bar – e desapareceu, mas logo regressou. – O seu nome é Eyre, senhorita?

– Sim.

– Tem uma pessoa esperando pela senhorita aqui.

Levantei de um salto, peguei o regalo e a sombrinha, e saí apressada pelo corredor da hospedaria. Havia um homem de pé junto à porta aberta, e na rua iluminada por lampiões, um veículo puxado por um único cavalo.

– Esta é a sua bagagem, suponho? – perguntou abruptamente o homem, quando me viu, apontando para o meu baú no corredor.

– Sim.

Ele o ergueu e colocou no veículo, que era uma espécie de caleça, e em seguida eu entrei. Antes que ele fechasse a porta, perguntei-lhe a que distância ficava Thornfield.

– Uns dez quilômetros.

– Quanto tempo demora para chegar lá?

– Talvez uma hora e meia.

Ele fechou a porta da caleça, subiu ao seu lugar do lado de fora e partimos. Nossa progresso era lento, e tive bastante tempo para refletir. Eu estava contente por me encontrar tão perto do fim da minha viagem. Reclinei-me no assento da caleça, que era confortável, embora não fosse elegante, e meditei à vontade.

“Suponho”, pensei, “a julgar pela simplicidade do criado e da carruagem, que a sra. Fairfax não seja uma mulher muito chique. Melhor assim; só vivi uma vez em meio a gente elegante, e fui muito infeliz com eles. Talvez ela viva sozinha com essa menininha. Se for o caso, e se for minimamente amigável, com certeza hei de me entender com ela; darei o melhor de mim. É uma pena que o melhor que podemos dar de nós nem sempre seja o suficiente. Em Lowood tomei essa resolução, mantive-me fiel a ela, e fui bem-sucedida em agradar. Mas com a sra. Reed lembro-me de que o melhor de mim era sempre recebido com desprezo. Rezo a Deus para que a sra.

Fairfax não se revele uma segunda sra. Reed. Mas, se for o caso, não sou obrigada a ficar com ela. Na pior das hipóteses, posso colocar outro anúncio. Quanto será que já avançamos?"

Abaixei a janela e olhei lá para fora. Millcote tinha ficado para trás. A julgar pela quantidade de luzes, parecia um lugar de considerável magnitude, muito maior do que Lowton. Até onde eu podia ver, estávamos agora em terras comunais, mas havia casas aqui e ali. Senti que era uma região diferente de Lowood, mais populosa e menos pitoresca, mais agitada e menos romântica.

As estradas eram difíceis e a noite, enevoada. Meu condutor permitiu que o cavalo andasse durante todo o trajeto, e a hora e meia se estendeu, transformando-se, acredito, em duas. Por fim ele se virou do seu assento e disse:

– Agora Thornfield não está mais muito longe.

Olhei outra vez para fora. Passávamos por uma igreja: vi sua torre baixa e ampla contra o céu, e seu sino batia o quarto de hora. Vi também uma estreita galáxia de luzes numa colina, indicando a existência de um povoado. Cerca de dez minutos depois, o cocheiro desceu e abriu um portão. Passamos, e o portão se fechou com um estrondo em seguida. Agora subíamos lentamente uma rampa, e chegamos à frente de uma ampla casa. Uma luz de velas brilhava numa janela em arco; todo o restante estava escuro. A caleça parou junto à porta da frente, que uma criada veio abrir. Desci e entrei.

– Por aqui, por favor, madame – disse a garota, e eu a segui através de um saguão quadrado rodeado de portas altas.

Ela me conduziu a uma sala cuja dupla iluminação da lareira e das velas a princípio me ofuscou, contrastando com a escuridão a que meus olhos haviam se habituado por duas horas. Quando consegui ver, porém, um quadro aconchegante e agradável se apresentou ao meu olhar.

Uma saleta bem arranjada; uma mesa redonda junto a uma lareira convidativa: uma poltrona alta e antiquada na qual se sentava a senhorinha mais elegante do mundo, com touca de viúva, vestido de seda preta e avental de musselina branco feito neve. Exatamente como eu imaginara a sra. Fairfax, só que mais pomposa e de aparência mais terna. Estava ocupada tricotando. Um gato enorme sentava-se acanhado a seus pés, e nada faltava

para completar o ideal de conforto doméstico. Uma apresentação mais acolhedora à nova educadora mal poderia ser concebida. Não havia grandiosidade para oprimir, imponência para constranger e, quando entrei, a velha senhora se levantou e veio gentilmente me receber.

– Como está, minha querida? Temo que sua viagem tenha sido entediante. John conduz tão devagar! Deve estar com frio. Venha para junto do fogo.

– É a sra. Fairfax, imagino?

– Sim, isso mesmo. Sente-se, por favor.

Ela me levou à sua própria poltrona, e começou a tirar o meu xale e desatar as fitas da minha touca. Pedi-lhe que não se incomodasse.

– Ah, não é incômodo. Suas mãos devem estar quase dormentes de frio. Leah, traga um pouco de vinho do porto quente e prepare uns sanduíches. Tome as chaves da despensa.

E ela tirou do bolso o molho de chaves típico das donas de casa, entregando-o à criada.

– Chegue mais perto do fogo – prosseguiu ela. – Trouxe sua bagagem também, não trouxe, querida?

– Sim, senhora.

– Vou mandar que levem ao seu quarto – disse ela, saindo apressada.

“Ela me trata como uma visita”, pensei. “Não esperava uma recepção como esta. Achei que ia encontrar só frieza e rigidez – não é o que ouço falar sobre o tratamento dado às educadoras, mas é melhor não me alegrar cedo demais.”

Ela voltou, e com as próprias mãos tirou os apetrechos do tricô e um ou dois livros de cima da mesa, a fim de abrir espaço para a bandeja que Leah agora trazia. Entregou-me então ela mesma o lanche. Senti-me bastante confusa por ser o objeto de mais atenção do que jamais recebera – vinda, além do mais, de minha patroa, alguém superior a mim. Mas como ela não parecia achar que estava fazendo nada extraordinário, pensei que era melhor aceitar em silêncio suas cortesias.

– Terei o prazer de ver a sra. Fairfax esta noite? – indaguei, aceitando o lanche que ela me oferecia.

– O que disse, querida? Sou um pouco surda – respondeu a senhora,

aproximando o ouvido da minha boca.

Repeti a pergunta de forma mais distinta.

– Srta. Fairfax? Ah, refere-se à srta. Varens! Varens é o nome de sua futura aluna.

– É mesmo? Então não é sua filha?

– Não, eu não tenho família.

Eu deveria prosseguir com minhas perguntas, indagando-lhe qual a sua relação com a srta. Varens, mas achei que não seria educado insistir. Além disso, certamente ficaria sabendo, no momento adequado.

– Estou tão feliz – disse ela, sentando-se diante de mim e pegando o gato no colo –, tão feliz que tenha vindo. Será ótimo viver aqui acompanhada, agora. Claro que é agradável de todo modo; Thornfield é uma ótima casa, um tanto abandonada nos anos recentes mas ainda assim um lugar respeitável. Mas sabe que quando chega o inverno a gente se sente terrivelmente só, mesmo nos melhores lugares. Digo só; Leah é uma boa moça, claro, e John e a esposa são gente decente. Mas são só criados, e não se pode conversar com eles de igual para igual. É necessário manter distância para não perder a autoridade. Tenho certeza de que no inverno passado (foi um inverno muito severo, se você se lembra, e quando não estava nevando chovia e ventava) nem uma única criatura além do açougueiro e do carteiro veio a esta casa, de novembro até fevereiro. E eu realmente fiquei bem melancólica, sentando-me aqui noite após noite sozinha. Leah às vezes lia para mim, mas acho que a pobre moça não gostava muito da tarefa: achava que a confinava. Na primavera e no verão as coisas são melhores; a luz do sol e os dias longos fazem tanta diferença! E então, no início deste outono, a pequena Adela Varens veio, com sua ama. Uma criança enche imediatamente a casa de vida. E agora que você chegou, estarei bem contente.

A velha senhora conquistou meu coração, enquanto eu a ouvia falar. Puxei minha poltrona para mais perto da sua, e expressei meus sinceros desejos de que ela viesse a achar minha companhia tão agradável quanto imaginava.

– Mas não vou mantê-la de pé até tarde hoje – disse ela. – Já vai dar meia-noite, e você viajou o dia inteiro. Deve estar cansada. Se já sente os pés bem aquecidos, vou lhe mostrar o seu quarto. Mandei preparar o que fica ao lado do meu. É um quartinho pequeno, mas achei que estaria melhor ali do que

num dos quartos grandes da frente. Claro que eles têm melhor mobília, mas são tão tristes e solitários, eu mesma nunca durmo ali.

Agradeci-lhe o cuidado com a escolha, e como me sentia muito cansada devido à longa viagem declarei que estava pronta para me deitar. Ela pegou a vela e eu a acompanhei. Primeiro ela foi ver se a porta do vestíbulo estava trancada; tirando a chave da porta, conduziu-me ao andar de cima. Os degraus e o corrimão eram de carvalho. Havia ali uma alta janela com gelosia; tanto ela quanto o comprido corredor no qual davam as portas dos quartos pareciam pertencer mais a uma igreja do que a uma casa. Um ar muito frio, como o de uma cripta, predominava na escada e no corredor, sugerindo ideias desoladas de espaço e solidão. Alegrei-me quando finalmente chegamos ao meu quarto e vi que tinha pequenas dimensões e mobília comum e moderna.

Depois que a sra. Fairfax gentilmente me desejava boa-noite e eu trancara a porta, olhara sem pressa ao redor e, graças ao aspecto mais alegre do meu quartinho, de certo modo desfizera a lúgubre impressão deixada pelo amplo vestíbulo, pela escura e espaçosa escadaria e por aquele corredor comprido e frio, lembrei-me de que após um dia de cansaço físico e ansiedade mental eu tinha por fim chegado a um porto seguro. A gratidão inundava meu coração. Ajoelhei-me ao lado da cama e dei graças a quem devia dar, sem me esquecer, antes de me levantar, de implorar ajuda no caminho que estava diante de mim, e a capacidade de merecer a gentileza que parecia me ser tão generosamente oferecida antes de ser conquistada. Naquela noite, minha cama não tinha espinhos, meu quarto solitário não tinha medos. A um tempo cansada e feliz, adormeci rápida e profundamente. Quando acordei, a manhã já ia alta.

O quartinho me pareceu tão vivo com o sol brilhando por entre as alegres cortinas de tecido azul e revelando paredes forradas de papel e piso acarpetado, tão distinto das tábuas nuas e do gesso manchado de Lowood, que meu espírito se exultou. O ambiente tem grande efeito sobre os jovens. Pensei que uma época mais agradável da vida começava para mim, época que teria suas flores e prazeres, bem como seus espinhos e labutas. Meus sentidos, aguçados pela mudança de cenário e pelo novo campo que se oferecia à esperança, estavam em rebuliço. Não sei definir com precisão o que esperavam, mas era agradável – talvez não naquele dia ou mês, mas num

futuro indefinido.

Levantei-me, vesti-me com esmero. Mesmo que compelida à simplicidade – pois não tinha uma só peça de vestuário que não fosse extremamente simples –, ainda desejava, por causa da minha natureza, apresentar-me bem. Não era meu hábito desdenhar da aparência, ou ser descuidada com a impressão que causava. Ao contrário: queria sempre parecer o melhor possível, e agradar tanto quanto minha falta de beleza permitisse. Às vezes lamentava não ser mais bonita. Às vezes desejava ter bochechas rosadas, nariz retilíneo, uma boquinha de cereja. Desejava ser alta, imponente, o corpo bem-proporcionado; que infortúnio ser tão baixa, pálida, e ter traços tão irregulares e marcados. E por que será que eu tinha essas aspirações e esses desapontamentos? Seria difícil dizer: eu mesma não entendia muito bem. Mas uma razão havia, e uma razão, ademais, lógica e natural. Contudo, depois de pentear bem o cabelo e colocar o vestido preto – que, embora tivesse aquele estilo puritano, ao menos me caía bem – e ajustar a gola branca e limpa, achei que estava respeitável o bastante para me apresentar à sra. Fairfax, e que minha nova aluna pelo menos não recuaria com antipatia diante de mim. Tendo aberto a janela do quarto e verificado que todas as coisas estavam em ordem no toucador, aventurei-me a seguir adiante.

Atravessando o corredor comprido e atapetado, desci os escorregadios degraus de carvalho e cheguei ao vestíbulo. Parei ali por um minuto, olhei para as pinturas nas paredes (uma delas, lembro-me, representava um homem austero de couraça, e outra, uma dama com cabelo empoadão e colar de pérolas), para um lampião de bronze que pendia do teto, para um grande relógio de pé cuja caixa era de carvalho curiosamente entalhado e preto feito ébano, devido à idade e a tanto polimento. Tudo me parecia imponente e magnífico, mas eu não estava acostumada à grandiosidade. A porta do vestíbulo, metade de vidro, estava aberta; parei no limiar. Era uma bela manhã de outono; o sol da manhã brilhava sereno sobre bosques escuros e campos ainda verdes. Caminhando até o gramado, ergui os olhos e fitei a fachada da casa. Tinha três andares, de proporções que não eram vastas, embora consideráveis; o solar de um cavalheiro, não a mansão de um nobre. As ameias no alto davam-lhe um aspecto pitoresco. Sua fachada cinzenta destacava-se de um viveiro de gralhas ao fundo, cujos barulhentos moradores agora se encontravam em pleno voo. Sobrevoavam o gramado e o terreno em

torno da casa e pousavam numa ampla campina, separada destes por um fosso, e onde um grupo de espinheiros muito antigos, fortes, nodosos e largos como carvalhos explicavam de imediato a etimologia do nome da mansão.⁴⁶ Mais adiante havia montanhas – não tão altas quanto as que circundavam Lowood, não tão rochosas, não tão parecidas com barreiras de separação do mundo vivo. Mas ainda assim eram montanhas quietas e solitárias, parecendo abraçar Thornfield com um isolamento que eu não esperara encontrar tão perto do bulício de Millcote. Uma pequena aldeia, cujos telhados se misturavam a árvores, perdia-se pela encosta de uma dessas montanhas. A igreja do distrito ficava perto de Thornfield; sua velha torre espiava por cima de um outeiro entre a casa e o portão.

Eu ainda desfrutava da paisagem calma e do agradável ar fresco, escutando com prazer o crocitar das gralhas, estudando a ampla e respeitável fachada da casa e pensando que era um lugar enorme para uma senhorinha solitária como a sra. Fairfax quando ela apareceu à porta.

– O quê? Já está de pé? – disse ela. – Vejo que é madrugadora.

Fui até ela, que me recebeu com um afável beijo e um aperto de mão.

– O que acha de Thornfield? – perguntou. Disse-lhe que gostava muito.

– Sim – disse ela –, é um lugar bonito, mas temo que vá acabar se deteriorando, a menos que o sr. Rochester decida vir morar aqui permanentemente... ou pelo menos que venha visitar com mais frequência. Casas grandes e campos extensos requerem a presença do proprietário.

– Sr. Rochester! – exclamei. – Quem é?

– O dono de Thornfield – respondeu ela tranquilamente. – Não sabia que ele se chamava Rochester?

Claro que eu não sabia. Nunca ouvira falar dele, mas a velha senhora parecia considerar sua existência um fato universalmente conhecido, de que todos deviam estar a par, por instinto.

– Pensei – prossegui – que Thornfield pertencia à senhora.

– A mim? Deus a abençoe, minha filha. Que ideia! A mim? Sou só a governanta... a administradora. Na verdade, sou parente dos Rochester por parte da minha mãe... ou pelos menos meu marido era. Ele era clérigo, o pastor de Hay, aquela aldeia lá na montanha. E aquela igreja perto do portão

era dele. A mãe do atual sr. Rochester era uma Fairfax, prima de segundo grau do meu marido, mas eu nunca tiro partido desse vínculo... que, na verdade, não me diz nada. Considero-me uma governanta comum. Meu patrão é sempre cortês, e não espero nada mais.

– E a menina, minha aluna?

– É a protegida do sr. Rochester. Ele me instruiu a encontrar uma educadora para ela. Pretende que ela seja criada no condado, acredito. Aí vem ela com sua “*bonne*”; é como se refere à sua ama.

O enigma foi então decifrado: aquela viuvinha afável e gentil não era uma grande dama, mas uma subalterna, como eu. Não gostei menos dela por isso; pelo contrário, fiquei mais contente do que nunca. A igualdade entre mim e ela era real, e não mera condescendência de sua parte. Melhor ainda: minha posição se tornava ainda mais livre.

Enquanto eu refletia sobre essa descoberta, uma menininha, seguida por sua ama, veio correndo pelo gramado. Olhei para minha aluna, que a princípio não pareceu me notar. Era pequena, ainda; tinha talvez sete ou oito anos de idade. Era de constituição miúda, o rosto pálido e de feições delicadas, e uma cascata de cachos chegava-lhe à cintura.

– Bom dia, sra. Adela – disse a sra. Fairfax. – Venha falar com a senhorita que vai lhe dar aulas, e fazer com que seja uma mulher mais inteligente um dia.

Ela se aproximou.

– *C'est là ma gouvernante?* – disse, apontando para mim e se dirigindo à ama, que respondeu:

– *Mais oui, certainement.* [47](#)

– São estrangeiras? – perguntei, surpresa ao ouvir a língua francesa.

– A ama é estrangeira, e Adela nasceu no Continente. Acho que nunca tinha saído de lá até seis meses atrás. Quando chegou, não sabia falar inglês; agora às vezes consegue falar um pouquinho. Não a comprehendo, ela mistura tanto o francês ao que diz, mas você vai entendê-la bastante bem, imagino.

Felizmente, eu tivera a sorte de aprender francês com uma francesa, e fazia questão de conversar com madame Pierrot sempre que podia. Tinha, além disso, estudado um pouco de francês diariamente nos últimos sete anos,

dedicando-me com afinco a melhorar a pronúncia e imitando como podia a da minha professora. Adquirira certo nível de correção e fluência no idioma, e não estaria completamente às escuras com mademoiselle Adela. Ela veio apertar minha mão quando soube que eu era sua educadora; enquanto a levava para o desjejum, dirigi-lhe algumas palavras em sua própria língua. A princípio ela me respondeu em frases curtas, mas, depois que nos sentamos à mesa e ela pôde me examinar por uns dez minutos com seus grandes olhos cor de avelã, começou de repente a falar sem parar.

– Ah! – exclamou, em francês. – A senhorita fala minha língua tão bem quanto o sr. Rochester. Posso conversar com a senhorita como converso com ele, e Sophie também. Ela vai ficar contente... ninguém aqui consegue entendê-la. Com a sra. Fairfax é sempre em inglês. Sophie é minha ama, ela veio comigo do outro lado do mar num grande navio com uma chaminé que soltava fumaça. Muita fumaça! E eu fiquei enjoada, e Sophie também, e o sr. Rochester também. O sr. Rochester se deitou num sofá num quarto bonito que chamavam de salão, e Sophie e eu tínhamos caminhos noutro quarto. Quase caí da minha cama, era como uma prateleira. E, mademoiselle... qual é o seu nome?

– Eyre. Jane Eyre.

– Aire? Ah! Não sei dizer isso. Bem, o nosso navio parou de manhã, antes de o dia nascer, numa cidade grande... uma cidade enorme, com casas muito escuras e cheia de fumaça. Nem um pouco parecida com a cidade limpa de onde eu venho. E o sr. Rochester me carregou nos braços por cima de uma prancha até a terra firme, e Sophie veio em seguida, e tomamos uma diligência, que nos levou a uma casa grande e bonita, maior e mais bonita do que esta, chamada hotel. Ficamos ali por quase uma semana. Sophie e eu caminhávamos todos os dias num lugar muito grande e repleto de árvores, chamado parque, e havia muitas crianças além de mim, e um lago com pássaros bonitos que eu alimentava com migalhas de pão.

– Consegue entender quando ela fala tão depressa? – perguntou a sra. Fairfax.

Eu a entendia muito bem, pois estava acostumada à fluência de madame Pierrot.

– Gostaria – prosseguiu a boa senhora – que lhe fizesse uma ou duas

perguntas sobre seus pais. Queria saber se ela se lembra deles.

– Adèle – perguntei-lhe –, com quem vivia naquela cidade limpa e bonita de que falava?

– Há muito tempo vivia com a mamãe, mas ela foi para junto da Virgem Maria. ⁴⁸ Mamãe me ensinava canto e dança, e a dizer versos. Muitos cavalheiros e damas vinham visitar a mamãe, e eu dançava para eles, ou me sentava em seu colo e cantava para eles. Gostava de fazer isso. Quer me ouvir cantar?

Ela terminara o desjejum, então permiti que nos desse uma amostra de seu talento. Descendo da cadeira, ela veio se sentar no meu colo. Então, cruzando as mãos com recato na frente do corpo, afastando do rosto os cachinhos e erguendo os olhos na direção do teto, começou a cantar uma ária de ópera. Era a história de uma dama abandonada que, após lamentar a perfídia de seu amado, chama em seu auxílio o orgulho; pede que sua criada a vista com seu vestido mais elegante e suas mais reluzentes joias, e decide ir encontrar o homem desleal certa noite num baile, a fim de lhe provar, com sua alegria, quão pouco a deserção a afetou.

O tema parecia estranho para uma criança, mas suponho que o objetivo da apresentação era fazer ouvir as notas do amor e do ciúme cantadas com o tom suave da infância, e de muito mau gosto eram esse objetivos, aliás – pelo menos era o que eu achava.

Adèle entoou muito afinada a *canzonette* , ⁴⁹ e com a ingenuidade de uma criança. Ao terminar, saltou do meu colo e disse:

– Agora, mademoiselle, vou recitar poesia.

Empertigando-se, ela começou com “La ligue des rats, fable de La Fontaine”. ⁵⁰ Declamou então o breve texto, atenta à pontuação e à ênfase, às nuances da voz e à adequação dos gestos, coisa muito incomum à sua idade, o que provava que fora cuidadosamente treinada.

– Foi sua mãe quem lhe ensinou essa peça? – perguntei.

– Sim, e ela costumava recitar assim: “*Qu’avez vous donc? lui dit un de ces rats; parlez!* ” ⁵¹ Ela me mandava levantar a mão... assim... para que eu me lembrasse de elevar a voz na pergunta. Agora quer me ver dançar?

– Não, já está bem por ora. Mas depois que sua mãe foi para junto da

Virgem Maria, como diz, com quem você passou a viver?

– Com madame Frédéric e seu marido. Ela cuidou de mim, mas não é parente minha. Acho que é pobre, pois sua casa não era tão bonita quanto a da mamãe. Não vivi com ela por muito tempo. O sr. Rochester me perguntou se eu queria morar com ele na Inglaterra, e eu disse que sim, pois fazia mais tempo que eu conhecia o sr. Rochester do que a madame Frédéric, e ele sempre foi gentil comigo, e me dava vestidos bonitos e brinquedos. Mas como pode ver ele não cumpriu a promessa, porque me trouxe para a Inglaterra mas foi embora e eu nunca o vejo.

Após o desjejum, Adèle e eu fomos para a biblioteca, aparentemente designada pelo sr. Rochester para ser usada como sala de aula. A maioria dos livros estavam trancados atrás de portas de vidro. Mas havia uma estante aberta contendo tudo o que seria necessário para os estudos mais básicos e vários volumes de literatura leve, poesia, biografia, viagens, alguns romances etc. Suponho que ele tenha imaginado que aqueles livros seriam tudo de que a tutora necessitaria para suas leituras pessoais. E realmente me deixaram contente a princípio; comparados com as poucas opções a que eu vez por outra tivera acesso em Lowood, pareciam oferecer colheita abundante de diversão e informação. Na biblioteca também havia um piano de armário, novo e de boa qualidade, além de um cavalete para pintura e um par de globos terrestres.

Minha aluna se revelou bastante dócil, embora não muito inclinada a se aplicar aos estudos: não estava acostumada a qualquer tipo de ocupação regular. Senti que seria pouco sensato confiná-la muito, a princípio. Então, depois de falar com ela por um bom tempo e conseguir que aprendesse qualquer coisa, e quando já ia dar meio-dia, permiti que voltasse para junto da ama. Em seguida decidi me ocupar até a hora do almoço desenhando alguns esboços para usar com ela.

Quando subia para apanhar minha pasta e meus lápis, a sra. Fairfax me chamou.

– Já terminou as aulas da manhã, imagino – disse.

Estava num cômodo cujas portas dobráveis se encontravam abertas. Entrei quando ela falou comigo: era uma sala grande e sumptuosa, com poltronas e cortinas de cor púrpura, um tapete turco, paredes com painéis de nogueira,

uma ampla janela com vitrais e o teto alto com fina decoração em alto-relevo. A sra. Fairfax tirava o pó de uns vasos púrpura translúcidos que se encontravam sobre um aparador.

– Que sala mais bonita! – exclamei, olhando ao redor, pois jamais vira algo que tivesse a metade daquela imponência.

– Sim, esta é a sala de jantar. Acabo de abrir a janela para deixar entrar um pouco de ar e sol. Tudo fica tão úmido em cômodos que quase nunca são usados. A sala de estar, ali, mais parece uma cripta.

Ela apontou para um amplo arco na parede diante da janela, fechado com uma cortina púrpura agora levantada. Subindo dois largos degraus, olhei lá para dentro, e tive a impressão de contemplar momentaneamente um lugar de conto de fadas, tão deslumbrante parecia aos meus olhos desacostumados à visão que se descortinava. E no entanto era apenas uma bela sala de estar com um aposento íntimo anexo, ambos forrados com carpetes brancos em que pareciam repousar reluzentes guirlandas de flores. Em ambos o teto era decorado com folhas e cachos de uvas brancas, em alto-relevo, sob os quais resplandeciam, em contraste, sofás e divãs carmesins. Os ornamentos sobre a lareira de mármore alvo eram de cintilante cristal da Boêmia, cor de rubi, e entre as janelas amplos espelhos repetiam aquela mistura de neve e fogo.

– Como cuida bem destas salas, sra. Fairfax! – eu disse. – Não há poeira, nem panos cobrindo os móveis. Se não fosse pelo fato de que o ar aqui é gelado, a impressão seria de que são usadas todos os dias.

– Bem, srta. Eyre, embora as visitas do sr. Rochester sejam raras, são sempre repentinas e inesperadas. E como já notei que ele não gosta de encontrar tudo coberto com panos e a gente alvoroçada arrumando a casa quando chega, achei melhor deixar os cômodos sempre arrumados.

– O sr. Rochester acaso é um homem exigente e meticoloso?

– Não particularmente, mas tem os gostos e hábitos de um cavalheiro, e espera que as coisas sejam conduzidas apropriadamente.

– Gosta dele? É apreciado pelos outros?

– Ah, sim; a família sempre foi respeitada por aqui. Quase todas as terras na vizinhança, até onde alcançam os olhos, pertencem aos Rochester, desde tempos imemoriais.

– Bem, mas deixando de lado as terras, a senhora gosta dele? As pessoas gostam dele por quem ele é?

– *Eu* não tenho por que não gostar, e acredito que seja considerado um senhorio justo e generoso por seus arrendatários, embora nunca tenha passado muito tempo entre eles.

– Mas ele não tem nenhuma peculiaridade? Qual é, de modo geral, o seu temperamento?

– Ah! O seu temperamento é irrepreensível, imagino. Mas ele é um tanto peculiar. Viajou bastante, e acho que conhece muitas partes do mundo. Penso que é inteligente, mas nunca conversamos muito.

– Peculiar em que sentido?

– Não sei... não é fácil descrever. Nada muito notável, mas se pode sentir quando ele fala com a gente. Nem sempre se tem certeza absoluta se está brincando ou falando sério, se está satisfeito ou não. Resumindo: não é possível entendê-lo completamente... não para mim, pelo menos. Mas isso não importa, ele é um ótimo senhor.

Isso foi tudo o que consegui saber da sra. Fairfax sobre o seu empregador e o meu. Certas pessoas parecem não ter muito talento para a descrição, para observar e traçar pontos de destaque, tanto nas pessoas quanto nas coisas. A boa senhora evidentemente pertencia a essa categoria. Minhas perguntas a desorientaram, mas não fizeram com que falasse mais. O sr. Rochester era o sr. Rochester a seus olhos; um cavalheiro, um proprietário de terras... nada mais. Ela não fazia mais perguntas ou investigações, e evidentemente se surpreendeu com o meu desejo de obter uma noção mais definida de sua identidade.

Quando deixou a sala de jantar, ela propôs me mostrar o resto da casa; acompanhei-a, subindo e descendo escadas e me maravilhando conforme prosseguíamos, pois tudo era bonito e bem decorado. Os amplos quartos da frente achei particularmente esplêndidos, e alguns dos quartos do terceiro andar, embora escuros e de pé-direito baixo, eram interessantes devido ao seu ar de antiguidade. A mobília outrora apropriada aos quartos do andar de baixo tinha sido aos poucos levada para lá, conforme mudava a moda, e a luz imperfeita que entrava pelas janelas estreitas revelava cabeceiras de cama com cem anos de idade, arcas de carvalho ou nogueira que pareciam, com

seus estranhos entalhes de palmas e cabeças de querubins, personagens da arca hebraica, ⁵² fileiras de veneráveis cadeiras, de espaldares altos e estreitos, e bancos ainda mais antiquados, em cujos assentos estofados havia ainda traços aparentes de bordados já meio apagados, feitos por dedos que eram poeira dentro de um caixão já fazia duas gerações. Todas essas relíquias conferiam ao terceiro andar de Thornfield Hall o aspecto de uma casa saída do passado – um altar à memória. Eu gostava do silêncio, da penumbra, da excentricidade daqueles aposentos durante o dia, mas de modo algum desejava passar uma noite numa daquelas camas amplas e pesadas – algumas fechadas com portas de carvalho, outras encerradas atrás de tapeçarias inglesas antigas e intrincadas retratando efígies de flores estranhas, de pássaros bastante estranhos e de seres humanos mais estranhos ainda. Tudo isso pareceria estranhíssimo, de fato, à luz pálida da lua.

– Os criados dormem nestes quartos? – perguntei.

– Não; ocupam uma série de apartamentos menores nos fundos. Ninguém dorme aqui. Quase poderíamos dizer que se houvesse um fantasma em Thornfield Hall seria esta a sua morada.

– Imagino que sim. Não há fantasmas aqui, então?

– Não que eu saiba – respondeu a sra. Fairfax, sorrindo.

– Nem sequer por tradição? Lendas ou histórias de fantasmas?

– Não acredito. E no entanto se diz que os Rochester foram uma raça mais violenta do que sossegada, na sua época. Talvez, porém, seja esse o motivo pelo qual agora descansam tranquilos no túmulo.

– Sim... – murmurei. – “Tranquilos dormem, agora, depois das convulsões febris da vida.” ⁵³ Aonde vai agora, sra. Fairfax? – pois ela se afastava.

– Vamos até o telhado, quer ir ver a vista de lá?

Segui-a por uma escada muito estreita até o sótão, e dali por uma escadinha e através de um alçapão até o telhado da casa. Estava agora na mesma altura dos ninhos das gralhas, que dali podia ver. Debruçando-me sobre as ameias e olhando lá para baixo, observei o terreno que se estendia como um mapa aberto: o gramado brilhante e aveludado circundando a base cinzenta da mansão; o campo, extenso como um parque e salpicado de árvores antigas; o bosque, sombrio e ressecado, dividido por um caminho

visivelmente tomado pela vegetação, mais verde com o musgo do que as árvores com as folhas; a igreja junto ao portão, a estrada, as colinas tranquilas, tudo repousando sob o sol outonal; o horizonte delimitado por um agradável céu azul, estriado de mármore branco. Nada naquela paisagem era especial, mas tudo era agradável. Quando me virei e entrei pelo alçapão outra vez, mal conseguia enxergar o caminho para descer a escadinha; o sótão parecia escuro como uma cripta, em comparação àquele arco de ar azul para o qual eu estivera olhando e àquele cenário iluminado de arvoredos, pastos e colinas verdejantes de que a casa era o centro, e que eu estivera admirando com prazer.

A sra. Fairfax ainda se demorou um instante, para fechar o alçapão. Tateando às cegas, encontrei a saída do sótão, e desci a estreita escada. Segui devagar pelo comprido corredor ao qual ela conduzia, e que separava os quartos da frente e dos fundos no terceiro andar – um corredor estreito, baixo e escuro, com uma única janelinha na extremidade, que mais parecia, com suas duas fileiras de pequenas portas negras fechadas, um corredor em algum castelo do Barba Azul.⁵⁴

Enquanto eu caminhava com cuidado, o último som que poderia imaginar ouvir num lugar tão quieto – uma risada – chegou aos meus ouvidos. Era uma risada curiosa: distinta, maquinal e desconsolada. Parei. O som cessou por um momento. Depois recomeçou, mais alto – pois no início, embora distinto, era muito baixo. Ressoou com um estrépito que pareceu ecoar em cada solitário cômodo, embora se originasse num deles, e eu podia distinguir a porta de trás da qual vinha a risada.

– Sra. Fairfax! – exclamei, pois agora a ouvia descendo a escada. – Ouviu essa risada alta? Quem é?

– Alguma criada, provavelmente – respondeu ela –; talvez Grace Poole.

– A senhora ouviu? – voltei a perguntar.

– Sim, nitidamente. Ouço-a com frequência. Ela costura num desses quartos. Às vezes Leah está com ela; costumam fazer barulho quando estão juntas.

A risada se repetiu em seu tom baixo e silábico, terminando num estranho murmurúrio.

– Grace! – exclamou a sra. Fairfax.

Eu não esperava que Grace respondesse, pois aquela era a risada mais trágica e sobrenatural que eu jamais ouvira. Não fosse o fato de ser meio-dia, e de que nenhum evento fantasmagórico acompanhava a gargalhada; não fosse o fato de que nem o cenário nem a estação favoreciam o medo, eu teria ficado supersticiosamente apavorada. Contudo, o evento me mostrou que eu era uma tola por chegar a mostrar até mesmo alguma surpresa.

A porta mais próxima se abriu, e dali saiu uma criada – uma mulher entre seus trinta e quarenta anos, um tipo quadrado e rijo, de cabelos ruivos e rosto duro e comum. Mal se poderia conceber uma aparição menos romântica ou fantasmagórica.

– Barulho demais, Grace – disse a sra. Fairfax. – Lembre-se das instruções! Grace fez uma medida silenciosa e se retirou.

– Ela é uma criada que temos para costurar e ajudar Leah no trabalho de casa – prosseguiu a viúva. – Não é perfeita, mas faz algumas coisas bem o suficiente. A propósito, como se saiu com sua aluna esta manhã?

A conversa, agora sobre Adèle, continuou até chegarmos à parte iluminada e alegre da casa, lá embaixo. Adèle veio correndo nos receber no vestíbulo, exclamando:

– *Mesdames, vous êtes servies!* – e acrescentando: – *J'ai bien faim, moi!* [55](#)

Encontramos o almoço já pronto, esperando por nós no apartamento da sra. Fairfax.

[44](#) . Jorge III (1738-1820) foi monarca do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda até sua morte, tendo sido sob seu poder que ambos os reinos se uniram. Sua vida e seu reinado foram marcados por conflitos militares envolvendo seus reinos, boa parte da Europa e regiões do Novo Mundo, da Ásia e da África. Depois de vencer a França na Guerra dos Sete Anos, que transformou a Grã-Bretanha no grande poder europeu na Índia e na América do Norte, veio a perder territórios neste continente durante a guerra de independência americana. Esteve também à frente da oposição a Napoleão, derrotando-o em Waterloo em 1815.

[45](#) . O major general James Wolfe (1727-59) foi um oficial do Exército britânico, conhecido por sua reforma do treinamento militar e por sua vitória em 1759 sobre os franceses na Batalha das Planícies de Abraão no Quebec, no contexto da Guerra dos Sete Anos. Sua morte em batalha conheceu a célebre representação de Benjamin West no quadro *A morte do general Wolfe* (1770).

[46](#) . O nome Thornfield – literalmente “campo de espinhos” – é um claro aviso, e alude a uma das

maldições lançadas por Deus contra Adão e Eva no Livro do Gênesis: “E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo” (3:17-18)

47 . Em francês no original: “Essa é minha educadora?”, “Sim, certamente”.

48 . A informação torna implícito que Adèle é católica, o que reforça sua caracterização como francesa.

49 . Solo vocal de natureza leve.

50 . Jean de la Fontaine foi escritor francês, conhecido por suas fábulas. Entre estas, está “A liga dos ratos” (1692), cuja moral diz ser mais fácil fazer planos do que executá-los.

51 . Em francês no original: ““O que você tem?”, perguntou-lhe um desses ratos; ‘Fale!’”

52 . Querubins decoram a arca da aliança, que segundo a Bíblia guardou as tábuas com os dez mandamentos. No Éxodo 37 há uma descrição de seus materiais e adornos.

53 . Citação de *Macbeth*, de Shakespeare: “Duncan descansa no sepulcro; tranquilo dorme, agora, depois das convulsões febris da vida” (Ato III, Cena 2; tradução de Carlos Alberto Nunes).

54 . No conto de fadas *Barba Azul* – consagrado na versão seiscentista do célebre escritor francês Charles Perrault –, o castelo do protagonista conta com uma galeria de inúmeras portas, todas franqueadas à sua noiva, exceto uma: a que abriga os cadáveres das noivas anteriores.

55 . Em francês no original: “Senhoras, o almoço está servido! Estou com muita fome!”

CAPÍTULO 12

A PERSPECTIVA DE uma carreira tranquila, que aquela primeira calma apresentação a Thornfield Hall parecia me prometer, não se desmentiu depois que já conhecia melhor a casa e seus moradores. A sra. Fairfax revelou ser quem parecia: uma mulher de temperamento sereno e natureza gentil, de boa educação e inteligência mediana. Minha aluna era uma criança cheia de vida que havia sido mimada, e por isso às vezes se mostrava rebelde. Mas, como foi posta inteiramente aos meus cuidados e como nenhuma interferência irrefletida viesse comprometer meus planos para sua educação, ela logo esqueceu seus pequenos caprichos e se tornou uma menina obediente e fácil de ensinar. Não tinha grandes talentos nem traços marcantes de personalidade, nenhum desenvolvimento peculiar de sentimento ou gosto que a elevasse um centímetro acima do nível habitual da infância. Mas tampouco tinha qualquer deficiência ou vício que a deixasse abaixo disso. Fazia um progresso razoável, nutria por mim um afeto intenso, embora talvez não muito profundo, e graças à sua simplicidade, à sua alegre tagarelice infantil e aos seus esforços em agradar inspirava-me, por sua vez, uma afeição suficiente para que as duas nos sentíssemos contentes uma na companhia da outra.

Isso, *par parenthèse* , [56](#) seria chamado de frieza pelas pessoas que acreditam em doutrinas solenes acerca da natureza angélica das crianças, [57](#) e do dever daqueles encarregados de sua educação em nutrir por elas uma devoção idólatra. Mas não estou escrevendo para deleitar o egoísmo dos pais, fazer eco à hipocrisia ou alimentar falsidades; estou somente dizendo a verdade. Sentia uma consciente preocupação com o bem-estar e o progresso de Adèle, e um sereno apreço por seu pequenino ser; do mesmo modo, nutria pela sra. Fairfax gratidão por sua gentileza e prazer em sua companhia, proporcionais ao tranquilo carinho que demonstrava por mim, e à moderação de sua mente e caráter.

Quem quiser pode me culpar, mas acrescento que vez por outra, quando caminhava sozinha pela propriedade, em que ia até os portões e olhava através deles para a estrada, ou em que, enquanto Adèle brincava com sua aia e a sra. Fairfax preparava geleias na despensa, eu subia as três escadas, abria o alçapão do sótão e, chegando às ameias, olhava na direção dos sossegados campos e colinas e mais além, para a difusa linha do horizonte – nessas ocasiões eu desejava ter uma visão que pudesse ultrapassar esses limites, que pudesse chegar ao mundo movimentado, às cidades, às regiões cheias de vida sobre as quais eu ouvira falar mas que nunca vira. Nesses momentos, desejava mais experiência prática do que a que possuía, mais convívio com o meu semelhante, mais contato com gente variada do que o que estava a meu alcance. Valorizava o que havia de bom na sra. Fairfax, o que havia de bom em Adèle, mas acreditava na existência de formas de bondade distintas e mais vívidas, e desejava ter diante dos olhos isso em que acreditava.

Quem pode me culpar? Muitos, sem dúvida; haveriam de me chamar de insatisfeita. Eu não podia evitar: a inquietude estava em minha natureza, e às vezes me agitava a ponto de me causar sofrimento. Então, meu único alívio era caminhar pelo corredor do terceiro andar, de um lado a outro, protegida pelo silêncio e pela solidão, e deixar que minha mente escapasse para as visões resplandecentes que nela surgiam – e eram de fato muitas, e luminosas; permitir que meu coração se elevasse com o movimento exultante que, se o perturbava, também o enchia de vida; abrir meu ouvido interno, sobretudo, a uma história que nunca terminava – uma história que minha imaginação criava e narrava continuamente, estimulada por todos os incidentes, por toda a vida, o ardor e os sentimentos que eu desejava e não tinha em minha existência real.

Diz-se em vão que os seres humanos deveriam se contentar com a tranquilidade: necessitam ação, e a provocam se não conseguem encontrá-la. Milhões estão condenados a um destino mais pacato do que o meu, e milhões se revoltam em silêncio contra ele. Ninguém sabe quantas rebeliões, para além das rebeliões políticas,⁵⁸ fermentam nas massas de vida que as pessoas enterram. Das mulheres se espera que sejam muito calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam exercício para suas faculdades e espaço para os seus esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, com uma estagnação absoluta demais,

exatamente como sofreriam os homens. E é uma estreiteza de visão por parte de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas deveriam se confinar a preparar pudim e tricotar meias, a tocar piano e bordar bolsas. É insensato condená-las ou rir delas se buscam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou necessário ao seu sexo.

Quando estava sozinha, nessas ocasiões, não era infrequente ouvir a risada de Grace Poole: a mesma gargalhada, o mesmo baixo e lento ha! ha! ha! que, na primeira vez que ouvi, me arrepiara. Também ouvia seus excêntricos murmuríos, mais estranhos do que sua risada. Em certos dias, ela ficava em silêncio, mas em outros eu nem saberia relatar quais eram os sons que fazia. Às vezes eu a via: ela saía de seu quarto com uma bacia, um prato ou uma bandeja na mão, descia para a cozinha e logo voltava, em geral trazendo (ah, leitor romântico, desculpe-me por dizer a verdade nua e crua!) uma caneca de cerveja preta. Seu surgimento sempre funcionava como um balde de água fria sobre a curiosidade despertada por suas esquisitices orais: seria, de traços duros, não havia nada em que o interesse pudesse se sustentar. Fiz algumas tentativas de conversar com ela, que no entanto parecia uma pessoa de poucas palavras: uma resposta monossilábica em geral arrematava qualquer esforço nessa direção.

Os outros moradores da mansão, a saber, John e sua esposa, Leah, a criada que cuidava da casa, e Sophie, a ama francesa, eram gente decente, mas sem maiores atrativos. Com Sophie eu costumava falar em francês, e às vezes lhe fazia perguntas sobre seu país de origem. Mas ela não era do tipo que fazia descrições ou narrativas, e em geral dava respostas tão insípidas e confusas que mais pareciam desencorajar perguntas do que estimulá-las.

Outubro, novembro e dezembro passaram. Certa tarde de janeiro, a sra. Fairfax pedira um dia de folga para Adèle, que estava resfriada; e, como Adèle secundasse o pedido com um ardor que me recordou como eram preciosos os dias de folga em minha própria infância, concordei, achando que fazia bem em me mostrar flexível nessa questão. Era um dia bonito e tranquilo, embora muito frio. Cansei-me de ficar sentada na biblioteca durante toda aquela longa manhã. A sra. Fairfax acabara de escrever uma carta que precisava ser levada ao correio, de modo que vesti meu gorro, meu casaco, e me ofereci para levá-la a Hay. A distância de três quilômetros seria uma agradável caminhada para uma tarde de inverno. Certifiquei-me de que

Adèle estava confortável em sua cadeirinha junto à lareira, na sala de estar da sra. Fairfax, e lhe dei sua mais bonita boneca (que eu normalmente guardava embrulhada em papel laminado numa gaveta) e um livro de histórias para que se divertisse um pouco. Respondendo ao seu “*Revenez bientôt, ma bonne amie, ma chère mdlle. Jeannette*” ⁵⁹ com um beijo, saí.

O chão estava firme, o ar estava parado e a estrada, solitária. Caminhei depressa até me sentir aquecida, e depois passei a caminhar devagar para apreciar e analisar os variados prazeres que aquele momento e aquela situação me ofereciam. Eram três horas; o relógio da igreja soou quando eu passava junto ao campanário. O encanto daquele momento estava na luz que declinava, no sol poente de raios pálidos. Eu me encontrava a um quilômetro e meio de Thornfield, num caminho notório pelas rosas selvagens no verão e pelas nozes e amoras no outono. Ainda agora havia algumas preciosidades cor de coral nos espinheiros, mas seu principal atrativo, no inverno, estava em sua completa solidão e na calma de suas árvores nuas. Se passasse um sopro de vento, ali não fazia ruído algum, pois não havia um azevinho ou outro arbusto qualquer em que pudesse se meter, e os espinheiros e aveleiras nuas estavam tão imóveis quanto as pedras brancas e gastas que calçavam o meio da estrada. Amplos e extensos, dos dois lados, somente os campos onde agora não havia gado pastando; os passarinhos marrons, que se agitavam de quando em quando na sebe, pareciam dispersas folhas secas que tinham se esquecido de cair.

Esse trajeto subia pela encosta da colina até chegar a Hay. Na metade dele, sentei-me numa escadinha sobre a cerca que dava para um campo. Aconchegando-me em minha capa e abrigando as mãos no regalo, eu não sentia o frio, ainda que fosse intenso, como atestava a camada de gelo cobrindo o caminho, sobre o qual um riachinho agora congelado transbordara após um rápido degelo dias antes. De onde estava eu podia ver Thornfield lá embaixo: a casa cinza com suas ameias era o que havia de mais notável no vale; seus bosques e escuros viveiros de gralhas erguiam-se a oeste. Demorei-me ali até que o sol declinou por entre as árvores, afundando vermelho e límpido atrás delas.

Sobre o topo da colina atrás de mim nascia a lua, ainda pálida como uma nuvem, mas brilhando de quando em quando. Luzia sobre Hay, que, meio perdida entre as árvores, lançava ao ar a fumaça azul de suas poucas

chaminés; ainda estava a mais de um quilômetro de distância, mas no silêncio absoluto eu podia ouvir nitidamente seus rumores suaves de vida. Meus ouvidos também notavam o correr das águas, em quais vales e profundezas eu não saberia dizer: mas havia muitas montanhas para além de Hay, e sem dúvida muitos riachos trilhando seus desfiladeiros. Aquele anoitecer calmo traía ao mesmo tempo o ruído suave dos regatos mais próximos e o suspiro dos mais remotos.

Um barulho abrupto irrompeu em meio a essas ondulações e murmurários, a um tempo distante e nítido: um ruído sincopado, um retinir metálico que perturbava o suave sussurro das ondas. Como se, numa tela, o sólido vulto de um penhasco ou o tronco rugoso de um grande carvalho, pintado em tons fortes e escuros em primeiro plano, obscurecesse a distância aérea das montanhas azuladas, do horizonte ensolarado e das nuvens mescladas, onde as tintas se misturam.

Chegava da estrada, o ruído: um cavalo a caminho. As curvas ainda o ocultavam, mas estava se aproximando. Eu descia da escadinha nesse momento, mas como o caminho era estreito fiquei ali sentada para que ele passasse. Nessa época eu ainda era jovem, e todo tipo de fantasias, belas e horríveis, veio ocupar minha mente: memórias de histórias da minha meninice estavam ali, em meio a outras bobagens; agora, ao recordá-las, a juventude lhes conferia um vigor e uma nitidez maiores do que a infância fora capaz. Enquanto o cavalo se aproximava, e enquanto eu esperava que surgisse em meio ao crepúsculo, lembrei-me de uma certa história de Bessie, sobre um espírito do norte da Inglaterra chamado Gytrash;⁶⁰ sob a forma de um cavalo, de uma mula ou de um cachorro grande, ele assombrava caminhos solitários, e às vezes fazia aparições diante de viajantes tardios, do modo como aquele cavalo agora vinha em minha direção.

Estava bem perto, mas eu ainda não podia vê-lo. Foi quando, somando-se ao ruído sincopado, ouvi algo se mexendo debaixo da sebe, e perto das aveleiras passou um enorme cachorro, cujo pelo branco e preto o destacava das árvores ao fundo. Era exatamente uma das formas do Gytrash de Bessie – uma criatura leonina de pelos compridos e cabeça imensa. Mas passou por mim calmamente, sem parar para me fitar com estranhos olhos perscrutadores, como eu esperava que fizesse. O cavalo surgiu, alto, levando nas costas um cavaleiro. O homem, o ser humano, rompeu no mesmo

momento o encanto. Ninguém jamais montava o Gytrash; estava sempre sozinho. E os duendes, até onde eu sabia, embora pudessem subir nas carcaças estúpidas dos animais, não conseguiam abrigar-se na forma humana comum. Aquele não era nenhum Gytrash – era só um viajante tomando um atalho para Millcote. Passou, e eu segui. Alguns passos depois, virei-me: o som de algo escorregando, uma exclamação de “O que diabos faço agora?” e um baque ruidoso chamaram minha atenção. O homem e o cavalo tinham caído, após escorregar na camada de gelo que cobria o caminho. O cachorro voltou correndo. Ao ver o dono em apuros e ao ouvir o cavalo relinchar, latiu até que as montanhas já escuras ecoassem o som, profundo se comparado a sua magnitude. Farejou o grupo caído ao chão e correu até mim. Era tudo o que podia fazer – não havia outra pessoa ali para ajudar. Obedeci-lhe e fui até o viajante, que agora lutava para desmontar o cavalo. Seus esforços eram tão vigorosos que pensei que não devia estar muito machucado, mas lhe perguntei:

– Está ferido, senhor?

Acho que ele estava praguejando, mas não tenho certeza. Dizia, de todo modo, alguma fórmula que o impediu de me responder diretamente.

– Posso ajudar em alguma coisa? – voltei a perguntar.

– É só se afastar – respondeu ele enquanto se punha primeiro de joelhos e depois de pé.

Foi o que fiz. A isso se seguiu um ruidoso tumulto de arquejos e pés batendo com força no chão, acompanhado por latidos que me afastaram alguns metros; mas eu não iria embora antes de ver o desfecho da situação. Que foi, felizmente, positivo: o cavalo se aprumou e o cachorro se calou a um grito de “Quieto, Pilot!”. Curvando-se, o viajante procurou sentir o pé e a perna, como se quisesse ver se estavam bem. Aparentemente algo o incomodava, pois ele parou junto à porteira da qual eu acabava de descer e sentou-se ali.

Eu estava disposta a ser útil, ou pelo menos solícita, acho, pois me aproximei outra vez.

– Se o senhor está machucado e precisa de ajuda, posso ir chamar alguém em Thornfield Hall ou em Hay.

– Obrigado, eu dou conta. Não tenho nenhum osso quebrado, foi só uma

torção – e mais uma vez tentou firmar o pé, mas o resultado foi um involuntário “Ai!”.

Ainda havia um pouco de luz no céu, e a lua era um crescente brilhante. Eu podia vê-lo com nitidez. Estava envolto numa capa de montaria com gola de pele e fechos de metal. Os detalhes não eram aparentes, mas consegui distinguir a altura mediana e o peito consideravelmente amplo. Tinha um rosto severo, com traços duros e fronte carregada. Seus olhos e sobrancelhas franzidas pareciam coléricos e frustrados. Já não era jovem, mas ainda não chegara à meia-idade; devia ter seus trinta e cinco anos. Não senti medo dele, e só um pouco de timidez. Se ele fosse um jovem bonito e de aparência heroica, eu não teria ousado ficar lhe fazendo essas perguntas contra a sua vontade, e oferecendo uma ajuda que não fora solicitada. Poucas vezes eu vira um jovem bonito, e nunca na vida falara com um. Tinha uma reverência e um respeito teóricos pela beleza, pela elegância, pela galanteria e pelo charme. Mas se encontrasse essas qualidades encarnadas numa forma masculina, saberia instintivamente que não tinham nem poderiam ter afinidades com algo em mim, e fugiria como do fogo, do relâmpago, ou de qualquer coisa brilhante mas hostil.

Se esse estranho tivesse sorrido e se mostrado bem-humorado quando eu me dirigia a ele, se tivesse recusado minha oferta de ajuda alegremente e com agradecimentos, eu teria seguido meu caminho, sem me inclinar a continuar fazendo perguntas. Mas o cenho franzido e a descortesia do viajante me deixaram à vontade: fiquei parada quando ele fez um gesto para que eu me fosse, e anunciei:

– Não posso pensar em deixá-lo tão tarde e num lugar tão solitário, senhor, enquanto não tiver condições de montar seu cavalo.

Ele olhou para mim quando eu disse isso; mal tinha voltado os olhos em minha direção antes.

– Acho que você é que teria de estar em casa – disse ele –, se por acaso mora por aqui. De onde vem?

– Moro logo ali adiante, e não tenho medo de ficar fora até tarde quando há luar. Posso ir até Hay com prazer se o senhor desejar; na verdade, estava indo colocar uma carta no correio.

– Mora logo ali adiante? Refere-se àquela casa com ameias? – apontando

para Thornfield Hall, sobre a qual a lua projetava um brilho esbranquiçado que a destacava, nítida e pálida, da floresta ao fundo. Esta, em contraste com o céu a oeste, parecia uma massa de sombra.

- Sim, senhor.
- De quem é a casa?
- Do sr. Rochester.
- Conhece o sr. Rochester?
- Não, nunca estive com ele.
- Ele não mora ali, então?
- Não.
- Você não sabe onde ele está?
- Não sei.
- Você não é uma criada, é claro. Então deve ser...

Ele parou de falar e passou os olhos pelas minhas roupas, que, como de hábito, eram muito simples – uma capa preta de lã e uma touca preta de pele de castor. Nada disso era elegante o suficiente para a criada pessoal de uma dama. Ele pareceu intrigado, sem conseguir se decidir; ajudei-o.

- Sou a educadora.
- Ah, a educadora! – ele repetiu. – Diabos me carreguem, esqueci! A educadora!

E mais uma vez minha indumentária passou por um escrutínio.

Em dois minutos ele se levantou da porteira; seu rosto expressava dor quando ele tentava se mover.

- Não posso encarregá-la de buscar auxílio – disse ele –, mas pode me ajudar um pouco você mesma, se quiser fazer essa gentileza.

- Sim, senhor.
- Tem uma sombrinha que eu possa usar como apoio?
- Não.
- Tente pegar a rédea do meu cavalo e trazê-lo até aqui. Não tem medo?

Eu teria sentido medo de tocar um cavalo se estivesse sozinha, mas quando ele me disse para fazê-lo eu me dispus a obedecer. Coloquei o regalo na

escadinha da cerca e me aproximei do alto animal; tentei pegar a rédea, mas ele era uma criatura agitada, e não deixou que eu me aproximasse da sua cabeça. Fiz várias tentativas, todas em vão; enquanto isso, sentia um medo mortal de suas patas dianteiras. O viajante observou durante algum tempo, e por fim riu.



F H. Townsend

I was mortally afraid of
of breaking my feet

Sentia um medo mortal de suas patas dianteiras.

– Estou vendo – disse ele –; a montanha jamais será trazida a Maomé, então tudo o que você pode fazer é ajudar Maomé a chegar à montanha. Peço-lhe que venha até aqui.

Obedeci.

– Desculpe-me – prosseguiu ele. – A necessidade me obriga a valer-me da sua ajuda.

Colocou a pesada mão sobre o meu ombro e, apoiando-se em mim com algum esforço, foi mancando até o cavalo. Depois de pegar a rédea, dominou-o e pulou sobre a sela, com um esgar de dor devido ao esforço que sobrecarregava a entorse.

– Agora – disse ele, relaxando o lábio inferior, que mordia com força – é só apanhar meu chicote. Está ali debaixo da sebe.

Procurei-o e o encontrei.

– Obrigado. Agora não demore a ir postar essa carta em Hay, e volte o mais depressa que puder.

Um toque das esporas fez o cavalo se sobressaltar e recuar, e em seguida partir. O cachorro o seguiu, e os três desapareceram...

Como a urze que, no descampado,
O vento bravo dispersa. [61](#)

Peguei o regalo e segui em frente. O incidente, para mim, ocorrera e se encerrara. *Fora* um incidente sem consequências, sem drama, sem qualquer interesse; contudo, marcou com algo novo uma única hora numa vida monótona. Minha ajuda fora necessária e fora requisitada, e eu a concedera. Estava contente por ter feito algo. Embora fosse um feito trivial e transitório, ainda assim fora algo ativo, e eu estava cansada de uma existência inteiramente passiva. O novo rosto também era um novo quadro acrescentado à galeria da memória, e ao mesmo tempo diferente dos que havia ali. Primeiro por ser masculino, segundo por ser grave, forte e severo. Ainda o tinha diante de mim quando cheguei a Hay e deixei a carta no correio; podiavê-lo enquanto caminhava depressa descendo a colina por todo o trajeto até

em casa. Quando cheguei à escadinha na cerca, detive-me por um instante, olhei ao redor e me pus a escutar, com a ideia de que os cascos do cavalo talvez soassem sobre o caminho outra vez, e que um cavaleiro de capa e um cachorro terra-nova parecido com um Gytrash pudessem surgir outra vez. Só o que vi foi a sebe e um salgueiro podado diante de mim, projetando-se imóvel e muito reto ao encontro do luar. Só ouvi o sopro suave do vento passando entre as árvores que circundavam Thornfield, a um quilômetro e meio dali. E quando me virei na direção do murmúrio meus olhos perceberam, ao percorrer a fachada da casa, uma luz a tremeluzir na janela. Lembrou-me de que era tarde, e apressei o passo.

Não gostei de voltar a Thornfield. Passar pelo limiar da porta era regressar à estagnação; atravessar o vestíbulo silencioso, subir a escada escura em direção ao meu quartinho, e então encontrar a tranquila sra. Fairfax e passar a longa noite de inverno com ela, e somente com ela, era aniquilar por completo a leve excitação despertada pela minha caminhada... era submeter outra vez os meus sentidos aos grilhões invisíveis de uma existência uniforme e demasiadamente parada. Uma existência cujos privilégios de segurança e conforto eu estava me tornando incapaz de apreciar. Que bem me teria feito, naquele momento, ser lançada em meio à tempestade de uma vida incerta e laboriosa, e aprender, pela experiência árdua e amarga, a ansiar a calma em meio à qual eu agora me queixava! Sim; do mesmo modo como dar uma longa caminhada faria bem a um homem cansado de estar sentado numa cadeira “confortável demais”. ⁶² E tão natural era o desejo do movimento nas minhas circunstâncias quanto teria sido nas dele.

Demorei-me junto ao portão, demorei-me no gramado. Fiquei andando de um lado a outro, na calçada. As venezianas da porta de vidro estavam fechadas e eu não podia ver o interior. Tanto meus olhos quanto meu espírito pareciam repelidos por aquela sombria casa – por aquele oco cinzento cheio de celas escuras, como me pareceu – e atraídos pelo céu que se expandia diante de mim, um mar azul livre de manchas de nuvens. Nele se elevava em marcha solene a lua, sua orbe parecendo fitar-nos conforme se afastava do topo das colinas por trás das quais surgira e que deixava para trás, aspirando ao zênite, uma escuridão de meia-noite em sua profundezia abismal e em sua distância imensurável. Aquelas estrelas tremeluzentes que lhe seguiam a trajetória faziam meu coração estremecer e minhas veias arderem quando as

fitava. Pequenas coisas nos chamam de volta à terra: o relógio soou no vestíbulo; foi suficiente. Dei as costas à lua e às estrelas, abri uma porta lateral e entrei.

O vestíbulo não estava escuro, tampouco iluminado pelo lampião de bronze pendurado no alto. Um brilho cálido se espalhava ali e pelos degraus inferiores da escada de carvalho. Esse lume acobreado vinha do grande salão de jantar, cujas portas duplas estavam abertas e deixavam ver um fogo agradável na lareira, luzindo no mármore e nos metais e revelando cortinas púrpura e mobília polida em seu mais pleno esplendor. Revelava, também, um grupo de pessoas junto à lareira. Eu mal as vira, e mal tomara consciência da alegre mistura de vozes, entre as quais pensei distinguir a de Adèle, quando a porta de fechou.

Segui apressada aos aposentos da sra. Fairfax. A lareira estava acesa ali também, mas não havia velas, e a sra. Fairfax não estava. Em seu lugar, sozinho e sentado empertigado no tapete, a contemplar com um ar grave o fogo, vi um enorme cachorro preto e branco de pelo longo, exatamente igual ao Gytrash do caminho. Era tão idêntico que me aproximei e disse:

– Pilot.

Com o que o animal se levantou e veio me farejar. Acariciei-o, e ele balançou a comprida cauda. Mas parecia uma criatura por demais estranha para que eu quisesse estar ali a sós com ele, e eu não sabia de onde surgira. Toquei a sineta, pois queria uma vela; queria, também, uma explicação acerca daquele visitante. Leah entrou.

– Que cachorro é esse?

– Veio com o senhor.

– Com quem?

– Com o sr. Rochester. Ele acaba de chegar.

– É mesmo? E a sra. Fairfax está com ele?

– Sim, e a srta. Adela. Estão na sala de jantar, e John foi buscar um médico, pois o senhor sofreu um acidente. Seu cavalo caiu, e ele torceu o tornozelo.

– O cavalo caiu no caminho para Hay?

– Sim, descendo a encosta. Escorregou no gelo.

– Ah! Pode me trazer uma vela, por favor, Leah?

Ela trouxe. Entrou, acompanhada da sra. Fairfax, que repetiu a notícia, acrescentando que o sr. Carter, o médico, chegara, e estava agora com o sr. Rochester. Então saiu às pressas a fim de dar ordens para o chá, e eu subi para trocar de roupa.

56 . Em francês no original: aliás, a propósito.

57 . Segundo a pesquisadora Juliet Barker, Charlotte Brontë não gostava da maioria de suas alunas na escola de Roe Head.

58 . Segundo Stevie Davies, o tom de ameaça desse manifesto, colocando os sentimentos de rebeldia das mulheres no contexto mais amplo do desconforto social da Inglaterra dos anos 1840, afrontou os críticos conservadores.

59 . Em francês no original: “Volte logo, minha querida amiga, minha cara srtá. Jeannette.”

60 . O nome Gytrash se aplica a uma criatura espectral de mau agouro, que popularmente assume diferentes formas – cavalos, mulas ou cachorros pretos –, cujos olhos brilham como brasa. Acredita-se que o Gytrash vive nas estradas e faz com que os viajantes se percam.

61 . Citação de “Destruído é teu trono, ó Israel!”, de *Canções sagradas* (1816), do poeta irlandês Thomas Moore.

62 . Citação do poema cômico-heroico *The Dunciad* (1743), do poeta inglês Alexander Pope: “Tu também, Ó Paridel! Ela te viu ali/ Estirado na estrutura de uma cadeira por demais confortável/ E escutou teu bocejo infinito confessar/ Os sofrimentos e castigos do ócio” (vv.341-4). Em português, o poema inspirou a obra satírica de Padre José Agostinho de Macedo *Os burros, ou O reinado da sandice* (1835). No prefácio à obra, o autor se refere a seu modelo inglês com o título *A dunciada*, a despeito do anglicismo; “*Dunciad*”, como paródia de *Iliad*, une o substantivo *dunce* (idiota) ao sufixo patronímico *-iad* (em português “-íada”, presente no título do épico português *Os Lusíadas*).

CAPÍTULO 13

O SR. ROCHESTER FOI para a cama cedo, aparentemente, seguindo ordens do médico. Também se levantou tarde no dia seguinte. Quando desceu, foi para tratar de negócios. Seu procurador e alguns de seus arrendatários tinham chegado, e estavam esperando para falar com ele.

Adèle e eu precisávamos desocupar a biblioteca, que seria usada diariamente, agora, para receber os visitantes. Uma lareira foi acesa em aposentos no andar de cima, e para lá levei nossos livros e arrumei tudo a fim de transformá-los em sala de aula. Percebi, no curso daquela manhã, que Thornfield Hall estava mudada. Não mais silenciosa feito uma igreja, ressoava a cada hora ou duas com alguém batendo à porta ou com o sino da entrada tocando. Frequentemente havia passos cruzando o vestíbulo, e novas vozes falavam em tons diferentes lá embaixo. Uma aragem do mundo exterior agora atravessava a casa. O dono estava presente e, de minha parte, eu gostava mais das coisas assim.

Não foi fácil ensinar a Adèle naquele dia. Ela não conseguia se concentrar. Ficava a toda hora correndo até a porta e olhando por cima do corrimão para ver se conseguia ver de relance o sr. Rochester. Então inventava pretextos para descer e, como eu já suspeitava, visitar a biblioteca, aonde eu sabia que não queriam que fosse. E então, quando fiquei um pouco zangada e mandei que se sentasse e se aquietasse, ela continuou falando incessantemente de seu “*ami* , monsieur Edouard Fairfax *de Rochester*”, como o chamava (eu ainda não ouvira esses nomes), e se perguntando que presentes ele teria trazido para ela. Pois aparentemente ele sugerira, na noite anterior, que quando sua bagagem chegasse de Millcote haveria nela uma pequena caixa cujo conteúdo poderia lhe interessar.

— *Et cela doit signifier* — disse ela — *qu'il y aura, là dedans, un cadeau pour moi, et peut-être pour vous aussi, mademoiselle. Monsieur a parlé de vous: il m'a demandé le nom de ma gouvernante, et si elle n'était pas une*

petite personne, assez mince et un peu pâle. J'ai dit qu'oui: car c'est vrai, n'est-ce pas, mademoiselle? [63](#)

Eu e minha aluna almoçamos, como de hábito, na sala da sra. Fairfax. A tarde foi de muita neve, e ficamos na sala de aula. Quando escureceu, permiti que Adèle deixasse de lado os livros e tarefas e corresse lá para baixo. Pois, a tomar pelo silêncio relativo e pelo cessar dos toques da campainha, supus que o sr. Rochester agora estivesse livre. Vendo-me sozinha, fui até a janela, mas nada havia para se ver dali. O crepúsculo e a neve deixavam o ar turvo, ocultando até mesmo os arbustos no gramado. Fechei a cortina e voltei para junto da lareira.

Contemplando as brasas, eu fantasiava uma imagem não muito diferente da que me lembrava de ter visto do castelo de Heidelberg, no Reno, [64](#) quando a sra. Fairfax entrou, desfazendo com sua chegada o ardente mosaico que eu compunha, e afugentando também alguns pensamentos indesejáveis que começavam a povoar minha solidão.

– O sr. Rochester gostaria que você e sua aluna fossem tomar chá com ele na sala de estar hoje à noite – disse ela. – Ele esteve tão ocupado o dia todo que não pode vê-la antes.

– A que horas é o chá? – perguntei.

– Ah, às seis. Aqui no campo ele faz as refeições cedo. É melhor você trocar de roupa. Vou ajudá-la com o fecho. Tome esta vela.

– Preciso trocar de roupa?

– Sim, é melhor. Sempre me arrumo, à noite, quando o sr. Rochester está.

Essa cerimônia adicional parecia um tanto pomposa. Mas fui para o meu quarto e, com a ajuda da sra. Fairfax, troquei meu vestido preto de trabalho por outro de seda preta, o melhor e o único adicional que tinha, exceto por um cinza-claro que, de acordo com minhas noções de toalete adquiridas em Lowood, achava elegante demais para usar, a menos que fossem ocasiões muito especiais.

– Precisa de um broche – disse a sra. Fairfax.

Eu tinha uma única joia de pérola, que a srta. Temple me dera como presente de despedida. Coloquei-a e descemos. Desacostumada como estava a estranhos, era uma prova e tanto aparecer formalmente convocada na

presença do sr. Rochester. Deixei que a sra. Fairfax entrasse primeiro na sala de jantar, e me limitei a segui-la enquanto cruzávamos o cômodo. Passando sob o arco, cuja cortina estava agora fechada, entramos no elegante recesso que ficava ali atrás.

Duas velas de cera se encontravam acesas sobre a mesa, e duas na lareira. Desfrutando a luz e o calor de um fogo magnífico estava Pilot – Adèle se ajoelhava perto dele. O sr. Rochester, meio reclinado num sofá, apoiava o pé numa almofada; estava olhando para Adèle e o cachorro. O fogo brilhava em cheio no seu rosto. Reconheci meu viajante, com suas sobrancelhas espessas e escuras, a testa quadrada ainda mais angulosa pelo corte horizontal do cabelo preto. Reconheci seu enérgico nariz, mais notável pelo caráter do que pela beleza, e as narinas tensas que denotavam, pensei, mau humor. A boca, o queixo e a mandíbula eram severos – sim, os três eram bastante severos, não restava dúvida. Seu corpo, agora sem a capa, parecia combinar com a fisionomia quadrada. Acho que era uma bela figura, no sentido atlético do termo – peito largo e quadris estreitos, embora não fosse nem alto, nem gracioso.

O sr. Rochester devia estar consciente da entrada da sra. Fairfax e da minha, mas parecia não querer notar a nossa presença, pois nem sequer levantou a cabeça conforme nos aproximamos.

– A srta. Eyre está aqui, senhor – informou a sra. Fairfax, a seu modo discreto.

Ele fez uma medida com a cabeça, os olhos ainda fixos no cachorro e na menina.

– Convide a srta. Eyre a se sentar – disse ele, e havia algo na medida forçada e rígida e no tom impaciente e formal que parecia expressar “Que diabos me importa se a srta. Eyre está aqui ou não? Neste momento, não estou disposto a cumprimentá-la”.

Sentei-me com desembaraço. Uma recepção de mais fina polidez teria provavelmente me confundido, pois eu não saberia como responder ou retribuir com graça e elegância. Mas aquela atitude áspera não me obrigava a coisa alguma. Pelo contrário: uma digna tranquilidade diante daqueles caprichos me deixava em vantagem. Além disso, a extravagância de sua atitude era instigante: eu estava interessada em ver como prosseguiria.

Ele continuou feito uma estátua, sem falar ou se mover. A sra. Fairfax parecia achar necessário que alguém se mostrasse amável, e começou a falar. Gentil, como sempre – e, como sempre, um tanto banal –, ela lamentou a pressão dos negócios que ele tivera durante todo o dia, e o incômodo que devia ter sido para ele com aquela dolorosa torção. Parabenizou-o então pela paciência e perseverança em lidar com tudo aquilo.

– Madame, eu gostaria de tomar um pouco de chá – foi a única resposta que obteve.

Ela se apressou em tocar o sino, e quando veio a bandeja se pôs a arrumar as xícaras, colheres etc. com a costumeira diligênciia. Eu e Adèle fomos para a mesa, mas o meu senhor não saiu do sofá.

– Pode entregar ao sr. Rochester a xícara? – disse-me a sra. Fairfax. – Adèle poderia derramar.

Fiz o que ela pedia. Quando ele tomou a xícara da minha mão, Adèle, considerando o momento propício para um pedido a meu favor, exclamou:

– *N'est-ce pas, monsieur, qu'il y a un cadeau pour mademoiselle Eyre dans votre petit coffre?*⁶⁵

– Quem falou em *cadeaux*? – disse ele bruscamente. – Esperava um presente, srta. Eyre? Gosta de presentes? – e ele perscrutou meu rosto com olhos que vi serem sombrios, furiosos e penetrantes.

– Não sei dizer, senhor. Não tenho muita experiência nisso. Os presentes em geral são considerados agradáveis.

– Em geral são considerados? Mas o que você acha?

– Eu precisaria de mais tempo, senhor, para poder lhe dar uma resposta digna. Um presente tem muitas facetas, não? E é preciso considerá-las antes de emitir uma opinião a respeito.

– Srta. Eyre, você não é tão ingênua quanto Adèle. Ela exige clamorosamente um *cadeau* no instante em que me vê, enquanto você contorna o assunto.

– Isso porque tenho menos confiança nos meus méritos do que Adèle. Ela pode alegar o conhecimento antigo, e também o direito garantido pelo hábito, pois me disse que o senhor costuma lhe dar brinquedos. Mas se eu tivesse que reivindicar alguma coisa ficaria desorientada, pois sou uma estranha, e nada

fiz que me dê o direito a um reconhecimento.

– Ah, não exagere na modéstia! Observei Adèle e vi que você se dedica muito. Ela não é brilhante, nem tem grandes talentos, mas em pouco tempo progrediu bastante.

– Senhor, acaba de me dar o meu *cadeau*. Agradeço-lhe. Essa é a recompensa que mais almejam os professores: elogios aos progressos de seus alunos.

– Hum! – fez o sr. Rochester, e tomou seu chá em silêncio. – Venham para junto do fogo – disse, quando a bandeja foi retirada e a sra. Fairfax se instalara num canto com seu tricô; Adèle me levava pela mão, mostrando-me os belos livros e enfeites nos consoles e cômodas.

Obedecemos, como era nosso dever. Adèle queria se sentar no meu colo, mas recebeu ordens de ir brincar com Pilot.

– Faz três meses que reside em minha casa?

– Sim, senhor.

– E vem de...?

– Da escola de Lowood, senhor, no condado de...

– Ah! Uma instituição de caridade. Por quanto tempo esteve lá?

– Oito anos.

– Oito anos! Deve ser mesmo muito aferrada à vida. Pensei que metade desse tempo num lugar como aquele acabaria com a saúde de qualquer um! Não é de se admirar que sua aparência seja a de quem vem do outro mundo. Eu me perguntava onde teria adquirido esse aspecto. Quando se aproximou de mim na estrada para Hay ontem à noite, pensei inexplicavelmente em contos de fadas, e quase lhe perguntei se enfeitiçara meu cavalo. Ainda não estou seguro de que não tenha. Onde estão seus pais?

– Não tenho pais.

– E nunca teve, suponho; lembra-se deles?

– Não.

– Como pensei. Então estava esperando pela sua gente, sentada naquela escadinha na cerca?

– Por quem, senhor?

– Pelos homenzinhos de verde.⁶⁶ Era uma noite de lua bem propícia a eles. Entrei num de seus círculos, e por isso você espalhou aquele maldito gelo na estrada?

Sacudi a cabeça.

– Os elfos deixaram a Inglaterra já faz cem anos – eu disse, com a mesma seriedade com que ele falara. – E nem mesmo na estrada para Hay, ou nos campos ao redor, o senhor conseguiria encontrar vestígios deles. Não acho que o luar do verão, do outono ou do inverno voltará a brilhar sobre suas festas.

A sra. Fairfax parara de tricotar e parecia se perguntar, as sobrancelhas erguidas, que tipo de conversa era aquela.

– Bem – retomou o sr. Rochester –, se você não tem pais, deve ter algum parente: tios e tias?

– Não; ninguém que eu jamais tenha visto.

– E sua casa?

– Não tenho casa.

– Onde vivem seus irmãos e irmãs?

– Não tenho irmãos ou irmãs.

– Quem a recomendou para este posto?

– Coloquei um anúncio, e a sra. Fairfax respondeu.

– Sim – disse a boa senhora, que sabia em que terreno pisávamos –, e todos os dias dou graças pela escolha que a Providência me levou a fazer. A srt. Eyre tem sido uma companheira inestimável para mim, e uma professora gentil e cuidadosa para Adèle.

– Não se dê ao trabalho de definir-lhe o caráter – retorquiu o sr. Rochester.

– Elogios não vão me impressionar. Faço eu mesmo meu julgamento. Ela começou derrubando meu cavalo.

– Senhor? – disse a sra. Fairfax.

– A ela devo agradecer por esta torção.

A viúva parecia desconcertada.

– Srt. Eyre, já viveu numa cidade?

- Não, senhor.
 - Esteve em companhia de muita gente?
 - Somente as alunas e professoras de Lowood, e agora os residentes de Thornfield.
 - Leu bastante?
 - Só os livros que chegaram a mim. E não foram numerosos, nem muito eruditos.
 - Leva a vida de uma freira: sem dúvida é versada nas questões de religião. Brocklehurst, que acredito ser quem dirige Lowood, é um pastor, não?
 - Sim, senhor.
 - E vocês meninas provavelmente o idolatravam, como um convento cheio de religiosas haveria de idolatrar seu diretor.
 - Ah, não.
 - Você é muito indiferente! Não! Como? Uma noviça que não idolatra seu pastor? Soa a blasfêmia.
 - Eu não gostava do sr. Brocklehurst, e não era a única. Ele é um homem duro, ao mesmo tempo pomposo e intrometido. Mandou cortar nosso cabelo, e por medidas de economia nos dava agulhas e linha de má qualidade, com as quais mal conseguíamos costurar.
 - Economia muito malfeita – observou a sra. Fairfax, que voltara a acompanhar o diálogo.
 - E o auge e a dimensão da sua ofensa foram esses? [67](#) – perguntou o sr. Rochester.
 - Ele nos fazia passar fome quando era o único supervisor do departamento de provisões, antes que designassem o comitê. E nos entediava com sermões uma vez por semana, e com leituras noturnas de extensos livros indicados por ele, sobre mortes súbitas e julgamentos, que nos deixavam com medo de ir para a cama.
 - Que idade você tinha quando foi para Lowood?
 - Mais ou menos dez anos.
 - E viveu ali por oito anos. Agora tem, então, dezoito?
- Fiz que sim.

– A aritmética, como vê, é útil. Sem essa ajuda, eu não teria conseguido adivinhar sua idade. É difícil fazê-lo quando os traços do rosto e a aparência são tão discrepantes quanto os seus. E o que aprendeu em Lowood? Sabe tocar piano?

– Um pouco.

– Claro, essa é a resposta padrão. Vá até a biblioteca... isto é, por favor. (Desculpe meu tom de comando; estou habituado a dizer “faça isso” e ser obedecido. ⁶⁸ Não tenho como alterar meus hábitos para uma nova moradora.) Vá, então, até a biblioteca, e leve uma vela. Deixe a porta aberta, sente-se ao piano e toque alguma coisa.

Fui, obedecendo às suas ordens.

– Já basta! – ele exclamou, após alguns minutos. – Você toca *um pouco*, posso ver, como qualquer outra estudante inglesa. Talvez melhor do que algumas, mas não toca bem.

Fechei o piano e voltei. O sr. Rochester prosseguiu:

– Adèle me mostrou alguns esboços hoje de manhã e disse serem seus. Não sei se são obras inteiramente suas; provavelmente algum mestre a ajudou.

– Na verdade, não! – exclamei.

– Ah! Isso mexe com seu orgulho. Bem, vá buscar sua pasta, se pode jurar que o conteúdo é original, mas não afirme que é, a menos que tenha certeza. Sei reconhecer remendos.

– Então não direi nada, e o senhor poderá julgar por si mesmo.

Trouxe minha pasta da biblioteca.

– Traga a mesa para cá – ordenou ele, e eu a empurrei até o sofá.

Adèle e a sra. Fairfax se aproximaram para ver os desenhos.

– Não se amontoem – disse o sr. Rochester. – Podem pegar os desenhos da minha mão quando eu terminar, mas não empurrem o rosto para junto do meu.

Ele examinou com atenção cada desenho e cada pintura. Três ele pôs de lado; o restante foi afastado depois que viu.

– Leve-os para a outra mesa, sra. Fairfax – disse ele –, e pode ver, com

Adèle. Você (olhando para mim), volte a se sentar onde estava, e responda às minhas perguntas. Vejo que estas pinturas foram feitas pela mão de uma só pessoa. Foi a sua, essa mão?

– Sim.

– E quando encontrou tempo para fazê-las? Precisaram de tempo, e de alguma reflexão.

– Fiz nas últimas duas férias que passei em Lowood, quando não tinha outras atividades.

– De onde tirou as imagens?

– Da minha própria cabeça.

– Essa cabeça que vejo agora sobre os seus ombros?

– Sim, senhor.

– Há mais coisas do mesmo tipo aí dentro?

– Acho que talvez haja. Espero que haja.

Ele espalhou as pinturas diante de si e as examinou outra vez, alternadamente.

Enquanto ele se ocupa com isso, vou lhe dizer, leitor, o que são: e em primeiro lugar devo adiantar que não são nada de extraordinário. [69](#) Os temas tinham realmente surgido de forma nítida em minha mente. Enquanto os via com os olhos do espírito, antes de tentar passá-los para o papel, eram admiráveis. Mas minha mão não acompanhava minha imaginação, e em todos os casos fizera um pálido retrato do que eu antes concebera.

Eram aquarelas. A primeira representava nuvens baixas e lívidas, deslizando sobre um mar revolto. A distância se eclipsava; o primeiro plano também – ou, antes, as ondas mais próximas, pois não havia terra. Um raio de luz destacava um mastro semissubmerso em que se empoleirava um biguá, grande e negro, asas salpicadas de espuma. No bico, levava um bracelete de ouro com pedras preciosas incrustadas, que eu pintara com as cores mais brilhantes oferecidas pela minha paleta, e com a distinção mais reluzente que meu lápis tinha condições de conferir. Afundando abaixo do pássaro e do mastro, a água esverdeada deixava entrever um corpo afogado. Um braço pálido era a única parte nítida do corpo, e dele o bracelete fora levado pela água, ou arrancado.

A segunda pintura tinha em primeiro plano somente o pico difuso de uma colina, o capim e algumas folhas inclinados como se uma brisa soprasse. Atrás e acima estendia-se o céu, azul-escuro, como na hora do crepúsculo. E recortada contra o céu estava a figura de uma mulher, só revelada até o busto e nos tons mais sombrios e suaves que consegui criar. A fronte indistinta estava coroada por uma estrela, e os traços do corpo eram vistos através de uma névoa difusa. Os olhos reluziam negros e arrebatados; o cabelo caía numa cascata escura, como uma nuvem atravessada pela tempestade ou por um relâmpago. No pescoço via-se um pálido reflexo, como o do luar; o mesmo lume vago tocava as nuvens delgadas das quais surgia a visão da Estrela Vespertina.

A terceira mostrava o pico de um iceberg atravessando o céu polar de inverno. A aurora boreal projetava seus raios pálidos e densos ao longo do horizonte. Lançando-os para longe se erguia, em primeiro plano, uma cabeça – uma cabeça colossal, inclinada sobre o iceberg e repousando nele. Duas mãos delgadas, unidas sob a fronte e apoiando-a, abriam sobre o rosto um véu negro. Só eram visíveis uma testa muito pálida, branca como osso, e um único olho vazio e imóvel, sem outra expressão para além do brilho vidrado do desespero. Acima das têmporas, em meio às dobras de um turbante negro, de consistência indefinida como a das nuvens, reluzia um halo de chamas brancas, cravejado de lampejos de tom ainda mais pálido. Esse pálido crescente era “a imagem de uma coroa real”, e o que coroava, “a forma que não tinha forma”. [70](#)

– Estava feliz quando pintou estas aquarelas? – perguntou então o sr. Rochester.

– Senti-me absorvida por elas, senhor. Sim, estava feliz. Pintá-las foi, em poucas palavras, desfrutar de um dos mais intensos prazeres que jamais conheci.

– Isso não diz muita coisa. Seus prazeres, segundo você mesma, foram poucos. Mas ouso dizer que de fato residiu numa espécie de terra dos sonhos artística enquanto misturava e punha no papel esses tons estranhos. Dedicava a elas muito tempo do seu dia?

– Não tinha outra coisa a fazer, pois estávamos de férias, e eu pintava durante toda a manhã até o meio-dia, e do meio-dia até anoitecer. Os longos

dias de verão eram favoráveis à minha dedicação.

– E ficou satisfeita com o resultado de seus intensos esforços?

– Longe disso. Sentia-me atormentada pelo contraste entre a ideia e o resultado. Em todos os casos eu imaginara algo que não tinha condições de realizar.

– Não é inteiramente verdade: logrou pintar uma sombra de seu pensamento. Mas não mais do que isso, provavelmente. Não tinha suficiente técnica e conhecimento artístico para lhe dar forma completa. Mas as imagens são peculiares para uma estudante. Quanto à ideia por trás, é de natureza élfica. Esses olhos da Estrela Vespertina você deve ter visto num sonho. Como conseguiu fazer com que fossem tão nítidos, mas ainda assim nada brilhantes? Pois o planeta no alto subjuga seus raios. E qual o significado de sua profundidade solene? E quem a ensinou a pintar o vento? Há uma ventania forte no céu, e no topo dessa colina. Onde foi que você viu Latmos? Pois isto aqui é Latmos. [71](#) Pois bem... guarde as pinturas!

Eu mal atara as fitas da pasta quando, olhando para o seu relógio, ele declarou, de forma abrupta:

– São nove horas. O que pretende, srta. Eyre, ao deixar Adèle acordada até tão tarde? Leve-a para a cama.

Adèle foi beijá-lo antes de deixar a sala. Ele tolerou a demonstração de afeto, mas não pareceu desfrutar dela mais do que Pilot teria, nem mesmo tanto quanto.

– Desejo-lhes uma boa noite – disse ele, fazendo um gesto com a mão na direção da porta, uma indicação de que estava cansado da nossa companhia e queria que nos fôssemos dali.

A sra. Fairfax dobrou seu tricô, eu peguei minha pasta. Fizemos uma medida, recebemos em retribuição um frio aceno de cabeça, e nos retiramos.

– A senhora disse que o sr. Rochester não tem nada de muito peculiar, sra. Fairfax – observei, quando nos vimos outra vez juntas depois que eu pusera Adèle na cama.

– Bem, e por acaso tem?

– Acho que sim: ele é muito instável e brusco.

– É verdade; não há dúvidas de que é como deve parecer, a um estranho,

mas estou tão acostumada ao seu modo de ser que nem penso no assunto. Além disso, se ele tem certas peculiaridades de temperamento, há que se compreender.

– Por quê?

– Em parte porque é sua natureza, e nenhum de nós tem como evitar o que é da nossa natureza. E em parte porque ele tem pensamentos dolorosos, sem dúvida, que o perseguem, e tornam seu espírito instável.

– Sobre o quê?

– Problemas familiares, para começar.

– Mas ele não tem família.

– Não agora, mas teve... ou pelo menos parentes. Faz alguns anos que perdeu o irmão mais velho.

– O irmão *mais velho* ?

– Sim. Não faz muito tempo que o atual sr. Rochester está de posse da propriedade; tem só cerca de nove anos.

– Nove anos é um tempo considerável. Ele gostava tanto assim do irmão para ainda se sentir inconsolável com a sua perda?

– Bem, não... talvez não. Acho que havia alguns desentendimentos entre eles. O sr. Rowland Rochester não era muito justo com o sr. Edward, e parece que fez o pai se voltar contra ele. O velho senhor era afeito ao dinheiro, e desejoso de manter o patrimônio da família intacto. Não queria desvalorizar a propriedade dividindo-a, mas também queria que o sr. Edward tivesse fortuna, a fim de fazer jus ao nome. Assim que ele alcançou a idade que você tem hoje, algumas medidas injustas foram tomadas, e causaram muito dano. O velho sr. Rochester e o sr. Rowland se uniram para levar o sr. Edward ao que ele considera uma situação desconfortável, para que ele fizesse fortuna. Qual a exata natureza dessa situação eu nunca soube com clareza, mas seu espírito não teve como superar o que sofreu com ela. Não é de perdoar: rompeu com a família e agora já faz muitos anos que leva uma vida errante. Acho que nunca permaneceu em Thornfield Hall por mais de duas semanas, desde que a morte de seu irmão sem deixar um herdeiro fez dele o senhor do lugar. E, realmente, não é de se admirar que evite esta velha mansão.

– Por que haveria de evitá-la?

– Talvez pense que é muito soturna.

A resposta foi evasiva. Eu teria preferido algo mais claro, mas a sra. Fairfax não podia ou não queria me dar informações mais explícitas sobre a origem e a natureza das tribulações do sr. Rochester. Declarou que eram um mistério para ela, e que o que sabia era mera conjectura. Estava óbvio, porém, que queria que eu deixasse de lado o assunto, e foi o que fiz.

[63](#) . Em francês no original: “E isso deve querer dizer que haverá, ali dentro, um presente para mim, e talvez para a senhorita também. Ele falou da senhorita: perguntou-me o nome da minha educadora, e se ela não era uma moça miúda, bem magrinha e um pouco pálida. Eu disse que sim: pois é verdade, não é, senhorita?”

[64](#) . Heidelberg fica às margens do rio Neckar, não do Reno. O castelo de Heidelberg compõe, em suas ruínas, uma das mais importantes edificações renascentistas alemãs. Serviu como relevante centro político decisório e foi destruído durante a Guerra dos Nove Anos (1688-1697), em que a França desafiou o Sacro Império Romano-Germânico.

[65](#) . Em francês no original: “Não é verdade, senhor, que há um presente para a srta. Eyre no seu pequeno baú?”

[66](#) . Os elfos são criaturas místicas da mitologia nórdica e céltica. São marcados pela beleza luminosa, no que estão aparentados às fadas e ninfas, e representam a fertilidade natural, não obstante a Alta Idade Média lhes tenha atribuído malefícios.

[67](#) . Em *Otelo, o Mouro de Veneza* (1603), de William Shakespeare, o protagonista Otelo confessa a Brabâncio, pai de sua mulher, Desdêmona: “O auge e a dimensão da minha ofensa não passam disso” (Ato I, Cena III; tradução de Barbara Heliodora).

[68](#) . Lê-se em Mateus: “Pois também eu sou homem sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu criado: Faze isto, e ele o faz” (8:9).

[69](#) . Charlotte Brontë, que também pintava, rejeitou a sugestão de seu editor para que ilustrasse ela mesma a terceira edição de *Jane Eyre*, alegando não estar à altura do trabalho.

[70](#) . Os excertos entre aspas se referem à personificação da Morte, guardiã das portas do Inferno ao lado do Pecado, no *Paraíso perdido*, de Milton (Canto II, vv.666-8 e 672-3) .

[71](#) . Localizado no sudeste da Anatólia e conhecido atualmente como montes Beşparmak (uma vez que, tecnicamente, se trata de uma cadeia composta de cinco picos), o monte Latmos abrigava a cidade grega de mesmo nome e fazia parte geograficamente da Liga de Delos. Em uma das versões do mito de Endimião e Selene, consta que ali se situava a caverna na qual o pastor, enfeitiçado pela lua (Selene), dormiu seu sono eterno.

CAPÍTULO 14

DURANTE VÁRIOS DOS DIAS subsequentes pouco vi o sr. Rochester. Pela manhã, ele parecia muito ocupado com os negócios, e, pela tarde, cavalheiros de Millcote ou dos arredores visitavam, e às vezes ficavam para jantar com ele. Quando se recuperou o suficiente da torção para poder montar, cavalgava bastante. Provavelmente para retribuir as visitas, pois em geral só voltava tarde da noite.

Durante esse intervalo, até mesmo Adèle raramente era convocada à sua presença. Todo o meu contato com ele se resumia a ocasionais encontros no vestíbulo, na escada ou no corredor, onde ele às vezes passava por mim de maneira apressada e fria, só demonstrando notar minha presença com um aceno distraído da cabeça ou um olhar distante, e em outras fazia uma mesura e sorria com cavalheiresca afabilidade. Suas mudanças de humor não me ofendiam, porque eu via que aquela alternância nada tinha a ver comigo. O fluxo e o refluxo da maré dependiam de causas alheias a mim.

Um dia ele recebeu visitas para o jantar e mandou buscar minha pasta com as pinturas; o objetivo era, sem dúvida, exibir seu conteúdo. Os cavalheiros saíram cedo, para comparecer a uma assembleia pública em Millcote, conforme me informou a sra. Fairfax; mas, como a noite estava chuvosa e inclemente, o sr. Rochester não os acompanhou. Assim que se foram, tocou a sineta: recebemos a mensagem de que eu e Adèle devíamos descer. Escovei o cabelo de Adèle e arrumei-a. Depois de verificar que eu mesma estava apresentável em meu habitual traje puritano, e que não havia nenhum retoque necessário – já que era tudo por demais discreto e simples, tranças incluídas, para permitir qualquer desalinho –, descemos, Adèle se perguntando se o *petit coffre* teria por fim chegado; pois, devido a algum erro, até o momento estivera atrasado. Não se decepcionou: ali estava ele, uma caixinha de papelão, sobre a mesa, quando entramos na sala de jantar. Ela parecia reconhecê-la instintivamente.

– *Ma boîte! Ma boîte!* [72](#) – exclamou, correndo em sua direção.

– Sim, aí está a sua *boîte* enfim. Leve-a para um canto, filha genuína de Paris, e divirta-se desventrando-a – disse a voz profunda e algo sarcástica do sr. Rochester, saída das profundezas de uma imensa poltrona junto à lareira. – E preste atenção – prosseguiu ele –, não me perturbe com detalhes do processo anatômico, nem com relatos da situação das entranhas. Realize sua operação em silêncio. *Tiens-toi tranquille, enfant; comprends-tu?* [73](#)

Adèle mal parecia necessitar daquela advertência. Já tinha se recolhido a um sofá com seu tesouro, e estava ocupada desamarrando a corda que prendia a tampa. Depois de retirar esse empecilho e de remover o papel de seda prateado, limitou-se a exclamar:

– *Oh, ciel! Que c'est beau!* [74](#)

E ficou então absorta em extática contemplação.

– A sra. Eyre está? – perguntou em seguida o meu senhor, erguendo-se parcialmente de sua poltrona e olhando para a porta, perto da qual eu me encontrava. – Ah! Muito bem, aproxime-se. Sente-se aqui – ele puxou uma cadeira para perto da sua. – Não gosto da conversa das crianças – prossegui –, pois, como velho solteiro que sou, não faço associações prazerosas a seu balbuceio. Seria intolerável para mim passar toda uma noite *tête-à-tête* com uma criança. Não afaste a cadeira, sra. Eyre. Fique sentada aí, exatamente onde a coloquei... isto é, faça o favor. Frustrantes, essas cortesias! Sempre me esqueço delas. Tampouco aprecio particularmente velhas senhoras simplórias. A propósito, tenho que me lembrar da minha; não posso me esquecer dela, pois é uma Fairfax, ou casada com um, e o sangue dizem ser mais espesso do que a água.

Ele tocou a sineta e mandou chamar a sra. Fairfax, que logo chegou, a cesta com o tricô em mãos.

– Boa noite, madame. Mandei chamá-la com um propósito caridoso. Proibi Adèle de falar comigo sobre seus presentes, mas ela está rebentando de impaciência. Tenha a bondade de fazer as vezes de ouvinte e interlocutora; será uma das ações mais benevolentes de sua vida.

Adèle, de fato, chamou a sra. Fairfax ao sofá onde estava assim que a viu, e ali rapidamente encheu-lhe o colo com a porcelana, o marfim e a cera que

eram o conteúdo de sua “*boîte*” – despejando, enquanto isso, descrições e demonstrações de enlevo naquele inglês malfalado em que era mestre.

– Agora que cumpri meu papel de bom anfitrião – disse o sr. Rochester –, proporcionando às minhas convidadas a possibilidade de se entreter uma com a outra, estou livre para tratar da minha própria satisfação. Srta. Eyre, chegue a cadeira um pouco mais para a frente. Continua distante demais; não consigo vê-la sem ter que mudar minha posição nesta confortável poltrona, o que não tenho a intenção de fazer.

Fiz o que ele pediu, embora tivesse preferido ficar um pouco mais na sombra. Mas o sr. Rochester tinha um modo tão direto de dar ordens que parecia natural obedecer imediatamente.

Estábamos, como disse, na sala de jantar. O candelabro, que fora aceso para a refeição, enchia a sala com uma luz intensa e festiva. O fogo queimava forte na lareira, vermelho e límpido, e as cortinas púrpura caíam suntuosas e amplas diante das janelas altas e do arco ainda mais alto. Tudo estava imóvel, à exceção dos murmúrios de Adèle (ela não ousava falar mais alto) e, preenchendo todas as pausas, do açoite da chuva de inverno nas janelas.

O sr. Rochester, sentado em sua poltrona forrada de damasco, parecia ter um aspecto diferente do que eu vira antes. Não estava tão austero, nem de longe tão soturno. Tinha um sorriso nos lábios, e seus olhos cintilavam, não sei dizer se por efeito do vinho ou não, mas acho que era provável que sim. Ele estava, em poucas palavras, com seu humor pós-jantar, mais expansivo e cordial, e também mais autoindulgente do que o temperamento frio e rígido da manhã. Ainda assim, parecia bastante austero, a cabeça pesada apoiada no espaldar acolchoado da poltrona, e recebendo a luz do fogo em seus traços graníticos e em seus grandes olhos escuros – pois ele tinha grandes olhos escuros, muito bonitos também – não sem uma certa alteração em suas profundezas que, se não era suavidade, pelo menos me recordava essa qualidade.

Fazia dois minutos que ele estava olhando para o fogo, e eu também, quando, virando-se de repente, ele deu com os meus olhos fixos em sua fisionomia.

– Está me examinando, srta. Eyre – disse –; acha-me bonito?

Eu teria, após alguma reflexão, respondido a essa pergunta de modo

convencionalmente vago e polido, mas a resposta de algum modo escorregou da minha língua antes que eu tivesse consciência:

– Não, senhor.

– Ah! Palavra de honra, há algo peculiar em você – disse ele. – Tem o ar de uma pequena *nonnette*, ⁷⁵ modesta, silenciosa, grave e simples, e senta-se com as mãos no colo, e os olhos em geral fixos no carpete... exceto, ocasionalmente, quando estão cravados no meu rosto, como agora. E quando alguém lhe faz uma pergunta, ou uma observação à qual se sente obrigada a responder, você dá uma resposta direta que, se não é indelicada, é no mínimo dura. O que quer dizer com isso?

– Senhor, fui franca demais, e lhe peço desculpas. Devia ter dito que não é fácil dar uma resposta à queima-roupa a uma pergunta sobre aparências, que o gosto varia, e que a beleza pouco importa, ou algo do tipo.

– Não devia ter respondido nada disso. Dizer que a beleza pouco importa, imagine! E então, sob o pretexto de suavizar a ofensa anterior, de me acalmar até alcançar a placidez, crava uma faca abaixo da minha orelha! Prossiga, que defeitos encontra em mim? Suponho que eu tenha braços e pernas e todos os traços do rosto como qualquer outro homem?

– Sr. Rochester, permita-me retirar minha primeira resposta. Não tencionava dizer-lhe palavras mordazes. Foi só uma tolice.

– Exatamente, é o que penso, e sofrerá as consequências. Pode me criticar: a minha testa não lhe agrada?

Ele levantou as ondas negras do cabelo, caídas horizontalmente sobre sua fronte, e revelou uma massa bastante sólida de órgãos intelectuais, mas uma abrupta deficiência onde os sinais da benevolência deveriam estar. ⁷⁶

– Diga-me, senhora: serei um tolo?

– Longe disso, senhor. Haveria de me achar rude se eu respondesse perguntando se é um filantropo?

– Outra vez! Mais uma estocada com a faca, quando finge afagar-me a cabeça. E foi por isso que eu disse que não gosto da companhia de crianças e mulheres mais velhas (falemos baixo!). Não, minha jovem, não sou um filantropo, mas carrego uma consciência – e ele apontou para as proeminências que dizem indicar essa faculdade e que, para sua sorte, eram

conspícuas o bastante e conferiam uma amplitude notável à parte superior de sua cabeça. – E, além disso, outrora eu carregava uma espécie de rude ternura no coração. Quando tinha a sua idade, era um rapaz sensível, defensor dos imaturos, dos abandonados, dos desafortunados. Mas desde então o Destino me maltratou bastante, e chegou a me amassar entre seus dedos, de modo que agora tenho orgulho em dizer que sou duro como uma bola de borracha. Permeável, ainda, através de uma fenda ou duas, e com um ponto sensível no meio dessa massa informe. Será que ainda tenho esperança?

– Esperança de quê, senhor?

– De me transformar outra vez, de borracha em carne e osso?

“Ele definitivamente bebeu vinho demais”, pensei, e não sabia que resposta dar àquela estranha pergunta. Como saberia dizer se ele era capaz de se transformar outra vez?

– Parece bastante intrigada, sra. Eyre. E embora não seja mais bonita do que eu, o ar intrigado lhe cai bem. É conveniente, pois mantém esses seus olhos examinadores longe da minha fisionomia, e faz com que se ocupem com as flores do tapete. Então, continue intrigada. Minha jovem, estou disposto a ser comunicativo e gregário esta noite.

Com esse anúncio, ele se levantou da cadeira e se pôs de pé, apoiando o braço no mármore da lareira. Assim, seu corpo ficava tão claramente visível quanto seu rosto, e a incomum amplidão de seu tórax, desproporcional ao tamanho dos braços e pernas. Tenho certeza de que a maioria das pessoas haveria de considerá-lo feio, mas havia tanto orgulho inconsciente em sua postura, tanta desenvoltura em sua atitude, um ar de tão completa indiferença à sua aparência externa e uma confiança tão altiva na força das outras qualidades, intrínsecas ou ocasionais, compensando a carência de atrativos meramente físicos, que quem olhava para ele invariavelmente compartilhava essa indiferença e, mesmo num sentido cego e imperfeito, era levado por essa segurança.

– Estou disposto a ser comunicativo e gregário esta noite – ele repetiu –, e por isso mandei chamá-la. O fogo na lareira e o candelabro não eram companhia suficiente, e Pilot também não seria; nenhum deles sabe falar. Adèle é um pouco melhor, mas ainda muito aquém do necessário; o mesmo se aplica à sra. Fairfax. Você, acredito, pode ser uma boa companhia, se o

desejar: deixou-me intrigado na primeira noite em que a convidei a descer. Quase me esqueci de você desde então, pois outros pensamentos a afastaram da minha cabeça. Mas hoje decidi relaxar, pôr de lado o que me importuna e recordar o que é do meu agrado. Seria de meu agrado agora deixá-la mais à vontade, saber mais a seu respeito. Portanto, fale.

Em vez de falar, sorri – e tampouco foi um sorriso muito complacente ou submisso.

– Fale – insistiu ele.

– Sobre o quê, senhor?

– O que quiser. Deixo tanto a escolha do assunto quanto a forma de tratá-lo inteiramente a seu encargo.

Assim sendo, fiquei sentada sem dizer nada. “Se ele espera que eu fale só por falar e para me exibir, vai chegar à conclusão de que escolheu a pessoa errada”, pensei.

– Está muda, srta. Eyre.

Eu continuava muda. Ele inclinou a cabeça de leve na minha direção, e com um único e breve olhar pareceu mergulhar nos meus olhos.

– Inflexível? – disse ele. – E aborrecida. Ah! Isso faz sentido. Fiz meu pedido de modo absurdo e quase insolente. Srta. Eyre, peço que me perdoe. A verdade é que, de uma vez por todas, não quero tratá-la como inferior. Isto é – corrigindo-se –, reivindico apenas uma superioridade que resulta de vinte anos a mais e um século de adiantamento em termos de experiência. Isso é legítimo, *et j'y tiens*, ⁷⁷ como diria Adèle. E é em virtude dessa superioridade, e dela somente, que desejo que me faça a bondade de falar comigo um pouco, e distrair meus pensamentos, atormentados por residir num único ponto... corroídos como um prego enferrujado.

Ele se dignara a me oferecer uma explicação; na verdade, quase um pedido de desculpas. E eu não fiquei insensível a essa condescendência, nem queria dar a impressão de que ficara.

– Disponho-me a entretê-lo, se puder, senhor. De bom grado. Mas não tenho como escolher um assunto, pois como saber o que lhe interessa? Faça-me perguntas, e vou me esforçar para responder.

– Então, em primeiro lugar, concorda comigo que tenho direito de ser um

pouco autoritário, abrindo, talvez exigente, às vezes, com base no fato de que, como disse, tenho idade para ser seu pai, e a experiência do convívio variado com diversos homens de diversos países, além de ter percorrido meio mundo, enquanto você levou uma vida pacata com um grupo de pessoas numa única casa.

– Como quiser, senhor.

– Isso não é resposta. Ou, antes, é uma resposta irritante, porque é muito evasiva. Fale com clareza.

– Não acho, senhor, que tenha autoridade sobre mim somente por ser mais velho, ou por ter visto mais do mundo do que eu. Sua alegação de superioridade depende do uso que fez de seu tempo e experiência.

– Ha! Resposta rápida. Mas isso não vou permitir, pois de nada me valeria, já que fiz uso insatisfatório, para não dizer mau uso, de ambas as vantagens. Deixando a superioridade de lado, então, ainda precisa concordar em receber ordens minhas de quando em quando, sem ficar irritada ou magoada pelo tom de comando. Está de acordo?

Sorri: pensei comigo mesma, o sr. Rochester é peculiar – parece esquecer que me paga trinta libras ao ano para receber ordens suas.

– Esse sorriso vai servir – disse ele, notando imediatamente a expressão do meu rosto –, mas deve falar também.

– Eu estava pensando, senhor, que poucos senhores haveriam de se dar ao trabalho de perguntar se os seus subordinados assalariados estão irritados ou magoados com suas ordens.

– Subordinados assalariados! O quê?! Você é uma subordinada assalariada, não é? Ah, sim, tinha me esquecido do salário! Bem, com essa justificativa mercenária, permite que eu seja um pouco autoritário?

– Não, senhor, não com essa justificativa, mas sim graças ao fato de que o senhor se esqueceu disso, e de que se preocupa em saber se um subalterno está ou não confortável em sua posição. Aí permito, de bom grado.

– E consente em abrir mão de atitudes e frases convencionais, sem pensar que a omissão seja fruto de insolência?

– Tenho certeza, senhor, de que nunca vou confundir informalidade com insolência. A primeira me agrada, à segunda ninguém ou nada que tenha

nascido em liberdade gostaria de se submeter, nem mesmo por um salário.

– Bobagem! A maioria dos seres nascidos em liberdade se submete a qualquer coisa por um salário. Portanto, guarde para si mesma as considerações genéricas a respeito de assuntos sobre os quais é completamente ignorante. Mas cumprimento-a mentalmente por sua resposta, ainda que imprecisa. E tanto pela maneira como foi dita quanto pelo significado das palavras em si. A maneira foi franca e sincera, e isso não se vê com frequência. Não, ao contrário: afetação, frieza ou equívocos estúpidos e grosseiros ante o sentido do que se queria dizer são a recompensa habitual da franqueza. Nem três em três mil inexperientes educadoras recém-saídas da escola teriam me respondido como você acaba de fazer. Mas minha intenção não é lisonjeá-la. Se você foi feita com um molde diferente do da maioria, o mérito não é seu: foi a natureza quem fez isso. Mas, afinal, estou chegando muito depressa às minhas conclusões. Pelo que sei, pode ser que você não seja em nada melhor que o resto; talvez tenha defeitos intoleráveis para contrabalançar seus poucos pontos positivos.

“E o senhor também”, pensei. Nossos olhares se encontraram quando essa ideia atravessou minha mente. Ele pareceu ler a mensagem, respondendo como se eu tivesse falado em voz alta, e não somente imaginado...

– Sim, sim, você está certa – disse. – Tenho muitos defeitos: sei disso, e não desejo tentar atenuá-los, asseguro-lhe. Deus sabe que não preciso ser tão severo com os outros. Tenho uma existência passada, uma série de ações e uma intensidade de vida a contemplar dentro do meu próprio peito que bem poderiam provocar o sarcasmo e a censura dos que estão próximos a mim. Comecei, ou, antes, fui atirado (pois, como outros pecadores, prefiro colocar parte da culpa na má sorte e nas circunstâncias adversas) no caminho errado à idade de vinte e um anos, e desde então nunca consegui voltar ao rumo certo. Mas eu poderia ter sido muito diferente; poderia ter sido tão bom quanto você... mais sábio... quase tão imaculado. Invejo sua paz de espírito, sua consciência limpa, sua memória impoluta. Mocinha, uma memória sem mancha ou contaminação deve ser um tesouro fabuloso... uma fonte inesgotável de puro deleite. Não?

– Como era a sua memória aos dezoito anos, senhor?

– Muito boa, então. Límpida, salubre. Nenhum jato de água podre a

transformara numa poça fétida. Eu era como você aos dezoito anos... era como você. A natureza, srta. Eyre, queria que eu fosse, de modo geral, um homem bom, da melhor qualidade, e está vendo que não sou. Poderia dizer que não vê isso; pelo menos eu me sinto lisonjeado ao ler isso em seus olhos (tome cuidado, ademais, com o que expressa com esse órgão; sou perito em interpretar sua linguagem). Então, tem a minha palavra como garantia. Não sou um homem mau. Não pense que sou, nem atribua a mim fama particular nesse sentido. Porém, e como acredo piamente, devido mais às circunstâncias do que à minha inclinação natural, sou um pecador banal e vulgar, exaurido por todas as pobres e mesquinhos dissipações a que os ricos e inúteis tentam submeter a vida. Admira-a que eu lhe confesse isso? Saiba que no decurso de sua vida futura vai com frequência descobrir-se eleita confidente involuntária dos segredos de seus conhecidos. As pessoas vão descobrir instintivamente, como eu descobri, que não é o seu forte falar de si mesma, mas ouvir enquanto os outros falam. Também vão sentir que você escuta sem qualquer mal-intencionado desdém cada indiscrição, mas sim com uma espécie de simpatia inata, não menos reconfortante e encorajadora por ser tão discreta em suas manifestações.

– Como sabe? Como pode adivinhar tudo isso, senhor?

– Sei bastante bem. E portanto falo quase com a mesma liberdade que teria se estivesse escrevendo meus pensamentos num diário. Você diria que eu deveria ter sido superior às minhas circunstâncias. De fato deveria... de fato deveria. Mas não fui. Quando o destino me traiu, não tive a sabedoria de manter a calma. Desesperei-me, e então degenerei. Agora, quando um simplório maldito me causa repugnância por seu comportamento vil, não posso me orgulhar de ser melhor do que ele. Sou obrigado a confessar que estamos ambos no mesmo nível. Gostaria de ter sido mais firme... Deus sabe o quanto gostaria! Tema o remorso quando se sentir tentada a errar, srta. Eyre. O remorso é o veneno da vida.

– Dizem que o arrependimento é a cura, senhor.

– Não é. A regeneração talvez seja, e eu poderia me regenerar; ainda tenho forças para tanto. Mas de que adianta pensar nisso, com os meus impedimentos, sobrecargas, com a minha maldição? Além disso, já que a felicidade me é invariavelmente negada, tenho direito de obter prazer na vida. E *hei* de obter, não importa o custo.

– Então vai degenerar ainda mais, senhor.

– É possível. Mas por quê, se posso obter um prazer doce e fresco? E posso obtê-lo com a mesma doçura e o mesmo frescor do mel selvagem que a abelha produz na charneca.

– Ainda assim há de ferroar... o gosto será amargo, senhor.

– Como sabe? Nunca experimentou. Como parece séria... como parece solene. É tão ignorante sobre esse assunto quanto a cabeça retratada neste camafeu – e ele pegou um camafeu sobre a lareira. – Não tem direito de me passar sermão, neófita que ainda não atravessou o pórtico da vida e não tem o menor conhecimento de seus mistérios.

– Recordo-lhe apenas suas próprias palavras. O senhor disse que o erro traz remorso, e decretou que o remorso é o veneno da existência.

– E quem está falando de erro agora? Não considero um erro a ideia que me passou pela mente. Acho que era uma inspiração, mais do que uma tentação. Era muito agradável e muito apaziguadora, isso posso afirmar. Aí vem ela outra vez! Não é um demônio, posso lhe assegurar. Ou, se for, vestiu os trajes de um anjo de luz. Acho que devo admitir um ser tão belo em meu coração, quando pede entrada.

– Desconfie, senhor; não se trata de um anjo de verdade.

– Mais uma vez, como sabe? Que instinto lhe dá a capacidade de distinguir entre um serafim caído e um mensageiro do trono eterno, entre um guia e um sedutor?

– Julguei pela expressão do seu rosto, senhor, que pareceu preocupada quando disse que o pensamento voltara a ocorrer. Tenho certeza de que há de lhe trazer mais sofrimento se lhe der ouvidos.

– De jeito nenhum... traz a mensagem mais graciosa do mundo. Quanto ao resto, você não é a guardiã da minha consciência, então não se preocupe. Venha, pode entrar, formosa imagem errante!

Ele disse isso como se falasse a uma aparição, invisível a outros olhos além dos seus. Em seguida, dobrando os braços que tinha esticado parcialmente diante do peito, pareceu envolver num abraço o ser invisível.

– Muito bem – disse ele, outra vez dirigindo-se a mim –, recebi o peregrino... uma divindade disfarçada, acredito. Já me fez bem: meu coração

era uma espécie de ossuário, e agora será um altar.

– Para falar a verdade, senhor, não o entendo, em absoluto. Não tenho como prosseguir com a conversa, porque agora está fora do meu alcance. Uma coisa eu sei: o senhor disse que não era tão bom quanto gostaria de ser, e que se arrepende de suas próprias imperfeições. Uma coisa eu comprehendo: o senhor disse que ter uma memória impura era uma eterna desgraça. Parece-me que se tentasse com afinco poderia, com o tempo, ver que há como vir a ser a pessoa que aprovaria. E se a partir de hoje o senhor começasse, determinado, a corrigir seus pensamentos e ações, teria em poucos anos formado um novo e imaculado estoque de lembranças, às quais poderia regressar com prazer.

– Muito bem pensado, e dito corretamente, srta. Eyre. E, neste momento, estou enchendo o inferno energicamente.

– Perdão?

– Estou declarando as minhas boas intenções, que considero resistentes feitos pedra de fogo. Claro, minhas companhias e meus objetivos serão outros.

– E melhores?

– E melhores... tanto quanto o minério puro é melhor do que detritos imundos. Parece duvidar de mim; eu próprio não duvido. Conheço meu objetivo, sei quais são meus motivos, e neste momento aprovo uma lei, tão inalterável quanto a dos medos e dos persas,⁷⁸ de que ambos são corretos.

– Não podem ser, senhor, se necessitam de um novo estatuto para legalizá-los.

– Mas são, srta. Eyre, embora definitivamente precisem de um novo estatuto: combinações inauditas demandam regras inauditas.

– Essa me parece uma máxima perigosa, senhor, porque é possível ver de imediato que é suscetível ao abuso.

– Sábia sentenciosa! E assim é. Mas juro pelos meus deuses domésticos que não vou abusar dela.

– O senhor é humano e falível.

– De fato; você também é. E agora?

– O que é humano e falível não deveria se outorgar um poder que caberia,

por segurança, somente ao que é divino e perfeito.

– Que poder?

– O de dizer, acerca de qualquer estranha e não sancionada linha de conduta: “Que seja correta.”

– “Que seja correta”... as palavras exatas. Você as pronunciou.

– *Espera-se* que seja correta, então – eu disse, levantando-me, pois considerava inútil continuar uma conversa em que me encontrava no escuro; ademais, sentia que o caráter do meu interlocutor estava além da minha compreensão... além do alcance no presente momento, pelo menos, e sentia a incerteza e a vaga sensação de insegurança que acompanha a convicção da ignorância.

– Aonde vai?

– Levar Adèle para a cama. Já passa da hora de dormir.

– Está com medo de mim, porque falo como uma esfinge.

– Sua linguagem é enigmática, senhor. Mas, embora esteja aturdida, decerto não estou com medo.

– *Está* com medo. Sua autoestima tem pavor de cometer uma tolice.

– Nesse sentido de fato me sinto apreensiva. Não desejo dizer contrassensos.

– Se dissesse, seria de maneira tão grave e plácida que eu encontraria sentido neles. Nunca ri, srta. Eyre? Não se dê ao trabalho de responder. Vejo que ri muito raramente, mas seu riso pode ser muito alegre. Acredite-me, não é naturalmente austera, não mais do que eu sou naturalmente mau. As coações de Lowood ainda estão, de algum modo, impregnadas em você. Controlam as expressões do seu rosto, abafam sua voz e restringem os movimentos do seu corpo. E você teme sorrir com demasiada alegria, falar com demasiada liberdade ou se mover depressa demais na presença de um homem que é um irmão, ou pai, ou senhor, como quiser. Mas, com o tempo, acho que vai aprender a ser natural comigo, pois eu acho impossível ser convencional com você. E então seus movimentos terão mais vivacidade e variedade do que ousam oferecer agora. Vejo, a intervalos, o olhar de um tipo curioso de pássaro entre as barras rígidas de uma gaiola. Há um ser cativo aí, vívido, inquieto e resoluto. Se estivesse livre, voaria alto nos céus. Ainda

quer ir embora?

– Já são nove horas, senhor.

– Não importa... espere um minuto: Adèle ainda não está pronta para ir se deitar. Minha posição, srta. Eyre, de costas para a lareira e de frente para a sala, favorece a observação. Enquanto conversávamos, também estive olhando Adèle ocasionalmente. Tenho meus motivos para considerá-la um curioso objeto de estudo... motivos que talvez revele, não, que *vou* revelar a você algum dia. Ela tirou da caixa, há cerca de dez minutos, um vestidinho de seda rosa. O êxtase iluminou seu rosto enquanto o desdobrava. A coqueteria corre em suas veias, mescla-se ao seu cérebro, e amolece a medula de seus ossos. “*Il faut que je l'essaie!*”, ela exclamou, “*et à l'instant même!*”, [79](#) e saiu correndo da sala. Está agora com Sophie, em processo de se vestir. Em poucos minutos vai voltar, e sei o que verei... uma miniatura de Céline Varens, como ela aparecia no palco quando a cortina... mas não importa. Contudo, meus sentimentos mais afetuosos estão prestes a receber um golpe. Esse é o meu pressentimento. Fique, para ver se é o que ocorre de fato.

Não demorou muito e os passinhos de Adèle puderam ser ouvidos pelo vestíbulo. Ela entrou, transformada naquilo que seu guardião previra. Um vestido de cetim cor-de-rosa, bastante curto e com a saia muito armada de tantos babados, substituía o vestido marrom que ela antes usava. Uma grinalda de botões de rosa circundava-lhe a cabeça. Ela usava meias de seda e sandalinhas de cetim branco.

– *Est-ce que ma robe va bien?* – exclamou ela, saltando para a frente –; *et mes souliers? et mes bas? Tenez, je crois que je vais danser!* [80](#)

E, segurando o vestido, saiu pela sala em passos de balé. Até que, chegando aonde estava o sr. Rochester, rodopiou com leveza diante dele na ponta dos pés e se agachou com um joelho no chão, exclamando:

– *Monsieur, je vous remercie mille fois de votre bonté* – e, levantando-se, acrescentou: – *C'est comme ça qui maman faisait, n'est-ce pas, monsieur?* [81](#)

– Pre-ci-sa-men-te! – foi a resposta –; e, *comme cela*, ela atraiu com seus encantos meu ouro inglês para fora dos bolsos das minhas calças britânicas. Também já fui ingênuo, srta. Eyre. Ah, muito ingênuo, e o tom de verde dessa ingenuidade não era menos primaveril do que o seu. Minha primavera já terminou, mas me deixou essa florzinha francesa nas mãos. Às vezes,

gostaria de me livrar dela. Como não tenho apreço pela raiz da qual brotou, e tendo descoberto que era de natureza tal que somente pó de ouro podia adubar, não me afeiçoei à pequenina flor, sobretudo quando parece tão artificial quanto agora. Mas fico com ela, e a estou criando, de acordo com o princípio católico romano de expiar numerosos pecados, grandes ou pequenos, com uma única boa ação. Explico tudo isso algum dia. Boa noite.

[72](#) . Em francês no original: “Minha caixa! Minha caixa!”

[73](#) . Em francês no original: “Fique quieta, menina; comprehende?”

[74](#) . Em francês no original: “Ah, céus! Que beleza!”

[75](#) . Em francês no original: freirinha.

[76](#) . Os sinais da benevolência são relacionados ao “órgão” de mesmo nome, tal como mapeados pela frenologia. O vienense Franz-Joseph Gall (1758-1828), pai da frenologia, pensava o cérebro dividido em áreas física e eticamente determinadas – os órgãos –, cujo desenvolvimento era individual e dependente de condições particulares: era o desenvolvimento maior ou menor desses órgãos que dava contornos fisiológicos ao crânio, a partir de cujas medidas e formato Gall inferia traços de personalidade e patologias. Nos assassinos, com os quais iniciou suas pesquisas, identificava um pronunciado “órgão da morte”. A benevolência estava entre os 26 órgãos identificados por Gall.

[77](#) . Em francês no original. Expressão usada no sentido de “ter certeza”, “eu o afirmo”.

[78](#) . No Livro de Ester, lê-se: “Se bem parecer ao rei, saia da sua parte um edito real, e escreva-se nas leis dos persas e dos medos, e não se revogue” (1:19).

[79](#) . Em francês no original: “Tenho que experimentar! E agora mesmo!”

[80](#) . Em francês no original: “Meu vestido cai bem? E meus sapatos? E as meias? Olhem, acho que vou dançar!”

[81](#) . Em francês no original: “Monsieur, agradeço mil vezes sua bondade. É assim que a mamãe fazia, não é, monsieur?”

CAPÍTULO 15

DE FATO O SR. ROCHESTER explicou tudo, numa ocasião futura. Foi numa tarde em que por acaso encontrou a mim e a Adèle no jardim; enquanto ela brincava com Pilot e com sua peteca, ele me pediu que fôssemos caminhar por uma comprida alameda de faias, de onde poderíamosvê-la.

Disse-me então que ela era filha de uma dançarina de ópera francesa, Céline Varens, por quem ele outrora nutrira o que chamou de “*grande passion*”. A essa paixão Céline declarara corresponder com ainda mais ardor. Ele acreditava ser seu ídolo, mesmo feio como era. Supunha, como me disse, que ela preferia sua *taille d'athlète* à elegância do Apolo Belvedere. [82](#)

– E, sra. Eyre, senti-me tão envaidecido por essa preferência da sélfide gaulesa por seu gnomo britânico [83](#) que a instalei num hotel. Dei-lhe uma equipe completa de criados, uma carruagem, roupas de caxemira e renda, diamantes etc. Ou seja: comecei o processo que haveria de me levar à ruína da maneira clássica, como qualquer outro tolo apaixonado. Não tive, ao que parece, originalidade para traçar um novo caminho rumo à vergonha e à destruição, e segui pela velha estrada com estúpida precisão, sem me desviar um centímetro da trilha. Tive, como merecia, o destino de todos os outros tolos apaixonados. Ao aparecer para visitá-la certa vez em que Céline não me esperava, não a encontrei. Era uma noite quente, e eu estava cansado de caminhar por Paris, então me sentei na saleta íntima, feliz por respirar o ar tão recentemente consagrado por sua presença. Não: eu exagero. Nunca pensei haver nela qualquer virtude sagrada. Era, na verdade, algum tipo de defumador que ela deixara aceso; o cheiro era de almíscar e âmbar, mais do que de santidade. Eu estava começando a sufocar com o cheiro das flores de estufa e essências salpicadas por ali quando pensei em abrir a porta que dava para a sacada e sair. Lá fora, brilhavam o luar e a luz a gás dos lampiões, e tudo estava muito quieto e sereno. A sacada estava mobiliada com uma ou duas cadeiras; sentei-me e peguei um charuto... vou fumar um agora, se não

se importa.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual ele apanhou e acendeu um charuto. Depois de levá-lo aos lábios e soltar uma nuvem de incenso do Havana no ar gélido e sem sol, prosseguiu:

– Eu gostava de bombons também, naqueles dias, srta. Eyre, e estava, se me perdoa o barbarismo, *croquant* confeitos de chocolate e fumando, alternadamente, enquanto observava os veículos que rolavam pelas ruas elegantes em direção à ópera próxima. Então reconheci, numa elegante carruagem fechada, puxada por uma bela parelha de cavalos ingleses e bastante nítida à luz brilhante da cidade, a *voiture* que dera a Céline. Ela regressava: evidentemente, meu coração disparou impaciente de encontro à grade de ferro na qual me apoiava. A carruagem parou, como eu esperava, diante da porta do hotel; minha namoradinha (palavra perfeita para uma amante dançarina de ópera) desceu. Embora envolta numa capa, acessório aliás desnecessário numa noite tão quente de junho, reconheci no mesmo instante seus pezinhos, que apareceram sob a barra do vestido quando ela desceu da carruagem. Debruçando-me sobre a sacada, eu estava prestes a murmurar “*Mon ange*” num tom, claro, audível apenas aos ouvidos do amor, quando um vulto saltou da carruagem depois dela. Também usava capa, mas foi um salto com esporas que pisou a calçada, e uma cabeça coberta com chapéu que passou sob o arco da *porte cochère* ⁸⁴ do hotel.

“Nunca sentiu ciúmes, suponho, srta. Eyre? Claro que não: desnecessário perguntar, porque nunca sentiu amor. Ainda há de experimentar os dois sentimentos. Sua alma está adormecida; ainda há de ocorrer o choque que vai despertá-la. Pensa que toda a existência desliza numa corrente tranquila como a que até hoje levou sua juventude. Flutuando de olhos fechados e ouvidos tapados, não vê os rochedos surgindo não muito longe na margem, nem ouve as ondas quebrando ali. Mas eu lhe digo, e tome nota das minhas palavras: em algum momento chegará a uma passagem escarpada nesse canal onde o curso da vida há de se tornar redemoinho e tumulto, espuma e barulho. Será estrelhada pelas pontas dos rochedos ou então levada por alguma onda gigante a uma corrente mais calma, como eu agora.

“Gosto deste dia; gosto desse céu de aço. Gosto da austeridade e da imobilidade do mundo com esse frio. Gosto de Thornfield, de sua antiguidade e isolamento, suas árvores com gralhas pousadas e seus espinheiros, sua

fachada cinza e as fileiras de janelas escuras refletindo esse firmamento metálico. E, contudo, por quanto tempo abominei a mera ideia deste lugar, evitando-o como se estivesse contaminado pela peste. Como ainda abomino...”

Ele rangeu os dentes e se calou. Parou e bateu com a bota no chão duro. Algum pensamento parecia ter se apossado dele, e com tanta força que não conseguia avançar...

Subíamos a alameda quando ele parou; a casa estava diante de nós. Erguendo o rosto para as ameias, ele lançou sobre elas um olhar que nunca vi antes ou depois. Dor, vergonha, ira, impaciência, aversão e ódio pareceram travar por um momento um trêmulo conflito na pupila que se dilatava sob as sobrancelhas de ébano. Selvagem foi a luta, que devia ser imensa, mas outro sentimento surgiu e triunfou: algo duro e cínico, obstinado e resoluto. Acalmou seu ardor e petrificou-lhe o semblante. Ele prosseguiu:

– Durante esse momento em que fiquei calado, srta. Eyre, estava acertando contas com a minha sorte. Ali estava ela, junto àquele tronco de faia, uma bruxa como uma daquelas que apareceram a Macbeth na charneca de Forres.
[85](#) “Gosta de Thornfield?”, ela indagou, erguendo o dedo, e então escreveu no ar um aviso, traçado em sinistros hieróglifos por toda a fachada da casa, entre a fileira inferior de janelas e a superior: “Goste se tiver coragem! Goste se tiver coragem!”

“‘Hei de gostar’, respondi. ‘Ouso gostar.’ E – ele acrescentou, melancólico – hei de manter minha palavra. Vencerei obstáculos para encontrar a felicidade, a bondade... sim, a bondade. Desejo ser um homem melhor do que tenho sido, melhor do que sou. Assim como o Leviatã de Jó quebrou a lança, o dardo e o arpão, entraves que os outros consideram de ferro e de bronze hei de ver como palha e madeira podre.” [86](#)

Nesse momento, Adèle correu diante dele com a peteca.

– Vá embora! – ele exclamou, áspero. – Fique longe, menina, ou vá procurar Sophie dentro de casa!

Continuei a acompanhá-lo em silêncio, e me aventurei a lhe recordar o ponto em que abruptamente se desviara do assunto:

– Saiu da sacada, senhor, quando mdlle. Varens entrou?

Esperava que ele talvez me repreendesse por aquela pergunta um tanto fora de hora; ao contrário, porém, saindo de seus sombrios devaneios, ele se voltou para mim e seu rosto pareceu desanuviar.

– Ah, tinha me esquecido de Céline! Bem, voltando ao assunto. Quando vi minha bela entrar acompanhada de um cavalheiro, pareceu-me ouvir um sibilo, e a serpente verde do ciúme, ⁸⁷ trepando ondulante pela sacada iluminada pela lua, deslizou para dentro do meu colete e em dois minutos devorou-me até chegar ao meu coração. Estranho! – exclamou ele, subitamente desviando-se outra vez do assunto. – Estranho que eu a escolha para confidenciar tudo isso, mocinha. Muito estranho ⁸⁸ que você me escute em silêncio, como se fosse a coisa mais normal do mundo um homem como eu contar histórias sobre suas amantes da ópera a uma moça peculiar e inexperiente como você! Mas esta última singularidade explica a primeira, como já disse: você, com sua seriedade, consideração e cuidado, foi feita para ser um receptáculo de segredos. Além disso, sei que tipo de mente coloquei em contato com a minha... sei que não estásujeita à contaminação. É uma mente incomum; é única. Felizmente, não tenho a intenção de fazer mal a ela; mas se tivesse, ela não sofreria mal algum. Quanto mais você e eu conversamos, melhor. Pois eu não tenho como prejudicá-la, e você pode me consolar.

Depois dessa digressão, ele continuou:

– Fiquei na sacada. “Eles virão para a saleta íntima, sem dúvida”, pensei. “Vou preparar uma cilada.” Então, esticando a mão pela porta aberta da sacada, fechei a cortina, deixando apenas uma abertura através da qual pudesse observar. Fechei então aquela porta também, deixando uma fresta ampla o suficiente para me permitir ouvir as promessas sussurradas dos amantes. Voltei em seguida à minha cadeira, e quando me sentei o casal entrou. A criada de Céline veio, acendeu um lampião, deixou-o sobre a mesa e se retirou. O casal me foi então revelado com clareza: ambos tiraram sua capa, e ali estava “a Varens”, reluzente em cetim e joias (presentes meus, é claro), e ali estava seu companheiro com uniforme de oficial. Reconheci-o: era um jovem visconde devasso, um rapaz desmiolado e pervertido que às vezes encontrava em eventos sociais, e que nunca me ocorrera detestar por desprezá-lo tão completamente. Ao reconhecê-lo, a presa da serpente do ciúme se quebrou de imediato, pois no mesmo instante meu amor por Céline

se apagou como que sob um extintor. Uma mulher capaz de me trair por um rival como aquele não era digna de uma disputa. Merecia somente o escárnio; menos, porém, do que eu, que havia sido seu joguete.

“Começaram a falar; sua conversa me deixou inteiramente à vontade: frívola, mercenária, impiedosa e disparatada, era mais propensa a cansar do que enraivecer o ouvinte. Havia um cartão meu sobre a mesa; quando o notaram, meu nome foi trazido à discussão. Nenhum dos dois possuía energia ou sagacidade para me difamar seriamente, mas me insultaram como podiam, à sua maneira tosca e medíocre. Sobretudo Céline, que chegou a desfiar com intensidade os meus defeitos pessoais... deformidades, foi como os chamou. Ora, fora hábito seu demonstrar fervente admiração pelo que denominava minha *beauté mâle*. ⁸⁹ No que dferia por completo de você, que me disse à queima-roupa, na segunda vez que nos vimos, que não me achava bonito. O contraste me chamou a atenção, naquele momento, e...”

Adèle veio correndo outra vez.

– Monsieur, John veio avisar que o seu procurador está aqui, e deseja vê-lo.

– Ah! Nesse caso devo encurtar a história. Abrindo a porta da sacada, entrei na saleta, liberei Céline da minha proteção, disse-lhe que deixasse o hotel, ofereci-lhe uma quantia para despesas imediatas, desconsiderei gritos, histeria, súplicas, protestos e convulsões, e marquei um encontro com o visconde no Bois de Boulogne. ⁹⁰ Na manhã seguinte, tive o prazer de revê-lo; deixei uma bala em um de seus pobres braços franzinos, fracos como a asa de um franguinho doente, e achei que estava livre dos dois. Mas infelizmente a Varens, seis meses antes, dera-me essa menininha Adèle, que, afirmava ela, era minha filha. E talvez seja, embora eu não veja provas de tão austera paternidade escritas em seu rosto: Pilot se parece mais comigo do que ela. Alguns anos depois de eu ter rompido com a mãe, esta abandonou a menina e fugiu para a Itália com um músico ou cantor. Não reconheci nenhum direito por parte de Adèle a ser sustentada por mim, e ainda não reconheço, pois não sou seu pai. Mas, ao saber que estava desamparada, tirei a pobrezinha do lodo e da lama de Paris e a transplantei para cá, para que possa crescer limpa no solo saudável dos campos ingleses. A sra. Fairfax encontrou você para educá-la, mas agora que sabe que ela é a filha ilegítima de uma atriz de ópera

francesa talvez tenha outra opinião de seu posto e de sua aluna. Virá me dizer em breve que encontrou outro lugar, pedir-me que procure outra educadora etc... não?

– Não. Adèle não é responsável nem pelos erros da mãe nem pelos do senhor. Tenho carinho por ela; agora que sei que é, num certo sentido, órfã, abandonada pela mãe e renegada pelo senhor, vou me aproximar ainda mais do que antes. Como eu poderia preferir o bichinho de estimação mimado de uma família rica, que detestaria o estorvo de sua educadora, a uma pequena órfã, que a ela se afeiçoa como a uma amiga?

– Ah, é assim que vê as coisas! Bem, devo entrar agora; e vocês também: está escurecendo.

Mas fiquei mais alguns minutos lá fora com Adèle e Pilot – corri com ela, e joguei peteca. Quando entramos, depois de tirar sua touca e seu casaco, sentei-a no meu colo. Ali deixei que ficasse durante uma hora, e que tagarelasse o quanto quisesse. Não lhe censurei as pequenas liberdades e trivialidades que se permitia quando recebia muita atenção, e que traíam uma superficialidade de caráter, herdada provavelmente da mãe e nada comum à mente inglesa. Ainda assim, tinha seus méritos, e eu estava disposta a valorizar ao máximo tudo o que era bom nela. Busquei em seu rosto alguma semelhança com o sr. Rochester, mas não encontrei. Nenhum traço e nenhuma expressão revelavam o parentesco. O que era uma pena: se fossem parecidos, ele haveria de ter por ela mais consideração.

Só depois de me recolher ao meu quarto é que fui refletir sobre a história que o sr. Rochester me contara. Como ele dissera, nada havia de extraordinário na narrativa em si: a paixão de um inglês rico por uma dançarina francesa e a traição dela eram coisa corriqueira, sem dúvida, na alta sociedade. Mas havia algo definitivamente estranho no paroxismo de emoção que de súbito se apossara dele quando expressou seu atual contentamento, e o recém-renovado prazer que encontrava na velha mansão e seus arredores. Meditei nesse incidente; gradualmente abandonando-o, porém, por achar que era por ora inexplicável, passei a considerar a atitude do meu senhor para comigo. A confiança que ele julgava apropriado depositar em mim parecia um tributo à minha discricão: assim eu a considerava e aceitava. Sua atitude em relação a mim vinha sendo por algumas semanas mais regular do que a princípio. Eu não parecia mais estar em seu caminho, ele não tinha ataques de

fria altivez. Quando por acaso me encontrava, parecia apreciar isso; sempre tinha uma palavra e às vezes um sorriso para mim. Quando eu era formalmente chamada à sua presença, via-me honrada com uma cordialidade que me fazia sentir ter mesmo o poder de alegrá-lo, e aqueles encontros noturnos aconteciam tanto para o seu prazer quanto para o meu proveito.

Eu de fato falava comparativamente pouco, mas ouvia-o falar com deleite. Sua natureza era comunicativa; ele gostava de abrir, a uma mente que desconhecia o mundo, lampejos de como as coisas se mostravam e como funcionavam (não me refiro a corrupção e perversidade, mas às coisas que despertavam interesse graças à ampla escala em que eram encenadas, e à estranha novidade que as caracterizava). E eu desfrutava muito das novas ideias que ele me oferecia, apreciava imaginar as novas imagens que retratava e seguir seu pensamento por novas regiões que descortinava, jamais alarmada ou perturbada por alguma alusão nociva.

A naturalidade de sua maneira de agir me libertou de uma dolorosa contenção. A franqueza amigável, tão correta quanto cordial, com que ele me tratava atraía-me para ele. Sentia, às vezes, que era meu parente, mais do que meu senhor. Ele ainda era autoritário, às vezes, mas eu não me importava: via que era seu temperamento. Fiquei tão feliz e tão agradecida por esse novo interesse que surgia em minha vida que deixei de ansiar por uma família. O estreito crescente do meu destino parecia se alargar; os vazios da existência eram preenchidos. Minha saúde física melhorou; ganhei peso e força.

E o sr. Rochester por acaso ainda era feio aos meus olhos? Não, leitor: a gratidão e muitas associações, todas agradáveis e alegres, transformaram seu rosto no objeto que eu mais gostava de ver; sua presença num cômodo era mais prazerosa que o fogo mais vivo. Eu não esquecera seus defeitos, porém; não tinha como, na verdade, pois ele os exibia constantemente. Era orgulhoso, sardônico, e duro com qualquer tipo de inferioridade. No fundo da alma eu sabia que essa imensa gentileza para comigo era contrabalançada por injusta severidade para com muitos outros. Ele também era temperamental, e de maneira inexplicável. Mais de uma vez, ao ser chamada para ler para ele, encontrei-o sentado sozinho na biblioteca, a cabeça sobre os braços cruzados; quando a levantou, uma carranca sombria e quase maligna toldava os traços do seu rosto. Mas eu acreditava que esse jeito inconstante e rude, bem como suas prévias falhas de moral (digo *prévias* pois agora ele parecia ter se

corrigido), originavam-se em alguma cruel encruzilhada do destino. Acreditava que ele era naturalmente um homem de tendências melhores, de princípios mais elevados e de gostos mais puros do que os que as circunstâncias haviam desenvolvido, a educação instilado ou o destino encorajado. Pensava haver nele excelente matéria-prima, embora no momento se encontrasse misturada, e algo deteriorada e emaranhada. Não posso negar que sua tristeza me entristecia, fosse ela qual fosse, e que eu teria dado tudo para mitigá-la.

Embora eu tivesse apagado minha vela e estivesse deitada na cama, não conseguia dormir, pensando em sua expressão ao parar na alameda e dizer que sua sorte surgira diante dele, e o desafiara a ser feliz em Thornfield.

“Por que não?”, eu me perguntei. “O que o afasta da casa? Será que vai embora outra vez em breve? A sra. Fairfax disse que ele raramente passa aqui mais do que duas semanas de cada vez; agora já está faz oito semanas. Se ele partir, a mudança será dolorosa. Imagine se ele se ausentar durante a primavera, o verão e o outono: como o sol e os dias belos vão parecer tristes!”

Não sei dizer se dormi ou não depois dessas reflexões; de todo modo, despertei completamente ao ouvir um vago murmúrio, peculiar e lúgubre, que parecia, pensei, logo acima de mim. Lamentei que minha vela não estivesse acesa: a noite estava terrivelmente escura, e meu estado de espírito, sombrio. Sentei-me na cama, pondo-me a escutar. O ruído parou.

Tentei voltar a dormir, mas meu coração batia com ansiedade: minha tranquilidade se fora. O relógio, lá embaixo no vestíbulo, souou duas horas. Nesse instante, pareceu que algo tocava a porta do meu quarto; foi como se dedos tivessem roçado os painéis ao tatear seu caminho pelo corredor escuro lá fora. Perguntei:

– Quem está aí?

Não houve resposta. Gelei de medo.

De imediato lembrei que poderia ser Pilot; quando a porta da cozinha por acaso ficava aberta, ele com frequência subia até a porta do quarto do sr. Rochester: eu mesma já o vira deitado ali pela manhã. A ideia me acalmou um pouco; deitei-me. O silêncio recompôs meus nervos e, como a quietude absoluta reinasse agora em toda a casa, comecei a sentir o sono regressar.

Mas eu não estava destinada a dormir naquela noite. Um sonho mal se aproximara do meu ouvido quando fugiu, assustado com um incidente de gelar os ossos.

Foi uma risada demoníaca – baixa, abafada e profunda – que vinha, aparentemente, da fechadura da porta do meu quarto. A cabeceira da minha cama ficava próxima à porta, e pensei, a princípio, que a risada de duende estava ao meu lado – ou, antes, junto ao meu travesseiro. Levantei-me, porém, olhei ao redor, e não pude ver nada. Ainda observava atenta quando o estranho som se repetiu: percebi que vinha de trás da porta. Meu primeiro impulso foi me levantar e passar o ferrolho; o seguinte, exclamar mais uma vez:

– Quem está aí?

Algo murmurou e gemeu. Não se passou muito tempo e passos recuaram pelo corredor em direção à escada que levava ao terceiro andar. Recentemente, uma porta fora instalada ali; ouvi-a se abrir e se fechar, e tudo ficou outra vez quieto.

“Terá sido Grace Poole? Será que ela está possuída pelo demônio?”, pensei. Impossível, agora, ficar sozinha: tinha que ir falar com a sra. Fairfax. Coloquei às pressas meu vestido e um xale; puxei o ferrolho e abri a porta com a mão trêmula. Uma vela queimava ali fora, e sobre o tapete, no corredor. Fiquei surpresa com esse detalhe, mas ainda mais surpresa ao notar que o ar estava algo turvo, como que tomado por fumaça; enquanto olhava para um lado e para o outro, tentando descobrir de onde vinham aquelas espirais azuladas, ficou mais nítido um forte cheiro de queimado.

Algo estalou: era uma porta aberta, a porta do sr. Rochester; a fumaça vinha dali, numa nuvem. Não pensei mais na sra. Fairfax, não pensei mais em Grace Poole ou na risada: num instante, estava no quarto. Labaredas subiam em torno da cama: as cortinas estavam em chamas. Em meio ao fogo e à fumaça, o sr. Rochester estava deitado, imóvel, profundamente adormecido.

– Acorde! Acorde! – exclamei.

Sacudi-o, mas ele só resmungou e se virou de lado: a fumaça o entorpecera. Eu não podia perder um único momento; as próprias cobertas já estavam começando a pegar fogo. Corri até a bacia e o jarro; por sorte, a primeira era larga e o segundo, fundo, e ambos estavam cheios d’água. Ergui-

os e inundei a cama e seu ocupante, corri de volta ao meu quarto, trouxe minha jarra d'água, batizei outra vez a cama e, com a ajuda de Deus, consegui extinguir as chamas que a devoravam.

O silvo do elemento extinto, o despedaçar de um jarro que eu atirara longe depois de esvaziar e sobretudo o banho que lhe dera com generosidade despertaram por fim o sr. Rochester. Embora estivesse escuro, percebi que ele acordara; pude ouvi-lo pronunciando estranhos anátemas ao se ver deitado numa poça d'água.

– Houve uma inundação? – ele exclamou.

– Não, senhor – respondi –; mas houve um incêndio. Levante-se, por favor; agora o fogo já está extinto. Vou buscar uma vela.

– Em nome de todos os elfos da cristandade, é Jane Eyre? – ele perguntou.

– O que você fez comigo, bruxa, feiticeira? Estava tentando me afogar?

– Vou buscar uma vela, senhor; e, pelos céus, levante-se. Alguém tramou algo, e o senhor precisa descobrir quem e o quê.

– Pronto! Já estou de pé. Mas pelo seu próprio bem não vá buscar a vela ainda; espere dois minutos para que eu possa vestir roupas secas, se encontrar alguma... sim, aqui está meu roupão. Agora, corra!

Corri, de fato. Trouxe a vela que ainda estava no corredor. Ele a tomou da minha mão, ergueu-a e examinou a cama, toda preta e chamuscada, as cobertas encharcadas, o tapete ao redor nadando em água.

– O que é isto? E quem fez isto? – ele perguntou.

Relatei brevemente o que acontecera: a estranha risada que eu ouvira no corredor, os passos subindo ao terceiro andar, a fumaça – o cheiro de fogo que me conduzira ao quarto dele; o estado em que encontrara as coisas ali, e como o alagara com toda a água em que conseguira pôr as mãos.

Ele me escutou muito sério; seu rosto, conforme eu prosseguia, revelava mais preocupação do que surpresa. Ele não falou de imediato quando terminei.

– Chamo a sra. Fairfax? – perguntei.

– A sra. Fairfax? Não. Por que diabos haveria de chamá-la? O que ela pode fazer? Deixe que durma sossegada.

– Então vou chamar Leah, e acordar John e a esposa.

– De jeito nenhum: fique aí mesmo. Está usando um xale. Se não estiver se sentindo aquecida o suficiente, pode pegar minha capa, que está ali. Envolve-se com ela, e se sente na poltrona. Pronto... eu ajudo com a capa. Agora ponha os pés sobre o banco, para não ter que pisar no chão molhado. Vou deixá-la durante alguns minutos. Levarei a vela. Permaneça onde está até eu voltar; fique imóvel como um rato. Tenho que fazer uma visita ao terceiro andar. Não saia daqui, lembre-se, nem chame quem quer que seja.

Ele saiu; observei a luz se afastando. Ele seguiu muito silencioso pelo corredor, abriu a porta da escada com o mínimo possível de ruído, fechou-a depois de passar, e o último raio de luz desapareceu. Fiquei na mais completa escuridão. Aguacei os ouvidos, mas não percebi som algum. Passou-se bastante tempo. Estava ficando cansada: fazia frio, apesar da capa, e eu não via sentido em ficar ali, já que não devia acordar os outros moradores. Estava a ponto de me arriscar a contrariar o sr. Rochester desobedecendo às suas ordens quando a luz brilhou fraca outra vez na parede do corredor e ouvi seus pés descalços sobre o tapete. “Espero que seja ele”, pensei, “e não coisa pior.”

Ele voltou para o quarto, pálido e muito soturno.

– Descobri tudo – disse, colocando a vela sobre o lavatório. – Era o que eu pensava.

– O quê, senhor?

Ele não respondeu. Ficou parado com os braços cruzados, olhando para o chão. Ao cabo de alguns minutos, perguntou, num tom bastante peculiar:



*– O que é isto? E quem fez
isto? – ele perguntou.*

– Não me lembro se você disse ter visto algo ao abrir a porta do quarto.

– Não, senhor; só a vela no chão.

– Mas ouviu uma risada estranha? Já tinha ouvido essa risada antes, imagino, ou algo parecido?

– Sim, senhor: há uma mulher que costura aqui, chamada Grace Poole. Ela ri desse jeito. É uma pessoa singular.

– Exato. Grace Poole... você adivinhou. Ela é, como diz, singular... muito. Bem, vou refletir sobre o assunto. Enquanto isso, alegra-me que você seja a única aqui além de mim a par dos detalhes do incidente desta noite. Você não é de falar à toa; não diga nada sobre o que houve. Vou dar uma explicação sobre o estado das coisas – apontando para a cama –; e agora volte para o seu quarto. O sofá da biblioteca vai me servir bem para passar o resto da noite. Já são quase quatro... em duas horas os criados estarão de pé.

– Boa noite, então, senhor – eu disse, afastando-me.

Ele pareceu surpreso – algo bastante incoerente, pois acabara de me dizer para sair.

– O quê? – exclamou. – Já vai me deixar, e desse jeito?

– Disse que eu podia ir, senhor.

– Mas não sem pedir permissão, não sem que eu diga uma ou duas palavras de agradecimento e simpatia; não desse modo repentino e seco. Ora, você salvou a minha vida! Resgatou-me de uma morte horrível e excruciante! E passa por mim como se fôssemos estranhos! Pelo menos vamos nos cumprimentar.

Ele estendeu a mão; dei-lhe a minha, que ele tomou na sua, depois em ambas.

– Você salvou a minha vida: é um prazer dever-lhe tanto. Não posso dizer mais. Não teria como tolerar nenhum outro ser como credor de um encargo desses. Mas com você é diferente... sinto que isso não é um fardo com você, Jane.

Ele fez uma pausa e me fitou: palavras quase visíveis tremiam em seus

lábios, mas sua voz não saía.

– Boa noite mais uma vez, senhor. Não há dúvida, benefício, encargo ou fardo, neste caso.

– Eu sabia – ele prosseguiu – que você haveria de me ajudar de algum modo, em algum momento. Vi em seus olhos quando a fitei pela primeira vez. Não foi à toa... – mais uma vez ele se interrompeu – não foi à toa... – continuou, apressado – que sua expressão e seu sorriso trouxeram profunda alegria ao meu coração. As pessoas falam de afinidades naturais; já ouvi mencionarem gênios bons: há um quê de verdade nas mais tresloucadas fábulas. Minha estimada salvadora, boa noite!

Havia uma estranha energia em sua voz, um estranho fogo em seus olhos.

– Fico feliz por ter estado por acaso acordada – eu disse, e comecei a me afastar.

– O quê? Você *vai embora*?

– Estou com frio, senhor.

– Frio? Sim... e de pé sobre uma poça d'água! Vá, então, Jane; vá!

Mas ele continuava segurando minha mão, e eu não conseguia soltá-la. Uma ideia me ocorreu.

– Acho que estou ouvindo a sra. Fairfax, senhor – eu disse.

– Bem, deixe-me – ele relaxou os dedos, e fui embora.

Voltei para a cama, mas não pensei em dormir. Até a manhã raiar fiquei à mercê de um mar animado mas inquieto, em que vagas de preocupação rolavam sob ondas de alegria. Para lá da água agitada eu acreditava ver, às vezes, uma costa, bela como as colinas de Beulá;⁹¹ vez por outra um vento refrescante, despertado pela esperança, levava meu espírito triunfante nessa direção. Mas eu não conseguia alcançar a costa, nem mesmo na imaginação – uma brisa contrária soprava da terra, e me empurrava continuamente para longe. A razão resistia ao delírio; o juízo advertia a paixão. Febril demais para descansar, levantei-me assim que raiou o dia.

[82](#) . “Constituição atlética”, em francês no original. O Apolo Belvedere, ou Apolo do Belvedere, é uma

representação em mármore de Apolo – filho de Zeus e um dos principais deuses gregos, representando desde o sol (e assim a luz e a verdade) até a inspiração profética e poética. Supõe-se que a escultura seja uma cópia romana de um original grego que se perdeu, embora sem datação ou procedência precisas. Seus méritos artísticos declinaram consideravelmente no séc.XX, mas é inquestionável sua importância cultural, como modelo para a representação do corpo masculino no Renascimento.

83 . Irmanadas às fadas, as sélvidas são espíritos femininos ligados ao ar, na tradição céltica. Já os gnomos não conhecem origem definida e têm sua primeira menção em obra do alquimista e médico de origem germânica Paracelso, no séc.XVI. Segundo o autor, são pequenos seres de forma humana que habitam o subterrâneo da terra. Na passagem, a personagem produz contraste entre as formas delicadas da francesa e as grosseiras do inglês.

84 . A *porte cochère* é uma estrutura em forma de arco disposta na entrada de um edifício de modo a permitir a passagem de carros ou, antigamente, charretes e carroagens, com o propósito de facilitar o embarque e desembarque de pessoas e bagagens.

85 . Em *Macbeth* (1606), de William Shakespeare (Ato I, Cena III), Banquo e Macbeth seguem a caminho de Forres e deparam-se com três bruxas, que vaticinam seu trágico destino: “Quem são estas/ tão alquebradas e loucas em seus modos/ que a habitantes da terra não se parecem habitantes/ e no entanto nela estão?”

86 . No Livro de Jó, faz-se referência a um animal aquático de proporções monstruosas, o Leviatã, diante do qual o homem é impotente: “Poderás tirar com anzol o leviatã, ou ligarás a sua língua com uma corda? Podes pôr um anzol no seu nariz, ou com um gancho furar a sua queixada? ... Ele considera o ferro como palha, e o cobre como pau podre. A seta o não fará fugir; as pedras das fundas se lhe tornam em restolho. As pedras atiradas são para ele como arestas, e ri-se do brandir da lança; debaixo de si tem conchas pontiagudas; estende-se sobre coisas pontiagudas como na lama” (41:1-2, 27-30).

87 . A narrativa joga com duas referências: o “monstro de olhos verdes” do vilão Iago em *Otelo* , de Shakespeare (Ato III, Cena III), e a serpente de Milton no *Paraíso perdido* (Canto IX).

88 . Na tragédia de Shakespeare, Otelo, recordando como Desdêmona o ouvia narrar sua história, diz: “Ela pagou-me as penas com suspiros, jurou-me que era estranho, muito estranho, que era de dar pena, imensa pena” (Ato I, Cena III).

89 . Em francês no original: “beleza viril”.

90 . À época em que se passa o romance, o Bois de Boulogne compunha uma área verde externa à cidade de Paris. Historicamente remanescente da antiga floresta de carvalhos de Rouvray – campo de caça dos antigos reis francos, que a cederam parcialmente aos monges da Abadia de Saint-Denis, que ali fundaram comunidades monásticas –, o Bois de Boulogne conheceu momentos de pujança, no séc.XVIII, quando serviu de retiro à realeza, e decadência, sobretudo no início do séc.XIX, quando abrigou tropas russas e francesas no contexto das Guerras Napoleônicas. Apenas sob o governo de Napoleão III, na década de 1850, ele viria a se tornar um parque ao estilo do Hyde Park londrino.

91 . A terra de Beulá aparece no Antigo Testamento, no Livro de Isaías. *Beulá* em hebraico significa “casada” ou “desposada”. Jane Eyre refere-se, a partir da imagem bíblica, à suspeita de que não realizará o casamento, apesar da paixão que a cerca.

CAPÍTULO 16

EU TANTO DESEJAVA quanto temia ver o sr. Rochester no dia seguinte a essa noite insone. Queria ouvir novamente sua voz, mas temia fitá-lo nos olhos. No início da manhã, esperei que ele aparecesse a qualquer momento; não vinha com frequência à sala de aula, mas às vezes entrava ali por alguns minutos, e eu tinha a impressão de que uma visita era certa naquele dia.

Mas a manhã passou como de hábito: nada aconteceu para interromper o curso tranquilo dos estudos de Adèle. Somente o fato de ouvir, logo após o desjejum, certa agitação nos arredores do quarto do sr. Rochester, a voz da sra. Fairfax, de Leah e da cozinheira – a esposa de John – e mesmo os resmungos do próprio John. Houve exclamações de “Que milagre o senhor não ter sido queimado em sua cama!”, “É sempre perigoso deixar vela acesa durante a noite”, “Providencial ele ter tido presença de espírito para pensar na jarra d’água!”, “Espanta-me ele não ter acordado ninguém!”, “Espero que ele não se resfrie por ter dormido no sofá da biblioteca” etc.

A toda essa confabulação puseram-se a esfregar e arrumar; quando passei pelo quarto, ao descer para almoçar, vi pela porta aberta que a ordem fora restaurada. Apenas a cama fora privada do cortinado. Leah estava de pé no assento da janela, esfregando as vidraças enegrecidas de fumaça. Eu estava prestes a me dirigir a ela, pois queria saber que explicação fora dada sobre o evento. Ao me aproximar, porém, vi uma segunda pessoa no quarto – uma mulher sentada numa cadeira junto à cama, costurando argolas na nova cortina. Essa mulher era ninguém menos do que Grace Poole.

Ela estava sentada ali, séria e taciturna como de hábito, em seu vestido de tecido marrom, seu avental xadrez, seu lenço e touca brancos. Estava concentrada no trabalho, e nele seus pensamentos pareciam inteiramente absortos. Em sua testa dura e seus traços comuns nada havia da palidez ou do desespero que seria de se esperar ver marcando o rosto de uma mulher que tentara cometer assassinato, e cuja vítima seguiria até o seu covil e (como eu

acreditava) acusara-a do crime que tentara perpetrar. Eu estava surpresa – confusa. Ela ergueu os olhos enquanto eu a fitava: nenhum sinal de alarme, nenhum aumento ou declínio de rubor traía uma emoção, a consciência da culpa ou o medo da descoberta. Ela disse “Bom dia, senhorita” em sua maneira habitual, breve e pachorrenta; pegando outra argola e mais linha, continuou costurando.

“Vou fazer um teste com ela”, pensei: “uma impenetrabilidade tão absoluta ultrapassa a compreensão.”

– Bom dia, Grace – disse. – Aconteceu alguma coisa por aqui? Acho que ouvi os criados conversando há pouco.

– Foi só que o senhor estava lendo na cama ontem à noite; adormeceu com a vela acesa, e as cortinas pegaram fogo. Mas felizmente ele acordou antes que as cobertas ou a madeira da cama começassem a queimar também, e conseguiu apagar as chamas com a água do jarro.

– Que estranho! – eu disse, em voz baixa; então, olhando fixamente para ela: – O sr. Rochester não acordou ninguém? Ninguém ouviu nada?

Ela ergueu os olhos para mim de novo; dessa vez havia certa consciência em sua expressão. Ela pareceu me examinar com cautela, e então respondeu:

– Os criados dormem longe daqui, como sabe, senhorita, e não é provável que fossem escutar. O quarto da sra. Fairfax e o seu são os mais próximos do quarto do senhor. Mas a sra. Fairfax diz não ter ouvido nada; quando as pessoas ficam mais velhas, frequentemente têm o sono pesado.

Ela fez uma pausa, e então acrescentou, com uma espécie de indiferença fingida, mas ainda com um tom acentuado e expressivo:

– Mas a senhorita é jovem, e imagino que tenha o sono leve. Talvez tenha ouvido algum barulho?

– Ouvi, sim – eu disse, baixando a voz para que Leah, que ainda limpava as vidraças, não pudesse me ouvir –, e primeiro achei que fosse Pilot. Mas Pilot não sabe rir, e tenho certeza de que ouvi uma risada. Uma risada muito estranha.

Ela pegou outro pedaço de linha, encerou-a cuidadosamente, enfiou-a na agulha com mão firme e então comentou, com perfeita compostura:

– Acho pouco provável que o senhor fosse rir, senhorita, quando corria

tamanho perigo. Deve ter sido um sonho.

– Não foi um sonho – eu disse, um tanto acaloradamente, pois sua frieza descarada me provocava.

Ela voltou a me fitar, e com o mesmo olhar consciente e escrutinador.

– Contou ao senhor que ouviu uma risada? – indagou.

– Não tive a oportunidade de falar com ele esta manhã.

– Não pensou em abrir a porta do seu quarto e ver o que havia no corredor?

– ela continuou perguntando.

Parecia um inquérito, em que tentava extrair de mim alguma informação involuntária. Ocorreu-me que se ela descobrisse que eu estava a par de sua culpa, ou suspeitava dela, poderia estar tentando pregar em mim alguma de suas malignas peças; era recomendável que eu ficasse atenta.

– Ao contrário – eu disse. – Passei o ferrolho na porta.

– Então não tem o hábito de passar o ferrolho na porta todas as noites antes de se deitar?

“Demônio! Ela quer se inteirar dos meus hábitos para poder fazer seus planos de acordo com eles!” A indignação mais uma vez levou a melhor sobre a prudência. Respondi com rispidez:

– Até hoje, com frequência deixei de passar o ferrolho; não julguei necessário. Não sabia que havia algum perigo ou contratempo a temer em Thornfield Hall. Mas no futuro – e disse essas palavras com ênfase – vou tomar muito cuidado para trancar tudo antes de me aventurar a ir me deitar.

– Seria prudente fazer isso – foi a resposta. – Esta região é muito tranquila, e nunca ouvi dizer que esta casa tenha sido atacada por ladrões, embora haja centenas de libras em prata no armário, como se sabe. E, veja, há muito poucos criados para uma casa tão grande, porque o patrão nunca fica aqui por muito tempo; quando vem, sendo solteiro, necessita de poucos cuidados. Mas sempre achei melhor pecar pelo excesso. É bom fechar logo a porta, bem como ter um ferrolho entre a gente e qualquer perigo que haja por aí. Muitos, senhorita, confiam na Providência para tudo; eu digo que a Providência não tem como cuidar das questões de ordem prática, ainda que o Senhor as abençoe quando são usadas de forma prudente – e com isso ela encerrou a arenga; longa, aliás, em se tratando dela, e proferida com a fria modéstia de

uma puritana.

Eu ainda estava completamente estupefata diante do que parecia ser um miraculoso autocontrole e uma hipocrisia inescrutável quando a cozinheira entrou.

– Sra. Poole – disse ela, dirigindo-se a Grace –, o almoço dos criados já está quase pronto. Vai descer?

– Não; só coloque minha caneca de cerveja e um pouco de sobremesa numa bandeja, que trago aqui para cima.

– Quer um pouco de carne?

– Só um pedaço, e um bocado de queijo, é tudo.

– E o sagu?

– Não se preocupe com isso: vou descer antes da hora do chá, eu mesma preparo.

A cozinheira então se virou para mim, dizendo que a sra. Fairfax me esperava. Deixei o quarto.

Eu mal ouvi o relato da sra. Fairfax sobre o incêndio da cortina durante o jantar; estava quebrando a cabeça na tentativa de decifrar o temperamento enigmático de Grace Poole, e mais ainda ponderando o problema de sua posição em Thornfield, e me perguntando por que ela não fora entregue à polícia naquela manhã ou, no mínimo, dispensada dos serviços ao meu senhor. Ele praticamente declarara sua convicção na culpa de Grace na noite anterior: que razão misteriosa o impedia de acusá-la? Por que ele também me impusera a necessidade de manter segredo? Era estranho: um cavalheiro audacioso, vingativo e orgulhoso parecia de algum modo à mercê de uma de suas mais desprezíveis empregadas. Tão à mercê que, mesmo quando ela cometia um ato contra a sua vida, ele não ousava acusá-la abertamente da tentativa, muito menos puni-la por isso.

Se Grace fosse jovem e bonita, eu me sentiria tentada a achar que sentimentos mais intensos do que a prudência ou o medo influenciavam o sr. Rochester a seu favor, mas com aquelas feições duras e aquele ar de matrona, a ideia não podia ser admitida. “Sim”, refleti, “ela um dia foi jovem; sua mocidade deve ter sido contemporânea à do meu senhor. A sra. Fairfax me disse, uma vez, que ela viveu aqui por muitos anos. Acho que nunca deve ter

sido bonita; mas, até onde sei, talvez tenha originalidade e força de caráter suficiente para compensar a falta de atrativos pessoais. O sr. Rochester é um apreciador das pessoas resolutas e excêntricas; Grace é excêntrica, pelo menos. E se um capricho anterior (extravagância bastante possível a uma natureza tão intempestiva e obstinada quanto a dele) o deixou à mercê dela, e agora exerce sobre suas atitudes uma influência secreta, resultado de sua imprudência – uma influência da qual ele não consegue se livrar e que não tem como ignorar?” Ao chegar, porém, a este ponto em minhas conjecturas, a figura quadrada e achatada e o rosto sem graça, seco e abrutalhado da sra. Poole voltaram de forma tão distinta à minha mente que pensei: “Não, é impossível! Minha suposição não pode estar correta. Porém”, sugeriu a voz secreta que fala em nosso coração, “você também não é bonita, e talvez o sr. Rochester a aprove; já sentiu várias vezes que sim, pelo menos. E ontem à noite – lembre-se de suas palavras, lembre-se do seu olhar, lembre-se da sua voz!”

Eu me lembrava bastante bem de tudo – palavras, olhar e tom de voz pareceram nesse momento nitidamente reavivados. Eu estava agora na sala de aula. Adèle desenhava; debrucei-me sobre ela e orientei seu lápis. Ela ergueu os olhos um tanto surpresa.

– *Qu’avez-vous, mademoiselle?* – perguntou. – *Vos doigts tremblent comme la feuille, et vos joues sont rouges: mais, rouges comme des cerises!*

92

– Estou com calor, Adèle, de tanto me abaixar!

Ela continuou desenhando; eu continuei pensando.

Apressei-me em afastar da mente a ideia detestável que estava formulando acerca de Grace Poole: repugnava-me. Comparei-me a ela, e vi que éramos diferentes. Bessie Leaven dissera que eu era uma dama, e tinha razão – eu era uma dama. E agora minha aparência era muito melhor do que quando Bessie me vira; eu estava mais corada, tinha mais carne, mais vida, mais animação, porque tinha maiores esperanças e alegrias mais intensas.

– O fim da tarde se aproxima – eu disse, olhando em direção à janela. – Não ouvi a voz nem os passos do sr. Rochester pela casa hoje, mas com certeza hei de vê-lo antes que anoiteça. Temia encontrá-lo de manhã; agora espero por isso, pois a expectativa foi frustrada por tanto tempo que se

transformou em impaciência.

Quando chegou o crepúsculo, e quando Adèle me deixou e foi brincar no seu quarto com Sophie, eu já desejava intensamente. Estava atenta ao som da campainha lá embaixo; esperava que Leah subisse com uma mensagem; imaginava às vezes ouvir os passos do próprio sr. Rochester, e virava-me para a porta, esperando que fosse se abrir e que ele fosse entrar. A porta continuava fechada; somente a escuridão entrava ali, pela janela. Mas ainda não era tarde; ele muitas vezes mandava me chamar às sete ou oito horas, e não passava das seis. Certamente eu não seria frustrada essa noite, quando tinha tanto a lhe dizer! Queria mais uma vez trazer à tona o tema de Grace Poole, e ouvir o que ele responderia; queria lhe perguntar abertamente se de fato acreditava ter sido ela quem fizera a hedionda tentativa na noite passada e, sendo o caso, por que ele mantinha segredo sobre aquela terrível ação. Pouco importava se minha curiosidade viesse a irritá-lo: eu conhecia o prazer de aborrecê-lo e acalmá-lo em seguida; era algo com que me deleitava, e um instinto certeiro sempre me impedia de ir longe demais. Para além dos limites da provocação eu nunca me aventurava; no máximo, gostava de treinar minhas habilidades. Atendo-me a todos os mínimos detalhes do respeito, a tudo o que convinha à minha posição, eu ainda podia discutir com ele sem medo ou desconforto, o que era benéfico para nós dois.

Por fim ouvi a escada estalando; Leah apareceu, mas só para dizer que o chá estava servido no quarto da sra. Fairfax. Para lá me dirigi, feliz pelo menos de ir para o andar de baixo, pois isso me deixava, pensava eu, mais perto da presença do sr. Rochester.

– Deve estar querendo tomar seu chá – disse a boa senhora, quando me juntei a ela. – Comeu tão pouco no almoço. Parece-me – prosseguiu – que você não está muito bem hoje: está corada e com aspecto febril.

– Ah, estou bem! Nunca me senti melhor.

– Então deve provar isso demonstrando apetite. Pode encher a chaleira enquanto arremato o tricô?

Ao concluir a tarefa, ela se levantou para fechar a veneziana, que até então deixara aberta, com a intenção, suponho, de aproveitar ao máximo a luz do dia, embora o crepúsculo agora se aproximasse depressa da escuridão total.

– Faz bom tempo esta noite – disse ela, olhando pela vidraça –, embora o

céu não esteja estrelado. De modo geral, foi um dia favorável à viagem do sr. Rochester.

– Viagem! O sr. Rochester foi a algum lugar? Eu não sabia que ele partira.

– Ah, ele saiu assim que terminou o desjejum! Foi para Leas, onde vive o sr. Eshton, quinze quilômetros depois de Millcote. Acho que há um grupo grande reunido ali: lorde Ingram, sir George Lynn, o coronel Dent e outros.

– Ele volta esta noite?

– Não, nem amanhã. Eu diria que provavelmente deve ficar uma semana ou duas. Quando essa gente fina e distinta se encontra, estão sempre tão cercados de elegância e alegria, e tanta fartura têm de tudo que possa aprazer e divertir, que não têm pressa em se separar. Os cavalheiros, sobretudo, são frequentemente solicitados nessas ocasiões, e o sr. Rochester é tão talentoso e animado em sociedade que acredito ser um favorito. As damas gostam muito dele, embora sua aparência não nos dê a impressão de que seria muito agradável aos olhos delas. Mas suponho que sua educação e seus talentos, talvez sua riqueza e sangue nobre, compensem o que sua figura deixa a desejar.

– Há mulheres em Leas?

– A sra. Eshton e suas três filhas, jovens muito elegantes. E também as honoráveis Blanche e Mary Ingram, mulheres lindas, imagino. Na verdade vi Blanche há seis ou sete anos, quando era uma moça de dezoito. Ela veio a uma festa de Natal que o sr. Rochester ofereceu. Você tinha que ver o salão de jantar naquele dia... que decoração tão rica, que iluminação farta! Eu diria que havia cinquenta damas e cavalheiros presentes, todos das melhores famílias. E a srt. Ingram era considerada a beldade daquela noite.

– Disse tê-la visto, sra. Fairfax: como ela era?

– Sim, eu a vi. As portas da sala de jantar estavam abertas. E, como era Natal, os criados tiveram permissão de se reunir no vestíbulo, a fim de ouvir algumas das damas cantar e tocar. O sr. Rochester queria que eu entrasse, e me sentei num canto tranquilo e os observei. Nunca vi cenário mais esplêndido: as damas estavam magnificamente vestidas; a maioria era bonita, pelo menos as mais jovens. Mas a srt. Ingram era certamente a rainha.

– E como ela era?

– Alta, belo busto, ombros angulosos, pESCOÇO longo e gracioso. Tez cor de oliva, morena e límpida, traços nobres, olhos como os do sr. Rochester, grandes e negros, e brilhantes como joias. E o cabelo era tão bonito, negro feito azeviche, e com um penteado tão formoso. Uma coroa de tranças grossas na parte de trás da cabeça, e na parte da frente os cachos mais longos e brilhantes que eu jamais vira. Estava toda de branco; uma echarpe cor de âmbar passava sobre seu ombro e peito, atada ao lado, e caindo até abaixo do joelho, onde terminava numa franja. Ela também usava uma flor cor de âmbar no cabelo: belo contraste com a massa negra de seus cachos.

– Admiravam-na muito, é claro?

– Sim, de fato; e não apenas por sua beleza, mas por seus talentos. Era uma das damas que cantavam: um cavalheiro a acompanhava ao piano. Ela e o sr. Rochester cantaram um dueto.

– O sr. Rochester? Eu não sabia que ele cantava.

– Ah! Tem uma bela voz de baixo, e um excelente gosto musical.

– E a srt. Ingram, que tipo de voz tinha?

– Muito cheia e potente. Cantava maravilhosamente; era um prazer ouvi-la. E em seguida tocou. Não sei julgar música, mas o sr. Rochester sabe, e ouvi-o dizer que seu desempenho foi notável.

– E essa dama bela e talentosa ainda não se casou?

– Parece que não: acho que nem ela nem a irmã têm fortunas muito grandes. As propriedades do velho lorde Ingram eram atreladas à herança, e o filho mais velho ficou com quase tudo.

– Mas me surpreende que nenhum nobre ou cavalheiro rico tenha se interessado por ela: o sr. Rochester, por exemplo. Ele é rico, não?

– Ah, sim! Mas há uma diferença considerável de idade. O sr. Rochester tem quase quarenta anos; ela, somente vinte e cinco.

– E daí? A cada dia há mais uniões com esse tipo de diferença.

– É verdade. Custo a acreditar, porém, que o sr. Rochester fosse nutrita uma ideia dessas. Mas você não está comendo nada. Mal levou alguma coisa à boca desde que começou o chá.

– Não: tenho sede demais para comer. Pode me servir outra xícara?

Eu estava prestes a voltar à probabilidade de uma união entre o sr. Rochester e a bela Blanche, mas Adèle entrou, e a conversa se desviou.

Quando me vi outra vez sozinha, repassei as informações que recebera. Olhei dentro do meu coração, examinei seus pensamentos e sentimentos, e com mão firme tentei trazer de volta aos domínios seguros do bom senso os que andavam se desviando pela desolação sem fronteiras e sem caminhos da imaginação.

Denunciada em meu próprio tribunal, e depois que a Memória ofereceu suas provas de esperanças, desejos e sentimentos que eu acalentava desde a noite anterior – do estado mental geral que eu me permitira por quase duas semanas; depois que a Razão se apresentara e contara, ao seu modo discreto, uma história simples e sem artifícios, [93](#) mostrando que eu rejeitara o real e devorara furiosamente o ideal – pronunciei então o veredito: [94](#)

Que uma tola maior do que Jane Eyre nunca viu a luz do dia; que uma idiota mais sonhadora nunca devorou maior quantidade de mentiras doces ou engoliu veneno como se fosse néctar.

“Você”, eu disse, “uma favorita do sr. Rochester? Você com o poder de agradá-lo? Você tendo qualquer importância para ele? Vá embora! Sua tolice me enoja. E você encontrou prazer em demonstrações ocasionais de preferência... demonstrações equivocadas por parte de um cavalheiro de família e um homem vivido a uma subalterna e principiante. Como ousou? Pobre ingênuo! Será que nem mesmo o interesse pessoal poderia lhe dar um pouco de sabedoria? Repetiu a si mesma hoje de manhã a cena de ontem à noite? Cubra o rosto e sinta vergonha! Ele disse algo elogiando seus olhos, por acaso? Sua boba cega! Abra as pálpebras ofuscadas e olhe para a sua própria maldita insensatez! A nenhuma mulher convém ser elogiada por seu superior, que de modo algum poderia ter a intenção de se casar com ela. E é loucura para qualquer mulher deixar um amor secreto se acender no peito... amor que, se não for correspondido ou conhecido, há de devorar a vida que o alimenta; se descoberto e retribuído, há de conduzir, como fogo-fátuo, a um ermo lamacento de onde não existe mais saída.” [95](#)

“Ouça então, Jane Eyre, a sua sentença: amanhã, coloque o espelho diante de si, e desenhe com giz seu rosto, de maneira fiel, sem disfarçar um único defeito. Não omita uma só linha mais dura, não suavize irregularidades

desagradáveis. Por baixo, escreva: ‘Retrato de uma Educadora, sem família, pobre e sem graça.’

“Em seguida, pegue um pedaço de marfim – tem um preparado em sua caixa de materiais de desenho. Pegue sua paleta, prepare as tintas mais puras, belas e nítidas; selecione os pincéis mais delicados de pelo de camelo; trace cuidadosamente o rosto mais adorável em que possa pensar; pinte-o nos tons mais suaves e cores mais bonitas, de acordo com a descrição feita pela sra. Fairfax de Blanche Ingram: lembre-se dos cachos cor de azeviche, dos olhos rasgados – O quê! Está voltando ao sr. Rochester para tomá-lo como modelo! Ordem! Nada de choramingar! Nada de sentimentos! Nada de arrependimento! Só vou tolerar sensatez e determinação. Lembre-se das feições augustas mas harmoniosas, do pescoço e o busto gregos; deixe visível o braço redondo e deslumbrante, e a mão delicada; não omita anel de diamante nem bracelete de ouro; retrate com fidelidade a roupa, renda etérea e cetim reluzente, echarpe delicada e rosa dourada. Chame-o de ‘Blanche, uma talentosa dama da alta sociedade’.

“Em seu futuro, quando quer que venha por acaso a imaginar que o sr. Rochester tem uma opinião positiva de você, pegue esses dois retratos e os compare. Diga: ‘O sr. Rochester pode conquistar o amor dessa nobre dama, se resolver tentar; por acaso é provável que desperdice um pensamento sério com uma plebeia indigente e insignificante?’

“Farei isso”, decidi; e, ao tomar essa resolução, fiquei mais calma e adormeci.

Mantive minha palavra. Uma ou duas horas foram suficientes para fazer meu próprio retrato com giz de cera, e em menos de duas semanas eu completara uma miniatura em marfim de uma imaginária Blanche Ingram. Era um rosto bastante bonito, e quando comparado ao busto real feito com giz, o contraste era tão grande quanto o autocontrole poderia desejar. A tarefa me foi benéfica: manteve minha mente e minhas mãos ocupadas, e deu força e constância às novas impressões que eu desejava gravar de maneira indelével em meu coração.

Em pouco tempo eu já tinha motivos para me congratular no curso da saudável disciplina a que eu forçara meus sentimentos a se submeter: graças a ela, pude enfrentar os acontecimentos subsequentes com uma calma decente;

calma esta que, caso tivessem me pegado desprevenida, não teria podido manter, nem mesmo externamente.

[92](#) . Em francês no original: “O que tem, senhorita? Seus dedos estão trêmulos como uma folha, e sua face está vermelha; vermelha como cerejas!”

[93](#) . Em *Otelo* (Ato I, Cena III), o herói responde às objeções do pai de Desdêmona prometendo uma “história simples e sem enfeites” de sua corte.

[94](#) . Segundo Stevie Davies, a alegorização do conflito interno como um tribunal em que a Memória é promotora, a Razão, acusadora, e “eu”, juiz é um motivo comum em sermões, embora geralmente atribuída a Isaac Watts e sua edificante *A doutrina das paixões* (1729): “Chama com frequência seu amor ao tribunal da razão e da escritura para averiguar se o objeto de seu amor é apropriado.”

[95](#) . A referência é provavelmente à lírica admonitória de Byron. Em “A um amigo jovial” (1808), o poeta aconselha contra a promiscuidade que se move como “vapores de pântano” e “vagar leve de dama em dama/ um brilho fátnuo do amor”.

CAPÍTULO 17

UMA SEMANA SE PASSOU, e não tivemos notícias do sr. Rochester. Dez dias, e ele não voltava. A sra. Fairfax disse que não ficaria surpresa se ele fosse de Leas direto para Londres, e dali ao Continente, e que não desse as caras em Thornfield por mais um ano; não era incomum ele ir embora dessa maneira abrupta e inesperada. Quando soube disso, eu estava começando a sentir um estranho calafrio, e o coração fraquejava. Estava me permitindo, na verdade, experimentar uma devastadora sensação de desapontamento; mas, recuperando o juízo e recordando meus princípios, mais uma vez pus ordem em minhas sensações, e foi maravilhoso como superei a tolice temporária – como reparei o erro de supor que as andanças do sr. Rochester eram um assunto em que eu tinha qualquer motivo para demonstrar interesse vital. Não que eu me rebaixasse com uma noção servil de inferioridade – ao contrário, somente dizia:

“Você não tem nada que ver com o senhor de Thornfield, para além de receber o salário que ele lhe paga pelas aulas à sua protegida e de sentir-se grata por um tratamento tão respeitoso e gentil quanto esse que, se cumprir com sua tarefa, tem o direito de esperar dele. Esteja certa de que é o único elo que ele reconhece com seriedade entre vocês. Portanto, não faça dele o objeto dos seus belos sentimentos, dos seus arroubos, das suas agอนias e tudo o mais. Ele não está no seu nível: atenha-se à sua casta, e tenha autoestima suficiente para não esbanjar o amor de seu coração e de sua alma onde tal dádiva não é desejada e seria desprezada.”

Fui cuidar com tranquilidade das minhas tarefas do dia, mas vez por outra continuavam atravessando meu cérebro vagas sugestões de motivos pelos quais deveria deixar Thornfield. Involuntariamente, imaginava anúncios no jornal e ponderava conjecturas sobre um novo emprego: esses pensamentos não achei necessário reprimir; que germinassem e frutificassem, se pudesse.

Fazia mais de duas semanas que o sr. Rochester estava ausente quando o

correio trouxe uma carta à sra. Fairfax.

– É do senhor – disse ela, verificando o remetente. – Agora imagino que vamos saber se devemos ou não esperar pelo seu regresso.

E enquanto ela rompia o lacre e analisava o documento, continuei tomando meu café (era a hora do desjejum): estava quente, e eu atribuí a essa circunstância um brilho ardente que de súbito me veio ao rosto. Por que minha mão tremia, e por que involuntariamente derramei metade do conteúdo da minha xícara no pires, preferi não me perguntar.

– Bem, às vezes acho que as coisas são calmas demais por aqui, mas corremos o risco de ficar bastante ocupados agora. Pelo menos por algum tempo – disse a sra. Fairfax, ainda segurando o bilhete diante dos óculos.

Antes que eu me permitisse pedir uma explicação, amarrei o avental de Adèle, que estava solto. Servindo-lhe mais um pãozinho e enchendo novamente sua caneca de leite, disse, aparentando indiferença:

– O sr. Rochester não deve retornar em breve, imagino?

– Vai retornar, na verdade... diz ele que em três dias. Ou seja, na próxima quinta-feira. E não vem sozinho. Não sei quantas das pessoas elegantes de Leas vêm com ele; manda ordens para que todos os quartos sejam preparados, para que a biblioteca e as salas de estar sejam limpas, para que eu traga do George Inn, em Millcote, ajudantes para a cozinha, e de onde mais puder. E as senhoras e os cavalheiros trarão seus criados pessoais, de modo que teremos uma casa cheia.

A sra. Fairfax engoliu o desjejum e foi, apressada, dar início aos preparativos.

Os três dias foram, como ela previra, bastante ocupados. Eu antes considerava os cômodos de Thornfield bastante limpos e bem arrumados, mas aparentemente me enganara. Três mulheres vieram ajudar, e nunca vi, antes ou depois daquela ocasião, tamanha dedicação em esfregar, escovar, lavar paredes e sacudir tapetes, remover quadros e colocar de volta, polir espelhos e lustres, acender lareiras nos quartos, arejar cobertas e colchões de penas nas lareiras. Adèle corria feito louca em meio a tudo isso: os preparativos para receber visitas e a perspectiva de sua chegada pareciam deixá-la extasiada. Fez com que Sophie examinasse todas as suas *toilettes*, como chamava seus vestidos; que restaurasse o que estivesse *passé* e arejasse

e arrumasse o que fosse novo. Ela própria não fazia mais do que se entregar a cabriolas nos quartos da frente, saltando das camas e deitando-se nos colchões e nas almofadas e travesseiros empilhados diante do fogo que crepitava alto nas lareiras. Foi exonerada das atividades escolares: a sra. Fairfax requisitou os meus serviços, e eu passava os dias na despensa, ajudando (ou atrapalhando) a ela e à cozinheira, aprendendo a fazer cremes e cheesecakes e doces franceses, amarrar aves para os assados e decorar sobremesas.

O grupo devia chegar na tarde de quinta-feira, a tempo para jantar às seis horas. Durante o período que antecedeu esse dia, não tive tempo para alimentar fantasias, e acredito que estivesse tão ativa e alegre quanto todos os demais – à exceção de Adèle. Ainda assim, de quando em quando minha alegria era posta em xeque e eu era involuntariamente lançada outra vez na região das dúvidas e portentos, e sombrias conjecturas. Isso ocorria quando eu por acaso via a porta da escada que levava ao terceiro andar (que ultimamente andara trancada) abrir devagar e dar passagem ao vulto de Grace Poole, com sua touca, seu avental branco e seu lenço; quando a observava atravessar muito quieta o corredor, seus passos silenciosos abafados por chinelos de tecido macio; quando a via entrar brevemente na confusão dos quartos para dizer uma palavra, talvez, a uma criada contratada sobre a maneira correta de polir a grade da lareira ou limpar o mármore, ou tirar manchas do papel de parede, e em seguida ir embora. Ela descia à cozinha uma vez por dia, almoçava, fumava um cachimbo razoável junto à lareira e voltava, levando consigo a caneca de cerveja, ao seu refúgio privado, ao seu antro sombrio lá em cima. Somente uma hora das 24 ela passava com os outros criados, lá embaixo; o restante do seu tempo transcorria em alguma câmara de teto baixo revestida de carvalho, no terceiro andar. Ali ela se sentava e costurava – e provavelmente ria lugub्रemente consigo mesma – tão sem companheiros quanto um prisioneiro em sua masmorra.

O mais estranho era que ninguém na casa, exceto eu, notava seus hábitos, ou dava mostras de se surpreender com eles: ninguém discutia sua posição ou seu emprego; ninguém demonstrava pena de sua solidão ou isolamento. Certa vez, cheguei a ouvir uma conversa entre Leah e uma das criadas contratadas, cujo tema era Grace. Leah dizia algo que eu não entendera, e a outra criada observou:

– Ela ganha bem, imagino?

– Sim – disse Leah. – Quem me dera ganhar o mesmo. Não que possa me queixar do meu salário; não há mesquinharia em Thornfield. Mas não chega a um quinto do que a sra. Poole ganha. E ela está fazendo uma poupança: vai a cada trimestre ao banco em Millcote. Não me admiraria se tiver guardado o suficiente para garantir sua independência se quisesse ir embora; mas acho que se acostumou a este lugar, e ainda não tem quarenta anos, e é forte e capaz. É muito cedo para deixar o trabalho.

– Ela presta uma ajuda e tanto, imagino – disse a mulher.

– Ah! Ela entende o que tem de fazer... ninguém melhor do que ela – respondeu Leah significativamente –; e não é qualquer um que poderia ocupar sua posição, nem por todo o dinheiro que ela ganha.

– De fato não! – foi a resposta. – Eu me pergunto se o senhor...

A criada prosseguia, mas nesse momento Leah se virou e me viu, e deu imediatamente um cutucão nacompanheira.

– Ela não sabe? – ouvi a mulher sussurrar.

Leah sacudiu a cabeça, e a conversa obviamente acabou. Tudo o que deduzi dela foi isto: que havia um mistério em Thornfield, e que eu era deliberadamente excluída dele.

Chegou a quinta-feira. Todo o trabalho havia sido completado na noite anterior. Os tapetes foram postos no lugar, as cortinas penduradas nas camas, radiantes com cobertas esticadas; mesas de toalete arrumadas, móveis limpos, flores postas nos vasos. Tanto os quartos quanto os salões pareciam tão limpos e resplandecentes quanto humanamente possível. O salão também estava imaculado; e o grande relógio de pé, bem como os degraus e corrimãos da escada, haviam sido polidos até ficar brilhantes como vidro. Na sala de jantar, o aparador reluzia com a prataria; na sala de estar e na saleta íntima, flores exóticas desabrochavam nos vasos, por toda parte.

A tarde chegou: a sra. Fairfax colocou seu melhor vestido de cetim preto, suas luvas e seu relógio de ouro; era sua função receber os convidados – conduzir as damas aos seus quartos etc. Adèle também queria se arrumar, embora eu achasse que tinha poucas chances de ser apresentada ao grupo, pelo menos naquele dia. Para agradá-la, contudo, permiti que Sophie colocasse nela um de seus vestidos curtos de musselina. Quanto a mim, não

tinha necessidade de me trocar; não iam solicitar que deixasse o santuário da sala de aula. Pois um santuário se tornara para mim – “um refúgio muito agradável em tempos conturbados”. [96](#)

Havia sido um dia fresco e sereno de primavera – um daqueles dias que, por volta do final de março ou do começo de abril, raiam brilhando sobre a terra como um arauto do verão. Chegava ao fim, agora, mas a tardinha estava quase quente, e eu me sentei para trabalhar na sala de aula com a janela aberta.

– Está ficando tarde – disse a sra. Fairfax, entrando apressada. – Fico feliz por ter pedido o jantar para uma hora depois do horário que o sr. Rochester mencionara; já passa das seis. Mandei John até o portão a fim de olhar se há algum movimento na estrada; é possível ver uma boa distância dali em direção a Millcote – ela foi até a janela. – Aí está ele! E então, John (inclinando-se lá para fora), alguma novidade?

– Estão vindo, madame – foi a resposta. – Vão chegar em dez minutos.

Adèle correu até a janela. Segui-a, tomando cuidado para ficar na lateral, a fim de que, oculta pela cortina, pudesse ver sem ser vista.

Os dez minutos dados por John pareceram muito longos, mas por fim ouviram-se rodas. Quatro cavalos chegaram a galope, e atrás deles duas carruagens abertas. Véus esvoaçantes e plumas flutuantes enchiam os veículos. Dois dos cavaleiros eram jovens muito bem-apessoados; o terceiro era o sr. Rochester, em seu cavalo preto, Mesrour, [97](#) Pilot saltando diante dele. Ao seu lado vinha uma dama, e os dois eram os primeiros do grupo. A roupa púrpura de montaria que ela usava quase varria o chão, e seu véu caía numa cascata sob a brisa; mesclando-se às suas dobras transparentes e cintilando através delas reluziam fartos cachos cor de azeviche.

– A sra. Ingram! – exclamou a sra. Fairfax, e correu para o seu posto no andar de baixo.

O grupo, seguindo a curva da entrada, logo dobrou a esquina da casa, e eu os perdi de vista. Adèle pediu para descer, mas eu a sentei no meu colo e fiz com que entendesse que não devia, de modo algum, pensar em se aventurar diante das senhoras, naquele ou em qualquer outro momento, a menos que a mandassem chamar; disse que o sr. Rochester ficaria muito zangado etc. “Lágrimas naturais ela derramou” [98](#) diante disso, mas, como minha

expressão começava a ficar muito séria, ela por fim consentiu em enxugá-las.

Uma alegre agitação se ouvia agora no vestíbulo: o tom de voz grave dos cavalheiros e a fala argênteas das senhoras se mesclavam com harmonia, e sobre elas, distinta ainda que não mais alta, a voz sonora do senhor de Thornfield Hall, dando as boas-vindas aos seus belos e galantes hóspedes. Então passos leves subiram a escada; alguém tropeçou no corredor, e houve risos suaves e alegres, e portas se abrindo e se fechando e, por algum tempo, silêncio.

– *Elles changent de toilette* – disse Adèle, que, de ouvidos aguçados, seguira cada movimento; suspirou. – *Chez maman* – disse ela –, *quand il y avait du monde, je les suivait partout, au salon et à leurs chambres; souvent je regardais les femmes de chambre coiffer et habiller les dames, et c'était amusant: comme cela on apprend*. [99](#)

– Não está com fome, Adèle?

– *Mais oui, mademoiselle: voilà cinq ou six heures que nous n'avons pas mangé*. [100](#)

– Bem, agora que as senhoras estão em seus quartos vou me aventurar a descer e trazer alguma coisa para você comer.

E, deixando com precaução o meu refúgio, dirigi-me a uma escada dos fundos que conduzia diretamente à cozinha. Tudo por ali era fogo aceso e comoção; a sopa e o peixe estavam no último estágio de preparo, e a cozinheira se debruçava sobre suas panelas num tal estado físico e mental que corria o risco de sofrer combustão espontânea. No vestíbulo dos empregados, dois cocheiros e três criados particulares dos cavalheiros estavam de pé ou sentados ao redor da lareira; as criadas, suponho, estavam lá em cima com suas senhoras. Os novos empregados, contratados em Millcote, trabalhavam por toda parte. Abrindo caminho em meio a esse caos, cheguei por fim à despensa; ali peguei um frango frio, um pão, algumas tortas, um prato ou dois, uma faca e um garfo. Com esse butim, saí depressa dali. Voltei ao corredor, e estava acabando de fechar a porta dos fundos atrás de mim quando um zunzum me advertiu de que as damas estavam prestes a sair de seus quartos. Eu não tinha como ir até a sala de aula sem passar diante de algumas de suas portas, e sem correr o risco de ser surpreendida com meu carregamento de provisões. Então, fiquei parada naquele canto, que, por não

ter janelas, era escuro – bastante escuro agora, pois o sol se pusera e o crepúsculo baixava.

Logo as portas se abriram e dali saíram as belas ocupantes dos quartos, uma após a outra. Todas vinham alegres, com vestidos lustrosos na penumbra. Por um momento agruparam-se na outra extremidade do corredor, conversando num tom de delicada vivacidade; então desceram a escada quase tão silenciosamente quanto uma clara neblina desce uma colina. Sua aparência coletiva deixara em mim uma impressão da elegância de quem nasce em famílias distintas, tal como eu nunca tivera antes.

Vi Adèle espiando pela porta da sala de aula, que segurava entreaberta.

– Que belas damas! – ela exclamou, em inglês. – Ah, gostaria de poder ir vê-las! Acha que o sr. Rochester vai mandar nos chamar em algum momento, depois do jantar?

– Não, acho que não. O sr. Rochester tem outras coisas em que pensar. Esqueça as damas esta noite; talvez possa vê-las amanhã. Aqui está o seu jantar.

Elá estava com muita fome, de modo que o frango e as tortas serviram para desviar sua atenção por algum tempo. Foi bom eu ter garantido aquelas provisões, do contrário tanto ela quanto eu e Sophie, com quem compartilhei uma parte da refeição, teríamos corrido o risco de ficar sem jantar: todos lá embaixo estavam ocupados demais para pensar em nós. A sobremesa só foi levada depois das nove; às dez, criados ainda corriam de um lado a outro com bandejas e xícaras de café. Permiti que Adèle ficasse acordada até muito mais tarde do que o habitual, pois ela declarou que não tinha condições de ir dormir enquanto as portas continuassem se abrindo e fechando lá embaixo, e as pessoas se movimentando por toda parte. Além disso, ela acrescentou, poderia vir uma mensagem do sr. Rochester depois que ela tivesse trocado de roupa, “*et alors quel dommage!*” . [101](#)

Contei-lhe histórias pelo tempo que ela quis, e então para variar um pouco levei-a ao corredor. A lâmparina do vestíbulo estava acesa agora, e ela achou divertido olhar sobre a balaustrada e observar os criados passando para lá e para cá. Quando já era tarde da noite, veio um som de música da sala de visitas, para onde o piano fora transportado; Adèle e eu nos sentamos no alto da escada para ouvir. Logo em seguida uma voz se juntou aos tons

magníficos do instrumento; era uma mulher quem cantava, e sua voz era adorável. Terminado o solo, seguiu-se um dueto, e então um coro: uma conversa alegre preenchia os intervalos. Fiquei escutando por um bom tempo. De súbito descobri que meus ouvidos estavam inteiramente concentrados em analisar os sons mesclados, e tentando distinguir em meio à confusão de vozes a do sr. Rochester. Quando conseguiram, o que logo aconteceu, passaram a se dedicar à tarefa de organizar os sons, que a distância tornava desarticulados, em palavras.

O relógio souou onze horas. Olhei para Adèle, cuja cabeça estava apoiada em meu ombro. Seus olhos estavam quase fechando, então peguei-a nos braços e a levei para a cama. Já era quase uma hora quando os cavalheiros e as damas voltaram aos seus quartos.

O dia seguinte foi esplêndido como a véspera: o grupo o dedicou a uma excursão a alguma localidade nos arredores. Saíram cedo pela manhã, alguns a cavalo, outros de carruagem; observei tanto a partida quanto o regresso. A sra. Ingram, como antes, era a única a montar; e, como antes, o sr. Rochester ia a seu lado; os dois iam um pouco afastados dos demais. Comentei isso com a sra. Fairfax, que estava de pé comigo diante da janela.

– A senhora disse que não era provável que fossem pensar em se casar – eu disse –, mas o sr. Rochester parece preferi-la a todas as outras senhoras.

– Parece que sim; sem dúvida ele a admira.

– E ela a ele – acrescentei –; veja como inclina a cabeça em sua direção, como se estivessem trocando confidências. Gostaria de poder ver o rosto dela; ainda não tive nem um vislumbre.

– Vaivê-la hoje à noite – respondeu a sra. Fairfax. – Comentei com o sr. Rochester o quanto Adèle gostaria de ser apresentada às senhoras, e ele disse: “Ah! deixe que ela venha à sala de estar depois do jantar, e peça à sra. Eyre que a acompanhe.”

– Sim, ele disse isso por mera cortesia. Tenho certeza de que não preciso ir – respondi.

– Bem, comentei com ele que, como você não está acostumada à vida social, não achava que gostaria de aparecer diante de um grupo tão animado... todos estranhos; e ele respondeu, ao seu modo impaciente: “Bobagem! Se ela objetar, diga-lhe que é meu desejo específico; e se ela

resistir vou eu mesmo buscá-la, em caso de contumácia.”

– Não vou dar a ele esse trabalho – respondi. – Irei, se não há como ser de outro jeito, mas continuo não gostando da ideia. A senhora vai estar lá, sra. Fairfax?

– Não; pedi para não estar, e ele acatou meu pedido. Vou lhe explicar o que fazer para evitar o constrangimento de fazer uma entrada formal, que é a parte mais desagradável da história. Vá quando a sala estiver vazia, antes que as senhoras deixem a mesa de jantar; escolha um lugar para se sentar num canto tranquilo de sua preferência. Não precisa ficar por muito tempo depois que os cavalheiros vierem, a menos que queira: é só se certificar de que o sr. Rochester viu que estava ali, e se esgueirar para fora... ninguém vai notá-la.

– A senhora acha que as pessoas vão ficar aqui muito tempo?

– Talvez duas ou três semanas, com certeza não mais. Depois do feriado de Páscoa, sir George Lynn, que foi recentemente eleito membro do Parlamento por Millcote, terá que ir até a cidade ocupar seu posto; acredito que o sr. Rochester vá acompanhá-lo. Surpreende-me que ele já tenha passado tanto tempo em Thornfield.

Foi com alguma ansiedade que percebi se aproximar a hora em que teria que me dirigir à sala de estar com minha aluna. Adèle passara o dia num estado de êxtase, depois de ficar sabendo que seria apresentada às senhoras naquela noite; só se tranquilizou quando Sophie começou a operação de vesti-la. Então, a importância do processo logo a acalmou, e quando suas madeixas estavam arrumadas em cachos pesados e bem-feitos, quando ela já usava seu vestido de cetim cor-de-rosa, a longa faixa atada e as luvinhas de renda ajustadas, parecia tão séria quanto um juiz. Não havia necessidade de mandá-la tomar cuidado com a roupa: depois de vestida, ela se sentou recatada em sua cadeirinha, lembrando-se de levantar antes a saia de cetim, cuidadosamente, com medo de que fosse amassar, e me garantiu que não sairia dali antes que eu me aprontasse. Isso eu fiz depressa: logo botei meu melhor vestido (o cinza-claro, comprado para o casamento da sra. Temple e não mais usado desde então); penteei o cabelo e coloquei meu único ornamento, o broche de pérola. Descemos.

Por sorte, havia outra entrada para a sala de estar além da que atravessava o salão onde agora todos jantavam. A sala estava vazia quando chegamos; o

fogo queimava alto e silencioso na lareira de mármore, e ceras de vela brilhavam solitárias em meio às flores magníficas com as quais as mesas eram adornadas. As cortinas carmesim estavam fechadas no arco; mesmo sendo tão ínfima a separação que o pano conferia do grupo no salão adjacente, eles falavam tão baixo que sua conversa não podia ser distinguida para além de um suave sussurro.

Adèle, que parecia imóvel sob os efeitos de uma impressão tão solene, sentou-se, sem dizer uma palavra, no banquinho que lhe indiquei. Fui ocupar um assento na janela, e, pegando um livro de uma mesa próxima, tentei ler. Adèle trouxe o banco para junto dos meus pés; pouco depois, tocou meu joelho.

– O que foi, Adèle?

– *Est-ce que je ne puis pas prendre une seule de ces fleurs magnifiques, mademoiselle? Seulement pour completer ma toilette .* [102](#)

– Você pensa demais em sua *toilette* , Adèle. Mas pode pegar uma flor.

E apanhei uma rosa num vaso, prendendo-a na faixa do seu vestido. Ela deu um suspiro de inefável satisfação, como se sua taça de felicidade estivesse agora cheia. Virei o rosto para disfarçar um sorriso que não tinha como suprimir. Havia algo de ridículo bem como de doloroso na devoção honesta e inata da pequena parisiense às questões de vestuário.

O leve ruído das pessoas se levantando tornou-se audível; a cortina foi afastada do arco, através do qual surgiu a sala de jantar, com o lustre aceso derramando sua luz na prataria e no cristal de um magnífico serviço de sobremesa, que cobria a mesa comprida. Um grupo de senhoras estava parado no arco; entraram, e a cortina se fechou em seguida.

Eram só oito; porém, de algum modo, quando entraram na sala deram a impressão de ser um número muito maior. Algumas eram bastante altas; várias estavam vestidas de branco; todas usavam roupas de uma amplitude tal que parecia magnificar suas pessoas, assim como a neblina faz com a lua. Levantei-me e fiz uma mesura; uma ou duas curvaram a cabeça em resposta, e o restante apenas ficou me olhando.

Espalharam-se pela sala, recordando-me, com a leveza e a vivacidade de seus movimentos, um bando de plumosos pássaros brancos. Algumas se jogaram em posições semirreclinadas nos sofás e divãs; outras se curvavam

sobre as mesas e examinavam as flores e os livros; o resto se reuniu diante da lareira. Todas falavam num tom de voz baixo e límpido que lhes parecia habitual. Depois fiquei sabendo seus nomes, e posso mencioná-los agora.

Primeiro, estavam ali a sra. Eshton e duas de suas filhas. Ela fora, evidentemente, uma mulher bonita, e ainda era bem conservada. De suas filhas, a mais velha, Amy, era um tanto insignificante: ingênua, de rosto e modos infantis, e de formas joviais; seu vestido de musselina branca e sua faixa azul lhe caíam bem. A segunda, Louisa, era mais alta e mais elegante; tinha um rosto muito bonito, daquele tipo de beleza a que os franceses chamam *minois chiffonné* : [103](#) as duas irmãs eram formosas como lírios.

Lady Lynn era um personagem grande e robusto de seus quarenta anos, muito ereta, muito altiva, num elegante vestido de cetim com reflexos cambiantes. Seu cabelo escuro brilhava lustroso sob uma pluma azul-celeste, dentro do pequeno círculo de um diadema de pedras preciosas.

A sra. coronel Dent era menos vistosa, mas, na minha opinião, parecia-se mais a uma lady. Era esbelta, tinha um rosto pálido e delicado, e cabelo claro. Seu vestido negro de cetim, sua echarpe de rica renda estrangeira e seus adereços de pérolas me agradavam mais do que o esplendor de arco-íris da que levava o título.

Mas as três mais notáveis – em parte, talvez, por serem as mais altas do grupo – eram a viúva lady Ingram e suas filhas, Blanche e Mary. Tinham a estatura mais elevada do que as mulheres costumam alcançar. A viúva estava entre os quarenta e os cinquenta anos; seu corpo ainda era esbelto, seu cabelo (pelo menos à luz das velas) ainda era negro e seus dentes também ainda aparentemente perfeitos. A maioria das pessoas haveria de classificá-la como uma esplêndida mulher da sua idade. E disso não havia dúvida, fisicamente falando, mas havia uma expressão de quase insuportável altivez em sua atitude e em seu rosto. Tinha traços romanos e um queixo dividido que desaparecia num pescoço que era como um pilar. Esses traços me pareciam não apenas inflados e toldados, mas até mesmo sulcados pelo orgulho; e o queixo era sustentado pelo mesmo princípio, numa posição de quase sobrenatural elevação. Tinha, além disso, um olhar duro e agressivo; recordava-me o da sra. Reed. Falava de modo afetado; sua voz era profunda e suas inflexões, muito pomposas, muito dogmáticas – muito insuportáveis, em poucas palavras. Um vestido de veludo carmim e um xale e um turbante de

algum tecido indiano com fios dourados conferiam-lhe (acho que era o que ela pensava) uma dignidade verdadeiramente imperial.

Blanche e Mary tinham a mesma estatura – altas e eretas como choupos. Mary era magra demais para sua altura, mas Blanche era como uma Diana.
[104](#) Eu a observava, claro, com interesse especial. Em primeiro lugar, queria ver se sua aparência coincidia com a descrição da sra. Fairfax; em segundo, se tinha alguma semelhança com o belo retrato que eu pintara; e em terceiro – confesso! – se era como eu a imaginava capaz de despertar o interesse do sr. Rochester.

E ela casava em todos os detalhes tanto com o meu retrato quanto com a descrição da sra. Fairfax. O busto nobre, os ombros angulosos, o pescoço gracioso, os olhos e os cachos negros estavam todos ali. Mas e o rosto? Era igual ao da mãe. Uma réplica juvenil sem rugas: a mesma testa baixa, os mesmos traços altivos, o mesmo orgulho. Não era, contudo, um orgulho saturnino: ela ria continuamente; seu riso era satírico, bem como a expressão habitual de seus lábios arqueados e arrogantes.

Dizem que a genialidade tem consciência de si mesma. Não sei dizer se a sra. Ingram era genial, mas tinha consciência de si mesma – muita, na verdade. Começou uma conversa sobre botânica com a suave sra. Dent. Parecia que a sra. Dent não estudara o assunto – embora, como dissesse, gostasse de flores, “sobretudo as flores selvagens”. A sra. Ingram estudara, e percorreu seu vocabulário com afetação. Logo percebi que estava, como se diz, trocando da sra. Dent; ou seja, brincando com sua ignorância. Podia ser uma troça inteligente, mas não era, definitivamente, amável. Ela tocou piano: era brilhante; cantou: sua voz era ótima; falava francês em particular com sua mãe, e falava bem, com fluência e boa pronúncia.

Mary tinha uma compleição mais suave e mais franca que Blanche; traços mais leves, também, e pele um pouco mais clara (a sra. Ingram era escura feito uma espanhola) – mas carecia de vida: seu rosto era inexpressivo, seu olhar, desprovido de brilho; ela não tinha o que dizer e, uma vez sentada, immobilizou-se como uma estátua em seu nicho. As duas irmãs vestiam branco imaculado.

E será que eu agora achava provável que a sra. Ingram viesse a ser a escolhida do sr. Rochester? Não sabia dizer – não conhecia seu gosto no que

dizia respeito à beleza feminina. Se ele apreciasse o tipo majestoso, ela era a majestade personificada. E além disso era talentosa e viva. A maioria dos cavalheiros devia admirá-la, pensei; e da admiração *dele* eu aparentemente já tivera provas. Para remover a última sombra de dúvida, só o que faltava era ver os dois juntos.

Não deve supor, leitor, que Adèle tenha passado todo esse tempo sentada imóvel no banquinho aos meus pés. Não: quando as senhoras entraram, ela se levantou, adiantou-se para cumprimentá-las, fez uma reverência imponente e disse, com muita seriedade:

– *Bonjour, mesdames* .

E a sra. Ingram olhou para ela com desprezo e um ar de desdém, exclamando:

– Ah, que bonequinha!

Lady Lynn observou:

– É a protegida do sr. Rochester, suponho... a menininha francesa de quem ele falava.

A sra. Dent tomara-lhe a mão, gentil, e lhe dera um beijo. Amy e Louisa Eshton exclamaram simultaneamente:

– Que amor de menina!

E então a chamaram a um sofá, onde ela agora se sentava, metida entre elas, conversando ora em francês, ora em seu inglês deficiente, e absorvendo a atenção não somente das mais jovens, mas também a da sra. Eshton e de lady Lynn, mimada do jeito que seu coração apreciava.

Por fim trazem o café, e os cavalheiros são chamados. Sento-me à sombra – se é que alguma sombra é possível nesta sala tão iluminada; a cortina da janela me oculta parcialmente. Mais uma vez o arco se abre; [105](#) eles entram. A aparência geral dos cavalheiros, como a das senhoras, é muito imponente. Estão todos vestidos de preto; a maioria é alta, alguns são jovens. Henry e Frederick Lynn são muito atraentes, e o coronel Dent é um belo militar. O sr. Eshton, o magistrado do distrito, tem a aparência de um cavalheiro: seu cabelo é quase todo branco, as sobrancelhas e costeletas ainda negras, o que lhe dá algo do aspecto de um *père noble de théâtre* . [106](#) Lorde Ingram, como suas irmãs, é muito alto; como elas, também, é bonito, mas tem a mesma

expressão apática e lânguida de Mary: seus compridos braços e pernas não parecem proporcionais à vivacidade do sangue ou ao vigor do cérebro.

E onde está o sr. Rochester?

Ele chega, por fim. Não estou olhando para o arco, mas mesmo assim vejo-o entrar. Tento concentrar minha atenção na agulha, na malha da bolsa que estou bordando – quero pensar somente no trabalho que tenho nas mãos, ver somente as contas prateadas e os fios de seda que tenho no colo. Mas contemplo seu rosto com nitidez, e é inevitável recordar a última vez que o vi, logo após lhe prestar o que ele classificou de serviço essencial; segurando minha mão, fitando o meu rosto, ele me contemplou com olhos que revelavam um coração cheio, e prestes a transbordar. Dessas emoções eu participava. Como me aproximei dele naquele momento! O que aconteceu desde então, calculado para mudar a sua posição relativa, bem como a minha? Como estávamos distantes agora, como se fôssemos estranhos! Tão distantes estávamos que eu não esperava que ele viesse falar comigo. Não me surpreendeu quando, sem olhar para mim, ele foi se sentar do outro lado da sala, e começou a conversar com algumas das senhoras.

Assim que vi que sua atenção estava voltada para elas e que eu podia observar sem ser notada, meus olhos foram involuntariamente atraídos pelo seu rosto. Não conseguia controlar minhas pálpebras: levantavam-se, e as íris se fixavam nele. Eu olhava, e o prazer de fazê-lo era intenso – um prazer precioso mas pungente; ouro puro, com uma ponta de aço de agonia: um prazer como o que um homem sedento poderia sentir ao saber que o poço ao qual conseguiu se arrastar está envenenado, mas ele se inclina e bebe mesmo assim.

É uma grande verdade que “a beleza está nos olhos de quem vê”. O rosto descorado, oliváceo do meu senhor, sua testa quadrada e imponente, suas sobrancelhas fartas e negras, seus olhos profundos, seus traços fortes, sua boca firme e severa – sinônimos de energia, determinação, força de vontade – não eram bonitos, de acordo com os costumes. Mas eram mais do que bonitos para mim: despertavam um interesse e tinham sobre mim uma influência que me dominava – que subtraíam meus sentimentos do meu poder e os atavam ao dele. Eu não tinha a intenção de amá-lo; o leitor sabe que lutei muito para extirpar da minha alma os germes [107](#) do amor ali detectados. E agora, na primeira vez que tornava a vê-lo, eis que reviviam, espontaneamente, verdes

e fortes! Ele fez com que eu o amasse sem olhar para mim.

Comparei-o aos seus convidados. O que eram a graça galante dos Lynn, a lânguida elegância de lorde Ingram – até mesmo a distinção militar do coronel Dent, se comparadas ao seu vigor inato e força genuína? Eu não simpatizava com a aparência dos outros, com sua expressão, mas supunha que a maioria das pessoas haveria de julgá-los atraentes, belos, imponentes; por outro lado, o sr. Rochester seria de imediato considerado um homem de feições grosseiras e aspecto melancólico. Eu os via sorrir, rir – não era nada; a luz das velas tinha tanta alma quanto seu sorriso, o retinir do sino tanto significado quanto sua risada. Eu via o sr. Rochester sorrir – suas feições rígidas relaxavam, seus olhos se tornavam a um tempo brilhantes e suaves, sua luz, penetrante e doce. Ele falava, nesse momento, com Louisa e Amy Eshton. Surpreendia-me ver que elas recebiam com calma aquele olhar que me parecia tão penetrante: esperava que baixassem os olhos, que corassem, mas fiquei feliz ao constatar que não estavam entusiasmadas, em nenhum sentido. “Ele não é para elas o que é para mim”, pensei. “Não é o seu tipo. Acredito que seja o meu – tenho certeza de que é – sinto-me tão próxima dele – entendo a linguagem do seu rosto e dos seus movimentos. Embora a posição social e o dinheiro nos separem muito, tenho algo em meu cérebro e meu coração, em meu sangue e meus nervos, que me assemelha mentalmente a ele. Será mesmo que eu disse, faz alguns dias, que eu não tinha com ele nada senão receber meu salário de suas mãos? Proibi-me de pensar nele como qualquer coisa além de um pagador? Blasfêmia contra a natureza! Todo sentimento bom, verdadeiro e forte que tenho se dirige impulsivamente a ele. Sei que devo ocultar meu afeto: devo reprimir a esperança; devo recordar que ele não pode gostar muito de mim. Quando digo que somos semelhantes, não quero dizer que tenho sua força para influenciar e seu encanto para atrair, só o que quero dizer é que temos certos gostos e sentimentos em comum. Devo, então, repetir continuamente que estamos separados para sempre – e contudo, enquanto eu respirar e pensar hei de amá-lo.”

O café é servido. As senhoras, desde que os cavalheiros entraram, ficaram animadas como cotovias; a conversa se torna alegre e vivaz. O coronel Dent e o sr. Eshton discutem política; suas esposas ouvem. As duas orgulhosas viúvas, lady Lynn e lady Ingram, confabulam. Sir George – que, aliás, esqueci de descrever –, um homem do campo, muito grande e de aparência

muito vigorosa, está de pé diante do sofá onde elas se encontram, uma xícara de café na mão, e ocasionalmente diz qualquer coisa. O sr. Frederick Lynn sentou-se ao lado de Mary Ingram, e lhe mostra as gravuras de um esplêndido livro: ela olha, sorri de vez em quando, mas pelo visto fala pouco. O alto e fleumático lorde Ingram apoia-se com os braços cruzados nas costas da cadeira da pequena e animada Amy Eshton; ela olha para ele, e tagarela como uma carriça: gosta dele mais do que do sr. Rochester. Henry Lynn se apossou do banquinho aos pés de Louisa: compartilha-o com Adèle, e está tentando falar francês com ela; Louisa ri de seus erros. Quem será o par de Blanche Ingram? Ela está parada sozinha junto à mesa, curvada graciosamente sobre um álbum. Parece estar esperando que venham procurá-la, mas não espera muito tempo: escolhe ela própria um companheiro.

O sr. Rochester, deixando as Eshton, está de pé junto à lareira, tão solitário quanto ela diante da mesa. Ela o confronta, parando do lado oposto da lareira.

– Sr. Rochester, achei que não gostava de crianças.

– E não gosto.

– Então o que o levou a se encarregar de uma bonequinha como essa? – apontando para Adèle. – Onde a encontrou?

– Não a encontrei; ela foi deixada nas minhas mãos.

– Deveria tê-la mandado para a escola.

– Não tinha como pagar: escolas são muito caras.

– Ora, suponho que tenha uma educadora para ela: vi uma pessoa acompanhando-a agora mesmo... ela foi embora? Ah, não! Ali está, ainda, atrás da cortina da janela. Ela é paga, claro; imagino que seja bastante caro... mais ainda, pois tem que sustentar a ambas.

Eu temia – ou, devo dizer, esperava? – que a alusão fizesse o sr. Rochester olhar em minha direção; involuntariamente, afundei ainda mais na sombra, mas ele não moveu os olhos.

– Não considerei o assunto – disse, indiferente, olhando reto à sua frente.

– Não, vocês homens nunca consideram economia e bom senso. Devia ouvir a opinião de mamãe na questão das educadoras. [108](#) Mary e eu tivemos, imagino, pelo menos uma dezena, na nossa época; a metade detestável, a outra metade ridícula, e todas elas verdadeiros demônios... não é verdade,

mamãe?

– Disse alguma coisa, meu bem?

A jovem, assim reivindicada como propriedade especial da viúva, repetiu a pergunta, como uma explicação.

– Minha querida, não fale de educadoras; a palavra me deixa nervosa. Sofri um verdadeiro martírio com sua incompetência e seus caprichos. Agradeço aos céus por estar agora livre delas!

A sra. Dent curvou-se sobre a devota senhora, e sussurrou algo em seu ouvido. Suponho, a tomar pela resposta, que a estivesse recordando que uma representante da raça execrada estava presente.

– *Tant pis!* ¹⁰⁹ Espero que ela aprenda algo com isto! – disse a senhora. E então, num tom de voz mais baixo, mas ainda alto o suficiente para que eu pudesse ouvi-la: – Já reparei nela; sei julgar fisionomias, e na sua vejo todos os defeitos da classe.

– E quais são eles, madame? – perguntou em voz alta o sr. Rochester.

– Direi em particular – respondeu ela, balançando o turbante três vezes de modo portentoso e significativo.

– Mas a minha curiosidade já terá perdido o apetite; ela precisa ser alimentada neste momento.

– Pergunte a Blanche, que está mais perto de você do que eu.

– Ah, não mande ele me perguntar, mamãe! Só tenho uma palavra para descrever a tribo inteira: são um estorvo. Não que eu tenha tolerado muita coisa da parte delas; sempre tomei o cuidado de virar a mesa. Que peças Theodore e eu costumávamos pregar em nossas srtas. Wilson, e sras. Grey, e madames Joubert! Mary estava sempre sonolenta demais para se juntar de bom grado a nossas conspirações. O auge da diversão era com madame Joubert. A srt. Wilson era uma coisinha pobre e enfermiça, lacrimosa e abatida; em poucas palavras, não valia a pena derrotá-la. E a sra. Grey era rude e insensível; nada tinha efeito sobre ela. Mas a pobre madame Joubert! Ainda possovê-la em suas crises de nervos, quando a levávamos ao seu limite... derramando nosso chá, esmigalhando o pão com manteiga, jogando nossos livros para o alto e fazendo um concerto com a régua e a mesa, o guarda-fogo e os atiçadores da lareira. Theodore, você se lembra desses dias

felizes?

– Siiim, claro que me lembro – disse, indolente, o lorde Ingram –, e a pobre velha costumava gritar, “Ah, seus crianças malvadas!”, então lhe passávamos um sermão sobre a presunção de tentar ensinar gente inteligente como nós quando ela mesma era tão ignorante.

– Isso mesmo; e, Tedo, você sabe, eu o ajudei a processar (ou a perseguir) seu tutor, aquele sr. Vining de cara desbotada... o vigário doentinho, como o chamávamos. Ele e a srta. Wilson tomaram a liberdade de se apaixonar um pelo outro, ou pelo menos foi o que Tedo e eu pensamos. Surpreendíamos olhares afetuosos e suspiros que interpretávamos como sinais de *la belle passion*, e juro a vocês que o público logo pôde compartilhar da nossa descoberta; nós a usamos como uma espécie de alavanca para içar aqueles dois pesos mortos para fora de casa. Assim que a querida mamãe, aqui presente, teve uma vaga suspeita da história, concluiu que era de tendência imoral. Não foi, mamãezinha?

– Claro, minha querida. E eu estava certa, podem acreditar. Há mil razões pelas quais relações entre educadoras e tutores nunca deveriam ser toleradas por um momento que fosse em qualquer casa bem-administrada. Em primeiro lugar...

– Ah, por favor, mamãe! Poupe-nos a enumeração. *Au reste*, todos nós sabemos quais são: o perigo de um mau exemplo à inocência da infância; distrações e consequente negligência de suas tarefas por parte dos envolvidos... aliança e cooperação mútuas; confiança que resulta, na companhia da insolência, em insubordinação e escândalo. Estou correta, baronesa Ingram, de Ingram Park?

– Minha flor-de-lis, você está correta, como sempre.

– Então não precisamos dizer mais nada: vamos mudar de assunto.

Amy Eshton, que não ouvira ou não dera importância a essa parte, entrou na conversa com sua voz suave e infantil:

– Louisa e eu costumávamos ridicularizar a nossa educadora também, mas ela era uma criatura tão boa que tolerava tudo: nada a perturbava. Nunca ficava irritada conosco, não é mesmo, Louisa?

– Nunca. Podíamos fazer o que quiséssemos... revirar sua mesa e sua caixa de costura, virar suas gavetas de cabeça para baixo; ela era tão bondosa que

nos dava qualquer coisa que pedíssemos.

– Imagino que agora – disse a srtá. Ingram, curvando sarcasticamente os lábios – vamos ter um resumo das memórias de todas as educadoras existentes. Para evitar tal provação, mais uma vez solicito a introdução de um novo tópico. Sr. Rochester, apoia minha solicitação?

– Madame, apoio-a nesse ponto ou em qualquer outro.

– Então, que seja meu o ônus de propô-lo. Signor Eduardo, sua voz está em forma hoje?

– Donna Bianca, se ordenar, estará.

– Então, signor, minha soberana determinação é que lustre seus pulmões e outros órgãos vocais, pois serão requisitados ao meu real serviço.

– Quem não seria o Rizzio de tão divina Maria? [110](#)

– Quem se importa com Rizzio? – exclamou ela, sacudindo a cabeça e todos os cachos enquanto se dirigia ao piano. – Minha opinião é a de que o violinista David deve ter sido um tipo insípido; prefiro Bothwell. Para mim, um homem não é nada sem uma pitada diabólica; a história pode dizer o que quiser de James Hepburn, mas eu tenho a impressão de que ele era exatamente o tipo de herói bandido, selvagem e ardente com quem eu teria presenteado minha mão.

– Cavalheiros, estão ouvindo? Muito bem: quem entre os senhores se assemelha mais a Bothwell? – exclamou o sr. Rochester.

– Eu diria que a preferência é você – respondeu o coronel Dent.

– Palavra de honra, agradeço-lhe muito – foi a resposta.

A srtá. Ingram, que se sentara com altiva graça ao piano, espalhando o vestido cor de neve regiamente ao seu redor, começou a tocar um brilhante prelúdio; falava, enquanto isso. Naquela noite, parecia estar realmente se sentindo superior; tanto suas palavras quanto seu aspecto pareciam calculados para despertar não somente admiração mas espanto em seu público: estava evidentemente disposta a parecer muito impetuosa e ousada.

– Ah, estou cansada dos jovens dos dias de hoje! – ela exclamou enquanto tocava. – Coisinhas insignificantes, sem condições de dar um passo para além dos portões do jardim do papai, nem chegar tão longe assim sem a permissão e a proteção da mamãe! Criaturas tão absortas no cuidado de seu rosto bonito

e suas mãos brancas e seus pezinhos. Como se ser homem tivesse alguma coisa a ver com beleza! Como se o encanto não fosse a prerrogativa especial das mulheres, seu apanágio e herança legítimos! Concordo que uma *mulher* feia é uma mácula no rosto da criação; mas, quanto aos *cavalheiros*, que se preocupem em possuir apenas coragem e bravura. Que seu lema seja: caçar, atirar e lutar. O resto não vale nada. Esta seria a minha divisa, se eu fosse homem.

“Quando me casar”, ela prosseguiu, depois de uma pausa que ninguém interrompeu, “estou determinada a fazer com que meu marido não seja para mim um rival, mas sim uma presa. Não vou tolerar competição junto ao trono; vou exigir reverência integral. Sua devoção não deverá ser compartilhada entre mim e a imagem que ele vê no espelho. Agora cante, sr. Rochester, e vou tocar.”

- Sou todo obediência – foi a resposta.
- Eis aqui, então, uma canção dos corsários. Saiba que admiro os corsários, e por essa razão cante *con spirito*.
- Ordens vindas dos lábios da srt. Ingram haveriam de pôr *spirito* até numa caneca de leite com água.
- Tome cuidado, então: se não me agradar, vou cobri-lo de vergonha mostrando como as coisas *deveriam* ser feitas.
- Mas isso seria premiar a incapacidade; agora vou me esforçar para fracassar.
- *Gardez-vous en bien!* [111](#) Se errar de propósito, vou pensar numa punição proporcional.
- A srt. Ingram deveria mostrar clemência, pois tem em seu poder infligir um castigo que vai além da tolerância mortal.
- Ah! Explique! – ordenou a dama.
- Perdoe-me, madame: não é necessário explicar. Sua própria intuição bastaria para lhe informar que um fuzilar de cenho seu seria um substituto adequado à pena capital.
- Cante! – disse ela; e, mais uma vez tocando o piano, começou um acompanhamento em estilo vivaz.

“Agora é minha oportunidade de sair sem ser vista”, pensei. Mas o som

que tomou o ar me deteve. A sra. Fairfax dissera que o sr. Rochester tinha uma bela voz. De fato: um baixo aveludado e potente, em que depositava seus sentimentos e sua força, e que encontrava seu caminho desde o ouvido até o coração, ali despertando sensações estranhas. Esperei até que a última profunda e intensa vibração se extinguisse – até que a maré das conversas, suspensa por um momento, retomasse seu curso. Deixei então meu cantinho escondido e saí pela porta lateral, que felizmente ficava perto. Dali, um estreito corredor levava ao vestíbulo. Ao atravessá-lo, percebi que minha botina estava desamarrada; parei para atá-la, ajoelhando-me no tapete ao pé da escada. Ouvi a porta da sala de jantar se abrir; um cavalheiro saiu. Levantando-me depressa, vi-me face a face com ele: era o sr. Rochester.

- Como vai? – ele perguntou.
- Vou muito bem, senhor.
- Por que não veio falar comigo no salão?

Pensei em devolver a pergunta àquele que a fazia, mas não me atrevia a tomar essa liberdade. Respondi:

- Não queria atrapalhá-lo, pois parecia ocupado, senhor.
- O que esteve fazendo na minha ausência?
- Nada de especial; dando aulas para Adèle, como de hábito.
- E ficando bem mais pálida... vi imediatamente. Qual o problema?
- Nenhum, senhor.
- Resfriou-se naquela noite em que quase me afogou?
- Nem um pouco.
- Volte para a sala de estar. Você está desertando cedo demais.
- Estou cansada, senhor.

Ele olhou para mim por um momento.

- E um pouco deprimida – disse. – Por quê? Conte-me.
- Nada... nada, senhor. Não estou deprimida.
- Mas eu afirmo que está. Tão deprimida que algumas palavras a mais trariam lágrimas aos seus olhos. Na verdade, aí estão elas, brilhantes e profusas; uma gota escorreu dos cílios e caiu no ladrilho. Se eu tivesse tempo, e não estivesse com um medo terrível do falatório tolo de algum criado de

passagem, ia querer saber o que tudo isso significa. Bem, esta noite eu permito que se vá. Mas saiba que enquanto meus convidados estiverem aqui espero que apareça na sala de estar todas as noites. É meu desejo; não o desconsidere. Agora vá, e mande Sophie vir cuidar de Adèle. Boa noite, minha... – ele se interrompeu, mordeu o lábio e abruptamente se foi.

96 . Lê-se em Salmos: “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia” (46:1).

97 . Em *As mil e uma noites*, Mesrour aparece como o verdugo de Haroun Al-Rashid, califa de Bagdá. Ambos saíam disfarçados como mercadores pela cidade, observando os cidadãos.

98 . Mais uma das diversas menções e alusões ao *Paraíso perdido*, de Milton: “Lágrimas naturais eles derramaram, porém logo secaram” (Canto XII).

99 . Em francês no original: “Elas vão se trocar. ... Na casa da mamãe, quando havia gente, eu as seguia por toda parte, ao salão e aos seus quartos; com frequência observava as criadas penteando e vestindo as senhoras, e era divertido: desse jeito se aprende.”

100 . Em francês no original: “Estou sim, senhorita: faz cinco ou seis horas que não comemos.”

101 . Em francês no original: “E então, que pena!”

102 . Em francês no original: “Será que não posso pegar uma só dessas flores magníficas, senhorita? Só para completar minha toalete.”

103 . Em francês no original: “Carinha amassada”. A expressão designa uma beleza rara, incomum.

104 . Na mitologia romana, Diana era deusa da lua e da caça, filha de Júpiter e Latona e irmã gêmea de Febo. Cultivava a virgindade: na mais conhecida de suas aventuras, transformou em cervo o caçador Acteão, que a viu nua durante o banho. Seu culto se dava em templos nas florestas.

105 . Arco, ou arco proscênio, é um prolongamento do palco junto à ribalta, avançando desde a boca de cena até a plateia ou até o fosso da orquestra, e a menção aqui cria/ reforça o caráter teatral da passagem.

106 . Em francês no original: trata-se do patriarca teatral, isto é, da figura típica do patriarca em comédias teatrais.

107 . O termo é utilizado no sentido daquilo que germina, isto é, semente.

108 . O papel da educadora – isto é, da mulher solteira empregada para o ensino e a educação das crianças em espaço privado – está entre os temas centrais de *Jane Eyre*. Em carta de 1839, Charlotte Brontë – que exerceu o papel em casas de família – escreve que “uma educadora particular não tem existência, não é considerada um ser vivo e racional”. O percurso de Jane Eyre implica forte crítica à visão tradicional da educadora e a defesa de sua humanização.

109 . Em francês no original: “Não importa!”

110 . Blanche e Rochester invocam a paixão de Maria Stuart (1542-1587), rainha da Escócia, por seu músico e secretário italiano David Rizzio. Rainha Consorte da França na condição de esposa de Francisco II entre 1559 e 1560 (ano da morte do rei), tomou por segundo marido Henrique Stuart, ou lorde Darnley, responsável pelo assassinato de Rizzio.

[111](#) . Em francês no original: “Tome cuidado!”

CAPÍTULO 18

ALEGRES FORAM AQUELES DIAS em Thornfield Hall, e agitados também. Que diferença dos primeiros três meses de quietude, monotonia e solidão que passei sob o seu teto! Todos os sentimentos tristes pareciam agora afastados da casa, todas as associações sombrias esquecidas: a vida estava por toda parte, havia movimento o dia inteiro. Não era possível agora atravessar o corredor, antes tão silencioso, nem entrar nos quartos da frente, antes tão desocupados, sem encontrar uma fina camareira ou um criado elegante.

A cozinha, a despensa, a sala dos empregados e o vestíbulo de entrada estavam igualmente vivos, e os salões só ficavam vazios e silenciosos quando o céu azul e o sol agradável do clima ameno de primavera chamavam seus ocupantes ao jardim. Mesmo quando esse clima era interrompido, e a chuva caía continuamente por dias a fio, a diversão não se deixava afetar pela umidade: os divertimentos dentro de casa só ficavam mais animados e variados, em consequência da pausa imposta aos que aconteciam do lado de fora.

Perguntei-me o que fariam na primeira noite em que uma mudança nos passatempos foi proposta: falaram em “brincar de charadas”, mas em minha ignorância não entendi o termo. Chamaram os criados, as mesas da sala de jantar foram afastadas, trocaram as luzes de lugar, colocaram as cadeiras num semicírculo oposto ao arco. Enquanto o sr. Rochester e os outros cavalheiros coordenavam essas alterações, as senhoras subiam e desciam correndo a escada e chamavam suas criadas. A sra. Fairfax foi solicitada para dar informações relativas ao estoque da casa em termos de xales, vestidos, qualquer tipo de roupa; alguns armários do terceiro piso foram saqueados, e seu conteúdo, que consistia em anáguas de brocado com armação, vestidos de cetim, trajes pretos, golas de renda etc., trazidos às braçadas pelas empregadas. Uma seleção foi então feita, e os itens escolhidos, levados ao boudoir da sala de visitas.

Enquanto isso, o sr. Rochester reuniu mais uma vez as senhoras ao seu redor, e selecionava algumas para fazer parte do seu grupo.

– A srt. Ingram é minha, claro – disse.

Em seguida nomeou as duas srtas. Eshton, e a sra. Dent. Olhou para mim; por acaso eu estava por ali, fechando o bracelete da sra. Dent, que se soltara.

– Vai participar? – ele perguntou.

Fiz que não com a cabeça. Ele não insistiu, o que eu temia que fosse fazer; permitiu que voltasse tranquila ao meu lugar habitual.

Ele e suas ajudantes retiraram-se então para trás da cortina. O outro grupo, liderado pelo coronel Dent, sentou-se no semicírculo de cadeiras. Um dos cavalheiros, o sr. Eshton, que me observava, propôs que eu fosse convidada a me juntar a eles, mas lady Ingram imediatamente objetou:

– Não – ouvi-a dizer. – Ela parece burra demais para um jogo como esse.

Pouco depois, ouviu-se um sino e a cortina foi levantada. No arco, o vulto corpulento de sir George Lynn, que o sr. Rochester também escolhera, foi logo envolvido num lençol branco. Diante dele, numa mesa, um grande livro encontrava-se aberto, e ao seu lado estava Amy Eshton, usando a capa do sr. Rochester e segurando um livro na mão. Alguma pessoa invisível fez soar alegremente o sino, e então Adèle (que insistira em fazer parte do grupo de seu guardião) adiantou-se, saltitante, espalhando ao redor o conteúdo de um cesto de flores que trazia no braço. Então apareceu a magnífica srt. Ingram, vestida de branco, um comprido véu e uma coroa de flores na cabeça; ao seu lado vinha o sr. Rochester, e juntos os dois se aproximaram da mesa. Ajoelharam-se; enquanto isso, a sra. Dent e Louisa Eshton, também vestidas de branco, posicionaram-se atrás deles. Uma cerimônia muda se seguiu, e nela foi fácil reconhecer a pantomima de um casamento. Quando foi concluída, o coronel Dent e seu grupo trocaram sussurros por alguns minutos, então o coronel exclamou:

– Noiva!

O sr. Rochester fez uma mesura, e a cortina caiu.

Houve um intervalo considerável antes que se erguesse outra vez. A segunda cena era mais elaborada e preparada do que a primeira. A sala de visitas, como observei anteriormente, ficava dois degraus mais elevada do

que a sala de jantar, e no alto do segundo degrau, a um ou dois metros de distância na sala, apareceu um grande recipiente de mármore, que reconheci como um dos ornamentos da estufa – seu lugar de costume, cercado por plantas exóticas e habitado por peixinhos dourados – e de onde devia ter sido trazido com alguma dificuldade, por conta de seu tamanho e de seu peso.

Sentado no tapete ao lado dessa bacia estava o sr. Rochester, coberto com xales, um turbante na cabeça. Seus olhos negros e pele morena e traços pagãos casavam bem com a fantasia: ele era a cópia perfeita de um emir oriental, agente ou vítima da corda do arco. Em seguida aproximou-se a srt. Ingram. Ela também usava roupas orientais: um lenço carmim atado como uma faixa na cintura, um lenço bordado amarrado na testa; os braços lindamente torneados nus, um deles erguido no ato de segurar um jarro, graciosamente equilibrado sobre sua cabeça. Tanto suas formas quanto suas feições, sua tez e seu ar sugeriam a ideia de alguma princesa israelita dos dias do patriarcado, e esse era sem dúvida o personagem que ela pretendia representar.

Aproximou-se da bacia e se curvou sobre ela como que para encher o jarro; ergueu-o novamente sobre a cabeça. O personagem junto ao poço pareceu se aproximar dela, fazer algum pedido: “Ela abaixou depressa no chão o jarro que tinha nas mãos e deu a ele de beber.” Da roupa ele então tirou, da altura do peito, um pequeno cofre, abriu-o e lhe mostrou magníficos braceletes e brincos. Ela fingiu surpresa e admiração. Ajoelhando-se, ele depôs o tesouro aos seus pés. A expressão e os gestos dela demonstravam incredulidade e deleite; o estranho colocou os braceletes em seus braços e os anéis em suas orelhas. Eram Eliézer e Rebeca. Só faltavam os camelos. [112](#)

O grupo que tinha que adivinhar mais uma vez se pôs a confabular: aparentemente, não chegavam a um acordo sobre a palavra ou sílaba que a cena ilustrava. O coronel Dent, seu porta-voz, solicitou o “quadro completo”; com isso, a cortina mais uma vez baixou.

Quando se ergueu pela terceira vez, somente uma parte da sala de estar se via; o restante estava coberto por um biombo, sobre o qual fora colocado um pano escuro e grosso. A bacia de mármore foi removida; em seu lugar estavam uma mesa de trabalho e uma cadeira de cozinha. Esses objetos eram visíveis à luz fraca de um lampião, as velas todas apagadas.

Nesse cenário sórdido se encontrava sentado um homem com os punhos cerrados sobre os joelhos, e os olhos voltados para o chão. Reconheci o sr. Rochester, apesar do rosto sujo, das roupas desalinhadas (o manto pendendo de um braço, como se tivesse sido quase arrancado de suas costas numa briga), da expressão desesperada e furiosa e do cabelo encrespado e eriçado, que poderiam tê-lo disfarçado. Quando ele se mexeu, uma corrente rangeu; seus punhos estavam agrilhoados.

– Prisão! [113](#) – exclamou o coronel Dent, e a charada foi solucionada.

Seguiu-se um intervalo suficiente para que os atores trocassem de roupa, e voltassem então à sala de jantar. O sr. Rochester conduzia a sra. Ingram; ela o parabenizava por sua atuação.

– Sabe – disse ela – que dos seus três personagens gostei mais do último? Ah, se tivesse vivido alguns anos atrás, que galante cavalheiro-salteador teria sido!

– A fuligem já saiu toda do meu rosto? – ele perguntou, voltando-se para ela.

– Ah! Sim, mas que pena! Nada mais adequado ao seu rosto do que aquele colorido de bandido.

– Gosta de um herói das estradas, então?

– Um herói inglês das estradas seria o mais próximo de um bandido italiano; e esse só poderia ser ultrapassado por um pirata do Levante. [114](#)

– Bem, o que quer que eu seja, lembre-se de que é minha esposa; casamo-nos faz uma hora, na presença de todas essas testemunhas.

Ela riu e enrubesceu.

– Agora, Dent – continuou o sr. Rochester –, é a sua vez.

E, quando o outro grupo se retirou, ele e seu bando ocuparam os assentos vagos. A sra. Ingram se sentou à direita de seu líder; os outros adivinhadores se instalaram nas cadeiras dos dois lados. Eu já não observava os atores; já não aguardava com interesse que a cortina subisse. Minha atenção estava absorvida pelos espectadores; meus olhos, até então fixos no arco, agora estavam irresistivelmente atraídos ao semicírculo de cadeiras. Que charada o coronel Dent e seu grupo desempenharam, que palavra escolheram, como se saíram, disso já não me lembro; mas ainda posso ver o debate que se seguiu a

cada cena. Vejo o sr. Rochester se voltar para a srt. Ingram e a srt. Ingram para ele; vejo-a inclinar a cabeça em sua direção até os cachos cor de azeviche quase tocarem seu ombro e roçarem seu rosto. Ouço os sussurros mútuos, lembro-me dos olhares trocados, e algo do próprio sentimento despertado pelo espetáculo volta à minha memória neste instante.

Já lhe disse, leitor, que aprendera a amar o sr. Rochester: não tinha como desamá-lo agora, simplesmente por descobrir que ele parara de prestar atenção em mim – por notar que podia passar horas em sua presença sem que ele voltasse uma única vez os olhos em minha direção –, por ver toda a sua atenção apropriada por uma grande dama, que tocava com desprezo a barra do vestido em mim ao passar; que, se por acaso seus olhos escuros e arrogantes caíssem sobre mim, desviava-os imediatamente, como se eu fosse um objeto insignificante demais para merecer ser observado. Eu não tinha como desamá-lo por ter certeza de que logo iria se casar com essa dama, por ler diariamente nela uma orgulhosa segurança das intenções dele, por testemunhar a cada hora nele um estilo de fazer a corte que, se descuidado, e optando por ser procurado mais do que por procurar, ainda era, por esse mesmo descuido, cativante, e, por seu orgulho, irresistível.

Não havia nada que pudesse abrandar ou banir o amor nessas circunstâncias, embora muito houvesse capaz de criar desespero. Muito, também, como há de imaginar, leitor, para engendrar o ciúme: se uma mulher na minha posição pudesse ser presunçosa a ponto de sentir ciúme de uma mulher na da srt. Ingram. Mas eu não sentia ciúme; ou, antes, só raramente. A natureza da dor que eu sofria não podia ser explicada por essa palavra. A srt. Ingram estava abaixo do ciúme: era inferior demais para despertar esse sentimento. Perdoe-me o aparente paradoxo; era isso mesmo o que eu queria dizer. Ela era muito vistosa, mas não era genuína; era bonita, muito talentosa, mas sua mente era pobre, e seu coração, árido por natureza. Nada florescia espontaneamente naquele solo; nenhum fruto natural poderia se deleitar em seu frescor. Ela não tinha originalidade: repetia frases de efeito dos livros. Nunca oferecia, ou tinha, opinião própria. Gabava-se muito de seus sentimentos, mas não conhecia a simpatia nem a piedade; não havia nela sinceridade ou ternura. O que ela traía com demasiada frequência, expressando indevidamente uma rancorosa antipatia pela pequena Adèle – afastando-a com algum epíteto desdenhoso se ela por acaso se aproximasse,

às vezes ordenando que saísse da sala, e sempre tratando-a com frieza e acrimônia. Outros olhos além dos meus observavam essas manifestações do seu caráter – observavam de perto, com interesse e sagacidade. Sim; o futuro noivo, o próprio sr. Rochester, exercia sobre sua pretendida uma incessante vigilância, e era dessa sagacidade, dessa reserva sua, dessa clara consciência dos defeitos de sua beldade, dessa óbvia ausência de paixão em seus sentimentos por ela que minha dor torturante nascia.

Eu via que ele ia se casar com ela, por motivos familiares e talvez políticos; porque sua posição social lhe convinha. Sentia que ele não lhe dera seu amor, e que seus talentos não pareciam capazes de conquistar dele esse tesouro. Era esse o ponto, ali o nervo era tocado, ali a febre era sustentada e alimentada: *ela não tinha condições de conquistá-lo*.

Se ela tivesse sido vitoriosa de saída, e ele tivesse cedido e depositado seu coração com sinceridade aos pés dela, eu teria coberto o rosto, virado de frente para a parede e (figurativamente) morrido para eles. Se a srt. Ingram fosse uma mulher boa e nobre, dotada de força, fervor, gentileza e prudência, eu teria que travar uma luta de morte com dois tigres: o ciúme e o desespero. Então, quando meu coração tivesse sido arrancado e devorado, eu haveria de admirá-la – reconheceria sua excelência e ficaria em silêncio pelo resto dos meus dias. E quanto mais absoluta sua superioridade, mais profunda teria sido minha admiração – mais verdadeiramente tranquila minha aquiescência. Mas, do modo como eram as coisas, observar os esforços da srt. Ingram para fascinar o sr. Rochester, testemunhar seu repetido fracasso – ela própria sem consciência de que fracassara, imaginando, vaidosa, que cada flecha lançada atingia o alvo, e emplumando-se presunçosa com esse sucesso, quando seu orgulho e autocomplacência afastavam-na cada vez mais daquilo que desejava atrair... testemunhar *isso* era estar ao mesmo tempo presa de incessante agitação e implacável coibição.

Porque, onde ela fracassava, eu via como eu poderia ter sido vitoriosa. Flechas que resvalavam continuamente o peito do sr. Rochester e se desviavam, caindo inofensivas a seus pés, eu sabia que podiam, se lançadas com mão mais segura, penetrar em seu coração orgulhoso – despertar o amor em seu olhar duro e a suavidade em seu rosto sardônico; ou, melhor ainda, uma conquista silenciosa poderia ter sido lograda sem armas.

“Por que é que ela não consegue influenciá-lo mais, quando tem o

privilégio de estar tão perto dele?”, eu me perguntava. “Certamente não pode gostar dele de verdade, ou pelo menos não com afeto genuíno! Se gostasse, não precisaria esbanjar tantos sorrisos, dirigir-lhe olhares tão incessantes, forjar ares tão elaborados e encantos tão numerosos. Parece-me que ela poderia, caso se limitasse a se sentar quieta ao seu lado, a falar pouco e olhar menos, chegar mais perto do seu coração. Já vi no rosto dele uma expressão muito diferente dessa que o endurece agora, enquanto ela o aborda com tanta vivacidade; mas surgiu por conta própria: não foi provocada por artes superficiais e manobras calculadas, e só o que era preciso fazer era aceitá-la – responder o que ele perguntava sem pretensão, dirigir-se a ele quando necessário sem afetação – e ela se intensificava e se tornava mais gentil e suave, e aquecia como um raio de sol. Como ela vai conseguir agradá-lo quando estiverem casados? Não acho que vá conseguir, e no entanto é algo que se pode conseguir; sua esposa teria condições de ser, acredito, a mulher mais feliz sob o sol.”

Eu não disse ainda nada para condenar o projeto do sr. Rochester de se casar por interesse e elos familiares. Surpreendeu-me quando descobri que era essa sua intenção: pensara ser improvável que motivos tão banais para a escolha de uma esposa fossem ter influência sobre um homem como ele. Mas quanto mais eu considerava a posição, instrução etc. de seus convidados, menos me sentia no direito de julgar ou culpar a ele ou à srta. Ingram por agir conforme ideias e princípios instilados neles sem dúvida desde a infância. Todos em sua classe se aferavam a esses princípios. Eu supunha, então, que os dois tinham, para respeitá-los, motivos que eu não poderia imaginar. Parecia-me que, se eu fosse um cavalheiro como ele, traria para junto do meu coração somente uma esposa que pudesse amar; mas a própria obviedade das vantagens à felicidade do noivo oferecidas por esse plano convenceu-me de que devia haver contra sua adoção generalizada argumentos dos quais eu nada sabia. De outro modo, tinha certeza de que o mundo inteiro desejaria agir como eu desejava agir.

Mas em outros aspectos, bem como nesse, eu estava me tornando muito leniente com meu senhor: esquecia seus defeitos, aos quais antes estava profundamente atenta. Antes me empenhara muito em estudar todos os ângulos do seu caráter – o lado ruim junto com o lado bom, e formar um julgamento imparcial após pesar ambos com honestidade. Agora, já não via

mais o lado ruim. O sarcasmo que outrora me repelira e a rispidez que me alarmara eram apenas como condimentos fortes num prato: sua presença era pungente, mas sua ausência deixaria tudo insípido em comparação. E quanto àquele vago algo – era uma expressão sinistra ou pesarosa, astuta ou desesperada? – que se mostrava ao observador atento, vez por outra, em seu olhar, e se ocultava de novo antes que fosse possível sondar as estranhas profundezas parcialmente reveladas; aquele algo que costumava me encher de temor e apreensão, como se eu caminhasse em meio a colinas de aspecto vulcânico e tivesse de súbito sentido o chão tremer e se abrir; aquele algo eu de quando em quando ainda contemplava, e ainda com o coração palpitando, mas não mais com nervos paralisados. Em vez de querer fugir, eu desejava somente ser ousada – adivinhar o que era. E considerava a srta. Ingram alguém feliz, porque um dia poderia olhar para dentro do abismo o quanto quisesse, explorar seus segredos e analisar sua natureza.

Enquanto isso, embora eu pensasse apenas em meu senhor e em sua futura noiva – embora só visse os dois, só ouvisse suas conversas, e só atribuísse importância aos seus movimentos –, o restante do grupo estava ocupado com seus próprios interesses e prazeres. Lady Lynn e lady Ingram continuavam a se reunir em solenes conferências nas quais acenavam uma para a outra com seus turbantes e erguiam as quatro mãos em desafiadores gestos de surpresa, mistério ou horror, dependendo do assunto da fofoca, como um par de marionetes gigantes. A suave sra. Dent conversava com a bondosa sra. Eshton, e as duas às vezes me dirigiam uma palavra cordial ou um sorriso. Sir George Lynn, o coronel Dent e o sr. Eshton discutiam política, ou assuntos do condado, ou questões relacionadas à justiça. Lorde Ingram flertava com Amy Eshton; Louisa tocava e cantava junto com um dos rapazes Lynn; e Mary Ingram ouvia lânguida as palavras galantes do outro. Às vezes, como se houvesse um consenso, todos interrompiam seus jogos paralelos para observar e escutar os atores principais: pois, afinal, o sr. Rochester e – por estar intimamente ligada a ele – a srta. Ingram eram a vida e a alma do grupo. Se ele se ausentasse da sala por uma hora, um tédio perceptível parecia se apossar do espírito dos convidados; seu regresso sempre conferia novo impulso à vivacidade das conversas.

A falta de sua influência animadora pareceu se fazer sentir em particular certa vez que ele fora solicitado a ir a Millcote tratar de negócios, e só deveria

voltar no fim do dia. Choveu à tarde: uma caminhada que o grupo pretendia fazer para ver um acampamento cigano, recentemente montado num parque depois de Hay, se viu, portanto, adiada. Alguns dos cavalheiros foram ao estábulo. Os mais jovens, junto com as moças, estavam jogando no salão de bilhar. As senhoras Ingram e Lynn buscaram consolo num jogo de cartas. Blanche Ingram, depois de repelir, com ar taciturno e arrogante, alguns esforços da sra. Dent e da sra. Eshton em puxar conversa, primeiro murmurou umas melodias e árias sentimentais ao piano, e depois, apanhando um romance na biblioteca, atirou-se no sofá com altivo desânimo, preparada para enganar por meio da ficção as tediosas horas de ausência. O salão e a casa estavam silenciosos: só vez por outra a alegria dos jogadores de bilhar se ouvia, lá em cima.

Escurecia, e o relógio já anunciara a hora em que deviam se vestir para jantar quando Adèle, ajoelhada ao meu lado no assento da janela, subitamente exclamou:

– *Voilà monsieur Rochester qui revient!* [115](#)

Virei-me, e a sra. Ingram saltou feito um raio do sofá. Os outros também ergueram o rosto de suas variadas ocupações, pois nesse momento o barulho das rodas e dos cascos dos cavalos tornou-se audível no cascalho úmido. Uma diligência postal se aproximava.

– O que deu nele para vir para casa desse jeito? – disse a sra. Ingram. – Ele estava montando Mesrour (o cavalo negro), não estava, quando saiu? E Pilot estava com ele... o que houve com os animais?

Ao dizer isso, aproximou tanto seu vulto alto e seu amplo vestido da janela que fui obrigada a me curvar para trás quase a ponto de partir minha coluna. Em sua ansiedade, ela não notou que eu estava ali, a princípio; mas, quando se deu conta, curvou os lábios e foi para outra janela. A diligência postal parou, o condutor tocou a campainha e um cavalheiro desceu, em trajes de viagem; mas não era o sr. Rochester. Era um homem alto e bem-vestido, um estranho.

– Que irritante! – exclamou a sra. Ingram. – Seu macaquinho cansativo! (Dirigindo-se a Adèle) Quem foi que a empoleirou na janela para dar informações falsas? – e ela me lançou um olhar zangado, como se a culpa fosse minha.

Ouviu-se uma conversa no vestíbulo, e logo o recém-chegado entrou. Fez uma mesura a lady Ingram, por considerá-la a dama mais idosa entre os presentes.

— Parece que chego num momento inoportuno, madame — disse ele —, quando meu amigo, o sr. Rochester, não está em casa. Mas venho de uma viagem muito longa, e acho que posso me valer de uma amizade antiga e íntima para me instalar aqui até ele regressar.

Seus modos eram corteses; seu sotaque, ao falar, pareceu-me um tanto incomum — não exatamente estrangeiro, mas ainda assim não inteiramente inglês. Sua idade parecia ser mais ou menos a mesma do sr. Rochester — entre trinta e quarenta anos —; sua tez era singularmente amarelada. Fora isso, era um homem bem-apessoado, principalmente à primeira vista. Olhando mais de perto, era possível perceber em seu rosto algo que desagradava; ou, antes, que não chegava a agradar. Suas feições eram regulares, mas relaxadas demais; seus olhos eram grandes e bem desenhados, mas a vida que olhava dali era uma vida desinteressada e amansada — pelo menos foi o que pensei.

O som da campainha que anunciava a hora de se vestirem dispersou o grupo. Só voltei avê-lo depois do jantar: parecia, então, bastante à vontade. Mas sua fisionomia me agradou ainda menos do que antes: parecia-me ao mesmo tempo indecisa e inanimada. Seus olhos vagavam a esmo, e não havia sentido nesse movimento — o que lhe conferia uma expressão estranha, que eu não me lembrava de jamais ter visto antes. Para um homem bonito e que não tinha uma aparência hostil, ele me repelia intensamente: não havia força naquele rosto oval e cheio de pele lisa, nem firmeza no nariz aquilino e na boquinha de cereja; não havia sabedoria na testa baixa e uniforme, nem autoridade naqueles olhos castanhos e vazios.

Sentada em meu canto habitual, e observando-o sob a luz dos candelabros da lareira, que caíam em cheio sobre ele — pois ocupava uma poltrona arrastada para junto do fogo, e que levava cada vez mais para perto, como se tivesse frio —, comparei-o ao sr. Rochester. Acho (e com todo o respeito digo) que o contraste não teria sido maior entre um ganso fracote e um falcão feroz, entre um cordeiro manso e o cachorro de pelo grosso e olhar afiado, seu guardião.

Ele falara do sr. Rochester como um velho amigo. Uma curiosa amizade

devia ser aquela: uma ilustração, na verdade, da velha máxima “os opositos se atraem”.

Dois ou três cavalheiros sentaram-se ao seu lado, e às vezes eu escutava trechos da conversa, do outro lado da sala. A princípio o que ouvia não fazia muito sentido, pois o diálogo entre Louisa Eshton e Mary Ingram, que estavam sentadas mais perto de mim, confundia as frases fragmentadas que me alcançavam a intervalos. As duas falavam sobre o estranho; ambas o consideravam “um homem bonito”. Louisa disse que ele era “um amor de criatura”, e que “o adorara”; Mary declarou que “a boquinha linda e o elegante nariz” eram seu ideal de charme.

– E que fronte suave ele tem! – exclamou Louisa. – Tão lisa, sem nenhuma daquelas irregularidades que eu tanto detesto, resultado de falar demais a testa... e que olhos e que sorriso tão plácidos!

E então, para meu imenso alívio, o sr. Henry Lynn chamou-as do outro lado da sala, para resolver algum detalhe relativo ao passeio adiado ao parque em Hay.

Pude então concentrar minha atenção no grupo junto ao fogo, e logo descobri que o recém-chegado se chamava sr. Mason. Fiquei sabendo que acabara de chegar à Inglaterra, e vinha de algum país quente: motivo pelo qual, sem dúvida, seu rosto estava tão pálido, e ele se sentava tão perto da lareira, e usava um sobretudo dentro de casa. Logo as palavras Jamaica, Kingston e Spanish Town indicaram as Índias Ocidentais como sua residência, [116](#) e foi com imensa surpresa que descobri, pouco depois, que lá ele conhecera o sr. Rochester. Falou do quanto seu amigo detestava o calor intenso, os furacões e a estação chuvosa da região. Eu sabia que o sr. Rochester havia sido um viajante: a sra. Fairfax me dissera, mas eu achava que o continente europeu era o limite de suas andanças. Até aquele momento, nunca ouvira uma única sugestão de visitas a lugares mais distantes.

Ponderava essas coisas quando um incidente algo inesperado rompeu o fio dos meus pensamentos. O sr. Mason, tremendo como se alguém houvesse aberto a porta, pediu que pusessem mais carvão na lareira, cuja chama se extinguira, embora as cinzas ainda brilhassem, vermelhas e quentes. O criado que trouxe o carvão parou, ao sair, junto à poltrona do sr. Eshton, e lhe disse em voz baixa algo de que só ouvi as palavras “velha senhora” e “muito

incômoda”.

– Diga a ela que vamos acorrentá-la se não for embora – respondeu o magistrado.

– Não! Espere! – interrompeu o coronel Dent. – Não a mande embora, Eshton. Podemos reverter a situação a nosso favor. Melhor consultar as senhoras.

E, elevando a voz, prosseguiu:

– Senhoras, falaram em ir ao parque em Hay visitar o acampamento cigano; o Sam aqui diz que uma das velhas zíngaras está na sala dos empregados neste momento, e insiste que a tragam à presença da “nobreza” para ler sua sorte. Querem vê-la?

– É claro que o senhor não pretende, coronel – exclamou lady Ingram –, encorajar uma impostora de tão baixo nível? Mande-a embora imediatamente!

– Mas não consigo persuadi-la a ir embora, minha senhora – disse o criado –, nem os outros. A sra. Fairfax está com ela neste exato momento, insistindo para que se vá. Mas ela se sentou numa cadeira junto à chaminé e diz que nada vai movê-la até que possa vir até aqui.

– O que ela quer? – perguntou a sra. Eshton.

– “Ler a sorte dos nobres”, ela diz, senhora. E jura que é o que precisa fazer e o que vai fazer.

– Como ela é? – indagaram as srtas. Eshton, em uníssono.

– Uma velha de espantosa feiura, senhorita; quase tão preta quanto fuligem.

– Ora, é uma feiticeira de verdade! – exclamou Frederick Lynn. – Vamos deixá-la entrar, é claro.

– Certamente – disse seu irmão –; seria uma lástima desperdiçar uma oportunidade de diversão como essa.

– Meninos, o que têm em mente? – exclamou a sra. Lynn.

– Não posso permitir um procedimento tão irregular – disse a viúva Ingram.

– Claro que pode, mamãe... e vai permitir – pronunciou a voz arrogante de

Blanche, girando no banquinho do piano, onde até então se sentara em silêncio, aparentemente examinando partituras. – Estou curiosa para que leiam a minha sorte. Portanto, Sam, mande a bruxa entrar.

– Minha querida Blanche! Lembre-se...

– Eu me lembro! De tudo o que a senhora puder sugerir. E quero que minha vontade seja feita. Depressa, Sam!

– Sim! Sim! Sim! – exclamaram todos os jovens, tanto as damas quanto os cavalheiros. – Traga-a para cá! Vai ser muito divertido!

O criado ainda hesitava.

– Ela parece bastante grosseira – disse ele.

– Vá! – proferiu a srt. Ingram, e o homem foi.

A excitação se apoderou de imediato de todo o grupo. Uma fieira de troças e gracejos acontecia quando Sam voltou.

– Ela não virá agora – disse. – Diz que não é sua missão aparecer diante do “bando vulgar” (foram as palavras dela). Tenho que levá-la até uma sala onde fique sozinha, e então aqueles que desejarem se consultar devem ir, um a um.

– Está vendo agora, minha majestosa Blanche? – começou a dizer lady Ingram. – Ela está passando dos limites. Eu a aconselho, meu anjinho, a...

– Leve-a para a biblioteca, é claro – interrompeu o “anjinho”. – Também não é minha intenção ouvir o que tem a dizer diante do bando vulgar. Quero-a toda só para mim. A lareira está acesa na biblioteca?

– Sim, senhora... mas ela parece uma funileira.

– Basta dessa conversa, seu estúpido! E faça o que estou dizendo.

Mais uma vez Sam desapareceu; mistério, animação e expectativa chegaram às alturas outra vez.

– Ela está pronta agora – disse o criado, ao regressar. – Quer saber quem vai ser seu primeiro consultente.

– Acho melhor eu dar uma olhada nela antes que alguma das senhoras vá – disse o coronel Dent.

– Diga a ela, Sam, que será um cavalheiro.

Sam foi, e regressou.

– Ela diz que não vai receber nenhum cavalheiro; que não precisam se dar

ao trabalho de chegar perto dela. E nem – ele acrescentou, suprimindo com dificuldade uma risada – as damas, exceto as jovens e solteiras.

– Céus! Ela tem bom gosto! – exclamou Henry Lynn.

A srt. Ingram se levantou solememente:

– Vou primeiro – disse, num tom que teria sido mais apropriado ao líder de um grupo de soldados numa missão difícil, abrindo caminho na vanguarda.

– Ah, meu encanto! Ah, minha querida! Espere... reflita! – foi a exclamação de sua mãe, mas ela passou num imponente silêncio, cruzou a porta que o coronel Dent segurava aberta e ouvimos quando entrou na biblioteca.

Um silêncio comparativo se seguiu. Lady Ingram acreditava ser *le cas* de torcer as mãos, e foi o que fez. A srt. Mary declarou que, de sua parte, não teria tido coragem de se arriscar. Amy e Louisa Eshton trocavam sussurros, e pareciam um tanto assustadas.

Os minutos se passaram muito devagar: contaram-se quinze antes que a porta da biblioteca voltasse a se abrir. A srt. Ingram regressou para junto de nós passando pelo arco.

Será que ia rir? Considerar tudo aquilo uma brincadeira? Todos os olhares se voltaram para ela com ansiosa curiosidade, e ela devolveu esses olhares com desprezo e frieza: não parecia nem alvoroçada nem alegre. Caminhou rígida até a poltrona e se sentou, em silêncio.

– E então, Blanche? – disse lorde Ingram.

– O que ela falou, minha irmã? – perguntou Mary.

– O que você achou? Como se sente? Ela sabe mesmo ler a sorte? – indagaram as srtas. Eshton.

– Por favor, por favor, minha gente – respondeu a srt. Ingram –, não me pressionem. Os seus órgãos de espanto e credulidade ¹¹⁷ são mesmo facilmente excitáveis. Parecem, com a importância que dão a esse assunto, minha querida mãe incluída, crer em tudo isso, acreditar piamente que temos dentro de casa uma bruxa, mancomunada com o velho senhor. O que vi foi uma vagabunda cigana; ela praticou de forma vulgar a ciência da quiromancia, e me disse o que esse tipo de gente normalmente diz. Satisfiz meu desejo, e agora acho que o sr. Eshton faria bem em acorrentar a bruxa

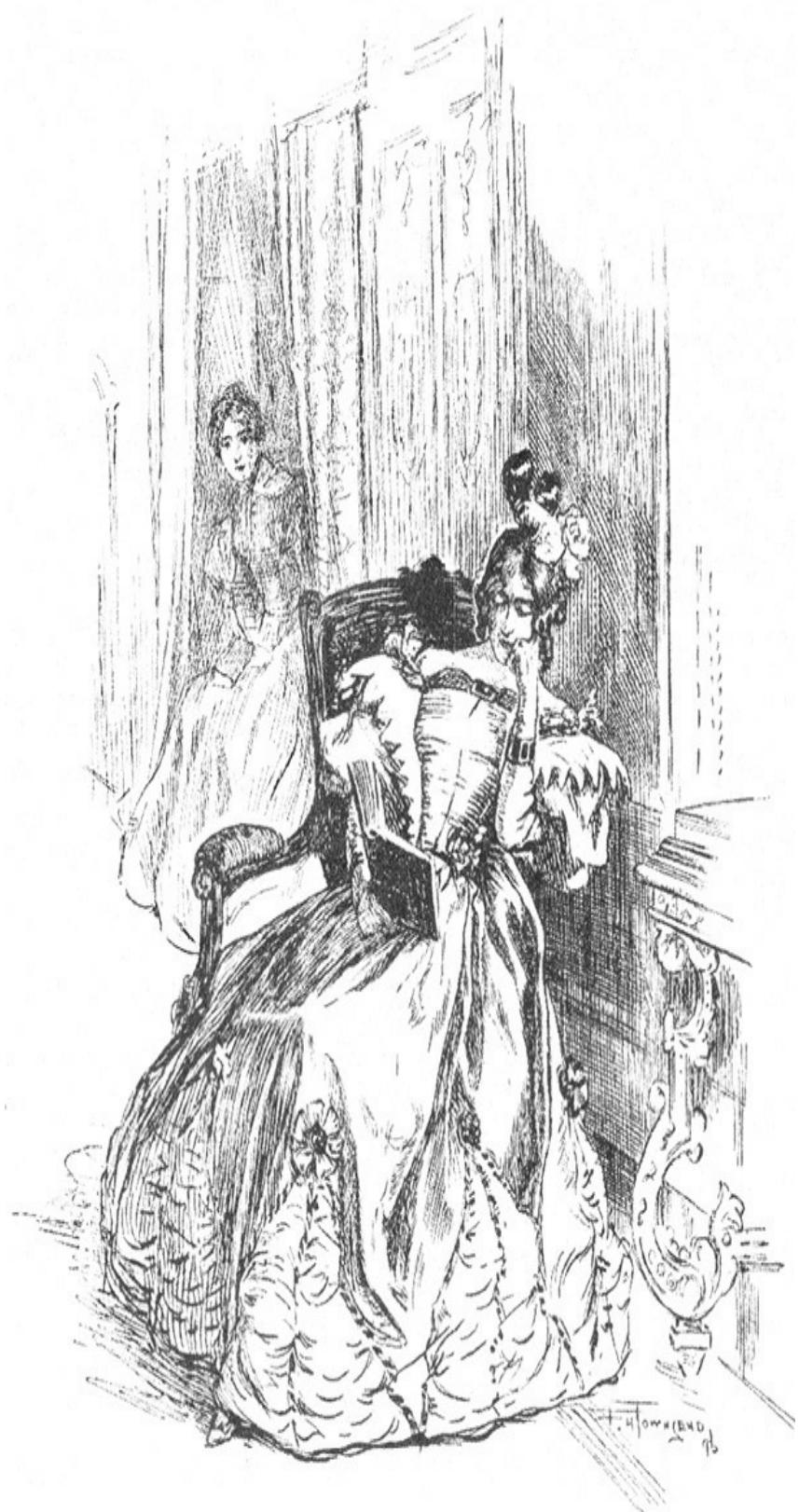
amanhã de manhã, conforme ameaçou fazer.

A srt. Ingram pegou um livro, recostou-se na poltrona e encerrou assim qualquer conversa. Observei-a por quase meia hora: durante esse tempo ela não chegou a virar uma única página, e seu rosto foi se tornando cada vez mais sombrio, mais insatisfeito e com uma expressão mais acre de desapontamento. Ela obviamente não ouvira nada que lhe tivesse agradado. E me parecia, por seu prolongado estado de melancolia e taciturnidade, que ela própria, apesar da alegada indiferença, atribuiria importância indevida a quaisquer que fossem as revelações que lhe tinham sido feitas.

Enquanto isso, Mary Ingram, Amy e Louisa Eshton declararam que não tinham coragem de ir sozinhas, mas queriam ir. Inaugurou-se uma negociação através do embaixador, Sam; depois de muito andar de um lado a outro, até, creio, as panturrilhas de Sam ficarem doendo do exercício, a permissão foi por fim conseguida, com muito custo, da rigorosa sibila,¹¹⁸ para que as três fossem vê-la em conjunto.

Sua visita não foi tão silenciosa quanto a da srt. Ingram. Ouvimos risadas histéricas e gritinhos agudos provenientes da biblioteca, e ao cabo de uns vinte minutos elas irromperam e vieram correndo pelo vestíbulo, como se estivessem quase mortas de medo.

– Tenho certeza de que há algo estranho com ela! – exclamaram, todas ao mesmo tempo. – Disse-nos cada coisa! Sabe de tudo a nosso respeito! – e afundaram ofegantes nos vários assentos que os cavalheiros se apressaram em lhes trazer.



During all that time
she never turned a page

Durante esse tempo ela não chegou a virar uma única página.

Pressionadas a dar mais explicações, declararam que ela lhes dissera coisas que haviam dito e feito quando eram apenas crianças; descrevera livros e enfeites que tinham em seus boudoirs em casa: lembranças que diferentes conhecidos lhes haviam dado. Afirmaram que ela chegara a adivinhar seus pensamentos, e sussurrara no ouvido de cada uma o nome da pessoa de que mais gostavam no mundo, e lhes informara o que mais desejavam.

Aqui os cavalheiros interromperam com sérios pedidos para que mais informações fossem dadas sobre esses dois últimos pontos, mas só obtiveram rubor, exclamações, estremecimentos e risadinhas abafadas em retribuição à sua importunidade. As senhoras, enquanto isso, ofereceram sais e leques, e mais uma vez reiteraram sua preocupação ante o fato de que seus conselhos não tinham sido ouvidos a tempo; os cavalheiros mais velhos riam, e os mais novos ofereciam seus serviços às belas jovens agitadas.

No meio do tumulto, e enquanto meus olhos e meus ouvidos estavam inteiramente absortos na cena diante de mim, ouvi um murmúrio junto ao meu cotovelo; virei-me, e ali estava Sam.

– Se não se importa, senhorita, a cigana afirma haver na sala uma jovem solteira que ainda não foivê-la, e jura que não irá embora até falar com todas. Pensei que pudesse ser a senhorita: não resta mais ninguém. O que devo dizer a ela?

– Ah, eu irei, certamente – respondi; estava feliz com a oportunidade inesperada de satisfazer minha tão atiçada curiosidade.

Escapuli da sala sem ser notada por ninguém, uma vez que estavam todos reunidos ao redor do agitado trio que acabara de retornar, e fechei a porta silenciosamente atrás de mim.

– Por gentileza, senhorita – disse Sam. – Vou esperar no vestíbulo, e se ela a assustar é só chamar que eu entro.

– Não, Sam, pode voltar para a cozinha: não tenho medo algum.

De fato não tinha, mas estava bastante interessada e excitada.

[112](#) . Em Gênesis 24, Eliézer, servo fiel de Abraão, segue à Mesopotâmia a pedido de seu senhor em busca de uma esposa para o único filho deste, Isaac. Naquela região, encontra Rebeca, cuja linhagem a ligava à família de Abraão. Rebeca foi encontrada diante de um poço e ofereceu água a Eliézer e seus camelos, gesto reconhecido como generoso pelo homem.

[113](#) . No original, na primeira cena o coronel Dent diz *bride*, noiva, e aqui *bridewell*, reformatório ou prisão para punir pequenos crimes. A segunda palavra se relaciona à cena através da representação do poço, *well*. (N.T.)

[114](#) . Levante é a antiga designação para a região atualmente conhecida como Oriente Médio. A palavra “Levante” se refere, geograficamente, à direção em que o sol nasce (ou “se levanta”).

[115](#) . Em francês no original: “Aí vem o sr. Rochester!”

[116](#) . As Índias Ocidentais são uma região atlântica do Hemisfério Norte, no Caribe, que incluem três grandes arquipélagos: as Grandes Antilhas, as Pequenas Antilhas e o arquipélago de Lucayan, regiões ocupadas por diferentes países originários de colonização inglesa, francesa, espanhola e holandesa. Spanish Town e Kingston são importantes cidades da Jamaica: Spanish Town foi capital da ilha sob espanhóis e ingleses de 1534 a 1872; Kingston foi fundada em 1592 por sobreviventes de um terremoto que devastou a cidade de Port Royal, antigo centro comercial da ilha.

[117](#) . Cf. nota 76.

[118](#) . No mundo grego, uma profetiza com poderes divinatórios sob inspiração de Apolo (ver nota 82).

CAPÍTULO 19

A BIBLIOTECA PARECIA bastante tranquila quando entrei, e a sibila – se era uma sibila de fato – sentava-se confortavelmente numa poltrona, no canto da lareira. Usava uma capa vermelha e uma touca preta – ou, antes, um chapéu cigano de aba larga, amarrado com um lenço listrado sob o queixo. Estava debruçada sobre o fogo, e parecia ler um livrinho preto, como um livro de orações, à luz das chamas. Murmurava consigo mesma as palavras, como faz a maioria das velhas, ao ler; não abandonou a leitura de imediato quando entrei. Aparentemente, queria terminar um parágrafo.

Fiquei parada sobre o tapete e aqueci minhas mãos, bastante frias, pois eu estava sentada a certa distância da lareira na sala de estar. Senti-me, nesse momento, mais calma do que nunca: nada havia de perturbador, na verdade, na aparência da cigana. Ela fechou o livro e ergueu os olhos devagar; a aba do chapéu ocultava parcialmente seu rosto, mas ainda assim eu podia ver, quando ela o levantou, que era um rosto estranho. Era todo marrom e preto: um emaranhado de cabelo saía de uma faixa branca que passava sob seu queixo, e se espalhava sobre suas faces – ou, antes, sobre sua mandíbula: seus olhos me confrontaram de imediato, com uma expressão ousada e direta.

– Bem, e você quer ouvir a sua sorte? – perguntou, numa voz tão determinada quanto seu olhar, tão áspera quanto os traços do seu rosto.

– Não me importo, mãe; faça como achar melhor. Mas vou adverti-la, não tenho fé.

– É típico da sua insolênci dizer algo assim. Esperava isso de você; ouvi nos seus passos quando entrou pela porta.

– É mesmo? Tem um ouvido rápido.

– Tenho sim; e um olho rápido, e um cérebro rápido.

– Precisa de tudo isso no seu ramo.

– De fato: sobretudo quando tenho que lidar com clientes como você. Por

que não está tremendo?

- Não sinto frio.
- Por que não empalidece?
- Não estou doente.
- Por que não consulta a minha arte?
- Não sou boba.

A velha deu uma risada sob o chapéu e o lenço que era como um cavalo relinchando. Pegou então um cachimbo curto e, acendendo-o, pôs-se a fumar. Após apreciar por algum tempo o sedativo, ergueu o corpo curvo, tirou o cachimbo dos lábios e, olhando fixamente para o fogo, disse muito deliberadamente:

- Você sente frio. Está doente. E é boba.
- Prove – retorqui.
- Vou provar, em poucas palavras. Sente frio porque está sozinha: nenhum contato acende o fogo que existe em você. Está doente porque o melhor dos sentimentos, o mais elevado e mais doce concedido aos homens, mantém-se longe de você. É boba porque, por mais que sofra, não permite que esse sentimento se aproxime, nem dá um passo para ir ao seu encontro onde ele espera por você.

Ela recolocou o cachimbo preto nos lábios, e voltou a fumar com vigor.

- Poderia dizer isso a praticamente qualquer uma que, como sabe, vive solitária como empregada de uma mansão.
- Poderia dizer a praticamente qualquer uma. Mas seria sempre verdade?
- Nas minhas circunstâncias.
- Sim; exatamente, nas suas circunstâncias: mas encontre-me outra que tenha uma situação idêntica à sua.
- Seria fácil achar milhares.
- Dificilmente conseguiria encontrar uma. Se soubesse... sua situação é peculiar: muito perto da felicidade; sim, ela está ao alcance da sua mão. Os materiais estão todos preparados; só falta um movimento para combiná-los. O acaso afastou-os um pouco. Deixe que se aproxime e a ventura será o resultado.

– Não comprehendo enigmas. Nunca pude resolver uma charada em minha vida.

– Se quer que eu fale mais abertamente, mostre-me a palma da sua mão.

– E devo pôr nela uma moeda, suponho?

– Certamente.

Dei-lhe um xelim. Ela colocou-o num velho pé de meia que tirou do bolso e, depois de amarrá-lo e guardá-lo de novo, disse-me que estendesse a mão. Obedeci. Ela aproximou o rosto da minha palma e examinou-a sem tocá-la.

– Fina demais – disse. – Não consigo ler nada numa mão como essa, quase sem linhas. [119](#) Além disso, o que há para se ler na palma da mão? O destino não está escrito aí.

– Acredito na senhora – eu disse.

– Não – ela prosseguiu –, está escrito no rosto. Na testa, ao redor dos olhos, nos próprios olhos, nas linhas da boca. Ajoelhe-se e levante a cabeça.

– Ah! Agora está dizendo algo que faz sentido – eu disse, ao obedecer-lhe.

– Estou começando a depositar na senhora um pouco de fé.

Ajoelhei-me a meio metro dela. A cigana atiçou o fogo, e uma onda de luz irrompeu do carvão. O clarão, porém, quando ela se sentou, só fez lançar seu rosto numa escuridão mais profunda, ao passo que o meu foi iluminado.

– Eu me pergunto com que sentimentos você me procurou esta noite – disse ela, depois de me examinar por um tempo. – Que pensamentos devem se agitar no seu coração durante todas essas horas que você passa sentada na sala com essa gente grã-fina esvoaçando na sua frente como sombras numa lanterna mágica. [120](#) E é tão pouca a comunhão que existe entre você e eles que é quase como se fossem mesmo meras sombras de formas humanas, e não a substância verdadeira.

– Com frequência me sinto cansada, às vezes com sono, mas raramente triste.

– Então tem alguma esperança secreta que a ampara e a seduz murmurando ideias acerca do futuro?

– Eu não. A maior esperança que tenho é economizar o suficiente do meu salário para abrir uma escola algum dia, numa casa que eu mesma possa

alugar.

– Alimento magro para a subsistência do espírito. E sentada ali junto à janela (vê que conheço seus hábitos)...

– Os criados contaram.

– Ah! Pensa que é inteligente. Bem, talvez tenham contado. Para dizer a verdade, uma das criadas é conhecida minha, a sra. Poole...

Pus-me de pé num salto ao ouvir aquele nome.

“Conhecida sua, é?”, pensei; “há algo de diabólico em tudo isso, afinal!”

– Não precisa se alarmar – continuou a estranha criatura –; ela é uma boa criada, a sra. Poole, discreta e quieta; todos podem confiar nela. Mas como eu dizia: sentada junto à janela, você não pensa em nada além de sua futura escola? Não tem nenhum interesse, hoje, em nenhuma das pessoas que ocupam os sofás e cadeiras diante de você? Não há um rosto que esquadrinhe? Alguém cujos movimentos acompanhe com curiosidade, pelo menos?

– Gosto de observar todos os rostos e os movimentos de todo mundo.

– Mas não destaca uma pessoa do restante... ou talvez duas?

– Com frequência, quando os gestos ou olhares de um par parecem contar uma história: diverte-me observá-los.

– Qual é a história que mais gosta de ouvir?

– Ah, não tenho muita escolha! Em geral tratam do mesmo tema: corte. E prometem terminar na mesma catástrofe: casamento.

– E você gosta desse tema monótono?

– Decididamente, não ligo nem um pouco. Não quer dizer nada para mim.

– Nada? Quando uma jovem cheia de vida e saúde, dotada de beleza e com as dádivas de uma boa posição social e da riqueza, senta-se e sorri ante o olhar de um cavalheiro que você...

– Que eu o quê?

– Você sabe. E que talvez tenha em alta estima.

– Não conheço os cavalheiros aqui. Mal troquei uma sílaba com algum deles. Quanto a tê-los em alta estima, considero alguns respeitáveis, e pomposos, homens de meia-idade. E outros são jovens, ousados, bem-

apessoados e vivazes. Mas é certo que todos têm a liberdade de receber os sorrisos que desejarem, sem que eu me sinta disposta a considerar a transação minimamente importante para mim.

– Não conhece os cavalheiros aqui? Nunca trocou uma sílaba com algum deles? Diria isso do senhor da casa?

– Ele não está presente.

– Uma observação profunda! Uma evasiva engenhosa! Ele foi para Millcote hoje de manhã, e estará de volta à noite, ou amanhã. Essa circunstância o exclui da lista de conhecidos seus... elimina-o, por assim dizer, da existência?

– Não, mas mal percebo o que o sr. Rochester tem a ver com o tema que a senhora introduziu.

– Eu falava das senhoras sorrindo ante os olhares dos cavalheiros, e ultimamente tantos sorrisos foram derramados nos olhos do sr. Rochester que eles transbordam como taças cheias demais. Não notou?

– O sr. Rochester tem o direito de desfrutar a companhia de seus hóspedes.

– Disso não há dúvida. Mas você já notou que de todas as histórias contadas aqui sobre o matrimônio o sr. Rochester foi brindado com a mais intensa e mais constante?

– O interesse do ouvinte desata a língua do narrador – eu disse, mais para mim mesma do que para a cigana, cujas estranhas palavras, voz e conduta me haviam, a essa altura, envolvido numa espécie de sonho.

De seus lábios saía uma frase inesperada após a outra, até eu me envolver numa teia de confusão, e me perguntar que espírito invisível estivera sentado semanas a fio ao lado do meu coração, observando seu funcionamento e registrando cada batida.

– Interesse do ouvinte! – repetiu ela. – Sim, o sr. Rochester fica sentado ali, os ouvidos inclinados na direção dos fascinantes lábios que tanto deleite encontram na tarefa de falar. E o sr. Rochester sempre tão disposto a receber, e aparentemente tão grato pelo passatempo concedido a ele: reparou nisso?

– Grato? Não consigo me lembrar de ter encontrado gratidão em seu rosto.

– Encontrado? Então o analisou. E o que encontrou, se não havia gratidão ali?

Fiquei calada.

– Viu amor, não viu? E, olhando para o futuro, viu-o casado, e sua noiva feliz?

– Humpf! Não exatamente. Seus talentos de bruxa às vezes fracassam.

– O que diabos viu, então?

– Não importa: vim aqui para fazer perguntas, não confissões. Comenta-se que o sr. Rochester vai se casar?

– Sim, e com a bela sra. Ingram.

– Em breve?

– As aparências apontam nessa direção. E, sem dúvida (ainda que você pareça questioná-lo, com uma audácia que merece castigo), serão um casal superlativamente feliz. Ele deve amar uma dama tão bela, nobre, espirituosa e talentosa; e é provável que ela o ame também, ou, se não a sua pessoa, pelo menos o seu bolso. Sei que ela considera os bens do sr. Rochester plenamente satisfatórios, embora (que Deus me perdoe!) há cerca de uma hora eu lhe tenha dito algo sobre isso que fez com que ficasse estranhamente séria: os cantos da sua boca decaíram um centímetro. Eu avisaria o seu moreno pretendente que tome cuidado: se aparecer algum outro com uma lista de posses mais longa ou evidente... ele será dispensado.

– Mas, mãe, não vim aqui para saber da sorte do sr. Rochester. Vim para ouvir a minha, e sobre isso a senhora ainda não me disse nada.

– Sua sorte ainda é duvidosa: quando examinei seu rosto, um traço contradisse o outro. O destino lhe reservou um quinhão de felicidade: disso eu sei. Sabia antes de entrar aqui esta noite. Separou-o cuidadosamente para você. Vi o destino fazer isso. Cabe a você estender a mão e alcançar essa felicidade. Mas se vai ou não fazer isso é o mistério que tento solucionar. Ajoelhe-se outra vez no tapete.

– Não peça que eu fique muito tempo. O fogo está me queimando.

Ajoelhei. Ela não se inclinou na minha direção, mas só me fitou, recostando-se na poltrona. Começou a murmurar:

– O fogo cintila nos olhos, os olhos brilham como orvalho, suaves e cheios de emoção; sorriem das minhas palavras: são suscetíveis, as impressões se sucedem umas às outras através de sua clara esfera. Quando deixam de sorrir,

é triste; uma lassidão inconsciente pesa sobre as pálpebras: isso significa melancolia resultante da solidão. Desviam-se de mim; não querem aceitar que eu continue este escrutínio. Parecem negar, com um relance de deboche, a verdade das descobertas que já fiz... negar tanto o fardo da sensibilidade quanto o da tristeza: seu orgulho e sua reserva só confirmam, para mim, as minhas opiniões. Os olhos são favoráveis.

“Quanto à boca, às vezes se deleita com o riso; sua disposição é a de transmitir tudo o que o cérebro concebe. Mas ouso dizer que haveria de se calar sobre grande parte do que o coração experimenta. Móvel e flexível, seu destino nunca foi se comprimir no silêncio eterno da solidão: é uma boca que deveria falar muito e sorrir com frequência, e ter o afeto humano por interlocutor. Esse traço também é propício.



She did not stoop towards me
but only gazed,
leaning back in her chair

*Ela não se inclinou na minha
direção, mas só me fitou,
recostando-se na poltrona.*

“O único inimigo de um desfecho feliz que vejo é na fronte; e essa fronte professa: ‘Posso viver sozinha, se o amor-próprio e as circunstâncias assim exigirem. Não preciso vender a minha alma para comprar felicidade. Tenho um tesouro interior que nasceu comigo e que pode me manter viva mesmo que todas as alegrias externas sejam removidas, ou oferecidas por um preço que não tenho como pagar.’ A fronte declara: ‘A razão senta-se com firmeza e segura as rédeas, e não vai deixar os sentimentos galoparem livremente e levá-la a abismos insondáveis. As paixões podem se enfurecer, como as verdadeiras pagãs que são, e os desejos podem imaginar todo tipo de ilusão: mas o julgamento terá a última palavra em todas as discussões, e o voto definitivo em todas as decisões. Vendavais, terremotos e incêndios podem ocorrer, mas eu hei de seguir aquela pequena voz que interpreta os ditames da consciência.’ [121](#)

“Muito bem, fronte; sua declaração será respeitada. Já tracei os meus planos, e considero-os sensatos; neles ouvi as reivindicações da consciência e os conselhos da razão. Sei que a juventude haveria de se extinguir e o encanto perecer se, na taça de felicidade que é oferecida, uma só gota de vergonha ou um sabor de remorso fossem detectados; e não quero sacrifício, pesar, ruína... não é esse o meu gosto. Desejo nutrir, e não arruinar... conquistar gratidão, não provocar lágrimas de sangue. Não, nenhuma lágrima: minha colheita deve ser de sorrisos, de ternura, de encanto... isso bastará. Acho que divago numa espécie de extraordinário delírio. Gostaria de prolongar este momento *ad infinitum*, mas não ouso fazê-lo. Até aqui, tive completo autocontrole. Agi como jurei intimamente que agiria, mas a partir daqui talvez o teste esteja além das minhas forças. Levante-se, srta. Eyre: vá, o jogo acabou.”

Onde eu estava? Acordada ou dormindo? Estivera sonhando? [122](#) Sonhava ainda? A voz da velha se transformara: sua pronúncia, seu gestual e todo o resto eram familiares como meu próprio rosto diante de um espelho – como a fala da minha própria boca. Levantei-me, mas não fui embora. Olhei para ela, aticei o fogo, olhei outra vez. Mas ela puxou o chapéu e o lenço mais para

perto do rosto e de novo me pediu que fosse embora. A chama iluminava sua mão estendida: desperta, agora, e alerta, imediatamente notei aquela mão. Não era a mão murcha de uma velha, não mais do que a minha: era na verdade redonda e flexível, com dedos lisos e bem-proporcionados. Um anel grande cintilava no dedo mínimo; curvando-me para a frente, olhei para ele, e vi uma pedra que vira centenas de vezes antes. Voltei a olhar para o rosto, que já não se desviava mais do meu. Ao contrário – o chapéu foi retirado, o lenço descartado, e a cabeça se revelou.

- Bem, Jane, você me conhece?
- Tire a capa vermelha, senhor, e então...
- Mas o nó está difícil... ajude-me.
- Arrebente-o, senhor.
- Muito bem... “Fora, empréstimos!” [123](#) – E o sr. Rochester livrou-se da capa.
- Ora, senhor, que ideia estranha!
- Mas bem-executada, não? Você não acha?
- Com as moças deve ter se saído bem.
- Mas não com você?
- O senhor não representou o papel de cigana comigo.
- Que papel representei? Eu mesmo?
- Não, algum papel incompreensível. Em poucas palavras, acho que o senhor estava tentando me fazer falar... dizendo bobagens para me fazer dizer bobagens. Isso não é justo, senhor.
- Você me perdoa, Jane?
- Não tenho condições de responder antes de pensar no assunto. Se, após refletir, concluir que eu não disse nada absurdo, tentarei perdoá-lo. Mas não foi correto.
- Ah, você só disse coisas sensatas... foi muito cuidadosa, muito razoável.
- Pensei e concluí que, de modo geral, era verdade. Isso me reconfortava; mas, de fato, eu estava na defensiva quase desde o início da conversa. Suspeitava de alguma farsa. Sabia que ciganas e videntes não se expressavam como aquela suposta velha se expressara; além disso, notara sua voz fingida,

sua ansiedade em ocultar os traços do rosto. Mas minha mente pensava em Grace Poole, aquele enigma vivo, aquele mistério dos mistérios, enquanto eu a observava. Em nenhum momento pensara no sr. Rochester.

– Bem – disse ele –, no que está pensando? O que significa esse sorriso sério?

– Surpresa e satisfação comigo mesma, senhor. Tenho sua permissão para me retirar agora, suponho?

– Não; fique mais um instante, e me diga o que as pessoas na sala de estar estão fazendo.

– Falando sobre a cigana, imagino.

– Sente-se! Conte-me o que dizem a meu respeito.

– É melhor eu não ficar muito tempo, senhor; já devem ser quase onze horas. Ah! O senhor sabe, sr. Rochester, que um estranho chegou pela manhã, depois que o senhor partiu?

– Um estranho! Não; quem poderia ser? Eu não esperava ninguém. Ele já foi embora?

– Não; disse que conhece o senhor faz muito tempo, e que poderia tomar a liberdade de se instalar aqui até o seu regresso.

– Que diabos! Disse como se chama?

– Chama-se Mason, senhor, e vem das Índias Ocidentais. De Spanish Town, na Jamaica, acho.

O sr. Rochester estava de pé ao meu lado; tomara minha mão, como se fosse me conduzir a uma cadeira. Quando eu disse essas palavras, ele apertou meu punho com força convulsiva. O sorriso congelou em seus lábios; um espasmo pareceu cortar-lhe o ar.

– Mason! As Índias Ocidentais! – disse ele, num tom que bem poderia vir de uma máquina que só conhecesse essas palavras. – Mason! As Índias Ocidentais! – ele reiterou, e voltou a repetir as sílabas três vezes, enquanto ia ficando, nos intervalos da fala, mais branco que papel; mal parecia saber o que estava fazendo.

– Sente-se mal, senhor? – perguntei.

– Jane, recebi um golpe... recebi um golpe, Jane! – ele fraquejou.

– Ah, apoie-se em mim, senhor.

– Jane, você me ofereceu seu ombro uma vez; preciso dele agora.

– Sim, senhor, e o meu braço.

Ele se sentou, e fez com que eu me sentasse ao seu lado. Segurando minha mão entre as suas, friccionou-a, enquanto me fitava com o olhar mais perturbado e sombrio.

– Minha querida amiga! – disse ele. – Queria estar numa ilha tranquila em sua companhia somente, e os problemas, o perigo e terríveis lembranças afastados de mim.

– Posso ajudá-lo, senhor? Daria minha vida para servi-lo.

– Jane, se eu precisar de ajuda, pedirei a você, prometo.

– Obrigada, senhor. Diga-me o que fazer... e eu pelo menos vou tentar.

– Traga-me uma taça de vinho da sala de jantar, Jane; devem estar à mesa agora. Diga-me se Mason está com eles, e o que está fazendo.

Fui. Encontrei todo o grupo na sala de jantar, como o sr. Rochester dissera; não estavam à mesa: o jantar fora servido sobre o aparador. Cada um se servira do que desejava, e estavam em grupos, aqui e ali, pratos e taças nas mãos. Todos pareciam muito alegres; o riso e as conversas eram intensos e animados. O sr. Mason estava de pé junto à lareira, falando com o coronel e a sra. Dent, e parecia tão feliz quanto os outros. Servi uma taça de vinho (vi a srt. Ingram me observar com o cenho franzido enquanto isso: suponho que ela achasse que eu estava tomando uma liberdade indevida) e voltei para a biblioteca.

A palidez extrema do sr. Rochester tinha desaparecido, e ele parecia outra vez firme e sério. Tomou a taça da minha mão.

– À sua saúde, espírito prestativo! – disse ele. Bebeu de um gole o conteúdo e me devolveu a taça. – O que eles estão fazendo, Jane?

– Rindo e conversando, senhor.

– Não parecem graves e misteriosos, como se tivessem ouvido algo estranho?

– De modo algum: estão se divertindo, alegres.

– E Mason?

– Rindo também.

– Se todas essas pessoas viessem aqui juntas e cuspissem em mim, o que você faria, Jane?

– Mandaria que saíssem, senhor.

Ele abriu um meio sorriso.

– Mas e se eu fosse até eles, e eles só me olhassem com frieza, e sussurrassem com desprezo entre si, e fossem embora um por um, deixando-me, e então? Você iria com eles?

– Acho que não, senhor; teria mais prazer se ficasse aqui com o senhor.

– Para me reconfortar?

– Sim, senhor, para reconfortá-lo, como me fosse possível.

– E se a banissem, por tomar o meu partido?

– Eu provavelmente não ficaria sabendo desse banimento; e, se ficasse, não me importaria.

– Então você ousaria enfrentar a censura por mim?

– Ousaria enfrentá-la por qualquer amigo que merecesse que eu tomasse o seu partido; como o senhor merece, tenho certeza.

– Volte à sala de jantar. Aproxime-se de Mason sem alarde, e sussurre em seu ouvido que o sr. Rochester chegou e deseja vê-lo. Traga-o até aqui, e depois pode ir.

– Sim, senhor.

Fiz como ele me pedira. O grupo inteiro me fitou enquanto eu passava entre eles. Encontrei o sr. Mason, transmiti o recado e o conduzi para fora da sala. Levei-o à biblioteca e subi.

Tarde da noite, quando já fazia algum tempo que eu me deitara, ouvi as visitas indo para os seus quartos: distingui a voz do sr. Rochester, e ouvi-o dizer:

– Por aqui, Mason; este é o seu quarto.

Ele falava alegremente; o tom animado me tranquilizou. Logo adormeci.

[119](#) . A quiroprática atribui valores às linhas e regiões das mãos, estabelecendo a partir de suas formas o mapa do destino daquele que as traz. Stevie Davies lembra que a cigana em *Pamela* , de Samuel Richardson, diz o mesmo à protagonista: “Não posso ler sua fortuna. Sua mão é tão branca e tão delicada, não consigo ver as linhas.”

[120](#) . O espetáculo óptico oferecido pela lanterna mágica já era conhecido havia mais de um século, geralmente realizado por um mágico de rua para enganar o público crédulo.

[121](#) . Alusão ao Livro dos Reis (19:11-13), onde se descreve a experiência do profeta Elias diante de Deus, que lhe envia terremotos, fogo e vendavais para testar-lhe a firmeza da consciência.

[122](#) . A passagem cita “Ode a um rouxinol” (1819), do poeta inglês John Keats: “Foi só uma visão ou um sonho acordado? A música se foi – durmo ou estou desperto?” (tradução de Augusto de Campos).

[123](#) . Alusão peculiar a *Rei Lear* , Ato III, Cena IV.

CAPÍTULO 20

EU ME ESQUECERA de fechar a cortina, o que normalmente fazia, bem como de cerrar as venezianas. A consequência foi que quando a lua, cheia e brilhante (pois fazia bom tempo), chegou ao espaço no céu oposto à minha cama, e se debruçou sobre mim através das vidraças nuas, seu lume glorioso me despertou. Acordando no meio da noite, abri os olhos para o seu disco – prateado e límpido como cristal. Era belo, mas solene demais. Ergui-me um pouco, estiquei o braço e puxei a cortina.

Céus! Que grito!

A noite, seu silêncio e sua tranquilidade foram dilacerados por um som selvagem, agudo e estridente que atravessou Thornfield Hall de ponta a ponta.

Minha pulsação se interrompeu, meu coração parou; meu braço estendido ficou paralisado. O grito morreu e não voltou a se repetir. Na verdade, fosse qual fosse o ser que produzira aquele temível ganido, não teria como repeti-lo tão cedo, assim como, nos Andes, o condor de asas mais longas não poderia, duas vezes seguidas, dar um grito de seu ninho entre as nuvens. Quem gritara daquela maneira precisaria descansar antes de repetir tamanho esforço.

Vinha do terceiro andar, pois se ouvia do alto. E do alto – sim, daquele quarto logo acima do meu – ouvi agora uma briga: mortal, a julgar pelo barulho. E uma voz meio sufocada berrou:

– Socorro! Socorro! Socorro! – gritou três vezes, rapidamente. – Ninguém vai me ajudar? – exclamou.

E então, enquanto o barulho de pés batendo com força e se arrastando no chão prosseguia ensandecido, distingui as palavras, através das tábuas e do reboco:

– Rochester! Rochester! Pelo amor de Deus, venha!

A porta de um quarto se abriu: alguém correu, ou seguiu às pressas, pelo

corredor. Outro baque forte no chão lá em cima e algo caiu; fez-se silêncio então.

Eu vestira qualquer coisa, embora o terror fizesse o meu corpo inteiro tremer; saí do meu quarto. Quem dormia havia acordado: exclamações e murmúrios aterrorizados ressoavam em todos os quartos, e as portas se abriram uma após a outra; o corredor se encheu. Cavalheiros e damas haviam saído da cama, e perguntavam confusos e a esmo: “Ah! O que houve?” – “Quem se feriu?” – “O que aconteceu?” – “Apanhem uma vela!” – “É um incêndio?” – “São ladrões?” – “Para onde corremos?” Se não fosse pela lua, estariam na mais completa escuridão. Corriam de um lado a outro, amontoavam-se, alguns soluçavam, outros tropeçavam: a confusão era completa.

– Onde diabos está Rochester? – exclamou o coronel Dent. – Não o encontrei em sua cama.

– Aqui estou, aqui estou! – ouviu-se a exclamação em resposta. – Acalmem-se, todos vocês. Já venho.

E a porta no final do corredor se abriu, e o sr. Rochester se adiantou com uma vela: descia do andar superior. Uma das senhoras correu diretamente até ele, e agarrou seu braço: era a srt. Ingram.

– O que aconteceu de tão horrível? – ela falou. – Diga! Conte-nos o pior logo de uma vez!

– Mas não me derrubem nem me estrangulem – ele respondeu, pois as srtas. Eshton agora o agarravam, e as duas senhoras mais velhas, em seus amplos robes brancos, caíam sobre ele como barcos com todas as velas desfraldadas. – Está tudo bem! Está tudo bem! – ele exclamou. – É só um ensaio de *Muito barulho por nada*. [124](#) Senhoras, afastem-se, ou vou acabar ficando perigoso.

E perigoso ele parecia: seus olhos negros dardejavam faíscas. Fazendo um esforço supremo, ele acrescentou:

– Uma criada teve um pesadelo, isso é tudo. Trata-se de uma pessoa nervosa e emotiva: no sonho havia uma aparição, ou algo do tipo, sem dúvida, e ela teve uma crise, apavorada. Agora, então, vou acompanhá-los a todos de volta aos seus quartos. De outro modo, até que a casa se aquiete, não há como cuidar dela. Cavalheiros, tenham a bondade de dar o exemplo às

senhoras. Srta. Ingram, tenho certeza de que não vai deixar de demonstrar superioridade a temores sem sentido. Amy e Louise, voltem aos seus ninhos como o par de pombinhas que são. Minhas senhoras – às duas damas idosas –, com certeza vão se resfriar se ficarem mais tempo neste corredor gélido.

E então, alternando persuasão e autoridade, ele conseguiu fazer com que todos voltassem aos seus quartos separadamente. Não esperei pela ordem de voltar ao meu, e regressei sem ser notada, assim como saíra dali.

Não, contudo, para voltar à cama: ao contrário, comecei a me vestir com todo o cuidado. Os ruídos que ouvira depois do grito e as palavras que tinham sido proferidas provavelmente só haviam chegado aos meus ouvidos, pois vinham do quarto acima do meu. Mas deixavam claro, para mim, que não fora o sonho de uma criada o que espalhara o terror pela casa, e que a explicação dada pelo sr. Rochester fora apenas uma invenção para acalmar seus hóspedes. Vesti-me, então, de modo a estar pronta para qualquer emergência. Vestida, fiquei sentada por um longo tempo junto à janela, contemplando a paisagem silenciosa e os campos prateados, e esperando não sabia pelo quê. Parecia-me que algum evento deveria se seguir ao estranho grito, à luta e ao pedido de socorro.

– Não: o silêncio regressou. Murmúrios e movimentos cessaram gradativamente, e em cerca de uma hora Thornfield Hall estava mais uma vez quieta como um deserto. Parecia que o sono e a noite tinham recuperado seu império. Enquanto isso, a lua declinou: estava prestes a se pôr. Como não queria ficar sentada no frio e na escuridão, achei melhor deitar-me na cama, vestida como estava. Deixei a janela e caminhei fazendo pouco ruído pelo tapete; quando me abaixei para tirar os sapatos, um toque cauteloso soou à minha porta.

- Precisam de mim? – indaguei.
- Está acordada? – perguntou a voz que eu esperava ouvir; ou seja, a do meu patrão.
- Sim, senhor.
- E vestida?
- Sim.
- Venha, então, sem fazer ruído.

Obedeci. O sr. Rochester estava parado no corredor, segurando uma vela.

– Preciso de você – disse ele. – Venha por aqui. Não há pressa, e não faça barulho.

Meus sapatos eram macios: eu podia caminhar pelo chão atapetado com a leveza de um gato. Ele deslizou pelo corredor e subiu a escada, parando na passagem escura e baixa do fatídico terceiro andar. Eu o acompanhara, e estava parada ao seu lado.

– Tem uma esponja em seu quarto? – ele me perguntou, num sussurro.

– Sim, senhor.

– Tem sais, sais voláteis?

– Sim.

– Volte e vá buscá-los.

Voltei, apanhei a esponja em meu lavatório e os sais em minha gaveta, e mais uma vez retracei meus passos. Ele ainda aguardava; tinha na mão uma chave. Aproximando-se de uma das portinhas escuras, colocou-a na fechadura. Parou e se dirigiu a mim outra vez:

– Não fica nauseada quandovê sangue?

– Acho que não. Nunca tive a experiência.

Estremeci enquanto respondia, mas não senti calafrios nem fraqueza.

– Dê-me a sua mão – disse ele. – Não posso me arriscar a um desmaio seu.

Coloquei os dedos nos seus.

– Morna e firme – foi a sua observação; girou a chave e abriu a porta.

Vi um quarto que me lembrava de ter visto antes, no dia em que a sra. Fairfax me mostrara a casa: era forrado de tapeçarias penduradas, mas agora uma parte delas estava levantada, e ali se revelava uma porta que antes estivera oculta. Essa porta se encontrava aberta, e uma luz brilhava no aposento atrás dela. Ouvi então um rosnar e um cerrar de dentes, quase como se fosse um cachorro furioso. O sr. Rochester, pousando a vela, disse-me:

– Espere um minuto – e entrou no aposento.

Uma risada alta saudou sua entrada; ruidosa, a princípio, e terminando naquele ha! ha! de duende mau de Grace Poole. Então era *ela* quem estava ali. Ele fez algum tipo de acordo sem falar, embora eu ouvisse uma voz baixa

se dirigir a ele – que então saiu e fechou a porta.

– Aqui, Jane! – disse ele, e eu me adiantei até o outro lado de uma cama ampla, que, com os dosséis abaixados, ocultava uma porção considerável do quarto.

Havia uma poltrona junto à cabeceira, e ali se sentava um homem, todo vestido à exceção do casaco; estava imóvel, a cabeça para trás, os olhos fechados. O sr. Rochester aproximou dele a vela; reconheci seu rosto pálido e aparentemente sem vida – o estranho, Mason. Vi também que seu lençol, de um dos lados, bem como um de seus braços, estava quase empapado de sangue.

– Segure a vela – disse o sr. Rochester, e eu fiz o que mandava; ele pegou uma bacia de água do lavatório. – Segure isto.

Obedeci. Ele pegou a esponja, mergulhou-a ali e umedeceu o rosto cadavérico; pediu os meus sais, e os aplicou em suas narinas. O sr. Mason logo abriu os olhos; gemeu. O sr. Rochester abriu a camisa do ferido, cujo braço e ombro estavam envolvidos por um curativo. Limpou com a esponja o sangue que gotejava em profusão.

– Há algum risco imediato? – murmurou o sr. Mason.

– Que nada! Não... foi só um arranhão. Não se deixe abater, homem: aguente firme! Vou buscar eu mesmo um médico para você; estará pronto para ser levado pela manhã, espero. Jane – ele prosseguiu.

– Senhor?

– Terei de deixá-la neste quarto com este cavalheiro por uma ou talvez duas horas. Limpe o sangue com a esponja como estou fazendo, quando voltar a sangrar. Se ele estiver se sentindo fraco, leve o copo d'água à sua boca, e os sais ao seu nariz. Não deve falar com ele em hipótese alguma... e, Richard, se falar com ela correrá risco de vida. Abra a boca, agite-se, e eu não me responsabilizo pelas consequências.

Mais uma vez o pobre homem gemeu; era como se não ousasse se mexer; o medo da morte ou de alguma outra coisa parecia quase paralisá-lo. O sr. Rochester colocou a esponja agora sangrenta na minha mão, e eu passei a aplicá-la como ele fizera.

Ele me observou por um segundo, dizendo então:

– Lembre-se! Nada de conversa – e deixou o quarto.

Foi para mim uma sensação estranha quando a chave girou na fechadura e o som de seus passos, afastando-se, já não pôde mais ser ouvido.

Então ali estava eu no terceiro andar, trancada em uma de suas místicas celas, a noite ao meu redor, um espetáculo de palidez e sangue sob meus olhos e minhas mãos, uma assassina separada por uma mísera porta. Sim, isso era apavorante – o resto eu podia tolerar, mas estremecia ante a ideia de ser atacada por Grace Poole.

Tinha que me manter firme, porém, em meu posto. Tinha que observar aquele rosto fantasmagórico – aqueles lábios azuis estáticos, proibidos de se abrir, aqueles olhos ora fechados, ora se abrindo, ora errando pelo quarto, ora fixos em mim, e em todos os momentos vidrados com a opacidade do medo. Tinha que mergulhar a mão a todo momento na bacia de sangue e água, e limpar a gosma que escorria. Era obrigada a ver a luz da vela se extinguir aos poucos enquanto trabalhava; as sombras se acentuavam nas tapeçarias antigas ao meu redor e envolviam o dossel da ampla e antiga cama, e tremulavam estranhamente sobre as portas de um grande armário na parede oposta – cuja frente, dividida em doze painéis, trazia, numa representação austera, as cabeças dos doze apóstolos, cada uma num painel separado, como se emolduradas. No alto, projetavam-se um crucifixo de ébano e um Cristo agonizante.

Conforme a obscuridade cambiante e o brilho tremeluzente da vela oscilavam aqui e ali, ora era o médico barbudo, Lucas, que se intrigava; ora era o longo cabelo de são João que ondulava; e ora a face diabólica de Judas que se projetava do painel, parecendo ganhar vida e ameaçar uma revelação do arquitraidor – do próprio Satã – na forma de seu subordinado.

Em meio a tudo isso, eu precisava aguçar os ouvidos, bem como os olhos: ficar atenta aos movimentos da besta selvagem ou do demônio na outra sala. Mas desde a visita do sr. Rochester ela parecia enfeitiçada: durante toda a noite só o que ouvi foram três sons a três longos intervalos – o chão ranger sob o ruído de um passo, uma retomada momentânea daquele rosado canino e um profundo gemido humano.

Então meus próprios pensamentos me preocuparam. Que crime era aquele, encarnado naquela mansão isolada, que não podia ser nem expelido nem

subjugado pelo seu proprietário? Que mistério era aquele que explodira ora em fogo, ora em sangue, nas horas mais avançadas da noite? Que criatura era aquela que, disfarçada com o rosto e a voz de uma mulher comum, falava ora com a voz de um demônio debochado, ora como uma ave de rapina em busca de carniça?

E esse homem sobre o qual eu me debruçava: esse estranho tão comum e quieto – como ele se envolvera nessa teia de horrores? E por que a Fúria [125](#) se atirara sobre ele? O que o levara a ir até aquela parte da casa num momento inoportuno, quando deveria estar na cama, dormindo? Eu ouvira o sr. Rochester lhe indicar um quarto lá embaixo... o que o levara até ali? E por que, agora, ele se mostrava tão resignado diante da violência e da perfídia cometidas contra ele? Por que se submetera com tanta docilidade ao silêncio imposto pelo sr. Rochester? *Por que* o sr. Rochester impusera esse silêncio? Seu hóspede fora ultrajado; sua própria vida, numa ocasião anterior, sofrera um atentado. E ambos os casos ele ocultara em sigilo e esquecimento! Por fim, vi que o sr. Mason era submisso ao sr. Rochester, que a impetuosa determinação deste último tinha um controle absoluto sobre a inércia do primeiro: as poucas palavras trocadas entre eles me haviam mostrado isso. Era óbvio que, em suas relações no passado, a atitude passiva de um fora habitualmente influenciada pela energia ativa do outro. De onde viera, então, o receio do sr. Rochester, quando soubera da chegada do sr. Mason? Por que o mero nome daquele indivíduo fraco – a quem suas palavras bastavam para controlar feito uma criança – caíra sobre ele, algumas horas antes, como um raio sobre um carvalho?

Ah! Eu não conseguia esquecer a expressão e a palidez de seu rosto quando ele sussurrara: “Jane, recebi um golpe... recebi um golpe, Jane.” Não conseguia esquecer como seu braço tremia ao pousar em meu ombro, e não seria uma coisinha insignificante a que poderia derrubar desse jeito o espírito determinado e a postura vigorosa de Fairfax Rochester.

“Quando será que ele volta? Quando será que ele volta?”, exclamei mentalmente, conforme a noite se arrastava e o meu paciente, sangrando, gemia e ficava cada vez mais prostrado e indisposto. Nem o dia nem a ajuda chegavam. Eu levara repetidas vezes a água aos lábios pálidos de Mason; repetidas vezes lhe oferecera os sais estimulantes. Meus esforços pareciam inúteis: o sofrimento físico ou o mental, ou a perda de sangue, ou as três

coisas juntas, estavam esgotando depressa suas forças. Ele gemia tanto, e parecia tão enfraquecido, aterrorizado e desorientado que temi que estivesse morrendo; e nem sequer podia falar com ele.

A vela, por fim, se consumiu e apagou; com isso, percebi raios de luz cinzenta avançando pelas cortinas: a aurora se aproximava. Logo ouvi Pilot latindo lá embaixo, em seu distante canil no pátio: a esperança se reavivou. E não foi à toa: mais cinco minutos e o ruído da chave abrindo a fechadura me informou que seria liberada da minha vigília. Não devia ter durado mais do que duas horas, mas muitas semanas pareceram mais curtas.

O sr. Rochester entrou, e com ele o médico que fora chamar.

– Bem, Carter, seja rápido – ele lhe disse. – Dou-lhe meia hora para tratar da ferida, fazer as ataduras e levar o paciente lá para baixo.

– Mas ele está em condições de se mover, senhor?

– Sem dúvida que está; não é nada sério. Ele está nervoso, precisamos animá-lo. Venha, comece a trabalhar.

O sr. Rochester abriu a espessa cortina e a veneziana, deixou entrar toda a luz possível; surpreendeu-me ver o quanto a aurora já ia avançada, e os raios cor-de-rosa que começavam a iluminar o céu a leste. Então ele se aproximou de Mason, de quem o médico já cuidava.

– Bem, meu amigo, como se sente? – perguntou.

– Acho que ela acabou comigo – foi a débil resposta.

– De modo algum... coragem! Daqui a um par de semanas já estará curado: só perdeu um pouco de sangue, mais nada. Carter, diga-lhe que não há perigo.

– Posso fazer isso com a consciência tranquila – disse Carter, que tirara as ataduras –; só gostaria de ter chegado mais cedo: ele não teria sangrado tanto. Mas o que é isto? A pele no ombro está rasgada, não apenas cortada. Esta ferida não foi causada por uma faca: há marcas de dentes aqui!

– Ela me mordeu – murmurou ele. – Atacou-me feito uma tigresa quando Rochester tirou dela a faca.

– Não devia ter se submetido: deveria tê-la agarrado imediatamente – disse o sr. Rochester.

– Mas naquelas circunstâncias o que poderia fazer? – disse Mason. – Ah,

foi assustador! – ele acrescentou, estremecendo. – E eu não esperava: ela parecia tão calma, a princípio.

– Eu avisei – foi a resposta de seu amigo. – Disse a você que ficasse de guarda quando se aproximasse dela. Além disso, poderia ter esperado até o dia seguinte, para que eu o acompanhasse. Foi uma loucura tentar vê-la hoje, e sozinho.

– Pensei que poderia lhe fazer bem.

– Pensou! Pensou! Sim, fico impaciente ao ouvi-lo. Mas seja como for, você sofreu, e sofrerá ainda mais por não ouvir meu conselho, então não direi mais nada. Carter... depressa! Depressa! O sol já vai nascer, e preciso que ele vá embora.

– Pois não, senhor; terminei de fazer o curativo no ombro. Preciso cuidar desta outra ferida no braço; parece que ela também mordeu aqui.

– Ela chupou o sangue. [126](#) Disse que ia sugar meu coração – falou Mason.

Vi o sr. Rochester estremecer: uma expressão singular de repulsa, horror e ódio se apossou de seu rosto, quase a ponto de distorcê-lo. Mas ele disse somente:

– Vamos, agora cale-se, Richard, e não pense mais nas bobagens que ela disse: não repita as suas palavras.

– Gostaria de esquecê-las – foi a resposta.

– Vai esquecer, quando tiver deixado o país. Quando regressar a Spanish Town, pode pensar nela como morta e enterrada... ou, antes, não precisa pensar nela em absoluto.

– Impossível esquecer esta noite!

– Não é impossível: encontre um pouco de energia, homem. Há duas horas pensou que estava morto, e está vivo e falante agora. Pronto! Carter já terminou, ou quase; vou arrumá-lo num piscar de olhos. Jane – ele se voltou para mim pela primeira vez desde que regressara –, pegue esta chave: desça ao meu quarto e vá direto ao quarto de vestir; abra a gaveta de cima da cômoda e pegue uma camisa limpa e um lenço para o pescoço. Traga-os para cá, e seja rápida.

Obedeci; encontrei o armário que ele mencionara, os artigos enumerados, e regressei com eles.

– Agora – disse ele –, vá para o outro lado da cama enquanto eu o visto, mas não saia do quarto: pode ser que precise de você outra vez.

Afastei-me como ele orientara.

– Já havia movimento quando você desceu, Jane? – indagou pouco depois o sr. Rochester.

– Não, senhor: tudo estava bastante quieto.

– Vamos tirá-lo daqui discretamente, Dick. Isso vai ser melhor tanto para você quanto para aquela pobre criatura ali do lado. Faz muito tempo que tento evitar um escândalo, e não gostaria que isso por fim acontecesse. Aqui, Carter, ajude-o com o colete. Onde deixou o casaco forrado de pele? Não pode viajar nem um quilômetro sem ele, neste diabo de clima frio. Em seu quarto? Jane, corra ao quarto do sr. Mason, o que fica ao lado do meu, e pegue o casaco que encontrar lá.

Mais uma vez corri, mais uma vez regressei, trazendo um imenso sobretudo forrado e debruado de pele.

– Agora tenho outra missão para você – disse o meu incansável senhor –; precisa voltar ao meu quarto. Que bênção você estar calçando veludo, Jane! Um mensageiro ruidoso não serviria, nesta situação. Deve abrir a gaveta do meio do meu lavatório e tirar dali um pequeno frasco e um copinho. Rápido!

Outra vez corri até lá e voltei, com os objetos pedidos.

– Muito bem! Agora, doutor, tomarei a liberdade de administrar eu mesmo uma dose, assumindo a responsabilidade. Comprei este tônico em Roma, de um charlatão italiano... um sujeito que você teria posto para correr a pontapés, Carter. Não é para ser usado indiscriminadamente, mas é bom em certas ocasiões: agora, por exemplo. Jane, um pouco d'água.

Ele estendeu o copinho, que enchi até a metade com água da garrafa que estava sobre o lavatório.

– Já é suficiente. Agora molhe a borda do frasco.

Fiz isso; ele contou doze gotas de um líquido carmim e entregou a Mason.

– Beba, Richard: vai lhe dar o coração de que está precisando, por uma hora ou mais.

– Mas isso não vai me fazer mal? Não é inflamatório?

– Beba! Beba! Beba!

O sr. Mason obedeceu, porque evidentemente era inútil resistir. Estava vestido, agora: ainda com aspecto pálido, mas já não mais todo sujo de sangue. O sr. Rochester deixou que ficasse sentado ali por três minutos depois de engolir o tônico; então segurou-lhe o braço:

– Agora tenho certeza de que consegue ficar em pé – disse ele –; tente.

O paciente se levantou.

– Carter, segure-o por baixo do outro ombro. Anime-se, Richard; venha... assim!

– Eu me sinto melhor, de fato...

– Tenho certeza disso. Agora, Jane, desça na frente e vá até a porta dos fundos; abra o ferrolho da porta lateral, e diga ao cocheiro da diligência postal que verá no pátio, ou um pouco mais adiante, pois pedi a ele que não passasse com suas rodas pesadas sobre o cascalho, que esteja a postos. Estamos a caminho. E, Jane, se encontrar alguém, venha até o pé da escada e pigarreie.

A essa altura, eram cinco da manhã e o sol estava prestes a nascer, mas a cozinha ainda estava escura e silenciosa. A porta lateral estava trancada; abri-a com o menor ruído possível. O pátio estava silencioso, mas os portões se encontravam abertos, e lá fora estava parada uma diligência postal, com os cavalos atrelados e o cocheiro sentado na boleia. Aproximei-me, e disse que os cavalheiros estavam a caminho. Ele assentiu, e eu então olhei cuidadosamente ao redor, os ouvidos atentos. A quietude da manhã se demorava em toda parte: as cortinas ainda estavam fechadas nas janelas dos quartos dos criados; passarinhos começavam a cantar nas árvores floridas do pomar, cujos galhos pendiam feito guirlandas brancas sobre o muro que ladeava o pátio; os cavalos de quando em quando batiam com as patas no chão em seus estábulos fechados – tudo mais estava quieto.

Os cavalheiros chegaram. Mason, apoiando-se no sr. Rochester e no médico, parecia caminhar com tolerável facilidade; ajudaram-no a subir na carruagem. Carter seguiu-o.

– Cuide dele – disse o sr. Rochester a este último –, e hospede-o em sua casa até que fique curado. Passo dentro de um ou dois dias para ver como ele está. Richard, como se sente?

- O ar fresco me reanima, Fairfax.
- Deixe a janela aberta do lado dele, Carter; não está ventando. Até logo, Dick.
- Fairfax...
- O que foi?
- Cuidem dela... tratem-na com carinho, e... – ele parou de falar e irrompeu em lágrimas.
- Faço o possível; sempre fiz, e continuarei fazendo – foi a resposta. Ele fechou a porta da diligência e o veículo se foi.
- Deus queira que haja um fim para tudo isso! – acrescentou o sr. Rochester, enquanto fechava os pesados portões e atravessava neles a barra.

Feito isso, caminhou com passos lentos e ar distraído na direção de uma porta que bordejava o pomar. Supondo que ele já não precisava mais de mim, preparei-me para regressar à casa; mas uma vez, porém, ouvi-o chamar:

- Jane!
- Ele segurava a porta aberta e estava parado ali, esperando por mim.
- Venha tomar um pouco de ar fresco por um momento – disse ele –; essa casa é uma masmorra, não acha?
- Parece-me uma mansão esplêndida, senhor.
- O encanto da inexperiência tolda seus olhos – respondeu ele –, e você a vê através de um véu de encantamento: não consegue perceber que os enfeites dourados são limo e a seda, teias de aranha; que o mármore é sórdida ardósia e a madeira polida, meras lascas refugadas e troncos retorcidos. *Aqui*, porém – e ele apontou para o terreno verdejante onde havíamos entrado –, tudo é real, encantador e puro.

Ele tomou uma aleia ladeada por arbustos, macieiras, pereiras e cerejeiras e, do outro lado, um canteiro com todo tipo de flores tradicionais, cravo-dos-poetas, prímulas, amores-perfeitos, misturados a abrótnos, roseiras-bravas e várias ervas aromáticas. Tudo estava tão fresco quanto uma sucessão de chuvas e o sol de abril, numa adorável manhã de primavera, tornavam possível: o sol despontava a leste, e a luz brilhava sobre as árvores floridas e úmidas de orvalho, reluzindo nos tranquilos caminhos entre elas.

– Jane, aceita uma flor?

Ele colheu um botão de rosa, o primeiro do arbusto, e me ofereceu.

– Obrigada, senhor.

– Gosta deste nascer do sol, Jane? Este céu, com suas nuvens altas e finas, que com certeza vão se dissipar quando o dia esquentar um pouco... esta atmosfera plácida e encantadora?

– Gosto muito.

– Você teve uma noite estranha, Jane.

– Sim, senhor.

– E fez com que ficasse pálida... sentiu medo quando a deixei sozinha com Mason?

– Tive medo que alguém saísse do quarto interno.

– Mas eu havia trancado a porta; tinha a chave no meu bolso. Seria um pastor descuidado se deixasse minha ovelha, minha ovelha de estimação, [127](#) tão perto da toca de um lobo, sem proteção. Você estava a salvo.

– Grace Poole vai continuar morando aqui, senhor?

– Ah, sim! Não se preocupe com ela... tire isso dos seus pensamentos.

– Mas parece que a sua vida corre risco, se ela ficar.

– Não se preocupe... posso cuidar de mim.

– O perigo da última noite já passou, senhor?

– Não posso garantir, enquanto Mason não tiver deixado a Inglaterra. Nem mesmo quando isso acontecer. Viver, para mim, Jane, é estar pisando sobre a crosta de um vulcão que pode se abrir e cuspir fogo a qualquer momento.

– Mas o sr. Mason parece um homem fácil de se levar. Sua influência, senhor, é claramente forte sobre ele: nunca há de desafiá-lo ou ofendê-lo intencionalmente.

– Ah, não! Mason não iria me desafiar; nem, por sua própria vontade, me ofender. Mas pode ser que, sem querer, em algum momento, através de uma palavra descuidada, ele me prive se não da vida pelo menos da felicidade, e para sempre.

– Diga-lhe para ser cuidadoso, senhor: relate a ele o seu temor, e lhe

mostre como evitar qualquer risco.

Ele deu uma risada sardônica, segurou apressadamente a minha mão e largou-a com a mesma pressa.

– Se eu pudesse fazer isso, sua ingênuia, onde estaria o risco? Seria aniquilado no mesmo instante. Desde que conheço Mason, só o que tenho a fazer é lhe dizer “Faça isso” para que algo seja feito. Mas neste caso não posso lhe dar ordens. Não posso lhe dizer “Cuidado para não me fazer mal, Richard”, pois é imperativo que ele não saiba desse poder de me fazer mal. Agora você está intrigada; vou deixá-la mais intrigada ainda. Você é minha amiga, não é?

– Gosto de lhe servir, senhor, e de lhe obedecer em tudo o que for correto.

– Justamente: isso eu percebo. Vejo genuína satisfação em sua atitude e em seu aspecto, em seus olhos e em seu rosto, quando está me ajudando e tentando me agradar... trabalhando para mim, e comigo, em, como você diz, com essas palavras tão típicas suas, *tudo o que for correto*. Pois, se eu lhe pedisse para fazer o que considera errado, não haveria corridas com passos leves, nem essa prontidão tão eficiente, não haveria olhar vívido nem rosto animado. Minha amiga haveria de se voltar para mim, quieta e pálida, e diria: “Não, senhor, isso é impossível; não posso fazer, porque está errado.” E ficaria tão inflexível quanto uma estrela fixa no céu. Bem, você também tem influência sobre mim, e poderia me fazer mal. Mas não ouso lhe mostrar onde sou vulnerável, por medo de que você, mesmo fiel e amigável como é, fosse imediatamente me apunhalar.

– Se não tem nada mais a temer do sr. Mason do que de mim, senhor, está a salvo.

– Deus queira que sim! Venha, Jane, há um caramanchão aqui; sente-se.

O caramanchão era um arco no muro, forrado de hera; nele havia um banco rústico. O sr. Rochester se sentou, deixando, porém, espaço para mim. Mas fiquei parada de pé diante dele.

– Sente-se – disse ele –; o banco é grande o bastante para dois. Você não hesita em vir se sentar ao meu lado, não é mesmo? Isso é errado, Jane?

Respondi indo ocupar o lugar que ele indicava: recusá-lo não teria sido sábio, eu senti.

– Agora, minha pequena amiga, enquanto o sol bebe o orvalho, enquanto todas as flores neste velho jardim acordam e se expandem, e os passarinhos vão buscar o desjejum dos filhotes no milharal, e as abelhas madrugadoras começam o primeiro turno de trabalho, vou lhe apresentar um caso, que deve tentar considerar seu. Mas primeiro olhe para mim, e diga-me se se sente confortável, e não teme que eu esteja errado ao pedir que fique, ou que você esteja errada ao ficar.

– Não, senhor; estou bem.

– Bem, Jane, então recorro à sua imaginação: imagine se não fosse mais uma moça bem-educada e disciplinada mas um rapaz impulsivo, mimado desde sua infância; imagine-se num remoto país estrangeiro; suponha que ali você viesse a cometer um erro capital, não importa de que natureza ou quais os motivos, mas um erro cujas consequências haveriam de segui-lo por toda a vida e macular toda a sua existência. Veja bem, não digo um *crime*; não estou falando de derramamento de sangue ou algum outro ato culpado, que poderia fazer seu perpetrador punível pela lei: a palavra que uso é *erro*. Os resultados do que fez tornam-se com o tempo insuportáveis para você, que toma medidas para encontrar alívio. Medidas inusitadas, mas nem ilegais, nem culpáveis. Ainda assim, sente-se infeliz, pois a esperança o abandonou bem no começo da vida: ao meio-dia, seu sol escurece por causa de um eclipse,¹²⁸ que você sente que não terminará até a hora do crepúsculo. Recordações amargas e vis tornaram-se o único alimento da sua memória: você vagueia por toda parte, buscando o repouso no exílio e a felicidade no prazer – refiro-me ao prazer duro e sensual – que embota o intelecto e faz murchar os sentimentos. O coração cansado e a alma esvaziada, volta para casa após anos de banimento voluntário. Conhece alguém, não importa como nem onde: nessa pessoa encontra muitas das excelentes qualidades que passou vinte anos buscando, sem sucesso; são puras, saudáveis, sem nódoas ou manchas. Estar em sua companhia faz com que reviva, com que se regenere: sente o regresso de dias melhores... de desejos mais elevados e sentimentos mais puros. Deseja recomeçar a vida, e passar o que resta dos seus dias de um modo mais digno a um ser imortal. Para atingir esse fim, justifica-se que deixe de lado um habitual obstáculo... mero impedimento convencional, que nem sua consciência santifica, nem sua razão aprova?

Ele fez uma pausa, esperando pela resposta. E o que eu deveria dizer? Ah,

quem me dera algum espírito benigno me sugerisse uma réplica sensata e satisfatória! Vã aspiração! O vento oeste sussurrava entre a hera ao meu redor, mas nenhum gentil Ariel ¹²⁹ pegava emprestado seu sopro como maneira de falar comigo. Os pássaros cantavam no topo das árvores, mas seu canto, embora adorável, não tinha palavras.

Mais uma vez o sr. Rochester expôs sua pergunta:

– Terá razão o homem errante e pecador, mas agora arrependido e desejoso de repousar, em desafiar a opinião do mundo a fim de se unir para sempre a uma suave, graciosa e amável estranha, garantindo desse modo sua própria paz de espírito e a regeneração de sua vida?

– Senhor – respondi –, o repouso de um errante e a correção de um pecador nunca deveriam depender de outra pessoa. Homens e mulheres morrem; às vezes falta sabedoria aos filósofos e bondade aos cristãos. Se alguém que o senhor conhece sofreu e errou, que busque em algum lugar acima dos seus semelhantes a força para reparar os erros e o consolo para se curar.

– Mas o instrumento... o instrumento! Deus, que faz o trabalho, determina o instrumento. Eu próprio, e digo-lhe sem nenhuma parábola, fui um homem mundano, dissoluto e inquieto, e acredito ter encontrado o instrumento da minha cura em...

Ele fez uma pausa. Os pássaros seguiam gorjeando, as folhas tremulando levemente. Quase me surpreendeu que não interrompessem seus trinados e sussurros para ouvir a revelação que ia se seguir, mas teriam que esperar vários minutos – foi quanto o silêncio se estendeu. Por fim ergui os olhos para o meu moroso interlocutor: ele me fitava ansiosamente.

– Minha pequena amiga – disse, num tom bastante diferente... e seu rosto também mudou, perdendo toda a suavidade e gravidade, e se tornando severo e sarcástico –, já notou a predileção que demonstro pela srt. Ingram: não acha que se eu me casasse com essa dama ela haveria de me regenerar com uma vingança?

Ele se levantou imediatamente, foi até a outra extremidade do caminho, e quando voltou cantarolava uma melodia.

– Jane, Jane – disse, parando diante de mim –, está muito pálida por conta das vigílias. Não me amaldiçoa por atrapalhar seu descanso?

– Amaldiçoá-lo? Não, senhor.

– Vamos apertar as mãos para confirmar isso. Que dedos frios! Estavam mais quentes ontem à noite quando os toquei à porta do quarto misterioso. Jane, quando fará uma vigília comigo novamente?

– Quando eu puder ser útil, senhor.

– Por exemplo, na véspera do meu casamento! Tenho certeza de que não conseguirei dormir. Promete ficar acordada comigo e me fazer companhia? Com você posso falar da minha adorável noiva, pois você já a viu e a conhece.

– Sim, senhor.

– Ela é extraordinária, não é, Jane?

– Sim, senhor.

– Uma mulher e tanto... uma mulher e tanto, Jane: alta, morena e jovem, com cabelos como as damas de Cartago [130](#) deviam ter. Valha-me! Lá estão Dent e Lynn no estábulo! Vá embora por entre os arbustos, por aquele portãozinho.

Enquanto eu seguia numa direção e ele na outra, pude ouvi-lo no pátio, dizendo alegremente:

– Mason levantou mais cedo que todos vocês hoje. Foi embora antes da alvorada. Acordei às quatro da manhã para me despedir dele.

[124](#) . Encenada pela primeira vez entre os anos de 1598 e 1599, *Muito barulho por nada* é uma comédia de William Shakespeare. Os acontecimentos se passam na cidade de Messina, na Sicília, e o tema é amoroso: trata das dificuldades de enlace de dois casais de namorados, Cláudio e Hero – separados ao longo da trama pelos malfeitos de Dom João, irmão bastardo de Dom Pedro de Aragão, amigo do casal – e Benedick e Beatrice, enamorados cujos desencontros iniciais colocam em pauta questões de gênero. A união de Benedick e Beatrice permitirá o bom desfecho do casal separado.

[125](#) . As fúrias ou erínias viviam nas profundezas do Tártaro, onde torturavam as almas condenadas por Hades ou Perséfone, seus pais. Eram as três personificações da vingança: Tisífone (Castigo), Megera (Rancor) e Alecto (Inominável).

[126](#) . A personagem de Bertha é associada à figura do vampiro. As mais antigas lendas sobre seres que se alimentam da essência vital dos vivos remontam à era pré-cristã e se cristalizaram com maior força nos Balcãs e no Leste Europeu. No Ocidente, a personagem ganha uma primeira elaboração definitiva no conto *O vampiro* (1819), do inglês John Polidori, médico do poeta Lord Byron; porém, outros

proeminentes escritores, como o alemão Johann Wolfgang Goethe, com seu poema narrativo *A noiva de Corinto* (1797), haviam recorrido à lenda.

[127](#) . A parábola do sacrifício que o homem rico, proprietário de farto gado, faz da ovelha do pobre está em 2 Samuel 12.

[128](#) . A passagem alude à cegueira de Sansão em *Os inimigos de Sansão*, drama do poeta inglês John Milton: “Ó escuridão, escuridão, em meio aos raios do sol,/ tudo irrecuperavelmente escuro, eclipse total” (vv.80-1).

[129](#) . Ariel é o espírito a serviço do protagonista Próspero em *A tempestade* (1610-11), de William Shakespeare.

[130](#) . Santo Agostinho abre o Livro III de suas *Confissões* com a seguinte passagem: “Cheguei a Cartago, e por toda parte fervilhava a sertã de amores impuros.”

CAPÍTULO 21

QUE COISA ESTRANHA são os pressentimentos! E também a simpatia, e os sinais; [131](#) os três combinados compõem um mistério cuja chave a humanidade ainda não encontrou. Nunca ri de um pressentimento em minha vida, porque eu própria já tive alguns bastante peculiares. Há certos casos, acredito, em que a simpatia funciona de um modo capaz de desafiar a compreensão mortal – por exemplo, entre parentes muito distantes, que não se veem há tempos, totalmente separados um do outro e que, apesar do afastamento, reforçam a unidade da fonte à qual sua origem remonta. E os sinais, até onde sabemos, talvez não sejam mais do que a simpatia entre a Natureza e os homens.

Quando eu era bem pequena, aos seis anos apenas, certa noite ouvi Bessie Leaven dizer a Martha Abbot que sonhara com uma criança, e que sonhar com crianças era um sinal inequívoco de problemas, ou para a própria pessoa ou para sua família. O dito poderia ter se apagado da minha memória não fosse por uma circunstância que se seguiu de imediato e que serviu para fixá-lo ali de maneira indelével. No dia seguinte, mandaram Bessie para casa, para junto do leito de morte de sua irmãzinha.

Recentemente, eu recordara o presságio e o incidente, pois na semana anterior quase não se passara uma noite em que eu não tivesse sonhado com uma criança pequena, que às vezes embrulhava em meus braços, às vezes balançava sobre os joelhos, às vezes observava brincando com as margaridas num jardim, ou com as mãos num regato. Uma criança chorando, numa noite, e uma criança rindo na outra; ora se aninhava ao meu lado, ora corria de mim. Mas fosse qual fosse o estado de espírito demonstrado pela aparição, fosse qual fosse o seu aspecto, por sete noites consecutivas veio me receber no instante em que eu pisava no território do sono.

Não gostei dessa iteração de uma ideia – essa estranha recorrência de uma imagem. Ia ficando nervosa conforme se aproximava a hora de dormir, e a

visão se acercava. Da companhia desse fantasma bebê arrancara-me o grito naquela noite de lua; na tarde do dia seguinte, fui chamada lá embaixo com o recado de que alguém queria me ver nos aposentos da sra. Fairfax. Ali encontrei à minha espera um homem com o aspecto do criado de um cavalheiro: trajava roupas de luto, e o chapéu que trazia nas mãos estava envolvido por uma faixa de crepe.

– Suponho que mal se lembre de mim, senhorita – disse ele, levantando-se quando entrei –; mas meu nome é Leaven: trabalhava como cocheiro para a sra. Reed quando a senhorita vivia em Gateshead, faz oito ou nove anos, e ainda estou lá.

– Ah, Robert! Como vai? Lembro-me muito bem de você. Às vezes me levava para passear no pônei da srt. Georgiana. E como está Bessie? É casado com ela?

– Sim, senhorita. Minha esposa vai muito bem, obrigado; deu à luz mais um pequeno faz dois meses. Agora temos três, e tanto a mãe quanto o bebê estão ótimos.

– E na casa, a família vai bem, Robert?

– Lamento não poder lhe dar melhores notícias da parte deles, senhorita. Neste momento, sofrem muito... estão enfrentando grandes problemas.

– Espero que ninguém tenha morrido – eu disse, olhando para seus trajes negros.

Ele também olhou para o crepe em torno do chapéu e respondeu:

– O sr. John morreu ontem à noite, em seus aposentos em Londres.

– O sr. John?

– Sim.

– E como a mãe dele está reagindo?

– Bem, foi uma tragédia, srt. Eyre: a vida dele era muito desregrada. Nos últimos três anos ele se entregou a estranhos vícios, e sua morte foi desconcertante.

– Bessie me contou que ele não estava bem.

– Não estava bem? Ele não poderia estar pior. Arruinou sua fortuna e suas posses em meio aos piores homens e às piores mulheres. Endividou-se e foi

para a cadeia. Sua mãe o ajudou duas vezes, mas assim que se via em liberdade ele regressava aos velhos companheiros e hábitos. Sua mente não era forte: os patifes entre os quais vivia o enganavam de um jeito como nunca vi. Ele veio para Gateshead há umas três semanas e queria que a madame abrisse mão de tudo por ele. A madame se recusou: seus recursos já haviam sido muito reduzidos por causa das extravagâncias dele. Então ele se foi de novo, e a próxima coisa que soubemos foi que estava morto. Como ele morreu, só Deus sabe! Dizem que se matou.

Fiquei em silêncio. As notícias eram espantosas. Robert Leaven continuou:

– A própria madame tem andado doente já faz algum tempo. Ficou mais robusta, mas não ganhou força com isso; a perda do dinheiro e o medo da pobreza estavam acabando com ela. A notícia da morte de John e a maneira como aconteceu foram súbitas demais: ela teve um derrame. Ficou três dias sem falar, mas na última terça-feira parecia bem melhor. Dava a impressão de estar querendo dizer alguma coisa, ficava fazendo sinais para a minha esposa e balbuciando. Só ontem de manhã, porém, Bessie entendeu que ela estava pronunciando o seu nome, e por fim compreendeu as palavras: “Traga Jane... vá buscar Jane Eyre. Quero falar com ela.” Bessie não sabe ao certo se ela está raciocinando com clareza, ou se essas palavras significam alguma coisa, mas contou à srta. Reed e à srta. Georgiana, aconselhando-as a mandar chamá-la. Elas não levaram a sério, a princípio, mas a mãe estava ficando tão inquieta, e dizia “Jane, Jane” tantas vezes que por fim consentiram. Deixei Gateshead ontem; se tiver condições de se aprontar, senhorita, gostaria de levá-la comigo amanhã de manhã cedo.

– Sim, Robert, estarei pronta. Parece-me que devo ir.

– Também acho, senhorita. Bessie me disse ter certeza de que não iria recusar. Mas imagino que tenha de pedir permissão para se ausentar?

– Sim, e vou fazer isso agora.

Indicando-lhe o salão dos criados e pedindo que a esposa de John cuidasse dele, e que o próprio John também lhe fizesse companhia, fui procurar o sr. Rochester.

Ele não estava em nenhum dos aposentos do térreo; não estava no pátio, na estrebaria ou nos jardins. Perguntei à sra. Fairfax se o havia visto – sim: ela achava que ele estava jogando bilhar com a srta. Ingram. Fui então até a sala

de bilhar, onde ressoavam o entrechocar das bolas e o murmúrio de vozes. O sr. Rochester, a srt. Ingram, as duas srtas. Eshton e seus admiradores estavam todos absortos pelo jogo. Requeria certa coragem incomodar um grupo tão interessante; minha missão não podia, contudo, ser adiada, de modo que me aproximei do meu senhor ali mesmo onde ele estava, ao lado da srt. Ingram. Ela se virou para mim enquanto eu me aproximava, e me fitou com altivez: seus olhos pareciam indagar “O que poderia agora querer essa criatura rastejante?”, e quando eu disse, em voz baixa, “sr. Rochester”, ela fez um gesto como se estivesse tentada a me mandar embora. Lembro-me de sua aparência naquele momento – ela estava muito bonita e atraente: usava um vestido de crepe azul-celeste, e uma diáfana echarpe azul se retorcia em seu cabelo. Ela estava animada com o jogo, e o orgulho irritado não perturbou a expressão de altivez de seu rosto.

– Esta pessoa está precisando falar com você? – ela perguntou ao sr. Rochester; e o sr. Rochester se virou para ver quem era “esta pessoa”.

Fez uma estranha careta – uma de suas peculiares e ambíguas demonstrações; largou o taco e me acompanhou para fora da sala.

– Sim, Jane? – disse, apoiando as costas na porta da sala de aula, que fechara.

– Se não se importar, senhor, gostaria de me ausentar por uma ou duas semanas.

– Para fazer o quê? Para ir aonde?

– Ver uma senhora enferma que mandou me chamar.

– Que senhora enferma? Onde ela vive?

– Em Gateshead, no condado de...

– Condado de...? Isso fica a cento e cinquenta quilômetros daqui! Quem pode ser essa senhora que manda chamar pessoas assim tão distantes?

– O nome é Reed, senhor. Sra. Reed.

– Reed de Gateshead? Havia um Reed de Gateshead, um magistrado.

– É a viúva, senhor.

– E o que você tem a ver com ela? Como se conhecem?

– O sr. Reed era meu tio, irmão da minha mãe.

– Coisa nenhuma! Você nunca me disse isso; sempre afirmou que não tinha parentes.

– Nenhum que me reconheça como tal, senhor. O sr. Reed está morto, e sua esposa me mandou embora.

– Por quê?

– Porque eu era pobre, e um fardo, e ela não gostava de mim.

– Mas Reed deixou filhos? Você deve ter primos? Sir George Lynn falava de um Reed de Gateshead ontem; alguém que, segundo ele, era um dos piores patifes da cidade. E Ingram mencionava uma Georgiana Reed, do mesmo lugar, que foi muito admirada por sua beleza em Londres há uma temporada ou duas.

– John Reed está morto, senhor. Arruinou a si mesmo e quase arruinou a família. Dizem que cometeu suicídio. A notícia deixou a mãe em tal estado de choque que ela teve um ataque apoplético.

– E em que você vai poder ajudá-la? Bobagem, Jane! Eu nunca pensaria em correr cento e cinquenta quilômetros para ver uma senhora idosa que talvez esteja morta quando você chegar. Além do mais, você disse que ela a mandou embora.

– Sim, senhor, mas já faz muito tempo, e quando sua situação era muito diferente. Não seria fácil desconsiderar seu desejo agora.

– Quanto tempo vai ficar?

– O mínimo possível, senhor.

– Prometa-me que só vai ficar uma semana...

– É melhor eu não dar a minha palavra: talvez seja obrigada a faltar com ela.

– Mas seja como for você *vai* voltar; não hão de convencê-la, sob pretexto algum, a ir morar definitivamente com ela?

– Ah, não! Certamente hei de voltar, se tudo correr bem.

– E quem vai com você? Não tem como viajar cento e cinquenta quilômetros sozinha.

– Não, senhor, ela mandou o cocheiro.

– Gente de confiança?

– Sim, senhor; faz dez anos que está com a família.

O sr. Rochester refletiu.

– Quando deseja ir?

– Amanhã de manhã cedo, senhor.

– Bem, deve levar algum dinheiro; não pode viajar sem dinheiro, e suponho que não tenha muito: ainda não lhe paguei seu salário. Quanto você possui no mundo, Jane? – perguntou ele, sorrindo.

Peguei meu porta-moedas, que estava bem magro.

– Cinco xelins, senhor.

Ele pegou a bolsa, despejou o conteúdo na palma da mão e riu, como se achasse graça da escassez. Logo pegou sua carteira.

– Tome – disse, oferecendo-me uma nota; eram cinquenta libras, e ele só me devia quinze.

Eu lhe disse que não tinha troco.

– Não quero troco, você sabe disso. Tome o seu salário.

Recusei-me a aceitar mais do que o que me era devido. Ele primeiro escarneceu da minha atitude; depois, como se dando conta de algo, disse:

– Certo, certo! Melhor não lhe dar tudo agora; você talvez fosse ficar fora três meses se tivesse cinquenta libras. Tome dez; é suficiente?

– Sim, senhor, mas agora o senhor me deve cinco.

– Volte para receber, então. Sou seu banqueiro, estou guardando quarenta libras.

– Sr. Rochester, talvez eu pudesse mencionar um outro assunto de trabalho ao senhor, já que tenho a oportunidade.

– Assunto de trabalho? Estou curioso para ouvir.

– O senhor me informou que vai se casar em breve?

– Sim, e?

– Nesse caso, senhor, Adèle deveria ir para a escola. Tenho certeza de que o senhor perceberá a necessidade.

– Para que saia do caminho da minha noiva, que de outro modo poderia passar por cima dela de forma bem enfática? Há sensatez na sugestão, sem

dúvida. Adèle, como diz, deve ir para a escola; e você, é claro, deve ir diretamente para... o diabo?

– Espero que não, senhor, mas terei que procurar trabalho em outro lugar.

– É claro! – ele exclamou, com um tom de voz algo distorcido e uma deformação nos traços do rosto igualmente fantástica e grotesca.

Ficou olhando para mim durante alguns minutos.

– E vai solicitar à velha madame Reed, ou às srtas., suas filhas, que busquem um emprego para você, suponho?

– Não, senhor; não tenho com meus parentes uma relação que me permitisse lhes pedir um favor... mas vou colocar um anúncio no jornal.

– Você vai subir as pirâmides do Egito! – ele resmungou. – A responsabilidade pelo anúncio é inteiramente sua! Quem me dera ter lhe oferecido um soberano em vez de dez libras. Devolva-me nove libras, Jane; sei o que fazer com elas.

– E eu também, senhor – retorqui, colocando as mãos e a bolsa nas costas.

– Não poderia abrir mão deste dinheiro de jeito nenhum.

– Moça avarenta! – disse ele. – Recusando uma requisição pecuniária minha! Dê-me cinco libras, Jane.

– Nem cinco xelins, senhor; nem cinco centavos.

– Deixe-me só olhar para o dinheiro.

– Não, senhor; o senhor não é confiável.

– Jane!

– Senhor?

– Prometa-me uma coisa.

– Prometo-lhe qualquer coisa, senhor, que eu ache que vá cumprir.

– Não coloque anúncios, e deixe que eu me encarregue dessa situação. Encontro um emprego para você num piscar de olhos.

– Prometo com prazer, senhor, se por sua vez me prometer que eu e Adèle estaremos ambas em segurança e fora de casa quando sua noiva chegar.

– Está bem! Está bem! Dou a minha palavra. Vai amanhã, então?

– Sim, senhor. Cedo.

- Vai descer à sala de estar depois do jantar?
- Não, senhor, tenho que me preparar para a viagem.
- Então devo me despedir, e dizer até breve?
- Imagino que sim, senhor.
- E como é que as pessoas realizam essa cerimônia de despedida, Jane? Diga-me; não sei fazer isso.
- Dizem “Adeus”, ou a palavra que preferirem.
- Então diga.
- Adeus, sr. Rochester, por ora.
- O que eu devo dizer?
- A mesma coisa, se quiser, senhor.
- Adeus, srtá. Eyre, por ora. Isso é tudo?
- Sim.
- Parece acanhado, na minha opinião, e seco, e pouco amistoso. Gostaria de algo mais: um pequeno acréscimo ao ritual. Se apertarmos as mãos, por exemplo; mas não... isso também não é suficiente. Então, você não fará nada além de dizer adeus, Jane?
- Isso basta, senhor. Uma palavra sincera pode transmitir tanto afeto quanto muitas.

– Provavelmente, mas é inexpressivo e frio... “Adeus”.
“Quanto tempo ele vai ficar parado ali apoiado na porta?”, eu me perguntei; “queria começar a arrumar minhas coisas.” Tocou a sineta do almoço, e de repente ele saiu apressado, sem mais uma sílaba. Não voltei a vê-lo durante o dia, e fui embora antes que se levantasse, pela manhã.

Cheguei ao chalé na entrada de Gateshead por volta das cinco da tarde do primeiro dia de maio. Parei ali antes de ir até a mansão. Estava muito limpo e arrumado: as janelas ornamentais decoradas com cortinhas brancas e o piso imaculado; a grade da lareira e os atiçadores brilhavam, bem-polidos, e o fogo crepitava. Bessie estava sentada junto à lareira, amamentando seu bebê, e Robert e a irmã brincavam tranquilos a um canto.

– Deus a abençoe! Sabia que viria! – exclamou a sra. Leaven quando entrei.

– Sim, Bessie – eu disse, depois de beijá-la –; e tomara que não tenha chegado tarde demais. Como está a sra. Reed? Viva ainda, espero.

– Sim, ainda está viva; mais sensível e controlada do que antes. O médico diz que ainda pode viver por uma ou duas semanas, mas não imagina que vá se recuperar.

– Ela mencionou meu nome ultimamente?

– Falava da senhorita hoje de manhã, esperando que viesse. Mas agora está dormindo, ou estava há dez minutos, quando fui até a casa. Em geral fica um tanto letárgica durante toda a tarde, e acorda por volta das seis ou das sete. Não quer descansar aqui por uma hora, senhorita, e então a acompanho até lá?

Robert entrou nesse momento, e Bessie colocou o bebê adormecido no berço e foi recebê-lo. Em seguida, insistiu para que eu tirasse a touca e tomasse um pouco de chá, pois segundo ela eu estava pálida e com aspecto cansado. Fiquei contente em aceitar sua hospitalidade. Permiti que ela tirasse minha indumentária de viagem com a mesma passividade com que deixava que me despissem quando eu era criança.

Os velhos tempos regressaram velozes à minha memória enquanto eu a observava trabalhar – preparando a bandeja do chá com sua melhor porcelana, cortando pão e manteiga, tostando um bolo e, enquanto isso, dando no pequeno Robert ou na pequena Jane um tapinha ou um leve empurrão, exatamente como fazia comigo antigamente. Bessie não perdera sua irritabilidade, assim como não perdera a agilidade e a beleza.

Pronto o chá, eu ia me aproximar da mesa, mas ela queria, naquele seu velho tom peremptório, que eu ficasse sentada quieta. Eu devia ser servida junto à lareira, disse, e colocou diante de mim uma mesinha redonda com minha xícara e um prato com torradas, do mesmo exato modo como antes me dava uma iguaria roubada numa cadeira de balanço: e eu sorri e obedeci, como em tempos idos.

Ela queria saber se eu estava feliz em Thornfield Hall, e que tipo de pessoa minha senhora era; e, quando lhe disse que havia apenas um senhor, se ele era um cavalheiro gentil e se eu gostava dele. Disse-lhe que era um homem um tanto feio, mas um verdadeiro cavalheiro; que me tratava com gentileza e que eu estava contente. Então comecei a descrever o grupo alegre que

ultimamente estivera hospedado na casa, e cujos detalhes Bessie ouviu com interesse: eram exatamente do tipo que lhe agradava.

Com essa conversa, uma hora se passou: Bessie me devolveu minha touca etc., e, acompanhada por ela, deixei o chalé e fui até a casa principal. Também acompanhada por ela eu descera, quase nove anos antes, o caminho que agora subia. Numa manhã escura, enevoada e fria de janeiro, deixara um teto hostil com o coração desesperado e amargurado – uma sensação de proscrição e quase reprovação – em busca do gélido refúgio de Lowood, aquele país tão remoto e desconhecido.¹³² O mesmo teto hostil erguia-se agora mais uma vez diante de mim: meus horizontes ainda eram incertos, e eu ainda tinha um coração dolorido. Continuava me sentindo uma errante na face da terra;¹³³ mas tinha uma confiança mais firme em mim mesma e em minha força, e era menos intimidante o medo da opressão. A ferida profunda das injustiças também já estava cicatrizada, e a chama do ressentimento, extinta.

– Vá primeiro à sala do café da manhã – disse Bessie, avançando à minha frente, no vestíbulo –; as senhoritas estarão lá.

Um instante depois, eu me encontrava na sala. Ali estava cada peça de mobília exatamente do mesmo modo como na manhã em que fui apresentada ao sr. Brocklehurst: o tapete em que ele pisara ainda cobria a área diante da lareira. Olhando rapidamente para as estantes de livros, acreditei poder distinguir os dois volumes dos *Pássaros ingleses* de Bewick ocupando seu velho lugar na terceira prateleira, e *As viagens de Gulliver* e *As mil e uma noites*¹³⁴ logo acima. Os objetos inanimados não tinham mudado, mas os seres vivos estavam tão diferentes que quase não os reconhecia.

Duas jovens apareceram diante de mim; uma muito alta, quase tão alta quanto a srta. Ingram – muito magra também, a tez lívida e o semblante grave. Havia em sua expressão algo de ascético, acentuado pela simplicidade extrema de um vestido reto de tecido preto, gola de linho engomada, o cabelo penteado para trás, deixando as têmporas descobertas, e um colar de contas de ébano com um crucifixo digno de uma freira. Tive certeza de que era Eliza, embora fossem poucas as semelhanças que encontrava com seu antigo eu naquele rosto solene e sem cor.

A outra com certeza era Georgiana, mas não a Georgiana de que eu me

lembava – a menina esbelta e feérica de onze anos de idade. Aquela era uma jovem perfeitamente roliça, branca feito cera, de traços bonitos e harmoniosos, lânguidos olhos azuis e cabelo louro cacheado. Seu vestido também era preto, mas o modelo tão diferente do de sua irmã – tão mais leve e bonito – que parecia elegante na mesma medida em que o outro parecia puritano.

Em cada uma das duas irmãs havia um traço de sua mãe – e somente um. A alta e pálida filha mais velha trazia nos olhos aquele mesmo tom cinza-escuro do quartzo das Cairngorms.¹³⁵ A mais nova, viçosa e exuberante, tinha o mesmo contorno do queixo – talvez um pouco suavizado, mas ainda conferindo uma dureza indescritível ao semblante, de resto tão voluptuoso e redondo.

As duas moças, quando me aproximei, levantaram-se para me cumprimentar, e ambas se dirigiram a mim como “srita. Eyre”. A saudação de Eliza veio com uma voz breve e abrupta, e sem um sorriso; ela então voltou a se sentar, manteve os olhos fixos no fogo e pareceu me esquecer. Georgiana acrescentou ao seu “Como vai?” uma série de lugares-comuns sobre a minha viagem, o tempo e coisas do tipo, ditos num tom arrastado e acompanhados por repetidos olhares que me avaliavam da cabeça aos pés – ora atravessando as dobras da minha capa marrom de lã, ora demorando-se em meu gorro simples. Jovens damas têm uma maneira notável de demonstrar que nos consideram ridículos sem ter que pronunciar qualquer palavra. Certo desdém no olhar, frieza na atitude e indiferença no tom expressam plenamente seus sentimentos, sem comprometê-las com palavras ou gestos indelicados.

Mas um sorriso de escárnio, aberto ou não, já não exercia sobre mim o poder de outrora. Sentada entre minhas primas, surpreendeu-me notar como me sentia confortável ante a total desatenção de uma e as cortesias semissarcásticas da outra – Eliza não me humilhava e Georgiana não me irritava. O fato era que eu tinha outras coisas em que pensar. Nos últimos meses, haviam se agitado em mim sentimentos tão mais fortes do que os que elas tinham condições de despertar – dores e prazeres tão mais intensos e deliciosos do que estava em seu poder infligir ou proporcionar – que sua atitude não me dizia nada, nem num sentido positivo, nem negativo.

– Como está a sra. Reed? – logo perguntei, olhando com calma para Georgiana, que reagiu com surpresa à pergunta direta, como se fosse uma

liberdade inesperada.

– A sra. Reed? Ah, a mamãe, você quer dizer. Está muito doente. Não acredito que possa vê-la esta noite.

– Se tiver como subir e lhe dizer que estou aqui – falei –, eu ficaria muito grata.

Georgiana quase teve um sobressalto, e arregalou os ferozes olhos azuis.

– Sei que ela tem um desejo particular em me ver – acrescentei –, e eu não gostaria de adiar a satisfação dessa vontade mais do que o absolutamente necessário.

– A mamãe não gosta de ser perturbada à noite – observou Eliza.

Logo me levantei, tirei a touca e as luvas, sem que me convidassem a fazê-lo, e disse que ia falar com Bessie – que estava, eu supunha, na cozinha – e lhe pedir que verificasse se a sra. Reed estava disposta ou não a me receber naquela noite. Assim fiz, e depois de encontrar Bessie e enviá-la em sua missão resolvi tomar outras atitudes. Até então, fora meu hábito recuar diante da arrogância: ao ser recebida como estava sendo naquele dia, eu teria, um ano antes, decidido deixar Gateshead na manhã seguinte; agora, de imediato percebi que seria uma grande bobagem. Fizera uma viagem de cento e sessenta quilômetros para ver minha tia, e deveria ficar com ela até que se sentisse melhor – ou morresse. Quanto ao orgulho e à tolice de suas filhas, deveria colocá-los de lado, desligar-me de ambos. Então me dirigi à governanta, pedi-lhe que me indicasse um quarto, disse-lhe que provavelmente ficaria na casa por uma semana ou duas, mandei que levasssem meu baú e em seguida me encaminhei para meu aposento. Encontrei Bessie no alto da escada.

– A madame está acordada – disse ela. – Conte-lhe que a senhorita está aqui; vamos ver se vai reconhecê-la.

Eu não precisava que me guiassem ao quarto tão conhecido, ao qual fora chamada tantas vezes para ser castigada ou repreendida em tempos idos. Segui na frente de Bessie, e abri devagar a porta: havia um lampião na mesa, pois já escurecia. Ali estavam a imensa cama com dossel cor de âmbar, a penteadeira, a poltrona e o banquinho para os pés, diante dos quais eu fora uma centena de vezes sentenciada a me ajoelhar e pedir perdão por ofensas que não cometera. Olhei para um canto próximo esperando ver o contorno

magro de uma outrora temida chibata que costumava ficar ali, à espreita, aguardando o momento de saltar como um diabinho e açoitar a palma trêmula das minhas mãos ou meu pescoço encolhido. Aproximei-me da cama; abri o cortinado e me inclinei sobre os travesseiros empilhados.

Lembrava-me bem do rosto da sra. Reed, e busquei ansiosa a imagem familiar. É uma dádiva o fato de que o tempo dê cabo dos desejos de vingança e cale os impulsos da raiva e da aversão. Eu deixara aquela mulher em meio à amargura e ao rancor, e voltava agora com uma emoção que era tão só uma espécie de piedade por seus grandes sofrimentos, e um forte desejo de esquecer todas as ofensas – de me reconciliar e dar as mãos em amizade.

O rosto conhecido estava ali: austero e implacável como sempre. Lá estavam aqueles olhos peculiares que nada conseguia derreter, e as sobrancelhas algo erguidas, imperiosas, despóticas. Quantas vezes aquelas sobrancelhas franzidas me transmitiram ameaças e ódio! E como a lembrança dos terrores e mágoas da juventude eram revividas enquanto eu fitava, agora, seus traços severos! E no entanto eu me abaixei e beijei-a; ela olhou para mim.

– É Jane Eyre? – disse.

– Sim, tia Reed. Como está, querida tia?

Eu jurara, outrora, que nunca voltaria a chamá-la de tia; agora, não achava que seria um pecado quebrar o voto. Meus dedos tinham se fechado em torno dos seus, que estavam descobertos pelo lençol. Se ela tivesse apertado a minha mão com gentileza, eu teria, nesse momento, experimentado um prazer verdadeiro. Mas naturezas pouco emotivas não se deixam amaciar fácil assim, nem antipatias naturais são tão prontamente erradicadas. A sra. Reed tirou a mão e, virando o rosto na outra direção, comentou que a noite estava quente. Mais uma vez me fitou com tanta frieza que senti de imediato que suas opiniões sobre mim – seus sentimentos por mim – estavam inalteradas e eram inalteráveis. Soube por seu olhar de pedra – opaco a qualquer ternura, indissolúvel pelas lágrimas – que ela estava determinada a me considerar uma pessoa má até o fim, porque me estimar não ia lhe trazer nenhum imenso prazer: somente humilhação.

Senti dor, e então senti ira; então senti uma determinação a subjugá-la – a

ser sua senhora, apesar de sua natureza e de sua vontade. Minhas lágrimas brotaram, como na infância: ordenei que regressassem à fonte. Levei uma cadeira para junto da cama; sentei-me e me inclinei sobre o travesseiro.

– Mandou me chamar – eu disse –, e aqui estou; e é minha intenção ficar até ver como a senhora está passando.

– Ah, é claro! Esteve com minhas filhas?

– Sim.

– Bem, pode dizer a elas que quero que fique até que eu consiga falar com você sobre certas coisas que estão na minha mente. Hoje já está tarde, e tenho dificuldade de me lembrar. Mas há algo que eu gostaria de dizer... deixe-me ver...

O olhar perdido e a fala alterada revelavam o estrago que havia sido feito em seu corpo outrora vigoroso. Virando-se, inquieta, ela jogou as cobertas para o lado; meu cotovelo, que se apoiava num canto da colcha, prendeu-a. Ela ficou imediatamente irritada.

– Sente-se! – disse ela. – Não me aborreça prendendo as cobertas. Você é Jane Eyre?

– Sou Jane Eyre.

– Essa garota me deu mais trabalho do que as pessoas haveriam de acreditar. Que fardo deixaram em minhas mãos, e tanto aborrecimento ela me deu, a cada hora do dia, com sua disposição incompreensível, seus súbitos ataques de nervos e sua vigilância contínua e anormal dos movimentos das pessoas! Afirmo que certa vez ela falou comigo como se estivesse louca, ou possuída... nenhuma criança jamais falou daquele jeito, ou com aquele aspecto. Fiquei feliz ao mandá-la embora. O que fizeram com ela em Lowood? Houve um surto de febre lá, e muitas das alunas morreram. Ela, porém, não morreu. Mas eu disse que tinha morrido... gostaria que tivesse!

– Um estranho desejo, sra. Reed; por que a odeia tanto?

– Sempre antipatizei com sua mãe, que era a única irmã do meu marido, e uma grande favorita dele. Ele se opôs quando a família a renegou por ter feito um casamento abaixo do seu nível, e quando recebemos a notícia da sua morte ele chorou como um tolo. Queria mandar buscar o bebê, embora eu lhe implorasse que encontrasse um lugar onde pudesse cuidar dele e pagasse

por esses cuidados. Odiei a menina desde a primeira vez que botei os olhos nela. Uma coisinha enfermiça e fraca, sempre choramingando! Ficava no berço reclamando a noite inteira... não um choro forte como o das outras crianças, eram soluços e gemidos. Reed tinha pena dela, pegava-a no colo e a tratava como se fosse sua. Melhor até do que tratava seus próprios filhos na mesma idade. Tentava fazer com que eles simpatizassem com aquela pequena mendiga, mas os meus amados não podiam tolerá-la, e ele ficava zangado quando demonstravam sua antipatia. Ao curso de sua doença final, mandava que a levassem a toda hora ao seu leito, e uma hora antes de morrer me fez jurar que ficaria com a criatura. Eu teria preferido cuidar de uma criança pobre saída de uma casa de correção. Mas ele era fraco, fraco por natureza. John não se parece com o pai, o que me alegra: John é como eu e os meus irmãos... um verdadeiro Gibson. Ah, gostaria que ele parasse de me atormentar com essas cartas pedindo dinheiro! Não tenho mais para lhe dar. Estamos ficando pobres. Tenho que mandar embora metade dos criados e fechar parte da casa, ou deixá-la. Não posso me submeter a isso... mas como vamos sobreviver? Dois terços da minha renda vão para pagar juros de hipotecas. John é terrivelmente afeito ao jogo, e sempre perde, pobrezinho. É assediado por trapaceiros: está abatido e degradado... sua aparência é assustadora. Sinto vergonha por ele quando o vejo.

Ela estava ficando agitada demais.

– Acho melhor eu ir, por ora – disse a Bessie, que estava de pé do outro lado da cama.

– Talvez seja, senhorita, mas ela fala assim com frequência quando a noite se aproxima... pela manhã fica mais calma.

Levantei-me.

– Pare! – exclamou a sra. Reed. – Há mais uma coisa que eu gostaria de falar. Ele me ameaça... ele me ameaça constantemente com sua própria morte, ou a minha. Às vezes sonho que o vejo com uma imensa ferida no pescoço, ou com o rosto inchado e enegrecido. Cheguei a uma estranha encruzilhada: estou enfrentando muitos problemas. O que devo fazer? Como obter dinheiro?

Bessie agora tentava persuadi-la a tomar um sedativo; conseguiu, a custo. Logo em seguida a sra. Reed ficou mais calma, e começou a cochilar

de leve. Deixei-a.

Mais de dez dias se passaram antes que voltássemos a conversar. Ela continuava ou delirante ou letárgica, e o médico lhe proibiu tudo que pudesse excitá-la e lhe causar sofrimento. Enquanto isso, convivi como podia com Georgiana e Eliza. Estavam de fato muito frias no início. Eliza ficava sentada durante metade do dia costurando, lendo ou escrevendo, e mal dirigia uma palavra a mim ou à irmã. Georgiana conversava tolices com seu canário a toda hora, e nem notava que eu existia. Mas eu estava determinada a não parecer carente de atividades ou diversão. Tinha levado comigo meu material de desenho, que me servia como ambos.

Munida de um estojo com lápis e algumas folhas de papel, eu costumava me sentar afastada delas, perto da janela, e me ocupar no desenho de esboços imaginários, representando qualquer cenário que por acaso se formasse momentaneamente no caleidoscópio sempre mutável da fantasia. Uma vista do mar entre duas pedras; a lua nascente e um navio atravessando seu disco; um grupo de juncos e íris e a cabeça de uma náiade, coroada com flores de lótus, projetando-se entre eles; um elfo sentado no ninho de um pardal, sob uma guirlanda de flores de espinheiro.

Certa manhã, comecei a desenhar um rosto: que tipo de rosto seria, eu não tinha necessidade de saber. Peguei um lápis preto macio, preparei-o com uma ponta mais grossa e pus-me a trabalhar. Logo tinha traçado no papel uma testa ampla e proeminente, e um rosto quadrado. O contorno me deu prazer; meus dedos começaram a conferir-lhe traços. Sobrancelhas horizontais e bem-marcadas deviam ser traçadas naquela testa; seguia-se, naturalmente, um nariz bem-definido, reto e com amplas narinas. Em seguida, uma boca de aspecto flexível, que não fosse estreita, e um queixo firme, com uma fenda determinada no meio. Claro, um bigode preto era necessário, e cabelo escuro, com mais volume junto às têmporas e em ondas acima da testa. Agora, os olhos: eu os deixara para o fim, porque requeriam meu mais cuidadoso empenho. Desenhei-os grandes, bem-marcados. As pálpebras eram longas e escuras, as íris grandes e lustrosas. “Ótimo! Mas não é exatamente isso”, pensei, enquanto examinava o efeito. “Precisam de mais força e espírito.” Escureci ainda mais as sombras para que as luzes brilhassem com mais intensidade – um ou outro traço bem-sucedido deram conta. Pronto, eu tinha o rosto de um amigo diante de mim: e que importava que aquelas jovens me

dessem as costas? Olhei para ele; sorri diante da semelhança. Sentia-me absorta e contente.

– É o retrato de alguém que conhece? – perguntou Eliza, que se aproximara sem que eu notasse.

Respondi que era somente uma fisionomia imaginada, e coloquei-a depressa debaixo das outras folhas. Menti, claro: era, na verdade, uma representação bastante fiel do sr. Rochester. Mas o que isso significava para ela, ou para qualquer outra pessoa além de mim? Georgiana também se aproximou para olhar. Os outros desenhos lhe agradaram muito, mas aquele ela chamou de “homem feio”. Ambas pareceram surpresas com o meu talento. Ofereci-me para fazer seus retratos, e ambas posaram para um esboço a lápis, uma de cada vez. Então Georgiana pegou seu álbum. Prometi contribuir com uma aquarela, o que a colocou imediatamente de bom humor. Ela propôs caminharmos no jardim. Não fazia duas horas que tínhamos saído e já estávamos tendo conversas confidenciais: ela me brindara com uma descrição do brilhante inverno que passara em Londres duas temporadas atrás – da admiração que despertara –, da atenção que recebera; tive até algumas pistas sobre uma conquista que fizera, um cavalheiro com título de nobreza. Ao longo daquela tarde e noite, as pistas se encorparam: várias conversas corteses foram relatadas, e cenas sentimentais representadas; em poucas palavras, um volume de um romance da vida em sociedade foi improvisado para mim naquela ocasião. As comunicações se renovavam dia após dia. Sempre se davam em torno do mesmo tema: ela, seus amores e suas aflições. Estranho que nem uma única vez ela se referisse à doença da mãe, à morte do irmão ou às atuais perspectivas sombrias da família. Sua mente parecia inteiramente ocupada com reminiscências de alegrias passadas, e aspirações a diversões futuras. Ela passava cerca de cinco minutos diários no quarto de enferma de sua mãe, não mais do que isso.

Eliza ainda falava pouco: evidentemente, não tinha tempo para falar. Nunca vi uma pessoa mais ocupada do que ela parecia estar; ainda assim, era difícil dizer o que fazia. Ou, antes, descobrir os resultados de sua diligência. Tinha um despertador para acordá-la cedo. Não sei com que se ocupava antes do desjejum, mas depois da refeição ela dividia seu tempo em porções iguais, e cada momento tinha uma tarefa específica. Três vezes por dia ela estudava um pequeno volume que descobri, ao examiná-lo, ser um livro de orações.

Perguntei-lhe certa vez qual era a parte mais interessante daquela obra, e ela disse: “As rubricas.” [136](#) Três horas dedicava a decorar com fio dourado a beirada de um tecido quadrado carmesim, quase grande o suficiente para ser um tapete. Respondendo às minhas perguntas sobre o uso daquele objeto, ela me informou que era a cobertura para o altar de uma nova igreja recém-construída perto de Gateshead. Duas horas ela devotava ao seu diário, duas ao trabalho solitário na horta, e uma à sua contabilidade. Parecia não querer companhia nem conversa. Acredito que estivesse feliz, ao seu modo: a rotina lhe bastava, e nada a incomodava mais do que a ocorrência de algum incidente que a forçasse a alterar aquela escrupulosa regularidade.

Contou-me, certa manhã, quando estava mais disposta a ser comunicativa do que o usual, que a conduta de John e a ameaça de arruinar a família haviam sido para ela fonte de profunda aflição. Mas agora, disse-me, sossegara sua mente e tomara uma decisão. Tivera o cuidado de proteger sua própria fortuna, e quando sua mãe morresse – e era bastante improvável, observou com tranquilidade, que ela fosse ou se recuperar ou durar muito – iria executar um projeto havia tempos acalentado: buscar um retiro onde os hábitos pontuais fossem permanentemente protegidos de qualquer distúrbio, e colocar barreiras seguras entre ela e um mundo frívolo. Perguntei se Georgiana iria acompanhá-la.

Claro que não. Georgiana e ela nada tinham em comum: nunca haviam tido. Ela não carregaria o fardo de sua companhia, em nenhuma circunstância. Georgiana devia seguir seu próprio rumo, e Eliza o dela.

Georgiana, quando não estava abrindo o coração para mim, passava a maior parte do tempo deitada no sofá, lamentando o tédio da casa e expressando repetidas vezes o desejo de que sua tia Gibson lhe mandasse um convite para ir à cidade. “Seria tão melhor”, dizia, “se eu pudesse sair do caminho por um mês ou dois, até tudo estar terminado.” Não lhe perguntei o que queria dizer com “tudo estar terminado”, mas imagino que se referisse ao esperado falecimento da mãe e ao triste seguimento dos ritos funerários. Eliza não costumava notar a indolência e as queixas da irmã, como se aquele objeto murmurante e preguiçoso não estivesse diante dela. Um dia, porém, enquanto punha de lado seu livro de contabilidade e desdobraava o bordado, subitamente confrontou-a:

– Georgiana, certamente nunca um animal mais vaidoso e absurdo que

você teve permissão de estorvar a terra. Não tinha o direito de nascer, pois não faz nada da vida. Em vez de viver para si, em si e consigo, como um ser razoável deveria, só o que busca é atar sua fraqueza à força de outra pessoa. Se não consegue encontrar ninguém disposto a carregar o peso dessa coisa gorda, fraca, mole e inútil, você reclama que está sendo maltratada, negligenciada, que está infeliz. Pois a existência para você deve ser um cenário de constante mudança e excitação, do contrário o mundo é uma masmorra: precisa ser admirada, precisa ser cortejada, precisa ser elogiada... precisa de música, dança e companhia... senão murcha, definha. Será que não tem sensatez o bastante para criar um sistema que a torne independente de todos os esforços e desejos além dos seus? Pegue um dia, divida-o em seções, a cada seção designe uma tarefa. Não deixe nem quinze minutos desocupados, nem dez, nem cinco... inclua tudo. Cumpra cada uma das tarefas, por sua vez, com método e rígida regularidade. O dia vai acabar quase antes que você se dê conta de que começou, e não deverá a ninguém a ajuda para se livrar de um único momento vago. Não precisará buscar a companhia, conversa, simpatia ou paciência de ninguém; terá vivido, em poucas palavras, como um ser independente deve viver. Ouça este conselho: é o primeiro e o último que lhe ofereço. Não dependa de mim ou de ninguém mais, aconteça o que acontecer. Não siga esse conselho, aja como sempre, seja ansiosa, queixosa e indolente, e sofra as consequências da sua própria tolice, as piores possíveis. Digo-lhe isto sem rodeios; preste atenção: pois, embora eu não vá repetir o que estou prestes a dizer, hei de tomar atitudes. Depois da morte de minha mãe, lavo as mãos no que diz respeito a você. A partir do dia em que o caixão dela for carregado até o jazigo na igreja de Gateshead, você e eu estaremos tão separadas quanto se nunca tivéssemos nos conhecido. Não pense que porque por acaso nascemos dos mesmos pais vou permitir que você me amarre com o mais frágil dos pedidos. Isto eu posso lhe dizer: se toda a raça humana, à exceção de nós duas, fosse varrida daqui, e só houvessemos nós sobre a face da terra, eu ia deixá-la no velho mundo, e seguir para o novo.

Ela fechou a boca.

– Não precisava ter se dado ao trabalho de fazer esse discurso – respondeu Georgiana. – Todos sabem que você é a criatura mais egoísta e sem coração no mundo. E *eu* sei do seu ódio rancoroso por mim. Já tive uma amostra dele

naquela trapaça relativa a lorde Edwin Ver: você não podia tolerar a ideia de que eu subisse mais alto que você, que tivesse um título, que fosse recebida em círculos onde não ousaria mostrar a cara, então agiu como espiã e informante, e arruinou para sempre as minhas perspectivas.

Georgiana pegou o lenço e assoou o nariz durante uma hora depois disso; Eliza ficou sentada, fria, impassível e zelosamente industriosa.

Sentimentos genuínos e generosos são menosprezados por alguns, mas ali estavam duas naturezas que sua ausência tornara, num dos casos, intoleravelmente amarga, e no outro, desprezivelmente insípida. O sentimento sem julgamento é, com efeito, uma bebida insípida, mas o julgamento sem o tempero do sentimento é um alimento demasiado amargo e penoso para a deglutição humana.

Era uma tarde úmida e com vento: Georgiana adormecera no sofá em meio à leitura de um romance; Eliza saíra para as celebrações em homenagem ao santo do dia na nova igreja – pois em assuntos de religião ela era uma rígida formalista: clima algum jamais impedia o cumprimento pontual do que ela considerava suas obrigações devocionais; tempo bom ou não, ela ia à igreja três vezes a cada domingo, e tantas vezes durante a semana quanto houvesse orações.

Pensei em ir até lá em cima ver como passava a enferma, que ficava ali quase abandonada – os próprios criados não lhe davam mais do que uma atenção ocasional. A enfermeira contratada, com quem não se preocupavam muito, saía do quarto sempre que podia. Bessie era fiel, mas tinha sua própria família para cuidar, e só de quando em quando vinha até a mansão. Encontrei a enferma desacompanhada em seu quarto, como esperava: não havia enfermeira; a paciente estava imóvel, aparentemente letárgica. Seu rosto lívido se afundava nos travesseiros, e o fogo morria na lareira. Reavivei-o, rearrumei as cobertas, fitei por algum tempo aquela que já não podia mais me fitar, e fui então até a janela.

A chuva açoitava as vidraças, e o vento soprava tempestuoso: “Aí está alguém”, pensei, “que logo há de se encontrar além da guerra dos elementos terrestres. Para onde esse espírito, que agora luta para deixar sua morada material, há de voar, quando liberado?”

Refletindo sobre esse grande mistério, pensei em Helen Burns, lembrei-me

de suas últimas palavras, de sua fé, de sua doutrina da igualdade das almas desencarnadas. Ainda podia ouvir, em pensamento, o tom de sua voz, gravado na memória – ainda podia ver a imagem de seu aspecto pálido e espiritual, seu rosto exaurido e seu olhar sublime, deitada em seu plácido leito de morte, e sussurrava sua ânsia em ser devolvida ao coração de seu Pai divino – quando uma voz fraca murmurou, do sofá atrás de mim:

– Quem está aí?

Eu sabia que fazia dias que a sra. Reed não falava: estaria revivendo? Fui até ela.

– Sou eu, tia Reed.

– Eu... quem? – foi a resposta. – Quem é você? – olhando para mim com surpresa e certo alarme, mas não descontrolada. – Você é uma estranha para mim... onde está Bessie?

– Está no chalé, tia.

– Tia! – ela repetiu. – Quem me chama de tia? Você não é uma Gibson; mas eu a conheço... esse rosto, e os olhos e a testa, são muito familiares. Você se parece... ora, você se parece com Jane Eyre!

Eu não disse nada: tinha medo de lhe causar algum choque ao revelar minha identidade.

– Mas temo – disse ela – que esteja enganada; meus pensamentos me iludem. Eu gostaria de ver Jane Eyre, e imagino semelhança onde não há nenhuma. Além disso, em oito anos ela deve estar tão mudada.

Assegurei-lhe, com suavidade, que eu era a pessoa que ela supunha e desejava que fosse: e, vendo que ela me compreendia e que estava bastante calma, expliquei que Bessie tinha mandado o marido ir me buscar em Thornfield.

– Estou muito doente, você sabe – ela disse, pouco depois. – Fazia alguns minutos que estava tentando me virar, e percebi que não consigo me mover. É como se eu devesse acalmar minha mente antes de morrer: aquilo que pouco nos preocupa, em termos de saúde, torna-se um fardo numa hora como a que se apresenta a mim. A enfermeira está? Só há você aqui no quarto?

Assegurei-lhe que estávamos sozinhas.

– Bem, por duas vezes eu lhe fiz um mal de que agora me arrependo. Um

foi o de quebrar a promessa que fizera ao meu marido de criá-la como minha própria filha, o outro... – ela parou. – Afinal de contas, talvez não seja tão importante – ela murmurou consigo mesma. – Pode ser que eu melhore... e me humilhar tanto assim diante dela é doloroso.

Ela fez um esforço para mudar de posição, mas fracassou. Seu rosto se alterou; ela pareceu experimentar alguma sensação interna – a precursora, talvez, da última dor.

– Bem, preciso acabar com isso. A Eternidade está diante de mim: é melhor dizer a ela. Vá até a minha caixa de toalete, abra-a, e pegue uma carta que encontrará ali.

Segui suas instruções.

– Leia a carta – ela disse.

Era breve, e dizia:

MADAME – Poderia fazer a gentileza de me dar o endereço de minha sobrinha, Jane Eyre, e me dizer como ela está? É minha intenção escrever em breve e lhe dizer que venha me encontrar na ilha da Madeira. A Providência abençou meus esforços em obter uma vida confortável; como não sou casado e não tenho filhos, gostaria de adotá-la ainda em vida, e deixar-lhe, quando morrer, o que tiver para deixar. Despeço-me, madame, etc. etc.

JOHN EYRE , Madeira

Datava de três anos antes.

– Por que nunca fui informada disso? – perguntei.

– Porque minha antipatia por você era constante e grande demais para que pudesse fazer um gesto capaz de lhe trazer prosperidade. Não podia esquecer sua conduta para comigo, Jane... a fúria com que se voltou contra mim, o tom com que declarou que me odiava mais do que a qualquer outra pessoa no mundo; aquele olhar e aquela voz que não pareciam pertencer a uma criança, e com os quais você afirmou que a mera ideia da minha pessoa a deixava doente, e afirmou que eu a tratava com uma crueldade miserável. Não pude esquecer minhas próprias sensações quando você derramou daquele jeito o veneno de sua mente: sentia-me como se um animal em que eu tivesse batido ou que tivesse empurrado me fitasse com olhos humanos e me amaldiçoasse com a voz de uma pessoa... Traga-me um pouco d'água! Ah, depressa!

– Cara sra. Reed – eu disse, enquanto lhe oferecia a água que ela pedira –,

não pense mais nisso, deixe que se vá da sua mente. Desculpe-me por minhas palavras arrebatadas: eu era uma criança; oito ou nove anos se passaram desde aquele dia.

Ela não prestou atenção em nada do que eu disse. Depois de beber a água e de respirar um pouco, prosseguiu:

– Confesso que não pude esquecer nada disso, e me vinguei: pois não podia tolerar a ideia de que você fosse adotada por seu tio e passasse a viver com sossego e conforto. Escrevi para ele; pedi perdão por desapontá-lo, mas Jane Eyre estava morta. Morrera de febre tifoide em Lowood. Agora, faça o que quiser: escreva e desminta o que eu disse, exponha a minha mentira quando tiver vontade. Você nasceu, acredito, para ser o meu tormento. Minha última hora é torturada pela lembrança de um ato que, se não fosse por você, eu jamais teria sido tentada a cometer.

– Se a senhora pudesse ser persuadida a não pensar mais nisso, tia, e olhar para mim com gentileza e perdão...

– Você tem uma péssima disposição – disse ela –, e até hoje acho impossível compreendê-la: como pôde, durante nove anos, ser paciente e tranquila diante de qualquer tratamento, e no décimo ano explodir, inflamada e violenta, jamais conseguirei entender.

– Minha disposição não é tão ruim quanto pensa. Sou arrebatada, mas não vingativa. Muitas vezes, quando criança, eu teria ficado feliz em amá-la se a senhora me deixasse. E desejo sinceramente reconciliar-me com a senhora agora; beije-me, tia.

Aproximei minha face dos seus lábios; ela não me tocou. Disse que a oprimia ao me debruçar sobre a cama, e voltou a pedir água.¹³⁷ Quando a ajudei a se deitar – pois a erguera e apoiara com meu braço enquanto ela bebia – cobri sua mão gélida e úmida com a minha. Os dedos fracos recuavam sob o meu toque – os olhos vítreos evitavam os meus.

– Pode me amar, então, ou me odiar, como quiser – eu disse, por fim –; tem meu completo e espontâneo perdão. Peça agora o de Deus, e fique em paz.

Pobre mulher sofredora! Para ela, era tarde demais para fazer um esforço e mudar seu estado de espírito habitual. Enquanto vivera, ele me odiara; ao morrer, tinha que continuar me odiando.

A enfermeira entrou nesse momento, e Bessie veio em seguida. Ainda fiquei ali por mais meia hora, esperando ver algum sinal de amizade, mas nada. Ela mergulhava depressa no estupor; sua mente também não voltou a se recobrar. À meia-noite ela morreu. Eu não estava presente para fechar seus olhos, nem uma de suas filhas. Vieram nos dizer, na manhã seguinte, que tudo tinha terminado. Ela já estava, àquela altura, preparada. Eliza e eu fomosvê-la. Georgiana, que irrompera num choro forte, disse que não tinha coragem de ir. Ali estava o corpo de Sarah Reed, outrora robusto e ativo, agora rígido e imóvel. Seus olhos de sílex estavam cobertos por suas pálpebras frias, a testa e os traços fortes de seu rosto ainda tinham a marca de sua alma inexorável. Um estranho e solene objeto era aquele cadáver, para mim. Fitei-o com tristeza e dor: ele não inspirava nada suave, delicado, nada digno de pena ou esperança ou submissão; somente uma angústia aflitiva pelos *seus* pesares – não pela *minha* perda – e um desalento sombrio e sem lágrimas diante do medo da morte sob uma forma como aquela.

Eliza observou com calma sua mão. Depois de alguns minutos de silêncio, ponderou:

– Com a saúde que tinha, ela teria vivido bastante. Sua vida foi encurtada pelos problemas.

E então um espasmo contraiu sua boca por um instante. Quando passou, ela se virou e deixou o quarto, e eu também. Nenhuma de nós duas derramara uma lágrima.

[131](#) . Jane invoca modos de apreensão dos planos de Deus para o homem dentro da tradição puritana. Creem os puritanos que o destino do homem, seja o da salvação, seja o da condenação, é determinado por Deus a despeito das obras de uma vida; desse modo, cabe ao homem estar atento aos sinais de sua eleição, os quais só se revelam ao homem de fé, seguidor dos preceitos morais e religiosos contidos no Livro Sagrado.

[132](#) . Jane Eyre alude a uma fala de *Hamlet* (Ato III, Cena I), quando o príncipe protagonista faz menção ao “país ignorado de onde nunca ninguém voltou” (tradução de Barbara Heliodora).

[133](#) . Em Gênesis 4, que trata do embate entre Deus e Caim, condenado com o exílio perpétuo pelo assassinato de seu irmão Abel, lê-se a seguinte fala do condenado: “Hoje me expulsas desta terra, e terei que me esconder da tua face; serei um fugitivo errante pelo mundo, e qualquer que me encontrar me matará” (4:14).

[134](#) . Reunião de histórias de variada origem (não apenas do folclore árabe em suas diversas

ramificações, mas também indiano, turco e persa) cuja compilação remonta à Idade de Ouro islâmica (sécs. VIII-XIII) e circulava na Europa do séc. XVIII e início do XIX a partir de tradução da versão francesa de Antoine Galland (1717).

135 . Também conhecido como quartzo esfumaçado, é pedra semipreciosa de tom cinzento-negro encontrada especialmente em minas da região montanhosa de Cairngorms, na Escócia, da qual recebe o nome.

136 . As rubricas são orientações impressas em vermelho no *Livro das orações* para a condução do serviço litúrgico.

137 . A passagem traz elementos da parábola de Lázaro, um mendigo doente e faminto, e um homem rico que lhe deixava migalhas. A morte de ambos os leva a destinos opostos: ao mendigo cabe a companhia de Abraão; ao rico, o inferno. Em Lucas, lê-se o desespero do rico: “E, no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama” (16:23-24).

CAPÍTULO 22

O SR. ROCHESTER SÓ ME DERA uma semana de licença, mas um mês se passou antes que eu conseguisse ir embora de Gateshead. Queria sair imediatamente depois do funeral, mas Georgiana me pediu que ficasse até que ela pudesse partir para Londres, aonde fora por fim convidada pelo seu tio, sr. Gibson, que viera supervisionar o enterro da irmã e acertar os assuntos da família. Georgiana disse que tinha medo de ficar sozinha com Eliza, em quem não encontrava nem compaixão por sua tristeza, nem apoio aos seus temores, nem ajuda em seus preparativos. Então, tolerei seus choramingos vazios e seus lamentos egoístas tanto quanto consegui, e fiz o que pude costurando para ela e embalando seus vestidos. É verdade que enquanto eu trabalhava ela ficava à toa, e pensava comigo mesma: “Se você e eu estivéssemos destinadas a viver sempre juntas, prima, começaríamos tudo de outra maneira. Eu não ia aceitar com docilidade a posição daquela que tolera tudo; haveria de lhe passar seu quinhão de trabalho e obrigá-la a cumpri-lo, ou então ele ficaria por fazer. Insistiria também para que você guardasse esses resmungos indolentes e pouco sinceros em seu peito. É somente porque nossa relação é bastante transitória, e se dá num momento particularmente pesaroso, que consinto ser, de minha parte, tão paciente e permissiva.”

Por fim Georgiana se foi, mas então foi a vez de Eliza me pedir que ficasse por mais uma semana. Seus planos requeriam todo seu tempo e atenção, disse ela; estava prestes a partir para um destino desconhecido. Passava o dia todo em seu quarto, a porta trancada por dentro, enchendo baús, esvaziando gavetas, queimando papéis, e sem se comunicar com ninguém. Queria que eu cuidasse da casa, recebesse as visitas e respondesse notas de condolências.

Certa manhã, disse-me que eu estava livre.

– E eu lhe devo muito – acrescentou – por sua ajuda inestimável e conduta discreta! Que diferença morar com alguém como você e com Georgiana: você desempenha o seu próprio papel na vida, e não aborrece ninguém.

Amanhã – ela prosseguiu – parto para o Continente. Vou morar num local religioso perto de Lisle, um convento; ali, ficarei tranquila, serei deixada em paz. Vou me dedicar por algum tempo ao exame dos dogmas católicos romanos, e a um estudo cuidadoso do funcionamento do seu sistema. Se achar que é, como em parte desconfio que seja, o mais bem-calculado para garantir que todas as coisas sejam feitas de maneira decente e equilibrada, hei de abraçar a doutrina de Roma e provavelmente me ordenar.

Não demonstrei surpresa diante dessa decisão, nem tentei dissuadi-la. “A vocação cairá como uma luva em você”, pensei. “Vai lhe fazer um bem imenso!”

Quando nos despedimos, ela disse:

– Adeus, prima Jane Eyre; desejo-lhe felicidades. Você tem algum bom senso.

Respondi, então:

– Você também não deixa de ter, prima Eliza; mas o que tem eu temo que dentro de um ano esteja emparedado vivo num convento francês. Mas isso não me diz respeito, e se lhe cabe... não me importa.

– Você está certa – ela disse, e com essas palavras nos despedimos.

Como não terei a oportunidade de mencionar ou a ela ou à irmã novamente, relato aqui que Georgiana conseguiu um bom casamento com um homem rico e decrépito da alta sociedade, e que Eliza de fato se ordenou, e hoje é a madre superiora do convento onde passou o período do seu noviciado, e ao qual doou sua fortuna.

Como as pessoas se sentem quando voltam para casa depois de ausentes por um período, seja ele longo ou curto, eu não sabia: nunca experimentara essa sensação. Sabia o que era voltar para Gateshead depois de uma longa caminhada – para ser repreendida porque aparecera estar com frio, ou então melancólica; e depois, o que era voltar da igreja até Lowood – desejando uma refeição abundante e uma lareira quente, e não receber nenhum dos dois. Aqueles regressos não eram muito agradáveis ou desejáveis: ímã algum me atraía a um ponto específico, aumentando seu poder de atração quanto mais eu me aproximasse. O retorno a Thornfield ainda teria que passar pelo teste.

A viagem pareceu tediosa – muito tediosa: oitenta quilômetros num dia, uma noite passada numa hospedaria, oitenta quilômetros no dia seguinte.

Durante as primeiras doze horas, pensei na sra. Reed em seus últimos momentos; vi seu rosto desfigurado e descolorido, e ouvi sua voz estranhamente alterada. Pensei no dia do funeral, no caixão, no carro fúnebre, na trilha negra de arrendatários e criados – pequeno era o número de parentes –, no jazigo aberto, na igreja silenciosa, no serviço solene. Então pensei em Eliza e Georgiana; uma eu imaginava o centro das atenções de um salão de baile e a outra, a prisioneira de uma cela de convento. Demorei-me analisando suas peculiaridades individuais de personalidade e caráter. A chegada, à noite, na grande cidade de... afastou esses pensamentos; a noite lhes trouxe um desvio: deitada em meu leito de viajante, troquei as reminiscências pela expectativa.

Ia voltar a Thornfield: mas por quanto tempo ficaria ali? Não muito, disso eu tinha certeza. A sra. Fairfax me mandara notícias durante a minha ausência: o grupo hospedado na mansão se dispersara; o sr. Rochester seguiria para Londres três dias antes, mas esperavam seu regresso para dali a duas semanas. A sra. Fairfax presumia que ele fora cuidar dos preparativos do casamento, pois falava em comprar uma nova carruagem. Ela disse que a ideia do enlace dele com a srta. Ingram ainda lhe parecia estranha; mas a julgar pelo que todos diziam, e pelo que ela própria vira, já não podia duvidar que ocorreria em breve. “A senhora seria estranhamente incrédula se duvidasse”, foi meu comentário mental. “Eu não duvido.”

Seguiu-se a pergunta: “Para onde vou?” Sonhei com a srta. Ingram a noite inteira: num vívido sonho matutino, pudevê-la fechando os portões de Thornfield diante de mim, e me indicando uma outra estrada; o sr. Rochester observava de braços cruzados – sorrindo de maneira sarcástica, ao que parecia, tanto dela quanto de mim.

Não avisei à sra. Fairfax a data precisa da minha chegada, pois não queria diligência nem carruagem à minha espera em Millcote. Decidi caminhar pelo trajeto quieta e sozinha; e muito quieta parti do George Inn, por volta das seis horas de uma tarde de junho, depois de deixar meu baú aos cuidados do encarregado da estrebaria, e segui pelo caminho que levava a Thornfield. Era uma estrada que praticamente só atravessava os campos, agora pouco frequentada.

Não era uma tarde de verão luminosa e esplêndida, embora estivesse agradável e amena. Os homens que cuidavam do feno estavam trabalhando

ao longo de toda a estrada, e o céu, embora não estivesse sem nuvens, prometia um belo futuro: seu azul – onde o azul era visível – era suave e firme, e as nuvens, altas e finas. O poente também estava quente: não havia um brilho úmido que o esfriasse. Parecia haver um fogo aceso, um altar ardendo por trás de sua tela de vapor marmorizado, e pelas aberturas brilhava um vermelho dourado.

Fiquei satisfeita conforme a estrada encurtava diante de mim: tão satisfeita que parei um instante para me perguntar o que significava aquela alegria, e para recordar à minha razão que não era para casa que eu estava indo, ou para um local permanente de descanso, ou para um lugar onde parentes queridos cuidassem de mim e esperassem minha chegada. “A sra. Fairfax vai recebê-la com um sorriso sereno, com certeza”, eu disse, “e a pequena Adèle vai bater palmas e pular aovê-la. Mas você sabe muito bem que está pensando em outra pessoa, e que ele não está pensando em você.”

Mas o que é mais teimoso do que a juventude? O que é mais cego do que a inexperiência? Ambas afirmavam que era prazer suficiente o privilégio de olhar outra vez para o sr. Rochester, quer ele olhasse para mim, quer não, e acrescentavam: “Depressa! Depressa! Fique com ele enquanto ainda pode. Alguns dias ou semanas a mais, no máximo, e estará separada dele para sempre!” E então estrangulei uma agonia recém-nascida – uma coisa deformada, que eu não podia me convencer a possuir e criar – e continuei correndo.

Também estão preparando o feno nos campos de Thornfield: ou, antes, os trabalhadores estão terminando a jornada, e voltando agora para casa com alicinhos nos ombros, na hora da minha chegada. Só me falta um campo ou dois para atravessar e então hei de cruzar a estrada e me ver diante do portão. Como as sebes estão cheias de rosas! Mas não tenho tempo de colher nenhuma; quero chegar logo à casa. Passei por uma sarça alta, derramando galhos repletos de folhas e flores pelo caminho; vejo a escadinha estreita com os degraus de pedra; e vejo – o sr. Rochester sentado ali, um caderno e um lápis na mão; está escrevendo.

Bem, ele não é um fantasma; então cada nervo em meu corpo se afrouxa, e por um momento perco o controle de mim mesma. O que isso significa? Não achei que ia tremer desse jeito quando o visse, ou perder a voz ou o poder de me mover em sua presença. Vou voltar assim que conseguir me mexer: não

preciso fazer papel de boba. Conheço outro caminho para a casa. Não importa que conheça vinte caminhos; ele me viu.

– Olá! – exclama, e larga o caderno e o lápis. – Áí está você! Chegue mais perto, por favor.

Acho que de fato chego mais perto, embora não saiba como; mal tenho consciência dos meus movimentos, e sou solícita apenas para parecer calma e, acima de tudo, para controlar os músculos do meu rosto – que sinto se rebelarem de maneira insolente contra a minha vontade, e lutarem para expressar o que eu decidi ocultar. Mas tenho um véu – já o vesti: ainda posso me comportar com decente compostura.

– E esta é Jane Eyre? Está vindo de Millcote, e a pé? Sim... é mais um de seus truques: não mandar chamar uma carruagem e vir se arrastando pelas ruas e estradas como uma simples mortal, mas se avizinhar furtiva de sua casa com o crepúsculo, como se fosse um sonho ou uma sombra. O que diabos você fez da vida neste último mês?

– Estive com a minha tia, senhor, que morreu.

– Uma resposta típica de Jane Eyre! Que os anjos me protejam! Ela vem do outro mundo, da morada dos mortos, e me diz isso quando me encontra aqui sozinho no crepúsculo! Se eu ousasse iria tocá-la, para ver se tem a substância das sombras, seu elfo! Mas eu preferiria agarrar a luz azul de um *ignis fatuus* num pântano. Desertora! Desertora! – ele acrescentou, depois de fazer uma pausa por um instante. – Ausente por um mês, e esquecida de mim, tenho certeza!

Eu sabia que haveria prazer em reencontrar meu senhor, ainda que comprometido pelo medo de que ele tão em breve deixasse de ser meu senhor, e por saber que eu não era nada para ele. Mas sempre havia no sr. Rochester (ou pelo menos eu acreditava) uma tal facilidade em transmitir alegria que mesmo provar apenas das migalhas que ele atirava a pássaros estranhos como eu era fazer um verdadeiro banquete. Suas últimas palavras foram um bálsamo: pareciam sugerir que lhe importava o fato de eu esquecê-lo ou não. E ele falava de Thornfield como a minha casa... quem dera fosse a minha casa!

Ele não saiu da escada, e eu não queria pedir para me aproximar. Logo lhe perguntei se havia estado em Londres.

– Sim; imagino que tenha ficado sabendo disso graças à clarividência.

– A sra. Fairfax me contou numa carta.

– E ela lhe informou o que fui fazer?

– Ah, sim, senhor! Todo mundo sabia qual era a sua tarefa.

– Você precisa ver a carruagem, Jane, e me dizer se não acha que vai servir como uma luva à sra. Rochester, e se ela não vai ficar parecendo a rainha Boadiceia, [138](#) recostada naquelas almofadas púrpura. Gostaria, Jane, de ser um pouco mais bem-adaptado para combinar com ela externamente. Diga-me agora, já que é uma fada... não pode me dar um feitiço, ou um filtro, ou algo desse tipo, para me tornar um homem bonito?

– Isso estaria além dos poderes da magia, senhor – e, em pensamento, acrescentei: “Um olhar amoroso é todo o feitiço necessário: a esse olhar, o senhor é bonito; ou, antes, sua firmeza tem um poder que ultrapassa a beleza.”

O sr. Rochester às vezes lia os pensamentos que eu não dizia em voz alta com uma argúcia para mim incompreensível: na presente situação, nem pareceu ouvir minha abrupta resposta vocal, mas sorriu para mim com um certo sorriso que tinha, e que só usava em raras ocasiões. Parecia achar que era bom demais para os propósitos rotineiros: era um verdadeiro resplendor de sentimento, como um raio de sol. Derramou-o sobre mim agora.

– Passe, Janet – disse ele, abrindo espaço para que eu cruzasse a escada. – Vá para casa, e deixe os seus pezinhos errantes e cansados sob o teto de um amigo.

Tudo o que eu tinha de fazer era lhe obedecer em silêncio: não havia necessidade de continuar a conversa. Passei pelos degraus sem dizer uma palavra, e ia me afastar calmamente. Um impulso se apoderou de mim – uma força fez com que eu me virasse. Eu disse – ou algo em mim disse por mim e apesar de mim:

– Obrigada, sr. Rochester, pela sua enorme bondade. Sinto-me estranhamente feliz por estar de volta junto ao senhor; onde quer que o senhor esteja, essa é a minha casa, minha única casa.

Saí andando tão depressa que mesmo ele teria dificuldade em me alcançar, se tentasse. A pequena Adèle ficou quase louca de alegria ao me ver. A sra.

Fairfax me recebeu com sua habitual amizade singela. Leah sorriu, e até Sophie me disse “*bonsoir* ” com satisfação. Aquilo era muito agradável; não há felicidade maior do que ser amada por seus iguais, e sentir que nossa presença engrandece o seu bem-estar.

Naquela noite, fechei os olhos resoluta ao futuro: tapei os ouvidos diante da voz que não parava de me advertir sobre a separação próxima e o sofrimento vindouro. Quando terminamos o chá, e a sra. Fairfax apanhou o tricô, eu me sentara num banquinho ao seu lado e Adèle, ajoelhada no tapete, aninhara-se junto a mim, e uma sensação de afeto mútuo parecia envolver-nos com um círculo de paz dourada, fiz uma oração silenciosa para que nunca nos separássemos. Mas quando, enquanto assim estávamos, o sr. Rochester entrou sem ser anunciado e, olhando para nós, pareceu encontrar prazer no espetáculo de um grupo tão afetuoso – quando ele disse supor que a velha senhora estava bem agora que sua filha adotiva voltara, e acrescentou que Adèle estava “*prête à croquer sa petite maman anglaise* ” [139](#) – quase me aventurei a esperar que mesmo depois do casamento ele nos mantivesse juntas em algum lugar, sob sua proteção, e não inteiramente exiladas do resplendor da sua presença.

Duas semanas de calma incerta seguiram-se ao meu regresso a Thornfield Hall. Nada foi dito sobre o casamento do meu senhor, e eu não vi qualquer preparativo sendo feito para tal evento. Quase todos os dias eu perguntava à sra. Fairfax se ela ouvira qualquer coisa ser decidida: sua resposta era sempre negativa. Uma vez ela disse que tinha, na verdade, perguntado ao próprio sr. Rochester quando ele traria sua noiva para casa, mas ele lhe respondera somente com uma brincadeira e um dos seus olhares esquisitos, e ela não entendera o que queria dizer.

Um detalhe em particular me surpreendia: o fato de não haver viagens para lá e para cá, visitas a Ingram Park. Ficava a trinta quilômetros dali, na fronteira de um outro condado, mas o que era uma distância como aquela a um amante apaixonado? Para um cavaleiro tão hábil e incansável quanto o sr. Rochester, seria como um passeio matinal. Comecei a acalentar esperanças que não tinha o menor direito de conceber: de que o acerto fora desfeito, de que os rumores estavam equivocados, de que um dos dois mudara de ideia – ou ambos. Costumava olhar para o rosto do meu senhor a fim de ver se estava triste ou zangado, mas não consigo me lembrar de uma época em que

estivesse tão uniformemente desanuviado e livre de sentimentos ruins. Se, nos momentos em que eu e minha aluna passávamos com ele, faltava-me ânimo e eu afundava no inevitável desalento, ele estava até alegre. Nunca me chamara com maior frequência à sua presença; nunca fora mais gentil comigo quando eu ali me encontrava – e, ai de mim!, eu nunca o amara tanto.

[138](#) . Boadiceia foi uma rainha celta da tribo bretã Iceni, célebre por liderar um levante contra as forças de ocupação romanas na ilha entre os anos de 61 e 60 a.C.

[139](#) . Em francês no original: “Quase esmagando sua mæzinha inglesa.”

CAPÍTULO 23

UM VERÃO ESPLÊNDIDO refulgia sobre a Inglaterra. Céus tão puros e sóis tão radiantes como os que se viam em longa sucessão raramente brindam, mesmo isoladamente, nossa terra debruada pelas ondas. Era como se um bando de dias italianos tivesse vindo do sul, como uma revoada de gloriosas aves migratórias, e pousado para descansar nos penhascos de Albion.¹⁴⁰ O feno já estava pronto; os campos ao redor de Thornfield, verdes e arados. As estradas estavam brancas e secas, as árvores no auge de seu tom verde-escuro; as sebes e o bosque, em pleno viço e em intensa coloração, contrastavam bem com o tom ensolarado das campinas limpas que os separavam.

Na véspera do solstício de verão, Adèle, cansada de colher morangos selvagens em Hay Lane durante metade do dia, fora se deitar junto com o sol. Observei-a adormecer, e quando a deixei encaminhei-me ao jardim.

Era agora a hora mais agradável de todas: “O dia consumira seus fogos ferventes”,¹⁴¹ e o orvalho caía fresco na planície ofegante e no cume ressequido das montanhas. O sol, ali onde se pusera num cenário simples, livre da pompa das nuvens, espalhava um púrpura solene, queimando com a luz de uma joia vermelha e da chama de uma fornalha num ponto o pico de uma montanha, e estendendo-se alto e vasto, cada vez mais brando, pela metade do céu. O oriente tinha seu próprio charme de azul profundo e belo, e sua própria modesta pedra preciosa, uma estrela solitária que nascia: logo exibiria a lua, mas ela ainda estava oculta sob o horizonte.

Caminhei por algum tempo pela calçada, mas um aroma sutil e bem conhecido – o de um charuto – vinha de uma janela; vi o caixilho da biblioteca se abrir ligeiramente, e sabia que assim poderia ser observada, então me afastei e fui até o pomar. Nenhum lugar na propriedade era mais protegido e mais edênico. Era cheio de árvores, e estava muito florido. Um muro alto separava-o do pátio, de um lado; do outro, uma avenida de faias abrigava-o do gramado. Na extremidade havia uma cerca afundada, a única

separação dos campos solitários. Um caminho sinuoso, bordejado de loureiros e terminando num castanheiro imenso, circundado na base por um banco, conduzia até a cerca. Ali era possível passear sem que me vissem. Enquanto as plantas exsudavam seu néctar, o silêncio reinava e o crepúsculo baixava, senti que podia perambular para sempre naquele lugar; mas ao passar pelos canteiros de flores e frutos na parte superior do pomar, atraídos pela luz que a lua, que agora nascia, projetava sobre aquela parte um pouco mais aberta, meus passos se detêm – não devido a um som ou a uma visão, mas uma vez mais ao serem advertidos por uma fragrância.

Roseiras-bravas e abrótnos, jasmins e cravos estavam havia muito concedendo seu sacrifício vespertino de incenso. Aquele novo aroma não vem de arbustos ou flores: é – eu o conheço bem – o charuto do sr. Rochester. Olho ao redor e aguço os ouvidos. Vejo árvores pejadas de frutas maduras. Ouço um rouxinol trinando num bosque a menos de um quilômetro de distância; não há nenhuma forma visível se movendo, nenhum passo é audível; mas o perfume aumenta: preciso ir embora correndo. Dirijo-me à portinhola que leva aos arbustos, e vejo o sr. Rochester entrando. Afasto-me, entrando no recesso coberto de hera; ele não vai se demorar. Logo há de voltar ao lugar de onde veio, e se eu ficar sentada imóvel ele não vai me ver.

Mas não – a noitinha é tão agradável para ele quanto para mim, e aquele jardim antigo, igualmente atraente; ele continua caminhando, ora erguendo os galhos das groselheiras para ver os frutos, grandes como ameixas, de que estão carregados; ora tirando uma cereja madura do muro; ora curvando-se sobre um grumo de flores, ou para inalar sua fragrância, ou para admirar as pérolas de orvalho em suas pétalas. Uma imensa mariposa passa murmurando por mim; pousa numa planta aos pés do sr. Rochester, que se abaixa para examiná-la.

“Agora ele está de costas para mim”, pensei, “e ocupado também; talvez, se eu caminhar bem de leve, possa ir embora sem ser notada.”

Avancei por uma beirada de relva onde o cascalho não poderia me denunciar. Ele estava em meio aos canteiros a um ou dois metros de onde eu teria que passar; a mariposa aparentemente capturara sua atenção. “Vou poder cruzar sem dificuldade”, meditei. Quando atravessei sua sombra, projetada sobre o jardim pela lua, ainda não muito alta, ele disse em voz baixa, sem se virar:

– Jane, venha ver esta criatura.

Eu não havia feito o menor ruído, e ele não tinha olhos nas costas: será que sua sombra era sensível? Primeiro me surpreendi, e em seguida me aproximei.

– Veja só as asas – disse ele. – Faz com que eu pense num inseto da Índias Ocidentais; não é tão comum ver na Inglaterra uma dessas criaturas noturnas tão grandes e vistosas. Pronto! Lá vai ela.

A mariposa saiu esvoaçando. Eu também me afastava, acanhada, mas o sr. Rochester me seguiu, e quando chegamos à portinhola ele disse:

– Volte. Numa noite tão agradável é uma vergonha ficar sentada dentro de casa, e certamente ninguém há de querer ir para a cama quando o pôr do sol está se encontrando com o nascer da lua.

É um dos meus defeitos o fato de que, embora minha língua seja por vezes ágil o bastante para dar uma resposta, há momentos em que fracassa tristemente em inventar uma desculpa; e o lapso sempre ocorre em algum momento de crise, quando uma palavra dócil ou um pretexto plausível são particularmente necessários para me tirar de um doloroso constrangimento. Eu não queria caminhar àquela hora sozinha com o sr. Rochester no pomar sombrio, mas não conseguia encontrar uma razão para deixá-lo. Segui com passos morosos, e pensamentos ocupados em descobrir uma maneira de sair daquela situação; mas ele próprio parecia tão sereno e tão sério também que tive vergonha por sentir qualquer confusão: o mal – se é que havia algum mal presente ou futuro – parecia existir somente em mim. Sua mente estava despreocupada e tranquila.

– Jane – ele recomeçou, quando adentramos o caminho de loureiros, e lentamente vagamos na direção da cerca afundada e do castanheiro –, Thornfield é um lugar agradável no verão, não é?

– Sim, senhor.

– Você deve ter de algum modo se apegado à casa; você, que tem um olhar para as belezas naturais, e o órgão da aderência [142](#) tão desenvolvido.

– De fato sou apegada a ela.

– E, embora eu não compreenda como, noto que cultivou certo apreço por aquela menina tola, Adèle, e até mesmo pela simplória sra. Fairfax.

– Sim, senhor; de maneiras distintas, sinto afeto por ambas.

– E ficaria triste por ter que se separar delas?

– Sim.

– Que pena! – ele disse, e suspirou, e fez uma pausa. – São sempre assim os eventos nesta vida – prosseguiu, pouco depois. – Você mal se assenta num refúgio onde poderia descansar, uma voz chama e obriga a levantar e seguir em frente, pois a hora de repouso terminou.

– Devo seguir em frente, senhor? – perguntei. – Devo ir embora de Thornfield?

– Acredito que sim, Jane. Sinto muito, Janet, mas acredito que de fato é o que deve fazer.

Foi um golpe, mas não permiti que me derrubasse.

– Bem, senhor, estarei pronta quando vier a ordem de partir.

– Veio agora: tenho que dar a ordem esta noite.

– Então *vai* se casar, senhor?

– E-xa-ta-men-te. Pre-ci-sa-men-te. Com sua habitual argúcia, acertou na mosca.

– Em breve, senhor?

– Muito em breve, minha... isto é, srta. Eyre. E você há de se lembrar, Jane, da primeira vez que eu, ou o Rumor, confessei-lhe com todas as palavras que era minha intenção colocar meu pescoço de solteiro no nó sagrado, ingressar no estado santo do matrimônio. Ou seja, receber a srta. Ingram em meus braços (e ela ocupa espaço, mas não é este o ponto... nunca é demais aquilo que vem de um ser tão maravilhoso quanto minha bela Blanche). Bem, como eu dizia... Preste atenção, Jane! Não está procurando mais mariposas, está? Aquela era só uma joaninha, criança, “voando para casa”. [143](#) Gostaria de recordar-lhe que foi você quem me disse, com essa discrição que respeito em você, com essa premeditação, prudência e humildade que convêm à sua posição responsável e subalterna, que na eventualidade de eu me casar com a srta. Ingram seria melhor você e a pequena Adèle partirem. Faço vista grossa ao insulto transmitido por essa sugestão ao caráter da minha amada; quando você estiver longe, Janet, vou tentar esquecê-lo. Só hei de notar sua sabedoria, tão grande que se tornou

meu lema. Adèle deve ir para a escola; e você, srta. Eyre, deve encontrar outro emprego.

– Sim, senhor; vou colocar um anúncio imediatamente; e enquanto isso, suponho... – eu ia dizer: “Suponho que possa ficar aqui, até encontrar outro lugar”, mas me interrompi, sentindo que não seria boa ideia arriscar uma frase longa, pois minha voz não estava inteiramente sob controle.

– Dentro de um mês, espero ser um noivo no dia do casamento – continuou o sr. Rochester –; enquanto isso, eu mesmo vou procurar emprego e moradia para você.

– Obrigada, senhor; peço desculpas por dar...

– Ah, não precisa se desculpar! Penso que sempre que um subalterno faz seu trabalho tão bem quanto você fez o seu ele tem uma espécie de direito de receber, por parte do empregador, qualquer pequena ajuda que ele possa lhe oferecer. Na verdade, já soube, através da minha sogra, de um lugar que acho que será conveniente: é para cuidar da educação das cinco filhas da sra. Dionysius O’Gall de Bitternutt Lodge, em Connaught, na Irlanda. Acho que você vai gostar da Irlanda: as pessoas são tão afetuosas lá, segundo dizem.

– Fica muito longe, senhor.

– Não importa... uma garota com a sua sensatez não vai se opor à viagem nem à distância.

– Não à viagem, mas à distância. E além disso o mar é uma barreira...

– De quê, Jane?

– Da Inglaterra e de Thornfield, e...

– Sim?

– Do *senhor*.

Falei quase involuntariamente, e com a mesma pouca sanção do livre-arbítrio minhas lágrimas começaram a jorrar. Mas não chorei a ponto de poder ser ouvida; evitei os soluços. Pensar na sra. O’Gall e em Bitternutt Lodge gelava meu coração; mais gelada era a ideia de todo o mar e a espuma destinados, ao que parecia, a correr entre mim e o senhor ao lado de quem eu agora caminhava; gélida era a lembrança do oceano mais vasto – riqueza, classe e costumes – que se interpunha entre mim e o que eu natural e inevitavelmente amava.

– Fica muito longe – repeti.

– Sim, sem dúvida, e quando você chegar a Bitternutt Lodge, em Connaught, na Irlanda, eu nunca voltarei a vê-la, Jane: isso é moralmente certo. Nunca vou à Irlanda, não nutrindo muito apreço pelo país. Temos sido bons amigos, não temos?

– Sim, senhor.

– E, quando amigos se encontram na véspera da separação, gostam de passar juntos o pouco tempo que lhes resta. Venha! Vamos falar da viagem e da partida em voz baixa, por meia hora ou coisa assim, enquanto as estrelas acordam para sua vida reluzente no firmamento lá em cima. Eis aqui o castanheiro, eis aqui o banco junto às suas velhas raízes. Venha, vamos nos sentar em paz aqui esta noite, embora não estejamos destinados a voltar a nos sentar juntos.

Ele me levou ao banco, e se sentou também.

– A Irlanda é longe, Janet, e eu sinto muito por enviar minha pequena amiga numa viagem tão cansativa. Mas se não posso fazer nada melhor do que isso, como evitá-lo? Você acha que tem algum parentesco comigo, Jane?

Eu não podia me arriscar a responder dessa vez: meu coração estava paralisado.

– Porque – ele disse – às vezes tenho um sentimento estranho por você... especialmente quando está perto de mim, como agora: é como se eu tivesse uma corda em algum lugar atrás das minhas costelas, do lado esquerdo, [144](#) atada de modo firme e inextricável a uma corda similar situada no local correspondente do seu corpo diminuto. E se aquele tempestuoso Canal e trezentos quilômetros de terra ou coisa assim se estenderem entre nós, temo que essa corda de comunhão há de se romper. E tenho a nervosa sensação de que vou começar a sangrar por dentro. Quanto a você... haveria de me esquecer.

– Isso *nunca* aconteceria, senhor. O senhor sabe...

Impossível prosseguir.

– Jane, está ouvindo esse rouxinol cantar no bosque? Escute!

Pondo-me a escutar, comecei a soluçar convulsivamente, pois não podia reprimir o que já não suportava; era obrigada a ceder, e fui sacudida da

cabeça aos pés por uma terrível angústia. Quando por fim falei, foi apenas para expressar o desejo impetuoso de nunca ter nascido, ou nunca ter ido a Thornfield.

– É porque lamenta partir?

A veemência da emoção, agitada pela tristeza e pelo amor dentro de mim, pedia comando e lutava pelo controle absoluto, e clamava seu direito de predominar, de sobrepuxar, de viver, de ascender e por fim reinar: sim – e de falar.

– Lamento deixar Thornfield. Adoro Thornfield... adoro este lugar, porque nele vivi uma vida plena e agradável, pelo menos por algum tempo. Não fui pisoteada. Não fui petrificada. Não fui enterrada junto com mentes inferiores, excluída de qualquer lampejo de comunhão com o que é brilhante e enérgico e elevado. Conversei, face a face, [145](#) com aquilo que reverencio, aquilo que me deleita... com uma mente original, vigorosa e expansiva. Conheci o senhor, sr. Rochester, e me enche de terror e angústia sentir que devo ser arrancada da sua companhia para sempre. Vejo a necessidade da partida, e é como contemplar a necessidade da morte.

– Onde vê a necessidade? – ele indagou, de súbito.

– Onde? O senhor colocou-a diante de mim.

– Sob que forma?

– Sob a forma da srta. Ingram; uma nobre e bela mulher... sua noiva.

– Minha noiva! Que noiva? Eu não tenho noiva!

– Mas terá.

– Sim... terei!... terei! – Ele trincou os dentes.

– Então eu devo ir embora... o senhor mesmo disse.

– Não: você deve ficar! Juro... e o juramento será mantido.

– Afirmo que devo ir! – retruquei, possuída por uma espécie de paixão. – Acha que posso ficar para me tornar invisível ao senhor? Acha que sou um autômato? Uma máquina sem sentimentos? E posso tolerar ver meu pedaço de pão arrancado dos meus lábios, e meu gole d'água atirado fora do meu copo? Acha que porque sou pobre, obscura, simplória e pequena não tenho alma nem coração? Está enganado! Tenho uma alma, tanto quanto o senhor, e um coração igualmente pleno. E se Deus me tivesse dado alguma beleza e

bastante riqueza, eu teria tornado tão difícil para o senhor me deixar quanto é para mim, agora, deixá-lo. Não estou dizendo estas palavras com o filtro dos costumes, convenções, nem mesmo da carne mortal... é o meu espírito que se dirige ao seu espírito; como se ambos tivéssemos passado pela sepultura e estivéssemos aos pés de Deus, como iguais... que é o que somos!

– Que é o que somos! – repetiu o sr. Rochester. – Exatamente – ele acrescentou, envolvendo-me em seus braços, puxando-me para junto do peito, pressionando seus lábios nos meus. – Exatamente, Jane!

– Sim, exatamente, senhor – respondi –; mas ao mesmo tempo nem tão exatamente, pois o senhor é um homem casado... ou praticamente casado, e com uma mulher que lhe é inferior... e por quem não tem simpatia alguma... e que acredito que não ame de verdade, pois já vi e ouvi quando zomba dela. Eu desprezaria tal união: portanto sou melhor do que o senhor. Deixe-me ir!

– Para onde, Jane? Para a Irlanda?

– Sim... para a Irlanda. Já disse o que penso, agora posso ir para qualquer lugar.

– Jane, fique parada; não se debata tanto, feito um pássaro selvagem e frenético que despedaça a própria plumagem em seu desespero.

– Não sou um pássaro, e rede alguma me prende; sou um ser humano livre, e de arbítrio independente, que agora exerço para deixá-lo.

Mais um esforço e me vi em liberdade, parada ereta diante dele.

– E o arbítrio há de decidir o seu destino – disse ele. – Ofereço-lhe a minha mão, o meu coração e uma parte de todas as minhas posses.

– Está atuando numa farsa, da qual me limito a rir.

– Peço que atravesse a vida ao meu lado. Que seja meu segundo eu, e minha melhor companheira terrena.

– Para esse destino o senhor já fez a sua escolha, e deve honrá-la.

– Jane, fique quieta um instante: está arrebatada demais. Também vou ficar quieto.

Uma lufada de vento varreu o caminho dos loureiros, e tremeu entre os galhos do castanheiro. Em seguida foi para longe – para longe –, ¹⁴⁶ para uma distância infinita... e morreu. A melodia do rouxinol era a única voz audível. Escutando-a, chorei mais uma vez. O sr. Rochester estava sentado quieto,

olhando para mim com gentileza e seriedade. Algum tempo se passou antes que ele falasse; por fim, disse:

– Venha para junto de mim, Jane, e vamos nos explicar e entender um ao outro.

– Nunca mais irei para junto do senhor: fui arrancada daqui, e não posso regressar.

– Mas, Jane, eu a convoco a ser minha esposa: só com você tenho a intenção de me casar.

Fiquei calada: achei que ele debochava de mim.

– Venha, Jane; chegue mais perto.

– Sua noiva está entre nós.

Ele se levantou, e com uma passada larga me alcançou.

– Minha noiva está aqui – ele disse, mais uma vez puxando-me para si –, porque minha semelhante está aqui. Jane, quer se casar comigo?

Continuei sem responder, e continuei tentando libertar-me do seu abraço: ainda estava incrédula.

– Duvida de mim, Jane?

– Completamente.

– Não tem fé em mim?

– Nem um pouco.

– Sou um mentiroso aos seus olhos? – ele perguntou apaixonadamente. – Pequena cética, você vai se convencer. Que amor eu sinto pela srta. Ingram? Nenhum, e você sabe disso. Que amor ela sente por mim? Nenhum, como já me dei ao trabalho de comprovar: fiz chegar até ela o boato de que minha fortuna não era um terço do que se supunha, e depois me apresentei para ver o resultado. Foi frieza, tanto da parte dela quanto de sua mãe. Eu não quero, não posso, me casar com a srta. Ingram. A você, sua coisinha estranha, quase sobrenatural, eu amo como à minha própria carne. A você, pobre e obscura e pequena e simplória como é, eu lhe rogo que me aceite como seu marido.

– O quê, eu! – exclamei, começando, por seu fervor e sobretudo por sua indelicadeza, a acreditar em sua sinceridade. – Eu, que não tenho um amigo no mundo além do senhor... se é que é meu amigo, e nenhum xelim além do

que me deu?

– Você, Jane, preciso que seja minha, inteiramente minha. Aceita? Diga que sim, depressa.

– Sr. Rochester, deixe-me olhar para o seu rosto. Vire-se para a lua.

– Por quê?

– Porque eu quero ler a sua expressão. Vire-se!

– Pronto! Você dificilmente vai achá-la mais legível do que uma folha de papel amassada e rabiscada. Pode ler: mas se apresse, pois estou sofrendo.

Seu rosto estava muito agitado e muito corado, e havia muita inquietação em seus traços, e um estranho brilho em seus olhos.

– Ah, Jane, você está me torturando! – ele exclamou. – Com esse olhar perscrutador mas ao mesmo tempo fiel e generoso, você está me torturando!

– Como é possível? Se o senhor está sendo honesto, e se sua proposta é real, os únicos sentimentos que posso ter pelo senhor são de gratidão e devoção. Não podem torturar.

– Gratidão! – ele exclamou, e acrescentou, impetuoso: – Jane, aceite, depressa. Diga: Edward... pronuncie meu nome... Edward, vou me casar com você.

– Está sendo sincero? Ama-me de verdade? Deseja sinceramente que eu seja sua esposa?

– Sim, e se um juramento é necessário para satisfazê-la eu juro.

– Então, senhor, eu aceito me casar com o senhor.

– Edward... minha pequena esposa!

– Querido Edward!

– Venha para junto de mim... venha inteiramente, agora – disse ele, e acrescentou, em seu tom de voz mais profundo, falando junto ao meu ouvido, seu rosto colado no meu: – Faça-me feliz, e eu vou fazê-la feliz também.

Acrescentou, logo em seguida:

– Que Deus me perdoe e os homens não se metam comigo: ela é minha, e assim hei de mantê-la.

– Não há ninguém para se meter conosco, senhor. Não tenho parentes para interferir.

– Não, e essa é a melhor parte – disse ele.

Se eu o amasse menos, teria considerado selvagens seu tom de voz e sua expressão exaltada; sentada ao seu lado, porém, após despertar do pesadelo da separação e ser chamada ao paraíso da união, só pensava na alegria que me era dada a beber de um jorro tão abundante. Repetidas vezes ele perguntou: “Está feliz, Jane?” E repetidas vezes eu respondi: “Sim.” Depois disso, ele murmurou:

– Esta será a reparação. A reparação. Não a encontrei solitária, e fria, e desamparada? Não hei de protegê-la e cuidar dela e reconfortá-la? Por acaso não há amor no meu coração, e constância em minha determinação? Esta será a expiação no tribunal de Deus. Sei que meu Criador aprova o que eu faço. Quanto ao julgamento do mundo, lavo as mãos. Quanto à opinião dos homens, desafio-a.

Mas o que acontecera com a noite? A lua ainda não se havia posto, e a escuridão tomava conta de tudo. Mal podia ver o rosto do meu patrão, mesmo próxima como estava. E o que atormentava o castanheiro? A árvore se contorcia e gemia, enquanto o vento rugia no caminho dos loureiros, e nos açoitava.

– Temos que entrar – disse o sr. Rochester –; o tempo está virando. Eu poderia ficar sentado aqui com você até amanhecer, Jane.

“E eu também”, pensei, “com o senhor.” Devia ter dito isso, talvez, mas uma centelha vívida e pálida saltou de uma nuvem para a qual eu estava olhando, e houve um estalo, depois um estrondo muito próximo; só o que pensei foi em esconder meus olhos ofuscados no ombro do sr. Rochester.

A chuva despencou. Ele fez com que eu me apressasse pelo caminho, através do jardim e até a casa, mas estávamos bastante molhados quando entramos. Ele tirava meu xale no vestíbulo e sacudia a água do meu cabelo solto quando a sra. Fairfax emergiu de seu quarto. A princípio não a vi, nem o sr. Rochester. O lampião estava aceso. O relógio soava meia-noite.

– Vá depressa tirar suas roupas molhadas – disse ele –, e antes que vá, boa noite... boa noite, minha querida!

Ele me beijou repetidas vezes. Quando ergui o rosto, deixando seus braços, ali estava a viúva, pálida, séria e surpresa. Apenas sorri para ela, e corri lá para cima. “A explicação fica para um outro momento”, pensei. Ainda assim,

quando cheguei ao meu quarto senti uma pontada de dor ante a ideia de que ela poderia mesmo temporariamente interpretar de forma incorreta o que vira. Mas a alegria logo apagou todos os outros sentimentos; e por mais forte que o vento soprasse, por mais próximo e intenso o estouro dos trovões, por mais feroz e frequente o clarão dos relâmpagos, por mais torrencial que fosse a chuva que caiu durante duas horas de tempestade, eu não senti nenhum medo, e pouco assombro. O sr. Rochester veio três vezes à minha porta nesse ínterim, perguntar se eu estava a salvo e tranquila: e isso me reconfortava, isso me dava forças para qualquer coisa.

Antes que eu saísse da minha cama pela manhã, a pequena Adèle veio correndo me dizer que o grande castanheiro no canto do pomar tinha sido atingido por um raio, durante a noite, e estava rachado ao meio.

[140](#) . Albion é o nome mais velho da ilha da Grã-Bretanha, ainda utilizado em linguagem poética.

[141](#) . A citação assemelha-se a passagem de “A dama turca”, do poeta escocês Thomas Campbell (1777-1834): “O dia consumira seus fogos ardentes/ e o luar surgiu doce e tranquilo” (vv.5-6).

[142](#) . A adesividade (ou aderência) é um dos órgãos identificados pela frenologia (ver nota 76) e indica a empatia e o desejo de ligação com o próximo.

[143](#) . Rochester, irritando Jane ao declarar-se, cita uma canção de ninar: “Joaninha, joaninha, voa para casa/ sua casa está em chamas e seus filhotes se foram.”

[144](#) . No Gênesse, Deus faz Eva a partir de uma das costelas de Adão: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (2:21-24).

[145](#) . Na Epístola aos Coríntios, de São Paulo, lê-se: “Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido” (1 Coríntios, 13:12).

[146](#) . Novamente a “Ode ao rouxinol”, de John Keats.

CAPÍTULO 24

ENQUANTO EU ME LEVANTAVA e me vestia, pensei no que acontecera, e me perguntei se fora um sonho. Não teria certeza da realidade até voltar a ver o sr. Rochester, e ouvi-lo renovar suas palavras de amor e sua promessa.

Enquanto arrumava o cabelo, olhei para o meu rosto no espelho e já não senti que era sem graça: havia esperança em seu aspecto e vida em sua coloração; meus olhos pareciam ter contemplado a fonte do prazer, e se apropriado dos raios de suas lustrosas ondulações. Com frequência eu evitara olhar para o meu senhor, por medo de que minha aparência pudesse lhe desagradar; mas tinha certeza de que poderia erguer meu rosto para o seu agora sem correr o risco de diminuir, com meu feitio, seu afeto. Peguei na gaveta um vestido de verão simples mas limpo e leve, e vesti: nenhuma roupa jamais parecia ter me caído tão bem, porque nunca usara nada em tamanho estado de enlevo.

Não fiquei surpresa, quando corri até o vestíbulo, ao ver que uma brilhante manhã de junho se sucedera à tempestade noturna, e ao sentir, através da porta de vidro aberta, o sopro de uma brisa fresca e perfumada. A natureza só podia estar contente quando eu me sentia tão feliz. Uma mendiga e seu filhinho – ambos pálidos e maltrapilhos – vinham pelo caminho, e eu corri até eles e lhes dei todo o dinheiro que tinha na bolsa, uns três ou quatro xelins; bons ou maus, eles tinham que compartilhar do meu júbilo. As gralhas crocavam, e pássaros mais alegres cantavam, mas nada estava tão contente quanto o meu extasiado coração.

A sra. Fairfax me surpreendeu ao olhar pela janela com uma expressão triste no rosto, e dizer, de modo grave:

– Srta. Eyre, quer vir tomar o desjejum?

Durante a refeição, ela esteve quieta e fria, mas não me cabia esclarecer as coisas naquele momento. Eu devia esperar que o meu senhor explicasse tudo,

e ela também. Comi o que pude, e subi às pressas. Encontrei Adèle saindo da sala de estudo.

- Para onde você vai? Está na hora da aula.
- O sr. Rochester me mandou para o meu quarto.
- Onde ele está?
- Lá – ela apontou para a sala que acabara de deixar; entrei, e ali estava ele.
- Venha me dar bom-dia – disse ele.

Aproximei-me contente, e não foi somente uma palavra fria, ou mesmo um aperto de mão, o que recebi, mas um abraço e um beijo. Parecia natural: parecia normal ser assim amada e acarinhada por ele.

– Jane, você está exuberante, e soridente, e bonita – disse ele –; muito bonita esta manhã. É este o meu pequeno elfo pálido? Minha semente-de-mostarda? [147](#) Esta mocinha de rosto ensolarado com covinhas nas bochechas e lábios rosados, esse sedoso cabelo cor de avelã e esses radiantes olhos castanhos? (Eu tenho olhos verdes, leitor; mas deve perdoar-lhe o erro: para ele, tinham uma nova cor, imagino.)

- É Jane Eyre, senhor.
- Em breve Jane Rochester – ele acrescentou. – Em quatro semanas, Janet; nem um dia a mais. Está ouvindo?

Eu estava, e não podia compreender muito bem: suas palavras me deixavam tonta. A sensação, o anúncio que percorria o meu corpo, era algo mais forte do que o que seria compatível com a alegria – algo que me atingia e atordoava: era, acho, quase medo.

- Você corou, e agora está pálida, Jane: o que foi?
- O senhor me deu um novo nome, Jane Rochester, e parece tão estranho.
- Sim, sra. Rochester – disse ele –, jovem sra. Rochester, a noiva de Fairfax Rochester.

– Não pode ser, senhor; não soa plausível. Os seres humanos nunca desfrutam de completa felicidade neste mundo. Eu não nasci para um destino diferente do destino do resto da minha linhagem: imaginar algo assim acontecendo comigo é um conto de fadas... um devaneio.

– Que eu posso e vou tornar realidade. Começo hoje. Esta manhã escrevi ao meu banqueiro em Londres para que me mandasse certas joias que está guardando, herança das senhoras de Thornfield. Em um ou dois dias, espero derramá-las em seu colo, pois todas as atenções e todos os privilégios serão seus, os mesmos que eu dedicaria à filha de um nobre se estivesse prestes a me casar com ela.

– Ah, senhor! Não se preocupe com joias! Não gosto desse assunto. Joias para Jane Eyre soam como algo anormal e estranho. Prefiro não tê-las.

– Vou eu mesmo colocar o colar de diamantes em volta do seu pescoço, e a tiara em sua testa... onde ficará. Pois a natureza, ao menos, estampou sua patente de nobreza nesse rosto, Jane. E vou fechar os braceletes nesses pulsos finos, e encher de anéis esses dedos de fada.

– Não, não, senhor! Pense em outros assuntos, e fale de outras coisas, e de outra maneira. Não se dirija a mim como se eu fosse uma beldade; sou sua simplória e puritana educadora.

– Você é uma beldade aos meus olhos, e uma beldade exatamente como deseja o meu coração... delicada e etérea.

– Franzina e insignificante, é o que o senhor quer dizer. Está sonhando, senhor... ou então está debochando de mim. Pelo amor de Deus, não seja irônico!

– Vou fazer com que o mundo também reconheça que você é uma beldade – ele prosseguiu, enquanto eu ficava verdadeiramente constrangida com o tom que ele adotara, pois sentia que ou estava se iludindo, ou tentando me iludir. – Vou vestir minha Jane com cetim e renda, e ela há de ter rosas no cabelo, e vou cobrir a cabeça que mais amo com um véu que não tem preço.

– E então não vai me reconhecer, senhor; não serei mais sua Jane Eyre, mas um macaco com um casaco de arlequim, um pássaro com plumas emprestadas. Preferiria ver o senhor, sr. Rochester, paramentado com roupas de teatro a me ver num vestido de cortesã; e não digo que o senhor é bonito, embora o ame profundamente: amo demais para lisonjeá-lo. Não me lisonjeie.

Ele prosseguiu, porém, sem notar minha desaprovação.

– Hoje mesmo vou levá-la de carruagem a Millcote para que escolha alguns vestidos. Disse-lhe que vamos nos casar em quatro semanas. O

casamento será discreto, na igreja ali adiante, e então iremos imediatamente à cidade. Após uma breve estada ali, levarei meu tesouro a regiões mais próximas do sol: as vinícolas francesas e planícies italianas; e ela verá o que é famoso na história antiga e nos registros modernos. Também provará a vida nas cidades, e aprenderá a se valorizar através da comparação com os outros.

– Vou viajar? E com o senhor?

– Vai para Paris, Roma e Nápoles, para Florença, Veneza e Viena. Todos os lugares por onde andei deverão ser percorridos por você. Onde pisei com meu casco, seu pé de sílfide também há de pisar. Faz dez anos que viajei pela Europa um tanto enlouquecido, com o desgosto, o ódio e a raiva como companheiros. Agora vou revisitá-la, curado e purificado, com um verdadeiro anjo para me reconfortar.

Ri quando ele disse isso.

– Não sou um anjo – afirmei –; e não serei até morrer: serei eu mesma. Sr. Rochester, o senhor não deve esperar nem exigir nada celestial de mim... pois não vai receber, não mais do que eu do senhor. Algo com o que não conto, em absoluto.

– Com o que você conta, da minha parte?

– Por algum tempo, talvez, que o senhor continue como está agora... por muito pouco tempo; e então vai se tornar frio; e então vai se tornar inconstante, e então duro, e terei que me esforçar muito para agradá-lo. Mas quando o senhor estiver bem acostumado comigo, talvez venha a gostar de mim novamente... *gostar* de mim, eu digo, não *amar*. Imagino que o seu amor vá se extinguir em seis meses, ou menos. Já observei, em livros escritos por homens, que esse é o período mais longo para a extensão dos ardores de um marido. Contudo, afinal de contas, como amiga e companheira, espero não me tornar de todo desagradável ao meu querido senhor.

– Desagradável! E gostar de você novamente! Acho que vou gostar de você novamente, e vou fazê-la confessar que não só *gosto* de você mas a *amo*; com sinceridade, fervor e lealdade.

– Mas o senhor não é inconstante?

– Para as mulheres que me agradam somente pelo rosto sou o próprio diabo, quando descubro que elas não têm alma nem coração... quando elas me descortinam uma perspectiva de insipidez, trivialidade e talvez

imbécilidade, vulgaridade e mau humor. Mas para um olhar límpido e uma língua eloquente, para uma alma feita de fogo, e o temperamento que se curva mas não se quebra, ao mesmo tempo maleável e estável, dócil e consistente, sou sempre gentil e sincero.

– Já conheceu alguém com uma personalidade dessas, senhor? Já amou alguém assim?

– Amo agora.

– Mas antes de mim... se é que eu correspondo mesmo, em algum aspecto, ao seu elevado padrão?

– Nunca conheci alguém como você. Jane, você me agrada, e me comanda. Parece se submeter, e eu gosto da docilidade que transmite; e, enquanto estou enroscando essa meada suave e sedosa ao redor do dedo, ela provoca um frêmito que sobe pelo meu braço até alcançar meu coração. Sou dominado... conquistado, e o domínio é mais doce do que tenho condições de expressar, e a conquista é um feitiço que está além de qualquer triunfo possível para mim. Por que sorri, Jane? O que significa essa inexplicável e misteriosa mudança em seu rosto?

– Eu estava pensando, senhor... se me perdoa a ideia, foi involuntária... estava pensando em Hércules e Sansão com as mulheres que os enfeitiçaram... [148](#)

– Estava, não é?, seu pequeno elfo...

– Não diga mais nada, senhor! Não está falando com muita sabedoria agora, não mais do que a que havia nas ações desses cavalheiros. Contudo, se eles fossem casados, sem dúvida teriam, com sua severidade enquanto maridos, compensado sua doçura enquanto pretendentes; e o mesmo acontecerá com o senhor, ouso dizer. Pergunto-me como há de me responder dentro de um ano, se eu pedir um favor que não seja de sua conveniência conceder.

– Peça qualquer coisa agora, Janet... o que quiser. Desejo ser persuadido...

– Vou fazer exatamente isso, senhor; minha solicitação já está pronta.

– Fale! Mas, se me fitar e sorrir desse jeito, vou acabar jurando concedê-la antes de saber o que é, e isso fará de mim um tolo.

– De jeito nenhum, senhor; só o que lhe peço é isto: não mande buscar as

joias, e não me cubra de rosas. Seria o mesmo que colocar uma bainha rendada de ouro nesse lenço simples que tem no bolso.

– Seria o mesmo que “dourar ouro de lei”. [149](#) Sei disso. Seu pedido será satisfeito... por ora. Mas você não pediu nada, somente que um presente fosse devolvido. Tente outra vez.

– Bem, senhor, então tenha a bondade de satisfazer minha curiosidade, que se inquieta quanto a um detalhe.

Ele pareceu perturbado.

– O que é? O que é? – disse, apressado. – A curiosidade é um pleito perigoso. Ainda bem que não jurei aquiescer a todos os seus pedidos...

– Mas não pode haver perigo em ceder a este, senhor.

– Diga o que é, Jane. Mas eu preferia que, em vez de uma mera pergunta sobre, talvez, um segredo, fosse o desejo de metade das minhas terras.

– Ora, rei Assuero! Por que eu haveria de querer metade das suas terras? Acha que sou uma usurária judia, em busca de investimentos em propriedade? Eu preferiria ter toda a sua confiança. Não vai me excluir dela se me admitir em seu coração?

– Você terá toda a confiança que vale a pena ter, Jane, mas, pelo amor de Deus, não deseje um fardo desnecessário! Não anseie tomar um veneno... não se transforme numa verdadeira Eva em minhas mãos!

– Por que não, senhor? O senhor estava há pouco me dizendo como gosta de ser conquistado, e como lhe é agradável a persuasão. Não acha que eu deva tirar proveito da confissão e começar a persuadi-lo e lhe suplicar... chegar mesmo a chorar e ficar emburrada, se necessário, em nome de um mero teste do meu poder?

– Desafio-a a fazer uma experiência dessas. Invada, presuma, e o jogo chega ao fim.

– É mesmo, senhor? Desiste muito cedo. Que expressão mais sisuda! Suas sobrancelhas ficaram com a espessura do meu dedo, e sua testa parece o que, em surpreendente poesia, uma vez vi descrito como “nuvens tempestuosas pejadas de raios azuis”. [150](#) Será essa a sua expressão de homem casado, senhor, imagino?

– Se essa é a sua expressão de mulher casada, eu, como cristão, hei de

deixar de lado a ideia de me unir a um mero duende ou uma salamandra. Mas o que você queria perguntar, criatura? Diga logo.

– Pronto, o senhor está sendo muito descortês agora, mas eu gosto bem mais da indelicadeza do que das lisonjas. Prefiro ser uma *criatura* a ser um anjo. E é por isso que devo perguntar, por que o senhor fez tanta questão de me fazer crer que desejava se casar com a srt. Ingram?

– É isso? Graças a Deus não é nada pior! – e com isso ele desatou as sobrancelhas pretas, abaixou os olhos, sorrindo para mim, e acariciou meu cabelo, como se estivesse contente por ver passar o perigo. – Acho que posso confessar – ele prosseguiu –, mesmo que talvez você fique um tanto indignada, Jane... e já vi que espírito de fogo você pode se tornar quando está indignada. Ontem à noite, brilhava à luz fria da lua quando se amotinou contra o destino e reivindicou sua posição como minha igual. Aliás, Jane, foi você quem me fez a proposta.

– Claro que fiz. Mas não mude de assunto, senhor, por favor: a srt. Ingram?

– Bem, eu fingi fazer a corte à srt. Ingram porque queria que você ficasse tão loucamente apaixonada por mim quanto eu estava por você, e sei que o ciúme seria o melhor aliado que eu poderia conseguir para atingir esse fim.

– Excelente! Agora o senhor se tornou pequeno... nem um milímetro maior do que a ponta do meu dedo mínimo. Foi uma vergonha terrível e uma desgraça escandalosa agir dessa maneira. Não levou em consideração os sentimentos da srt. Ingram, senhor?

– Os sentimentos dela estão concentrados em um único: o orgulho. Ela precisa se tornar mais humilde. Você ficou com ciúme, Jane?

– Isso não importa, sr. Rochester. Não é interessante para o senhor saber disso. Responda com sinceridade uma vez mais: acha que a srt. Ingram não vai sofrer com sua coqueteria desonesta? Não vai se sentir desamparada e abandonada?

– Impossível! Já lhe disse que foi ela, ao contrário, quem me abandonou: a ideia da minha insolvência esfriou, ou, antes, apagou sua chama em um instante.

– O senhor tem uma mente curiosa e astuta, sr. Rochester. Temo que os seus princípios sejam excêntricos em alguns pontos.

– Pois meus princípios nunca foram treinados, Jane. Talvez tenham se tornado um tanto oblíquos por falta de atenção.

– Mais uma vez, com sinceridade: será que posso desfrutar da grande felicidade que me foi oferecida sem temer que alguém esteja sofrendo a dor amarga que eu própria sentia não faz muito tempo?

– Quanto a isso não tenha dúvidas, minha boa mocinha. Nenhum outro ser no mundo sente por mim o mesmo amor puro que você sente. Pois tenho esse bálsamo para a minha alma, Jane; uma crença no seu afeto.

Virei os lábios para a mão que estava pousada em meu ombro. Eu o amava muito, mais do que tinha coragem de dizer, mais do que as palavras tinham poder de transmitir.

– Peça outra coisa – ele disse em seguida –, é um prazer ouvir suas vontades, e ceder.

Uma vez mais, meu pedido estava pronto.

– Comunique as suas intenções à sra. Fairfax, senhor. Ela me viu com o senhor ontem à noite no vestíbulo, e ficou escandalizada. Ofereça a ela alguma explicação antes que eu volte avê-la. É doloroso saber que uma mulher tão boa faz mau juízo de mim.

– Vá para o seu quarto e coloque a sua touca – ele replicou. – Quero que você me acompanhe a Millcote esta manhã; enquanto você se prepara, vou informar à velha senhora. Será que ela pensou, Janet, que você tinha dado o seu mundo em troca do amor, e o considerava perdido?

– Acho que ela pensou que eu havia esquecido a minha posição, e a sua, senhor.

– Posição! Posição! Sua posição é no meu coração, e no pescoço daqueles que a insultarem, agora ou no futuro. Vá.

Logo já estava vestida, e quando ouvi o sr. Rochester sair dos aposentos da sra. Fairfax corri até lá. A velha senhora estivera lendo sua porção matutina das Escrituras – a lição do dia; sua Bíblia estava aberta diante dela, os óculos por cima. A ocupação, interrompida pelo anúncio do sr. Rochester, parecia agora esquecida: seus olhos, fixos na parede nua diante dela, expressavam a surpresa de uma mente quieta que fora agitada por notícias invulgares. Ao me ver, ela se levantou: fez uma espécie de esforço para sorrir, e balbuciou

algumas palavras de felicitações, mas o sorriso morreu, e a frase ficou inacabada. Ela colocou os óculos, fechou a Bíblia e afastou a cadeira da mesa.

– Estou tão atônita – ela começou a dizer – que mal sei o que lhe dizer, srt. Eyre. Não estive sonhando, estive? Às vezes cochilo quando estou sentada sozinha e imagino coisas que nunca aconteceram. Me ocorreu mais de uma vez, quando estava cochilando, de o meu querido marido, que morreu faz quinze anos, vir se sentar ao meu lado, e eu o ouvi me chamar pelo meu nome, Alice, como ele costumava fazer. Então, pode me dizer se é mesmo verdade que o sr. Rochester a pediu em casamento? Não ria de mim. Mas eu realmente acho que ele entrou aqui faz cinco minutos e disse que dentro de um mês você será sua esposa.

– Ele me disse a mesma coisa – respondi.

– É mesmo? Você acredita nele? Aceitou?

– Sim.

Ela olhou para mim desnorteada.

– Eu nunca teria imaginado. Ele é um homem orgulhoso: todos os Rochester eram orgulhosos, e o pai dele, pelo menos, gostava de dinheiro. Ele também sempre foi considerado cuidadoso. Pretende se casar com você?

– É o que ele me diz.

Ela me examinou de cima a baixo. Em seus olhos li que não encontravam um encanto poderoso o suficiente para desvendar o enigma.

– Não entendo! – ela prosseguiu. – Mas sem dúvida é verdade, se você afirma. Qual será o resultado, não sei dizer: realmente não sei. A igualdade de posição e de fortuna é normalmente aconselhável em casos como esse. E são vinte anos de diferença de idade entre os dois. Ele quase poderia ser seu pai.

– Na verdade, não poderia, sra. Fairfax! – exclamei, irritada. – Ele não se parece em nada com o meu pai! Ninguém que nos visse juntos haveria de supor isso, nem por um instante. O sr. Rochester parece tão jovial, e é tão jovial, quanto certos homens de vinte e cinco anos.

– É mesmo por amor que ele vai se casar com você? – ela perguntou.

Fiquei tão magoada com sua frieza e seu ceticismo que lágrimas brotaram dos meus olhos.

– Lamento aborrecê-la – prosseguiu a viúva –, mas você é tão jovem, conhece tão pouco os homens, que gostaria de aconselhá-la. Há um ditado que diz “Nem tudo que reluz é ouro”, e neste caso temo que venha a ser descoberto algo diferente daquilo que tanto você quanto eu esperamos.

– Por quê? Por acaso sou um monstro? – eu disse. – É impossível que o sr. Rochester tenha um afeto sincero por mim?

– Não: você é ótima pessoa, e melhorou muito ultimamente, e ouso dizer que o sr. Rochester gosta de você. Sempre notei que era uma espécie de animalzinho de estimação dele. Houve momentos em que, pelo seu bem, fiquei um pouco desconfortável com essa preferência explícita, e desejei adverti-la. Mas não queria nem mesmo sugerir a possibilidade de algo errado. Sabia que uma ideia como essa iria escandalizá-la, talvez ofendê-la; e você era tão discreta, e tão completamente modesta e sensata, que eu esperava que pudesse proteger a si mesma. Não tenho como lhe dizer o quanto sofri ontem à noite quando a procurei por toda a casa e não consegui encontrá-la em parte alguma, ao senhor tampouco; e então, à meia-noite, vi você entrar com ele.

– Bem, isso já não importa agora – interrompi, impaciente –; basta saber que não era nada de errado.

– Espero que tudo dê certo – disse ela –; mas, acredite em mim, nenhum cuidado é demais. Tente manter o sr. Rochester à distância: desconfie de você mesma, bem como dele. Cavalheiros dessa posição não estão acostumados a se casar com educadoras.

Eu estava ficando verdadeiramente irritada. Por sorte, Adèle entrou correndo.

– Deixe-me ir... deixe-me ir a Millcote também! – ela exclamou. – O sr. Rochester não quer deixar, embora haja tanto espaço na nova carruagem. Peça a ele para me deixar ir, mademoiselle.

– Vou fazer isso, Adèle – e saí depressa com ela, feliz por deixar minha soturna orientadora.

A carruagem estava pronta: vinha sendo trazida para a entrada, e meu senhor andava na calçada, Pilot acompanhando-o, para cima e para baixo.

– Adèle pode nos acompanhar, não pode, senhor?

– Eu lhe disse não. Não quero nenhuma criança! Só quero você.

– Deixe-a ir, sr. Rochester, por favor: seria melhor.

– Não: ela será um estorvo.

Ele foi peremptório, tanto na expressão quanto na voz. O frio das advertências da sra. Fairfax e a umidade de suas dúvidas me dominaram: algo de inconsistência e incerteza assaltou minhas esperanças. Quase perdi a sensação de ter poder sobre ele. Estava prestes a obedecer-lhe mecanicamente, sem mais queixas, mas quando ele me ajudou a subir na carruagem olhou para o meu rosto.

– Qual o problema? – ele perguntou. – Todo o sol se foi. Você realmente quer que a menina vá? Vai ficar aborrecida se a deixarmos aqui?

– Eu preferiria que ela fosse, senhor.

– Então vá correndo buscar a sua touca, e volte como um relâmpago! – ele exclamou para Adèle.

Ela lhe obedeceu o mais depressa que pôde.

– Afinal, uma interrupção de uma manhã apenas não vai importar muito – ele disse – quando a minha intenção é reivindicá-la muito em breve... seus pensamentos, sua conversa e sua companhia... para o resto da vida.

Quando a colocaram na carruagem, Adèle começou a me beijar, de modo a expressar sua gratidão por minha interferência: foi imediatamente colocada num canto do outro lado dele. Ficou então olhando para mim, de lá; um vizinho tão sisudo restringia-a demais: a ele, com humor tão irritadiço, ela não ousava sussurrar observação alguma, nem pedir qualquer informação.

– Deixe que ela venha para perto de mim – pedi. – Pode ser que ela o incomode, senhor: há espaço bastante deste lado.

Ele a entregou como se ela fosse um cachorrinho.

– Ainda vou mandá-la para a escola – ele disse, mas agora estava sorrindo.

Adèle pôde ouvi-lo, e perguntou se iria para escola “*sans mademoiselle*”.

– Sim – ele respondeu –, certamente *sans mademoiselle*, pois eu vou levar mademoiselle para a lua, [151](#) e lá vou encontrar uma caverna num dos vales brancos em meio aos vulcões, e mademoiselle vai viver ali comigo, e somente comigo.

– Ela não vai ter o que comer: o senhor vai matá-la de fome – observou

Adèle.

– Vou trazer maná para ela de manhã e à noite. As planícies e as encostas dos morros da lua são cobertas de maná, Adèle. [152](#)

– Ela vai precisar se aquecer. Como conseguirá acender um fogo?

– O fogo brota das montanhas lunares. Quando estiver frio, vou levá-la até um topo e colocá-la na beirada de uma cratera.

– *Ah, qu'elle y sera mal... peu confortable!* [153](#) E suas roupas vão ficar velhas: como ela vai arranjar outras?

O sr. Rochester confessou estar desconcertado.

– Hm! – disse ele. – O que você faria, Adèle? Ponha o cérebro para funcionar. Que tal um vestido feito com uma nuvem branca ou cor-de-rosa? E ela poderia cortar uma echarpe bastante bonita de um arco-íris.

– Ela fica muito melhor do jeito que está – concluiu Adèle, depois de refletir por algum tempo. – Além disso, ela ficaria cansada de viver somente com o senhor na lua. Se eu fosse mademoiselle, nunca concordaria em ir com o senhor.

– Ela já concordou: deu sua palavra.

– Mas o senhor não tem como levá-la para lá; não existe uma estrada para a lua. É tudo ar, e nem o senhor nem ela sabem voar.

– Adèle, olhe para aquele campo.

Estábamos agora fora dos portões de Thornfield, rolando suavemente pela estrada lisa até Millcote, onde a terra fora bem aplinada pela tempestade, e onde as cercas vivas baixas e as árvores imponentes dos dois lados brilhavam verdes e recém-lavadas pela chuva.

– Naquele campo, Adèle, eu estava andando à tardinha, há cerca de duas semanas... no fim daquele dia em que você me ajudou a preparar o feno; e como eu estava cansado de juntar o trigo com o ancinho sentei-me para descansar numa escadinha; peguei então um caderno e um lápis, e comecei a escrever sobre um infortúnio que me aconteceu faz muito tempo, e sobre o desejo que eu tinha de que dias melhores viesssem. Eu escrevia muito depressa, embora a luz do dia estivesse indo embora, quando algo se aproximou pelo caminho e parou a dois metros de mim. Olhei em sua direção. Era uma coisinha com um véu de gaze na cabeça. Pedi que se

aproximasse; logo estava diante dos meus joelhos. Eu não lhe disse nada, e a criatura também não falou comigo usando palavras; mas pude ler seus olhos, e ela os meus, e nossa conversa sem palavras assim se deu:

“Era uma fada, vinda da terra dos elfos, foi o que me disse; e sua missão era me fazer feliz: com ela eu deveria deixar o mundo e ir para um lugar solitário, como a lua, por exemplo... e ela indicou com a cabeça o crescente que nascia sobre Hayhill. Falou-me da caverna de alabastro e do vale de prata onde poderíamos viver. Eu disse que gostaria de ir, mas recordei a ela, como você fez comigo, que não tinha asas para voar.

“‘Oh’, respondeu a fada, ‘Isso não tem importância! Eis aqui um talismã que vai remover todas as dificuldades’; e ela me entregou um belo anel de ouro. ‘Coloque isto’, ela disse, ‘no quarto dedo da minha mão esquerda, e serei sua, e você será meu; e vamos deixar a terra, e criar nosso próprio paraíso lá no alto.’ Ela indicou mais uma vez a lua, com um gesto da cabeça. O anel, Adèle, está no bolso da minha calça, sob o disfarce de um soberano. Mas pretendo logo transformá-lo em anel outra vez.”

– Mas o que tem mademoiselle a ver com isso? Não ligo para a fada: o senhor disse que era mademoiselle que levaria para a lua.

– Mademoiselle é uma fada – ele disse, sussurrando misteriosamente.

Com isso, eu disse a ela que não ligasse para as brincadeiras dele; de sua parte, ela demonstrou um fundo de genuíno ceticismo francês: denominando o sr. Rochester um “*vrai menteur*”, e assegurando-lhe que não fazia caso de nenhum de seus “*contes de fées*”, e que “*du reste, il n'y avait pas de fées, et quand même il y en avait*”: [154](#) ela estava certa de que não apareceriam para ele, não lhe dariam anéis, nem se ofereceriam para ir viver com ele na lua.

A hora transcorrida em Millcote foi um tanto incômoda para mim. O sr. Rochester me obrigou a ir a um depósito de seda; ali, deu-me ordens de escolher meia dúzia de vestidos. Eu estava detestando aquilo, e pedi permissão para adiar a tarefa: não – tinha que ser agora. À custa de pedidos expressos em sussurros veementes, reduzi a meia dúzia a dois. Estes, porém, ele jurou que iria escolher ele mesmo. Observei com ansiedade seus olhos passeando pelos mostruários vistosos: ele os fixou num opulento vestido de seda do mais brilhante tom de ametista, e um outro, soberbo, de cetim rosa. Eu lhe disse, numa nova série de sussurros, que ele bem poderia me comprar

um vestido de ouro e uma touca de prata: eu certamente nunca iria me aventurar a usar as roupas que ele escolhia. Com infinita dificuldade, pois ele era teimoso feito uma pedra, consegui convencê-lo a trocá-los por um vestido sóbrio de cetim preto e outro de seda cinza perolada.

– Por ora, vou deixar passar – ele disse; mas ainda ia “querer me ver brilhando como um canteiro de flores”.

Fiquei feliz ao tirá-lo do depósito de seda, e depois de uma joalheria: quanto mais coisas ele comprava para mim, mais o meu rosto queimava com uma sensação de incômodo e degradação. Quando voltamos para a carruagem e eu me recostei febril e exausta no assento, lembrei que, no calor dos eventos, sombrios e esplendorosos, eu tinha esquecido completamente a carta de meu tio, John Eyre, à sra. Reed: sua intenção de me adotar e fazer de mim sua herdeira. “Seria de fato um alívio”, pensei, “se eu tivesse uma pequena independência; não poderei suportar ser vestida como uma boneca pelo sr. Rochester, ou ficar sentada como uma segunda Dânae com a chuva de ouro caindo ao meu redor. Vou escrever à ilha da Madeira no momento em que chegar em casa, e dizer ao meu tio John que vou me casar, e com quem: se eu tivesse a perspectiva de um dia trazer ao sr. Rochester um incremento à sua fortuna, poderia tolerar melhor ser sua.” E, algo aliviada por essa ideia (que não deixei de pôr em prática naquele dia), arrisquei-me uma vez mais a encontrar o olhar do meu senhor e amante, que buscava o meu de maneira pertinaz, embora eu desviasse tanto o rosto quanto os olhos. Ele sorriu, e achei que aquele sorriso era como o que um sultão, num momento de enlevo e carinho, poderia conceder a uma escrava que seu ouro e suas pedras preciosas tivessem enriquecido: apertei vigorosamente sua mão, que estava sempre em busca da minha, e a devolvi a ele vermelha da pressão apaixonada.

– Não precisa olhar para mim desse jeito – eu disse –; se olhar, usarei apenas meus velhos vestidos de Lowood até o fim do capítulo. Vou me casar usando esse tecido de algodão lilás. O senhor pode fazer uma túnica com a seda cinza perolada e uma infinita série de coletes com o cetim preto.

Ele riu; esfregou as mãos.

– Ah, que maravilha, vê-la e ouvi-la! – ele exclamou. – Ela não é original? Não é mordaz? Eu não trocaria esta inglesinha pelo harém inteiro do Grande

Turco, olhos de gazela, formas de huri e tudo o mais! [155](#)

A alusão ao Oriente mais uma vez me incomodou.

– Não vou tolerar vê-lo a um centímetro de um harém – eu disse –, portanto não me considere equivalente a um. Se lhe interessa algo dessa ordem, então vá embora, senhor, para os bazares de Istambul sem demora, e comece a comprar escravas com um pouco do dinheiro que parece estar tendo dificuldade em gastar satisfatoriamente por aqui.

– E o que vai fazer, Janet, enquanto eu estiver barganhando tantas toneladas de carne e uma coleção tão grande de olhos negros?

– Vou me preparar para o trabalho de missionária, pregando a liberdade aos que se encontram escravizados, inclusive as mulheres do seu harém. Serei admitida e incentivarei um motim; e o senhor, paxá em sua carruagem de três cavalos, num instante vai se ver agrilhado por nós. Também não consentirei em libertá-lo até que tenha assinado um acordo, o mais liberal que um déspota jamais escreveu.

– Ficarei entregue à sua piedade, Jane.

– Eu não teria piedade alguma, sr. Rochester, se o senhor suplicassem com um olhar como esse. Enquanto me olhasse assim, eu teria certeza de que seu primeiro ato, quando libertado, seria violar os termos de qualquer acordo que viesse a assinar sob coerção.

– Ora, Jane, o que você quer? Temo que vá me obrigar a uma cerimônia privada de casamento, além da que é realizada diante do altar. Vejo que há de estipular termos peculiares... quais serão?

– Só quero uma mente tranquila, senhor, e não sobre carregada por inúmeras obrigações. Lembra-se do que falou sobre Céline Varens? Sobre os diamantes e as caxemiras que lhe deu? Não serei sua Céline Varens inglesa. Continuarei sendo a educadora de Adèle; desse modo, terei moradia e alimento, além de trinta libras por ano. Meu guarda-roupa virá desse dinheiro, e o senhor não me dará nada além de...

– Bem, além de quê?

– De seu afeto; e se eu lhe der o meu em retribuição, a dívida estará paga.

– Bem, em termos de plácida impertinência e puro orgulho inato, você não tem igual – disse ele.

Aproximávamo-nos agora de Thornfield.

– Gostaria de almoçar comigo hoje? – ele perguntou, enquanto cruzávamos os portões.

– Não, obrigada, senhor.

– E por que “não, obrigada”, pode-se saber?

– Nunca fiz uma refeição com o senhor, e não vejo motivo para fazer agora: até...

– Até o quê? Você adora meias frases.

– Até eu não poder mais evitar.

– Acha que eu como feito um ogro ou um espírito que ataca cadáveres, a ponto de temer me acompanhar numa refeição?

– Não tenho opinião formada sobre o assunto, senhor; mas quero seguir como de costume por mais um mês.

– Abrirá mão da sua escravidão de educadora imediatamente.

– Na verdade não abrirei, senhor, se me perdoa. Seguirei como de hábito. Vou ficar fora do seu caminho o dia todo, como estou acostumada. Pode mandar me chamar à noite, quando estiver disposto a me ver, e eu irei; mas em nenhum outro momento.

– Quero um charuto, Jane, ou um punhado de rapé, para me reconfortar diante de tudo isso, “*pour me donner une contenance*”, [156](#) como diria Adèle; infelizmente, não trago comigo nem meu estojo de charutos nem minha caixa de rapé. Mas ouça... sussurre. Agora você está no comando, pequena tirana, mas em breve minha hora vai chegar, e quando eu tiver me apoderado de você vou, metaforicamente falando, prendê-la a uma corrente feito esta (tocando a corrente de seu relógio de bolso). Sim, pequena criatura formosa, vou trazê-la junto ao peito, de modo a não perder minha joia.

Disse isso enquanto me ajudava a descer da carruagem; em seguida, enquanto ele tirava Adèle dali, entrei em casa e me retirei aos meus aposentos no andar de cima.

Ele me chamou à sua presença como de hábito, à noite. Eu preparara uma ocupação para ir, pois estava determinada a não passar todo o tempo numa conversa *tête-à-tête*. Lembrava-me de sua bela voz; sabia que gostava de cantar – bons cantores geralmente gostam. Eu não era boa cantora, e, de

acordo com o julgamento dele, tampouco boa musicista, mas me encantava ouvir música bem-executada. Assim que o crepúsculo, essa hora propícia ao romance, começou a baixar sua flâmula azul e estrelada sobre a gelosia, eu me levantei, abri o piano e lhe roguei, pelo amor dos céus, que me presenteasse com uma canção. Ele disse que eu era uma bruxa caprichosa, que preferiria cantar em outro momento, mas afirmei que não havia outro momento melhor que o presente.

Ele perguntou se eu gostava da sua voz.

– Muito.

Eu não queria alimentar aquela suscetível vaidade, mas daquela vez, e por questões de conveniência, estava disposta a adulá-la e mesmo estimulá-la.

– Então, Jane, você precisa tocar o acompanhamento.

– Muito bem, senhor, vou tentar.

De fato tentei, mas fui logo removida do banquinho e denominada “uma coisinha desajeitada”. Ele me empurrou sem cerimônia para o lado – precisamente o que eu queria – e usurpou meu lugar, passando a acompanhar a si mesmo: pois sabia tocar tão bem quanto cantar. Fui depressa para o recanto junto à janela, e enquanto ficava sentada ali, olhando para as árvores imóveis e o gramado ao crepúsculo lá fora, uma doce ária foi cantada em tons melodiosos, e com os seguintes versos:

O amor mais puro que um coração
Jamais em seu âmago ardente viveu
Em cada veia, com intenso fervor,
A correnteza do ser verteu.

Se ela chegava, tudo era esperança,
Sua partida causava-me dor;
O acaso que atrasava seus passos
Era em minhas veias torpor.

Que sublime enlevo seria
Assim como eu amava, ser também amado;
A esse querer eu me devotava,
Cego e arrebatado.

Mas amplo e ermo era o espaço
Que nossas vidas teimava em separar,

E perigoso como o fervilhante ímpeto
Das ondas traiçoeiras do mar.

E como um caminho infestado de bandidos
Em floresta ou descampado
Entre nossos espíritos se interpunham
O Forte e o Direito, o Furioso e o Desolado.

Enfrentava perigos, desprezava obstáculos,
Muitos presságios desafiei;
Toda ameaça, importúnio ou advertência
Impetuosamente ignorei.

Meu arco-íris vinha ligeiro
E como num sonho eu voava
Pois esse fruto da Chuva e da Luz
Glorioso se descortinava.

Nas nuvens que tristes se esvаем
Suave e formoso encanto ainda brilha;
Pouco me importam que imensa
Tragédia preparam, ou que armadilha.

Neste doce momento não conta
Se tudo o que esmaguei em minha andança
Mais tarde venha, furioso e célere,
Proclamar sua amarga vingança:

Ainda que o Ódio me derrube
E o Direito decida me exilar
E a Força, rangendo os dentes,
Inimizade eterna me venha jurar.

Meu amor pôs a mão delicada
Na minha, com confiança,
E jurou que em sagrado matrimônio
Nossa natureza fará sua aliança.

Meu amor jurou, selando-o com um beijo,
Viver comigo e morrer ao meu lado,
E por fim encontro meu sublime enlevo:

Assim como eu amo, sou também amado! [157](#)

Ele se levantou e veio em minha direção, e vi seu rosto iluminado, seus olhos de falcão brilhando, e ternura e paixão em cada traço. Senti-me intimidada por um momento – e em seguida reagi. Uma cena cortês e uma demonstração ousada eu não iria admitir, e corria o risco de testemunhar ambas; uma arma de defesa devia ser preparada. Umedeci a língua: quando ele estava ao meu lado, perguntei com aspereza com quem ele iria se casar.

Era uma pergunta estranha de ser feita por sua querida Jane.

Mesmo? Eu a considerava muito natural e necessária: ele falava de sua futura esposa morrendo com ele. O que queria dizer com essa ideia pagã? *Eu* não tinha a intenção de morrer com ele – disso podia ter certeza.

Ah, tudo o que ele queria, tudo por quanto rezava, era que eu vivesse com ele! A morte não era para mim.

Na verdade, era: eu tinha tanto direito de morrer quanto ele, quando a minha hora chegasse. Mas esperaria; não me atiraria na pira funerária do meu finado marido. [158](#)

Será que eu poderia perdoá-lo por essa ideia egoísta, e demonstrar o meu perdão com um beijo de reconciliação?

Não: que ele pedisse desculpas.

Fui então chamada de “coisinha difícil”, ao que ele acrescentou que “qualquer outra mulher teria se derretido até a medula ao ouvir versos como aqueles cantados em seu louvor”.

Garanti-lhe que eu era difícil por natureza – muito dura, algo que ele veria com frequência; e que, além do mais, estava determinada a lhe mostrar pontos negativos do meu temperamento antes que aquelas quatro semanas terminassem. Ele precisava saber que tipo de barganha fizera, enquanto ainda havia tempo de rescindir o acordo.

Será que eu poderia ficar quieta e falar de maneira racional?

Eu ficaria quieta se ele quisesse; quanto a falar de maneira racional, podia me gabar de estar fazendo isso naquele exato momento.

Ele se irritou, resmungou, reclamou. “Muito bem”, pensei. “Pode ficar furioso e impaciente o quanto quiser: mas este é o melhor plano para lidar com o senhor, tenho certeza. Gosto do senhor mais do que sou capaz de dizer, mas não vou afundar num estado sentimental patético. E com isso vou mantê-

lo longe da beirada do precipício também; e resguardar, além do mais, com esse pungente auxílio, a distância entre nós dois mais verdadeiramente propícia a beneficiar a ambos.”

Aos poucos fui fazendo com que ele ficasse consideravelmente irritado; então, quando se retirou, exasperado, à outra extremidade da sala, eu me levantei e, dizendo “Desejo-lhe uma boa noite, senhor” à minha maneira natural e respeitosa, escapuli pela porta lateral.

Ao sistema assim estabelecido eu me aferrei durante toda a temporada de teste, e com grande sucesso. Ele esteve, com certeza, um tanto zangado e mal-humorado, mas de modo geral eu podia ver que estava bastante entretido, e que uma submissão de cordeiro e uma sensibilidade de passarinho, além de favorecer seu despotismo, iriam agradar menos ao seu discernimento, satisfazer menos sua sensatez e até se adequar menos às suas preferências.

Na presença de outras pessoas eu era, como antes, deferente e discreta, considerando desnecessária qualquer outra conduta. Somente nos encontros no fim do dia eu o frustrava e afligia. Ele continuava a mandar me chamar pontualmente no instante em que o relógio batia as sete; porém, quando eu aparecia diante dele, ele já não mais tinha termos melífluos como “amor” e “querida” nos lábios: as melhores palavras que encontrava para mim eram “fantoche provocador”, “elfo malicioso”, “espírito”, “filha das fadas” etc. Em vez de carícias, também, eu agora recebia caretas; no lugar da pressão de sua mão, um beliscão no braço; em vez de um beijo na face, um severo puxão de orelha. Não me importava: eu definitivamente preferia aquela atenção violenta a qualquer coisa mais terna. Vi que a sra. Fairfax aprovava minha atitude: sua ansiedade relativa a mim desapareceu; eu tinha, portanto, certeza de que estava me saindo bem. Enquanto isso, o sr. Rochester afirmava que eu o estava reduzindo a pele e osso, e me ameaçava com terríveis vinganças por minha presente conduta em algum momento no futuro próximo. Eu ria comigo mesma diante daquelas ameaças. “Posso mantê-lo sob razoável controle agora”, refleti, “e não duvido de que possa vir a fazê-lo mais tarde. Se um expediente perder suas virtudes, outro terá de ser inventado.”

No fim das contas, porém, minha tarefa não era fácil; com frequência eu teria preferido agradá-lo a provocá-lo. Meu futuro marido estava se tornando, para mim, todo o meu mundo, e mais do que o meu mundo: quase a minha esperança de paraíso. Ele se encontrava entre mim e qualquer pensamento

sobre a religião, como um eclipse se coloca entre os homens e o sol. Eu não podia, naqueles dias, ver Deus em Sua criatura – que transformara em ídolo.

[147](#) . Semente-de-mostarda é uma das fadas a serviço da personagem Titânia em *Sonho de uma noite de verão* (1594 ou 1596), comédia de William Shakespeare.

[148](#) . Hércules e Sansão aparecem nesta passagem como representantes de uma masculinidade escravizada pela própria sexualidade: o grego tornou-se escravo de Ónfale, rainha da Lídia, que lhe tomou a pele de leão enquanto o herói usava as roupas da rainha. No Livro dos Juízes, Sansão rende o segredo de sua força a uma mulher filistina, Dalila. Ver também nota 173.

[149](#) . Citação do drama histórico *Vida e morte do rei João* (Ato IV, Cena II), de William Shakespeare. A fala é do nobre inglês Salisbury, que assim trata da segunda coroação de rei João: “Portanto, tomar posse duas vezes,/ enriquecer um título já rico,/ dourar ouro de lei, pintar o lírio,/ despejar mais perfume na violeta ... é ridículo excesso, sobre inútil” (tradução de Carlos Alberto Nunes).

[150](#) . Citação do poema narrativo “O demoníaco”, do poeta escocês oitocentista Thomas Aird.

[151](#) . Contos sobre viagens à lua tornaram-se correntes a partir dos sécs. XVII e XVIII; até então, tais viagens integravam narrativas de exílio ou peças religiosas, em que indivíduos chegavam à lua com o auxílio de figuras santas. Do período em questão podemos citar *O homem na lua*, de Francis Godwin (1638), em que um espanhol viaja ao satélite com a ajuda de um ganso; *A descoberta de um mundo na lua, ou Discurso que pretende provar que é provável que exista outro mundo habitável naquele planeta* (1638), de John Wilkins; *O consolidador* (1705), de Daniel Defoe, em que se mencionam viagens da China à lua na máquina que dá título ao livro; *As aventuras do Barão de Münchhausen* (1786), que trata de duas viagens à lua e da descrição de sua fauna e flora; e *A conquista da lua* (1809), do norte-americano Washington Irving, que aborda a conquista do espaço à luz da expansão norte-americana para o Oeste.

[152](#) . No *Êxodo*, o maná aparece como um alimento fornecido por Deus ao povo israelita que atravessa o deserto rumo à terra prometida.

[153](#) . Em francês no original: “Ah, como ela vai estar mal acomodada... sem conforto!”

[154](#) . Em francês no original: “Um verdadeiro mentiroso”... “contos de fadas”... “além do mais, fadas não existiam, e mesmo que existissem”.

[155](#) . Seralho era o palácio do Sultão da Turquia, do qual parte se reservava a seu harém. As huris são seres celestiais que, segundo a fé islâmica, têm a forma de mulheres virgens prometidas aos bem-aventurados.

[156](#) . Em francês no original: “Para me encorajar.”

[157](#) . A canção de Rochester baseia-se no poema narrativo pessoal de Charlotte Brontë “At first I did attention give”, escrito em 1845, ano do retorno da autora à Inglaterra, depois de período em Bruxelas, onde estudou francês ao lado da irmã Emily (1842) e, em seguida, trabalhou como professora (1843). O poema trata de seu amor não correspondido por seu professor, Monsieur Heger.

[158](#) . O sati é um dos temas centrais do ensaio “Sacrifício de uma viúva indiana”, de Charlotte Brontë. Trata-se de um costume funeral obsoleto, no qual uma viúva imola a si mesma na pira de cremação do falecido marido. A prática é mencionada em textos do séc. III a.C. e tem origem na aristocracia militar.

Sob as leis britânicas, no séc.XIX, a prática foi inicialmente tolerada, embora combatida por missionários e reformadores hindus. Em 1829, ela foi banida em Bengala, medida que foi seguida em outras regiões da Índia.

CAPÍTULO 25

O MÊS DE CORTE se foi: suas últimas horas estavam contadas. Não havia maneira de adiar o dia que se aproximava – o dia das núpcias; e todos os preparativos para sua chegada estavam completos. *Eu*, pelo menos, nada mais tinha a fazer. Ali estavam meus baús, prontos, trancados, amarrados, dispostos numa fileira junto à parede do meu quartinho; no dia seguinte, àquela hora, estariam a caminho de Londres, e eu também, se Deus quisesse – ou, antes, não eu, mas Jane Rochester, uma pessoa que eu ainda não conhecia. Faltava apenas prender os cartões de endereço: eles estavam ali, quatro quadradinhos, na gaveta. O próprio sr. Rochester escrevera o endereço – Sra. Rochester, Hotel..., Londres, em cada um. Eu não conseguia me convencer a prendê-los ou mandar que fossem presos. Sra. Rochester! Ela não existia: só nasceria no dia seguinte, em algum momento depois das oito da manhã, e eu aguardaria, a fim de me assegurar de que tinha vindo ao mundo viva, antes de lhe designar todos aqueles pertences. Já bastava o fato de que no armário diante da minha penteadeira roupas supostamente suas já tivessem deslocado meus vestidos simples de tecido preto de Lowood e meu chapeuzinho de palha. Pois não me pertenciam aqueles trajes de casamento; o vestido cor de pérola, o véu vaporoso que pendia da grande mala usurpada. Fechei o armário para ocultar as roupas estranhas e fantasmagóricas que continha; a essa hora da noite – eram nove –, elas projetavam um brilho bastante sobrenatural no quarto. “Vou deixá-lo sozinho, sonho branco”, eu disse. “Estou um pouco febril: ouço o vento soprando; vou sair para senti-lo.”

Não era a agitação dos preparativos que estava me deixando febril: não somente a expectativa da grande mudança – da nova vida que começaria no dia seguinte. Essas duas circunstâncias contribuíam, sem dúvida, para aquele estado de espírito inquieto e agitado que me fez sair de casa tarde e ir para o jardim escuro. Mas uma terceira causa tomava conta da minha mente mais do que essas.

Eu tinha, no meu íntimo, um pensamento estranho e ansioso. Acontecera algo que eu não podia compreender; ninguém além de mim sabia do evento, nem o testemunhara. Ocorrera na noite anterior. O sr. Rochester estava ausente de casa naquela noite; ainda não regressara: os negócios o haviam chamado a uma pequena propriedade de duas ou três fazendas que possuía a uns cinquenta quilômetros dali – um assunto que ele precisava resolver pessoalmente, antes da sua planejada partida da Inglaterra. Eu aguardava agora sua volta, ansiosa em tranquilizar minha mente, e para buscar junto a ele a solução do enigma que me deixava perplexa. Fique até sua chegada, leitor; há de fazer parte dessa confidênciа quando eu revelar a ele o meu segredo.

Fui até o pomar, impelida a buscar abrigo devido ao vento, que soprara forte do sul o dia inteiro, sem contudo trazer uma gota de chuva. Em vez de diminuir conforme a noite se aproximava, pareceu aumentar seu vigor e seu rugido: as árvores eram sopradas o tempo todo numa direção, sem se endireitar, e mal podendo trazer de volta seus galhos por um instante, tão contínua era a força que curvava suas copas para o norte – as nuvens corriam de um lado a outro no céu, seguindo depressa, massa sobre massa: não havia um lampejo de céu azul visível naquele dia de julho.

Não foi sem certo prazer selvagem que corri diante do vento, entregando minhas preocupações à desmedida torrente de ar que trovejava pelo espaço. Caminhando pela vereda de loureiros, cheguei às ruínas do castanheiro; ele ainda estava de pé, negro e fendido: o tronco, rachado ao meio, se abria de modo pavoroso. As metades não estavam separadas, pois a base firme e as raízes fortes as mantinham unidas na parte inferior, embora já não compartilhassem mais a vitalidade – a seiva já não mais podia correr: os grandes galhos dos dois lados estavam mortos, e as tempestades do próximo inverno certamente derrubariam um ou ambos. Por ora, contudo, ainda se podia dizer que formavam uma árvore – uma ruína, mas uma ruína íntegra.

– Fizeram bem em se manter unidos um ao outro – eu disse, como se os monstruosos pedaços de madeira fossem seres vivos, e pudesse me ouvir. – Acho, mesmo com esse seu aspecto ferido e queimado, que ainda deve haver em vocês uma vaga percepção da vida, brotando dessa adesão das raízes fiéis e honestas: vocês nunca mais terão folhas verdes... nunca mais verão pássaros fazendo ninhos e cantando idílios em seus galhos; o tempo do prazer

e do amor terminou para vocês. Mas não estão desolados: cada um tem um companheiro com quem se solidarizar em sua decadência.

Quando ergui os olhos para eles, a lua apareceu momentaneamente naquela parte do céu que preenchia sua fissura; o disco estava sanguíneo e parcialmente encoberto; parecia lançar sobre mim um olhar perplexo e lúgubre, e logo se enterrou outra vez nas nuvens profundas. O vento amainou por um segundo ao redor de Thornfield; mas sobre o bosque e o rio distantes derramava um lamento selvagem e melancólico. Era algo triste de se escutar, e me fui mais uma vez.

Fiquei andando aqui e ali no pomar, juntei as maçãs caídas em profusão na grama ao redor das raízes da árvore, depois me ocupei separando as maduras das verdes; levei-as para casa e guardei na despensa. Então me dirigi à biblioteca a fim de verificar se a lareira estava acesa, pois, embora fosse verão, sabia que numa noite funesta como aquela o sr. Rochester gostaria de encontrar uma lareira convidativa quando chegasse. Sim, fazia algum tempo que o fogo fora aceso, e queimava bem. Coloquei sua poltrona junto ao canto da chaminé e arrastei a mesa para perto. Fechei as cortinas e mandei trazer as velas prontas para serem acesas. Mais inquieta do que nunca, assim que completei essas tarefas não conseguia ficar sentada, nem sequer permanecer dentro de casa: um reloginho na biblioteca e o velho relógio no vestíbulo soaram simultaneamente dez horas.

– Que tarde está ficando! – eu disse. – Vou correr até o portão: às vezes há luar; posso enxergar bem a estrada. Ele talvez esteja chegando agora, e ir encontrá-lo vai me poupar alguns minutos de suspense.

O vento rugia alto nas grandes árvores que ladeavam o portão, mas a estrada, até onde eu podia ver, para um lado e para o outro, estava quieta e solitária: à exceção das sombras das nuvens atravessando-a em intervalos quando a lua se mostrava, era uma linha comprida e pálida que nenhum ponto em movimento perturbava.

Uma lágrima infantil embaçou minha vista enquanto eu olhava – uma lágrima de desapontamento e impaciência; envergonhada, enxuguei-a. Continuei ali; a lua se fechou por completo em sua câmara e puxou a cortina de densas nuvens: a noite escureceu e a chuva começou a cair em meio ao vendaval.

– Queria que ele chegasse! Queria que ele chegasse! – exclamei, presa de uma hipocondríaca premonição. Eu esperara sua chegada para antes do chá; já estava escuro: o que o estaria detendo? Teria ocorrido algum acidente? Pensei mais uma vez no evento da véspera. Interpretei-o como um sinal de perigo. Temia que minhas esperanças fossem grandes demais para se tornarem realidade; e eu desfrutara de tanta felicidade ultimamente que imaginava que minha sorte havia passado de seu meridiano, e agora devia declinar.

“Bem, não posso voltar para casa”, pensei. “Nem posso me sentar junto à lareira enquanto ele está fora com esse mau tempo: melhor descansar o corpo do que torturar o coração; vou sair pela estrada e encontrá-lo no caminho.”

Assim fiz; caminhei depressa, mas não fui longe: antes de ter andado meio quilômetro, ouvi cascos de cavalo. Um cavaleiro se aproximava a todo galope, um cachorro correndo ao seu lado. O fim dos maus pressentimentos! Era ele: ali estava, montado em Mesrour, seguido por Pilot. Ele me viu, pois a lua abrira um campo azul no céu, e nele passeava com um brilho aquoso: ele tirou o chapéu e o agitou sobre a cabeça. Corri, então, ao seu encontro.

– Pronto! – ele exclamou, enquanto estendia a mão e se curvava sobre a sela. – Você não pode viver sem mim, isso está claro. Pise na ponta da minha bota e me dê as duas mãos: monte!

Obedeci: a alegria me deixava ágil. Saltei diante dele. Como boas-vindas, recebi um beijo caloroso e uma exibição de triunfo, que engoli como pude. Ele conteve sua exultação para perguntar:

– Mas há algum problema, Janet, para você ter vindo me encontrar a uma hora dessas? Aconteceu alguma coisa?

– Não, mas o senhor não chegava nunca. Eu não aguentava mais esperar em casa, ainda mais com essa chuva e esse vento.

– De fato, chove e venta! E você está encharcada como uma sereia; envolva-se na minha capa. Mas acho que está febril, Jane: tanto o seu rosto quanto a sua mão estão queimando. Volto a perguntar, há algo de errado?

– Agora, nada; não estou com medo nem infeliz.

– Mas então esteve?

– Bastante: mas lhe contarei aos poucos, senhor; e ouso dizer que só vai rir

do meu sofrimento.

– Vou rir de você com vontade quando passar o dia de amanhã; até lá, não ouso, pois meu prêmio não é garantido. Esta é mesmo você, que andou escorregadia como uma enguia nesse mês que passou, e espinhenta como uma roseira? Eu não conseguia pôr um dedo em parte alguma sem me espetar, e agora vejo que tenho um cordeirinho perdido nos braços. Abandonou o rebanho para procurar seu pastor, foi isso, Jane?

– Eu queriavê-lo: mas não se gabe. Chegamos a Thornfield; deixe-me descer.

Ele me colocou no chão. Enquanto John levava o cavalo e ele me acompanhava até o vestíbulo, disse-me para ir depressa vestir roupas secas e depois voltar à biblioteca. Deteve-me, quando eu me encaminhava à escada, para que eu lhe prometesse não demorar. De fato não demorei: em cinco minutos estava de volta. Encontrei-o jantando.

– Sente-se e me faça companhia, Jane. Conceda-me essa bondade: é a última refeição que há de fazer em Thornfield por um bom tempo.

Sentei-me ao seu lado, mas lhe disse que não podia comer.

– É porque tem a perspectiva de uma viagem em breve, Jane? A ideia de ir para Londres tira o seu apetite?

– Não consigo ver meu horizonte com clareza esta noite, senhor; não sei nem dizer que ideias tenho na mente. Tudo na vida parece irreal.

– Exceto eu: tenho bastante substância. Pode me tocar.

– O senhor é o que há de mais fantasmagórico: não passa de um sonho.

Ele estendeu a mão, rindo.

– Isto é um sonho? – disse, colocando-a perto dos meus olhos. Sua mão era robusta, musculosa e vigorosa, e seu braço, longo e forte.

– Sim; embora eu possa tocá-la, é um sonho – respondi, enquanto tirava sua mão da frente do meu rosto. – Senhor, já terminou o jantar?

– Sim, Jane.

Toquei a sineta e dei ordens para que recolhessem a bandeja. Quando estávamos outra vez sozinhos, aticei o fogo e me sentei num banco baixo, junto aos joelhos do meu senhor.

– Já é quase meia-noite – eu disse.

– Sim: mas lembre-se, Jane, que você prometeu ficar acordada comigo na noite anterior ao meu casamento.

– Prometi, e vou cumprir a promessa, pelo menos por uma hora ou duas. Não desejo ir para a cama.

– Já terminou todos os seus preparativos?

– Todos, senhor.

– E da minha parte também – ele informou –; já acertei tudo, e vamos deixar Thornfield amanhã meia hora depois de regressar da igreja.

– Muito bem, senhor.

– Com que sorriso extraordinário você disse essas palavras, “muito bem”, Jane! Que tom vívido tem no rosto! E que estranho esse brilho em seus olhos! Está bem?

– Acho que sim.

– Acha! Qual o problema? Diga-me o que sente.

– Eu não poderia, senhor: não há palavras para dizer o que sinto. Gostaria que esta hora não terminasse: quem sabe o que trará o destino no dia de amanhã?

– Isso é hipocondria, Jane. [159](#) Você está agitada demais, ou cansada demais.

– Sente-se calmo e feliz, senhor?

– Calmo? Não. Mas feliz? Até o fundo do coração.

Ergui os olhos para ele e li os sinais de enlevo em seu rosto, que estava ardente e corado.

– Pode confiar em mim, Jane – ele disse –; compartilhe comigo qualquer peso que esteja oprimindo sua mente. De que você tem medo? De que eu não venha a ser um bom marido?

– É a ideia mais distante dos meus pensamentos.

– Está apreensiva quanto ao novo círculo em que vai entrar? Quanto à nova vida que se inicia para você?

– Não.

– Você me intriga, Jane: sua expressão de triste ousadia me deixa perplexo e me aflige. Quero uma explicação.

– Então, senhor, ouça. Não estava em casa ontem à noite, verdade?

– Sim: sei disso; e você sugeriu há pouco algo que aconteceu em minha ausência. Provavelmente nada muito importante; mas, em poucas palavras, perturbou-a. Conte-me o que foi. A sra. Fairfax disse alguma coisa, talvez? Ou você entreouviu os criados falando? Sua sensível autoestima foi ferida?

– Não, senhor.

Soou a meia-noite. Esperei até que o reloginho tivesse terminado o seu badalar metálico, e o grande relógio de pé o seu dobrar rouco e vibrante, e então prossegui.

– Estive muito ocupada o dia todo, ontem, e muito feliz com minhas intermináveis tarefas; pois não estou, como o senhor parece pensar, perturbada por temores sobre o novo círculo etc.: parece-me gloriosa a esperança de viver com o senhor, porque o amo. Não, senhor, não venha me acariciar agora... deixe-me falar sem ser interrompida. Ontem confiei plenamente na Providência, e acreditei que os eventos estavam acontecendo pelo seu bem e pelo meu: era um dia bonito, se o senhor se lembra... a calma do ar e do céu afastava qualquer apreensão relativa à sua segurança ou ao seu conforto na viagem. Caminhei um pouco lá fora depois do chá, pensando no senhor; em minha imaginação, estava tão próximo que mal cheguei a sentir falta de sua presença física. Pensei na vida que havia diante de mim... a sua vida, senhor... uma existência mais expansiva e emocionante do que a minha: assim como as profundezas do mar às quais o riacho se encaminha se comparadas ao baixio do leito onde corre. Perguntei-me por que os moralistas consideram este mundo uma selva perigosa: para mim, desabrochava como uma rosa. [160](#) Na hora do pôr do sol, o ar esfriou e o céu nublou: entrei. Sophie me chamou lá em cima para que eu visse meu vestido de noiva, que tinham acabado de trazer; e debaixo dele, na caixa, encontrei o seu presente... o véu que, em sua extravagância principesca, o senhor mandou trazer de Londres: decidido, creio, já que eu não quis joias, a me fazer aceitar algo igualmente caro. Sorri ao desdobrá-lo, e imaginei como implicaria com o senhor por seus gostos aristocráticos, e seus esforços para mascarar sua noiva plebeia com os atributos de alguém da sua classe. Pensei em levar até o

senhor o quadrado de renda sem bordados que eu mesma preparara para cobrir minha cabeça de origem humilde, e perguntar se não era bom o suficiente para uma mulher que não podia trazer ao marido fortuna, beleza ou conexões. Vi com clareza qual seria a sua expressão, e ouvi suas impetuosas respostas republicanas, sua altiva negação de qualquer necessidade de sua parte em aumentar sua fortuna ou elevar sua posição social casando-se com uma bolsa ou com um diadema.

– Como você me lê bem, sua bruxa! – interrompeu o sr. Rochester. – Mas o que encontrou no véu além do bordado? Encontrou veneno, ou uma adaga, para que pareça tão triste agora?

– Não, não, senhor; além da delicadeza e da riqueza do tecido, não encontrei nada exceto o orgulho de Fairfax Rochester, e isso não me assustou, porque já estou acostumada a ver o demônio. Mas conforme escurecia, senhor, o vento aumentou: ontem à noite não soprava como sopra agora, selvagem e forte, mas “com um gemido sombrio” [161](#) muito mais sobrenatural. Queria que o senhor estivesse em casa. Vim para a biblioteca, e a visão da sua poltrona vazia e da lareira apagada me deu calafrios. Por algum tempo depois de ter ido para a cama não consegui dormir; uma sensação de ansiosa agitação me perturbava. O vendaval continuava aumentando, e parecia aos meus ouvidos disfarçar um outro som queixoso... se dentro ou fora da casa eu a princípio não sabia dizer, mas ele se repetia, incerto mas doloroso a cada vez. Por fim concluí que devia ser algum cachorro uivando à distância. Fiquei feliz quando parou. Ao adormecer, perseguiu-me nos sonhos a ideia de uma noite escura e com muito vento. Também persistiu o desejo de estar com o senhor, e experimentei a mais estranha e pesarosa consciência de alguma barreira nos separando. Na primeira parte do sono, eu seguia as curvas de uma estrada desconhecida; uma escuridão completa me rodeava, e a chuva caía sem piedade sobre mim. Eu estava carregando uma criancinha: uma criatura muito miúda, pequena e fraca demais para andar, e que tremia em meus braços frios e chorava tristemente em meus ouvidos. Eu achava que o senhor estava na estrada, muito à minha frente; tentava de todas as maneiras alcançá-lo, e fazia um esforço terrível para dizer seu nome e lhe pedir que parasse... mas não conseguia me mover direito, e minha voz morria sem articular palavras; enquanto isso, sentia que o senhor se afastava mais e mais a cada momento.

– E esses sonhos pesam no seu estado de espírito agora, Jane, quando estou perto de você? Pessoinha nervosa! Esqueça as aflições inventadas e pense apenas na felicidade real! Você diz que me ama, Janet: sim... não vou me esquecer disso, e você não tem como negar. *Essas* palavras não morreram inarticuladas em seus lábios. Pude ouvi-las nítidas e suaves: um pensamento solene demais, talvez, mas doce como música... “Parece-me gloriosa a esperança de viver com você, Edward, porque o amo.” Você me ama, Jane? Repita.

– Sim, senhor... amo com todo o coração.

– Bem – ele disse, após alguns minutos de silêncio –, é estranho, mas essa frase penetrou em meu peito de maneira dolorosa. Por quê? Acho que foi porque você a pronunciou com uma energia tão honesta e religiosa, e porque o seu olhar voltado para cima, para mim, agora, é um olhar sublime de fé, verdade e devoção: como se um espírito estivesse perto de mim. Pareça um pouco mais perversa, Jane: como você bem sabe fazer. Coloque no rosto um de seus sorrisos selvagens, tímidos e provocantes; diga-me que me odeia... implique comigo, atormente-me; faça qualquer coisa, mas não me entristeça: prefiro que me enfureça a que me aflija.

– Vou implicar com o senhor e fazer com que se irrite até ficar satisfeito quando tiver terminado minha história. Mas me ouça até o fim.

– Pensei que você já tinha me contado tudo, Jane. Pensei ter encontrado a fonte da sua melancolia em seu sonho.

Sacudi negativamente a cabeça.

– O quê! Algo mais? Mas não acredito que seja nada importante. Devo adverti-la de saída que vou me mostrar incrédulo. Vá em frente.

Sua inquietude e impaciência algo apreensiva me surpreenderam; mas continuei.

– Tive outro sonho, senhor: que Thornfield Hall encontrava-se em desoladas ruínas, refúgio de morcegos e corujas. De toda a imponente fachada nada restava além de uma parede oca, muito alta e de aspecto frágil. Eu caminhava, numa noite de luar, pelo espaço do lado de dentro, tomado pelo mato: tropeçava aqui numa lareira de mármore, ali num fragmento caído de uma cornija. Embrulhada num xale, ainda carregava a criancinha desconhecida: não podia colocá-la em parte alguma, por mais que meus

braços estivessem cansados... por mais que seu peso dificultasse o meu avanço, precisava segurá-la. Ouvi um cavalo galopando à distância na estrada. Tinha certeza de que era o senhor, que partia por muitos anos, e para um país distante. Subi na parede fina com uma pressa desvairada e perigosa, ansiosa paravê-lo lá do alto; as pedras rolavam sob os meus pés, os galhos de hera que eu segurava cediam, a criança se agarraava aterrorizada ao meu pescoço, e quase me estrangulava. Por fim, cheguei ao alto. Pudevê-lo, um pontinho numa estrada branca, diminuindo a cada momento. O vento soprava tão forte que eu não conseguia ficar de pé. Sentei-me no peitoril estreito, acalmei a criança assustada no meu colo. O senhor virou uma curva da estrada, e eu me inclinei paravê-lo uma última vez; a parede desmoronou, estremeci, a criança rolou do meu joelho. Eu perdi o equilíbrio, caí e acordei.

– Bem, Jane, basta.

– Basta para o prefácio, senhor; a história ainda está por vir. Quando acordei, um brilho ofuscava os meus olhos. Pensei: ah, amanheceu! Mas estava enganada; era apenas a luz de uma vela. Sophie, imaginei, tinha entrado. Havia uma luz acesa na penteadeira, e a porta do armário, onde eu pendurara o vestido de noiva e o véu antes de ir para a cama, estava aberta; ouvi um barulho ali. Perguntei: “Sophie, o que você está está fazendo?” Ninguém respondeu, mas um vulto emergiu do armário; pegou a vela, segurou no alto e examinou as roupas penduradas na mala. “Sophie! Sophie!”, exclamei mais uma vez: o vulto continuava em silêncio. Eu me sentara na cama, e me curvei para a frente: primeiro a surpresa e depois a perplexidade se apoderaram de mim, e então meu sangue gelou nas veias. Sr. Rochester, não era Sophie, não era Leah, não era a sra. Fairfax. Não era... não, tinha certeza disso, e ainda tenho... não era nem mesmo aquela mulher estranha, Grace Poole.

– Deve ter sido uma delas – interrompeu o meu senhor.

– Não, senhor, posso jurar solenemente que não. O vulto parado diante de mim nunca passara sob meus olhos nos domínios de Thornfield Hall antes; a altura e as formas eram novas para mim.

– Descreva-o, Jane.

– Parecia uma mulher, senhor, alta e robusta, com o cabelo grosso e escuro caindo comprido pelas costas. Não sei que vestido usava: era branco e reto,

mas se era uma camisola, um lençol ou uma mortalha, eu não saberia dizer.

– Conseguiuvê-la?

– No início, não. Mas logo ela tirou o véu do lugar: segurou-o no alto, olhou para ele por muito tempo, então jogou-o sobre a própria cabeça, virando-se para o espelho. Naquele momento, vi o reflexo do rosto e dos traços de maneira bastante distinta no espelho escuro e oblongo.

– E como eram?

– Assustadores e fantasmagóricos para mim... ah, senhor, nunca vi um rosto como aquele! Era um rosto descorado... um rosto selvagem. Gostaria de poder esquecer o modo como revirou os olhos vermelhos, e o exagero sombrio e terrível das feições!

– Fantasmas em geral são pálidos, Jane.

– Esse era roxo, senhor: os lábios eram inchados e escuros, a testa sulcada: as sobrancelhas pretas e grossas encimavam dois olhos sanguíneos. Quer que lhe diga em que ele me fez pensar?

– Pode dizer.

– No terrível espectro alemão... o vampiro.

– Ah! E o que ela fez?

– Senhor, ela tirou o véu de sua cabeça descarnada, rasgou-o em dois e, jogando ambas as partes no chão, pisoteou-as.

– E depois?

– Abriu a cortina da janela e olhou lá para fora; talvez tenha visto a aurora se aproximando, pois, pegando a vela, recuou até a porta. Ao lado da minha cama, parou: os olhos inflamados me fitaram, penetrantes... ela aproximou a vela do meu rosto, e a apagou sob meus olhos. Eu tinha consciência daquele rosto tétrico acima do meu, e perdi os sentidos: pela segunda vez na vida, somente a segunda, o terror me deixou insensível.

– Quem estava com você quando voltou a si?

– Ninguém, senhor, além do dia claro. Levantei-me, lavei a cabeça e o rosto com água, bebi um longo gole; senti que, embora enfraquecida, não estava doente, e decidi que não haveria de compartilhar com ninguém além do senhor aquela visão. Agora me diga, senhor, quem e o que era aquela

mulher?

– A criação de um cérebro excessivamente estimulado, com certeza. Tenho que cuidar bem de você, meu tesouro: nervos como os seus não foram feitos para um tratamento insensível.

– Senhor, pode acreditar, o problema não estava nos meus nervos; a coisa era real. O evento aconteceu de fato.

– E os seus sonhos anteriores, foram reais também? Acaso Thornfield Hall está em ruínas? Estou separado de você por obstáculos intransponíveis? Estou indo embora sem uma lágrima, sem um beijo... sem uma palavra?

– Ainda não.

– Estou prestes a fazer isso? Ora, já começou o dia que há de nos unir de maneira indissolúvel; e, quando estivermos unidos, não haverá recorrência desses terrores mentais: isso posso lhe garantir.

– Terrores mentais, senhor! Gostaria de poder acreditar que são somente isso: é o que desejo, e mais do que nunca, já que nem mesmo o senhor pode me explicar o mistério dessa terrível visitante.



It required my aid
for its gaunt head; went it in two parts,
and, flinging both on the floor, trampled on them.

T H. M. ELLIS 96

Ela tirou o véu de sua cabeça descarnada, rasgou-o em dois e, jogando ambas as partes no chão, pisoteou-as.

– Já que não posso, Jane, deve ter sido irreal.

– Mas, senhor, quando eu disse isso a mim mesma ao me levantar hoje de manhã, e quando olhei ao redor do quarto para reunir coragem e encontrar consolo no aspecto alegre de cada objeto familiar à luz do dia, ali, no tapete... vi o que desmentia a minha hipótese... o véu, rasgado de cima a baixo em duas metades!

Senti o sr. Rochester se sobressaltar e estremecer; envolveu-me prontamente nos braços.

– Graças a Deus! – ele exclamou. – Se algum ser maligno se aproximou de você ontem à noite, somente o véu sofreu. Ah, e pensar no que poderia ter acontecido!

Sua respiração estava acelerada, e ele me apertava tanto de encontro a si que o ar quase me faltava. Após um silêncio de alguns minutos, ele prosseguiu, animado:

– Agora, Janet, vou lhe explicar tudo o que aconteceu. Foi metade sonho, metade realidade. Uma mulher entrou no seu quarto, não duvido: essa mulher era, deve ter sido, Grace Poole. Você mesma diz que ela é uma criatura estranha: com tudo o que sabe, tem razão para pensar assim. O que ela fez comigo? O que fez com Mason? No estado entre o sono e a vigília, você percebeu sua entrada e suas ações. Mas febril e quase delirante como estava, conferiu-lhe uma aparência demoníaca diferente da real: o longo cabelo desgrenhado, o rosto escuro e inchado e a estatura exagerada eram invenções da imaginação, resultado de um pesadelo; o gesto malévolos de rasgar o véu foi real, e é típico dela. Vejo que você gostaria de perguntar por que mantendo uma mulher assim em minha casa: quando estivermos casados por um ano e um dia, vou lhe contar, mas não agora. Está satisfeita, Jane? Aceita minha solução do mistério?

Refleti, e na verdade aquela me parecia ser a única possível: satisfeita eu não estava, mas para agradá-lo tentei apresentar o contrário – aliviada certamente eu me sentia; então respondi-lhe com um sorriso contente. E

agora, como já passava muito de uma da manhã, preparei-me para deixá-lo.

– Sophie não dorme com Adèle no quarto das crianças? – ele perguntou, enquanto eu acendia minha vela.

– Sim, senhor.

– Há espaço suficiente na caminha de Adèle para você. Deve compartilhá-la com ela esta noite, Jane: não é de se admirar que o incidente que você relatou a deixe nervosa, e eu preferiria que não dormisse sozinha. Prometa-me que vai para o quarto da criança.

– Farei isso com prazer, senhor.

– E tranque a porta por dentro. Desperte Sophie quando subir, e peça-lhe que a acorde cedo amanhã, pois você deve estar vestida e já ter terminado o desjejum antes das oito. E agora chega de pensamentos sombrios: deixe de lado as preocupações inúteis, Janet. Não ouve os sussurros suaves com que agora sopra o vento? E a chuva já não martela mais as vidraças: veja só – ele ergueu a cortina –, está uma noite linda!

Estava. Metade do céu se via pura e imaculada. As nuvens, agora marchando diante do vento, que passara a soprar na direção do oeste, afastavam-se em longas colunas prateadas. A lua brilhava pacificamente.

– Bem – disse o sr. Rochester, olhando de maneira inquisitiva dentro dos meus olhos –, como está minha Janet agora?

– A noite está serena, senhor; eu também.

– E não vai sonhar com separação e tristeza esta noite, mas com um amor feliz e uma união bem-aventurada.

Essa previsão se cumpriu parcialmente: de fato não sonhei com tristezas, mas tampouco sonhei com alegrias, pois não cheguei a dormir. Com a pequena Adèle em meus braços, fiquei observando o sono da infância – tão tranquilo, tão livre de paixões, tão inocente – e aguardando a chegada do dia: toda a minha vida estava desperta e agitada em meu corpo: assim que o sol se levantou, eu me levantei também. Lembro-me que Adèle agarrou-se a mim quando a deixei: lembro-me que a beijei enquanto soltava suas mãozinhas do meu pescoço; chorei por ela com uma estranha emoção, e a deixei, porque temia que meus soluços interrompessem seu repouso ainda profundo. Ela parecia o emblema da minha vida passada, e eu agora deveria me aprontar

para o meu desconhecido dia futuro, temido mas adorado.

[159](#) . O termo aqui se refere à depressão patológica, problema de que Charlotte Brontë padeceu e que foi registrado por sua primeira biógrafa, a amiga Elizabeth Gaskell.

[160](#) . A passagem, com a substituição do deserto pela selva, ecoa Isaías: “O deserto e o lugar solitário se alegrarão disto; e o ermo exultará e florescerá como a rosa” (35:1).

[161](#) . Em *As estrofes do último menestrel* (Canto I, Estrofe XIII), o som se explica com a voz da tempestade que se aproxima.

CAPÍTULO 26

SOPHIE VEIO ÀS SETE HORAS me vestir: demorou muito para cumprir sua tarefa; tanto que o sr. Rochester, ficando, suponho, impaciente com a minha demora, mandou perguntar por que eu ainda não tinha descido. Ela estava prendendo o véu (o quadrado simples de renda, afinal) em meu cabelo com um broche; escapei de suas mãos assim que pude.

– Pare! – ela exclamou, em francês. – Olhe-se no espelho: até agora não olhou nenhuma vez.

Virei-me, então, para a porta: vi um vulto usando um vestido e um véu, tão diferente do meu eu habitual que mais parecia a imagem de uma estranha.

– Jane! – chamou uma voz, e eu desci às pressas.

Fui recebida no pé da escada pelo sr. Rochester.

– Que demora! – ele disse. – Meu cérebro está pegando fogo de impaciência, e você se tarda tanto!

Ele me levou para a sala de jantar, examinou-me com atenção, decretou-me “bela como um lírio, não apenas o orgulho da sua vida, mas o desejo dos seus olhos” e, dizendo-me então que ia me dar dez minutos para comer alguma coisa, tocou a sineta. Um de seus criados contratados mais recentemente atendeu.

– John está aprontando a carruagem?

– Sim, senhor.

– A bagagem já foi trazida para baixo?

– Estão trazendo, senhor.

– Vá até a igreja: veja se o sr. Wood (o clérigo) e o escrivário estão lá. Volte e me diga.

A igreja, como o leitor sabe, ficava logo depois dos portões; o criado regressou pouco depois.

- O sr. Wood está na sacristia, senhor, vestindo a sobrepeliz.
- E a carruagem?
- Os cavalos estão sendo atrelados.
- Não queremos que vá até a igreja; deve estar pronta no momento em que regressarmos: todas as caixas e a bagagem arrumadas e amarradas, e o cocheiro em seu assento.
- Sim, senhor.
- Jane, está pronta?

Levantei-me. Não havia padrinhos, madrinhas ou parentes pelos quais esperar, nem ministrante: ninguém além do sr. Rochester e de mim. A sra. Fairfax estava no vestíbulo quando passamos. Eu gostaria de ter falado com ela, mas minha mão estava presa por um aperto de ferro: fui sendo puxada por passos tão largos que mal tinha condições de acompanhar, e olhar para o rosto do sr. Rochester era sentir que nem um segundo de atraso seria tolerado, pelo motivo que fosse. Eu me perguntava que outros noivos tinham seu aspecto – tão determinado a cumprir seu propósito, tão severamente resoluto. Ou quem, sob uma testa tão inflexível, revelava olhos tão acesos e brilhantes.

Não sei se o tempo naquele dia estava bom ou ruim; ao seguir pelo caminho diante da casa, não olhei para o céu nem para a terra: meu coração estava com meus olhos, e ambos pareciam ter migrado para a pessoa do sr. Rochester. Eu queria ver o elemento invisível no qual, conforme seguíamos, ele parecia cravar um olhar feroz e terrível. Queria sentir os pensamentos cuja força ele parecia estar enfrentando e à qual parecia estar resistindo.

No postigo do adro, ele parou: viu que eu estava quase sem fôlego.

– Estou sendo cruel em meu amor? – ele disse. – Espere um pouco: apoie-se em mim, Jane.

E agora recordo a imagem da velha casa cinzenta de Deus erguendo-se calma diante de mim, de uma gralha voando em círculos ao redor do campanário, do céu matinal avermelhado além. Recordo algo, também, dos túmulos verdes; e tampouco esqueci dois vultos estranhos caminhando por entre os outeiros baixos e lendo as inscrições gravadas nas poucas lápides cobertas pelo musgo. Notei-os porque, quando nos viram, foram até os fundos da igreja, e não tive dúvidas de que entrariam pela porta lateral e

testemunhariam a cerimônia. O sr. Rochester não os viu; estava olhando atento para o meu rosto, do qual acho que o sangue havia momentaneamente fugido: eu sentia a testa úmida, e a face e os lábios frios. Quando recobrei as forças, o que logo aconteceu, ele foi andando gentilmente comigo pelo caminho até o átrio.

Entramos no templo silencioso e humilde; o clérigo aguardava com sua sobrepeliz branca no modesto altar, o escriturário ao seu lado. Tudo estava quieto: apenas duas sombras se moviam num canto remoto. Minha conjectura estava correta: os estranhos tinham se esgueirado para dentro da igreja, e agora estavam de pé junto ao jazigo dos Rochester, de costas para nós, observando através das grades o velho túmulo de mármore manchado pelo tempo, onde um anjo de joelhos guardava os restos de Damer de Rochester, morto em Marston Moor, [162](#) no tempo das guerras civis, e de sua esposa Elizabeth.

Fomos ocupar nossos lugares junto à grade do altar. Ouvindo passos cautelosos atrás de mim, olhei por cima dos ombros: um dos estranhos – um cavalheiro, evidentemente – se aproximava, pelo coro. A cerimônia começou. A explicação da intenção do casamento foi dada; o clérigo avançou um passo e, curvando-se de leve na direção do sr. Rochester, prosseguiu:

– Exijo a ambos (como hão de responder no temível dia do Juízo Final, quando os segredos de todos os corações serão conhecidos) que, se algum dos dois souber de qualquer impedimento para que sejam unidos legalmente em matrimônio, confesse agora; pois podem ter certeza de que aqueles que se enlaçam de forma contrária ao que permite a palavra de Deus não são unidos por Deus, tampouco é legal o casamento.

Ele fez uma pausa, como era o costume. Quando essa pausa é alguma vez interrompida por uma resposta? Nem uma vez em cem anos, talvez. E o clérigo, que erguera os olhos do livro e prendera a respiração por um breve momento, prosseguia: sua mão já estava estendida na direção do sr. Rochester, enquanto seus lábios se abriam para perguntar “Aceita esta mulher como sua legítima esposa?”, quando uma voz distinta e próxima disse:

– A cerimônia não pode continuar: eu declaro a existência de um impedimento.

O clérigo olhou para o homem que falara e emudeceu; o escriturário

também. O sr. Rochester se moveu levemente, como se tivesse havido um terremoto sob seus pés: firmando-os, sem virar a cabeça ou os olhos, ele disse:

– Prossiga.

Um silêncio profundo caiu quando ele pronunciou essa palavra, num tom de voz intenso mas baixo. Logo em seguida, o sr. Wood disse:

– Não posso prosseguir sem alguma investigação sobre o que foi afirmado, e provas de sua veracidade ou falsidade.

– A cerimônia já foi interrompida – acrescentou a voz atrás de mim. – Tenho condições de provar minha alegação: existe um impedimento insuperável a este casamento.

O sr. Rochester ouviu, mas não deu atenção: continuava parado, implacável e rígido, sem fazer qualquer outro movimento além de segurar minha mão. Que aperto forte e quente era o seu! E como sua fronte pálida, firme e ampla estava parecendo mármore! Como seus olhos brilhavam, ainda alertas, mas arrebatados sob a superfície!

O sr. Wood parecia não saber o que fazer.

– Qual é a natureza do impedimento? – ele perguntou. – Talvez já não exista mais? Tenha sido explicado?

– Improvável – foi a resposta. – Eu disse que é insuperável, e falo com conhecimento de causa.

O homem que falara avançou e se apoiou na grade. Continuou, pronunciando cada palavra de maneira distinta, calma, constante, mas não muito alta:

– Consiste simplesmente na existência de um casamento prévio. O sr. Rochester tem uma esposa viva.

Meus nervos vibraram com aquelas palavras ditas em voz baixa como nunca tinham vibrado com o trovão – meu sangue sentiu sua violência sutil como jamais sentira o gelo ou o fogo; mas eu estava contida, e não corria o risco de desmaiá. Olhei para o sr. Rochester e fiz com que olhasse para mim. Todo o seu rosto era como uma rocha sem cor: seus olhos eram faísca e pedra. Ele não desmentiu nada: parecia capaz de desafiar todas as coisas. Sem falar, sem sorrir, sem parecer reconhecer em mim um ser humano, ele apenas

passou o braço ao redor da minha cintura e me puxou para o seu lado.

- Quem é o senhor? – ele perguntou ao intruso.
- Meu nome é Briggs, um procurador da rua..., Londres.
- E me atribui uma esposa?
- Eu lhe recordo a existência de sua esposa, senhor, que a lei reconhece, mesmo que o senhor não reconheça.
- Faça a gentileza de descrevê-la... seu nome, seus pais, seu local de residência.
- Claro.

O sr. Briggs tirou calmamente um papel do bolso, que leu com uma espécie de voz oficial e anasalada:

– “Afirmo e posso provar que no dia 20 outubro do ano... (uma data de quinze anos antes), Edward Fairfax Rochester, de Thornfield Hall, no condado de..., e de Ferndean Manor, no condado de..., Inglaterra, casou-se com minha irmã, Bertha Antoinetta Mason, filha de Jonas Mason, comerciante, e de Antoinetta, sua esposa, uma mestiça, na igreja de..., Spanish Town, Jamaica. O registro do casamento pode ser encontrado entre os documentos da igreja. Estou agora de posse de uma cópia. Assinado, Richard Mason.”

– Se for um documento genuíno, isso pode provar que eu fui casado, mas não prova que a mulher nele mencionada ainda está viva.

- Ela estava viva faz três meses – respondeu o advogado.
- Como o senhor sabe?
- Tenho uma testemunha, cujas palavras nem mesmo o senhor viria a contradizer.
- Chame-o, ou vá para o inferno.
- Vou chamá-lo primeiro. Ele está aqui. Sr. Mason, faça a bondade de se adiantar.

Ao ouvir esse nome, o sr. Rochester trincou os dentes. Começou também a tremer de modo forte e quase convulsivo; próxima como estava, senti o movimento espasmódico de fúria e desespero atravessar seu corpo. O segundo estranho, que até então ficara afastado, se aproximou; um rosto

pálido olhou por cima do ombro do procurador – sim, era mesmo Mason. O sr. Rochester se virou e fitou-o. Seus olhos, como eu já disse algumas vezes, eram negros: agora tinham uma luz amarelada – não, sanguínea – em suas trevas. Seu rosto estava corado – a face cor de oliva e a testa pálida tomadas por um brilho que parecia de um fogo que subisse do coração. Ele ergueu o braço forte – poderia ter batido em Mason, o derrubado no chão da igreja, tirado com um golpe impiedoso o ar de seu corpo. Mas Mason se encolheu e exclamou, com uma voz fraca:

– Meu Deus!

O desprezo tomou o sr. Rochester – seu ardor morreu como se uma praga o tivesse feito murchar. Ele apenas perguntou:

– O que você tem a dizer?

Uma resposta inaudível escapou dos lábios pálidos de Mason.

– Isso é coisa do diabo, se não consegue responder de maneira clara. Volto a perguntar, o que você tem a dizer?

– Senhor... senhor – interrompeu o clérigo –, não se esqueça de que está num local sagrado.

Então, dirigindo-se a Mason, ele perguntou, com gentileza:

– Sabe dizer, senhor, se a esposa deste cavalheiro está viva ou não?

– Coragem – impeliu o advogado –; fale.

– Ela está viva, agora, em Thornfield Hall – disse Mason, de maneira mais articulada. – Eu a vi lá no último mês de abril. Sou seu irmão.

– Em Thornfield Hall! – exclamou o clérigo. – Impossível! Sou um antigo residente desta área, senhor, e nunca ouvi falar de uma sra. Rochester em Thornfield Hall.

Vi um sorriso austero distorcer os lábios do sr. Rochester, e ele murmurou:

– Não, por Deus! Tomei cuidado para que ninguém ficasse sabendo disso... ou da existência dela com esse nome.

Ele se pôs a refletir – por dez minutos meditou em silêncio. Tomou sua decisão e anunciou:

– Basta! Todos vão sair daqui imediatamente, como balas de um revólver. Wood, feche o livro e tire a sobrepeliz; John Green – ele disse ao escrivário

–, pode ir embora: não haverá casamento hoje.

O homem obedeceu.

O sr. Rochester continuou, duro e imprudente:

– Bigamia é uma palavra feia! Eu ia, contudo, me tornar bígamo; mas o destino me passou a perna, ou foi a Providência que me colocou em xeque... talvez isso. Não sou muito melhor do que um demônio neste momento; e, como o meu pastor aqui haveria de me dizer, mereço sem dúvida o julgamento mais severo de Deus, até mesmo o fogo inesgotável e um verme imortal. [163](#) Cavalheiros, meu plano fracassou!... O que este advogado e seu cliente dizem é verdade: eu me casei, e a mulher com quem me casei está viva! Diz que nunca soube de uma sra. Rochester na casa ali em frente, Wood; mas ouso dizer que muitas vezes deu ouvidos às fofocas sobre a misteriosa lunática que mora ali, sob estreita vigilância. Algumas pessoas lhe sussurraram que era minha meia-irmã bastarda; outras, minha amante abandonada. Informo-lhe agora que é minha esposa, com quem me casei faz quinze anos... Bertha Mason é o seu nome; trata-se da irmã deste resoluto personagem que está agora, com suas pernas bambas e seu rosto pálido, mostrando-lhe que coração forte os homens podem trazer no peito. Alegre-se, Dick! Não tenha medo de mim! Eu quase preferiria bater numa mulher a bater em você. Bertha Mason é louca, e vem de uma família de loucos; idiotas e maníacos em três gerações! Sua mãe, a mestiça, era louca e bêbada! Foi o que descobri depois que me casei com sua filha, pois eles mantiveram silêncio sobre os segredos da família antes. Bertha, como uma criança obediente, copiou a mãe nas duas coisas. Eu tinha uma companheira encantadora... pura, sábia, modesta: podem imaginar que era um homem feliz. Estive em lugares formosos! Ah! Minha experiência foi sublime... se apenas soubessem! Mas não devo mais explicações. Briggs, Wood, Mason, convido-os todos a virem até minha casa e visitar a paciente da sra. Poole, *minha esposa!* Verão com que tipo de criatura as mentiras fizeram com que eu me casasse, e poderão julgar se tenho ou não o direito de romper esse pacto e buscar afinidades com algo que seja pelo menos humano. Esta moça – ele continuou, olhando para mim – não estava a par do detestável segredo, não mais do que o senhor, Wood: pensava que era tudo honesto e dentro da lei, e nunca sonhou que caía numa armadilha e contraía uma união espúria com um homem miserável e defraudado, já preso a uma companheira má,

louca e embrutecida! Venham todos... sigam-me!

Ainda me segurando firmemente, ele saiu da igreja: os três cavalheiros acompanharam. À porta da frente, encontramos a carruagem.

– Leve-a de volta à cocheira, John – disse com frieza o sr. Rochester. – Não será necessária hoje.

Quando entramos, a sra. Fairfax, Adèle, Sophie e Leah vieram nos receber e nos cumprimentar.

– Para fora daqui, todas! – exclamou meu senhor. – Não quero saber das suas felicitações! Quem precisa delas? Eu não! Estão quinze anos atrasadas!

Ele seguiu em frente e subiu a escada, ainda segurando minha mão, e ainda pedindo que os cavalheiros o acompanhassem, o que fizeram. Subimos o primeiro lance, passamos pelo corredor, seguimos para o terceiro andar: a porta baixa e preta, aberta pela chave mestra do sr. Rochester, admitiu-nos no quarto coberto de tapeçarias, sua ampla cama e seu armário pintado.

– Você conhece este lugar, Mason – disse o nosso guia –; ela o mordeu e o apunhalou aqui.

Ele ergueu a tapeçaria da parede, descobrindo a segunda porta: abriu-a também. Num quarto sem janelas, o fogo queimava numa lareira acesa, protegida por um guarda-fogo alto e forte, e havia um lampião suspenso do teto por uma corrente. Grace Poole estava debruçada sobre o fogo, e parecia cozinar algo numa panela. Nas sombras profundas, na outra extremidade do quarto, um vulto corria de um lado a outro. O que era, se animal ou humano, não era possível, à primeira vista, dizer: a criatura se arrastava, aparentemente, de quatro, mostrava os dentes e rosnavia como algum estranho animal selvagem. Mas usava roupas, e uma cabeleira escura e grisalha, desgrenhada como uma juba, ocultava sua cabeça e seu rosto.

– Bom dia, sra. Poole! – disse o sr. Rochester. – Como está? E como está a sua paciente hoje?

– Estamos toleráveis, senhor, obrigada – respondeu Grace, erguendo cuidadosamente o mingau que fervia. – Bastante irritada, mas não agressiva.

Um grito penetrante pareceu desmentir seu relatório favorável: a hiena de roupas se levantou e se pôs de pé sobre as patas traseiras.

– Ah! Senhor, ela o viu! – exclamou Grace. – É melhor não ficar aqui.

– Só alguns instantes, Grace: precisa me conceder alguns instantes.

– Tome cuidado, então, senhor!... Pelo amor de Deus, tome cuidado!

A louca deu um berro: afastou o cabelo desgrenhado do rosto e fitou de maneira selvagem seus visitantes. Pude reconhecer aquele semblante púrpura – aqueles traços inchados. A sra. Poole se adiantou.

– Fique fora do caminho – disse o sr. Rochester, afastando-a. – Ela não tem uma faca, agora, suponho? E estou atento.

– Nunca se sabe o que ela traz consigo, senhor: é tão astuciosa. Um simples mortal não tem como supor as suas habilidades.

– É melhor irmos embora – sussurrou Mason.

– Vá para o diabo! – foi a recomendação de seu cunhado.

– Cuidado! – exclamou Grace.

Os três cavalheiros recuaram simultaneamente. O sr. Rochester me puxou para trás dele: a louca deu um pulo e agarrou ferozmente seu pescoço, tentando cravar os dentes em seu rosto. Eles se altercaram. Ela era uma mulher grande, tinha quase a mesma altura do marido, e além disso era corpulenta: demonstrou força viril no combate – mais de uma vez quase o esganou, mesmo atlético como ele era. Ele poderia tê-la liquidado com um golpe certeiro, mas não a agredia: somente lutava. Por fim, conseguiu controlar seus braços. Grace Poole deu-lhe uma corda, e ele os prendeu às suas costas. Com outro pedaço de corda que estava à mão, amarrou-a numa cadeira. A operação foi feita em meio aos mais penetrantes gritos e mais convulsivos solavancos. O sr. Rochester virou-se então para os espectadores: olhou-os com um sorriso ao mesmo tempo amargo e desolado.

– Essa é a *minha esposa* – disse ele. – Esse é o único abraço conjugal que hei de conhecer... essas são as demonstrações de ternura que hão de acompanhar minhas horas de lazer! E *esta* é a mulher que eu gostaria de ter – continuou, pondo a mão no meu ombro. – Esta jovem que permanece tão séria e quieta diante das portas do inferno, olhando calmamente para as cambalhotas de um demônio. Eu a desejava como uma mudança depois desse pungente ragu. Wood e Briggs, vejam a diferença! Comparem estes olhos límpidos com as esferas vermelhas ali adiante... este rosto com aquela máscara, este corpo com aquela massa disforme. Então julguem-me, pastor do Evangelho e homem da lei, e lembrem-se de que assim como julgarem

também hão de ser julgados! [164](#) Vão embora, agora. Preciso fazer a minha bem-amada se calar.

Todos nos retiramos. O sr. Rochester ficou mais um momento, para dar ordens a Grace Poole. O escravíno se dirigiu a mim enquanto descia a escada.

– A senhorita, madame – disse ele –, está isenta de culpa: seu tio ficará feliz em saber disso, se de fato ainda estiver vivo, quando o sr. Mason regressar à ilha da Madeira.

– Meu tio! O que tem ele? O senhor o conhece?

– O sr. Mason conhece. Faz alguns anos que o sr. Eyre é representante de sua casa no Funchal. Quando seu tio recebeu uma carta revelando a esperada união entre a senhorita e o sr. Rochester, o sr. Mason, que estava na Madeira para recuperar sua saúde, a caminho de volta à Jamaica, por acaso se encontrava com ele. O sr. Eyre mencionou a notícia, pois sabia que meu cliente aqui tinha conhecimento de um cavalheiro chamado Rochester. O sr. Mason, surpreso e perturbado, como pode imaginar, contou-lhe a realidade dos fatos. Seu tio, lamento dizer, está agora confinado ao leito, do qual, considerando a natureza de sua enfermidade, o declínio e o estágio em que se encontra, é improvável que venha a se levantar. Não podia vir ele mesmo até a Inglaterra, portanto, libertá-la da armadilha em que havia caído, mas implorou ao sr. Mason que não perdesse tempo em tomar medidas para impedir o falso casamento. Indicou-me a ele, para que lhe prestasse assistência. Apressei-me o quanto pude, e estou grato por não ter chegado tarde demais: se eu não estivesse moralmente certo de que seu tio estará morto antes que a senhorita chegue à Madeira, iria aconselhá-la a acompanhar o sr. Mason até lá; mas, do modo como as coisas estão, acho melhor ficar na Inglaterra até receber outras notícias, ou da parte do sr. Eyre ou sobre ele. Algo mais nos detém aqui? – ele perguntou ao sr. Mason.

– Não, não... vamos embora – foi a resposta ansiosa; e sem esperar para se despedir do sr. Rochester eles saíram pela porta do vestíbulo. O clérigo ficou para trocar algumas frases, de admoestação ou repreensão, com o altivo membro do seu rebanho; cumprida a tarefa, ele também partiu.

Pude ouvi-lo ir embora pela porta entreaberta do meu quarto, ao qual eu me recolhera. Os visitantes tendo partido, eu me fechei ali, passei a tranca

para que ninguém entrasse e fui não chorar nem me lamentar, pois estava calma demais para isso, mas tirar mecanicamente o vestido de noiva e trocá-lo pela veste simples que usara na véspera – pensava que pela última vez. Então me sentei: sentia-me fraca e cansada. Apoiei os braços na mesa, e minha cabeça pendeu sobre eles. Nesse momento, então, pensei: até agora eu só ouvira, vira, movera-me – fora para um lado e para outro conforme era conduzida ou arrastada –, observara evento após evento, revelação após revelação: mas *agora eu pensava*.

A manhã fora até bastante tranquila – exceto pela breve cena com a louca: a negociação na igreja não fora ruidosa; não houvera explosão de cólera, altercação barulhenta, briga, provocação ou desafio, nenhuma lágrima, nenhum soluço: poucas palavras foram ditas, uma objeção ao casamento declarada com calma; o sr. Rochester fizera algumas perguntas graves e curtas; houve respostas e explicações e apresentou-se uma prova; meu senhor admitiu abertamente a verdade; a prova viva foi vista; os intrusos se foram e tudo terminou.

Eu estava no meu quarto como de hábito – somente eu, sem qualquer mudança óbvia: nada me atingira, ferira ou mutilara. Contudo, onde estava a Jane Eyre da véspera? Onde estava sua vida? Onde estavam suas perspectivas?

Jane Eyre, que fora uma mulher intensa e cheia de expectativas – quase uma esposa –, era outra vez uma moça fria e solitária: sua vida era pálida, suas perspectivas, desoladoras. Uma geada de inverno acontecera no meio do verão, uma tempestade branca de dezembro caíra sobre o mês de junho; o gelo cobria as maçãs maduras, correntes de vento esmagavam as rosas, sobre os campos de feno e de milho jazia uma mortalha gélida. Caminhos que na noite anterior estavam cobertos de flores hoje desapareciam sob a neve ainda virgem, e o bosque, que doze horas antes acenava exuberante e fragrante como as matas tropicais, estava agora desolado e branco feito as florestas de pinheiros na Noruega invernal. Minhas esperanças estavam todas mortas – atingidas por uma súbita condenação, como a que numa noite caíra sobre todos os primogênitos na terra do Egito. [165](#) Eu olhava para os meus queridos desejos, que na véspera floresciam e brilhavam; estavam rígidos, frios, lívidos como cadáveres que nunca deveriam reviver. Olhava para o meu amor: aquele sentimento que era do meu senhor – que ele criara; tremia no

meu coração, como uma criança enferma num berço frio: a doença e a angústia tinham se apoderado dele. Esse amor não podia buscar os braços do sr. Rochester – não podia encontrar calor junto ao seu peito. Ah, nunca mais poderia voltar-se na direção dele, pois a fé havia sido arruinada e a confiança, destruída! O sr. Rochester já não era para mim o que havia sido, pois não era o que eu pensava que fosse. Eu não iria imputar-lhe imoralidade, não diria que me havia traído, mas a qualidade da verdade imaculada já não existia na ideia que eu fazia dele, e eu devia me afastar de sua presença: *isso* eu percebia bem. Quando, como e para onde eu iria, ainda não conseguia discernir; mas ele próprio, eu não tinha dúvida, mandaria que eu fosse logo embora de Thornfield. Afeto real, ao que parecia, ele não poderia ter por mim; fora apenas paixão caprichosa. Tendo sido esta contestada, ele não haveria mais de me querer. Eu deveria mesmo temer cruzar o seu caminho agora: minha visão devia ser-lhe odiosa. Ah, como meus olhos tinham sido cegos! Como minha conduta fora fraca!

Meus olhos estavam cobertos e fechados: uma escuridão crescente parecia envolver-me, e os pensamentos vinham num fluxo igualmente negro e confuso. Abandonando-me, lassa e sem fazer esforço, era como se eu estivesse no leito seco de um grande rio; ouvi a água se avolumar em montanhas remotas, e senti a torrente se aproximando: para me levantar eu não tinha força de vontade, para fugir não tinha disposição. Permaneci deitada, fraca, desejando estar morta. Uma única ideia ainda pulsava, semelhante à vida, dentro de mim – a lembrança de Deus. Gerou uma oração não falada: as palavras atravessavam de um lado a outro minha mente obscurecida, como algo que deveria ser sussurrado, mas não havia energia para expressá-las...

“Não fiques distante de mim, pois a angústia está perto e não há ninguém que me socorra.” [166](#)

Estava perto: e eu não enviara qualquer pedido aos céus para evitá-la – não unira as mãos, não me pusera de joelhos, não movera os lábios. Chegou: com ímpeto pleno a torrente se precipitou sobre mim. Toda a consciência da minha vida desolada, do meu amor perdido, da minha esperança extinta, da minha fé moribunda, tudo isso me atingiu por completo numa única massa sombria. Essa hora amarga não pode ser descrita: na verdade, “as águas penetraram na minha alma; afundei no denso lamaçal. Não tinha onde firmar

os pés; as águas se fizeram cada vez mais profundas, a enchente alagou tudo.” [167](#)

[162](#) . Ocorrida em 1844, a batalha de Marston Moor foi a maior da Revolução Inglesa (1642-49). Nela, o exército liderado pelo parlamentarista Oliver Cromwell derrotou os realistas, apoiadores do absolutismo de Carlos I.

[166](#) . A passagem está em Salmos 22:11.

[167](#) . Em Salmos 69:1-2.

CAPÍTULO 27

EM ALGUM MOMENTO durante a tarde ergui a cabeça e, olhando ao redor e vendo o sol no ocidente deslizando os sinais de seu declínio pela parede, perguntei:

– O que devo fazer?

Mas a resposta que minha mente deu – “deixar Thornfield imediatamente” – foi tão imediata, tão terrível, que tapei os ouvidos. Disse que não podia suportar tais palavras agora.

– O fato de que não sou noiva de Edward Rochester é a parte mais insignificante da minha tristeza – aleguei. – O fato de ter acordado dos sonhos mais gloriosos e descoberto que são todos ocos e vãos é um terror que eu poderia suportar e dominar; mas ter que deixá-lo decididamente, imediatamente, inteiramente é intolerável. Não posso fazer isso.

Mas então uma voz dentro de mim afirmou que eu podia, sim, e me avisou que deveria fazê-lo. Lutei contra minha própria decisão: eu queria ser fraca para poder evitar o terrível caminho de mais sofrimento que eu via se estender diante de mim; e a Consciência, transformada em tirana, segurava a Paixão pelo pescoço e lhe dizia, cheia de escárnio, que havia apenas molhado seus delicados pezinhos no charco, e jurava que ia, com um braço de ferro, atirá-la nas profundezas inauditas da agonia.

– Que me arranquem daqui, então! – exclamei. – Que outra pessoa me ajude!

– Não; você terá que arrancar a si mesma daqui, e ninguém vai ajudá-la: você mesma terá de extrair seu olho direito, decepar a sua mão direita: [168](#) o seu coração será a vítima, e você, o sacerdote que vai apunhalá-lo.

Levantei-me subitamente, aterrorizada com a solidão que um juiz tão impiedoso habitava – com o silêncio que uma voz tão terrível preenchia. Minha cabeça girou quando me levantei. Percebi que estava ficando enjoada

de agitação e fraqueza; nenhum alimento ou bebida haviam passado pelos meus lábios naquele dia, pois eu não tomara o desjejum. Com uma estranha pontada de dor, refleti que, durante todo o tempo em que eu estivera trancada ali, nenhuma mensagem fora enviada para me perguntar como eu estava, ou para me convidar a descer: nem mesmo a pequena Adèle batera à porta, nem mesmo a sra. Fairfax procurara por mim.

– Os amigos sempre esquecem aqueles a quem a sorte abandona – murmurei, enquanto destravava a porta e saía.

Tropecei num obstáculo: minha cabeça ainda estava tonta, minha vista estava turva, minhas pernas estavam fracas. Não consegui me equilibrar prontamente. Caí, mas não no chão: um braço estendido me segurou. Ergui os olhos – o sr. Rochester me apoiara, sentado numa cadeira diante da porta do meu quarto.

– Você saiu, enfim – ele disse. – Bem, faz muito tempo que a estou esperando, com os ouvidos atentos: não ouvi um movimento ou soluço. Mais cinco minutos desse silêncio de morte e eu teria arrombado a porta, feito um ladrão. Então está me evitando? Trancou-se para sofrer sozinha! Eu teria preferido que viesse me repreender com veemência. Você é passional: eu esperava algum tipo de cena. Estava preparado para a chuva quente de lágrimas, só queria que fossem derramadas sobre meu peito: agora, um chão insensível as recebeu, ou o seu lenço encharcado. Mas estou enganado: você não chorou! Vejo uma face pálida e olhos baços, mas nenhum traço de lágrimas. Suponho, então, que o seu coração esteve chorando sangue?

“Ora, Jane! Nenhuma palavra de censura? Nada amargo... nada pungente? Nada para cortar um sentimento ou aferroar uma paixão? Você fica sentada quieta onde a coloquei, e me fita com um olhar cansado e passivo.

“Jane, nunca quis feri-la desse jeito. Se o homem que só tivesse uma ovelhinha,¹⁶⁹ querida para ele como uma filha, e que comesse do seu pão e bebesse do seu copo e se deitasse junto ao seu peito, a tivesse matado por engano não lamentaria mais o seu maldito erro do que agora lamento o meu. Algum dia você vai me perdoar?”

Leitor, eu o perdoei naquele momento e ali mesmo. Havia tamanho remorso em seus olhos, tamanha tristeza em sua voz e uma energia tão máscula em sua conduta: além disso, havia um amor inalterado na sua

aparência e atitude – perdoei tudo: mas não ainda em palavras, externamente; somente no fundo do meu coração.

– Sabe que sou um patife, Jane? – ele perguntou logo em seguida, melancólico, imaginando, suponho, ver no meu prolongado silêncio e mansidão mais fraqueza do que determinação.

– Sim, senhor.

– Então me diga isso com todas as letras... não me poupe.

– Não posso: estou cansada e enjoada. Quero um pouco d'água.

Ele deu uma espécie de suspiro trêmulo e, tomndo-me nos braços, levou-me para baixo. A princípio eu não sabia para que cômodo ele me levara: tudo estava nublado para meus olhos vidrados. Logo senti o calor revigorante do fogo; pois, mesmo sendo verão, eu estava gelada em meu quarto. Ele levou vinho aos meus lábios; tomei um pouco e revivi; então comi algo que ele me oferecia, e logo voltei a ser eu mesma. Estava na biblioteca – sentada em sua poltrona –, e ele bem perto de mim. “Se eu pudesse encerrar a minha vida agora, sem uma dor tão intensa, para mim estaria bem”, pensei; “assim não teria que fazer o esforço de quase arrebentar as fibras do meu coração ao arrancá-las do coração do sr. Rochester. Devo deixá-lo, ao que parece. Não quero deixá-lo... não posso deixá-lo.”

– Como se sente agora, Jane?

– Muito melhor, senhor. Logo estarei bem.

– Tome mais um pouco de vinho, Jane.

Obedeci; ele então colocou a taça na mesa, pôs-se de pé diante de mim e me fitou com atenção. Subitamente se virou, com uma exclamação inarticulada, cheio de algum tipo de apaixonada emoção; caminhou depressa pela biblioteca e voltou. Inclinou-se na minha direção como se fosse me beijar, mas eu me lembrei de que os carinhos estavam agora proibidos. Virei o rosto, desviando o dele.

– O quê! Por que isto? – ele exclamou. – Ah, já sei! Você não quer beijar o marido de Bertha Mason? Acha que meus braços já estão ocupados e que meus abraços são propriedade de outra pessoa?

– Seja como for, não tenho espaço entre eles nem direito a eles, senhor.

– Por quê, Jane? Vou lhe poupar o trabalho de falar demais; respondo por

você... Porque eu já tenho uma esposa, você diria. Estou certo?

– Sim.

– Se é isso o que você pensa, deve ter uma estranha opinião sobre mim; deve me considerar um depravado astucioso, um vil e detestável libertino que vem simulando amor desinteressado de modo a atraí-la para uma armadilha deliberadamente preparada, e privá-la da sua honra e lhe roubar a autoestima. O que diria quanto a isso? Vejo que não pode dizer nada. Em primeiro lugar, ainda se sente fraca, e o ar mal lhe basta para respirar; em segundo lugar, não pode ainda se acostumar a me acusar e me ultrajar, e além disso a represa das lágrimas se abriu, e elas iriam jorrar se você falasse muito. Não tem o menor desejo de protestar, de me repreender, de fazer uma cena: está pensando em como *agir* ... *falar* você acha que não tem utilidade alguma. Conheço-a... estou atento.

– Não quero agir contra o senhor – eu disse, e minha voz instável me advertiu de que devia abbreviar a frase.

– Não no sentido que você dá à palavra, mas no sentido que *eu* dou, está tramando para me destruir. Você já disse que eu sou um homem casado... e como um homem casado vai me recusar, sair do meu caminho: assim como há pouco se recusou a me beijar. Pretende se transformar numa completa estranha para mim: viver sob este teto somente como educadora de Adèle. Se eu em algum momento lhe disser uma palavra afetuosa, se em algum momento você sentir por mim outra vez qualquer sentimento afetuoso, dirá: “Esse homem quase fez de mim a sua amante: preciso ser gelo e pedra para ele.” E em gelo e pedra você vai se transformar.

Pigarreei e controlei minha voz para responder:

– Tudo mudou ao meu redor, senhor; eu também devo mudar... disso não há dúvida. E para evitar flutuações de sentimento e combates contínuos com lembranças e associações só há um caminho... Adèle precisa ter uma nova educadora, senhor.

– Ah, Adèle irá para a escola. Já arranjei isso. Tampouco pretendo atormentar você com as terríveis associações e lembranças de Thornfield Hall, este lugar maldito, esta tenda de Acã, [170](#) este jazigo insolente que oferece o terror da morte viva à luz do dia... este pequeno inferno de pedra, com o seu único verdadeiro demônio, pior do que a legião que podemos

imaginar. Jane, você não vai ficar aqui, nem eu. Foi errado tê-la um dia trazido a Thornfield Hall, sabendo, como eu sabia, que era uma casa mal-assombrada. Mandei que ocultassem de você, antes mesmo de vê-la, qualquer informação sobre a maldição deste lugar, simplesmente porque temia que Adèle jamais viesse a ter uma educadora se esta soubesse com quem compartilhava a casa, e meus planos não me permitiam levar a louca para outro lugar; embora eu possua uma velha casa, Ferndean Manor, ainda mais afastada e escondida do que esta, onde poderia tê-la alojado com bastante segurança, se um escrúpulo com relação à insalubridade da localização, no meio da floresta, não fizesse minha consciência recuar diante dessa possibilidade. Provavelmente aquelas paredes úmidas logo teriam me libertado do meu fardo: mas cada vilão tem o seu próprio vício, e o meu não é uma tendência ao assassinato indireto, mesmo daqueles que mais odeio.

“Esconder de você a proximidade da louca, contudo, foi como cobrir uma criança com uma capa e colocá-la ao lado da árvore da morte: [171](#) a vizinhança daquele demônio é envenenada, sempre foi. Mas vou fechar Thornfield Hall, bater pregos na porta da frente e cobrir com tábuas as janelas inferiores: vou pagar à sra. Poole duzentas libras por ano para viver aqui com *minha esposa*, como chama aquela bruxa odiosa; Grace é capaz de muita coisa por dinheiro, e seu filho, vigia em Grimsby Retreat, [172](#) pode lhe fazer companhia e ajudá-la nos paroxismos, quando *minha esposa* é incitada pelo diabo a queimar pessoas em suas camas à noite, ou apunhalá-las, ou mordê-las até arrancar a carne de seus ossos, e assim por diante.”

– Senhor – eu o interrompi –, o senhor é implacável com relação àquela senhora desafortunada: fala dela com ódio, com vingativa antipatia. É cruel... ela não pode evitar ser louca.

– Jane, minha querida (vou chamá-la assim, pois é o que você é), não sabe do que está falando; está equivocada mais uma vez no julgamento que faz de mim: não é porque ela é louca que eu a odeio. Se você fosse louca, acha que eu iria odiá-la?

– Acho sim, senhor.

– Então você se engana, e não me conhece, e não sabe nada do tipo de amor de que sou capaz. Cada átomo da sua pele me é caro como se fosse a minha própria: na dor e na doença ainda seria caro. Sua mente é o meu

tesouro, e se ela fosse defeituosa continuaria sendo o meu tesouro: se você tivesse ataques, meus braços haveriam de contê-la, e não uma camisa de força. Se tentasse me agarrar, mesmo em momentos de fúria, isso teria um encanto para mim. Se saltasse sobre mim com a mesma selvageria daquela mulher hoje de manhã, eu haveria de recebê-la num abraço, tão carinhoso quanto restritivo. Não haveria de me encolher de desgosto diante de você como fiz diante dela: em seus momentos de calma você não teria vigia ou enfermeira além de mim, e eu cuidaria de você com incansável ternura, ainda que não me desse um único sorriso em retribuição. Eu nunca haveria de me cansar de fitá-la nos olhos, ainda que eles não tivessem um lampejo de reconhecimento para mim. Mas por que estou me deixando levar por esses pensamentos? Falava em levá-la embora de Thornfield Hall. Tudo está, como sabe, preparado para a partida imediata: você deverá ir amanhã. Só lhe peço que tolere mais uma noite sob este teto, Jane; e, então, adeus aos seus sofrimentos e terrores para sempre! Tenho um lugar aonde posso ir, um lugar que será um refúgio seguro de reminiscências odiosas, de intrusões indesejáveis... até mesmo da falsidade e da difamação.

– Leve Adèle com o senhor – interrompi –; ela vai lhe fazer companhia.

– O que você quer dizer com isso, Jane? Eu lhe disse que vou mandar Adèle para a escola, e por que eu haveria de querer a companhia de uma criança, que nem minha filha é... a bastarda de uma dançarina francesa? Por que você me aborrece tanto falando dela? Diga-me, por que está designando Adèle como minha companheira?

– O senhor falou de um refúgio, e o refúgio e a solidão são tediosos: tediosos demais para o senhor.

– Solidão! Solidão! – ele repetiu, irritado. – Vejo que vou ter de explicar. Não sei que expressão esfíngica é essa que está se formando em seu rosto. Você deve compartilhar minha solidão. Compreende?

Fiz que não com a cabeça: era necessário um grau considerável de coragem para arriscar esse sinal mudo de dissenso, exacerbado como ele estava ficando. Caminhava depressa pela biblioteca, e parou, como se subitamente imobilizado num ponto. Olhou para mim de maneira demorada e firme: afastei os olhos dele, fixei-os no fogo, e tentei assumir e manter um aspecto quieto e contido.

– Encontramos o defeito no caráter de Jane – ele disse, por fim, falando com mais calma do que, pelo seu olhar, eu esperara que fosse falar. – O carretel de seda correu bastante suave até agora, mas eu sempre soube que chegaria num nó, num enigma: aqui está. Agora, o tormento, a exasperação, os problemas sem fim! Por Deus! Gostaria de ter uma fração da força de Sansão, [173](#) e desfazer esse enredamento como se fosse um pedaço de linha!

Voltou a caminhar, mas logo parou novamente, e dessa vez diante de mim.

– Jane, pode ouvir a voz da razão? (Ele parou e aproximou os lábios do meu ouvido.) Porque se não ouvir, vou tentar a violência.

Sua voz estava rouca; seu olhar era o de um homem prestes a romper uma barreira insuportável e entrar de cabeça num salvo-conduto ao descontrole. Vi que em mais um momento, e com mais um ímpeto de frenesi, eu já não poderia mais fazer nada contra ele. O presente – o segundo que se passava – era tudo o que eu tinha para dominá-lo e contê-lo: um movimento de repulsa, fuga ou medo teria selado o meu destino – e o dele. Mas eu não tinha medo, nem um pouco. Sentia uma força interior, um senso de autoridade moral, que me apoiava. A crise era perigosa, mas não destituída de encanto: como o que o índio sente, talvez, ao entrar na corredeira com sua canoa. Segurei seu punho cerrado, abri os dedos contorcidos e lhe disse, de maneira apaziguadora:

– Sente-se; vou falar com o senhor pelo tempo que quiser, e ouvir tudo o que tiver a dizer, sejam suas palavras razoáveis ou não.

Ele se sentou, mas não começou a falar imediatamente. Eu estivera lutando com as lágrimas durante algum tempo; esforçara-me muito para reprimi-las, porque sabia que ele não ia gostar de me ver chorar. Agora, porém, achei que seria bom deixá-las escorrer com liberdade e pelo tempo que quisessem. Se a torrente o perturbasse, melhor. Então cedi, e chorei copiosamente.

Logo o ouvi pedindo sinceramente que eu me controlasse. Eu disse que não podia enquanto ele estivesse tão exaltado.

– Mas eu não estou zangado, Jane: somente amo-a demais, e você endureceu o seu rostinho pálido com uma expressão tão resoluta e gélida que eu não pude suportar. Calma, agora, e enxugue os olhos.

Sua voz mais suave anunciou que ele tinha cedido; eu, por minha vez, então me acalmei. Ele fez um esforço para pousar a cabeça em meu ombro,

mas eu não podia permitir. Então ele quis me puxar para si: não.

– Jane! Jane! – ele disse, com um tom de tão amarga tristeza que fez vibrar cada nervo meu. – Você não me ama, então? Era somente a minha posição, e o título de minha esposa, que você valorizava? Agora que me considera desqualificado para ser seu marido, você recua diante do meu toque como se eu fosse um sapo ou um macaco.

Essas palavras me feriram: o que eu podia fazer ou dizer? Provavelmente não devia ter feito ou dito coisa alguma, mas estava tão torturada pelo remorso de magoar seus sentimentos que não pude controlar o desejo de aplicar um bálsamo na ferida que abrira.

– Ainda o amo – respondi –, mais do que nunca: mas não vou demonstrar esse sentimento nem me entregar a ele, e é a última vez que o expresso.

– A última vez, Jane! O quê! Você acha que pode viver comigo, ver-me diariamente, e mesmo assim, se ainda me ama, ser sempre fria e distante?

– Não, senhor, tenho certeza de que não poderia fazer isso, e portanto só vejo uma saída: mas o senhor ficará furioso se eu mencioná-la.

– Ah, pode mencioná-la! Se eu perder a cabeça, você pode se valer da arte do choro.

– Sr. Rochester, devo deixá-lo.

– Por quanto tempo, Jane? Por alguns minutos, enquanto penteia o cabelo, que está algo desalinhado, e lava o rosto, que parece febril?

– Devo deixar Adèle e Thornfield. Devo me apartar do senhor para o resto da vida: devo começar uma nova existência entre rostos estranhos e paisagens estranhas.

– Claro: foi o que eu disse que você deveria fazer. Deixo de lado a loucura de se apartar de mim. Você quer dizer que deve se tornar uma parte de mim. Quanto à nova existência, não haverá problemas: você ainda será minha esposa; não sou casado. Você há de ser a sra. Rochester, virtual e nominalmente. Serei fiel a você enquanto estiver vivo. Deve ir para um lugar que posso no sul da França: uma *villa* caiada de branco na costa do Mediterrâneo. Lá poderá viver uma vida feliz, protegida e totalmente inocente. Nunca tema que eu deseje atraí-la para o erro... fazer de você minha amante. Por que faz que não com a cabeça? Jane, precisa ser razoável,

ou eu vou mesmo me descontrolar outra vez.

Sua voz e suas mãos tremiam, suas amplas narinas se dilataram, seus olhos queimavam: ainda assim, ousei falar.

– Senhor, sua esposa está viva: este é um fato reconhecido hoje de manhã pelo senhor mesmo. Se vivêssemos juntos como deseja, eu seria então sua amante. Dizer qualquer coisa diferente disso é um sofisma, uma falsidade.

– Jane, eu não sou um homem de temperamento dócil, você se esquece disso: não tolero muita coisa, não sou frio e equilibrado. Se tem pena de mim e de você mesma, ponha o dedo no meu pulso e veja como ele lateja... tome cuidado!

Ele desnudou o punho, oferecendo-o a mim: o sangue se esvaía de seu rosto e de seus lábios, que estavam ficando lívidos; fiquei muito alarmada. Agitá-lo assim tão profundamente, por meio de uma resistência tão abominável, era cruel; ceder estava fora de questão. Fiz o que os seres humanos fazem instinctivamente quando levados a uma situação extrema – busquei auxílio naquele que é maior do que os homens: as palavras “Que Deus me ajude!” irromperam involuntariamente dos meus lábios.

– Sou um tolo! – exclamou de súbito o sr. Rochester. – Fico repetindo a ela que não sou casado, mas não explico por quê. Esqueço-me de que ela nada sabe do caráter daquela mulher, ou das circunstâncias que envolvem minha infernal união com ela. Ah, tenho certeza de que Jane vai concordar comigo quando souber tudo o que sei! Coloque sua mão na minha, Janet, para que eu possa ter a prova do toque assim como a da visão, e mostre que está perto de mim... E eu vou, em poucas palavras, deixá-la a par do real estado da situação. Pode me ouvir?

– Sim, senhor; durante horas, se o senhor quiser.

– Só peço alguns minutos. Jane, você já ouviu dizer que eu não era o filho mais velho da minha família, e que outrora tive um irmão mais velho que eu?

– Lembro-me de que a sra. Fairfax me disse, certa vez.

– Já ouviu dizer que meu pai era um homem avarento e possessivo?

– Fui informada de algo nesse sentido.

– Bem, Jane, sendo esse o caso, era a determinação dele manter suas posses reunidas; não podia tolerar a ideia de dividir sua fortuna e deixar para

mim uma porção razoável: decidiu que tudo deveria ir para o meu irmão Rowland. Mas tampouco suportaria que um filho seu fosse pobre. Eu deveria me casar com uma mulher rica. Logo me buscou uma parceira. O sr. Mason, um agricultor e comerciante das Índias Ocidentais, era um velho conhecido seu. Ele tinha certeza de que suas posses eram reais e vastas: informou-se. O sr. Mason, ele descobriu, tinha um filho e uma filha, a quem podia e queria dar uma fortuna de trinta mil libras: era o bastante. Quando terminei a faculdade, fui mandado para a Jamaica, a fim de me casar com uma noiva já escolhida para mim. Meu pai nada disse sobre o dinheiro dela, mas me contou que a sra. Mason era a sensação de Spanish Town, devido à sua beleza: e isso não era mentira. Achei-a uma bela mulher, ao estilo de Blanche Ingram: alta, morena e majestosa. Sua família tinha interesse em garantir o casamento comigo, porque eu era de uma raça boa; ¹⁷⁴ e ela também queria. Exibiram-na para mim em festas, esplendidamente vestida. Eu raramente a via sozinha, e tive com ela muito poucas conversas particulares. Ela me lisonjeava, e me mostrava generosamente seus encantos e talentos. Todos os homens em seu círculo pareciam me admirar e invejar. Eu estava deslumbrado e entusiasmado: meus sentidos estavam excitados e, inexperiente que era, pensei que a amava. Não há tolice tão grande que as frivolidades idiotas da sociedade e a lascívia, a precipitação e a cegueira da juventude não levem um homem a cometer. Seus parentes me encorajavam, os rivais me atiçavam, ela me tentava: o casamento aconteceu quase antes que eu soubesse onde estava. Ah, não tenho o menor respeito por mim quando penso naquele evento! Uma agonia de autodesprezo me domina. Nunca a amei, nunca a estimei, nem mesmo a conhecia. Não tinha certeza da existência de uma única virtude em sua natureza: não notara modéstia, benevolência, candura ou refinamento em sua mente ou em seu modo de agir... e me casei com ela: idiota grosseiro, vil e cego que fui! Teria sido um pecado menor se eu tivesse... mas preciso me lembrar de com quem estou falando.

“A mãe da minha noiva eu nunca vira: presumi que estivesse morta. Terminada a lua de mel, vi que me enganara; ela só era louca, e estava trancada num asilo. Havia um irmão mais novo também, um idiota completo. O mais velho, que você viu (e que não tenho como odiar, por mais que abomine sua família, pois ele tem alguns grãos de afeto em sua mente fraca,

demonstrados pelo contínuo interesse que tem pela infeliz de sua irmã, bem como por uma fidelidade canina que outrora teve por mim), provavelmente vai terminar no mesmo estado algum dia. Meu pai e meu irmão Rowland sabiam de tudo, mas pensaram apenas nas trinta mil libras, e tramaram juntos contra mim.

“Essas foram descobertas abjetas, mas exceto pela traição de terem me ocultado tudo isso, não os acusei de nada que dissesse respeito à minha esposa. Nem mesmo quando descobri que sua natureza era inteiramente estranha à minha, que seus gostos me eram desagradáveis, que sua mente era comum, inferior, estreita e particularmente incapaz de ser conduzida a algo mais elevado, expandida a algo maior... nem mesmo quando descobri que não havia bem-estar possível numa única noite ou numa única hora do dia passada com ela; que nenhuma conversa agradável podia ser sustentada entre nós, porque qualquer assunto que eu iniciava imediatamente era por ela desviado de forma ao mesmo tempo vulgar e banal, perversa e imbecil. Ou quando percebi que nunca teria um ambiente doméstico tranquilo e calmo, porque nenhum criado tolerava os contínuos surtos de seu temperamento violento e desarrazoados, ou os aborrecimentos de suas ordens absurdas, contraditórias e exigentes... até mesmo então eu me contive. Minimizei minhas queixas, evitei as repreensões; tentei devorar meu arrependimento e meu desgosto em segredo; reprimi a profunda antipatia que sentia.

“Jane, não vou incomodá-la com detalhes abomináveis; algumas palavras fortes vão exprimir o que tenho a dizer. Vivi por quatro anos com aquela mulher que está lá em cima, e durante esse período ela realmente me pôs à prova: sua personalidade amadureceu e se desenvolveu com uma rapidez assustadora; seus vícios aumentaram depressa e em profusão. Eram tão fortes que somente a crueldade poderia detê-los, e eu não queria recorrer à crueldade. Que intelecto de pigmeu [175](#) ela possuía, em que propensões gigantescas! Que temíveis as maldições que essas propensões me traziam! Bertha Mason, filha genuína de uma mãe infame, me arrastou pelas horrendas e degradantes agonias que aguardam um homem preso a uma esposa ao mesmo tempo violenta e devassa.

“Nesse ínterim, meu irmão morreu, e ao cabo desses quatro anos meu pai também. Eu era rico o bastante, então, mas pobre de uma indigência medonha: a natureza mais grosseira, impura e depravada que jamais vira

estava associada com a minha, e a lei e a sociedade a consideravam parte de mim. E eu não podia me livrar dela por meio de nenhum procedimento legal: [176](#) pois os médicos agora haviam descoberto que *minha esposa* era louca... seus excessos desenvolveram prematuramente os germes da insanidade. Jane, você não gosta da minha narrativa; parece quase doente... devo deixar o restante para outro dia?"

– Não, senhor, termine agora; tenho pena do senhor... tenho sincera pena.

– Para algumas pessoas, Jane, a pena é uma espécie de tributo nocivo e desrespeitoso, que se tem o direito de atirar de volta na cara daqueles que a oferecem; mas essa é uma espécie de pena típica de corações indiferentes e egoístas: uma dor híbrida e individualista que surge diante de algum infortúnio, misturada ao desprezo ignorante por aqueles que o sofreram. Mas não é essa a sua pena, Jane; não é essa emoção que preenche todo o seu rosto neste momento, com a qual seus olhos estão quase transbordando, com a qual o seu coração palpita, com a qual sua mão treme na minha. A sua pena, minha querida, é a mãe sofredora do amor: sua angústia é a própria dor do parto da paixão divina. Eu a aceito, Jane; que a filha chegue em liberdade... meus braços esperam recebê-la.

– Agora, senhor, prossiga; o que fez quando descobriu que ela estava louca?

– Cheguei às raias do desespero, Jane; uma réstia de amor-próprio era tudo o que havia entre mim e o abismo. Aos olhos do mundo, eu estava sem dúvida coberto de cruel desonra; mas decidi ser limpo aos meus próprios olhos, e repudiei a contaminação dos seus crimes, e me extirpei de qualquer contato com seus defeitos mentais. Ainda assim, a sociedade associava meu nome e minha pessoa aos dela; eu ainda a via e ouvia diariamente; algo do seu hálito (pfff!) se misturava ao ar que eu respirava, e além disso eu me lembrava de que um dia fora seu marido. Essa lembrança era então, e é agora, indizivelmente odiosa para mim; além do mais, eu sabia que enquanto ela vivesse eu jamais poderia ser o marido de uma mulher melhor. E, embora cinco anos mais velha do que eu (sua família e seu pai tinham mentido para mim até nos detalhes de sua idade), ela provavelmente iria viver tão longamente quanto eu mesmo, sendo tão robusta de corpo quanto era enferma de mente. Assim, à idade de vinte e seis anos, eu não tinha mais esperanças.

“Certa noite, fui acordado por seus gritos (desde que os médicos a haviam decretado louca, ela havia, é claro, sido trancada). Era uma terrível noite das Índias Ocidentais, uma daquelas que sempre precedem os furacões daqueles climas. Incapaz de dormir na cama, levantei-me e abri a janela. Era como se houvesse vapor de enxofre no ar... eu não conseguia encontrar alento em lugar algum. Mosquitos entravam zumbindo e voavam zangados pelo quarto; o mar, que eu quase podia ouvir dali, retumbava um som surdo, feito um terremoto. Nuvens negras estavam se formando acima dele; a lua se punha nas ondas, grande e vermelha, como uma bala de canhão incandescente... deitava seu último olhar sanguíneo sobre um mundo que tremia com o fermento da tempestade. Eu estava fisicamente influenciado pela atmosfera e pelo cenário, e meus ouvidos estavam cheios das imprecações que a louca ainda berrava; nelas às vezes misturava meu nome com tamanho ódio demoníaco, e com que linguagem! Nenhuma prostituta declarada jamais teve um vocabulário tão sujo quanto o seu: ainda que a dois cômodos de distância, eu ouvia cada palavra, as paredes finas oferecendo pouca obstrução aos seus gritos lupinos.

“‘Esta vida’, eu disse, por fim, ‘é o inferno: este é o ar... estes são os sons do poço [177](#) sem fundo! Tenho o direito de me libertar dele, se puder. Os sofrimentos deste estado mortal vão me deixar com a carne pesada que agora me opõe a alma. Das chamas eternas do fanático não tenho medo: não há um estado futuro pior do que o presente... quero me libertar dele, e ir diretamente até Deus!’

“Eu disse isso enquanto me ajoelhava diante de um baú que continha um punhado de pistolas carregadas, e destrancando-o: tinha a intenção de dar um tiro em mim mesmo. Alimentei essa intenção apenas por um momento; não sendo louco, a crise de desespero extraordinário e absoluto que originara o desejo e o projeto de autodestruição passou num segundo.

“Um vento recém-chegado da Europa soprou sobre o oceano e através da janela aberta: a tempestade irrompeu, caiu abundante, trovejou, relampejou, e o ar ficou puro. Tomei então uma decisão. Enquanto caminhava pelas gotejantes laranjeiras do meu jardim molhado, em meio às romãs e aos abacaxis encharcados, e enquanto a aurora refulgente dos trópicos se acendia ao meu redor... assim raciocinei, Jane, e agora ouça, pois foi a verdadeira Sabedoria que me consolou naquela hora, e mostrou o caminho correto a

seguir.

“O vento doce da Europa ainda sussurrava nas folhas lavadas, e o Atlântico ribombava em gloriosa liberdade. Meu coração, ressequido por tanto tempo, intumesceu também, e se encheu de sangue vivo. Meu ser ansiava por uma renovação, minha alma tinha sede de um gole de água pura. Vi a esperança reviver, e senti que a regeneração era possível. De um arco florido na extremidade do meu jardim, contemplei o mar, mais azul do que o céu: o velho mundo estava naquela direção; horizontes claros se formaram assim:

“‘Vá’, disse a Esperança, ‘e volte a viver na Europa: lá não se sabe o nome sujo que leva, nem que fardo imundo é obrigado a carregar. Pode levar a louca com você para a Inglaterra, e confiná-la com os devidos cuidados e precauções em Thornfield. Então você poderá viajar ao clima que desejar, e formar os novos laços que quiser. Aquela mulher, que por tanto tempo abusou do seu longo sofrimento, que sujou tanto o seu nome, que ofendeu tanto a sua honra e secou a sua juventude, não é sua esposa, e você não é seu marido. Garanta que ela receba cuidados, conforme exige sua condição, e terá feito tudo o que Deus e a humanidade requerem de você. Deixe que a identidade dela e o elo que tem com você sejam enterrados no esquecimento: não precisa revelá-los a nenhum ser vivo. Coloque-a num lugar onde tenha segurança e conforto, abrigue sua degradação com o sigilo e deixe-a.’

“Agi exatamente conforme essa sugestão. Meu pai e meu irmão não tinham informado seus conhecidos do meu casamento; na primeira carta que escrevi para lhes comunicar a união, já tendo começado a experimentar o desgosto extremo de suas consequências – e, a julgar pelo caráter e a constituição da família, vendo um futuro hediondo se abrir diante de mim –, acrescentei um pedido urgente de mantê-lo em segredo: e em pouco tempo a conduta imoral da esposa que meu pai escolhera para mim era tal que ele haveria de corar por tê-la como nora. Longe de desejar tornar pública a conexão, ele ficou tão ansioso para ocultá-la quanto eu.

“À Inglaterra, então, trouxe-a; uma viagem temível eu tive junto com um monstro daqueles no navio. Fiquei feliz quando finalmente chegamos a Thornfield, e garanti que estivesse alojada em segurança naquele quarto no terceiro andar, cuja cela interna secreta ela já há dez anos transformou no covil de um animal selvagem, no antro de um duende maléfico. Tive certa dificuldade em encontrar quem cuidasse dela, pois era necessário selecionar

uma pessoa com cuja lealdade se pudesse contar, já que os seus acessos inevitavelmente trairiam meu segredo. Além disso, havia intervalos lúcidos, dias, às vezes semanas, que preenchia me insultando. Por fim contratei Grace Poole, do Grimsby Retreat. Ela e o médico, Carter (que tratou das feridas de Mason naquela noite em que ele foi esfaqueado e estava apavorado), são as duas únicas pessoas em quem depositei minha confiança. A sra. Fairfax talvez desconfiasse de algo, mas não tinha como averiguar os fatos. Grace se mostrou, de modo geral, uma boa guardiã; embora, devido em parte a alguma falha sua que aparentemente nada pode curar, e que talvez seja consequência da sua incômoda profissão, sua vigilância tenha mais de uma vez sido ludibriada. A louca é ao mesmo tempo astuciosa e maligna; nunca deixou de se aproveitar dos lapsos temporários de sua guardiã: uma vez para guardar a faca com a qual apunhalou o irmão, e duas vezes para se apossar da chave da sua cela, e assim escapar à noite. Na primeira dessas ocasiões, tentou me queimar na minha cama; na segunda, fez aquela aterrorizante visita a você. Agradeço à Providência, que cuidou de você, por ela ter dado vazão à sua fúria nas roupas de casamento, que talvez lhe tenham trazido vagas reminiscências da época em que ela própria era a noiva. Quando penso na criatura que pulou no meu pescoço hoje de manhã debruçando seu rosto negro e escarlate sobre o ninho da minha pombinha, meu sangue ferve...”

– E o que fez, senhor – perguntei, quando ele fez uma pausa –, depois que a instalou aqui? Aonde foi?

– O que fiz, Jane? Transformei-me num fogo-fátuo. Aonde fui? Passei a perambular por caminhos tão ermos quanto aqueles do espírito de março. ¹⁷⁸ Busquei o Continente, deixei-me ir à deriva por todas as suas terras. Meu desejo fixo era buscar e encontrar uma mulher boa e inteligente, que eu pudesse amar: um contraste à fúria que deixara em Thornfield...

– Mas não podia se casar, senhor.

– Eu estava determinado a me casar, e convencido de que podia e devia fazê-lo. Não era minha intenção original mentir, como menti para você. Queria contar minha história na íntegra, e fazer minha proposta abertamente: parecia-me tão absolutamente racional que eu fosse considerado livre para amar e ser amado que nunca duvidei de que poderia encontrar alguma mulher disposta a entender meu caso, e capaz de fazê-lo e me aceitar, apesar da maldição que eu carregava.

– Bem, senhor?

– Quando você faz tantas perguntas, Jane, sempre me traz um sorriso. Abre os olhos como um pássaro curioso, e faz de vez em quando um movimento inquieto, como se as respostas faladas não viessem depressa o bastante para você, e quisesse ler diretamente o coração de quem fala. Mas, antes que eu prossiga, explique o que quer dizer com esse “Bem, senhor?”. É uma pequena frase que repete com muita frequência, e que várias vezes me arrastou por conversas intermináveis: não sei muito bem por quê.

– Quero dizer: e então? Como o senhor procedeu? O que resultou de tal acontecimento?

– Precisamente! E o que você deseja saber agora?

– Se o senhor encontrou alguém de quem gostava, se a pediu em casamento, e o que ela disse.

– Posso lhe dizer se encontrei alguém de quem gostei, e se a pedi em casamento, mas o que ela respondeu ainda não foi registrado no livro do Destino. Durante dez longos anos eu andei a esmo, vivendo primeiro numa capital, depois noutra: às vezes São Petersburgo, com mais frequência Paris, ocasionalmente Roma, Nápoles e Florença. Munido de dinheiro suficiente e um nome antigo no passaporte, podia escolher minha companhia: não havia círculos fechados para mim. Busquei meu ideal de mulher em meio a damas inglesas, condessas francesas, *signoras* italianas e *gräfinnen* alemãs. Não consegui encontrá-la. Às vezes, por um momento fugidio, acreditava ter um vislumbre, ouvir um tom de voz ou contemplar uma forma que anunciava a realização do meu sonho, mas logo me decepcionava. Não deve supor que eu desejava a perfeição, de mente ou pessoa. Ansiava apenas por aquilo que se adequava a mim, as antípodas da mestiça: e ansiei em vão. Em meio a todas elas, não encontrei uma única que, estando inteiramente livre, advertido como estava dos riscos e horrores das uniões incompatíveis e da aversão que tinha a elas, teria pedido em casamento. O desapontamento me tornava imprudente. Experimentei a libertinagem, embora nunca a devassidão. Isso eu odiava, e odeio. Era um atributo da minha Messalina indiana: [179](#) uma arraigada repugnância por essa conduta e por ela me restringiu muito, mesmo diante do prazer. Qualquer diversão que beirasse a devassidão me aproximava dela e de suas imoralidades, e eu as evitava.

“Mas não podia viver sozinho, então experimentei a companhia de amantes. A primeira que escolhi foi Céline Varens... outro desses passos que fazem um homem desprezar a si mesmo quando os recorda. Você já sabe como ela era, e como terminou nossa ligação. Ela teve duas sucessoras: uma italiana, Giacinta, e uma alemã, Clara; ambas consideradas singularmente belas. O que significava para mim sua beleza depois de algumas semanas? Giacinta não tinha escrúulos, e era violenta: me cansei dela em três meses. Clara era honesta e tranquila, mas brutalhada, desatenta e insensível: nem um pouco do meu agrado. Fiquei contente em lhe dar uma soma suficiente para que começasse um negócio, e assim livrar-me dela de maneira decente. Mas, Jane, vejo pela sua expressão que não está formando de mim uma opinião muito favorável agora. Considera-me um libertino frio e sem princípios, não?”

– Não gosto do senhor tanto quanto gostei em outros momentos, de fato. Não lhe pareceu errado viver dessa maneira, primeiro com uma amante e depois com outra? Fala disso como se fosse algo trivial.

– Para mim, era; e eu não gostava disso. Era uma forma vil de existência. Jamais gostaria de regressar a ela. Só há algo pior do que contratar uma amante: comprar uma escrava. Ambas são inferiores, frequentemente por natureza, e sempre por posição; e viver perto de seres inferiores é degradante. Odeio agora as lembranças do tempo que passei com Céline, Giacinta e Clara.

Senti a veracidade dessas palavras, e delas deduzi que se eu chegasse ao ponto de me esquecer de mim mesma e de todos os ensinamentos que me haviam sido transmitidos e – sob qualquer pretexto, com qualquer justificativa, através de qualquer tentação – tornar-me a sucessora dessas pobres moças, ele um dia teria por mim o mesmo sentimento que agora, em sua mente, profanava a memória delas. Não expressei essa convicção: bastava senti-la. Eu a imprimi em meu coração, para que permanecesse ali e me servisse de ajuda em momentos de provação.

– Agora, Jane, por que você não diz “Bem, senhor”? Ainda não terminei. Sua expressão é grave. Ainda me desaprova, posso ver. Mas deixe-me chegar ao ponto principal. No último mês de janeiro, livre de todas as amantes, num estado de espírito amargo, resultado de uma vida inútil, errante e solitária, corroído pela decepção, amargamente predisposto contra todos os homens,

sobretudo contra todas as *mullheres* (pois comecei a considerar a ideia de uma mulher intelectualizada, fiel e carinhosa um mero sonho), chamado pelos negócios, regressei à Inglaterra.

“Numa tarde gelada de inverno, aproximava-me a cavalo de Thornfield Hall. Lugar detestável! Não esperava encontrar paz ou prazer ali. Numa escada junto a uma cerca em Hay Lane, uma figurinha sossegada estava sentada sozinha. Passei por ela com a mesma negligência com que passei pelo salgueiro diante dela: não tinha o menor pressentimento do que viria a ser para mim; nenhuma advertência interna de que a soberana da minha vida, minha divindade para o bem e para o mal, aguardava ali, num humilde disfarce. Não a reconheci, nem mesmo quando, na ocasião do acidente com Mesrour, veio muito circunspecta me oferecer ajuda. Criatura infantil e pequenina! Era como se um passarinho tivesse pousado aos meus pés e se proposto a me carregar em suas asas minúsculas. Eu fui ríspido, mas ela não ia embora: ficou ao meu lado com estranha perseverança, e olhava e falava com uma espécie de autoridade. Eu precisava de ajuda, e devia vir daquelas mãos: ajuda recebi.

“Quando me apoiei no ombro delicado, algo novo – como um fluido vital e uma consciência nova – invadiu meu corpo. Foi bom descobrir que aquele elfo retornaria à minha presença, que pertencia à minha casa ali adiante; ou eu não teria podido deixá-lo ir embora por entre os meus dedos, vê-lo desaparecer por trás de uma cerca viva na penumbra, sem um arrependimento singular. Pude ouvi-la chegar em casa naquela noite, Jane, embora você provavelmente não tivesse ideia de que eu pensava em você e aguardava sua chegada. No dia seguinte, observei – sem ser visto – por meia hora enquanto você brincava com Adèle no corredor. Nevava, lembro-me, e vocês não podiam sair. Eu estava no meu quarto, a porta entreaberta, e podia tanto ouvir quanto ver. Adèle requisitou sua atenção por algum tempo, mas acho que seus pensamentos estavam em outro lugar. Você foi, contudo, muito paciente, minha pequena Jane; conversou com ela e a distraiu durante muito tempo. Quando por fim ela a deixou, você mergulhou imediatamente em profundo devaneio: começou a caminhar lentamente de um lado a outro pelo corredor. De vez em quando, ao passar por uma janela, olhava para a neve caindo em profusão lá fora, ouvia o vento queixoso, mais uma vez voltava a caminhar suavemente e sonhar. Acho que essas visões diurnas não eram sombrias:

havia ocasionalmente uma luz prazerosa no seu olhar, uma leve excitação no seu aspecto, que denunciava uma ponderação em nada amarga, irritada ou hipocondríaca. Sua expressão revelava, antes, as doces reflexões da juventude, quando o espírito acompanha com asas solícitas o voo da Esperança a um céu ideal. A voz da sra. Fairfax, falando com uma criada no vestíbulo, despertou-a: e que sorriso curioso você abriu para si mesma, Janet! Havia muita sensatez naquele sorriso: era bastante sagaz, e parecia desconsiderar o seu próprio devaneio. Parecia dizer: ‘Minhas visões são muito boas, mas não posso esquecer que são completamente irreais. Tenho um céu cor-de-rosa e um Éden verde e florido em meu cérebro; mas do lado de fora tenho plena consciência de que diante dos meus pés há um caminho árduo a percorrer, e ao meu redor formam-se negras tempestades que terei de enfrentar.’ Você correu para baixo e pediu alguma tarefa à sra. Fairfax: contabilidade semanal da casa ou algo do tipo, acho. Fiquei zangado com você por sair do meu campo de visão.

“Esperei impaciente a noite, quando poderia solicitar a sua presença. Um tipo pouco habitual, para mim inteiramente novo, eu suspeitava que fosse o seu: desejava examiná-lo mais a fundo e conhecê-lo melhor. Você entrou na sala com um ar e uma expressão ao mesmo tempo tímidos e independentes. Vestia-se de forma antiquada, mais ou menos como agora. Fiz com que falasse: em pouco tempo, descobri que era cheia de estranhos contrastes. Seus trajes e sua forma de agir eram restritos pelas normas; seu ar era com frequência desconfiado, e sem dúvida o de uma pessoa refinada por natureza, mas inteiramente desacostumada à sociedade, e com um bocado de medo de se fazer notar desfavoravelmente por algum solecismo ou erro. No entanto, quando eu me dirigia a você, era um olhar aguçado, desafiador e brilhante que você erguia ao rosto do seu interlocutor: cada olhar que me concedia era penetrante e cheio de força. Quando assediada por perguntas de cunho pessoal, encontrava respostas prontas e sinceras. Logo pareceu se acostumar comigo: acredito que sentisse a existência de simpatia entre você e seu patrão austero e mal-humorado, Jane; pois foi impressionante ver o quão depressa um certo sossego agradável tranquilizou sua atitude: por mais que eu falasse com cinismo ou rispidez, você não demonstrava surpresa, medo, incômodo ou desprazer diante do meu azedume. Você me olhava, e de vez em quando sorria para mim com uma graça simples porém sagaz que não sei descrever.

Eu estava ao mesmo tempo feliz e estimulado pelo que via: gostei do que vira, e queria ver mais. Contudo, por muito tempo tratei-a de maneira distante, e raramente buscava a sua companhia. Eu era um epicurista intelectual, e desejava prolongar a satisfação de cultivar essa nova e agradável amizade. Além disso, por algum tempo preocupava-me um medo constante de que se eu manejasse livremente a flor seu viço fosse se extinguir... o doce encanto do frescor fosse abandoná-la. Eu não sabia, então, que não se tratava de uma flor efêmera, mas, antes, de uma pedra preciosa indestrutível cortada à semelhança de uma flor. Além do mais, queria ver se você me procuraria caso eu me afastasse. Mas você não me procurou; ficava na sala de estudo tão imóvel quanto sua escrivaninha ou seu cavalete. Se por acaso nos encontrávamos, você passava por mim depressa, demonstrando o mínimo de reconhecimento condizente com o respeito. Sua expressão habitual naqueles dias, Jane, era um olhar pensativo; não abatido, pois você não era enfermiça, mas tampouco alegre, pois tinha pouca esperança, e nenhum prazer real. Eu me perguntava o que pensava de mim, ou se chegava a pensar em mim; para descobrir isso, voltei a observá-la. Havia um quê de contentamento em seu olhar e cordialidade em sua atitude, quando conversávamos: vi que tinha um coração sociável; era a sala de aula silenciosa, o tédio da sua vida, que a deixava pesarosa. Permiti-me o prazer de ser gentil com você: a gentileza logo atiçou as emoções. A expressão de seu rosto ficou mais suave e o seu tom de voz mais delicado; eu gostava de ouvir meu nome pronunciado por seus lábios numa cadência grata e feliz. Desfrutava dos encontros casuais com você, Jane, nessa época: havia uma curiosa agitação na sua conduta. Você olhava para mim com uma leve perturbação, uma dúvida pairando: não sabia qual seria meu capricho – se eu ia me comportar como o patrão e ser austero, ou como um amigo e ser benigno. A essa altura, eu já gostava demais de você para simular com muita frequência o primeiro, e quando estendia minha mão cordialmente tamanho viço, luz e enlevo ganhavam seus traços jovens e ávidos que por vezes eu precisava me esforçar muito para não puxá-la ali mesmo para junto do meu coração.”

– Não fale mais daqueles dias, senhor – interrompi, enxugando furtivamente algumas lágrimas. As palavras dele me torturavam, pois eu sabia o que devia fazer, e logo, e todas aquelas reminiscências, e aquelas

revelações dos seus sentimentos, só tornavam a minha tarefa mais difícil.

– Não, Jane – ele retrucou –; qual a necessidade de residir no Passado quando o Presente é tão mais certo, e o Futuro tão mais radiante?

Estremeci ao ouvir a apaixonada assertiva.

– Vê agora a realidade da situação, não vê? – ele continuou. – Depois que a juventude passou, metade em impronunciável sofrimento e metade em terrível solidão, encontrei pela primeira vez quem posso realmente amar... encontrei você. Você é minha afeição, meu melhor eu, meu anjo bom. Estou unido a você por um elo forte. Considero-a boa, talentosa, adorável: uma paixão fervorosa e solene é concebida em meu coração; aponta na sua direção, puxa-a para meu centro e fonte de vida, envolve minha existência na sua e, queimando numa chama pura e poderosa, funde-nos a mim e a você em um só. Foi por sentir e saber tudo isso que decidi me casar com você. Dizer que já tenho uma esposa é deboche inócuo: você sabe agora que o que eu tinha era um horrendo demônio. Foi errado tentar enganá-la, mas eu temia uma obstinação que existe em sua personalidade. Temia um preconceito instilado precipitadamente. Queria garantir-lhe antes de tentar conversas arriscadas. Sei que foi covardia: deveria ter apelado à sua nobreza e magnanimidade no início, como faço agora, explicado com clareza minha vida de agonia, descrito minha fome e sede por uma existência mais elevada e digna, mostrado a você não minha *resolução* (essa palavra é fraca) mas minha *determinação* a amar com fidelidade e plenitude, se eu fosse amado com fidelidade e plenitude em retribuição. Então eu deveria ter pedido que você aceitasse minha promessa de fidelidade, e que me fizesse a sua. Jane... faça-a agora.

Uma pausa.

– Por que o silêncio, Jane?

Eu estava enfrentando uma provação: um punho de ferro em brasa agarrava meus órgãos vitais. Que momento terrível: cheio de luta, de escuridão, de uma sensação escaldante! Nenhum ser humano poderia desejar ser mais bem-amado que eu, e aquele que assim me amava eu simplesmente idolatrava – e deveria renunciar ao amor e ao ídolo. Uma terrível palavra sintetizava minha intolerável tarefa: “partir”!

– Jane, comprehende o que quero de você? Apenas essa promessa... “Serei

sua, sr. Rochester.”

– Sr. Rochester, *não* serei sua.

Outro completo silêncio.

– Jane! – ele recomeçou, com uma delicadeza que me encheu de pesar, e me enregelou com um pavor ameaçador, pois aquela voz calma era o arquejar de um leão se erguendo. – Jane, você quer dizer ir para um lado do mundo e deixar que eu vá para outro?

– Sim.

– Jane (inclinando-se na minha direção e me abraçando), continua querendo isso agora?

– Sim.

– E agora? – beijando suavemente minha testa e meu rosto.

– Sim – libertando-me do abraço depressa e completamente.

– Ah, Jane, isso é cruel! Isso... isso é perverso. Não seria perverso me amar.

– Seria perverso lhe obedecer.

Um olhar selvagem ergueu suas sobrancelhas, passou por seu rosto. Ele se levantou, mas então se conteve. Pousei a mão no encosto de uma cadeira em busca de apoio: eu tremia, tinha medo – mas estava decidida.

– Um instante, Jane. Tente vislumbrar minha vida horrível quando você tiver ido embora. Toda a felicidade será arrancada junto com você. O que restará, então? Para esposa eu só tenho a louca lá em cima: daria no mesmo se você me atribuisse algum cadáver no cemitério ali adiante. O que devo fazer, Jane? Onde procurar companhia, e alguma esperança?

– Faça como eu faço: confie em Deus e em si mesmo. Acredite no paraíso. Tenha esperança de que vamos nos encontrar lá outra vez.

– Então você não vai ceder?

– Não.

– Então me condena a viver desgraçado e morrer amaldiçoado? – sua voz se elevou.

– Eu o aconselho a viver sem pecado, e desejo que morra tranquilo.

– E arranca de mim o amor e a inocência? E me lança de volta na lascívia

como paixão, na libertinagem como ocupação?

– Sr. Rochester, eu não determino esse destino para o senhor mais do que o escolho para mim mesma. Nascemos para lutar e tolerar... o senhor tanto quanto eu: faça isso. Vai me esquecer antes que eu o esqueça.

– Você faz de mim um mentiroso com essas palavras; macula a minha honra. Eu declarei que não podia mudar: você diz na minha cara que vou mudar logo. E que distorção em seu julgamento, que perversidade em suas ideias é demonstrada pela sua conduta! É melhor levar outra criatura ao desespero do que desobedecer a uma mera lei humana, sendo que ninguém sofreria com essa transgressão?... Pois você não tem parentes ou conhecidos que precise temer ofender por viver comigo.

Isso era verdade: enquanto ele falava, minha própria consciência e minha razão, traidoras, voltaram-se contra mim, acusando-me de estar cometendo um crime ao resistir a ele. Falaram quase tão alto quanto o Sentimento: e este bradava descontroladamente. “Ah, concorde!”, dizia. “Pense na infelicidade dele, pense no perigo que corre, veja seu estado quando deixado sozinho, lembre-se de sua natureza impetuosa: considere a imprudência que se segue ao desespero – acalme-o, salve-o, ame-o; diga-lhe que o ama e que vai ser sua. Quem no mundo se importa com você? Quem será prejudicado pelo que você fizer?”

Indômita foi, contudo, a resposta: “Eu me importo comigo. Quanto mais solitária, mais destituída de amigos, mais sem amparo eu estiver, mais vou me respeitar. Seguirei a lei dada por Deus e sancionada pelo homem. Vou me ater aos princípios que recebi quando estava sã, e não louca – como estou agora. Leis e princípios não são para momentos em que não há tentações: são para horas como esta, quando o corpo e a alma se erguem amotinados contra seu rigor; rigorosos eles são, inviolados serão. Se de acordo com a minha conveniência pessoal eu os descumprisse, de que valeriam? Eles têm um valor – nisso eu sempre acreditei, e se não posso acreditar agora é porque estou insana – bastante insana, com fogo correndo nas veias e o coração batendo mais depressa do que consigo contar. Opiniões preconcebidas, determinações passadas, são tudo com que eu posso contar neste momento: ali firmo os meus pés.”

Foi o que fiz. O sr. Rochester, lendo minha expressão, percebeu. Sua fúria

chegou ao ápice: ele precisava dar vazão a ela por um momento, independentemente do que se seguisse. Atravessou a sala, segurou o meu braço e agarrou minha cintura. Parecia me devorar com seu olhar em chamas: fisicamente, eu me sentia impotente como um graveto diante do calor e da chama de uma caldeira; mentalmente, ainda possuía minha alma, e com ela a certeza da segurança final. A alma, felizmente, tem intérpretes – muitas vezes intérpretes inconscientes, mas ainda assim fiéis – nos olhos. Meu olhar encontrou o dele, e enquanto eu fitava seu rosto feroz dei um suspiro involuntário; seu aperto era doloroso, e minhas forças sobrecarregadas tinham quase se exaurido.

– Nunca – disse ele, rangendo os dentes – algo foi ao mesmo tempo tão frágil e tão indomável. Um mero caniço ela parece, na minha mão! (E ele me sacudiu com a força do seu braço.) Poderia dobrá-la com o indicador e o polegar, mas de que adiantaria se a dobrasse, se a arrancasse do chão, se a esmagasse? Considere esse olhar: considere o ser resoluto, selvagem e livre que está por trás dele, desafiando-me com mais do que coragem... com um grave triunfo. O que quer que eu faça com sua gaiola, não consigo atingi-la... essa bela e indômita criatura! Se eu destruir, se eu despedaçar a pequena prisão, minha ira só fará libertar a cativa. Poderia ser o conquistador da casa, mas a habitante escaparia ao céu antes que eu pudesse me declarar de posse de sua morada de argila. E é você, espírito, com toda a sua determinação e virtude e pureza, que eu quero: não somente a sua frágil forma. Você poderia vir por sua própria vontade num voo delicado e se aninhar junto ao meu peito, se quisesse. Agarrada contra sua vontade, há de fugir do meu punho como uma essência... há de se esvair antes que eu possa inalar o seu aroma. Ah! Venha, Jane, venha!

Ao dizer isso, ele me soltou, e só me fitou. Era muito mais difícil resistir ao olhar do que ao aperto frenético: mas só uma idiota teria sucumbido agora. Eu enfrentara e iludira sua fúria; tinha que escapar do seu pesar. Afastei-me até a porta.

– Vai embora, Jane?

– Vou embora, senhor.

– Vai me deixar?

– Sim.

– Não vai me acompanhar? Não vai ser aquela que me reconforta, minha salvadora? Meu amor profundo, minha dor enlouquecida, minha súplica desvairada não são nada para você?

Que páthos impronunciável havia em sua voz! Como era difícil reiterar firmemente “Vou embora”.

– Jane!

– Sr. Rochester!

– Vá, então... eu consinto; mas lembre-se, você me deixa aqui angustiado. Suba ao seu quarto, reflita sobre tudo o que eu disse e, Jane, não perca de vista o meu sofrimento... pense em mim.

Ele se virou; jogou-se de rosto no sofá.

– Ah, Jane! Minha esperança... meu amor... minha vida! – As palavras saíram angustiadas dos seus lábios. Então veio um soluço profundo e forte.

Eu já tinha chegado à porta, leitor, mas voltei – voltei com a mesma determinação com que me afastara. Ajoelhei-me ao seu lado, virei o seu rosto da almofada para mim; beijei sua face, alisei seu cabelo com a mão.

– Que Deus o abençoe, meu querido senhor – eu disse. – Que Deus o proteja de todo o mal e de todos os erros, que o oriente e console, que o recompense pela gentileza com que me tratou no passado.

– O amor da pequena Jane teria sido minha melhor recompensa – ele respondeu –; sem ele, meu coração está partido. Mas Jane vai me dar o seu amor: sim... com nobreza e generosidade.

O sangue subiu ao seu rosto, o fogo se acendeu em seus olhos, e ele se pôs de pé num pulo. Estendeu os braços, mas eu escapei do abraço e deixei imediatamente a sala.

– Adeus! – foi a exclamação do meu coração quando o deixei. O desespero crescentou: – Adeus para sempre!

NAQUELA NOITE nem pensei em dormir, mas um torpor tomou conta de mim assim que me deitei na cama. Fui transportada em pensamento a cenários da minha infância: sonhei que estava no quarto vermelho em Gateshead; que a noite estava escura e minha mente tomada por estranhos temores. A luz que

tempos atrás me provocara uma síncope, recordada nessa visão, parecia escorregar parede acima e parar trêmula no meio do teto escuro. Ergui a cabeça para olhar: o teto se transformou em nuvens, altas e difusas; o brilho era semelhante ao que a lua confere à névoa que está prestes a romper. Observei-a sair – observei com a mais estranha expectativa, como se alguma condenação fosse estar escrita em seu disco. Ela irrompeu como lua alguma jamais irrompeu de trás de uma nuvem: primeiro uma mão penetrou as dobras escuras e as afastou; depois, não a lua, mas um rosto humano branco surgiu do firmamento, inclinando uma testa gloriosa na direção da terra. Olhava para mim sem cessar. Falou com meu espírito; a voz era incomensuravelmente distante, mas tão próxima que sussurrava no meu coração:

- Minha filha, fuja da tentação.
- Vou fugir, mãe.

Assim respondi ao despertar daquele sonho, que fora como um transe. Ainda era noite, mas as noites de julho são curtas: logo depois da meia-noite vem a aurora. “Não será cedo demais para dar início à tarefa que preciso cumprir”, pensei. Levantei-me. Estava vestida, pois não tirara nada além dos sapatos. Em minhas gavetas, eu sabia onde encontrar roupa-branca, um camafeu e um anel. Ao procurar esses artigos, encontrei as contas de um colar de pérolas que o sr. Rochester me obrigara a aceitar alguns dias antes. Deixei-o ali; não era meu: era da noiva imaginária que se dissolvera no ar. Os outros artigos, arrumei num pacote: minha bolsa de dinheiro, contendo vinte xelins (era tudo que eu tinha), coloquei no bolso. Amarrei meu chapéu de palha, preendi o xale, peguei o pacote e meus sapatos, que ainda não pretendia calçar, e saí silenciosa do meu quarto.

– Adeus, gentil sra. Fairfax! – sussurrei, ao passar diante da sua porta. – Adeus, minha querida Adèle! – disse, ao olhar na direção do quarto da criança. Não era admissível nem pensar em entrar para abraçá-la. Precisava enganar um ouvido aguçado: até onde sabia, talvez estivesse ouvindo, naquele momento.

Teria passado pelo quarto do sr. Rochester sem fazer uma pausa, mas, como o meu coração momentaneamente parou de bater diante da sua porta, meus pés também foram obrigados a parar. Ninguém dormia ali: seu

habitante caminhava inquieto de um lado a outro, e suspirava repetidas vezes enquanto eu escutava. Havia um paraíso – um paraíso efêmero – nesse quarto para mim, se eu assim desejasse. Tudo o que eu tinha que fazer era entrar e dizer: “Sr. Rochester, vou amá-lo e passar com o senhor a minha vida toda, até a morte”, e uma fonte de enlevo jorraria ao encontro dos meus lábios. Pensei nisso.

Meu senhor gentil, que agora não podia dormir, aguardava impaciente a chegada do dia. Mandaria me chamar pela manhã; eu já teria ido embora. Mandaria procurar por mim: em vão. Ia se sentir abandonado, seu amor rejeitado: sofreria, talvez até as raias do desespero. Pensei nisso também. Minha mão se moveu na direção da tranca. Puxei-a de volta, e segui em frente.

Desci, triste: sabia o que tinha de fazer, e o fiz mecanicamente. Procurei a chave da porta lateral da cozinha; procurei também um frasco de óleo e uma pluma. Passei óleo na chave e na fechadura; peguei um pouco de água e um pedaço de pão, pois talvez tivesse que caminhar muito, e minhas forças, recentemente tão abaladas, não podiam ceder. Tudo isso fiz em silêncio. Abri a porta, saí, fechei-a sem fazer ruído. Uma aurora suave reluzia no jardim. Os grandes portões estavam fechados e trancados; mas uma passagem num deles estava aferrolhada com um trinco apenas. Foi por ali que saí, fechando-a também, e então estava fora de Thornfield.

A menos de dois quilômetros dali, depois dos campos, ficava uma estrada que se estendia na direção contrária a Millcote; uma estrada pela qual eu nunca passara, mas que notara com frequência, e me perguntara aonde levaria. Segui por ela. Não podia me permitir reflexões agora: nenhum olhar deveria ser lançado para trás, nem para a frente. Nem um único pensamento deveria ser dedicado ao passado ou ao futuro. O primeiro era uma página tão celestialmente sublime – tão mortalmente triste – que uma única linha haveria de dissolver minha coragem e acabar com a minha energia. O segundo era um vazio terrível, algo como o mundo depois do dilúvio.

Margeei campos, cercas vivas e estradas até depois do nascer do sol. Acho que era uma adorável manhã de verão: sei que meus sapatos, que calçara assim que deixara a casa, logo estavam molhados de orvalho. Mas eu não olhava nem para o sol nascente, nem para o céu soridente, nem para a natureza que despertava. Aquele que passa por um belo cenário rumo ao

cadafalso não pensa nas flores que sorriem em seu caminho, mas no bloco de pedra e no fio do machado, em ossos e veias se rompendo, na sepultura aberta ao fim: e eu pensava naquela triste fuga e numa perambulação sem destino – e ah!, com agonia pensava no que deixava. Não tinha como evitar. Pensava nele agora, em seu quarto, vendo o nascer do sol; esperando que eu logo fosse lhe dizer que ficaria com ele e que seria sua. Eu queria muito ser sua, desejava ardente voltar. Não era tarde demais, eu ainda poderia lhe poupar a pontada amarga do sofrimento. Minha fuga, eu tinha certeza, ainda não havia sido descoberta. Podia voltar e reconfortá-lo, ser sua bem-amada, salvá-lo da infelicidade e talvez da ruína. Ah, o medo de que ele se entregasse ao desespero – muito pior do que o temor do meu próprio desespero –, como me aguilhoava! Era uma flecha farpada em meu peito; dilacerava-me quando tentava arrancá-la, machucava-me quando a memória a enterrava ainda mais. Os pássaros começaram a cantar nos arbustos: pássaros eram fiéis aos seus companheiros; eram emblemas do amor. O que eu era? No meio da dor do meu coração e dos esforços frenéticos para manter meus princípios, eu me odiava. Não encontrava consolo na autocomplacência, nem mesmo na autoestima. Havia magoado – ferido – deixado o meu senhor. Eu era detestável aos meus próprios olhos. Ainda assim, não podia voltar atrás, nem refazer um único passo. Deus devia estar me conduzindo adiante. Quanto à minha própria vontade ou consciência, a tristeza apaixonada tinha pisoteado uma e sufocado a outra. Eu chorava copiosamente enquanto trilhava meu caminho solitário: andava depressa, muito depressa, como uma pessoa delirante. Uma fraqueza que começava no meu íntimo e se estendia pelos meus braços e pernas se apoderou de mim, e caí: fiquei deitada no chão por alguns minutos, o rosto pressionado contra a grama úmida. Tinha certo medo – ou esperança – de que fosse morrer ali, mas logo me levantei, arrastando-me para a frente sobre as mãos e os joelhos, e então estava outra vez de pé – mais ansiosa e determinada do que nunca a alcançar a estrada.

Quando ali cheguei, fui forçada a me sentar para descansar junto à cerca viva; e então ouvi o barulho de rodas, e vi uma diligência se aproximando. Levantei-me e ergui a mão; a diligência parou. Perguntei aonde ia: o cocheiro disse o nome de um lugar muito distante, e onde eu estava certa de que o sr. Rochester não tinha conhecidos. Perguntei quanto ele cobraria para me levar até lá; ele disse trinta xelins. Eu disse que só tinha vinte; bem, ele faria o

possível. Deixou-me entrar, já que o veículo estava vazio: ele fechou a porta e seguimos caminho.

Caro leitor, espero que nunca sinta o que eu senti naquele momento! Que seus olhos nunca derramem lágrimas tão profusas, escaldantes e devastadoras como as que escorreram dos meus. Que nunca apele aos céus em orações tão desesperançosas e angustiadas como as que então deixaram os meus lábios. Que nunca tenha que ser, como eu, instrumento do mal de quem ama sinceramente.

168 . Lê-se em Mateus: “Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno” (5:28-30).

169 . Lê-se em 2 Samuel: “Mas o pobre não tinha coisa nenhuma, senão uma pequena cordeira que comprara e criara; e ela tinha crescido com ele e com seus filhos; do seu bocado comia, e do seu copo bebia, e dormia em seu regaço, e a tinha como filha” (12:3).

170 . Imagem bíblica para designar uma casa de ladrões: no contexto do assalto dos israelitas liderados por Josué à cidade de Ai (Josué 7) – da qual, segundo palavra de Deus, nada poderia restar – Acã rouba objetos de ouro e, assim, acende a ira de Deus contra Israel.

171 . *Upas-tree* , no original. Trata-se de árvore presente na vegetação tropical, em particular na Austrália, no Sudeste Asiático e na África. Uma de suas particularidades é a qualidade tóxica de sua seiva, donde ter sido usada para a fabricação de flechas venenosas por nativos dessas regiões. Relatos dos sécs.XVIII e XIX dissemiram que o poder maléfico da árvore era capaz de matar toda a vida animal em um raio de quilômetros.

172 . O Grimsby Retreat é inspirado no York Retreat da seita quacre, fundado em 1796 por William Tuke. A inovação desse asilo estava no tratamento fundamentado pela caridade religiosa e a disciplina moral, que se tornaram modelo para a reforma das instituições psiquiátricas europeias no séc.XIX.

173 . Personagem bíblico, Sansão é conhecido por sua força descomunal, supostamente provida pelo Espírito de Deus. Segundo o Velho Testamento, Sansão apaixonou-se pela filistina Dalila, que, ao saber que o segredo da força do guerreiro estava em seus cabelos, entregou-o aos líderes filisteus, que por fim o derrotaram e cegaram.

174 . No contexto, entende-se a europeia.

175 . Ao fundo, nota-se o racismo das teorias raciais do séc.XIX. Pigmeu é a designação genérica (hoje considerada imprópria) de vários grupos étnicos, espalhados pelos continentes, cuja altura média é baixa. O termo, de origem grega, aparece pela primeira vez em Homero (*Odisseia*) para descrever uma tribo de anões que teria vivido na Índia e no sul da atual Etiópia.

176 . A ação do romance se passa em momento histórico anterior às *Matrimonial Causes* do Parlamento britânico, promulgadas em 1857, que reformam a Lei do Divórcio e retiram os pleitos do âmbito religioso para restringi-los (assim como o contrato matrimonial) ao foro civil. Até então o divórcio era questão de deliberação religiosa, feita na Corte dos Arcos sob as leis canônicas da Igreja Anglicana. O custo da moção era altíssimo, mobilizava as diferentes divisões do complexo direito inglês (dividido em leis canônicas, comuns e civis) e ficava restrito à elite.

177 . A passagem ecoa o Satã de Milton (*Paraíso perdido*, Canto XI, vv.242-4), quando o protagonista reconhece o inferno: “É esta a região, o solo, o clima.../ este é o lugar/ em que viveremos distantes do Paraíso?”

178 . Alusão a uma expressão idiomática do inglês “mad as a March hare” (louco como uma lebre de março), em referência à época de acasalamento desses animais. No caso, Rochester segue pela Europa em busca de um amor.

179 . Valéria Messalina (17-48) foi imperatriz romana, prima de Nero e a terceira esposa do imperador Cláudio. Messalina era poderosa e influente, com reputação de ser promíscua.

CAPÍTULO 28

DOIS DIAS SE PASSARAM. É uma noite de verão; o cocheiro me deixou num lugar chamado Whitcross. [180](#) Não queria me levar mais longe, pela soma que eu lhe dera, e eu não tinha mais um único xelim no mundo. O cocheiro já se afastou mais de um quilômetro; estou só. Neste momento, descubro que me esqueci de tirar meu pacote do bolso da diligência, onde o colocara por segurança; ali está, ali há de ficar, e agora estou completamente miserável.

Whitcross não é uma cidade, não é nem mesmo um povoado; não passa de um pilar de pedra cravado onde quatro estradas se encontram. Caiado, suponho, para ser mais visível à distância e na escuridão. Quatro braços saltam do alto: a cidade mais próxima daqui fica, de acordo com a inscrição, a quinze quilômetros; a mais distante, a trinta. Dos nomes bastante conhecidos dessas cidades, descubro em que condado vim parar, um lugar mais ao norte, ocupado pela charneca e recortado pelas montanhas: isso eu posso ver. Há extensas charnecas atrás de mim e dos dois lados; há ondas de montanhas ao longe, para lá do profundo vale a meus pés. A população aqui deve ser pequena, e não vejo passantes nestas estradas. Estendem-se a leste, oeste, norte e sul – alvas, largas e solitárias; são todas cortadas na charneca, a urze cresce em profusão até a beirada. Mas um viajante ocasional poderia aparecer, e não quero que me vejam: estranhos haveriam de se perguntar o que estou fazendo, parada aqui junto ao pilar, evidentemente sem rumo, e perdida. Poderia ser questionada, e não teria condições de dar nenhuma resposta além do que soasse inacreditável e despertasse suspeitas. Nenhum elo me une à sociedade humana neste momento – nenhum encanto ou esperança me chama aonde meus semelhantes estão – ninguém que me visse teria um pensamento gentil por mim, ou haveria de desejar meu bem. Não tenho qualquer parente além da mãe universal, a Natureza: vou buscar seu seio e lhe pedir que ali me deixe repousar.

Cortei caminho diretamente pela urze; segui por uma concavidade que

avistei sulcando fundo a charneca marrom. Andava com a vegetação na altura dos joelhos, acompanhava as curvas do caminho, e ao encontrar um penhasco de granito escurecido pelo musgo que se projetava num ângulo escondido sentei-me debaixo dele. Ribanceiras altas de charneca me rodeavam; a rocha protegia minha cabeça: acima, somente o céu. Algum tempo se passou antes que eu me sentisse tranquila, mesmo ali: tinha um vago temor de que nas proximidades pudesse haver gado selvagem, ou que algum caçador me encontrasse. Se uma rajada de vento varria a imensidão, eu erguia os olhos, temendo que fosse a investida de um touro; se uma tarambola assobiava, eu imaginava que fosse um homem. Ao ver que minhas apreensões não tinham fundamento, contudo, e apaziguada pelo profundo silêncio que reinava enquanto o crepúsculo se rendia ao cair da noite, fiquei mais confiante. Até então, eu não pensara; somente escutara, observara, temera. Agora, recuperara a faculdade da reflexão.

O que eu deveria fazer? Aonde deveria ir? Ah, perguntas intoleráveis, quando eu não podia fazer nada, nem ir a parte alguma! – quando um longo caminho ainda teria de ser percorrido por pernas cansadas e trêmulas antes que eu conseguisse chegar a alguma morada humana – quando a fria caridade precisaria ser implorada antes que eu conseguisse um pouso; a solidariedade relutante, importunada, e a repulsa quase certa, encontrada, antes mesmo de poder contar minha história ou ter minhas carências aliviadas!

Toquei a urze: estava seca, mas ainda quente do calor do dia de verão. Olhei para o céu puro. Uma estrela brilhava delicada logo acima da crista do abismo; o orvalho caía, mas com suavidade benfazeja, e nenhuma brisa sussurrava. A natureza me parecia benigna e bondosa; pensei que me amava, pária como eu era; e eu, que dos homens só poderia esperar desconfiança, rejeição e insultos, agarrei-me a ela com afeto filial. Naquela noite, pelo menos, seria sua convidada, além de sua filha: minha mãe haveria de me alojar sem dinheiro e sem me cobrar nada. Ainda me restava um pedaço de pão: as sobras de um pãozinho que comprara numa cidade que cruzamos ao meio-dia com um último centavo desgarrado – minha última moeda. Vi mirtilos maduros reluzindo aqui e ali, como contas de azeviche na urze: colhi um punhado e comi com pão. Minha fome, intensa antes, ficou, se não satisfeita, apaziguada por aquela refeição de eremita. Fiz minhas orações noturnas ao concluí-la, e fui então escolher um lugar onde me deitar.

Ao lado do penhasco, a urze era bastante funda: quando me deitei, meus pés ficaram enterrados; bem alta dos dois lados, deixava apenas um espaço estreito para que o ar noturno invadisse. Dobrei meu xale em dois e o estendi por cima de mim como uma coberta; um montinho baixo coberto de musgo era meu travesseiro. Assim alojada eu não senti frio, pelo menos no começo da noite.

Meu descanso poderia ter sido maravilhoso, não fosse o coração triste que o interrompeu. Queixava-se de suas feridas abertas, do quanto sangrava por dentro, de suas fibras despedaçadas. Tremia pelo sr. Rochester e seu destino, chorava por ele com amarga piedade, exigia-o com uma saudade incessante; e, impotente como um passarinho com ambas as asas quebradas, ainda mexia os cotos mutilados em tentativas vãs de ir buscá-lo.

Exausta pela tortura dos meus pensamentos, ajoelhei-me. A noite chegara, e seus planetas estavam todos no céu. Uma noite segura, tranquila: serena demais para a companhia do medo. Sabemos que Deus está em toda parte, mas certamente sentimos mais Sua presença quando Sua obra é disposta diante de nós em sua mais grandiosa escala, e é no cristalino céu noturno, onde Seus mundos giram em curso silencioso, que lemos de maneira mais clara Sua infinitude, Sua onipotência, Sua onipresença. Eu me pusera de joelhos para rezar pelo sr. Rochester. Erguendo os olhos, contemplei, com a vista toldada pelas lágrimas, a majestosa Via Láctea. Lembrando-me do que era – que incontáveis sistemas ali varriam o espaço como um suave traço de luz –, experimentei o poder e a força de Deus. Senti-me segura de Sua eficiência para salvar o que Ele havia criado: cada vez mais convencida fiquei de que nem a terra haveria de perecer, nem uma única das almas que guardava. Minhas orações se tornaram agradecimentos: a Fonte da Vida [181](#) também era o Salvador dos espíritos. O sr. Rochester estava a salvo: pertencia a Deus, e por Deus seria guardado. Deitei-me outra vez no seio da colina; e em pouco tempo esqueci, no sono, a tristeza.

No dia seguinte, porém, a Necessidade veio a mim, pálida e nua. Muito depois de os passarinhos terem deixado seu ninho, muito depois de as abelhas terem vindo, nas primeiras horas da alvorada, colher o mel da urze antes que o orvalho secasse – quando as compridas sombras da manhã encurtaram e o sol já enchia a terra e o céu –, eu me levantei e olhei ao meu redor.



I said my
Evening
prayers

F.H. 1898

Fiz minhas orações noturnas.

Que dia plácido, quente e perfeito! Que deserto dourado, aquela extensa charneca! Sol em toda parte. Gostaria de viver ali. Vi um lagarto correr sobre o penhasco; vi uma abelha ocupada em meio aos doces mirtilos. Eu teria de bom grado me tornado abelha ou lagarto, naquele momento, e encontrado alimento bastante e abrigo permanente ali. Mas eu era um ser humano, e tinha as necessidades de um ser humano: não devia me demorar num lugar onde nada havia para supri-las. Levantei-me, olhei para a cama que tinha deixado. Sem esperanças quanto ao futuro, só o que queria era que meu criador tivesse decidido, naquela noite, requisitar minha alma enquanto eu dormia, e que o meu corpo cansado, absolvido pela morte de ulteriores conflitos com o destino, agora só tivesse que se decompor tranquilamente, misturar-se em paz ao solo daquele ermo. A vida, contudo, ainda estava em meu poder, e com ela todas as suas demandas, dores e responsabilidades. O fardo precisava ser carregado, as necessidades satisfeitas, o sofrimento tolerado, as responsabilidades cumpridas. Pus-me a caminho.

Retornando a Whitcross, segui por uma estrada na direção oposta do sol, agora intenso e alto. Não havia outra circunstância para determinar minha escolha. Caminhei durante muito tempo, e quando achei que já estava quase no meu limite, e poderia conscientemente ceder à fadiga que quase me sobrepunha, que poderia relaxar daquele esforço e, sentando-me numa pedra que via ali perto, submeter-me sem resistência à apatia que obstruía meu coração e minhas pernas, ouvi um sino tocar – um sino de igreja.

Virei-me na direção do som, e ali, em meio às românticas colinas, cujas variações e cujo aspecto eu parara de notar uma hora antes, vi um povoadão e um campanário. O vale à minha direita estava tomado por pastos e milharais, e bosques; um riacho cintilante ziguezagueava em meio aos vários tons de verde, o milho quase maduro, a mata mais escura, a pastagem límpida e ensolarada. Chamada de volta, pelo barulho de rodas, à estrada diante de mim, vi uma carroça muito carregada subindo com esforço a colina, e não muito adiante estavam duas vacas com seu vaqueiro. Vida e trabalho humanos estavam próximos. Eu tinha que seguir em frente: tentar viver e aceitar a labuta como os outros.

Por volta das duas da tarde cheguei ao povoado. No final de sua única rua, havia uma pequena venda com alguns pães numa vitrine. Cobicei um pedaço de pão. Com aquele alimento, poderia talvez recuperar um pouco de energia; sem ele, seria difícil prosseguir. O desejo de um pouco de força e vigor veio assim que me vi entre meus semelhantes. Seria uma degradação desmaiar de fome na calçada de um povoado. Eu não teria nada a oferecer em troca de um daqueles pães? Refleti. Tinha um lencinho de seda amarrado no pescoço; tinha minhas luvas. Mal sabia dizer como os homens e as mulheres em extrema pobreza faziam. Não sabia se algum daqueles artigos seria aceito: provavelmente não, mas eu precisava tentar.

Entrei na venda: havia uma mulher ali. Vendo uma pessoa vestida de maneira respeitável, uma dama supostamente, ela se adiantou de maneira cordial. Em que poderia me servir? Fui tomada pela vergonha: minha língua não pronunciava o pedido que eu preparara. Não ousava oferecer as luvas já usadas e o lenço amassado. Além disso, sentia que seria absurdo. Apenas pedi permissão para me sentar por um momento, pois estava cansada. Desapontada em sua expectativa de uma freguesa, ela consentiu friamente. Indicou-me um assento, eu afundei ali. Sentia uma necessidade imensa de chorar, mas me contive, consciente do quão pouco razoável uma manifestação dessas seria. Logo perguntei a ela se haveria alguma costureira na aldeia.

Sim, duas ou três. Tantas quantas eram necessárias.

Refleti. Eu chegara ao ponto crucial, agora. Tinha sido colocada face a face com a Necessidade. Estava na posição de uma pessoa sem recursos, sem um amigo, sem um centavo. Precisava fazer alguma coisa. O quê? Pedir emprego em algum lugar. Onde?

Acaso ela sabia de algum lugar na vizinhança onde necessitassem de uma criada?

Não, ela não sabia dizer.

Qual era o principal negócio naquele povoado? O que a maioria das pessoas fazia?

Alguns trabalhavam nas fazendas; vários trabalhavam na fábrica de agulhas do sr. Oliver, e na fundição.

O sr. Oliver empregava mulheres?

Não, era trabalho de homem.

– E o que as mulheres fazem?

– Não sei – foi a resposta. – Algumas fazem uma coisa, algumas fazem outra. Gente pobre vai se virando como pode.

Ela parecia cansada das minhas perguntas. De fato, que direito eu tinha de importuná-la? Um ou dois vizinhos entraram; minha cadeira era evidentemente necessária. Fui embora.

Subi a rua, olhando, enquanto passava, para todas as casas à direita e à esquerda, mas não encontrei pretexto nem estímulo para entrar em alguma delas. Caminhei a esmo pelo povoado, afastando-me um pouco e depois voltando, durante uma hora ou mais. Completamente exausta, e agora sofrendo muito por falta de comida, entrei numa ruela lateral e me sentei junto à cerca viva. Antes que se passassem muitos minutos, contudo, estava outra vez de pé, e outra vez em busca de algo – um auxílio, ou ao menos alguém que me desse informações. Havia uma casinha bonita no final da rua, com um jardim na frente, muito bem-cuidado e florido magnificamente. Parei diante dela. Que direito tinha de me aproximar da porta branca e bater nela com a aldrava reluzente? Ainda assim, aproximei-me e bati. Uma jovem de aspecto suave e roupas limpas abriu a porta. Com a voz que pode ser esperada de um coração desenganado e de um corpo debilitado – uma voz miseravelmente baixa e vacilante –, perguntei se precisavam de uma criada ali.

– Não – ela disse –; não temos criados.

– Sabe me dizer onde eu poderia conseguir um emprego? – prossegui. – Venho de fora, não tenho conhecidos neste lugar. Quero trabalhar, não importa em quê.

Mas não era problema dela pensar em mim ou procurar um lugar para mim. Além disso, aos seus olhos, que estranha deve ter parecido minha personalidade, posição, história. Ela sacudiu a cabeça, sentia muito mas não tinha informação alguma para me dar, e a porta se fechou, com gentileza e cortesia: porém me trancava do lado de fora. Se ela a tivesse deixado aberta por um pouco mais de tempo, acredito que eu teria pedido um pedaço de pão, pois já havia me rebaixado bastante.

Não podia tolerar a ideia de voltar ao sórdido povoado, onde, além do

mais, não havia perspectiva de receber ajuda. Teria preferido me afastar até o bosque não muito distante que vira, e cuja sombra densa parecia oferecer um abrigo convidativo; mas eu estava tão doente, tão fraca e tão atormentada pelas necessidades básicas que o instinto me manteve andando ao redor de casas onde havia uma chance de encontrar comida. A solidão não seria solidão e o repouso não seria repouso enquanto o abutre da fome fincasse o bico e as garras no meu corpo.

Eu me aproximava de algumas casas, ia embora, voltava outra vez, e de novo me afastava: sempre repelida pela consciência de não ter direito de pedir nada – de não dever esperar qualquer interesse no meu destino isolado. Enquanto isso, a tarde avançava, e eu andava a esmo como um cachorro perdido e faminto. Ao atravessar um campo, vi a torre da igreja diante de mim: apressei-me naquela direção. Perto do cemitério, no meio de um jardim, havia uma casinha bem-construída, ainda que pequenina, a qual eu não tinha dúvida de que seria o presbitério. Lembrei que estranhos que chegam a um lugar onde não têm parentes, e que procuram emprego, às vezes recorrem ao clérigo em busca de apresentações e auxílio. A função do clérigo é ajudar – pelo menos com aconselhamento – aqueles que desejam ajudar a si mesmos. Eu parecia ter algum direito de buscar aconselhamento ali. Renovando, então, minha coragem, e reunindo o pouco que ainda me restava de forças, segui em frente. Fui até a casa e bati à porta da cozinha. Uma velha senhora abriu: perguntei se aquele era o presbitério.

Sim.

O clérigo estava?

Não.

Voltaria em breve?

Não, ele estava fora de casa.

Havia ido para longe?

Não tanto – coisa de cinco quilômetros. Afastara-se devido à morte súbita de seu pai: estava em Marsh End agora, e provavelmente ficaria por lá mais umas duas semanas.

A casa tinha uma patroa?

Não, não havia ninguém ali além dela, a governanta – e a ela, leitor, eu não

pediria alívio das privações de que estava sendo vítima; ainda não tinha condições de mendigar, e mais uma vez fui embora.

Peguei de novo o meu lenço – de novo pensei nos pães da venda. Ah, um pedaço de pão! Um bocado que fosse, para mitigar a dor da fome! Instintivamente, voltei-me outra vez na direção do povoado; encontrei outra vez a venda, e entrei; e embora houvesse outras pessoas além da mulher, arrisquei pedir: ela me daria um pão em troca daquele lenço?

Ela me olhou com óbvia suspeita: não, ela nunca vendia as coisas daquele jeito.

Quase desesperada, pedi meio pão; ela mais uma vez recusou. Como poderia saber onde eu conseguira o lenço?, disse.

Aceitaria minhas luvas?

Não! O que faria com elas?

Leitor, não é agradável alongar-me nestes detalhes. Alguns dizem que há prazer em olhar para as experiências dolorosas do passado, mas até hoje eu mal posso suportar revisitá-la época à qual faço alusão: a degradação moral misturada ao sofrimento físico formam uma recordação perturbadora demais para que eu queira demorar-me nela. Não culpo nenhuma das pessoas que me repeliram. Sentia que era de se esperar, e que não podia ser evitado: um mendigo comum é com frequência objeto de suspeita; inevitável que uma mendiga bem-vestida venha a sê-lo. Claro, o que eu mendigava era um emprego, mas quem ali tinha a obrigação de me dar um? Não, certamente, aquelas pessoas que me viam pela primeira vez e que não sabiam coisa alguma sobre o meu caráter. E quanto à mulher que não queria aceitar meu lenço em troca do pão, ora, estava certa, se a oferta lhe parecia sinistra ou a troca não lhe era lucrativa. Vou resumir a história agora. Estou cansada do assunto.

Um pouco antes de escurecer, passei por uma fazenda, em cuja porta aberta o fazendeiro estava sentado, comendo seu jantar, que consistia de pão e queijo. Parei e perguntei:

– Pode me dar um pedaço de pão? Estou com muita fome.

Ele me lançou um olhar de surpresa, mas sem responder cortou uma fatia grossa do seu pão e me deu. Imagino que ele não pensasse que eu era uma mendiga, mas apenas um tipo excêntrico de dama, que se interessara pelo seu

pão preto. Assim que me encontrei fora do seu campo de visão, sentei-me e comi.

Não podia esperar arranjar abrigo sob um teto, e fui buscá-lo no bosque ao qual anteriormente me referi. Mas minha noite foi terrível, meu descanso entrecortado: o chão estava úmido e o ar, frio. Além disso, intrusos passaram perto de mim mais de uma vez, e tive que mudar de lugar a toda hora: não havia qualquer sensação de segurança ou tranquilidade. Choveu pouco antes do amanhecer; todo o dia seguinte foi de chuva. Não me peça, leitor, para fazer um relato minucioso daquele dia. Como antes, procurei trabalho; como antes, fui rejeitada; como antes, senti-me faminta; mas uma vez mais um alimento passou pelos meus lábios. Na porta de uma casa, vi uma menininha prestes a jogar um punhado de mingau frio numa pocilga.

– Pode me dar isso? – pedi.

Ela me fitou.

– Mãe! – exclamou. – Tem uma mulher aqui querendo que eu dê a ela este mingau.

– Ora, menina – respondeu uma voz lá de dentro –, pode dar, se é uma mendiga. O porco não quer.

A menina despejou o grumo endurecido na minha mão, e eu o engoli com voracidade.



"Will you give me this?
I asked

F.H. French 76

– Pode me dar isso? – pedi.

Conforme o úmido crepúsculo se aproximava, parei numa solitária trilha para cavalos, pela qual vinha caminhando fazia mais de uma hora.

– Minhas forças estão falhando – eu disse, num solilóquio. – Sinto que não tenho condições de caminhar muito mais. Serei uma pária outra vez esta noite? Enquanto a chuva cai, precisarei me deitar no chão frio e alagado? Receio não ter escolha, pois quem irá me receber? Mas será terrível, com esta sensação de fome, fraqueza, frio, e este sentimento de desolação... esta total prostração da esperança. É provável, porém, que eu morra antes do amanhecer. Por que não consigo aceitar a perspectiva da morte? Por que luto para manter uma vida sem valor? Porque sei, ou acredito, que o sr. Rochester está vivo: e assim, morrer de fome e frio é um destino ao qual a natureza não pode se submeter passivamente. Ah, Providência! Sustente-me um pouco mais! Ajude-me!... Oriente-me!

Meu olhar vidrado percorreu o cenário difuso e enevoado. Vi que tinha me afastado bastante da aldeia, que já estava fora do meu campo de visão. Mesmo as terras cultivadas ao redor tinham desaparecido. Eu havia, por cruzamentos e atalhos, mais uma vez me aproximado da charneca; agora, somente uns poucos campos, quase tão selvagens e improdutivos quanto a urze da qual mal tinham sido limpos, encontravam-se entre mim e a colina no crepúsculo.

“Bem, prefiro morrer ali adiante em vez de numa rua ou estrada movimentada”, refleti. “É muito melhor que os corvos – seja qual for a espécie que habita esta região – arranquem a carne dos meus ossos do que tê-los aprisionados num caixão de uma instituição de caridade, e mofando numa cova de indigente.”

À colina, então, me encaminhei. Alcancei-a. Agora só me restava encontrar um desvão onde pudesse me deitar, e me sentir ao menos escondida, se não segura. Mas toda a superfície daquele ermo parecia homogênea. Não mostrava variações além dos tons: verde, onde pequenas plantas aquáticas e musgo crescam por cima do pântano; preto, onde no solo seco só crescia a urze. Embora estivesse ficando escuro, eu ainda podia ver essas diferenças, mesmo que somente como alternâncias de luz e sombra; pois a cor tinha ido

embora com a luz do dia.

Meus olhos ainda vagueavam sobre a desolada extensão de terra e pelos limites da charneca, desaparecendo em meio ao cenário mais selvagem, quando, num ponto indistinto, bem distante em meio ao pântano e às serranias, uma luz surgira. “É um fogo-fátuo”, foi meu primeiro pensamento; imaginei que fosse logo desaparecer. Mas continuou acesa, de maneira bastante estável, sem se afastar nem se aproximar. “Será então uma fogueira que acabou de ser acesa?”, imaginei. Fiquei observando para ver se iria se espalhar, mas não; assim como não diminuiu, tampouco aumentou. “Talvez seja uma vela numa casa”, conjecturei então; “mas, se for o caso, jamais conseguirei alcançá-la. Está longe demais. E mesmo que estivesse a um metro daqui, de que adiantaria? Eu bateria na porta e ela seria fechada na minha cara em seguida.”

E desabei ali mesmo onde estava, escondendo o rosto no chão. Fiquei deitada por algum tempo: o vento noturno varria a colina e o meu corpo, e depois morria gemendo na distância; a chuva caía em profusão, molhando-me até a pele. Se eu pudesse ao menos enrijecer como a geada – o amistoso torpor da morte – ela poderia continuar caindo sobre mim; eu não a teria sentido. Mas minha carne ainda viva tremia de frio. Levantei pouco depois.

A luz ainda estava lá, brilhando fraca mas constante em meio à chuva. Tentei caminhar outra vez: arrastei minhas pernas exaustas lentamente naquela direção. A luz me conduziu obliquamente sobre a colina, através de um extenso pântano, que não teria podido transpor no inverno e estava alagado e instável mesmo agora, no auge do verão. Ali, caí duas vezes, mas com a mesma frequência me levantei e realinhei minhas faculdades. Aquela luz era minha última esperança: eu tinha que alcançá-la.

Depois de atravessar o pântano, vi um traço claro sobre a charneca. Aproximei-me; era uma estrada ou uma trilha. Levava diretamente até a luz, que agora brilhava saindo de uma espécie de pequeno monte de terra, em meio a um grupo de árvores – abetos, aparentemente, pelo que eu podia distinguir de sua forma e folhagem em meio à escuridão. Minha estrela desapareceu conforme eu me aproximava: algum obstáculo se interpusera entre mim e ela. Estendi a mão para sentir a massa escura diante de mim: identifiquei as pedras rústicas de um muro baixo – acima, algo como uma paliçada, e abaixo, uma cerca viva alta e espinhosa. Segui meu caminho,

tateando. Mais uma vez, um objeto claro reluziu à minha frente: era um portão – uma portinhola; girou em suas dobradiças quando o toquei. De cada lado havia um arbusto escuro – azevinho ou teixo.

Entrando pelo portão e passando pelos arbustos, a silhueta de uma casa se deixou ver, negra, baixa e alongada; a luz que me guiara, porém, não brilhava em parte alguma. Tudo era escuridão. Teriam os moradores se recolhido para descansar? Eu temia que fosse o caso. Ao procurar a porta, dobrei uma quina; então o brilho amigável surgiu outra vez, através das vidraças em losangos de uma pequenina janela com gelosias, a trinta centímetros do chão, que parecia ainda menor graças à hera ou alguma outra trepadeira cujas folhas cobriam espessamente a parte da parede em que estava a janela. A abertura era tão protegida e estreita que uma cortina ou veneziana parecera desnecessária, e quando me abaixei e afastei a folhagem pude ver tudo lá dentro. Pude ver com nitidez um cômodo de piso polido, limpo recentemente; um aparador de nogueira, com pratos de estanho dispostos em fileiras, refletindo a vermelhidão e o resplendor do fogo. Pude ver um relógio, uma mesa branca, algumas cadeiras. A vela cujos raios tinham sido meus guias queimava sobre a mesa, e à sua luz uma mulher idosa, de aparência algo grosseira, mas escrupulosamente limpa, como tudo ao seu redor, tricotava uma meia.

Notei esses objetos somente de passagem – não havia neles nada de extraordinário. O grupo de maior interesse estava perto da lareira, imóvel em meio à paz rósea e ao calor que sobre ele se derramava. Duas mulheres jovens e graciosas – damas, sob todos os aspectos – estavam sentadas, numa cadeira de balanço uma, num banco mais baixo a outra. Ambas usavam roupas de luto profundo feitas de crepe e sarja, que destacavam singularmente pescoços e rostos belos: um cachorro grande e velho, um pointer, descansava a cabeça imensa no joelho de uma das moças – no colo da outra estava deitado um gato preto.

Um estranho lugar era aquela modesta cozinha para tais ocupantes! Quem eram elas? Não podiam ser as filhas da senhora idosa à mesa, pois ela parecia rústica, e as moças eram todas delicadeza e refinamento. Eu nunca vira rostos como os seus: e no entanto, ao fitá-los, parecia íntima de cada traço. Não posso dizer que eram bonitas – eram pálidas e sérias demais para a palavra; cada uma debruçada sobre um livro, pareciam pensativas quase às raias da severidade. Uma estante entre elas sustentava uma vela e dois grande

volumes, que consultavam de quando em quando, comparando-os, ao que parecia, com os livros menores que tinham nas mãos, como pessoas consultando dicionários para ajudá-las numa tarefa de tradução. A cena era tão silenciosa que era como se todas as pessoas fossem sombras, e o cômodo iluminado pela lareira, uma pintura: tudo estava tão quieto que eu podia ouvir as cinzas caindo na grade da lareira, o relógio tiquetaqueando em seu canto obscuro, e cheguei a imaginar que podia distinguir o entrechocar das agulhas de tricô da senhora. Quando, portanto, uma voz enfim rompeu o estranho silêncio, foi para mim audível o suficiente.

– Ouça, Diana – disse uma das absortas estudantes –, Franz e Daniel estão juntos à noite, e Franz está contando um sonho do qual acordou aterrorizado... ouça!

E numa voz baixa ela leu algo de que nem uma única palavra me foi inteligível, pois era numa língua desconhecida – nem francês, nem latim. Se era grego ou alemão, eu não saberia dizer.

– Isso é forte – ela disse, ao terminar. – Gostei muito.

A outra moça, que erguera a cabeça para escutar a irmã, repetiu, enquanto fitava o fogo, uma passagem do que fora lido. Em tempos futuros, vim a conhecer a língua, e o livro; portanto, vou citar aqui a passagem – embora, quando a ouvi pela primeira vez, ela fosse apenas um golpe metálico para mim, e não trouxesse qualquer significado:

– “*Da trat hervor Einer, anzusehen wie die Sternen Nacht .*” Ótimo, ótimo! – ela exclamou, enquanto seus olhos escuros e profundos cintilavam. – Aí está um arcanjo sombrio e poderoso apresentado adequadamente! Essa passagem vale cem páginas de linguagem empolada. “*Ich wäge die Gedanken in der Schale meines Zornes und die Werke mit dem Gewichte meines Grimms .*” [182](#) Gosto disso!

Ambas fizeram silêncio outra vez.

– Existe algum país onde as pessoas falam desse jeito? – perguntou a velha senhora, olhando por cima do tricô.

– Sim, Hannah... um país muito maior do que a Inglaterra, onde falam exatamente assim.

– Bem, uma coisa é certa, não sei como conseguem se entender. E se vocês

fossem até lá, entenderiam o que eles dizem?

– Provavelmente saberíamos alguma coisa do que dissessem, sim, mas não tudo, pois não somos tão espertas quanto você pensa, Hannah. Não falamos alemão, e não temos condições de ler sem um dicionário para nos ajudar.

– E para que serve?

– Pretendemos ensiná-lo um dia, ou pelo menos os fundamentos, como dizem; e então vamos ganhar mais dinheiro do que ganhamos agora.

– É bem capaz, mas chega de estudo, vocês já fizeram muito esta noite.

– Acho que sim: ao menos eu estou cansada. Mary, e você?

– Mortalmente. Afinal, é difícil trabalhar numa língua sem nenhum professor além de um léxico.

– É verdade: sobretudo uma língua como este complicado mas glorioso *Deutsch*. Pergunto-me quando St. John vai chegar em casa.

– Certamente ele não vai demorar muito; são só dez horas (olhando para um reloginho de ouro que tirou do cinto). Está chovendo muito. Hannah, você faria a bondade de ver como está o fogo na sala?

A mulher se levantou: abriu uma porta, através da qual vi, na penumbra, um corredor; pude ouvi-la avivando uma lareira numa sala interna. Logo em seguida, voltou.

– Ah, crianças! – disse ela. – Me incomoda muito ir até aquela outra sala agora. Parece tão solitária com a cadeira vazia encostada num canto.

Ela enxugou os olhos com o avental: as duas moças, antes tão contidas, agora pareciam tristes.

– Mas ele está num lugar melhor – continuou Hannah. – Não devemos querê-lo de volta. E além disso ninguém teve uma morte mais tranquila do que ele.

– Você disse que ele não chegou a nos mencionar? – indagou uma das damas.

– Ele não teve tempo, menina... ele se foi num minuto, o seu pai. Sentia-se indisposto na véspera, mas nada sério, e, quando o sr. St. John perguntou se queria mandar chamar uma de vocês duas, riu dele. No dia seguinte estava de novo com a cabeça meio pesada, isso há duas semanas, e foi dormir e nunca

mais acordou. Estava quase morto quando seu irmão entrou no quarto e o encontrou. Ah, meninas! Era o último deles... porque vocês e o sr. St. John são diferentes desses que já se foram. Sua mãe era bem parecida com vocês, e tinha quase tanto estudo. Ela era um retrato seu, Mary; Diana é mais como o seu pai.

Eu achava as duas tão parecidas que não sabia dizer onde a velha criada (pois agora concluiria que era isso) via a diferença. Ambas eram de pele clara e corpo delgado; ambas possuíam um rosto cheio de distinção e inteligência. Uma delas, sem dúvida, tinha o cabelo um tom mais escuro do que a outra, e havia uma diferença de estilo no penteado: as mechas castanho-claras de Mary estavam repartidas e trançadas; as madeixas mais escuras de Diana cobriam seu pescoço com cachos densos. O relógio soou dez horas.

– Vocês devem estar querendo jantar, tenho certeza – observou Hannah –, e o sr. St. John também vai querer, quando chegar.

Ela foi preparar a refeição. As moças se levantaram; pareciam prestes a se retirar para a sala. Até aquele momento eu estivera tão concentrada em observá-las, sua aparência e sua conversa haviam despertado um interesse tão agudo, que tinha esquecido parcialmente minha situação miserável: lembrei-me dela, então. Era mais desolada e mais desesperada do que nunca, pelo contraste. E como parecia impossível abordar as moradoras daquela casa com preocupações relativas a mim, fazê-las acreditar na veracidade de minhas necessidades e aflições, convencê-las a me conceder um lugar de descanso para minhas divagações! Enquanto eu procurava a porta e batia, hesitante, senti que a última ideia era uma simples quimera. Hannah abriu.

– O que você quer? – ela perguntou, numa voz surpresa, enquanto me avaliava à luz da vela que segurava.

– Posso falar com suas patroas? – perguntei.

– Melhor me contar o que quer dizer a elas. De onde você vem?

– Venho de longe.

– O que faz aqui a esta hora?

– Gostaria que me desse abrigo por uma noite num telheiro ou em qualquer lugar, e um pedaço de pão para comer.

A desconfiança, o sentimento que eu mais temia, apareceu no rosto de

Hannah.

– Vou lhe dar um pedaço de pão – ela disse, depois de uma pausa –; mas não podemos hospedar uma andarilha. Não fica bem.

– Deixe-me falar com suas senhoras.

– Não deixo, não. O que elas podem fazer por você? Não devia estar vagando por aí, o tempo está ruim.

– Mas para onde irei, se me mandar embora? O que vou fazer?

– Ah, tenho certeza de que sabe para onde ir e o que fazer. Cuidado para não fazer nada de errado, só isso. Pegue uma moeda; agora vá...

– Um centavo não me alimentará, e não tenho forças para prosseguir. Não feche a porta... oh, pelo amor de Deus, não faça isso!

– Tenho que fechar, a chuva está entrando...

– Fale com as moças. Deixe-mevê-las...

– De jeito nenhum. Você não é o que deveria ser, ou não estaria fazendo tanto barulho. Saia.

– Mas eu vou morrer se me mandar embora.

– Não você. Imagino que tenha algum plano na manga, indo à casa das pessoas a esta hora da noite. Se está trazendo alguém junto, ladrões ou gente do tipo, pode dizer a eles que não estamos sozinhas em casa. Há um cavalheiro, cachorros e armas. – E, com isso, a honesta mas inflexível criada fechou a porta e passou a tranca por dentro.

Esse foi o auge. Uma pontada de dor intensa, uma agonia de verdadeiro desespero, dilacerou e estancou meu coração. Estava completamente exausta, não podia dar mais um passo. Desabei na soleira molhada da porta. Gemi, torci as mãos, chorei de pura angústia. Ah, o espectro da morte! Ah, aquela última hora, aproximando-se com tamanho horror! Ai de mim, aquele isolamento... aquele banimento da companhia dos meus semelhantes! Não apenas a âncora da esperança, mas o substrato da força moral se fora – pelo menos por um momento; mas logo me empenhei em recuperá-lo.

– Só me resta morrer – eu disse –, e acredito em Deus. Aguardarei Seu desejo em silêncio.

Essas palavras eu não apenas pensei, mas pronunciei; e, empurrando todo o

meu sofrimento de volta para dentro do coração, fiz um esforço para obrigá-lo a permanecer ali – mudo e imóvel.

– Todos os homens devem morrer – disse uma voz bem perto de mim –, mas nem todos estão condenados a encontrar um fim demorado e prematuro, como seria o seu se morresse aqui, na penúria.

– Quem ou o que está falando? – perguntei, aterrorizada diante do som inesperado, e incapaz de encontrar em qualquer evento uma esperança de ajuda.

Havia um vulto perto de mim – que vulto, a noite escura como breu e minha visão enfraquecida me impediam de distinguir. Com batidas altas e prolongadas, o recém-chegado chamou à porta.

– É o senhor, sr. St. John? – exclamou Hannah.

– Sim... sim; abra depressa.

– Bem, deve estar molhado e com frio numa noite como esta! Entre... suas irmãs estão preocupadas com o senhor, e acho que há bandidos por aí. Apareceu uma mendiga... e vejo que ainda não foi embora! Está deitada aí. De pé! Que vergonha! Vá embora!

– Silêncio, Hannah! Tenho algumas palavras para dizer à mulher. Você cumpriu o seu papel mandando-a embora, agora deixe-me cumprir o meu admitindo-a. Eu estava perto, pude ouvir tanto você quanto ela. Acho que este é um caso peculiar, e preciso pelo menos examiná-lo. Minha jovem, levante-se, e entre na casa antes de mim.

Com dificuldade, obedeci. Logo estava dentro daquela cozinha limpa e iluminada – diante da própria lareira –, trêmula e doente, consciente de ter um aspecto completamente pavoroso, selvagem e castigado pelo tempo. As duas moças, seu irmão, o sr. St. John, e a velha criada estavam todos olhando para mim.

– St. John, quem é? – ouvi uma delas perguntar.

– Não sei dizer: encontrei-a junto à porta – foi a resposta.

– Ela parece muito pálida – disse Hannah.



F.H. 10 NOV 1964
HEAD

Hush, Hannah!
I have a word
to say to the woman.

*– Silêncio, Hannah! Tenho
algumas palavras para dizer
à mulher.*

– Pálida como argila ou como a morte – alguém continuou. – Ela vai acabar caindo: deixem que se sente.

De fato, minha cabeça girava: caí, mas uma cadeira me recebeu. Ainda estava de posse dos meus sentidos, embora naquele momento não conseguisse falar.

– Talvez um gole d'água lhe dê forças. Hannah, traga um pouco. Mas ela está se esvaindo. Tão magra e anêmica!

– Um mero espetro!

– Ela está doente ou apenas faminta?

– Faminta, eu acho. Hannah, isso é leite? Dê-me um pouco, e um pedaço de pão.

Diana (eu a reconheci pelos longos cachos que vi caindo quando ela se curvou sobre mim) partiu um pedaço de pão, mergulhou no leite e levou aos meus lábios. Seu rosto estava próximo do meu: senti que havia piedade nele, e compaixão em sua respiração acelerada. Em suas palavras simples, também a mesma emoção confortante falou:

– Tente comer.

– Sim, tente – repetiu gentilmente Mary, e sua mão retirou meu chapéu encharcado e ergueu minha cabeça.

Comi o que elas me ofereciam: sem forças no começo, mas logo vorazmente.

– Não muito, no início... já basta – disse o irmão. – Ela já comeu o bastante.

E ele retirou a xícara de leite e o prato de pão.

– Um pouco mais, St. John... veja a avidez em seus olhos.

– No momento não, irmã. Veja se ela consegue falar agora... pergunte-lhe o seu nome.

Eu sentia que podia falar, e respondi:

– Meu nome é Jane Elliott.

Ansiosa em evitar ser descoberta, eu antes decidira assumir um pseudônimo.

– E onde você mora? Onde estão seus parentes próximos?

Fiquei em silêncio.

– Podemos mandar chamar alguém que conhece?

Fiz que não com a cabeça.

– O que pode contar sobre si mesma?

De algum modo, agora que eu entrara pela porta daquela casa, e uma vez sendo trazida à presença de seus moradores, já não me sentia mais uma pária, uma vagabunda, renegada pelo mundo. Ousei tirar a máscara de mendiga – retomar a minha maneira natural de agir e minha personalidade. Comecei uma vez mais a me reconhecer, e quando o sr. St. John me pediu um relato – que no momento estava fraca demais para dar – eu disse, depois de uma breve pausa:

– Senhor, não posso lhe dar detalhes esta noite.

– Mas o que, então, espera que eu faça por você? – disse ele.

– Nada – respondi.

Minhas forças não davam conta de mais do que respostas curtas. Diana tomou a palavra:

– Quer dizer – ela perguntou – que já lhe demos toda a ajuda de que necessita? E que pode agora ir embora, para o pântano e a noite chuvosa?

Olhei para ela. Tinha, de fato, um rosto notável, coberto tanto de viço quanto de bondade. Enchi-me de súbita coragem. Respondendo ao seu olhar compassivo com um sorriso, disse:

– Vou confiar em vocês. Se eu fosse um cachorro sem dono e sem casa, sei que não me mandariam embora do calor da sua lareira esta noite: [183](#) realmente não tenho medo. Façam comigo e por mim o que quiserem, mas não me peçam para falar muito... meu fôlego está curto... sinto um espasmo quando falo.

Os três me observaram, os três fizeram silêncio.

– Hannah – disse o sr. St. John, por fim –, deixe que ela fique sentada aqui

por ora, e não lhe faça perguntas; daqui a dez minutos, dê-lhe o restante daquele leite e do pão. Mary e Diana, vamos para a sala conversar a respeito.

Retiraram-se. Pouco depois, uma das jovens retornou – não sei dizer qual delas. Uma espécie de agradável estupor estava tomando conta de mim, ali, sentada junto ao fogo aconchegante. Em voz baixa, ela deu algumas instruções a Hannah. Pouco em seguida, com a ajuda da criada, consegui subir uma escada; minhas roupas encharcadas foram removidas, e logo uma cama quente e seca me recebeu. Agradeci a Deus – senti, em meio a uma inominável exaustão, um ardor de grata alegria – e adormeci.

180 . O nome ficcional Whitcross tem ressonância alegórica, de Whitsun (nome dado no Reino Unido ao Pentecostes, que comemora a descida do Espírito Santo entre os Apóstolos no oitavo domingo depois da Páscoa), a cruz de Cristo e a encruzilhada em que Jane se encontra. O episódio evoca as errâncias dos filhos de Israel no deserto, no *Êxodo*.

181 . Lê-se em Salmos: “Pois em ti está a fonte da vida; graças à tua luz, vemos a luz” (36:9).

182 . Em alemão no original: “Então adiantou-se alguém que se parecia com a noite estrelada. Peso os pensamentos na balança da minha ira e as obras com a força da minha fúria”; passagem de *Os bandoleiros* (1781), de Schiller.

183 . Alusão ao *Rei Lear*, tragédia de William Shakespeare, quando o personagem-título é expulso da charneca e Cordélia, sua filha, diz: “O próprio cão/ do meu inimigo, embora me tivesse/ mordido, houvera, numa noite dessas,/ permanecido junto ao fogo./ E tu, meu pobre pai, foste forçado/ a abrigar-te com porcos e mendigos...” (Ato IV, Cena VII; tradução de Carlos Alberto Nunes).

CAPÍTULO 29

AS MEMÓRIAS DE aproximadamente três dias e noites após essa data são muito difusas em minha mente. Lembro-me de algumas sensações a intervalos, mas poucos pensamentos se formavam, e nenhuma ação era executada. Sabia que estava num quarto pequeno e numa cama estreita. Dessa cama eu parecia agora fazer parte; ficava deitada nela imóvel como uma pedra, e ter me tirado dali seria quase o equivalente a me matar. Não tomava conhecimento da passagem do tempo – da mudança da manhã à tarde e da tarde à noite. Observava quando alguém entrava no quarto: sabia até dizer quem era, e podia compreender o que era dito quando a pessoa falava perto de mim, mas não podia responder; abrir os lábios ou mexer os braços e pernas era igualmente impossível. Hannah, a criada, era minha visitante mais frequente. Suas vindas me perturbavam. Eu tinha a sensação de que ela não me queria ali, de que não me entendia, nem à minha situação, e que tinha preconceitos contra mim. Diana e Mary apareciam no quarto uma ou duas vezes por dia. Sussurravam frases deste tipo junto à minha cabeceira:

- Fizemos bem em recebê-la.
- Sim, ela certamente teria sido encontrada morta junto à porta pela manhã se tivesse sido deixada lá fora a noite inteira. Eu me pergunto pelo que terá passado.
- Estranhos sofrimentos, imagino... pobre, magra e pálida viajante!
- Ela não é uma pessoa sem instrução, eu imagino, pelo seu modo de falar; seu sotaque era bastante puro, e as roupas que tirou, embora sujas e molhadas, eram pouco usadas e de boa qualidade.
- Ela tem um rosto peculiar. Mesmo descarnado e abatido como está, gosto dele; quando estiver com boa saúde e reanimada, imagino que sua fisionomia seja agradável.

Nem uma única vez em seus diálogos ouvi uma sílaba de arrependimento

pela hospitalidade que me haviam dado, ou qualquer suspeita ou aversão por mim. Sentia-me reconfortada.

O sr. St. John veio apenas uma vez: olhou para mim e disse que meu estado de letargia era resultado de uma reação à fadiga excessiva e prolongada. Decretou desnecessário mandar chamar o médico: a natureza, ele tinha certeza, trabalharia melhor se deixada por conta própria. Disse que cada nervo fora excessivamente tensionado de alguma maneira, e que todo o sistema precisava repousar por algum tempo. Não havia doença. Ele imaginava que minha recuperação seria rápida o suficiente, uma vez iniciada. Essas opiniões ele emitiu com poucas palavras, numa voz contida e baixa; e acrescentou, depois de uma pausa, no tom de um homem pouco acostumado a comentários expansivos:

– Uma fisionomia bastante incomum; certamente não é indicativa de vulgaridade ou degradação.

– Muito pelo contrário – respondeu Diana. – Para falar a verdade, St. John, meu coração se afeiçoou a essa pobre alma. Espero que possamos ajudá-la permanentemente.

– Isso é pouco provável – foi a resposta. – Vai descobrir que ela é alguma jovem que se desentendeu com os parentes, provavelmente deixou-os, de maneira pouco sensata. Talvez possamos fazer com que regresse para junto deles, se ela não for obstinada; mas vejo linhas de força em seu rosto que me deixam cético quanto à sua docilidade. – Ele ficou me observando por alguns minutos, e então acrescentou: – Ela parece sensata, mas não é nada bonita.

– Ela está tão doente, St. John.

– Doente ou não, sempre vai ser um tipo comum. A graça e a harmonia da beleza não estão presentes nesses traços.

No terceiro dia eu estava melhor; no quarto, podia falar, mover-me, erguer-me na cama e me virar. Hannah me trouxe mingau e torrada, por volta da hora do almoço, eu supunha. Comi com deleite: a comida era boa – já não tinha mais o sabor febril que até então envenenara tudo o que eu engolia. Quando ela me deixou, senti-me comparativamente forte e reanimada: não demorou para que a saciedade do repouso e o desejo da ação se fizessem sentir. Eu queria me levantar, mas o que poderia vestir? Só a minha roupa molhada e enlameada, com a qual dormira no chão e caíra no pântano.

Sentia-me envergonhada em aparecer diante dos meus benfeiteiros vestida assim. Fui poupada da humilhação.

Numa cadeira junto à cama estavam todas as minhas coisas, limpas e secas. Meu vestido preto de seda estava pendurado na parede. Os traços do pântano tinham sido removidos; os vincos criados pela umidade, alisados: estava bastante decente. Até meus sapatos e meias estavam limpos e apresentáveis. Havia artigos para que eu me lavasse, no quarto, e uma escova para pentear o cabelo. Após um processo cansativo, fazendo pausas a cada cinco minutos, consegui me vestir. Minhas roupas estavam largas, pois eu emagrecera muito, mas cobri os defeitos com um xale e, novamente limpa e com uma aparência respeitável – nem um grão de terra, nenhum traço da desordem que eu tanto odiava, e que parecia me degradar –, desci devagar uma escada de pedra segurando-me no corrimão até um corredor comprido e baixo, e logo encontrei o caminho até a cozinha.

Ela estava tomada pelo aroma de pão fresco e o calor de um fogo generoso. Hannah estava assando pão. Preconceitos, como se sabe, são mais difíceis de erradicar num coração cujo solo nunca foi revirado ou fertilizado pelos estudos: eles crescem ali, firmes como ervas daninhas em meio a pedras. Hannah fora fria e dura, de fato, no início: recentemente, começara a amaciar um pouco; quando me viu entrar composta e bem-vestida, chegou mesmo a sorrir.

– Ora, você se levantou! – disse. – Está melhor, então. Pode se sentar na minha cadeira perto da lareira, se quiser.

Ela apontou para a cadeira de balanço. Sentei-me ali. Ela seguiu com suas tarefas, examinando-me de vez em quando com o canto do olho. Virando-se para mim, após tirar alguns pães do forno, ela perguntou, sem rodeios:

– Você costumava mendigar antes de vir até aqui?

Fiquei indignada por um momento, mas lembrando-me de que a raiva estava fora de questão, e que eu de fato parecera uma mendiga a ela, respondi de maneira contida, mas não sem uma marcada firmeza:

– Está errada ao imaginar que sou uma mendiga. Não sou nenhuma mendiga, não mais do que a senhora ou as duas jovens.

Depois de uma pausa, ela disse:

– Não entendo: você não tem casa nem tostão, imagino?

– O fato de não ter casa ou tostão (e imagino que queira dizer dinheiro) não faz de mim uma mendiga, no sentido que você dá à palavra.

– Você tem instrução? – ela perguntou logo em seguida.

– Sim, muita.

– Mas nunca foi à escola?

– Eu estive na escola interna por oito anos.

Ela arregalou os olhos.

– Então como é que não consegue se sustentar?

– Eu vinha me sustentando, e tenho certeza de que conseguirei novamente. O que vai fazer com essas groselhas? – perguntei, quando ela pegou um cesto cheio das frutas.

– Vou assar umas tortas.

– Passe-as para cá, eu cato para você.

– Não; não quero que você faça nada.

– Mas eu preciso fazer alguma coisa. Passe-as para cá.

Ela consentiu, e me deu até mesmo um pano de prato limpo para que eu protegesse meu vestido, “para não imundiciar tudo”, como disse.

– Você não estava acostumada a trabalho de criada, vejo pelas suas mãos – ela observou. – Por acaso era costureira?

– Não, a senhora se engana. Agora, vamos deixar para lá o que eu era: não perturbe mais sua cabeça por minha causa; mas me diga o nome da casa onde estamos.

– Uns chamam de Marsh End, outros de Moor House.

– E o cavalheiro que mora aqui se chama sr. St. John?

– Não, ele não mora aqui: só está de passagem. Quando está em casa, está na sua própria paróquia, em Morton.

– Aquele povoado a alguns quilômetros daqui?

– É.

– E o que ele é?

– Pároco.

Lembrei-me da resposta da velha governanta no presbitério, quando pedi

para ver o clérigo.

- Esta, então, é a casa do pai dele?
- É; o velho sr. Rivers morava aqui, e o pai dele, e o avô e o bisavô antes.
- O nome daquele cavalheiro, então, é sr. St. John Rivers?
- É; St. John é o seu nome de batismo.
- E as irmãs dele se chamam Diana e Mary Rivers?
- Sim.
- O pai deles morreu?
- Faz três semanas, de um derrame.
- Eles não têm mãe?
- A senhora morreu há muitos anos.
- Faz tempo que você vive com a família?
- Faz trinta anos. Criei esses três.
- O que prova que deve ser uma criada honesta e leal. Isso posso dizer de você, embora tenha cometido a indelicadeza de me chamar de mendiga.

Ela mais uma vez me olhou com uma expressão surpresa.

– Acho – ela disse – que estava enganada nas coisas que pensei de você. Mas tem tanto trapaceiro por aqui que precisa me desculpar.

– E ainda que você quisesse me mandar embora numa noite em que não deveria ter negado abrigo a um cachorro – continuei, dura.

– Bem, foi difícil. Mas o que a gente pode fazer? Pensei mais nas crianças do que em mim mesma: pobrezinhas! Não têm ninguém para cuidar delas além de mim. Eu acabo ficando um pouco azeda.

Mantive um silêncio grave por alguns minutos.

– Não pense muito mal de mim – ela pediu mais uma vez.

– Na verdade, penso sim – falei –, e vou explicar por quê. Não é tanto por ter me recusado abrigo, ou me considerado uma impostora, quanto por ter agora mesmo feito uma espécie de repreensão por eu não ter “tostão” nem casa. Algumas das melhores pessoas que já viveram eram pobres como eu; se você é cristã, não devia considerar a pobreza um crime.

– Não devia mesmo – disse ela. – St. John diz a mesma coisa, e eu vejo

que estava errada... mas tenho uma ideia melhor de você agora do que tinha antes. Parece uma criatura bastante decente.

– Isso basta... eu a perdoo. Aperte minha mão.

Ela colocou na minha a sua mão calejada e coberta de farinha: um outro sorriso, mais sincero, iluminou seu rosto grosseiro, e daquele momento em diante ficamos amigas.

Hannah claramente gostava de falar. Enquanto eu escolhia as frutas e ela fazia a massa para as tortas, pôs-se a me fazer um relato extenso sobre seus falecidos senhor e senhora, e “as crianças”, como chamava os mais novos.

O velho sr. Rivers, ela disse, era um homem bastante simples, mas um cavalheiro, e de uma família realmente muito antiga. Marsh End pertencia aos Rivers desde sua construção: tinha, ela afirmava, “uns duzentos anos de idade – um lugar pequeno e modesto, nada que pudesse se comparar ao casarão do sr. Oliver lá em Morton Vale”. Mas ela se “lembra do pai de Bill Oliver como um fabricador itinerante de agulhas, e os Rivers eram da pequena nobreza no tempo dos Henriques, [184](#) como qualquer um pode ver se olhar os registros na igreja de Morton”. Ainda assim, ela admitiu que “o velho patrão era como as outras pessoas – nada muito fora do tipo comum: maluco por caça, pela fazenda e coisas assim”. A patroa era diferente. Era uma grande leitora, estudava bastante, e os “meninos” tinham puxado a ela. Não havia ninguém como eles naquele lugar, e nunca houvera; os três gostaram de aprender praticamente desde quando começaram a falar, e sempre foram especiais. O sr. St. John, quando cresceu, foi para a faculdade e se tornou pároco; as garotas, assim que deixaram a escola, procuraram colocação como governanta: o pai perdera bastante dinheiro alguns anos antes, quando um homem em quem confiava fora à falência; como ele já não tinha o suficiente para lhes deixar uma fortuna, elas precisariam se sustentar. Fazia anos que passavam pouco tempo em casa, e só tinham vindo agora por breves semanas, por conta da morte do pai; mas gostavam tanto de Marsh End e de Morton, e de todos os pântanos e colinas dali. Tinham estado em Londres e em muitas outras grandes cidades, mas sempre diziam que não havia lugar como sua região natal, e eram tão cordiais uns com os outros – nunca brigavam ou “rezingavam”. Ela não conhecia família tão unida.

Terminando minha tarefa de separar as groselhas, perguntei onde estavam

as duas moças e o irmão naquele momento.

– Foram fazer uma caminhada até Morton, mas devem estar de volta em cerca de meia hora, para o chá.

Regressaram justo no tempo que Hannah havia estimado: entraram pela porta da cozinha. O sr. St. John, quando me viu, limitou-se a me cumprimentar com a cabeça e passar; as duas jovens pararam. Mary expressou, em poucas palavras amáveis e calmas, o prazer que sentia em me ver bem o suficiente para conseguir descer; Diana tomou minha mão: sacudiu a cabeça para mim.

– Devia ter esperado minha permissão para descer – disse ela. – Ainda está muito pálida... e muito magra! Pobrezinha!... Pobre garota!

A voz de Diana soava, aos meus ouvidos, como o arrulhar de um pombo. Ela possuía olhos cuja mirada eu tinha prazer em encontrar. Seu rosto inteiro me parecia cheio de encanto. A fisionomia de Mary era igualmente inteligente – seus traços, igualmente bonitos; mas sua expressão era mais reservada, seu modo de agir, embora amável, mais distante. Diana olhava e falava com uma certa autoridade: tinha determinação, evidentemente. Era minha natureza sentir prazer em ceder a uma autoridade como a sua, e me curvar, onde minha consciência e minha autoestima permitiam, a uma vigorosa energia.

– E o que está fazendo aqui? – ela continuou. – Mary e eu nos sentamos na cozinha às vezes, porque em casa gostamos de ter liberdade... mas você é visita, e deve ir para a sala.

– Estou muito bem aqui.

– De jeito nenhum, com Hannah ocupada indo de um lado a outro e cobrindo-a de farinha.

– Além disso, o fogo está quente demais para você – comentou Mary.

– Sem dúvida – acrescentou a irmã. – Venha, você precisa obedecer.

E ainda segurando minha mão fez com que eu me levantasse e me levou para a sala interna.

– Sente-se ali – disse ela, colocando-me no sofá –, enquanto tiramos a roupa e fazemos o chá; esse é outro privilégio que exercitamos em nossa casinha na charneca... preparar nossas próprias refeições quando nos

sentimos inclinadas, ou quando Hannah está assando alguma coisa, produzindo cerveja, lavando ou passando roupa.

Ela fechou a porta, deixando-me sozinha com o sr. St. John, que estava sentado diante de mim, um livro ou jornal na mão. Examinei primeiro o cômodo, depois seu ocupante.

A sala era bem pequena, mobiliada de maneira bastante simples mas ainda assim confortável, porque limpa e bem-arrumada. As cadeiras antiquadas brilhavam, e a mesa de nogueira era como um espelho. Uns poucos retratos estranhos e antigos de homens e mulheres de outrora decoravam as paredes pintadas; um armário com porta de vidro continha alguns livros e um conjunto antigo de porcelana. Não havia nenhum ornamento supérfluo na sala – nem um único móvel moderno, exceto algumas caixas de costura e uma escrivaninha feminina de jacarandá, sobre uma mesa de apoio: tudo – incluindo o tapete e as cortinas – parecia muito usado e muito bem-cuidado.

O sr. St. John – sentado imóvel como um dos retratos nas paredes, os olhos fixos na página que lia, os lábios mudos e selados – era bastante fácil de examinar. Não teria sido mais fácil se fosse uma estátua em vez de um homem. Era jovem – entre vinte e oito e trinta anos, talvez –, alto, magro; seu rosto era fascinante ao olhar. Era um rosto grego, de traços muito puros: nariz bem reto e clássico, boca e queixo atenienses. É muito raro que um rosto inglês se aproxime tanto dos modelos antigos quanto o dele se aproximava. Ele devia mesmo estar um pouco chocado com a irregularidade dos meus traços, já que os seus eram tão harmoniosos. Os olhos eram grandes e azuis, com cílios castanhos; a testa alta, pálida como marfim, estava parcialmente coberta por mechas soltas de cabelo.

É uma descrição suave, não, leitor? Mas a pessoa a que se aplica mal passava a ideia de uma natureza suave, condescendente, impressionável ou mesmo plácida. Sentado quieto como estava, havia algo em suas narinas, em sua boca e em sua testa que, à minha percepção, indicava elementos de inquietude, dureza ou ansiedade. Ele não me dirigiu uma palavra, nem mesmo um olhar, até suas irmãs regressarem. Diana, ao entrar e sair enquanto preparava o chá, trouxe-me um bolinho assado no forno.

– Coma isto agora – disse ela. – Deve estar com fome. Hannah disse que você não comeu nada exceto um pouco de mingau desde o desjejum.

Não recusei, pois meu apetite tinha despertado, e era intenso. O sr. Rivers fechou nesse momento seu livro, aproximou-se da mesa e, ao se sentar, fixou os olhos azuis de pintura em mim. Havia agora em seu olhar uma franqueza sem cerimônia, uma firmeza penetrante e decidida, que revelava que fora determinação, e não acanhamento, o que o mantivera afastado da estranha.

– Está com muita fome – disse ele.

– Estou, senhor.

É minha maneira de agir, intuitivamente – sempre responder a perguntas breves com respostas sucintas, a perguntas diretas com respostas simples.

– É bom que uma febre branda a tenha obrigado a jejuar durante os últimos três dias: teria sido perigoso ceder ao seu apetite, no início. Agora pode comer, embora de maneira moderada.

– Acredito que eu não vá precisar comer às suas custas por muito tempo, senhor – foi a minha resposta um tanto desajeitada e pouco polida.

– Não – disse ele, com frieza. – Quando nos indicar a residência dos seus parentes, escreveremos para eles e a senhorita poderá voltar para casa.

– Isso, devo-lhe dizer com honestidade, não está em meu poder fazer, sendo eu inteiramente sem casa e sem parentes.

Os três olharam para mim, mas não com desconfiança; senti que não havia suspeita em seu olhar: havia mais curiosidade. Falo sobretudo das duas moças. Os olhos de St. John, embora bastante claros num sentido literal, no figurativo eram difíceis de traduzir. Ele parecia usá-los mais como instrumentos para examinar os pensamentos dos outros do que como agentes para revelar os seus próprios: a combinação de sagacidade e reserva era consideravelmente mais calculada para constranger do que encorajar.

– Quer dizer – disse ele – que a senhorita se encontra completamente destituída de qualquer vínculo?

– Sim. Nenhum vínculo me une a qualquer ser vivo; tampouco tenho o direito de ingressar sob qualquer teto na Inglaterra.

– Posição bastante singular, na sua idade!

Vi então seu olhar se dirigir às minhas mãos, cruzadas na mesa à minha frente. Perguntei-me o que ele buscava ali: suas palavras logo explicaram.

– Nunca foi casada? É solteira?

Diana riu:

– Ora, ela não pode ter mais do que dezessete ou dezoito anos, St. John – disse ela.

– Tenho quase dezenove, mas não sou casada. Não.

Senti o rubor subir à minha face, pois recordações amargas e perturbadoras foram despertadas pela alusão ao casamento. Todos notaram o constrangimento e a emoção. Diana e Mary fizeram a gentileza de virar os olhos na direção oposta à do meu rosto vermelho, mas o irmão, mais frio e severo, continuou a me fitar, até que a perturbação assim causada me arrancou lágrimas, além do rubor.

– Onde morou pela última vez? – ele então perguntou.

– Você faz perguntas demais, St. John – murmurou Mary numa voz baixa; mas ele se inclinou sobre a mesa e exigiu uma resposta através de um segundo olhar firme e penetrante.

– O nome do lugar onde vivi e de qualquer pessoa com quem tenha vivido é segredo meu – respondi, de maneira concisa.

– E que se quiser, em minha opinião, tem o direito de manter, tanto de St. John quanto de qualquer outro interrogador – observou Diana.

– Contudo, se eu não souber nada sobre a senhorita ou sua história, não tenho como ajudá-la – disse ele. – Precisa de ajuda, não precisa?

– Preciso, e até então, senhor, venho procurando algum verdadeiro filantropo que consiga me arranjar um trabalho que eu possa fazer, por uma remuneração que possa me sustentar, ainda que somente nas mais básicas necessidades da vida.

– Não sei se sou um verdadeiro filantropo, mas estou disposto a ajudá-la no que me for possível, se o seu propósito é tão honesto. Primeiro, então, diga-me o que costumava fazer, e o que *pode* fazer.

Eu já tinha engolido o meu chá. Estava bastante revigorada pela bebida, tanto quanto um gigante teria ficado com vinho: [185](#) ela tonificava os meus nervos fracos e dava-me condições de me dirigir com serenidade àquele jovem e insistente juiz.

– Sr. Rivers – eu disse, virando-me para ele, e olhando-o como ele olhava para mim, abertamente e sem timidez –, o senhor e suas irmãs me prestaram

um grande favor, o maior que o homem pode prestar ao seu semelhante. Salvaram-me, graças à sua nobre hospitalidade, da morte. Isso lhes confere um direito ilimitado à minha gratidão, e um direito à minha confiança, até certo ponto. Vou lhes contar, da história da viajante que acolheram, tanto quanto possível sem comprometer minha própria paz de espírito... minha própria segurança, moral e física, e a de outras pessoas.

“Sou órfã, filha de um clérigo. Meus pais morreram antes que eu pudesse conhecê-los. Fui criada de favor, e educada numa instituição de caridade. Posso até mesmo dar o nome do estabelecimento onde passei seis anos como aluna, e dois como professora: Asilo de Órfãs de Lowood, no condado... Será que ouviu falar, sr. Rivers? O rev. Robert Brocklehurst é o tesoureiro.”

– Já ouvi falar do sr. Brocklehurst, e já vi a escola.

– Deixei Lowood faz quase um ano para me tornar educadora particular. Conseguí um bom emprego, e estava feliz. Esse lugar fui obrigada a deixar quatro dias antes de vir para cá. A razão da minha partida não posso e não devo explicar: seria inútil, perigoso e pareceria inacreditável. Venho sem culpa: estou livre dela tanto quanto vocês três. Sinto-me muito infeliz, e assim vou me sentir durante algum tempo, pois a catástrofe que me mandou embora de uma casa que eu considerava um paraíso foi de natureza terrível e estranha. Observei dois pontos ao planejar minha partida: a rapidez e o sigilo. Para garantir ambos, tive que deixar para trás tudo o que possuía exceto um pequeno pacote que, em minha pressa e perturbação, esqueci na diligência que me trouxe a Whitcross. Vim para esta região, então, um tanto destituída. Dormi duas noites ao relento, e perambulei por dois dias sem cruzar uma porta: mas por duas vezes nesse espaço de tempo recebi comida, e foi então, ao me ver levada pela fome, pela exaustão e pelo desespero quase ao último suspiro, que o senhor, sr. Rivers, impediu que eu perecesse de penúria à sua porta, e me abrigou debaixo do seu teto. Sei tudo o que suas irmãs fizeram por mim desde então, pois não estive insensível durante meu aparente torpor, e tenho para com a sua espontânea, genuína e amável compaixão uma dívida tão grande quanto a que tenho para com a sua caridade evangélica.

– Não a obrigue a falar mais agora, St. John – disse Diana, quando fiz uma pausa –; ela evidentemente não está em condições de se exaltar. Venha para o sofá e sente-se, srta. Elliott.

Tive um leve e involuntário sobressalto ao ouvir o pseudônimo: esquecer-me do meu novo nome. O sr. Rivers, a quem nada parecia escapar, percebeu imediatamente.

– Disse que seu nome é Jane Elliott?

– Disse, e é o nome pelo qual julgo adequado ser conhecida neste momento, mas não é o meu nome verdadeiro, e quando o ouço soa estranho aos meus ouvidos.

– Não vai dizer seu nome real?

– Não: temo acima de todas as outras coisas ser descoberta, e evitarei qualquer confissão que possa levar a isso.

– Está certa, tenho certeza – disse Diana. – Agora venha, irmão, vamos deixá-la um pouco em paz.

Mas depois de St. John refletir por alguns momentos ele recomeçou, tão imperturbável e com tanta argúcia quanto antes.

– A senhorita não gostaria de ficar por muito tempo dependendo da nossa hospitalidade. Deseja, posso ver, ter condições de dispensar o quanto antes tanto a compaixão das minhas irmãs quanto, acima de tudo, a minha *caridade* (tenho plena consciência da distinção feita, e não guardo ressentimentos – é justa): deseja ser independente de nós?

– Desejo: já disse que sim. Mostre-me como trabalhar, ou como buscar trabalho: isso é tudo o que peço no momento. Então partirei, ainda que seja para o mais pobre dos casebres; mas, *até lá*, permita-me ficar aqui: tenho medo de provar novamente os horrores da miséria e da falta de um lar.

– Claro que você *vai* ficar aqui – disse Diana, colocando a mão branca na minha cabeça.

– *Vai* ficar – repetiu Mary, com a sinceridade reservada que lhe parecia natural.

– Minhas irmãs, como vê, têm prazer em recebê-la aqui – disse o sr. St. John –, como teriam prazer em receber e cuidar de um passarinho quase congelado que algum vento invernal tivesse trazido pela janela. Eu me sinto mais inclinado a obter para a senhorita uma maneira de ganhar seu sustento, e é o que vou tentar fazer; mas veja, minha esfera é estreita. Sou apenas o encarregado de uma paróquia pobre de interior, e minha ajuda será modesta.

Se acaso se sentir inclinada a desprezar o dia das pequenas coisas, [186](#) busque alguma ajuda mais eficiente do que a que posso oferecer.

– Ela já disse que está disposta a fazer qualquer coisa honesta que *saiba* fazer – respondeu Diana por mim. – E você sabe, St. John, que ela não tem escolha, nem auxílio: é obrigada a tolerar pessoas rabugentas como você.

– Posso trabalhar como costureira, posso ser uma simples diarista, uma criada ou enfermeira, se não houver nada melhor – respondi.

– Certo – disse o sr. St. John com bastante frieza. – Se esse é o seu espírito, prometo ajudar, a meu tempo e da minha maneira.

Então voltou ao livro com que estivera ocupado antes do chá. Logo me retirei, pois havia falado e ficado sentada por tanto tempo quanto a força que tinha no momento me permitia.

[184](#) . A monarquia inglesa conta ao todo com oito reis de nome Henrique. A referência é, provavelmente, a Henrique VII e Henrique VIII, monarcas entre 1485 e 1547, da dinastia Tudor. Sob essa Casa, a Inglaterra viveu a reforma religiosa, com a fundação da Igreja Anglicana, e iniciou sua expansão marítima e comercial.

[185](#) . A imagem remonta à Odisseia: na terra dos gigantes ciclopes, Ulisses e seus homens buscam comida em uma caverna sem saber que esta era o abrigo de Polifemo, que vivia isolado como pastor de ovelhas. Polifemo aprisiona os homens e começa a devorá-los. Ulisses consegue libertar a si e seus homens embriagando-o com vinho. Quando o gigante dorme, Ulisses lhe perfura o único olho.

[186](#) . Referência ao Livro de Zacarias: “Porque, quem despreza o dia das coisas pequenas? Pois esses se alegrarão, vendo o prumo na mão de Zorobabel; esses são os sete olhos do Senhor, que percorrem por toda a terra” (4:10). Zorobabel foi responsável pela reconstrução do Templo de Jerusalém na ocasião do retorno dos judeus do exílio.

CAPÍTULO 30

QUANTO MAIS EU CONHECIA os moradores de Moor House, mais gostava deles. Em poucos dias, tinha recuperado a saúde a tal ponto que conseguia ficar sentada o dia inteiro, e sair um pouco, às vezes. Podia me juntar a Diana e Mary em suas ocupações, conversar com elas tanto quanto desejassem e ajudá-las quando e onde me permitissem. Havia um prazer revigorante nessa relação, de um tipo que eu experimentava pela primeira vez – o prazer que advém da perfeita harmonia de gostos, sentimentos e princípios.

Eu gostava de ler o que elas gostavam de ler: o que elas apreciavam me encantava; o que elas aprovavam eu reverenciava. Elas adoravam sua casa afastada. Também eu, em sua estrutura cinzenta, pequena e antiga – seu teto baixo, suas janelas com gelosias, suas paredes algo mofadas, sua avenida de velhos abetos, todos crescidos enviesados por causa dos ventos da montanha; seu jardim, escuro com teixo e azevinho, onde nenhuma flor além das espécies mais resistentes florescia – em tudo isso eu encontrava um encanto ao mesmo tempo intenso e permanente. Elas eram apegadas aos pântanos arroxeados atrás e ao redor da sua casa, ao vale profundo pelo qual descia a pedregosa trilha que saía do seu portão, e que serpenteava primeiro por encostas cobertas de samambaias, e depois por alguns dos pequenos pastos mais selvagens que jamais bordejaram um ermo tomado pela urze, ou deram sustento a um rebanho de carneiros cintzentos das montanhas, com seus pequenos cordeirinhos cujos rostos faziam lembrar tufos de musgo – apegavam-se a esse cenário, eu dizia, com imenso entusiasmo. Eu comprehendia o sentimento, compartilhava tanto sua força quanto sua veracidade. Via o caráter fascinante daquele local. Sentia a qualidade sagrada de sua solidão: meus olhos se fartavam no contorno de colinas e vistas extensas, na coloração selvagem conferida às cordilheiras e vales pelo musgo, pela urze-roxa, pela relva salpicada de flores, pelas brilhantes samambaias e pelos suaves penhascos de granito. Esses detalhes eram para

mim o que eram para elas – fontes puras e doces de prazer. O vento forte e a brisa suave, o dia árido e o pacífico, as horas da alvorada e do pôr do sol, a luz da lua e a noite encoberta passaram a ter para mim, naquela região, a mesma atração que tinham para elas – despertaram em minhas faculdades o mesmo encanto que fascinava as suas.

Dentro de casa também concordávamos. Elas eram mais talentosas e tinham mais leitura que eu, mas com avidez segui o caminho do conhecimento que haviam trilhado antes de mim. Devorava os livros que me emprestavam, e era com uma satisfação intensa que discutia com elas à noite o que lera de dia. Pensamento casava com pensamento, opinião coincidia com opinião: em poucas palavras, combinávamos à perfeição.

Se em nosso trio havia uma superiora e líder, era Diana. Fisicamente, ela me superava em muito: era bonita, era vigorosa. Em sua exuberância natural, havia uma vivacidade e uma segura fluidez que me deixavam maravilhada, ainda que escapassem à minha compreensão. Eu podia conversar um pouco quando a noite começava, mas, quando o primeiro jorro de vivacidade e fluência passava, eu me contentava em sentar num banco aos pés de Diana, descansar minha cabeça em seu joelho e escutar alternadamente a ela e a Mary enquanto examinavam com profundidade o tópico que eu apenas tocara. Diana se ofereceu para me ensinar alemão. Eu gostava de aprender com ela: via que o papel de instrutora lhe agradava, e combinava com ela; o de aluna não me agradava menos, nem combinava menos comigo. Nossas naturezas se encaixavam: um afeto mútuo dos mais fortes foi o resultado. Elas descobriram que eu sabia desenhar: seus lápis e caixas de pintura foram imediatamente postos à minha disposição. Meu talento, maior nesse campo do que o delas, surpreendeu-as e as encantou. Mary se sentava para me observar por horas seguidas: tinha aulas, então, e era uma aluna dócil, inteligente e aplicada. Assim ocupadas e mutuamente entretidas, os dias passavam como horas, e as semanas como dias.

Quanto ao sr. St. John, a intimidade que crescera tão natural e rapidamente entre mim e suas irmãs não se estendia a ele. Um motivo para a distância que ainda se observava entre nós era que ele raramente estava em casa: uma grande parte do tempo passava visitando os doentes e pobres em meio à esparsa população da sua paróquia.

O clima nunca parecia atrapalhar essas excursões pastorais: chuva ou

tempo bom, ele pegava o chapéu, mal findas suas horas de estudo matinal, e, seguido pelo velho pointer de seu pai, saía em sua missão de amor ou responsabilidade – mal sei dizer o que a considerava. Às vezes, quando o dia estava muito desfavorável, as irmãs protestavam. Ele então dizia, com um sorriso peculiar, mais solene do que alegre:

– E, se eu deixar uma rajada de vento ou uma gota de chuva me desviar dessas tarefas simples, que preparação essa preguiça seria para o futuro que me proponho?

A resposta geral de Diana e Mary a essa pergunta era um suspiro, e alguns minutos de reflexão aparentemente pesarosa.

Mas, apesar das suas ausências habituais, havia outra barreira à amizade com ele: parecia ter uma natureza reservada, absorta e mesmo excessivamente meditativa. Zeloso em suas tarefas ministeriais, irrepreensível em sua vida e em seus costumes, ele não parecia desfrutar daquela serenidade mental, daquele contentamento interno que deveria ser a recompensa de todo cristão sincero e filantropo prático. Com frequência, à noite, quando se sentava junto à janela, a escrivaninha diante dele, parava de ler ou de escrever, descansava o queixo na mão e se entregava a não sei que curso de raciocínio, mas que era perturbado e agitado podia-se ver pelos constantes lampejos e dilatações de seus olhos.

Acho, além disso, que a Natureza não era para ele aquele tesouro de encantamento que era para suas irmãs. Ele expressou uma vez, e, que eu tenha escutado, somente uma vez, uma intensa consciência do encanto rústico das colinas, e uma afeição inata pelo teto escuro e as paredes antigas que chamava de lar; mas havia mais melancolia que prazer no tom e nas palavras com que o sentimento se manifestou, e ele nunca parecia caminhar pela charneca em busca do seu silêncio apaziguador – nunca procurava ou mencionava os mil encantos pacíficos que podia proporcionar.

Como não era comunicativo, algum tempo se passou antes que eu tivesse oportunidade de entender sua mente. Captei pela primeira vez uma ideia do seu calibre quando o ouvi pregar em sua própria igreja, em Morton. Gostaria de poder descrever aquele sermão, mas isso está além do meu poder. Não consigo nem mesmo transmitir com fidelidade o efeito que produziu em mim.

Começou com calma – e na verdade, com relação à maneira de falar e ao

tom de voz, foi calmo até o fim: um fervor honesto mas estritamente contido logo começou a transpirar na expressão cambiante, e incitou a linguagem vigorosa. Ganhou força – comprimido, condensado, controlado. O coração se emocionava, a mente assombrada com a força do pregador: nenhum dos dois amansou. Em todo o sermão havia um estranho amargor, uma ausência de gentileza consoladora; alusões sérias às doutrinas calvinistas – eleição, predestinação, reprovação – eram frequentes, e cada referência a esses pontos soava como uma sentença de condenação. Quando ele terminou, em vez de me sentir melhor, mais calma e mais iluminada pelo seu discurso, eu sofria uma tristeza inexprimível: pois me parecia – não sei se com os outros era a mesma coisa – que a eloquência à qual eu estivera escutando vinha de uma profundidade onde jaziam sedimentos turvos de desapontamento, onde se moviam impulsos perturbadores de desejos insaciáveis e inquietantes aspirações. Eu tinha certeza de que St. John Rivers, mesmo com sua vida pura, e sendo consciente e zeloso como era, ainda não encontrara aquela paz de Deus que perpassa todo o entendimento: [187](#) não a encontrara, eu pensava, mais do que eu, com meus ocultos e torturantes pesares por meu ídolo quebrado e meu elísio perdido – pesares aos quais vinha evitando me referir, mas que me possuíam e tiranizavam de maneira impiedosa.

Enquanto isso, um mês se passou. Diana e Mary deveriam deixar Moor House em breve, e retornar para a vida e para o cenário muito diferentes que as aguardavam, como governantas numa cidade grande e elegante no sul da Inglaterra, onde cada uma tinha um emprego com famílias cujos membros ricos e altivos as consideravam somente humildes criadas, e que nada sabiam nem procuravam saber sobre suas excelências inatas, reconhecendo somente seus talentos aprendidos, como apreciavam as habilidades da cozinheira ou o bom gosto de sua criada pessoal. O sr. St. John ainda não dissera nada sobre o emprego que prometera conseguir para mim: tornava-se, contudo, urgente que eu tivesse alguma ocupação. Certa manhã, encontrando-me sozinha com ele durante alguns minutos na sala, arrisquei-me a me aproximar do canto da janela que sua mesa, cadeira e escrivaninha consagravam como uma espécie de estúdio; e eu ia falar, embora não soubesse muito bem como formular minha pergunta – pois às vezes é difícil quebrar o gelo de circunspeção que cobre naturezas como a dele –, quando ele me poupou o trabalho, sendo o primeiro a começar um diálogo.

Erguendo os olhos quando me aproximei, ele indagou:

- Tem uma pergunta a me fazer?
- Sim, gostaria de saber se ouviu falar de qualquer serviço ao qual eu possa me candidatar.
- Encontrei ou inventei algo faz três semanas, mas como parecia tanto útil quanto feliz aqui, e como minhas irmãs evidentemente se apegaram à senhorita, e sua companhia lhes dava um prazer incomum, achei que seria inconveniente interromper o conforto mútuo até que se aproximasse a data da partida delas de Marsh End, tornando a sua necessária.

– E elas vão embora daqui a três dias? – eu disse.
– Sim, e quando forem hei de regressar ao meu presbitério em Morton; Hannah vai me acompanhar, e esta velha casa será fechada.

Esperei alguns instantes, aguardando que ele prosseguisse; mas ele parecia ter enveredado por uma outra linha de pensamento: seu olhar denotava distração de mim e do assunto que me dizia respeito. Fui obrigada a chamá-lo de volta ao tema que era, por necessidade, de ansioso interesse para mim.

– Qual o emprego que tinha em vista, sr. Rivers? Espero que esse atraso não tenha aumentado a dificuldade de garantí-lo.

– Ah, não, já que se trata de um emprego que cabe a mim oferecer, e à senhorita aceitar.

Ele fez outra pausa: parecia haver uma relutância em continuar. Fui ficando impaciente: um movimento inquieto ou dois e um olhar ansioso e exigente cravado em seu rosto transmitiram-lhe o sentimento de modo tão efetivo quanto as palavras poderiam ter feito, e com menos esforço.

– Não precisa ter pressa em escutar – ele falou. – Vou lhe dizer com franqueza, nada tenho de aceitável ou lucrativo para sugerir. Antes que lhe explique, lembre-se por favor da observação, feita antes, de que se eu a ajudo é como o cego ajudaria o coxo. Sou pobre, pois imagino que ao pagar as dívidas de meu pai todo o patrimônio restante será esta granja em vias de desmoronar, a fileira de abetos atrás dela e a faixa de solo pantanoso, com os teixos e arbustos de azeviche na frente. Sou obscuro: Rivers é um nome antigo, mas dos únicos três descendentes da raça duas ganham a vida como criadas entre estranhos e o terceiro se considera estrangeiro em sua terra natal

– não apenas pelo resto da vida, mas mesmo na morte. Sim, e se considera, e é obrigado a se considerar, honrado por esse destino, e só aspira ao dia em que a cruz da separação dos elos carnais será colocada em seus ombros, e quando o Chefe daquela igreja militante, da qual é um dos membros mais humildes, dará a ordem “Levante-se e Me siga!”.

St. John disse essas palavras como pronunciava seus sermões, com uma voz calma e profunda, o rosto sem nenhum rubor, e um olhar radiante. Continuou:

– E, já que sou pobre e obscuro, só o que posso oferecer é um serviço de pobreza e obscuridade. A *senhorita* talvez até o considere degradante, pois vejo agora que seus hábitos têm sido os que o mundo chama de refinados: seus gostos tendem ao ideal, e esteve em companhia de pessoas educadas; mas não considero degradante nenhum serviço que aprimore a nossa raça. Julgo que quanto mais árido e inculto o solo cuja lavoura é designada ao trabalhador cristão, e quanto menos recompensas esse trabalho traz, maior a honra. Seu, sob tais circunstâncias, é o destino do pioneiro, e os primeiros pioneiros do Evangelho eram os Apóstolos... seu capitão era o próprio Jesus, o Redentor.

– Bem? – eu disse, quando ele fez uma nova pausa. – Prossiga.

Ele olhou para mim antes de continuar. Parecia, na verdade, ler com toda a calma o meu rosto, como se seus traços e linhas fossem letras numa página. As conclusões que tirou desse escrutínio ele expressou parcialmente nas observações seguintes.

– Acredito que vá aceitar o posto que ofereço – disse ele –, e mantê-lo por algum tempo. Não permanentemente, contudo: não mais do que eu poderia manter permanentemente algo medíocre e mediocrizante, algum tranquilo e escondido posto de funcionário público; pois em sua natureza há uma liga contrária ao repouso, assim como na minha, embora de um tipo distinto.

– Explique, por favor – insisti, quando ele mais uma vez se deteve.

– Vou explicar, e há de ouvir agora como a minha proposta é miserável, como é trivial e insignificante. Não vou ficar por muito tempo em Morton, agora que meu pai morreu e sou senhor do meu próprio destino. Devo ir embora provavelmente no espaço de doze meses, mas enquanto estiver aqui vou me esforçar ao máximo pela melhoria deste lugar. Morton, quando

cheguei, há dois anos, não tinha escola: as crianças pobres estavam excluídas de qualquer esperança de progresso. Estabeleci uma para meninos. Gostaria agora de abrir uma segunda, para meninas. Aluguei uma casa com esse propósito, com um chalé de dois cômodos anexo, para ser a moradia da professora. Seu salário será de trinta libras por ano. Sua casa já está mobiliada, de maneira bem simples, mas suficiente, graças à gentileza de uma dama, a srta. Oliver, filha única do único homem rico da minha paróquia: o sr. Oliver, proprietário de uma fábrica de agulhas e de uma fundição de ferro no vale. A mesma dama paga pela educação e pelas roupas de uma órfã, com a condição de que ela ajude a professora em tarefas mais simples relacionadas à casa e à escola, pois ocupada dando aulas não há de ter tempo para cuidar pessoalmente dessas coisas. Aceita ser a professora?

Ele fez a pergunta de maneira algo apressada; parecia esperar uma rejeição indignada ou pelo menos cheia de desprezo. Sem estar a par de todos os meus pensamentos e sentimentos, embora presumindo alguns, ele não poderia saber como a proposta seria recebida. De fato era modesta – mas me oferecia um abrigo, que eu tanto desejava. Era enfadonha – mas, comparada à de governanta numa casa rica, era independente, e o temor da servidão a estranhos penetrava como ferro na minha alma. Não era ignobil, não era indigna, não era mentalmente degradante. Tomei minha decisão.

– Agradeço-lhe a oferta, sr. Rivers, e aceito com todo o meu coração.

– Mas a senhorita comprehende? – disse ele. – É uma escola numa aldeia. As alunas serão apenas meninas pobres, filhas de camponeses; na melhor das hipóteses, filhas de fazendeiros. Tricotar, costurar, ler, escrever e calcular será tudo o que terá de ensinar. O que vai fazer com todos os seus talentos? O que vai fazer com a porção principal da sua mente, de seus sentimentos e inclinações?

– Guardá-los até que sejam necessários. Vão durar.

– Sabe, então, o que está aceitando?

– Sim.

Ele então sorriu: não era um sorriso amargo ou triste, mas sim um bastante satisfeito e profundamente grato.

– E quando pode começar o exercício da sua função?

– Vou para minha casa amanhã, e abro a escola, se quiser, na próxima

semana.

– Muito bem: façamos assim.

Ele se levantou e atravessou a sala. Parando, voltou a olhar para mim. Sacudiu a cabeça.

– O que desaprova, sr. Rivers? – perguntei.

– A senhorita não vai ficar em Morton por muito tempo: não, não!

– Por quê? Qual sua razão para dizer isso?

– Posso ver em seus olhos; não são do tipo que prometem manter um fluxo pacato na vida.

– Não sou ambiciosa.

Ele se sobressaltou diante da palavra “ambiciosa”. Repetiu:

– Não. O que a fez pensar em ambição? Quem é ambicioso? Sei que eu sou: mas como descobriu?

– Eu estava me referindo a mim.

– Bem, se não é ambiciosa, a senhorita é... – ele se interrompeu.

– O quê?

– Eu ia dizer apaixonada: mas talvez interpretasse mal a palavra, e ficasse aborrecida. Quero dizer que os afetos e interesses humanos são muito fortes em sua natureza. Tenho certeza de que não se contentará por um longo período em passar seu tempo livre na solidão, e devotar suas horas de trabalho a uma tarefa monótona e inteiramente desprovida de estímulo. Não mais do que eu poderia me contentar – ele acrescentou, com ênfase – em viver aqui afundado num pântano, fechado entre montanhas... minha natureza, dada por Deus, contrariada; minha faculdade, presenteada pelo céu, paralisada, inutilizada. [188](#) Vê agora como eu me contradigo... eu, que prego a satisfação com um destino simples, e justifico a vocação até mesmo de lenhadores e cavadores de poços a serviço de Deus. [189](#) Eu, Seu ministro ordenado, quase deliro em minha inquietude. Bem, os propósitos e os princípios precisam se harmonizar de alguma maneira.

Ele deixou a sala. Naquela breve hora, eu aprendera mais sobre ele do que em todo o mês anterior: ainda assim, ele continuava me intrigando.

Diana e Mary Rivers ficaram mais tristes e silenciosas conforme se

aproximava o dia de deixar seu irmão e sua casa. Tentavam aparentar seu estado de espírito habitual, mas o pesar contra o qual tinham que lutar não podia ser inteiramente dominado ou ocultado. Diana sugeriu que seria uma partida diferente de qualquer uma que já tivessem vivido. Provavelmente seria, no que dizia respeito a St. John, uma despedida por anos. Poderia ser para o resto da vida.

– Ele há de sacrificar tudo em nome de decisões tomadas faz muito tempo – disse ela –, tanto por afetos naturais quanto por sentimentos ainda mais poderosos. St. John parece sossegado, Jane, mas esconde uma febre em suas entranhas. Você haveria de supor que é uma pessoa mansa, mas em certos aspectos é inexorável como a morte, e o pior de tudo é que minha consciência mal me permite dissuadi-lo de sua dura decisão: certamente, não posso nem por um único momento culpá-lo por ela. É correta, é nobre, é cristã: mas corta o meu coração!

E lágrimas encheram os seus belos olhos.

Mary tinha a cabeça curvada sobre a costura.

– Agora não temos mais pai: logo estaremos sem casa e sem irmão – murmurou.

Naquele momento, ocorreu um pequeno incidente que parecia criado pelo destino com o propósito de demonstrar a veracidade do dito “uma desgraça nunca vem só” e acrescentar aos seus infortúnios o incômodo de não se poder contar com os ovos dentro da galinha. St. John passou diante da janela lendo uma carta. Entrou.

– Nosso tio John morreu – disse ele.

As duas irmãs pareceram sobressaltadas: não abaladas ou consternadas; a notícia parecia aos seus olhos mais grave do que aflitiva.

– Morreu? – repetiu Diana.

– Sim.

Ela fixou um olhar penetrante no rosto do irmão.

– E então? – indagou ela, numa voz baixa.

– E então o quê, Die? – ele respondeu, mantendo uma imobilidade marmórea no rosto. – E então o quê? Ora, nada. Leia.

Ele jogou a carta em seu colo. Ela passou os olhos e entregou a Mary.

Mary leu e a devolveu ao irmão. Os três se entreolharam, e os três sorriram – um sorriso bastante sombrio e pensativo.

– Amém! Ainda temos como viver – disse Diana, por fim.

– Seja como for, não torna nossa situação pior do que antes – observou Mary.

– Apenas impõe à mente com grande intensidade a imagem do que *poderia ter sido* – disse o sr. Rivers –, e o contraste é um pouco intenso demais com o que *é*.

Ele dobrou a carta, trancou-a na escrivaninha e saiu outra vez.

Durante alguns minutos, ninguém falou. Diana então se virou para mim.

– Jane, você deve estar espantada conosco e com nossos mistérios – disse ela –, e deve nos considerar gente sem coração por não estarmos mais comovidos com a morte de um parente tão próximo quanto um tio, mas nunca chegamos a vê-lo ou conhecê-lo. Era o irmão da minha mãe. Meu pai e ele brigaram faz muito tempo. Foi seguindo um conselho dele que meu pai arriscou a maior parte de sua propriedade na especulação que o arruinou. Entre os dois houve recriminação mútua: romperam com raiva, e nunca se reconciliaram. Depois disso, o meu tio se dedicou a empresas mais prósperas; parece que acabou juntando uma fortuna de vinte mil libras. Nunca se casou, e não tinha outros parentes além de nós e de uma outra pessoa, não mais próxima do que nós. Meu pai sempre acalentou a ideia de que ele iria reparar seu erro deixando-nos suas posses; aquela carta nos informa que legou cada centavo a outro parente, com a exceção de trinta guinéus, que serão divididos entre St. John, Diana e Mary, para a compra de três anéis de luto. Ele tinha o direito, claro, de fazer o que quisesse, mas um desalento passageiro se abate sobre os ânimos ao recebermos uma notícia dessas. Mary e eu teríamos nos considerado ricas com mil libras cada uma, e para St. John uma soma dessas teria sido valiosa, pelo bem que lhe permitiria realizar.

Dada a explicação, o assunto foi deixado de lado e nenhuma referência a mais feita pelo sr. Rivers ou por suas irmãs. No dia seguinte, deixei Marsh End e fui para Morton. No outro dia, Diana e Mary partiram para a distante B. Em uma semana, o sr. Rivers e Hannah seguiram para o presbitério, e assim a velha granja foi abandonada.

[187](#) . Em Filipenses, diz o apóstolo Paulo: “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus” (4:7).

[188](#) . Referência ao soneto de Milton “Sobre sua cegueira”, quando ele lamenta “o Talento que é morte não usar, em mim/ conservo-o ocioso”. O soneto, porém, termina em renúncia: “também O servem os que ficam a esperar” (Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos).

[189](#) . Referência à escravidão dos hivitas, em Josué: “E naquele dia, Josué os fez rachadores de lenha e tiradores de água para a congregação e para o altar do Senhor, até ao dia de hoje, no lugar que ele escolhesse” (9:27).

CAPÍTULO 31

MINHA CASA, ENTÃO – quando eu por fim encontro uma casa –, é um chalé: um quartinho com paredes caiadas e piso polido, contendo quatro cadeiras pintadas e uma mesa, um relógio, um armário com dois ou três pratos e travessas, e um conjunto de louça para o chá. No andar de cima, um quarto com as mesmas dimensões da cozinha, com uma cama e uma cômoda de pinho – pequena, mas grande demais para as poucas roupas que tenho, embora a bondade dos meus gentis e generosos amigos tenha aumentado o seu número com um modesto estoque de itens necessários.

É noite. Já liberei do serviço, com a recompensa de uma laranja, a pequena órfã que me ajuda. Estou sentada sozinha junto à lareira. Hoje pela manhã, a escola abriu. Tinha vinte alunas. Só três delas sabem ler, nenhuma sabe escrever ou fazer contas. Várias sabem tricotar, algumas costuram um pouco. Falam com o sotaque carregado da região. No momento, eu e elas estamos com dificuldade em nos entender. Algumas têm péssimas maneiras, são grosseiras, intratáveis, bem como ignorantes; mas outras são dóceis, com vontade de aprender, e demonstram uma disposição que me agrada. Não posso esquecer que essas camponesas malvestidas são de carne e osso, tanto quanto os herdeiros da mais requintada genealogia, e que os germes da excelência inata, da inteligência e dos sentimentos refinados habitam seu coração tanto quanto o coração dos nascidos em berço de ouro. Minha tarefa será desenvolver esses germes: certamente encontrarei alguma felicidade em sua realização. Não espero muito prazer da vida que se abre diante de mim, mas ela há de me trazer, sem dúvida, se eu orientar minha mente e me esforçar como devido, o bastante para viver o dia a dia.

Se eu estava alegre, tranquila e contente durante as horas que passei na simples e humilde sala de aula esta manhã e esta tarde? A fim de não mentir para mim mesma, devo responder: não. Senti-me consternada, até certo ponto. Senti-me – sim, idiota que sou –, senti-me degradada. Imaginava ter

dado um passo que me afundava em vez de me elevar na escala da existência social. Fiquei muito desanimada com a ignorância, a pobreza e a rusticidade de tudo o que eu ouvi e vi ao meu redor. Mas não posso me detestar e desprezar demais por esses sentimentos; sei que estão errados – esse já é um grande passo. Tentarei superá-los. Amanhã, imagino, já vou conseguir controlá-los um pouco melhor; em algumas semanas, talvez já estejam bem enfraquecidos. Em alguns meses, é possível que a felicidade de ver progresso e uma mudança positiva em minhas alunas substitua essa repulsa pela satisfação.

Enquanto isso, preciso me fazer uma pergunta. O que é melhor? Ter me rendido à tentação, dado ouvidos à paixão, deixado de fazer um esforço doloroso, deixado de lutar, ter afundado naquela armadilha de seda, adormecido sobre as flores que a cobriam, acordado no clima do sul, em meio aos luxos de uma *villa* agradável? Estar agora vivendo na França, como amante do sr. Rochester, inebriada com o seu amor pela metade do meu tempo – pois ele teria, ah, sim, ele teria me amado bastante por algum tempo. Ele *de fato* me amava – ninguém jamais poderá me amar tanto outra vez. Jamais voltarei a conhecer a doce homenagem feita à beleza, à juventude e à graça – pois jamais voltarei a ter esse encanto para outra pessoa. Ele tinha afeto e orgulho de mim – o que nenhum outro homem jamais terá. Mas o que são estes devaneios, o que estou dizendo e, acima de tudo, sentindo? O que é melhor, pergunto-me: ser uma escrava num paraíso de tolos em Marseilles – tomada pela febre do ilusório enlevo num momento, sufocando com as mais amargas lágrimas do remorso e da vergonha no seguinte – ou ser uma professora de aldeia, livre e honesta, no recanto de uma montanha varrida pela brisa, no coração saudável da Inglaterra?

Sim; sinto que estava certa quando me mantive fiel aos princípios e à lei, e desprezei e esmaguei os insanos impulsos de um momento desmedido. Deus me guiou a fazer uma escolha acertada: agradeço à Sua providência pela orientação!

Tendo trazido a esse ponto as minhas reflexões do fim do dia, levantei-me, fui até a porta e contemplei o pôr do sol de meados do outono, e os campos tranquilos perto do meu chalé, que, com a escola, ficava a quase um quilômetro do povoado. Os pássaros cantavam suas últimas melodias...

O ar estava ameno, o orvalho era um bálsamo. [190](#)

Enquanto olhava, senti-me feliz, e fiquei surpresa ao perceber, depois de pouco tempo, que chorava – e por quê? Pelo destino que me carregara para longe do meu senhor, porque não voltaria a vê-lo, pela desesperada tristeza e fúria fatal – consequências da minha partida – que talvez agora o estivessem desviando do caminho da correção, desviando demais para qualquer esperança de restauração mais adiante. Diante desse pensamento, desviei o rosto do belo céu do fim do dia e do solitário vale de Morton – digo solitário pois na parte que me era visível não havia qualquer construção aparente exceto a igreja e o presbitério, parcialmente ocultos pelas árvores, e, bem mais distante, o telhado de Vale Hall, onde o sr. Oliver e sua filha viviam. Cobrindo os olhos, apoiei a cabeça na moldura de pedra da minha porta, mas logo um leve ruído junto à portinhola que marcava o limite entre o meu pequeno jardim e o campo mais adiante me fez erguer os olhos. Um cachorro – o velho Carlo, o pointer do sr. Rivers, como vi num instante – empurrava o portão com o focinho, e o próprio St. John se apoiava nele com os braços cruzados; o cenho franzido, o olhar circunspecto quase parecendo descontente fixo em mim. Pedi-lhe que entrasse.

– Não, não posso ficar; só vim trazer um pequeno pacote que minhas irmãs deixaram para a senhorita. Acho que contém uma caixa de pintura, lápis e papel.

Aproximei-me para recebê-lo: era um presente bem-vindo. Ele examinou meu rosto com austeridade, pareceu-me, quando me aproximei: os vestígios das lágrimas eram sem dúvida visíveis.

– Achou seu primeiro dia de trabalho mais difícil do que esperava? – ele perguntou.

– Ah, não! Pelo contrário, acho que com o tempo vou me dar muito bem com minhas alunas.

– Mas talvez suas acomodações, sua casinha e seus móveis tenham desapontado suas expectativas? São, na verdade, bastante modestos, mas...

Interrompi:

– Minha casinha é limpa e protegida das intempéries, minha mobília é suficiente e adequada. Tudo o que vejo aqui me faz sentir gratidão, não

desalento. Não sou em absoluto uma tola e sensualista a ponto de lamentar a falta de um tapete, de um sofá, de prataria. Além disso, há cinco semanas eu não tinha nada, era uma pária, uma mendiga, uma andarilha; agora tenho conhecidos, uma casa, trabalho. Admiro-me com a bondade de Deus, a generosidade dos amigos, a magnanimitade do meu destino. Não me queixo.

- Mas se sente oprimida pela solidão? A casinha aí atrás é escura e vazia.
- Mal tive tempo de desfrutar de uma sensação de tranquilidade, muito menos de ficar impaciente com a solidão.
- Muito bem; espero que se sinta tão bem quanto expressa. De todo modo, o seu bom senso vai dizer que ainda é muito cedo para ceder aos receios vacilantes da esposa de Ló.¹⁹¹ O que deixou para trás antes que eu a visse, claro que desconheço, mas aconselho-a a resistir firmemente a qualquer tentação que pudesse incliná-la a olhar para trás: mantenha o seu presente curso estável, pelo menos por alguns meses.

– É o que pretendo fazer – respondi.

St. John continuou:

– É difícil controlar o funcionamento das inclinações e modificar as tendências da natureza, mas pode ser feito, sei por experiência própria. Deus nos deu, em certa medida, o poder de criar nosso próprio destino, e quando nossas energias parecem exigir um sustento que não têm como obter, quando nossa vontade se vê atraída por um caminho que não podemos seguir, não precisamos nem morrer de fome nem nos imobilizar no desespero: só o que temos que fazer é buscar outro alimento para a mente, tão forte quanto a comida proibida que ela ansiava em provar... e talvez mais puro, e abrir para os pés corajosos uma estrada tão direta e ampla quanto aquela que a Fortuna bloqueou diante de nós, ainda que mais acidentada.

“Há um ano, eu próprio estava profundamente infeliz, porque acreditava ter cometido um erro ao ingressar no ministério: suas tarefas imutáveis me cansavam mortalmente. Eu ansiava pela vida mais ativa do mundo, pelo trabalho mais excitante de uma carreira literária, pelo destino de um artista, autor, orador, qualquer coisa menos um pastor: sim, o coração de um político, de um soldado, de um entusiasta da glória, de um amante famoso, de alguém que cobiça o poder bate debaixo da minha sobrepeliz de cura. Refleti; minha vida estava tão miserável que precisava ser modificada, ou eu morreria.

Depois de uma temporada de escuridão e luta, fez-se a luz, e o alívio chegou: minha existência limitada abriu-se de súbito a uma planície sem fim; meus poderes receberam do Céu um chamado para reunir todas as suas forças, abrir as asas e subir para além das fronteiras visíveis. Deus tem uma tarefa para mim, e para cumpri-la, para desempenhá-la bem, talento e força, coragem e eloquência, as melhores qualidades do soldado, do estadista e do orador, eram todas necessárias: pois todas elas existem no bom missionário.

“Missionário foi o que decidi ser. Daquele momento em diante, meu estado de espírito mudou: os grilhões se dissolveram e caíram de todas as minhas faculdades, sem deixar nenhuma marca do cativeiro além do incômodo ferimento que só o tempo pode curar. Meu pai, na verdade, opunha-se a essa determinação, mas desde a sua morte já não tenho mais um obstáculo legítimo contra o qual lutar. Alguns assuntos resolvidos, um sucessor para Morton encontrado, um ou outro nó dos sentimentos desfeito ou cortado... um último conflito com a fraqueza humana, que sei que hei de sobrepujar, porque jurei que *vou* sobrepujar... e troco a Europa pelo Oriente.”

Ele disse isso com sua voz peculiar, baixa mas ainda assim enfática; olhava, quando terminou de falar, não para mim, mas para o sol poente, que eu também fitava. Tanto ele quanto eu estávamos de costas para o caminho que levava ao campo para lá da portinhola. Não ouvimos os passos na trilha tomada pelo mato. A água que corria no vale era o único ruído sossegado daquele momento; natural, então, que nos sobressaltássemos quando uma voz alegre, doce como um sino de prata, exclamou:

– Boa noite, sr. Rivers. Boa noite, velho Carlo. Seu cachorro reconhece mais depressa os amigos do que o senhor; ele aprumou as orelhas e balançou a cauda quando eu me aproximava pelo campo, e o senhor tem as costas voltadas para mim agora.

Era verdade. Embora o sr. Rivers tivesse se sobressaltado ao ouvir as primeiras notas daquelas palavras melodiosas, como se um relâmpago tivesse saído de uma nuvem acima da sua cabeça, ainda estava, ao fim da última frase, na mesma posição em que a recém-chegada o surpreendera – o braço apoiado na portinhola, o rosto voltado para o oeste. Virou-se por fim, com calculada deliberação. Uma visão, era o que me parecia, tinha surgido ao seu lado. Ali estava, a um passo dele, um ser vestindo o mais puro branco – uma forma jovem graciosa. Robusta, mas de contornos delicados, e quando, após

se abaixar para acariciar Carlo, ergueu a cabeça e jogou para trás um comprido véu, surgiu um rosto de beleza perfeita. Beleza perfeita é uma expressão forte, mas não a retiro nem a qualifico: os traços mais graciosos que o clima temperado de Albion jamais moldou, os tons mais puros de rosa e lírio que os ventos úmidos e os céus vaporosos geraram e abrigaram justificavam, nesse caso, o termo. Não havia encanto que lhe faltasse, não havia um defeito perceptível. A moça tinha traços regulares e delicados, os olhos com formato e cor iguais aos que vemos em belos retratos, grandes, escuros e cheios; os longos e escuros cílios que circundam belos olhos com tão delicada fascinação; a sobrancelha desenhada que confere tanta clareza; a testa branca e lisa, que acrescenta tanto repouso à beleza mais vivaz do matiz e do fulgor; a face oval, fresca e lisa; os lábios também frescos, corados, saudáveis, com formato gracioso; os dentes alinhados e brilhantes, sem uma falha; o pequeno queixo com uma covinha; o ornamento de tranças abundantes e fartas – detalhes que, somados, formavam o ideal de beleza, em poucas palavras, eram inteiramente seus. Eu me maravilhava enquanto olhava para a bela criatura: admirava-a com todo o meu coração. A natureza certamente a criara de maneira parcial; e, abrindo mão de sua habitual avareza de madrasta ao distribuir dons, presenteara aquela predileta sua com uma generosidade de grande benfeitora.

O que pensava St. John Rivers daquele anjo terrestre? Eu naturalmente me fazia essa pergunta enquanto o observava virar-se e olhar para ela. E também naturalmente busquei a resposta em seu rosto. Ele já afastara o olhar daquele peri, [192](#) e fitava um humilde tufo de margaridas que crescia junto à portinhola.

– Uma noite adorável, mas tarde demais para você estar fora de casa sozinha – disse ele, enquanto esmagava as flores cor de neve com o pé.

– Ah, eu acabei de chegar de S. – ela disse o nome de uma cidade grande a uns trinta quilômetros de distância – esta tarde. Papai me contou que você abriu sua escola, e que a nova professora tinha chegado, então só coloquei o chapéu depois do chá e corri pelo vale paravê-la: é ela? – indagou, apontando para mim.

– É – disse St. John.

– Você acha que vai gostar de Morton? – ela me perguntou, com uma

direta e ingênua simplicidade no tom e na forma, agradável ainda que infantil.

– Espero que sim. Tenho muitos motivos para gostar.

– Suas alunas são tão dedicadas quanto esperava?

– Bastante.

– Gosta da sua casa?

– Gosto muito.

– Eu a mobiliei direito?

– Perfeitamente, na verdade.

– E Alice Wood foi uma boa escolha como ajudante?

– Uma ótima escolha. Ela aprende depressa e é muito prestativa.

(Esta, pensei, é a srta. Oliver, a herdeira; favorecida, ao que parece, com as dádivas da fortuna, bem como com as da natureza! Que feliz combinação de planetas terá presidido o seu nascimento?)

– Virei ajudá-la a dar as aulas às vezes – ela acrescentou. – Será uma novidade para mim visitá-la de vez em quando, e eu gosto de novidades. Sr. Rivers, eu me diverti *tanto* em minha visita a S. noite passada, ou melhor, hoje de manhã, dancei até as duas horas. O regimento número... está lotado ali desde os tumultos, e os oficiais são os homens mais agradáveis do mundo: deixam todos os jovens amoladores de facas e vendedores de tesouras para trás.

Pareceu-me que o lábio inferior do sr. St. John se curvou para fora, e o lábio superior recuou, por um momento. Sua boca certamente parecia bastante tensionada, e seu queixo incomumente rígido e quadrado, enquanto a moça sorridente lhe transmitia aquela informação. Ele ergueu os olhos das margaridas e se virou para ela. Um olhar sério, penetrante, expressivo. Ela respondeu com uma segunda risada; as risadas combinavam bem com sua juventude, seu tom de rosa, suas covinhas, seus olhos brilhantes.

Enquanto ele continuava parado, mudo e circunspecto, ela mais uma vez se abaixou para acariciar Carlo.

– O pobre Carlo me adora – disse ela. – *Ele* não fica sério e distante com os amigos; se pudesse falar, não estaria calado.

Enquanto ela acariciava a cabeça do cachorro, curvando-se com uma graça

inata diante do seu jovem e austero dono, vi um brilho subir ao rosto desse dono. Vi seus olhos solenes se derreterem com fogo súbito, e reluzirem com uma emoção que não encontrava resistência. Assim corado e entusiasmado, ele parecia um homem quase tão belo quanto ela era uma bela mulher. Seu peito se inflou uma vez, como se o seu grande coração, cansado de uma contrição despótica, tivesse se expandido contra a sua vontade e dado um salto vigoroso em busca da liberdade. Ele o refreou, acho, como um cavaleiro resoluto teria refreado um cavalo empinando. Não respondeu com palavras nem com movimentos aos delicados avanços que eram feitos em sua direção.

– Papai diz que você agora já não vem mais nos visitar – continuou a srta. Oliver, erguendo os olhos. – Tornou-se um estranho em Vale Hall. Ele está sozinho esta noite, e não se sente muito bem: pode voltar comigo e lhe fazer uma visita?

– Não é uma hora apropriada para me intrometer na casa do sr. Oliver – respondeu St. John.

– Não é uma hora apropriada! Mas eu declaro que é. Esta é a hora em que papai mais deseja companhia: quando o trabalho já terminou, e ele não tem nenhuma atividade para ocupá-lo. Ora, sr. Rivers, venha, *por favor*. Por que está tão tímido, tão melancólico?

Ela preencheu o hiato que o silêncio dele deixou com uma resposta.

– Estou esquecendo! – ela exclamou, sacudindo a bela cabeça de cabelos cacheados como se escandalizada consigo mesma. – Sou tão boba e insensível! Peço desculpas. Fugiu da minha memória que tem bons motivos para não estar disposto a se juntar ao meu falatório. Diana e Mary o deixaram, e Moor House está fechada, e você tão solitário. Tenho pena de você! Venha ver o papai.

– Esta noite não, srta. Rosamond, esta noite não.

O sr. St. John falou quase como um autômato: só ele sabia o esforço que a recusa lhe custava.

– Bem, se está assim tão decidido, vou deixá-lo, pois não quero ficar fora mais tempo: o orvalho começa a cair. Boa noite!

Ela estendeu a mão. Ele mal a tocou.

– Boa noite! – ele exclamou, a voz baixa e profunda, feito um eco.

Ela virou as costas, mas depois de um momento se voltou para ele outra vez.

– Sente-se bem? – ela perguntou. A pergunta fazia sentido: o rosto dele estava tão branco quanto seu vestido.

– Bastante bem – ele anunciou; com uma mesura, deixou o portão.

Ela seguiu numa direção, ele na outra. Ela se virou duas vezes para olhar para ele enquanto saltitava feito uma fada pelo campo; ele, enquanto o atravessava firmemente, não se voltou nenhuma vez.

Esse espetáculo do sofrimento e do sacrifício de outra pessoa tirou meus pensamentos da meditação exclusiva sobre os meus. Diana Rivers dissera que seu irmão era “inexorável como a morte”. Não tinha exagerado.

[190](#) . Citação truncada de versos de *As estrofes do último menestrel*, de Sir Walter Scott (Canto III, Estrofe XIV, vv.1-4): “Assim passou o dia, veio a noite, estava perto de o sino dar o toque de recolher, o ar estava suave, o vento estava calmo, a correnteza tranquila e o orvalho um bálsamo.”

[191](#) . No Livro do Gênesis, em fuga de Sodoma, destruída pela ira punitiva de Deus, Ló e sua mulher são instruídos por Deus a não olhar para trás. Ela, no entanto, vacila e é imediatamente transformada em uma estátua de sal.

[192](#) . Nas mitologias persa e armênia, os peris são belos espíritos alados. Em seus mais antigos registros, são descritos como agentes do mal aos quais o paraíso foi negado até que cumpram penitência; posteriormente, aparecem como espíritos benevolentes.

CAPÍTULO 32

CONTINUEI OS TRABALHOS na escola do povoado o mais ativa e dedicada que podia. Foi uma tarefa bastante dura no início. Algum tempo transcorreu antes que, com todos os meus esforços, eu pudesse compreender minhas alunas e sua natureza. Sem nunca terem estudado, com as faculdades bastante entorpecidas, elas pareciam irremediavelmente burras; e, à primeira vista, todas igualmente burras; mas logo vi que me enganava. Havia uma diferença entre elas assim como a que existe entre as pessoas instruídas. Quando vim a conhecê-las, e elas a mim, essa diferença rapidamente se desenvolveu. Uma vez superado o espanto que eu lhes causava com minha linguagem, minhas regras e maneira de ser, vi que algumas daquelas meninas rústicas e tolas, de aparência brutalhada, se revelaram moças bastante inteligentes. Muitas se mostravam prestativas, e amigáveis também; e descobri entre elas vários exemplos de polidez natural e autoestima inata, bem como uma excelente aptidão, que conquistaram tanto a minha boa vontade quanto a minha admiração. Essas logo passaram a ter prazer em fazer bem seu trabalho, em se manter asseadas, em aprender regularmente suas tarefas, em adquirir uma conduta mais quieta e organizada. A rapidez do seu progresso, em certas instâncias, era até mesmo surpreendente, e eu sentia um orgulho honesto e feliz por isso. Além do mais, comecei a me afeiçoar pessoalmente a algumas das melhores entre elas, que também gostavam de mim. Tinha entre minhas alunas várias filhas de fazendeiros – moças crescidas, praticamente. Essas já sabiam ler, escrever e costurar; e a elas ensinei fundamentos de gramática, geografia, história e artes mais refinadas de costura. Encontrei personalidades admiráveis entre elas – desejosas de informação e dispostas a progredir –, com as quais passei muitas horas agradáveis no fim do dia, em suas próprias casas. Seus pais (os fazendeiros e suas esposas) me cobriam de atenção. Eu tinha prazer em aceitar sua cordialidade e retribuir com uma consideração – um escrupuloso respeito pelos seus sentimentos – com que não estavam, talvez, acostumados, e que tanto lhes encantava quanto beneficiava;

elevando-os aos seus próprios olhos, tornava-os desejosos de merecer o tratamento diferenciado que recebiam.

Senti que me tornei uma favorita do povoado. Sempre que saía, ouvia cumprimentos cordiais de todas as partes, e era recebida com sorrisos amigáveis. Viver em meio ao apreço geral, ainda que um apreço de simples trabalhadores, é como “sentar-se ao sol, calmo e agradável”; [193](#) sentimentos íntimos serenos desabrocham e florescem sob esses raios. Nesse período da minha vida, era mais frequente meu coração se encher de gratidão do que afundar-se de desânimo. Contudo, leitor, para ser honesta, no meio dessa calma e útil existência – depois de um dia passado em meio a honrados esforços entre minhas alunas, e uma noite desenhando ou lendo contente e sozinha –, eu costumava encontrar sonhos estranhos ao me deitar: sonhos multicoloridos, agitados, de imaginação viva e tempestuosa – sonhos em que, em meio a cenários incomuns, repletos de aventura, cheios de risco perturbador e romântico acaso, eu ainda encontrava repetidas vezes o sr. Rochester, sempre num momento de crise emocionante. E então a sensação de estar em seus braços, ouvir sua voz, fitá-lo nos olhos, de tocar suas mãos e seu rosto, de amá-lo e ser amada por ele – a esperança de passar uma vida ao seu lado era renovada, com toda força e fervor iniciais. Então eu despertava. Então eu me lembrava de onde estava, e em que situação. Então eu me levantava em minha cama sem dossel, trêmula; e então a noite imóvel e escura testemunhava a convulsão do desespero, e ouvia a erupção da paixão. Às nove horas da manhã seguinte eu estava pontualmente abrindo a escola, tranquila, determinada, preparada para as tarefas regulares do dia.

Rosamond Oliver manteve sua palavra, e vinha me visitar. Suas idas à escola em geral aconteciam no curso de sua cavalgada matinal. Ela surgia trotando até a porta em seu cavalo, seguida por um criado de libré, também a cavalo. Mal posso imaginar algo mais sublime que sua chegada, com sua roupa de montaria púrpura, seu barrete de amazona [194](#) de veludo graciosamente colocado sobre os longos cachos que beijavam a sua face e flutuavam até os seus ombros: era assim que ela entrava na casa rústica, e deslizava entre as fileiras fascinadas de meninas do povoado. Em geral vinha quando o sr. Rivers estava ocupado dando sua aula diária de catecismo. Intensamente, suspeito, os olhos da visitante atravessavam o coração do jovem pastor. Uma espécie de instinto parecia adverti-lo da sua chegada,

mesmo quando ele não a via; e se ele estivesse olhando na direção da porta e ela aparecesse seu rosto logo corava, e seus traços marmóreos, embora se recusassem a relaxar, mudavam de maneira indescritível, e sua própria quietude se tornava a expressão de um fervor reprimido, mais forte do que os músculos tensos e o olhar instável poderiam indicar.

Claro, ela sabia o poder que tinha. Na verdade, ele não o ocultava dela, porque não tinha como. Apesar do seu estoicismo cristão, quando ela se aproximava e se dirigia a ele, e sorria alegremente, de maneira encorajadora e mesmo afetuosa junto ao seu rosto, a mão dele tremia e seus olhos queimavam. Ele parecia dizer, com sua expressão triste e resoluta, o que não dizia com os lábios: “Eu a amo, e sei que sou o seu escolhido. Não é o medo do fracasso que me mantém calado. Se eu oferecesse meu coração, acredito que seria aceito. Mas esse coração já está disposto num altar sagrado: o fogo queima ao seu redor. Em breve não será mais do que sacrifício consumado.”

Ela fazia beicinho, feito uma criança desapontada; uma nuvem pensativa toldava sua radiante vivacidade; ela tirava depressa a mão da sua, e virava as costas, com intransigente petulância, ao seu rosto, que era ao mesmo tempo de herói e mártir. St. John, sem dúvida, teria dado o mundo para segui-la, chamá-la de volta e mantê-la ao seu lado quando ela o deixava desse jeito. Mas não dava uma chance de felicidade ou de renúncia ao elísio [195](#) do amor dela, uma esperança do verdadeiro e eterno Paraíso. Além disso, ele não podia empenhar tudo o que tinha em sua natureza – o aventureiro, o aspirante, o poeta, o sacerdote – nos limites de uma única paixão. Não podia e não queria renunciar ao vasto campo da vida de missionário pelas saletas e pela paz de Vale Hall. Tudo isso ele mesmo me contou numa intromissão que certa vez, apesar de seu recato, eu tive a ousadia de fazer em seus segredos.

A srta. Oliver já me honrara com frequentes visitas ao meu chalé. Eu agora conhecia por completo a sua personalidade, que não tinha mistério ou disfarce. Ela era coquete, mas não cruel; exigente, mas não egoísta. Tinham feito suas vontades desde o nascimento, mas ela não era em absoluto mimada. Era precipitada, mas bem-humorada; vaidosa (não tinha como evitar, quando cada olhar ao espelho lhe mostrava tamanha beleza) mas não afetada; liberal; inocente do orgulho por sua riqueza; ingênua; suficientemente inteligente; alegre, cheia de vivacidade e distraída. Era encantadora, em poucas palavras, mesmo a uma observadora fria do mesmo

sexo como eu, mas não era profundamente interessante ou tão impressionante. Sua mente era de um tipo muito diferente, por exemplo, da mente das irmãs de St. John. Ainda assim, eu gostava dela quase como gostava da minha aluna Adèle; exceto pelo fato de que por uma criança de quem cuidamos e a quem ensinamos cria-se um afeto mais próximo do que aquele que podemos ter por uma conhecida adulta, ainda que igualmente atraente.

Elá fora tomada por um sentimento de amizade por mim. Dizia que eu era como o sr. Rivers, embora certamente, ela reconhecia, “nem um décimo tão bonita”, ainda que eu fosse “uma bela e boa alma, mas ele era um anjo”. Eu era, contudo, bondosa, inteligente, serena e firme, como ele. Eu era um *lusus naturae* , ¹⁹⁶ ela afirmava, como professora de uma escola de aldeia. Tinha certeza de que minha história prévia, se conhecida, daria um ótimo romance.

Certa noite, enquanto mexia, com sua habitual inquietude infantil e curiosidade inconsequente mas inofensiva, no armário e no gaveteiro da minha pequena cozinha, descobriu dois livros em francês, um volume de Schiller, uma gramática e um dicionário de alemão, e também os meus materiais de desenho e alguns esboços, incluindo uma cabeça feita a lápis de uma menininha parecida com um querubim, uma de minhas alunas, e várias paisagens feitas no vale de Morton e nos pântanos ao redor. Ficou primeiro estarrecida de surpresa, depois eletrificada de alegria.

Eu tinha feito aquelas pinturas? Eu falava francês e alemão? Que amor – que milagre eu era! Eu desenhava melhor do que o professor dela em sua primeira escola em S. Será que eu faria um retrato seu, para mostrar a papai?

– Com prazer – respondi; senti a emoção do prazer do artista ante a ideia de retratar uma modelo tão perfeita e radiante.

Ela estava usando, na ocasião, um vestido de seda azul-escuro; seus braços e seu pescoço estavam despidos; seu único ornamento eram as tranças castanhas, que balançavam sobre seus ombros com toda a graça dos cachos naturais. Peguei uma folha fina de papel-cartão e desenhei um cuidadoso contorno. Prometi a mim mesma o prazer de colori-la; e, como estava ficando tarde, disse-lhe que deveria voltar e posar para mim outro dia.

Ela me descreveu de tal modo ao pai que o próprio sr. Oliver acompanhou-a no fim da tarde seguinte – um homem alto de meia-idade, com traços

pesados e cabelos grisalhos; ao seu lado, a filha adorável se assemelhava a uma flor esplendorosa junto a uma velha torre. Ele parecia taciturno e talvez orgulhoso, mas foi muito gentil comigo. O esboço do retrato de Rosamond lhe agradou bastante: ele disse que eu deveria fazer uma pintura a partir do desenho. Insistiu, também, que eu fosse passar o fim da tarde seguinte em Vale Hall.

Fui. Encontrei uma residência grande e bonita, que mostrava provas abundantes da riqueza do proprietário. Rosamond esteve cheia de alegria e prazer durante todo o tempo que passei lá. Seu pai foi afável, e quando conversou comigo depois do chá expressou com veemência sua aprovação do que eu fizera na escola de Morton, e disse que só temia, pelo que vira e ouvira, que eu fosse boa demais para aquele lugar, e logo haveria de deixá-lo por outro mais apropriado.

– Realmente – exclamou Rosamond –, ela é inteligente o bastante para ser governanta de uma família importante, papai.

Eu achava que preferiria infinitamente estar onde estava, e não com uma família importante. O sr. Oliver falou do sr. Rivers – da família Rivers – com grande respeito. Disse que era um nome muito antigo por aqueles arredores, que os ancestrais da casa eram ricos, que toda Morton outrora pertencera a eles e que, mesmo agora, ele achava que o representante da família poderia, se quisesse, fazer alianças excelentes. Em sua opinião, era uma pena que um jovem tão bom e talentoso tivesse tomado a decisão de viajar como missionário; era como jogar fora uma vida valiosa. Parecia, então, que seu pai não oporia obstáculo algum à união de Rosamond com St. John. O sr. Oliver considerava a boa origem, o nome antigo e a profissão sagrada do clérigo compensação suficiente pela falta de fortuna.

Era dia cinco de novembro, e um feriado. Minha jovem ajudante, depois de me auxiliar na arrumação da casa, foi embora satisfeita com a gratificação de um centavo por seu trabalho. Tudo ao meu redor estava imaculado e reluzente – o chão, a grade da lareira polida e as cadeiras bem esfregadas. Eu também havia me arrumado, e tinha agora a tarde diante de mim para que a passasse como quisesse.

A tradução de umas poucas páginas de alemão ocupou uma hora; depois peguei minha paleta e meus lápis, e me dediquei à tarefa mais leve, porque

mais fácil, de completar a miniatura de Rosamond Oliver. A cabeça já estava terminada: só faltava pintar o fundo e fazer o sombreado dos panos; um toque de carmim, também, para destacar os lábios cheios – um cacho suave aqui e ali nas tranças, um tom mais profundo na sombra dos cílios sob a pálpebra azulada. Estava absorta na execução desses agradáveis detalhes quando, depois de uma rápida batida, minha porta se abriu e admitiu St. John Rivers.

– Vim ver como está passando o feriado – disse ele. – Não entregue aos seus pensamentos, espero? Não, está bem: enquanto desenhar, não vai se sentir sozinha. Está vendo, ainda não confio na senhorita, embora tenha se saído maravilhosamente bem até aqui. Trouxe um livro para lhe fazer companhia à noite. – E colocou na mesa uma nova publicação, um poema: uma daquelas produções genuínas com tanta frequência franqueadas ao público sortudo de outrora, a idade de ouro da literatura moderna.

Ai de mim! Os leitores da nossa época são menos favorecidos. Mas coragem! Não vou me interromper para fazer acusações ou resmungar. Sei que a poesia não está morta, nem o gênio perdido; nem Mamon [197](#) ganhou poder sobre eles, para prendê-los ou matá-los; ambos vão afirmar sua existência, sua presença, sua liberdade e sua força mais uma vez, um dia. Anjos poderosos, a salvo no céu! Sorriem quando as almas sordidas triunfam, e as fracas choram sua destruição. Destruída a poesia? Banido o gênio? Não! Mediocridade, não: não deixe a inveja lhe induzir esse pensamento. Não; não apenas vivem, mas reinam e redimem: e sem sua influência divina espalhada por toda parte você estaria no inferno – no inferno de sua própria insignificância.

Enquanto eu lia as páginas luminosas de *Marmion* [198](#) (pois de *Marmion* se tratava), St. John se inclinou para examinar meu desenho. Seu vulto alto endireitou-se outra vez com espanto; ele não disse nada. Olhei para ele, que evitou meu olhar. Sabia bem quais eram seus pensamentos, e podia ler com clareza o seu coração; no momento, eu me sentia mais calma e ponderada do que ele: estava, portanto, temporariamente em vantagem, e tive vontade de ajudá-lo, se pudesse.

“Com toda a sua firmeza e autocontrole”, pensei, “ele está se exigindo demais: tranca dentro de si cada sentimento e cada aflição – não expressa, não conversa e não comunica nada. Tenho certeza de que lhe faria bem falar

um pouco sobre sua doce Rosamond, com quem ele acha que não deveria se casar: vou fazer com que fale.”

Eu disse, então:

– Sente-se, sr. Rivers – mas ele respondeu, como sempre, que não podia ficar.

“Muito bem”, respondi mentalmente, “fique de pé se quiser, mas não vai embora já, estou determinada: a solidão é no mínimo tão ruim para o senhor quanto para mim. Vou ver se não consigo descobrir a fonte secreta dos seus segredos, e encontrar uma abertura nesse peito de mármore através da qual possa derramar uma gota do bálsamo da compaixão.”

– O retrato está parecido? – perguntei, à queima-roupa.

– Parecido! Parecido com quem? Não vi de perto.

– Viu sim, sr. Rivers.

Ele quase se sobressaltou com a minha súbita e estranha brusquidão: olhou para mim muito surpreso. “Ah, isso ainda não é nada”, murmurei comigo. Não vou ficar desconcertada por uma pequena rispidez da sua parte; estou preparada para percorrer uma longa distância.” Continuei:

– Viu de perto e com atenção; mas se quiser olhar outra vez não me oponho.

Eu me levantei e o coloquei em sua mão.

– Um retrato bem feito – disse ele. – As cores são suaves e nítidas, os traços são graciosos e corretos.

– Sim, sim, sei de tudo isso. Mas e quanto à semelhança? Com quem se parece?

Dominando certa hesitação, ele respondeu:

– Com a srta. Oliver, presumo.

– Claro. E agora, para recompensá-lo por ter adivinhado, prometo pintar para o senhor uma cuidadosa e fiel duplicata deste mesmo retrato, se admitir que o presente seria aceitável. Não desejo jogar fora meu tempo e meus esforços numa oferta que haveria de considerar sem valor.

Ele continuou olhando para o retrato: quanto mais tempo olhava, com mais firmeza o segurava, e mais parecia cobiçá-lo.

– É muito parecido! – murmurou. – Os olhos estão bem-executados: a cor, a luz e a expressão estão perfeitas. Sorriem!

– Ter um retrato assim iria reconfortá-lo ou fazê-lo sofrer? Diga-me. Quando estiver em Madagascar, na Cidade do Cabo ou na Índia, seria um consolo estar de posse dessa recordação? Ou sua visão traria memórias destinadas a enervá-lo e angustiá-lo?

Ele ergueu furtivamente os olhos, então: olhou para mim, irresoluto, perturbado; estudou mais uma vez o retrato.

– Que eu gostaria de tê-lo é certo: se isso seria sensato ou prudente é outra questão.

Como eu já sabia que Rosamond realmente o elegera, e que não era provável que seu pai se opusesse à união, eu – menos exaltada em minhas opiniões do que St. John – estava fortemente disposta, em meu próprio coração, a defender aquele elo. Parecia-me que, uma vez de posse da grande fortuna do sr. Oliver, ele poderia fazer tanto bem quanto faria ao colocar o seu gênio para definhar e a sua força para se esvair sob o sol tropical. Assim convencida, respondi:

– Até onde posso ver, seria mais sábio e mais prudente se o senhor reivindicasse o original, imediatamente.

A essa altura, ele se sentara: colocara o retrato na mesa diante dele, e com a testa apoiada nas duas mãos debruçava-se afetuosa e sobre a imagem. Percebi que ele já não estava zangado ou escandalizado com a minha audácia. Vi mesmo que o fato de eu ter abordado com tanta franqueza um assunto que ele decretara inacessível, e ouvi-lo assim dito livremente, começava a lhe proporcionar um novo prazer – um alívio inesperado. Pessoas reservadas com frequência precisam mais da discussão desses sentimentos e pesares do que as expansivas. O estoico aparentemente mais duro é, afinal de contas, um ser humano, e irromper com ousadia e boa vontade no “mar silencioso” [199](#) de sua alma é muitas vezes lhe fazer o mais importante obséquio.

– Ela gosta do senhor, tenho certeza – eu disse, de pé atrás de sua cadeira –, e o pai dela o respeita. Além do mais, é uma moça encantadora... um tanto irrefletida, mas o senhor haveria de refletir o suficiente pelos dois. Deveria se casar com ela.

– Ela *gosta* de mim? – ele perguntou.

– Certamente; mais do que de qualquer outra pessoa. Fala do senhor constantemente: não há assunto que lhe dê tanto prazer ou que ela mencione tanto.

– É muito agradável ouvir isso – ele disse. – Muito. Pode prosseguir por mais um quarto de hora.

E efetivamente pegou o relógio e o pôs sobre a mesa para controlar o tempo.

– Mas de que adianta prosseguir – perguntei – quando provavelmente o senhor está preparando um golpe férreo para me contradizer, ou forjando uma nova corrente para agrilhoar seu coração?

– Não imagine coisas tão duras. Pense em mim cedendo e derretendo, como faço agora: o amor humano brotando como uma fonte recém-aberta em minha mente e transbordando como uma deliciosa inundação por todo o campo que eu preparei com tanto cuidado e com um trabalho tão árduo... onde semeei com tanta assiduidade as sementes das boas intenções, dos planos altruístas. Agora está alagado com uma torrente de néctar, os germes inundados, um veneno delicioso corroendo-os; agora me vejo estendido no divã da sala de estar em Vale Hall, aos pés de minha noiva Rosamond Oliver: ela fala comigo com sua voz doce, olha para mim com esses olhos que sua mão talentosa copiou tão bem, sorri para mim com esses lábios de coral. Ela é minha, eu sou seu, esta vida presente e este mundo passageiro me bastam. Silêncio! Não diga nada... meu coração está tomado pelo enlevo, meus sentidos estão em transe, deixe que o tempo que estabeleci transcorra em paz.

Atendi seu pedido: o relógio continuava em seu tique-taque. Ele respirava depressa e baixo, e eu fiquei em silêncio. Assim se passou o quarto de hora; ele guardou o relógio, colocou o retrato na mesa, levantou-se e parou diante da lareira.

– Agora – disse ele –, aquele pequeno espaço foi dado ao delírio e à ilusão. Pousei minhas têmperas no peito da tentação, e pus o pescoço voluntariamente em seu jugo de flores; provei da sua taça. O travesseiro estava queimando, há uma víbora na guirlanda, o vinho tem um gosto amargo: suas promessas são vazias, suas ofertas são falsas. Vejo e sei tudo isso.

Eu o fitava, maravilhada.

– É estranho – prosseguiu ele – que por mais que eu ame Rosamond Oliver tão desesperadamente, com toda a intensidade mesmo de uma primeira paixão, cujo objeto é de uma beleza sublime, gracioso e fascinante, experimento ao mesmo tempo uma consciência calma e cristalina de que ela não seria uma boa esposa para mim; não é a companheira mais adequada. Eu descobriria isso um ano após o casamento, e a doze meses de enlevo haveria de se seguir uma vida de arrependimento. Isso eu sei.

– Que estranho! – não pude evitar exclamar.

– Enquanto algo em mim – ele prosseguiu – é intensamente sensível aos seus encantos, algo mais se impressiona profundamente com seus defeitos: são tais que ela não poderia se interessar por nada a que eu aspiro, cooperar em nenhuma tarefa à qual eu me dedique. Rosamond uma sofredora, uma trabalhadora, um apóstolo feminino? Rosamond a esposa de um missionário? Não!

– Mas o senhor não precisa ser um missionário. Pode renunciar a esse projeto.

– Renunciar! Por quê? Minha vocação? Meu grande trabalho? O alicerce que construo na terra para uma mansão nos céus? Minhas esperanças de ser incluído no grupo que fundiu todas as suas ambições na ambição gloriosa da melhoria de sua raça, de levar o conhecimento ao reinado da ignorância, de substituir a guerra pela paz, a submissão pela liberdade, a superstição pela religião, o medo do inferno pela esperança do céu? Devo renunciar a isso? É mais caro do que o sangue em minhas veias. Tudo por quanto anseio e vivo.

Após uma pausa considerável, eu disse:

– E a sra. Oliver? Seu desapontamento e tristeza não lhe interessam?

– A sra. Oliver está cercada de seguidores e aduladores. Em menos de um mês minha imagem estará apagada de seu coração. Ela vai me esquecer, e vai se casar, provavelmente, com alguém que a fará muito mais feliz do que eu faria.

– Fala com bastante frieza, mas o conflito o faz sofrer. Está definhando.

– Não. Se estou um pouco magro, é a ansiedade diante de minhas perspectivas, ainda incertas; de minha partida, continuamente procrastinada. Hoje mesmo pela manhã fiquei sabendo que meu sucessor, cuja chegada venho aguardando por tanto tempo, não terá condições de estar pronto para

me substituir nos próximos três meses; e talvez os três meses se transformem em seis.

– O senhor estremece e fica corado sempre que a srt. Oliver entra na sala de aula.

Mais uma vez uma expressão surpresa passou pelo seu rosto. Ele não imaginara que uma mulher ousaria falar assim com um homem. Quanto a mim, sentia-me em casa com esse tipo de conversa. Eu nunca poderia manter um diálogo com mentes fortes, discretas e refinadas, fossem elas homens ou mulheres, até ultrapassar as barreiras da reserva convencional e atravessar o pórtico da confiança, e conquistar um lugar junto à pedra do lar do seu coração.

– A senhorita é original – disse ele –, e não é tímida. Há algo corajoso em seu espírito e penetrante em seu olhar; mas permita-me lhe dizer que não interpreta minhas emoções de forma inteiramente correta. Pensa que são mais profundas e intensas do que são. Dedica-me mais compaixão do que tenho direito de reivindicar. Quando ruborizo ou estremeço diante da srt. Oliver, não sinto pena de mim mesmo. Desprezo essa fraqueza. Sei que é ignóbil: uma mera febre da carne; não é, posso afirmar, uma convulsão da alma. *Essa* está firme como uma rocha, acomodada nas profundezas de um mar inquieto. Saiba que eu sou o que sou... um homem frio e duro.

Sorri, incrédula.

– A senhorita tomou à força de armas meus segredos – ele prosseguiu –, que agora estão à sua disposição. Sou simplesmente, em meu estado original, desrido daquela veste tingida de sangue com a qual a cristandade cobre a deformidade humana, [200](#) um homem frio, duro e ambicioso. Somente a perfeição natural, entre todos os sentimentos, tem um poder permanente sobre mim. A razão, e não o sentimento, é o meu guia: minha ambição é ilimitada; meu desejo de subir mais alto e fazer mais do que os outros, insaciável. Respeito a resistência, a perseverança, a dedicação e o talento porque são meios através dos quais o homem alcança grandes objetivos e se eleva a uma alta eminência. Observo sua carreira com interesse porque a considero um exemplar de mulher diligente, ordenada e enérgica, e não porque sinto uma compaixão profunda pelas coisas pelas quais passou, ou pelo que ainda sofre.

– O senhor poderia descrever a si mesmo como um mero filósofo pagão – eu disse.

– Não. Existe uma diferença entre mim e os filósofos deístas: [201](#) eu acredito, e acredito no Evangelho. O seu epíteto está errado. Não sou um filósofo pagão, mas um filósofo cristão, um seguidor da seita de Jesus. Como seu discípulo, adoto suas doutrinas puras, misericordiosas e benignas. Advogo-as: jurei *disseminá-las*. Conquistado desde muito cedo pela religião, ela cultivou assim minhas qualidades originais: do pequenino germe, a afeição natural, ela fez crescer a árvore frondosa, a filantropia. Das raízes viscosas da retidão humana fez brotar um sentido de justiça divina. Da ambição de conquistar poder e renome para o meu miserável eu ela fez a ambição de difundir o Reino do meu Senhor, de conquistar vitórias para o estandarte da Cruz. Foi isso que a religião fez por mim: transformou a matéria original em algo melhor, podando e domando a natureza. Mas não teve como erradicar a natureza, que tampouco será erradicada até “que isto que é mortal se revista da imortalidade”. [202](#)

Tendo dito isso, ele pegou o chapéu, que estava na mesa ao lado da minha paleta. Olhou mais uma vez para o retrato.

– Ela é adorável – ele murmurou. – De fato lhe cabe o nome de Rosa do Mundo! [203](#)

– E não posso pintar um outro como este para o senhor?

– *Cui bono* ? [204](#) Não.

Ele colocou sobre a pintura a folha fina de papel em que eu costumava pousar a mão enquanto trabalhava, para impedir que o cartão se sujasse. O que ele subitamente viu nessa folha em branco era impossível dizer, mas algo atraía seu olhar. Ele a puxou de repente, olhou para a borda e então me lançou um olhar, inesquecivelmente peculiar e bastante incompreensível: um olhar que parecia notar cada detalhe em mim, em meu rosto e minha roupa; pois percorreu tudo, depressa, penetrante como um relâmpago. Seus lábios se entreabriram, como se para falar: mas ele não pronunciou a frase que estava prestes a dizer, fosse ela qual fosse.

– Qual o problema? – perguntei.

– Nada em absoluto – foi a resposta; e, ao colocar o papel no lugar, vi que

ele habilmente arrancava um pedaço da margem. Desapareceu em sua luva; e, com uma mesura apressada e um “boa tarde”, ele desapareceu.

– Ora! – exclamei, usando uma expressão local –, essa é a cereja do bolo!

Examinei, por minha vez, o papel, mas nada vi exceto umas poucas manchas de tinta onde eu experimentara as cores com o pincel. Pensei no mistério por um ou dois minutos, mas, considerando-o insolúvel, e certa de que não poderia ser muito relevante, deixei-o de lado e logo o esqueci.

[193](#) . Citação de *Lalla Rookh* (1817), épico de ambiência oriental do inglês Thomas Moore (Parte III, v.346).

[194](#) . Segundo a mitologia clássica, as amazonas formavam uma tribo de guerreiras. Dentre as mais célebres estão Hipólita, a rainha, filha de Ares (Marte) e portadora de um cinturão mágico, objeto do nono dos doze trabalhos de Hércules, e sua irmã Pentesileia. Em um acidente de caça, Pentesileia matou Hipólita; amargurada, seguiu à Guerra de Troia.

[195](#) . Os elísios (ou Campos Elísios) são o paraíso na mitologia grega, onde os grandes heróis e homens virtuosos descansam após a morte.

[196](#) . A expressão latina significa “anomalia”.

[197](#) . No Novo Testamento, Mamon é interpretado como “dinheiro”, “riqueza material” ou qualquer entidade que os tenha por finalidade e está relacionado à ganância.

[198](#) . Poema épico de Sir Walter Scott, de 1808. Na trama de amor e vingança que cerca o poema, lorde Marmion põe a Escócia em risco pelo capricho de conquistar Clara de Clare, noiva de um bom cavaleiro do reino. A leitura de Jane Eyre sugere seu interesse pelo destino de mulheres vítimas do destempero e da sedução masculinas: Clara ficará enclausurada num convento até a reconciliação com o noivo; a freira Constance de Beverley, amante de Marmion, será emparedada viva após flagrada na quebra de votos.

[199](#) . Citação de *Balada do velho marinheiro* (1798), do poeta inglês Samuel Coleridge: “Nós fomos os primeiros a adentrar/ aquele mar silencioso.”

[200](#) . Menção ao Apocalipse: “E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro” (7:14).

[201](#) . Os deístas fundamentaram uma posição filosófica de cunho naturalista que prezava a ideia de uma Criação governada por uma inteligência superior, desprovida de representação propriamente religiosa, e o livre-pensamento ancorado em uma noção empírica e materialista de experiência. O deísmo faz parte das tendências do iluminismo francês.

[202](#) . 1 Coríntios: “Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade” (15:53).

[203](#) . A passagem refere-se à etimologia da palavra Rosamond, que deriva do Latim *rosa mundi* , rosa do mundo.

204 . Expressão latina que significa “para proveito de quem?”.

CAPÍTULO 33

QUANDO O SR. ST. JOHN SE FOI, começava a nevar; o turbilhão da tempestade durou a noite inteira. No dia seguinte, um vento forte trouxe mais neve ofuscante; ao cair da tarde, o vale estava coberto e quase intransponível. Fechei a veneziana, coloquei um tapete na porta para evitar que a neve entrasse por baixo, aticei o fogo e, após ficar sentada por quase uma hora junto à lareira escutando a fúria abafada da tempestade, acendi uma vela, peguei o *Marmion* e comecei a ler:

Fez-se dia sobre a encosta acastelada de Norham,
E sobre o belo rio de Tweed, amplo e fundo,
E as solitárias montanhas de Cheviot;
As torres imponentes, o torreão,
Os bordejantes muros que os cercam

Em amarelo esplendor brilhavam... [205](#)

Logo me esqueci da tempestade com a música.

Ouvi um barulho: o vento, pensei, sacudia a porta. Não; era St. John Rivers, que, erguendo a tranca, entrou em meio ao tufão gélido e à escuridão uivante, e parou diante de mim: a capa que cobria sua alta figura estava branca como uma geleira. Eu estava quase consternada, já que não esperava qualquer visita pelo vale intransponível naquela noite.

– Alguma notícia ruim? – perguntei. – Aconteceu algo?

– Não. Como se alarma facilmente – ele respondeu, tirando a capa e a pendurando na porta, para junto da qual ele voltou a empurrar o capacho que sua entrada afastara.

Bateu com os pés para remover a neve das botas.

– Vou sujar o seu chão – disse ele –, mas desta vez precisa me perdoar.

Ele então se aproximou do fogo.

– Foi difícil chegar até aqui, posso lhe assegurar – ele observou, enquanto aquecia as mãos perto das chamas. – Peguei neve na altura da minha cintura; felizmente ainda está bastante fofa.

– Mas por que veio? – eu não pude evitar dizer.

– Uma pergunta bem pouco hospitaleira para se fazer a uma visita. Mas já que fez, respondo simplesmente que é para conversar um pouco; fiquei cansado dos meus livros mudos e cômodos vazios. Além disso, desde ontem experimento a inquietação de uma pessoa a quem uma história foi contada pela metade, e que está impaciente para ouvir a continuação.

Ele se sentou. Recordei sua peculiar conduta da véspera, e realmente comecei a achar que sua razão estava comprometida. Se ele estivesse louco, porém, era uma loucura bastante pacífica e comedida: eu nunca vira aquele seu rosto de belos traços parecer mais ao mármore cinzelado do que naquele momento, quando ele afastava o cabelo molhado e deixava a luz do fogo brilhar livremente em sua testa e face pálidas, nas quais me causava pesar descobrir o profundo sulco da preocupação e da tristeza agora tão visivelmente gravado. Esperei, aguardando que ele dissesse algo que eu pelo menos compreendesse, mas sua mão estava agora no queixo, o dedo nos lábios: ele pensava. Notei que sua mão estava tão magra quanto o rosto. Uma onda talvez indesejável de piedade se apossou do meu coração; fui levada a dizer:

– Gostaria que Diana ou Mary fossem viver com o senhor: é uma pena que tenha que ficar sozinho, e é muito negligente com a sua própria saúde.

– De modo algum – disse ele. – Cuido-me quando é necessário. Estou bem agora. O que vê de errado em mim?

Isso foi dito com uma indiferença casual e abstraída, o que mostrava que minha solicitude era, pelo menos em sua opinião, inteiramente supérflua. Calei-me.

Ele ainda movia lentamente o dedo pelo lábio superior, e seus olhos ainda se demoravam, sonhadores, na lareira reluzente; achando que era urgente dizer alguma coisa, perguntei-lhe se ele sentia alguma corrente fria vindo da porta da frente, que estava às suas costas.

– Não, não! – ele respondeu de maneira breve e um tanto mal-humorada.

“Bem”, pensei, “se não quer falar, pode ficar calado; vou deixá-lo sozinho

agora, e voltar ao meu livro.”

Assim, cortei o pavio da vela e retomei a leitura do *Marmion*. Ele logo se mexeu. Meus olhos foram instantaneamente atraídos aos seus movimentos; ele tirou do bolso um caderno com capa de marroquim, de onde saiu uma carta, que leu em silêncio, dobrou, guardou de volta e regressou à sua meditação. Era um esforço vão tentar ler com tal inescrutável figura diante de mim; eu também não conseguia, em minha impaciência, consentir em ficar calada; ele podia me repelir o quanto quisesse, mas eu haveria de falar.

– Teve notícias de Diana e Mary ultimamente?

– Desde a carta que lhe mostrei há uma semana, não.

– E não houve nenhuma mudança quanto aos seus próprios preparativos? Não será convocado a deixar a Inglaterra antes do que esperava?

– Temo que não, na verdade: seria uma perspectiva boa demais para acontecer comigo.

Sendo despistada até então, mudei de estratégia. Passei a falar sobre a escola e minhas alunas.

– A mãe de Mary Garrett está melhor, e Mary voltou à escola esta manhã, e terei quatro novas meninas na próxima semana, de Foundry Close; teriam vindo hoje, não fosse pela neve.

– É mesmo?

– O sr. Oliver paga por duas delas.

– De fato?

– Pretende dar uma surpresa a toda a escola no Natal.

– Eu sei.

– Foi sugestão sua?

– Não.

– De quem, então?

– Da filha dele, imagino.

– Combina com ela: que natureza boa.

– Sim.

Mais uma vez, o vazio de uma pausa. O relógio bateu oito vezes. Isso o

despertou; ele descruzou as pernas, endireitou-se, voltou-se para mim.

– Deixe seu livro por um momento, e chegue um pouco mais perto do fogo – disse ele.

Admirada, e como aquela admiração não tinha fim, obedeci.

– Há meia hora – ele prosseguiu – falei de minha ansiedade em ouvir a continuação de uma história: refletindo um pouco, concluí que o assunto vai avançar melhor se eu assumir a função de narrador, transformando-a em ouvinte. Antes de começar, é justo adverti-la de que a trama vai soar pouco original aos seus ouvidos, mas detalhes antigos podem ganhar frescor quando passam por novos lábios. De resto, se conhecida ou novidade, é curta.

“Faz vinte anos que um pobre cura, e seu nome não importa no momento, apaixonou-se pela filha de um homem rico. Ela se apaixonou por ele, e se casou com ele contra os conselhos de todos os seus familiares, que consequentemente a abandonaram logo após o casamento. Antes que dois anos se passassem, ambos estavam mortos, e jaziam sossegados lado a lado sob a mesma lápide. (Já vi esse túmulo; está num imenso cemitério que circunda a velha e sombria catedral, toda suja de fuligem, de uma superpopulosa cidade industrial no condado de...) Eles deixaram uma filha, que, na hora do nascimento, a Caridade recebeu em seus braços, frios como os da neve em que eu quase afundei esta noite. A Caridade levou essa coisinha destituída de família à casa de seus ricos parentes maternos. Foi criada por uma tia, chamada (agora eu passo aos nomes) sra. Reed de Gateshead. Alarma-se... ouviu algo? Acredito que seja somente um rato passando pelas vigas da escola aqui ao lado: ela foi um celeiro antes de ser reformada e modificada, e os celeiros costumam ser assombrados por ratos. Continuando. A sra. Reed ficou com a órfã por dez anos. Se a menina era feliz com ela ou não, não sei dizer, pois nunca fui informado. Mas ao final desse período ela foi transferida para um local conhecido, nada menos que a Escola de Lowood, onde a senhorita mesma residiu por tanto tempo. Parece que sua carreira ali foi ilustre: de aluna ela passou a professora, como a senhorita... realmente me ocorre que há paralelos entre a história dela e a sua. Ela saiu de lá para se tornar educadora: mais uma vez, seus destinos se assemelham. Passou a se encarregar da instrução da protegida de um certo sr. Rochester.

– Sr. Rivers! – eu interrompi.

– Posso adivinhar seus sentimentos – disse ele –, mas controle-os por um momento. Já estou quase terminando; ouça-me até o fim. Do caráter do sr. Rochester eu nada sei, além do único fato de que ele ofereceu um casamento honrado à jovem, e que no altar ela descobriu que ele tinha uma esposa ainda viva, embora louca. Quais foram sua conduta e suas propostas subsequentes é uma questão de pura conjectura, mas quando procuraram pela educadora descobriu-se que ela se fora... ninguém sabia quando, para onde ou como. Ela deixara Thornfield Hall durante a noite; todas as buscas do seu paradeiro foram em vão. Vasculharam a região por todos os lados; nenhum vestígio de informação pôde ser obtido. Contudo, era de muita urgência que ela fosse encontrada: anúncios foram colocados em todos os jornais; eu próprio recebi uma carta de um certo sr. Briggs, um advogado, comunicando os detalhes que acabo de relatar. Não é uma história curiosa?

– Diga-me somente uma coisa – eu pedi –, e já que sabe tanto com certeza *pode* me dizer. E quanto ao sr. Rochester? Como e onde ele está? O que está fazendo? Está bem?

– Não tenho conhecimento de coisa alguma relativa ao sr. Rochester. A carta não o menciona, exceto para narrar a tentativa fraudulenta e ilegal à qual me referi. A senhorita deveria perguntar o nome da educadora, e a natureza do evento que requer sua presença.

– Ninguém foi a Thornfield Hall, então? Ninguém viu o sr. Rochester?

– Suponho que não.

– Mas escreveram para ele?

– Claro que sim.

– E o que ele disse? Com quem estão suas cartas?

– O sr. Briggs conta que a resposta ao seu requerimento não veio do sr. Rochester, mas de uma senhora. Está assinada por Alice Fairfax.

Senti-me infeliz e consternada. Meus piores temores deviam então ser verdadeiros. Era bem provável que ele tivesse deixado a Inglaterra e corrido em imprudente desespero a algum velho antro no Continente. E que ópio para seus intensos sofrimentos, que objeto para suas fortes paixões teria ele buscado lá? Não ousei responder à pergunta. Ah, meu pobre senhor – outrora

quase meu marido –, que eu tanto chamara de “meu querido Edward”!

– Ele deve ter sido um homem mau – observou o sr. Rivers.

– O senhor não o conhece... não emita opinião sobre ele – eu disse, com fervor.

– Muito bem – ele respondeu, contido. – E de fato minha cabeça não está ocupada com ele. Preciso terminar a história. Já que não quer perguntar o nome da educadora, devo dizê-lo por conta própria. Fique! Tenho-o aqui... É sempre melhor conferir pontos importantes por escrito, confiados ao preto e branco.

E o caderno foi mais uma vez apanhado, aberto, vasculhado; de seus compartimentos foi extraído um pedaço amassado de papel, rasgado às pressas: reconheci na textura e nas manchas de ultramarino, laca e vermelhão a margem furtada do papel com que cobria o retrato. Ele se levantou e o segurou perto dos meus olhos: e eu li, traçadas em tinta nanquim, com minha própria caligrafia, as palavras JANE EYRE – certamente fruto de algum momento de abstração.

– Briggs me escreveu sobre uma certa Jane Eyre – disse ele –; os anúncios indagavam sobre Jane Eyre. Eu conhecia uma Jane Elliott. Confesso que tinha minhas suspeitas, mas foi só ontem à tarde que elas se viram confirmadas. Reconhece o nome e renuncia ao pseudônimo?

– Sim... sim; mas onde está o sr. Briggs? Ele talvez saiba mais do sr. Rochester do que o senhor.

– Briggs está em Londres. Duvido que saiba algo mais sobre o sr. Rochester; não é no sr. Rochester que ele está interessado. Enquanto isso, a senhorita se esquece de pontos essenciais e se concentra em ninharias: não pergunta por que o sr. Briggs a estava procurando, o que ele queria com a senhorita.

– Bem, o que ele queria?

– Simplesmente dizer que o seu tio, o sr. Eyre da Madeira, morreu; que ele lhe deixou todas as suas posses, e que agora é rica... simplesmente isso, nada mais.

– Eu! Rica?

– Sim, a senhorita, rica. Uma herdeira e tanto.

Seguiu-se o silêncio.

– Precisa provar sua identidade, é claro – retomou St. John pouco depois –; um passo que não deve oferecer dificuldades. Poderá então receber a posse da sua herança. Sua fortuna está resguardada em fundos ingleses; Briggs tem o testamento e os documentos necessários.

Uma nova carta foi lançada! É boa coisa, leitor, sair da indigência à riqueza – é muito bom, mas não é algo que se possa compreender, ou consequentemente desfrutar, de uma vez só. E há outros acasos na vida bem mais emocionantes e encantadores: *isso* é sólido, um assunto do mundo real, em que não há nada de imaginário – tudo o que lhe diz respeito é sólido e sóbrio, e suas manifestações também. A pessoa não pula, saltita e dá vivas quando fica sabendo que recebeu uma fortuna; começa a considerar responsabilidades, ponderar negócios, e sobre uma base estável de contentamento surgem graves preocupações, e então paramos e refletimos sobre nossa bem-aventurança com um olhar solene.

Além disso, as palavras “Legado” e “Herança” vêm lado a lado com as palavras “Morte” e “Funeral”. Acabava de saber que meu tio estava morto – meu único parente. Desde que tomara conhecimento de sua existência, eu acalentara a esperança de vir avê-lo algum dia: agora, isso nunca aconteceria. E o seu dinheiro vinha somente para mim: não para mim e uma família comprazida, mas para o meu eu solitário. Era um grande dádiva, sem dúvida; e a independência seria gloriosa – sim, eu sentia isso; esse pensamento fazia o meu coração inflar.

– Enfim desfranziu a testa – disse o sr. Rivers. – Pensei que Medusa [206](#) tinha olhado para a senhorita, e que se transformava em pedra. Talvez agora queira saber o valor da sua herança.

– Qual o valor da minha herança?

– Ah, uma ninharia! Nada digno de nota... vinte mil libras, é o que dizem; mas o que é isso?

– Vinte mil libras?

Aqui, uma nova surpresa – eu estava imaginando quatro ou cinco mil. Aquela notícia chegou a tirar o meu fôlego por um momento: o sr. St. John, que eu jamais ouvira rir antes, riu então.

– Bem – disse ele –, se a senhorita tivesse cometido um crime e fosse descoberta dificilmente teria uma expressão mais horrorizada.

– É uma soma bastante alta... não acha que há algum engano?

– Não há engano algum.

– Talvez o senhor tenha se confundido ao ler a cifra... podem ser duas mil!

– Está escrito em palavras, e não em números. Vinte mil.

Mais uma vez eu me senti como um indivíduo com um estômago comum posto para se banquetear diante de uma mesa com comida para cem. O sr. Rivers então se levantou e vestiu a capa.

– Se o tempo não estivesse tão ruim – disse ele –, mandaria Hannah para lhe fazer companhia: a senhorita parece triste demais para ficar sozinha. Mas Hannah, pobre mulher!, não consegue caminhar pela neve tão bem quanto eu: suas pernas não são tão longas, de modo que terei que deixá-la com suas preocupações. Boa noite.

Ele estava levantando a tranca. Um súbito pensamento me ocorreu.

– Espere um minuto! – exclamei.

– Sim?

– Intriga-me por que o sr. Briggs escreveu ao senhor a meu respeito, ou como o conhecia, ou poderia supor que o senhor, vivendo num lugar tão remoto, teria como ajudar a me encontrar.

– Ah! Sou um clérigo – disse ele –, e os clérigos costumam ser requisitados em assuntos peculiares.

Mais uma vez a tranca chocalhou.

– Não; isso não me basta! – exclamei. De fato havia algo na resposta pronta e nada elucidativa que, em vez de aplacar, atiçou minha curiosidade mais do que nunca. – Isso tudo é muito estranho; preciso saber mais – acrescentei.

– Em outro momento.

– Não; esta noite! Esta noite!

E, quando ele se virou de frente para mim, coloquei-me entre ele e a porta.

Ele pareceu bastante constrangido.

– Não irá embora até que tenha me contado tudo – eu disse.

- Eu preferia não falar agora.
- Vai falar! Tem que falar!
- Seria melhor que Diana ou Mary lhe contassem.

Claro que essas objeções levaram minha ansiedade ao auge: tinha de ser satisfeita, e sem demora, e foi o que lhe disse.

- Mas eu avisei que sou um homem duro – disse ele –, difícil de persuadir.
- E eu sou uma mulher dura, impossível de dissuadir.
- E além disso – ele prosseguiu – sou frio: nenhum fervor me afeta.
- Ao passo que eu sou quente, e o fogo dissolve o gelo. As chamas derreteram toda a neve da sua capa; ela então escorreu sobre o meu chão, transformando-o numa calçada enlameada. Como espera um dia ser perdoado, sr. Rivers, pelo grave crime e deselegância de sujar uma cozinha brilhando, diga-me o que desejo saber.

– Muito bem, então – disse ele. – Cederei, se não ao seu fervor, à sua perseverança: assim como a pedra se gasta com o gotejar contínuo. Além disso, saberá algum dia... tanto faz agora ou mais tarde. Seu nome é Jane Eyre?

- Claro: já falamos sobre isso antes.
- Não sabe, então, que temos o mesmo sobrenome? Que eu fui batizado St. John Eyre Rivers?

– Na verdade, não! Lembro-me agora de ter visto a letra E entre suas iniciais em livros que o senhor me emprestou, mas nunca perguntei o que significava. Mas e daí? Certamente...

Calei-me: não podia me permitir cogitar, muito menos expressar, a ideia que agora me ocorria, que tomava corpo, que, num segundo, tornou-se uma probabilidade forte e sólida. As circunstâncias se formaram, se ajustaram, se encaixaram: a corrente que até então era um monte confuso de elos se formou – cada argola era perfeita, a conexão estava completa. Eu soube instintivamente a verdade, antes mesmo que St. John dissesse mais uma palavra. Mas não posso esperar que o leitor tenha a mesma percepção, então repetirei sua explicação.

– O nome da minha mãe era Eyre; tinha dois irmãos, um deles um clérigo, que se casou com a srta. Jane Reed, de Gateshead; o outro, John Eyre, Esq.,

[207](#) comerciante, ultimamente vivendo em Funchal, na Madeira. O sr. Briggs, sendo o advogado do sr. Eyre, escreveu-nos em agosto passado informando a morte do nosso tio, e para nos dizer que deixara suas propriedades para a filha órfã do seu irmão clérigo, desconsiderando-nos em consequência de uma querela, nunca perdoada, entre ele e meu pai. Voltou a escrever faz algumas semanas, comunicando que a herdeira estava desaparecida e perguntando se sabíamos qualquer coisa a seu respeito. Um nome escrito ao acaso num pedaço de papel me permitiu encontrá-la. O resto você já sabe.

Mais uma vez ele estava indo embora, mas apoiei as costas na porta.

– Deixe-me falar – eu disse –; dê-me um momento para respirar fundo e refletir.

Fiz uma pausa. Ele ficou parado diante de mim, o chapéu na mão, parecendo bastante contido. Prossegui:

– Sua mãe é irmã do meu pai?

– Sim.

– Minha tia, consequentemente?

Ele assentiu.

– Meu tio John era o seu tio John? O senhor, Diana e Mary são filhos da irmã dele, assim como eu sou filha do irmão dele?

– Inegavelmente.



find I dry a hand warmer -

"impossible to pull off"

– *E eu sou uma mulher dura.
Impossível de dissuadir.*

– Vocês três, então, são meus primos; metade do nosso sangue, de cada lado, vem da mesma fonte?

– Sim, somos primos.

Fiquei olhando para ele. Então eu tinha encontrado um irmão: um irmão de quem podia me orgulhar – que podia amar; e duas irmãs cujas qualidades eram tais que mesmo as conhecendo somente como estranhas haviam me inspirado genuíno afeto e admiração. As duas moças que, ajoelhada no chão molhado, espiando pela janela baixa da cozinha de Moor House, eu observara com tão amarga mistura de interesse e desespero, eram minhas parentes mais próximas, e o jovem e imponente cavalheiro que me encontrara quase morrendo diante de sua porta tinha meu sangue. Gloriosa descoberta para uma infeliz desgraçada! Isso sim era riqueza! Riqueza para o coração! Uma mina de afetos puros e genuínos. Uma bênção, resplandecente, vívida e extasiante – não como a dádiva pesada do ouro: opulenta e bem-vinda a seu modo, mas cuja carga era opressiva. Bati palmas de súbita alegria – meu pulso disparou, senti um frêmito nas veias.

– Ah, fico tão feliz! Tão feliz! – exclamei.

St. John sorriu.

– Eu não disse que negligencia pontos essenciais e se atém a trivialidades? – ele perguntou. – Ficou tão contrita quando eu disse que tinha recebido uma fortuna; e agora, por um fato sem nenhuma importância, está exultante.

– O que *pode* querer dizer com isso? Talvez não tenha importância para o senhor; tem irmãs, e não faz questão de ter uma prima. Mas eu não tinha ninguém, e agora três parentes, ou dois, se preferir não ser contado, nasceram no meu mundo, já crescidos. Repito, estou muito feliz!

Andei depressa pela cozinha. Parei, meio sufocada com os pensamentos que surgiam mais rápido do que eu tinha condições de perceber, compreender e acomodar. Pensamentos sobre o que poderia e deveria vir a ser, e seria em breve. Olhei para a parede nua. Pareceu-me um céu coalhado de estrelas – cada uma acendendo para mim um sentido ou deleite. Aqueles que haviam salvado a minha vida, e que, até aquele momento, eu amara em minha

penúria, agora poderia ajudar. Eles viviam sob um jugo – eu poderia libertá-los. Viviam separados – eu poderia reuni-los: a independência e afluência que eram minhas poderiam ser suas também. Não éramos quatro? Vinte mil libras divididas igualmente seriam cinco mil para cada – bastante, e de sobra: a justiça seria feita, a felicidade mútua garantida. A riqueza já não pesava sobre mim: não se tratava mais de uma mera herança em dinheiro – era um legado de vida, esperança, plenitude.

Qual era o meu aspecto enquanto essas ideias arrebatavam-me o espírito, não sei dizer; mas logo percebi que o sr. Rivers colocara uma cadeira atrás de mim, e estava gentilmente tentando fazer com que eu me sentasse nela. Também aconselhou que eu me acalmasse; desdenhei da insinuação de vulnerabilidade e desorientação, livrei-me das suas mãos e comecei a andar outra vez.

– Escreva para Diana e Mary amanhã – eu disse –, e diga-lhes que venham imediatamente para casa. Diana disse que ambas se considerariam ricas com mil libras; com cinco mil, então, vão viver muito bem.

– Diga-me onde posso pegar um copo d'água para lhe dar – disse St. John –; precisa realmente fazer um esforço para acalmar seus sentimentos.

– Bobagem! E que efeito a herança terá sobre o senhor? Irá mantê-lo na Inglaterra, convencê-lo a se casar com a srt. Oliver e se estabelecer como um reles mortal?

– A senhorita delira: sua mente está ficando confusa. Fui abrupto demais ao lhe comunicar a notícia; agitou-a para além de suas forças.

– Sr. Rivers! Assim perco a paciência com o senhor: estou raciocinando bem o suficiente; o senhor é que não está entendendo, ou, antes, fingindo não entender.

– Se a senhorita se explicasse um pouco mais, eu compreenderia melhor.

– Explicar! O que há para explicar? Certamente não deixou de notar que vinte mil libras, a soma em questão, divididas igualmente entre o sobrinho e as três sobrinhas do nosso tio, serão cinco mil para cada? O que eu quero é que escreva para suas irmãs e lhes conte da fortuna que receberam.

– Que a senhorita recebeu, quer dizer.

– Já lhe comuniquei minha opinião sobre o caso: serei incapaz de formar

outra. Não sou brutalmente egoísta, cegamente injusta ou diabolicamente ingrata. Além disso, estou decidida a ter uma casa e relações. Gosto de Moor House, e vou viver em Moor House; gosto de Diana e Mary, e terei uma relação para o resto da vida com Diana e Mary. Seria do meu agrado e proveito ter cinco mil libras; um tormento e uma opressão ter vinte mil, que, além do mais, jamais seriam meus aos olhos da justiça, embora pudessem ser aos olhos da lei. Deixo a vocês, então, o que me é inteiramente supérfluo. Que não haja oposição ou discussão; vamos concordar e decidir a questão imediatamente.

– Está agindo por impulso; precisa de alguns dias para pensar melhor sobre uma questão como essa, antes que sua palavra possa ser considerada válida.

– Ah! Se tudo de que duvida é a minha sinceridade, fico mais calma: percebe a justiça do caso?

– De fato vejo certa justiça, mas é contrária ao habitual. Além disso, a fortuna inteira é direito seu: nosso tio acumulou-a por seus próprios esforços, e era livre para deixá-la para quem quisesse. Deixou para a senhorita, e a justiça permite que fique com ela. Pode, com a consciência tranquila, considerá-la inteiramente sua.

– Comigo – eu disse – é tanto uma questão de sentimento quanto de consciência: devo seguir meus sentimentos; é tão raro poder fazer isso. Mesmo que o senhor discuta, objete e me aborreça durante um ano, eu nunca poderia renunciar ao delicioso prazer do qual tive apenas um vislumbre; pagar, em parte, uma dívida imensa, e ter amigos para o resto da vida.

– Pensa assim agora – retorquiu St. John – porque não sabe o que é ser dona de uma riqueza, ou, consequentemente, desfrutar dela: não consegue ter uma noção da importância que vinte mil libras haveriam de lhe dar, ou do lugar que lhe permitiriam ocupar na sociedade, ou das perspectivas que abririam. Não tem como...

– O senhor – interrompi – não tem como imaginar o anseio que nutro por amor fraternal. Nunca tive uma casa, nunca tive irmãos ou irmãs; quero tê-los agora, e terei: não está relutante em admitir que é meu parente, está?

– Jane, eu serei seu irmão, minhas irmãs serão suas irmãs... sem que precise sacrificar seus direitos.

– Irmão? Sim, à distância de mil léguas! Irmãs? Sim, trabalhando como

escravas entre estranhos! E eu, rica, engasgada de um ouro que não ganhei com meus esforços e que não mereço! Vocês, sem um centavo! Que ótima igualdade e fraternidade! União estreita! Amizade íntima!

– Mas, Jane, suas aspirações a laços familiares e felicidade doméstica podem se realizar de uma maneira completamente distinta: você pode se casar.

– Bobagem, mais uma vez! Casar-me! Eu não quero me casar, e nunca hei de me casar.

– Não tem como afirmar isso: essas palavras levianas são prova da agitação que a domina.

– Tenho total condição de afirmar isso: sei como me sinto, como são avessas as minhas inclinações à menor ideia de casamento. Ninguém me quererá por amor, e eu não serei considerada à luz de uma mera especulação financeira. Não quero um estranho que não será compreensivo, alguém de natureza diferente da minha; quero minha família: pessoas com as quais compartilhe inteiramente meus sentimentos. Diga mais uma vez que será meu irmão: quando falou essas palavras, fiquei plena, feliz; repita-as, se puder repeti-las com sinceridade.

– Acho que posso. Sempre amei minhas irmãs, e sei em que se baseia meu afeto por elas... respeito pelo seu valor, por seus talentos. A senhorita também tem princípios e uma mente talentosa: seus gostos e hábitos se parecem aos de Diana e Mary; sua presença me é sempre agradável, e em nossas conversas já faz algum tempo que venho encontrando um saudável refúgio. Sinto que posso fácil e naturalmente abrir-lhe espaço no meu coração, como minha terceira e mais jovem irmã.

– Obrigada: isso me contenta, por enquanto. Agora é melhor ir. Pois, se ficar mais tempo, talvez acabe voltando a me irritar com algum escrúpulo desconfiado.

– E a escola, srta. Eyre? Precisará ser fechada, imagino?

– Não. Vou manter o posto de professora até que consiga uma substituta.

Ele sorriu, satisfeito. Cumprimentamo-nos com um aperto de mão, e ele se foi.

Não preciso narrar em detalhes os esforços que tive de fazer e os

argumentos que usei para que os assuntos relativos à herança fossem decididos como eu queria. Foi uma tarefa difícil, mas como eu estava inteiramente decidida – como meus primos viram que estava real e inamovivelmente determinada a fazer uma divisão equânime da propriedade; como deviam em seu coração sentir a honestidade da intenção e, além disso, ter uma inata consciência de que em meu lugar fariam o mesmo – por fim consentiram que o assunto fosse levado à justiça. Os juízes escolhidos foram o sr. Oliver e um competente advogado. Ambos compartilhavam da minha opinião: consegui o que queria. Os instrumentos da transferência foram estabelecidos: St. John, Diana, Mary e eu passamos a ser cada um proprietário de uma parte da fortuna.

[205](#) . Tradução livre de: “*Day set on Norham’s castled steep, / And Tweed’s fair river broad and deep, / And Cheviot’s mountains lone; / The massive towers, the donjon keep, / The flanking walls that round them sweep, / In yellow lustre shone*” – citação ligeiramente deturpada dos versos de Sir Walter Scott. Ver também nota 198.

[206](#) . Na mitologia grega, Medusa era uma górgona, com corpo de mulher, asas de ferro e um ninho de serpentes venenosas no lugar dos cabelos. Aqueles que a mirassem diretamente nos olhos eram transformados em pedra.

[207](#) . I.e., cavalheiro. No Reino Unido, *esquire* é um título de respeito usado diante de homens de elevada posição social, em particular membros da aristocracia rural. Está acima do *gentleman* (equivalente de “senhor”, em português) e abaixo do *knight* (“cavaleiro”).

CAPÍTULO 34

ESTÁVAMOS PERTO DO NATAL quando tudo foi resolvido. O período das férias se aproximava. Fechei a escola em Morton, cuidando para que a despedida não passasse em branco. A sorte se abre de forma maravilhosa, assim como o coração, e oferecer algo quando recebemos tanto é apenas dar vazão à extraordinária efervescência das sensações. Por muito tempo senti com prazer que muitas das minhas alunas gostavam de mim, e quando nos despedimos isso se confirmou. Elas manifestaram seu afeto de forma clara e intensa. Profunda foi minha gratidão ao ver que realmente eu tinha um lugar em seus corações tão simples: prometi a elas que, no futuro, nem uma única semana haveria de se passar sem que eu as visitasse e lhes desse uma hora de aula na escola.

O sr. Rivers veio depois que eu já vira as turmas, que agora somavam sessenta meninas, saírem em fila e trancara a porta. Estava com a chave na mão, trocando umas poucas palavras especiais de despedida com meia dúzia de minhas melhores alunas: jovens tão decentes, respeitáveis, modestas e bem-informadas quanto poderiam ser encontradas entre as camponesas britânicas. E isso é dizer muito; pois, afinal de contas, as camponesas inglesas são as mais instruídas, bem-educadas e orgulhosas da Europa. Já tive a oportunidade de conhecer *paysannes* e *Bäuerinnen*, [208](#) e as melhores entre elas me parecem ignorantes, inferiores e apatetadas, se comparadas às minhas garotas de Morton.

– Considera-se recompensada pela temporada de trabalho árduo? – perguntou o sr. Rivers, depois que elas se foram. – Não lhe dá prazer a consciência de ter feito um bem genuíno em sua época e sua geração?

– Sem dúvida.

– E só trabalhou por uns poucos meses! Não acha que uma vida dedicada à tarefa de melhorar sua raça seria bem gasta?

– Acho – eu disse –, mas não posso fazer isso para sempre: quero desfrutar de minhas próprias aptidões, tanto quanto cultivar as das outras pessoas. Devo fazer isso agora; não chame de volta nem minha mente nem meu corpo à escola. Já está fechada, e eu preparada para as férias.

Ele pareceu sério.

– O que houve? Que súbita impaciência é essa? O que vai fazer?

– Ser ativa, tão ativa quanto puder. Primeiro preciso pedir que libere Hannah, e arranje outra pessoa para servi-lo.

– Precisa dela?

– Sim, para ir comigo até Moor House. Diana e Mary estarão em casa dentro de uma semana, e quero que tudo esteja em ordem antes disso.

– Entendo. Pensei que fosse viajar. Melhor assim: Hannah ficará com você.

– Diga-lhe que esteja pronta amanhã, então, e aqui está a chave da escola. A da minha casa deixarei com você pela manhã.

Ele pegou a chave.

– Entrega-a com muita alegria – disse –; não entendo muito bem essa tranquilidade, pois não sei com o que pretende se ocupar daqui em diante. Que objetivo, que propósito, que ambição na vida você tem agora?

– Meu primeiro objetivo será *pôr abaixo* (compreende a força da expressão?), *pôr* Moor House *abaixo*, dos quartos até o porão. O passo seguinte é esfregá-la com cera de abelha, óleo e um número indefinido de trapos, até que esteja brilhando outra vez. O terceiro é arrumar cada cadeira, mesa, cama e tapete com precisão matemática. Em seguida, chegarei perto de arruinar você com carvão e turfa até que haja uma lareira queimando em cada cômodo. E por fim, nos dois dias antes de suas irmãs chegarem, Hannah e eu vamos nos devotar a bater ovos, separar frutas, ralar especiarias, fazer bolos de Natal, picar ingredientes para tortas doces e celebrar outros mitos culinários cujos nomes apenas transmitem uma vaga noção aos não iniciados como você. Meu objetivo, em poucas palavras, é que tudo esteja num estado absolutamente perfeito para Diana e Mary antes da próxima quinta-feira, e minha ambição é lhes dar um *beau-ideal* de boas-vindas quando chegarem.

St. John ainda não estava satisfeito.

– Tudo muito bem por enquanto – disse ele –, mas sinceramente acho que quando a primeira onda de euforia tiver terminado você terá ambições um pouco mais elevadas que alegrias domésticas e confortos caseiros.

– As melhores coisas do mundo! – interrompi.

– Não, Jane, não: este mundo não é palco de fruição; não tente transformá-lo nisso. Tampouco é lugar de descanso; não se torne indolente.

– Pretendo, ao contrário, estar bem ocupada.

– Eu a perdoo, Jane, por ora: dou-lhe dois meses para que desfrute inteiramente de sua nova situação, e para que se comprova com o encanto tardivamente encontrado dessas relações; mas *depois* espero que comece a olhar para além de Moor House e Morton, e da calma egoísta e do conforto sensual que a abundância proporciona. Desejo que então suas melhores energias a perturbem com toda a sua força.

Olhei para ele surpresa.

– St. John – eu disse –, acho quase perverso da sua parte falar assim. Estou disposta a viver plena como uma rainha, e você quer que eu me sinta perturbada! Com que propósito?

– Com o propósito de tornar úteis os talentos que Deus lhe deu para guardar, [209](#) e dos quais Ele um dia vai pedir um acerto de contas minucioso. Jane, hei de observá-la de perto e ansiosamente, estou avisando. E tentarei conter o fervor desproporcional com que se dedica aos prazeres caseiros comuns. Não se aferre tanto aos vínculos da carne; guarde seu zelo e ardor para uma causa adequada. Não os desperdice em objetos banais e transitórios. Está me ouvindo, Jane?

– Sim, como se você estivesse falando grego. Sinto que tenho motivos suficientes para ficar feliz, e *vou* ficar feliz. Até logo!

De fato estive feliz em Moor House, e trabalhei duro, bem como Hannah. Ela ficou encantada em ver como eu me entusiasmava naquela casa virada de ponta-cabeça – como eu podia escovar, tirar o pó, limpar e cozinhar. E de fato, depois de um dia ou dois de confusão absoluta, foi uma alegria invocar, pouco a pouco, a ordem no caos que nós mesmas tínhamos criado. Eu fizera previamente uma viagem até S. para comprar móveis novos, tendo minhas primas me dado carta branca para implementar todas as alterações que

desejasse, e separando uma parte do dinheiro com esse fim. A sala de estar comum e os quartos deixei mais ou menos como estavam, pois sabia que Diana e Mary teriam mais prazer em reencontrar as confortáveis mesas, cadeiras e camas do que com o espetáculo de novidades refinadas. Ainda assim, algumas mudanças eram necessárias para dar a sua chegada o tempero que eu gostaria que tivesse. Cortinas e tapetes novos, escuros e bonitos, alguns enfeites – antiguidades cuidadosamente selecionadas de porcelana e bronze –, novas cobertas e espelhos e penteadeiras deram conta do recado: pareciam novos sem ser afetados. Uma saleta vazia e um quarto desocupado mobiliei inteiramente, com mogno envelhecido e cortinas carmim. Coloquei tapetes no corredor e carpete nas escadas. Quando terminamos, Moor House era um verdadeiro modelo de formosura e conforto do lado de dentro, tanto quanto era, naquela época do ano, um exemplo de desolação invernal e desértica melancolia do lado de fora.

A tão aguardada quinta-feira chegou, por fim. Elas deveriam chegar ao entardecer, e antes disso as lareiras estavam acesas nos dois andares, a cozinha estava impecável, Hannah e eu vestidas e tudo estava pronto.

St. John chegou primeiro. Eu lhe pedira para ficar fora de casa até que tudo estivesse arrumado. E, na verdade, a mera ideia do movimento ao mesmo tempo sórdido e trivial que estava acontecendo entre aquelas paredes já era suficiente para mantê-lo afastado. Ele me encontrou na cozinha, enquanto preparava e assava uns bolos para o chá. Aproximando-se da lareira, ele perguntou se eu estava satisfeita com o trabalho de criada. Respondi convidando-o para me acompanhar numa inspeção geral do resultado dos meus esforços. Com alguma dificuldade, consegui que ele fizesse um *tour* pela casa. Ele apenas olhava para os cômodos, sem entrar pelas portas que eu abria, e depois de ter percorrido o andar de cima e o de baixo disse que devia ter dado um bocado de trabalho operar mudanças tão consideráveis em tão pouco tempo. Mas não disse uma palavra de prazer sobre a melhoria da casa.

Esse silêncio me desanimou. Pensei que talvez a arrumação tivesse comprometido velhas memórias que ele valorizava. Perguntei se era o caso, num tom um tanto cabisbaixo.

Não, de jeito nenhum; ele notara, ao contrário, que eu respeitara escrupulosamente cada uma delas. Temia, na verdade, que eu tivesse dado ao assunto mais atenção do que merecia. Quantos minutos, por exemplo, eu

passara estudando a disposição daquele quarto? Aliás, será que eu poderia lhe dizer onde um determinado livro estava?

Mostrei-lhe o volume na estante. Ele o apanhou e, indo ocupar seu habitual recanto junto à janela, começou a ler.

Ora, eu não gostei disso, leitor. St. John era um homem bom, mas comecei a achar que dissera a verdade ao se descrever como duro e frio. As humanidades e amenidades da vida não tinham qualquer atração para ele; seus prazeres pacíficos, nenhum encanto. Literalmente, ele só vivia para aspirar – ao que era bom e grandioso, certamente, mas ainda assim nunca descansava, nem aprovava que os outros descansassem também. Olhando para a sua testa alta, imóvel como pedra branca, e para os belos traços do seu rosto enquanto lia, percebi de repente que ele dificilmente daria um bom marido. E que seria uma provação ser sua esposa. Compreendi, como que através de uma inspiração, a natureza do seu amor pela srt. Oliver; concordei que não passava de um afeto dos sentidos. Entendi como ele se sentia diminuído pela influência febril que esse amor exercia sobre ele, como desejava sufocá-lo e destruí-lo, como sempre haveria de duvidar que aquele fosse o caminho para a felicidade permanente, tanto sua quanto dela. Vi que ele era feito do mesmo material com que a natureza cria seus heróis – cristãos e pagãos –, seus legisladores, seus estadistas, seus conquistadores: um baluarte inabalável disposto a suportar o peso de grandes feitos; mas ali, ao lado da lareira, era apenas uma pilastra fria e pesada, soturna e fora de lugar.

“Esta sala não é o seu lugar”, refleti. “A cadeia dos Himalaias ou a pradaria dos cafres, e até mesmo o pântano amaldiçoado pelas pragas na costa da Guiné, seria mais propício. Ele pode muito bem se apartar da mansidão da vida doméstica; não é seu elemento. Aqui, seus dons ficam estagnados – não têm como se desenvolver ou se revelar plenamente. É num cenário de conflito e perigo – onde a coragem é posta à prova, a energia exercida e a força moral empenhada – que ele deve falar e atuar, líder e superior. Uma criança feliz estaria melhor do que ele neste lar. Ele tem razão ao escolher a carreira de missionário – vejo isso agora.”

– Elas estão chegando! Elas estão chegando! – exclamou Hannah, abrindo a porta da sala. No mesmo instante, o velho Carlo latiu alegremente. Corri lá para fora. Já estava escuro, agora, mas podíamos ouvir o barulho de rodas. Logo Hannah acendeu um lampião. O veículo parou diante da portinhola; o

cocheiro abriu a porta. Um vulto bastante conhecido saiu primeiro, depois outro. Em um minuto eu tinha o rosto enterrado debaixo de seus chapéus, sentindo primeiro a face macia de Mary, depois os cachos fartos de Diana. Elas riram, beijaram a mim e depois a Hannah, acariciaram Carlo, que estava quase enlouquecido de alegria. Perguntaram ansiosamente se estava tudo bem e, diante da resposta afirmativa, entraram depressa em casa.

Tinham o corpo enrijecido da longa e trepidante viagem desde Whitcross, e frio devido ao gélido ar noturno; mas seus belos rostos se iluminaram diante da acolhedora lareira. Enquanto o cocheiro e Hannah traziam as malas, elas perguntaram por St. John. Nesse momento ele entrou, vindo da sala de estar. As duas atiraram os braços em volta de seu pescoço ao mesmo tempo. Ele deu um beijo contido em cada uma, disse em voz baixa algumas palavras de boas-vindas, ficou ali por um momento conversando e então, dizendo que imaginava que fossem logo se juntar a ele na sala de estar, retirou-se como que para um local de refúgio.

Eu acendera as velas para que subíssemos, mas Diana precisava dar ordens relativas à hospedagem do cocheiro; feito isso, ambas me seguiram. Ficaram encantadas com a reforma e a decoração dos seus quartos, as novas cortinas e tapetes e os vasos de porcelana em cores vivas: expressaram sua gratidão abertamente. Tive a alegria de sentir que as mudanças estavam exatamente de acordo com seus desejos, e que meu esforço acrescentara um vívido encanto à sua alegre volta ao lar.

Aquela noite foi encantadora. Minhas primas, exultantes, estavam tão exuberantes em suas narrativas e comentários que sua vivacidade compensava o ar taciturno de St. John. Ele estava sinceramente feliz em ver as irmãs, mas não tinha como compactuar com seu ardoroso fervor e sua desmedida alegria. O evento daquele dia – ou seja, a chegada de Diana e Mary – lhe agradava, mas o que advinha dele, o alegre tumulto, o contente falatório, o aborrecia. Eu o via ansiar pelo amanhã mais calmo. Bem no meio da alegria daquela noite, cerca de uma hora depois do chá, ouvimos baterem à porta. Hannah informou que um pobre rapaz viera, àquela hora improvável, chamar o sr. Rivers para ver sua mãe, que estava falecendo.

– Onde ele mora, Hannah?

– Lá em Whitcross Brow, a quase seis quilômetros daqui, e charco e

pântano por todo o caminho.

– Diga a ele que vou.

– Eu acho, senhor, que não deveria. Não existe estrada pior do que essa para viajar de noite: não há nenhuma trilha pelo pântano. E a noite está tão ruim, um vento cortante. É melhor o senhor mandar um recado dizendo que estará lá pela manhã.

Mas ele já estava no corredor, vestindo a capa; sem nenhuma réplica ou murmúrio, partiu. Eram nove horas: não voltou antes da meia-noite. Estava esfomeado e exausto, mas parecia mais feliz do que ao partir. Realizara uma tarefa, esforçara-se, sentira sua própria energia ao dizer sim e não, e estava em melhores termos consigo mesmo.

Temo que toda a semana seguinte tenha sido um teste para a sua paciência. Era a semana do Natal: não nos dedicamos a nenhuma ocupação específica, passando-a numa espécie de alegre diversão doméstica. O ar da charneca, a liberdade de estar em casa e a aurora da prosperidade tinham o efeito de um bálsamo revigorante no espírito de Diana e Mary: estavam felizes da manhã até o meio-dia, do meio-dia até a noite. Sempre tinham algo a dizer, e seu discurso, sagaz, vigoroso e original, era tão encantador que eu preferia ouvi-lo e participar dele a fazer qualquer outra coisa. St. John não censurava nossa vivacidade, mas fugia dela: raramente estava em casa. A paróquia era grande e a população dispersa, e ele arranjava tarefas diárias visitando os doentes e pobres nos diferentes distritos.

Certa manhã, no desjejum, depois de parecer um tanto pensativa por alguns minutos, Diana lhe perguntou se seus planos seguiam inalterados.

– Inalterados e inalteráveis – foi a resposta.

E em seguida ele informou que sua partida da Inglaterra fora enfim definida para o ano seguinte.

– E Rosamond Oliver? – sugeriu Mary, as palavras parecendo escapar involuntariamente de seus lábios, pois assim que as pronunciou fez um gesto como se desejasse recolhê-las.

St. John tinha um livro na mão – era um hábito antissocial seu ler durante as refeições. Ele o fechou e ergueu os olhos.

– Rosamond Oliver – disse ele – está prestes a se casar com o sr. Granby,

um dos mais bem-relacionados e mais estimáveis residentes de S., neto e herdeiro de sir Frederic Granby. Fui informado pelo pai dela ontem.

As irmãs olharam uma para a outra e então para mim; nós três olhamos para ele: estava plácido como vidro.

– O noivado parece ter sido acertado às pressas – disse Diana. – Não deve fazer muito tempo que eles se conhecem.

– Apenas dois meses: viram-se pela primeira vez em outubro, no baile do condado em S., mas quando não há obstáculos a uma união, como é o caso, e quando essa união é desejável em todos os aspectos, a demora é desnecessária. Vão se casar assim que S. Place, que sir Frederic lhes dá de presente, puder ser reformada para recebê-los.

Na primeira vez que encontrei St. John sozinho depois disso, senti-me tentada a lhe perguntar se aquela novidade o incomodava. Mas ele não parecia precisar de compaixão alguma, de modo que, longe de me aventurar a oferecer a minha, cheguei a sentir um pouco de vergonha por ter sequer cogitado fazê-lo. Além disso, eu perdera a prática de conversar com ele. Seu retraimento estava novamente congelado, e minha franqueza imobilizada por debaixo. Ele não mantivera a promessa de me tratar como suas irmãs; volta e meia fazia pequenas diferenças entre nós, o que era desanimador e não contribuía em nada para o desenvolvimento da amizade: em poucas palavras, agora que eu era oficialmente sua parente, e vivia com ele sob o mesmo teto, sentia a distância entre nós muito maior do que quando era apenas uma professora na escola da aldeia. Ao me lembrar das confidências que ele fizera, mal podia compreender aquela frieza.

Sendo esse o caso, fiquei bastante surpresa quando ele ergueu de súbito a cabeça da mesa sobre a qual estava debruçado e disse:

– Está vendo, Jane? A batalha foi travada e a vitória, conquistada.

Sobressaltada ao vê-lo se dirigir assim a mim, não respondi de imediato. Após pensar um pouco, disse:

– Mas você tem certeza de que não está na posição daqueles conquistadores cujas vitórias tiveram um preço alto demais? Será que outra vitória dessas não haveria de arruiná-lo?

– Não creio; e mesmo que estivesse, não tem importância. Jamais viverei outra batalha como essa. O conflito foi resolvido: meu caminho agora está

livre; agradeço a Deus por isso!

E regressou aos seus papéis e ao seu silêncio.

Quando nossa felicidade (i.e., a de Diana, de Mary e minha) acomodou-se a uma rotina mais tranquila e retomamos nossos hábitos usuais e estudos regulares, St. John passou a ficar mais em casa: sentava-se conosco na mesma sala, às vezes por horas seguidas. Enquanto Mary desenhava, Diana se concentrava num curso de leitura encyclopédica que tinha (para minha surpresa) feito e eu me empenhava no alemão, ele se dedicava a uma mística tarefa sua – alguma língua oriental, cujo domínio considerava necessário aos seus planos.

Assim ocupado em seu refúgio habitual ele parecia bastante tranquilo e absorto, mas aqueles olhos azuis por vezes deixavam a gramática estrangeira e perambulavam pela sala, fixando-se em nós com uma intensidade curiosa. Se descoberto, recolhia-se instantaneamente; mas sempre acabava voltando, perscrutador, à nossa mesa. Eu me perguntava o que aquilo significava. Pensava também na satisfação pontual que ele nunca deixava de demonstrar num evento que me parecia pouco significativo – minha visita semanal à escola de Morton. E ainda mais intrigada ficava quando, se o tempo estava desfavorável, nevava ou chovia ou ventava forte e suas irmãs insistiam para que eu não fosse, ele invariavelmente desdenhava daquela solicitude e me encorajava a cumprir a tarefa sem me incomodar com as intempéries.

– Jane não é uma jovem fraca como vocês pensam – ele dizia. – Pode suportar uma ventania na montanha, ou a chuva, ou alguns flocos de neve, tão bem quanto qualquer um de nós. Sua constituição é forte e flexível, mais adequada para tolerar o mau tempo do que muitas mais robustas.

Quando eu voltava, às vezes bastante cansada e sofrendo com o clima, nunca ousava reclamar, porque sabia que aquilo iria irritá-lo. A força moral sempre lhe agradava; o oposto era um aborrecimento pessoal.

Certa tarde, porém, pedi permissão para ficar em casa, porque realmente estava resfriada. Suas irmãs foram para Morton em meu lugar. Eu estava sentada lendo Schiller; ele, decifrando seus intricados arabescos orientais. Quando passei de uma tradução a um exercício, por acaso olhei em sua direção. Vi-me então sob a mira dos olhos azuis sempre vigilantes. Por quanto tempo estava me observando intensa e detalhadamente, não sei dizer.

Aquele olhar era tão penetrante, e no entanto tão frio, que me assustei por um momento – como se estivesse naquela sala ao lado de algo sinistro.

- Jane, o que está fazendo?
- Estudando alemão.
- Quero que desista do alemão e aprenda hindustani.
- Não está falando a sério.
- Tão a sério que preciso de fato que faça isso, e vou lhe dizer por quê.

E então ele se pôs a me explicar que o hindustani era a língua que estava estudando, e que, conforme avançava, muitas vezes esquecia detalhes do início, e seria de grande ajuda ter alguém com quem pudesse repassar os fundamentos repetidas vezes e assim fixá-los melhor. Disse que sua escolha oscilara por algum tempo entre mim e suas irmãs, mas que se decidira ao ver que das três eu era a que podia se dedicar por mais tempo a uma tarefa. Será que eu lhe faria esse favor? Eu não precisaria fazer o sacrifício por muito tempo, pois faltavam apenas três meses para sua partida.

St. John não era um homem a quem se pudesse negar algo com facilidade. Cada impressão causada nele, de dor ou prazer, ficava gravada profunda e permanentemente. Consenti. Quando Diana e Mary voltaram, a primeira encontrou sua aluna transferida para o irmão. Riu, e tanto ela quanto Mary concordaram que St. John nunca as teria persuadido a fazer uma coisa daquelas. Ele respondeu em voz baixa:

- Eu sei.

Achei-o um professor muito paciente, muito tolerante, mas exigente: esperava que eu me esforçasse muito, e quando eu correspondia às suas expectativas ele demonstrava, a seu modo, sua sincera aprovação. Aos poucos, conquistou uma influência sobre mim que me roubou a liberdade mental: seus elogios e observações me coibiam mais do que sua indiferença. Eu já não podia falar ou rir despreocupada em sua presença, porque um instinto cansativamente inoportuno me lembrava que a vivacidade (pelo menos em mim) lhe era desagradável. Eu estava tão consciente de que apenas estados de espírito e ocupações relevantes eram aceitáveis que quando ele estava por perto todos os esforços para me dedicar a qualquer outra coisa se tornavam vãos: eu caía vítima de um feitiço que me imobilizava. Quando ele

dizia vá, eu ia; [210](#) venha, eu vinha; faça isso, eu fazia. Mas aquela submissão não me agradava: desejei, muitas vezes, que ele voltasse a me negligenciar.

Certa noite, quando, na hora de ir para a cama, suas irmãs e eu desejamos boa noite, ele beijou as duas, como de hábito, e, como também de hábito, estendeu-me a mão. Diana, que por acaso estava com um humor descontraído (ela não era dolorosamente controlada pela vontade dele, pois tinha uma igualmente forte), exclamou:

– St. John! Você costumava dizer que Jane era sua terceira irmã, mas não a trata como tal: deveria beijá-la também.

Ela me empurrou em sua direção. Achei-a obtusa, e me senti desconfortavelmente perturbada; enquanto estava ocupada com esses pensamentos e sensações, St. John inclinou a cabeça. Seu rosto grego ficou na mesma altura do meu, seus olhos questionaram os meus de forma cortante – ele me beijou. Não existem beijos de mármore ou de gelo, mas foi o que meu primo eclesiástico me deu. Pode ser, contudo, que existam beijos experimentais, e o dele era um desses. Em seguida, ele me olhou para ver qual fora o efeito; nada excepcional: tenho certeza de que não corei, mas talvez tenha empalidecido um pouco, pois sentira que aquele beijo selava minha prisão. Ele não voltou a abrir mão da cerimônia depois disso, e a gravidade e quietude com as quais eu a acatava pareciam investi-la de uma dose de encanto aos seus olhos.

Quanto a mim, a cada dia eu desejava agradar-lhe mais, mas para isso sentia que precisava renegar metade da minha natureza, sufocar metade das minhas vontades, desviar minhas preferências de seu rumo original e me forçar a perseguir objetivos aos quais eu não tinha qualquer propensão natural. Ele queria me preparar para um grau de elevação que eu não tinha condições de atingir. Torturava-me hora após hora buscar o padrão que ele sustentava. Aquilo era tão impossível quanto refazer meus traços irregulares de acordo com seu padrão correto e clássico, dar aos meus instáveis olhos verdes o brilho azul-marinho e solene dos seus.

Não era apenas a sua autoridade, contudo, que me escravizava. Ultimamente estava sendo fácil demais ficar triste: um mal corrosivo jazia no meu coração e secava minha felicidade na fonte – o mal do suspense.

Talvez pense, leitor, que esqueci o sr. Rochester em meio a tantas

mudanças de lugar e fortuna. Nem por um único momento. Sua memória ainda estava comigo, pois não era uma bruma que o sol pudesse dissipar, nem uma figura traçada na areia que tempestades pudesse lavar: era um nome gravado numa placa, destinado a durar tanto quanto o mármore em que se inscrevia. O desejo intenso de saber o que acontecera com ele me acompanhava por toda parte; quando eu vivia em Morton, voltava ao meu chalé todo dia pensando nisso, e agora, em Moor House, buscava meu quarto toda noite para meditar sobre o assunto.

No curso de minha correspondência com o sr. Briggs acerca do testamento, eu perguntara se ele sabia de algo a respeito do paradeiro e estado de saúde do sr. Rochester, mas, como St. John previra, ele não tinha nenhuma informação. Escrevi então à sra. Fairfax, solicitando notícias. Tinha calculado que tal medida atenderia minha necessidade: tinha certeza que logo obteria uma resposta. Fiquei surpresa quando duas semanas se passaram, mas depois que dois meses se foram, e dia após dia o correio chegava e não me trazia coisa alguma, fui dominada pela mais aguda ansiedade.

Tornei a escrever: havia uma chance de que a primeira carta tivesse se perdido. Esperanças renovadas se seguiram a esforços renovados: reluziram com a mesma intensidade por algumas semanas, depois esmoreceram: nem uma linha, nem sequer uma frase eu recebi. Quando metade de um ano se foi em vã expectativa, minha esperança morreu, e passei a me sentir verdadeiramente melancólica.

Uma linda primavera brilhava ao meu redor, e eu não podia desfrutar dela. O verão se aproximava; Diana tentava me alegrar: dizia que eu parecia doente, e queria me acompanhar até o litoral. A isso St. John se opôs; disse que eu não precisava de distração, mas de trabalho; minha vida atual carecia de propósito, eu necessitava de um objetivo. E, suponho, a fim de suprir essas deficiências ele estendeu ainda mais minhas aulas de hindustani, e ficou ainda mais exigente. E eu, como uma tola, não pensei em resistir a ele – não conseguia resistir a ele.

Certo dia, eu chegara aos estudos mais desanimada que o habitual; aquela baixa fora ocasionada por uma profunda decepção. Hannah me dissera, pela manhã, que havia uma carta para mim, e quando lhe pedi para apanhá-la, quase certa de que as notícias longamente aguardadas enfim me seriam franqueadas, encontrei apenas um bilhete sem importância do sr. Briggs

tratando de negócios. A amarga frustração me arrancara algumas lágrimas, e agora, enquanto eu me debruçava sobre os caracteres ornamentados e as metáforas elaboradas de um escriba indiano, meus olhos começaram a transbordar outra vez.

St. John me chamou para ler a seu lado; quando tentei fazer isso, minha voz falhou: as palavras se perderam em soluços. Ele e eu éramos os únicos ocupantes da sala: Diana estava estudando música na sala de estar, e Mary fazia jardinagem – era um belo dia de maio, claro e ensolarado, e com uma leve brisa. Ele não expressou qualquer surpresa diante daquela comoção, nem me perguntou o que acontecera. Apenas disse:

– Vamos esperar alguns minutos, Jane, até que você se recomponha.

E enquanto eu me recobrava o melhor que podia ele ficou sentado, calmo e paciente, apoiado na escrivaninha, mais parecendo um médico que observasse com os olhos da ciência uma crise esperada e plenamente compreensível da doença de um paciente. Tendo sufocado meus soluços, secado os olhos e murmurado algo sobre não estar muito bem naquela manhã, retomei minha tarefa, e consegui concluir-la. St. John guardou os livros, trancou a escrivaninha e disse:

– Agora, Jane, você vai caminhar um pouco; venha comigo.

– Vou chamar Diana e Mary.

– Não, só quero a companhia de uma pessoa esta manhã, e tem de ser você. Vista-se e saia pela porta da cozinha. Pegue a estrada na direção de Marsh Glen. Vou encontrá-la num instante.

Não conheço meios-termos: nunca na vida conheci meios-termos para lidar com temperamentos assertivos e rígidos, opostos ao meu, entre a submissão absoluta e a revolta assumida. Sempre observei fielmente a primeira até o momento de explodir, muitas vezes com vulcânica veemência, e então passar à segunda; e, como nem as circunstâncias requeriam nem o meu presente estado de espírito me predispunha à resistência, obedeci piamente às instruções de St. John. Em dez minutos estava trilhando o caminho selvagem do estreito vale, ao lado dele.

A brisa soprava do oeste: varria as colinas, doce com o cheiro da urze e do junco; o céu estava de um azul imaculado. O riacho que descia pela ravina, caudaloso com as recentes chuvas de primavera, corria abundante e cristalino,

incorporando brilhos dourados do sol e tons de safira do firmamento. Conforme avançamos e deixamos a trilha, começamos a caminhar por uma relva macia coberta de musgo verde-esmeralda, minuciosamente esmaltada com pequeninas flores brancas e amarelas parecidas com estrelas. As montanhas se fechavam sobre nós; o estreito vale, à medida que avançava, embrenhava-se em seu interior.

– Vamos descansar aqui – disse St. John quando chegamos às primeiras rochas de um batalhão que guardava um desfiladeiro, aos pés do qual o riacho se precipitava numa cachoeira e onde, um pouco mais adiante, a montanha se desnudava da relva e das flores, conservando apenas a urze como vestuário e o rochedo como ornamento; onde o silvestre se tornava selvagem, o frescor dava lugar ao ameaçador; onde moravam a desolada promessa de solidão e um último refúgio para o silêncio.

Sentei-me: St. John ficou de pé ao meu lado. Ele olhava para o desfiladeiro mais acima e para o vale lá embaixo; seu olhar seguia com o riacho e voltava atravessando o céu sem nuvens que o coloria. Tirou o chapéu, deixou que a brisa agitasse seu cabelo e beijasse sua testa. Parecia em comunhão com o espírito daquele recanto: com o olhar, despedia-se de algo.

– E hei devê-lo outra vez – disse, em voz alta – em sonhos, quando estiver dormindo junto ao Ganges. [211](#) E depois, numa hora mais remota, quando outro sono me dominar, na margem de um rio mais escuro!

Estranhas palavras movidas por um estranho amor! A paixão de um patriota devotado por sua terra natal! Ele se sentou; por meia hora não falamos, nem ele comigo nem eu com ele. Ele então retomou:

– Jane, parto em seis semanas. Já reservei um lugar no East Indiaman, [212](#) que zarpa no dia 20 de junho.

– Que Deus o proteja, pois vai realizar Seu trabalho – respondi.

– Sim – disse ele –, essa é minha glória e minha alegria. Sou o servo de um Senhor infalível. Não estou viajando sob desígnio humano, sujeito às leis falhas e ao controle equivocado de todos esses frágeis vermes que são meus semelhantes: meu rei, meu legislador e meu capitão é o Todo-Poderoso. Parece-me estranho que todos ao meu redor não compartilhem da vontade de se alistar sob o mesmo estandarte, de seguir a mesma empresa.

– Não são todos que têm a sua força, e seria uma tolice para os fracos

querer marchar com os fortes.

– Não me refiro aos fracos, nem penso neles. Dirijo-me apenas aos que são dignos do trabalho, e têm competência para realizá-lo.

– Esses são poucos e difíceis de encontrar.

– Você tem razão, mas quando encontrados é correto incentivá-los, encorajá-los a fazer esse esforço, mostrar-lhes quais são os seus dons, e por que lhes foram conferidos... proferir a mensagem dos Céus junto ao seu ouvido; oferecer-lhes, vindo de Deus, um lugar no grupo dos Seus eleitos.

– Se são realmente qualificados para a tarefa não seriam seus próprios corações os primeiros a lhes informar?

Senti-me como se um feitiço terrível estivesse me rodeando: eu temia ouvir a palavra fatal que selasse o encantamento e me faria presa dele.

– O que o *seu* coração diz? – indagou St. John.

– Meu coração está calado... meu coração está calado – respondi, aflita e perturbada.

– Então devo falar por ele – continuou a voz profunda e implacável. – Jane, venha comigo para a Índia. Venha como minha esposa e companheira de trabalho.

O vale e o céu rodaram, as montanhas se elevaram! Era como se eu tivesse ouvido uma convocação dos Céus – como se um mensageiro visionário, como aquele da Macedônia, [213](#) tivesse enunciado: “Venha nos ajudar!” Mas eu não era um apóstolo, não podia contemplar o arauto, não podia receber seu chamado.

– Ah, St. John! – exclamei. – Tenha piedade!

Apelei a quem, no cumprimento daquilo que considerava ser sua missão, não conhecia piedade nem remorso. Ele insistiu:

– Deus e a natureza a destinaram a ser esposa de um missionário. Não são dotes físicos, mas sim mentais, que lhe conferiram: você foi feita para o trabalho, não para o amor. Deve ser esposa de um missionário, e há de ser. Seja minha: eu a reivindico, não para o meu prazer, mas para o serviço do meu Soberano.

– Não sou a pessoa certa para o posto: não tenho vocação – eu disse.

Ele previra essas primeiras objeções: não estava irritado com elas. Na verdade, quando se encostou no penhasco atrás dele, cruzou os braços e fixou uma expressão impassível no rosto, vi que estava preparado para uma disputa longa e árdua, e que se munira de um estoque de paciência que durasse até o fim – decidido, contudo, a que esse fim fosse uma vitória para ele.

– A humildade, Jane – disse ele –, é o fundamento das virtudes cristãs. Você diz que não é a pessoa certa para o trabalho. E quem é? Ou quem, tendo recebido um chamado genuíno, acredita ser digno dele? Eu, por exemplo, não passo de pó e cinzas. Com São Paulo, [214](#) reconheço ser o pior dos pecadores, mas não permito que essa noção da minha vileza pessoal me desencoraje. Conheço o meu Líder. Ele é poderoso na mesma proporção, e, embora tenha escolhido um instrumento débil para realizar uma grande tarefa, irá, com o manancial inesgotável de Sua providência, suprir o que me falta para que se cumpram seus desígnios. Pense como eu, Jane... confie como eu. É na Rocha Eterna [215](#) que peço que se apoie: não tenha dúvida de que ela suportará o peso de sua fraqueza humana.

– Não sei como é a vida de missionário. Nunca me informei sobre esse tipo de trabalho.

– Nesse sentido, posso humildemente ajudar: determinar suas tarefas a cada hora, estar sempre ao seu lado, ajudá-la a cada momento. Isso eu poderia fazer no início. Logo (pois conheço sua força) você estaria tão segura e preparada quanto eu, e já não precisaria da minha ajuda.

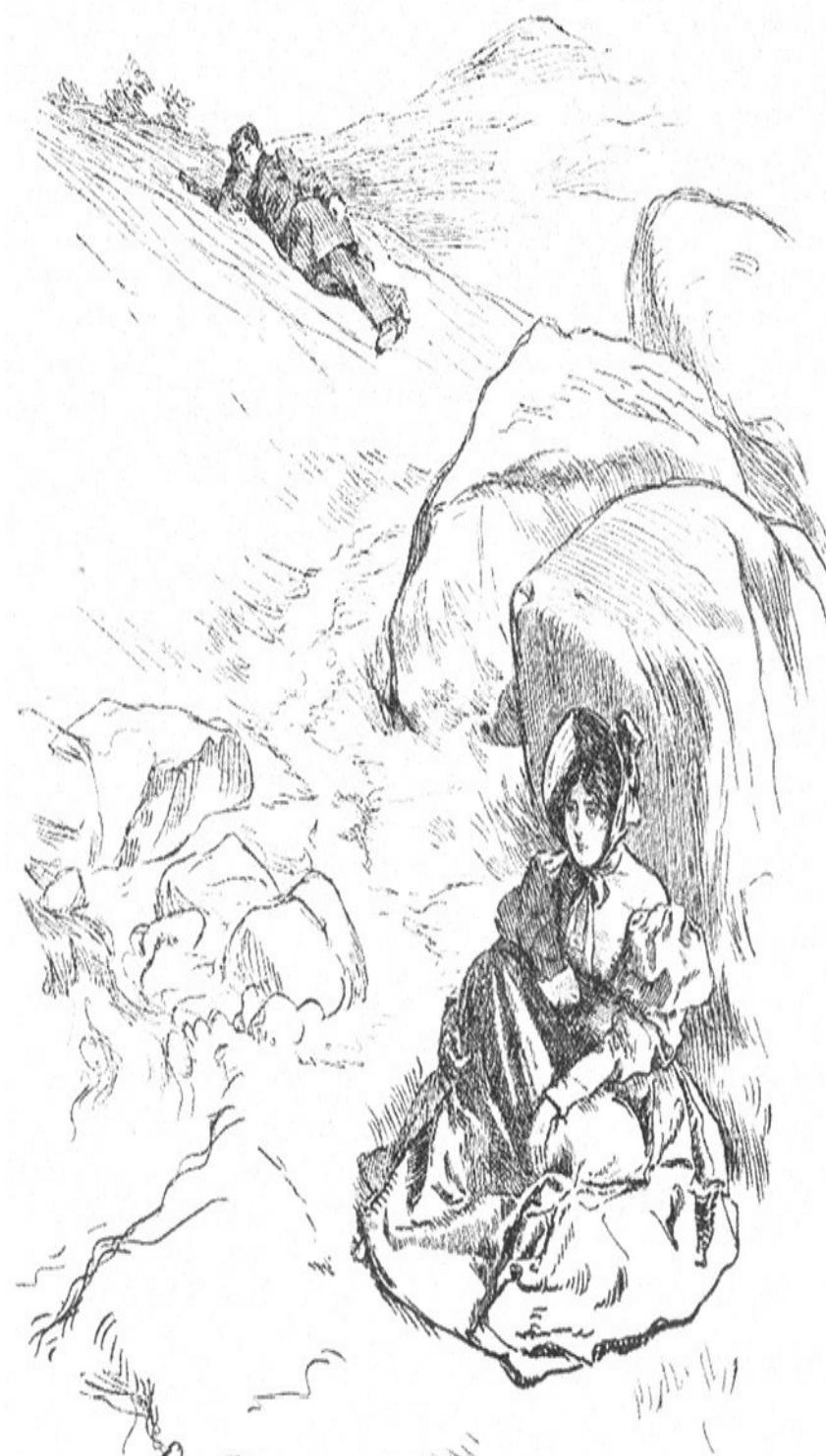
– Mas minha força... onde está ela, para essa missão? Não consigo senti-la. Nada se manifesta ou se comove em mim quando ouço você falar. Não sinto uma chama se acendendo, o pulso acelerando, uma voz me aconselhando ou encorajando. Ah, gostaria que você pudesse ver como minha mente está como um calabouço escuro, com um único medo encolhido num canto e agrilhoados nas profundezas: o medo de ser persuadida por você a tentar o que não tenho condições de realizar!

– Tenho uma resposta para você; ouça. Venho observando-a desde que nos conhecemos. Faz dez meses que você é meu objeto de estudo. Testei-a, durante esse tempo, de formas variadas. E o que foi que vi e deduzi? Na escola do povoado, notei que podia se dedicar bem, de maneira pontual e correta, a um trabalho que não corresponde aos seus hábitos e interesses; vi

que podia realizá-lo com competência e tato: podia dominá-lo. Na calma que demonstrou ao saber que se tornara subitamente rica, li uma mente livre do vício de Demas: [216](#) as coisas não tinham nenhum poder indevido sobre você. Na prontidão resoluta com que dividiu sua fortuna em quatro partes, ficando com apenas uma e cedendo as outras três a um senso de justiça abstrato, reconheci uma alma que se comprazia na chama e na exaltação do sacrifício. Na afabilidade com que, a meu pedido, você abandonou um estudo em que estava interessada e adotou outro porque me era útil; na dedicação incansável com que desde então vem perseverando nele; na energia infatigável e serenidade inabalável com que vem enfrentando suas dificuldades, reconheço as qualidades que procuro. Jane, você é dócil, diligente, abnegada, fiel, constante e corajosa; muito cordial e muito heroica. Não deixe de confiar em si mesma... eu confio em você sem reservas. Como diretora de escola na Índia e ajudante entre as mulheres, sua ajuda será, para mim, inestimável.

Minha mortalha de ferro se contraía sobre meu corpo; a persuasão avançava a um passo lento e seguro. Eu podia fechar os olhos tanto quanto quisesse, aquelas últimas palavras haviam conseguido abrir um caminho que até então parecia bloqueado. Meu trabalho, que parecera tão vago, tão irremediavelmente difuso, foi se condensando à medida que St. John falava, e por fim assumiu uma forma definida, moldada por suas mãos. Ele esperava uma resposta. Pedi um quarto de hora para pensar, antes de me arriscar a dizer qualquer outra coisa.

– Claro que sim – ele respondeu, e, levantando-se, caminhou desfiladeiro acima, jogou-se num monte de urze e ali ficou, imóvel.



threw himself down on
the swell of heath.
and there lay still

T.H. SWAINSON
96

*Jogou-se num monte de urze e
ali ficou, imóvel.*

“Posso fazer o que ele quer: sou obrigada a ver e reconhecer isso”, meditei, “isto é, se a vida me for poupada. Sinto que a minha existência não vai se estender muito sob um sol indiano. E daí? Ele não se importa com isso: quando chegasse a hora da minha morte, haveria de me entregar, com toda a serenidade e santidade, ao Deus que me criou. A situação está muito clara: ao deixar a Inglaterra, eu deixaria uma terra amada mas vazia – o sr. Rochester não está aqui; e se estivesse, o que isso significa, o que jamais haveria de significar para mim? Minha questão é viver sem ele: nada mais absurdo ou mais doentio do que me arrastar dia após dia esperando alguma impossível mudança nas circunstâncias que me reunisse a ele. É claro (como St. John já disse) que devo buscar outro interesse na vida para substituir o que perdi. Não é a ocupação que ele está me oferecendo de fato a mais gloriosa que o homem pode assumir ou que Deus pode designar? Não é, por seu trabalho nobre e sublimes resultados, a mais adequada para preencher o vazio deixado por afetos arrancados e esperanças demolidas? Acredito que tenha que dizer sim – e contudo estremeço. Misericórdia! Se eu me juntar a St. John, abandono metade de mim mesma. Se for para a Índia, será para a morte prematura. E como será preenchido o intervalo entre deixar a Inglaterra pela Índia e a Índia pelo túmulo? Ah, bem sei! Isso também está bastante claro. Tentarei satisfazer St. John até meus músculos doerem, *vou* satisfazê-lo – até a essência mais sutil e o espectro mais distante de suas expectativas. Se eu for *mesmo* com ele, se fizer *mesmo* o sacrifício que ele me incita a fazer, será de forma absoluta: jogarei tudo no altar – coração, entradas, a vítima inteira. Ele nunca vai me amar, mas há de me aprovar. *Vou* lhe mostrar forças que ele ainda não viu, recursos de que ele nem suspeita. Sim, posso trabalhar tão arduamente quanto ele, e me queixar igualmente pouco.

“Aceitar seu pedido, então, é possível, exceto por um detalhe – um detalhe terrível. Ele me pede para ser sua esposa, mas não tem por mim um coração de marido mais do que o gigante sisudo que é aquela pedra, pela qual o riacho espuma adiante. Ele me estima como um soldado aprecia uma boa arma, e isso é tudo. Não sendo casada com ele isso nunca me magoaria, mas posso deixá-lo concluir sua experiência, realizar friamente seus planos, passar

por uma cerimônia de casamento? Posso receber um anel de noivado, tolerar todas as formas do amor (que não duvido que ele observaria escrupulosamente) mesmo sabendo que o espírito estaria ausente? Posso suportar a consciência de que cada carinho que ele faz é um sacrifício baseado em princípios? Não, um calvário como esse seria monstruoso. Nunca vou me submeter algo assim. Como irmã, poderia acompanhá-lo – não como esposa. Vou lhe dizer isso.”

Olhei na direção do pequeno monte: lá estava ele, imóvel como uma coluna caída; o rosto se virou em minha direção, os olhos brilhando vigilantes e penetrantes. Ele se pôs de pé e se aproximou.

- Estou pronta para ir à Índia, se puder ir livre.
- Sua resposta requer uma explicação – disse ele –; não é clara.
- Até então, você tem sido um irmão para mim, e eu uma irmã para você: continuemos assim. É melhor que não nos casemos.

Ele fez que não com a cabeça.

– O amor fraternal não será suficiente neste caso. Se você fosse minha irmã verdadeira, seria diferente. Eu a levaria, e não procuraria uma esposa. Mas, sendo a situação como é, ou nossa união deve ser consagrada e selada pelo matrimônio ou não pode existir. Obstáculos de ordem prática se opõem a qualquer outro arranjo. Não consegue ver, Jane? Pense por um momento... sua razão tão sensata há de guiá-la.

Refleti, e ainda assim minha razão, tal como era, levou-me somente ao fato de que não nos amávamos como marido e mulher. E portanto concluiu que não deveríamos nos casar. Foi o que eu lhe disse.

– St. John – retorqui –, considero-o um irmão e você me considera uma irmã: continuemos assim.

– Não podemos... não podemos – ele respondeu, com uma determinação curta e firme. – Não é possível. Você disse que irá comigo para a Índia: lembre-se, disse isso.

– Com uma condição.

– Bem. Ao ponto principal, que é partir comigo e me acompanhar em meus futuros trabalhos, você não objeta. É como se já tivesse arregaçado as mangas: é consistente demais para voltar atrás. Só precisa manter um objetivo

em mente: como fazer seu trabalho da melhor forma. Simplifique seus complicados interesses, sentimentos, pensamentos, desejos, objetivos; concentre todas as questões em um propósito: o de cumprir plena e efetivamente a missão do seu grande Senhor. Para isso, deve ter um parceiro. Não um irmão, pois esse elo é muito tênu, mas um marido. Eu tampouco quero uma irmã: uma irmã poderia ser tirada de mim a qualquer momento. Quero uma esposa: a única companheira que tenho como realmente influenciar na vida, e manter ao meu lado até a morte.

Estremeci enquanto ele falava: sentia sua veemência até a medula, seu ímpeto por todo o corpo.

– Procure outra pessoa, St. John: procure uma mulher adequada a você.

– Adequada ao meu propósito, você quer dizer. Adequada à minha vocação. Mais uma vez lhe digo que não é com a insignificante criatura particular, o mero homem, com seus sentidos egoístas, que desejo que você se case: é com o missionário.

– E darei ao missionário minhas energias; já que é tudo que deseja, mas não minha pessoa: isso seria um desperdício. Para ele, minha personalidade não tem serventia: guardo-a para mim.

– Não pode fazer isso, nem deve. Acha que Deus vai ficar satisfeito com meia oblação? Que vai aceitar um sacrifício mutilado? É a causa de Deus que eu advogo: é sob o estandarte Dele que a alisto. Não posso aceitar, em Seu nome, um juramento incompleto: deve ser integral.

– Ah! Darei meu coração a Deus – eu disse. – Você não o quer.

Não posso garantir, leitor, que não houvesse um sarcasmo reprimido tanto no tom quanto no sentimento com que falei isso. Até então eu temera silenciosamente St. John porque não conseguia entendê-lo. Ele me assustava porque me mantinha na dúvida. Quanto dele era santo, quanto era mortal, eu não sabia dizer. Mas revelações estavam sendo feitas naquela conversa. Sua natureza se descortinava diante dos meus olhos. Vi suas fraquezas, compreendi-as. Entendi que ali onde estava, sentada naquele chão coberto de urze, e com aquela bela figura diante de mim, eu estava diante de um homem, tão falível quanto eu. Caiu o véu de sua rigidez e de seu despotismo. Sentindo nele essas qualidades, assimilei sua imperfeição e ganhei coragem. Eu estava ao lado de um igual – alguém com quem podia argumentar –, alguém a quem,

se assim me conviesse, poderia resistir.

Ele havia ficado em silêncio depois da minha última frase, e arrisquei encarar seu rosto. Seu olhar, fixo em mim, expressava ao mesmo tempo grave surpresa e aguda curiosidade. “Ela está sendo sarcástica, e sarcástica *comigo!*”, parecia dizer. “O que isso significa?”

– Não nos esqueçamos de que este é um assunto sério – ele disse, não muito depois –, um assunto que não podemos considerar ou tratar levianamente sem incorrermos em pecado. Acredito em você, Jane, quando diz que dará seu coração a Deus: é tudo o que quero. Uma vez tendo arrancado o coração do meio dos homens e o confiado ao seu Criador, o triunfo do reino espiritual na terra será o seu principal deleite e esforço; estará pronta para fazer o que quer que possibilite esse fim. Verá que ímpeto terão seus esforços e os meus com nossa união física e mental pelo casamento, a única união que confere um caráter de permanente conformidade aos destinos e desígnios do ser humano. E, superando todos os pequenos caprichos, todas as dificuldades triviais e sentimentos menores, todos os escrúpulos com relação ao grau, tipo, intensidade ou suscetibilidade de meras inclinações pessoais, vai querer tomar seu lugar nessa união o quanto antes.

– Vou mesmo? – eu disse, cortante; e olhei para o seu rosto, de traços tão belos mas estranhamente intimidantes em sua rigidez; para a sua fronte, imperiosa mas não aberta; para os seus olhos, brilhantes e profundos e intensos, mas nunca suaves; para o seu corpo alto e imponente, e me imaginei *sua esposa*.

Ah! Nunca daria certo! Como sua auxiliar, sua colega, tudo estaria bem: eu atravessaria oceanos com ele nessa condição; trabalharia com ele nesse ministério sob sóis orientais, em desertos asiáticos; haveria de admirar e copiar sua coragem e devoção e vigor; me submeteria sem protesto ao seu comando; sorriria imperturbável diante de sua ambição impossível de dissuadir; separaria o cristão do homem: estimaria profundamente o primeiro, perdoaria espontaneamente o segundo. Muitas vezes sofreria, sem dúvida, ligada a ele somente nessa condição: meu corpo estaria sob um jugo bastante rigoroso, mas minha mente e meu coração estariam livres. Eu sempre teria meu eu íntegro ao qual regressar: meus sentimentos naturais e livres aos quais me voltar em momentos de solidão. Haveria recantos em minha mente que seriam somente meus, que ele nunca conheceria, e sentimentos

florescendo ali, frescos e abrigados, que sua severidade nunca poderia fazer murchar, nem sua aguerrida marcha de soldado pisotear. Mas como sua esposa – o tempo todo ao seu lado, o tempo todo controlada, o tempo todo observada –, forçada a manter o fogo da minha natureza continuamente brando, compelida a arder internamente e nunca dar um grito, embora a chama reprimida consumisse uma víscera após outra – isso seria intolerável.

– St. John! – exclamei, ao chegar a esse ponto em meus pensamentos.

– E então? – ele respondeu, gélido.

– Repito que consinto livremente em ir como ajudante, mas não como esposa. Não posso me casar com você e me tornar uma parte sua.

– Uma parte de mim você deve se tornar – ele respondeu, ponderado. – De outra forma, todo o acordo se anula. Como posso eu, um homem que ainda não tem trinta anos, levar comigo para a Índia uma garota de dezenove, a menos que ela seja casada comigo? Como ficaríamos juntos, às vezes em lugares isolados, às vezes em meio a tribos selvagens, sem ser casados?

– Muito bem – eu disse –; ficaríamos tão bem quanto se eu fosse sua irmã verdadeira, ou um homem e um clérigo como você.

– Todos sabem que você não é minha irmã; não posso apresentá-la como tal. Isso atrairia suspeitas caluniosas para nós dois. Quanto ao resto, embora você tenha o cérebro sagaz de um homem, tem o coração de uma mulher... não daria certo.

– Daria – afirmei com certo desdém – bastante certo. Tenho o coração de uma mulher, mas não no que lhe diz respeito; para você, tenho apenas a constância de um colega, a franqueza, a fidelidade e a fraternidade, se quiser, de um companheiro soldado; o respeito e a submissão de um neófito por seu mestre. Nada mais; não tema.

– É o que eu quero – ele disse, falando para si mesmo –; é exatamente o que eu quero. Mas há obstáculos no caminho: precisam ser removidos. Jane, você não se arrependeria de se casar comigo, pode ter certeza. Temos que nos casar, repito. Não há outra maneira, e sem dúvida haveria amor suficiente no casamento para tornar a união legítima mesmo aos seus olhos.

– Desprezo a sua ideia de amor – não pude evitar dizer, enquanto me levantava e parava diante dele, apoiando as costas na rocha. – Desprezo o sentimento falso que oferece. Sim, St. John, e desprezo você quando me

propõe algo assim.

Ele me olhava fixamente, apertando os lábios bem-delineados. Se estava exasperado ou surpreso ou o quê, não era fácil dizer. Ele conseguia controlar sua expressão completamente.

– Eu jamais esperava ouvir isso vindo de você – disse ele. – Acho que nada fiz ou falei para merecer desprezo.

Fiquei tocada com seu tom suave, e intimidada com sua conduta elevada e calma.

– Perdoe minhas palavras, St. John, mas é culpa sua eu ter sido levada a falar com tanta franqueza. Você trouxe um assunto sobre o qual nossas naturezas discordam, um assunto que nunca deveríamos discutir. A própria palavra amor é a semente da discórdia entre nós. Se acontecesse, o que faríamos? Como nos sentiríamos? Meu querido primo, abandone esse conceito de casamento... esqueça-o.

– Não – disse ele. – É um conceito longamente cultivado, o único que pode garantir meu grande objetivo. Mas não vou mais insistir por enquanto. Amanhã parto para Cambridge. Tenho muitos amigos lá dos quais gostaria de me despedir. Ficarei fora por duas semanas. Aproveite esse tempo para considerar minha oferta, e não se esqueça de que se a recusar não é a mim que nega, mas a Deus. Por meu intermédio, Ele descortina uma nobre carreira para você, a qual só pode assumir como minha esposa. Recuse-se, e estará se limitando para sempre a um caminho de facilidade egoísta e obscuridade infrutífera. Será incluída entre aqueles que negaram a fé, e que são piores que os infiéis.

Ele terminara. Virando-me as costas, falou pela última vez:

– “Olhou para o rio, olhou para as montanhas.” [217](#)

Mas agora seus sentimentos estavam todos encerrados em seu coração: eu não era digna de ouvi-los. Enquanto caminhava a seu lado de volta para casa, li em seu silêncio pesado tudo o que sentia por mim: a decepção de uma natureza austera e tirânica, que encontrara resistência onde esperava docilidade – a condenação de um julgamento frio e inflexível, que encontrara sentimentos e pontos de vista com os quais não podia compactuar. Em poucas palavras, como homem ele queria me obrigar a obedecer. Era apenas como

sincero cristão que tolerava com tanta paciência a minha perversidade e concedia espaço à reflexão e ao arrependimento.

Naquela noite, depois de ter beijado suas irmãs, ele julgou apropriado nem sequer me cumprimentar com um aperto de mão, e saiu da sala em silêncio. Eu, que embora não tivesse amor tinha muita amizade por ele, fiquei magoada: tanto que lágrimas me vieram aos olhos.

– Vejo que você e St. John andaram brigando, Jane – disse Diana –, durante sua caminhada na charneca. Mas vá atrás dele; ele está no corredor esperando por você... quer se desculpar.

Não tenho muito orgulho em circunstâncias assim: sempre prefiro a felicidade à dignidade, e fui atrás dele. Estava parado ao pé da escada.

– Boa noite, St. John – eu disse.

– Boa noite, Jane – ele respondeu, calmamente.

– Aperte minha mão – pedi.

Que toque frio e fraco ele deixou sobre meus dedos! Estava profundamente aborrecido com o que acontecera. A cordialidade não haveria de amolecê-lo, nem as lágrimas iriam comovê-lo. Não haveria reconciliação feliz – nada de sorrisos alegres ou palavras generosas. Ainda assim, o cristão estava paciente e plácido, e quando lhe perguntei se me perdoava ele respondeu que não tinha o hábito de guardar rancor; que não tinha por que perdoar, pois não havia se ofendido.

Com essa resposta, ele me deixou. Eu preferia que tivesse me dado um soco.

[208](#) . Em francês e alemão no original, respectivamente: camponesas.

[209](#) . Talento era originalmente uma unidade de medida da antiga Mesopotâmia. Foi adotada por gregos e romanos e, a partir daí, disseminou-se por todo o Mediterrâneo, com adaptações regionais. A parábola bíblica que menciona os talentos se encontra em Mateus 25:14-30. O servo que recebe os talentos, mas não os multiplica, escondendo-os na terra, é considerado um “mau e negligente servo”.

[210](#) . Menção a Mateus: “Pois eu também sou homem sujeito à autoridade, com soldados sob o meu comando. Digo a um: ‘Vá’, e ele vai; e a outro: ‘Venha’, e ele vem. Digo a meu servo: ‘Faça isto’, e ele faz” (8:9).

[211](#) . O Ganges é um rio da Ásia que atravessa a Índia e Bangladesh. Com sua nascente no Himalaia e

percorrendo 2.525 quilômetros, é um dos maiores rios do mundo em termos de vazão e considerado sagrado pelos hindus, que o veneram sob a forma da deusa Ganga.

[212](#) . East Indiaman era um nome geral que se atribuía a qualquer navio a serviço da Companhia das Índias Orientais, importante companhia de comércio com grande atuação entre os sécs.XVI e XIX. Por extensão, o nome passou a designar embarcações de qualquer nacionalidade que operassem em nome de companhias locais de comércio com a Índia.

[213](#) . Referência aos Atos dos Apóstolos (16:9), em que Paulo é visitado pelo espírito de um homem macedônico, que lhe pede a pregação da palavra divina.

[214](#) . “Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Timóteo 1:15).

[215](#) . Citação de Isaías: “Confiai no Senhor perpetuamente; porque o Senhor Deus é uma rocha eterna” (26:4).

[216](#) . No Novo Testamento, Demas, antigo companheiro de Paulo, abandona-o, assim como à fé.

[217](#) . Citação de *A canção do último menestrel* (1805), de Sir Walter Scott: “She looked to river, looked to hill ”.

CAPÍTULO 35

ELE NÃO FOI para Cambridge no dia seguinte, como dissera. Adiou a partida por uma semana inteira, e durante esse tempo me fez sentir que tipo de punição um homem bom mas duro, um homem cioso mas implacável, pode infligir a alguém que o ofendeu. Sem um único ato explícito de hostilidade, uma única palavra exaltada, ele conseguiu me impressionar implacavelmente com a certeza de que eu tinha sido colocada fora do âmbito da sua benevolência.

Não que St. John nutrisse um espírito pouco cristão de vingança – não que ele fosse fazer mal a um fio de cabelo meu, mesmo que tivesse plenos poderes para isso. Tanto por natureza quanto por princípios, ele era superior às satisfações medíocres da vendeta: perdoara-me por dizer que desprezava a ele e ao seu amor, mas não esquecera as palavras. E enquanto ele e eu vivêssemos, não haveria de esquecê-las. Eu via em seu olhar, sempre que ele se virava para mim, que estavam sempre escritas no ar entre nós. Toda vez que eu falava soavam em seu ouvido, e seu eco presente em cada resposta que ele me dava.

Não deixou de conversar comigo: até me chamava, como de hábito, para que me juntasse a ele em sua escrivaninha a cada manhã, e eu temia que o homem perverso que havia nele encontrasse um prazer incompatível e não compartilhado pelo cristão em demonstrar de todas as maneiras possíveis, enquanto agia e falava aparentemente como de hábito, que retirara de cada gesto e cada frase o interesse e a aprovação que antes conferiram um charme austero ao seu jeito de falar e agir. Para mim, ele na realidade já não era mais feito de carne, mas sim de mármore. Seu olhar era uma pedra preciosa fria, brilhante, azul; sua língua, um instrumento de expressão – nada mais.

Tudo isso era tortura para mim – uma tortura requintada e lenta. Mantinha aceso um fogo brando de indignação e uma aflição vacilante de tristeza, que me perseguiam e me esmagavam completamente. Pude sentir como, se eu

fosse sua esposa, esse bom homem, puro como a mais profunda fonte, poderia facilmente me matar sem tirar das minhas veias uma única gota de sangue ou admitir em sua consciência cristalina a mais leve marca do crime. Eu sentia isso particularmente quando fazia uma tentativa de aplacá-lo. Não havia compaixão pela minha compaixão. *Ele* não sentia qualquer sofrimento com aquele distanciamento – não ansiava pela reconciliação; e, embora mais de uma vez lágrimas profusas molhassem a página sobre a qual ambos nos debruçávamos, não tinham sobre ele mais efeito do que se seu coração fosse feito de pedra ou metal. Com suas irmãs, por sua vez, ele era um pouco mais gentil que o habitual. Como se temesse que a mera frieza não fosse suficiente para me convencer do quão completamente banida e excluída eu fora, ele acrescentava a força do contraste, e isso eu tenho certeza de que não fazia por malícia, mas por princípios.

Na noite antes de sua partida, vendo-o caminhar no jardim ao pôr do sol e lembrando, ao olhar para ele, que aquele homem, mesmo distante como agora, um dia salvara minha vida e que éramos parentes próximos, fui levada a fazer um último esforço para reconquistar sua amizade. Saí e me aproximei dele, que estava debruçado sobre o portãozinho. Fui direto ao assunto.

– St. John, estou triste porque você ainda está zangado comigo. Vamos ser amigos.

– Espero que sejamos amigos – foi a resposta fria; ele continuava a observar o nascer da lua, que estivera contemplando quando me aproximei.

– Não, St. John, não somos amigos como éramos. Você sabe disso.

– Não somos? Não é verdade. De minha parte, não lhe desejo nenhum mal, somente o bem.

– Acredito em você, St. John, pois tenho certeza de que é incapaz de desejar mal a alguém, mas como sou sua parente gostaria de receber um pouco mais de afeto do que essa filantropia generalizada que você oferece a qualquer estranho.

– É claro – disse ele. – Seu desejo faz sentido, e estou longe de considerá-la uma estranha.

Essas palavras, ditas num tom tranquilo, eram demasiado humilhantes e desconcertantes. Se eu fosse ceder ao orgulho e à ira, teria deixado St. John ali no ato, mas algo em mim era mais forte que esses sentimentos. Eu

venerava profundamente o talento e os princípios do meu primo. Sua amizade era valiosa: perdê-la era difícil. Eu não abandonaria tão cedo a tentativa de reconquistá-la.

– Devemos nos despedir desta maneira, St. John? E quando você for para a Índia vai me deixar assim, sem uma palavra mais gentil do que as que vem dizendo?

Ele então virou as costas para a lua e me encarou.

– Se vou deixá-la assim quando eu for para a Índia, Jane? O quê? Então você não irá para a Índia?

– Você disse que eu não poderia, a menos que me casasse com você.

– E não vai se casar comigo! Continua fiel a essa decisão?

Leitor, será que você sabe, como eu, o terror que essas pessoas frias podem infundir no gelo de suas perguntas? Como é uma avalanche sua raiva, uma rachadura no mar congelado o seu desgosto?

– Não, St. John, não vou me casar com você. Mantenho-me fiel à minha decisão.

A avalanche estremecera e avançara um pouco, mas ainda não desabara.

– Mais uma vez, por que se recusa? – ele perguntou.

– Antes – respondi – porque você não me amava; agora porque praticamente me odeia. Se eu me casasse com você, iria me matar. Está me matando agora.

Seus lábios e seu rosto ficaram pálidos – bastante pálidos.

– *Eu iria matá-la? Eu a estou matando?* Suas palavras são de um tipo que não deveria ser usado: violentas, pouco femininas e inverídicas. Traem um estado de espírito desafortunado. Merecem severa reprovação: poderiam parecer imperdoáveis, mas é dever do homem perdoar seu semelhante mesmo setenta e sete vezes. [218](#)

Eu esgotara o assunto. Ao tentar honestamente apagar de sua mente o vestígio da ofensa anterior, acabara deixando naquela superfície tenaz uma outra e mais profunda impressão: marcara a fogo.

– Agora você vai finalmente me odiar – falei. – É inútil tentar me reconciliar com você. Vejo que o transformei num inimigo eterno.

Essas palavras causaram mais dano: e, ainda pior, diziam a verdade. O lábio pálido estremeceu num espasmo rápido. Eu conhecia a ira de aço que desencadeara. Meu coração estava despedaçado.

– Você interpreta incorretamente minhas palavras – eu disse, agarrando sua mão. – Não tenho qualquer intenção de lhe causar dor ou sofrimento... realmente não tenho.

Amargo foi o sorriso que ele abriu – decidido o gesto com que tirou a mão da minha.

– E agora você se lembra de sua promessa, e não irá para a Índia, presumo? – disse ele, após uma pausa considerável.

– Sim, irei, como sua assistente – respondi.

Um silêncio longuíssimo se sucedeu. Que luta era travada dentro dele entre a Natureza e a Graça, não sei dizer. Apenas lampejos breves cintilavam em seus olhos, e estranhas sombras passavam pelo seu rosto. Por fim, ele falou.

– Já lhe expliquei o absurdo que é uma mulher solteira da sua idade se propor a acompanhar ao exterior um homem solteiro da minha. Demonstre em termos tais que, teria imaginado, impediriam que voltasse a insistir. Que tenha feito isso, eu lamento... lamento por você.

Eu o interrompi. Qualquer coisa que se assemelhasse a uma repreensão concreta me dava coragem instantaneamente.

– Não perca o bom senso, St. John: você está beirando o absurdo. Finge estar escandalizado com o que eu disse. Não está realmente chocado, pois, com sua mente elevada, não pode ser tão tolo ou presunçoso a ponto de interpretar incorretamente o que eu quero dizer. Repito, posso ser sua assistente, se quiser, mas nunca sua esposa.

Mais uma vez ele ficou lívido, mas, como antes, controlou perfeitamente sua fúria. Respondeu de maneira enfática mas calma:

– Um pároco assistente do sexo feminino, que não fosse minha esposa, jamais haveria de me servir. Comigo, então, parece que você não pode ir. Mas se é sincera em sua oferta, quando estiver na cidade, posso falar com um colega casado cuja esposa precisa de uma ajudante. Sua fortuna a torna independente da ajuda da sociedade; e assim você ainda pode ser poupada da desonra de descumprir sua promessa e desertar do bando com o qual havia se

comprometido.

Ora, eu nunca fizera, como o leitor sabe, qualquer promessa formal, nem firmara qualquer compromisso; e aquele linguajar era demasiado duro e despótico para a ocasião. Respondi:

– Não há desonra alguma, nem quebra de promessa, nem deserção nesse caso. Não tenho a menor obrigação de ir à Índia, ainda mais com estranhos. Com você eu teria me aventurado, porque o admiro, confio em você e o amo como irmã, mas estou convencida de que, indo quando e com quem fosse, eu não viveria por muito tempo naquele clima.

– Ah! Teme por você mesma – ele disse, sarcástico.

– Temo. Deus não me deu uma vida para desperdiçar, e estou achando que fazer o que você me pede seria quase o equivalente a cometer suicídio. Além disso, antes que eu decida definitivamente deixar a Inglaterra, preciso saber com certeza se não serei mais útil ficando aqui do que indo embora.

– O que quer dizer?

– Seria inútil tentar explicar, mas há uma questão sobre a qual por muito tempo venho tendo uma dolorosa dúvida, e não posso ir a lugar algum até que seja esclarecida.

– Sei para onde seu coração se volta, e ao que se aferra. O interesse que acalenta é ilegal e profano. Já deveria tê-lo esmagado há muito tempo. Deveria se envergonhar ao se referir a ele. Pensa no sr. Rochester?

Era verdade. Confessei através do meu silêncio.

– Vai procurar pelo sr. Rochester?

– Preciso descobrir o que foi feito dele.

– Resta-me, então – disse ele –, lembrar-me de você em minhas orações e rogar a Deus por você, com toda a sinceridade, para que não acabe de fato se tornando uma pária. Pensei ter reconhecido em você uma escolhida. Mas Deus não vê como o homem vê: a Sua vontade será feita.

Ele abriu o portão, saiu e se afastou pelo vale estreito. Logo desapareceu.

Ao voltar para a sala, encontrei Diana de pé junto à janela, muito pensativa. Ela era bem mais alta do que eu: colocou a mão no meu ombro e, curvando-se, examinou o meu rosto.

– Jane – disse ela –, você tem estado muito agitada e pálida. Tenho certeza de que algo está acontecendo. Diga-me o que há entre St. John e você. Estive observando vocês da janela durante a última meia hora; deve me perdoar por espionar assim, mas há algum tempo tenho pensado nem sei no quê. St. John é um ser estranho...

Ela fez uma pausa, eu nada disse. Ela então recomeçou:

– Aquele meu irmão tem ideias peculiares a seu respeito, tenho certeza: faz tempo que lhe confere uma atenção e um interesse que nunca demonstrou a outra pessoa... com que finalidade? Eu gostaria que ele a amasse... ele a ama, Jane?

Coloquei sua mão fresca em minha testa.

– Não, Die, nem um pouco.

– Então por que ele a segue tanto com os olhos, e tenta ficar sozinho com você tantas vezes, e a mantém tão continuamente ao seu lado? Mary e eu achamos que ele quer se casar com você.

– É verdade. Ele me pediu para ser sua esposa.

Diana bateu palmas.

– Era exatamente o que esperávamos e pensávamos! E você vai se casar com ele, Jane, não vai? E então ele vai ficar na Inglaterra.

– Longe disso, Diana. Seu único propósito ao me pedir em casamento era conseguir uma companhia adequada para seus trabalhos na Índia.

– O quê? Ele quer que você vá para a Índia?

– Sim.

– Uma loucura! – ela exclamou. – Você não viveria três meses lá, tenho certeza. Não pode ir: não consentiu, não é mesmo, Jane?

– Eu me recusei a me casar com ele...

– E consequentemente o desagradou? – ela sugeriu.

– Profundamente. Acho que ele nunca vai me perdoar. Mas me ofereci para acompanhá-lo como sua irmã.

– Foi uma loucura absoluta fazer isso, Jane. Pense no encargo que assumiu... cansaço incessante, onde a fadiga mata até mesmo os mais fortes, e você é fraca. St. John, você o conhece, iria exigir de você tarefas

impossíveis. Com ele, não haveria permissão para descansar nas horas mais quentes; e infelizmente, já notei, o que quer que ele solicite você se obriga a cumprir. Fico surpresa que tenha encontrado coragem para recusar o pedido de casamento. Não o ama então, Jane?

– Como marido, não.

– Mas ele é um belo homem.

– E eu sou tão sem graça, você vê, Die. Nunca daríamos certo.

– Sem graça! Você? De jeito nenhum. Você é bonita demais, é boa demais, para ser assada viva em Calcutá. [219](#)

E mais uma vez ela me pediu sinceramente que não fosse com seu irmão.

– Não irei – eu disse. – Quando, agora há pouco, repeti a proposta de ir como sua assistente, ele se mostrou escandalizado com a minha falta de decência. Parecia pensar que era uma impropriedade eu me oferecer para acompanhá-lo sem nos casarmos, como se eu não tivesse desde o início esperado encontrar nele um irmão, e habitualmente o considerado como tal.

– O que a faz acreditar que ele não a ama, Jane?

– Você deveria ouvir o que ele próprio tem a dizer sobre o assunto. Repetidas vezes explicou que não é para ele, mas para o seu ofício, que deseja uma esposa. Disse-me que eu fui feita para o trabalho, não para o amor: o que é verdade, sem dúvida. Mas, na minha opinião, se eu não fui feita para o amor, também não fui feita para o casamento. Não seria estranho, Die, ser acorrentada para o resto da vida a um homem que só me considera um instrumento útil?

– Insuportável, antinatural, fora de questão!

– E além disso – continuei –, embora eu só tenha afeição fraterna por ele, se for obrigada a ser sua esposa sei que acabarei lhe concedendo um tipo inevitável, estranho e torturante de amor, porque é tão talentoso, e possui essa grandiosidade heroica em seu olhar, no modo de agir e conversar. E então minha sorte se tornaria indizivelmente desgraçada. Ele não ia querer que eu o amasse; se eu demonstrasse o sentimento, ele me faria ver que era algo supérfluo e não requerido por ele, e inadequado a mim. Sei que faria isso.

– E no entanto St. John é um homem bom – disse Diana.

– É um homem bom, um grande homem, mas se esquece impiedosamente

dos sentimentos e necessidades de gente comum ao perseguir seus planos grandiosos. É melhor, portanto, que os insignificantes fiquem fora do seu caminho, sob pena de que ele, em seu afã, acabe pisoteando-os. Aí vem ele! Vou deixá-los, Diana – e corri para o andar de cima quando o vi entrando no jardim.

Mas fui obrigada a encontrá-lo novamente na hora do jantar. Durante a refeição, ele pareceu tão composto como de hábito. Eu pensava que ele mal haveria de falar comigo, e tinha certeza de que desistira da ideia do casamento. O que se seguiu mostrou que eu me enganara em ambos os pontos. Ele falou comigo com sua maneira habitual, ou o que, recentemente, passara a ser sua maneira habitual – uma escrupulosa polidez. Sem dúvida invocara a ajuda do Espírito Santo para vencer a raiva que eu lhe despertara, e acreditava que me havia perdoado uma vez mais.

Para a leitura noturna antes das orações, ele escolheu o capítulo 21 do livro do Apocalipse. [220](#) Era sempre agradável ouvir de seus lábios as palavras da Bíblia: sua bela voz nunca soava ao mesmo tempo tão doce e cheia – sua atitude nunca era mais impressionante em sua nobre simplicidade do que quando ele trazia os oráculos de Deus. E naquela noite aquela voz assumiu um tom mais solene – aquela atitude, um significado mais emocionante, enquanto ele se sentava no meio do círculo familiar (a lua de maio entrando pela janela sem cortinas, e tornando quase desnecessária a luz da vela na mesa), enquanto ele se sentava ali, curvado sobre a grande e antiga Bíblia, e descrevia, na leitura, a visão do novo paraíso e da nova terra. Dizia como Deus desceria para viver com os homens, como enxugaria todas as lágrimas de seus rostos, e prometia que não haveria mais morte, ou tristeza, ou lágrimas, ou mais dor, porque todas essas coisas haviam passado.

As palavras seguintes me emocionaram de maneira estranha quando ele as pronunciou: especialmente quando senti, por uma leve e indescritível alteração no som, que seus olhos tinham se voltado para mim.

– “O vencedor herdará estas coisas; eu serei o seu Deus, e ele será meu filho. Mas” – ele lia de maneira lenta e distinta – “quanto aos medrosos, e aos incrédulos ... sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte.” [221](#)

E então eu soube que destino St. John temia que eu tivesse.

O triunfo calmo e contido, misturado a uma sinceridade melancólica, marcou a leitura dos últimos gloriosos versículos daquele capítulo. O leitor acreditava que seu nome já estava escrito no livro da vida do Cordeiro, [222](#) e desejava a hora que haveria de admiti-lo na cidade aonde os reis da terra levam sua glória e sua honra, e que não precisa do brilho do sol ou da lua, porque a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é sua luz.

Na oração que se sucedeu à leitura, toda a sua energia foi empenhada – todo o seu zelo rigoroso despertou: ele estava travando uma luta honesta com Deus, e decidido a triunfar. Suplicou força para os fracos de coração, orientação para os que se desviavam do rebanho; um regresso, mesmo no momento derradeiro, daqueles que as tentações do mundo da carne estavam atraindo para longe do caminho do bem. Ele pediu, intimou, reivindicou a bênção de um tição tirado do fogo. [223](#) A sinceridade é sempre muito solene: primeiro, enquanto escutava aquela oração, espantei-me com ela; depois, quando continuou a crescer, fiquei tocada, e por fim maravilhada. St. John sentia a grandeza e a bondade do seu propósito com tanta clareza que os outros, ao ouvi-lo implorar em seu nome, não podiam deixar de sentir o mesmo.

Finda a oração, nós o deixamos. Ele partiria muito cedo pela manhã. Depois de beijá-lo, Diana e Mary saíram da sala, obedecendo, acho, a uma sussurrada sugestão sua. Eu lhe estendi a mão e desejei uma boa viagem.

– Obrigado, Jane. Como disse, volto de Cambridge em duas semanas, e esse tempo ainda está disponível para você refletir. Se eu desse ouvidos ao orgulho humano, não lhe diria mais nada sobre o casamento, mas o que ouço é o meu dever, e não perco de vista meu objetivo primordial: fazer tudo em nome da glória de Deus. Meu Senhor sofreu durante muito tempo: eu também sofrerei. Não posso abandoná-la à perdição como recipiente da ira: arrependa-se, tome sua decisão enquanto ainda há tempo. Lembre-se, somos exortados a trabalhar enquanto ainda é dia, e advertidos de que logo “vem a noite, quando ninguém pode trabalhar”. [224](#) Lembre-se do destino do rico, que teve suas coisas boas em vida. [225](#) Deus lhe deu forças para escolher a melhor parte, a que não será levada de você!

Ele colocou a mão na minha cabeça ao dizer essas últimas palavras. Falara de maneira honesta e suave: sua expressão não era, de fato, a de um amante

contemplando sua amada, mas de um pastor chamando de volta sua ovelha perdida – ou ainda, de um anjo da guarda cuidando da alma pela qual é responsável. Todos os homens talentosos, quer sejam sentimentais ou não, quer sejam fanáticos ou aspirantes ou déspotas, contanto que sejam sinceros, têm seus momentos sublimes, em que dominam os outros e reinam. Eu senti veneração por St. John – uma veneração tão intensa que sua força me lançou imediatamente ao ponto que eu por tanto tempo evitara. Fiquei tentada a parar de lutar contra ele, a me deixar levar pela torrente da sua vontade até o golfo da sua existência, e ali perder a minha própria. Estava quase tão envolvida por ele como estivera antes, de modo diferente, por outro homem. Fui uma tola nas duas vezes. Ter cedido antes seria um erro de princípios; ceder agora seria um erro de julgamento. Assim penso hoje, quando olho para essa crise através da mediação tranquila do tempo: eu não tinha consciência da insensatez naquele instante.

Fiquei imóvel sob o toque do meu mestre. Minhas recusas foram esquecidas; meus medos, dominados; minha luta, interrompida. O Impossível – ou seja, meu casamento com St. John – estava rapidamente se tornando o Possível. Tudo mudava completamente, numa avalanche. A religião chamava, os Anjos acenavam, Deus ordenava – a vida se enrolava como um pergaminho, ²²⁶ os portões da morte se abrindo e mostrando a eternidade para além deles: em nome da segurança e do êxtase que havia ali tudo poderia ser sacrificado em um segundo. A sala quase escura estava repleta de visões.

– Você pode decidir agora? – perguntou o missionário.

A pergunta foi feita num tom suave. Ele me puxou para si com a mesma suavidade. Ah, aquela suavidade! Como é tão mais potente que a força! Eu poderia resistir à ira de St. John; tornava-me flexível como juncos diante da sua gentileza. Ainda assim, sabia o tempo todo que se cedesse naquele momento seria coagida a me arrepender, algum dia, da minha contestação anterior. Sua natureza não tinha sido modificada por uma hora de solene oração: apenas tinha se elevado.

– Eu poderia decidir se tivesse certeza – respondi. – Se estivesse convencida de que a vontade de Deus é que eu me case com você, juraria me casar aqui e agora, não importando o que acontecesse depois!

– Minhas preces foram ouvidas! – exclamou St. John.

Ele pressionou a mão com mais força sobre a minha cabeça, como se me reivindicasse. Envolveu-me com seu braço, *quase* como se me amasse (digo *quase* – sabia a diferença – pois sentira o que era ser amada; mas, como ele, eu agora tirara o amor do caminho, e pensava somente no dever). Lutei contra minha visão obscurecida, diante da qual nuvens ainda corriam. Eu desejava sincera, profunda e ardente mente fazer o que era correto, e apenas isso. “Mostre-me, mostre-me o caminho!”, implorei aos Céus. Estava mais exaltada do que nunca, e se o que se seguiu foi efeito da exaltação, o leitor há de julgar.

A casa inteira ainda estava quieta, pois acredito que todos, exceto St. John e eu, tinham se retirado para descansar. A única vela estava morrendo, a sala tomada pelo luar. Meu coração batia depressa e com força: podia ouvir seu palpitar. Subitamente, congelou-se com uma sensação inexpressível que o percorreu e passou de imediato à minha cabeça e às minhas extremidades. Não foi um choque elétrico, mas igualmente aguda, estranha e alarmante: aos meus sentidos, foi como se sua mais intensa atividade até então tivesse sido puro torpor, do qual agora eram chamados e obrigados a despertar. Tomados de expectativa, acordaram: os olhos e os ouvidos aguardavam, enquanto a carne tremia sobre meus ossos.

– O que você ouviu? O que está vendo? – perguntou St. John.

Eu não via nada, mas ouvi uma voz gritar, em algum lugar: “Jane! Jane! Jane!” – nada mais.

– Ah, Deus! O que é isso? – perguntei, ofegante.

Eu bem poderia ter dito “de onde vem isso?”, pois não parecia estar na sala, nem na casa, nem no jardim; não vinha do ar, nem de baixo da terra, nem do céu. Eu ouvira – onde, vinda de onde, impossível saber! E era a voz de um ser humano – uma voz conhecida, amada e tão bem recordada –, a voz de Edward Fairfax Rochester, e falava em meio à dor e ao sofrimento, de maneira violenta, misteriosa e urgente.

– Estou a caminho! – exclamei. – Espere por mim! Ah, estou a caminho!

Saí correndo até a porta e olhei o corredor: estava escuro. Corri até o jardim: estava deserto.

– Onde o senhor está? – exclamei.

As colinas atrás de Marsh Glen me devolveram debilmente a resposta,

“Onde o senhor está?”. Escutei. O vento assobiava baixo entre os abetos. Tudo era a solidão da charneca e a quietude da meia-noite.

– Afaste-se, maldição! – ordenei diante do espectro, que se erguia negro junto ao teixo negro no portão. – Isto não é ilusão sua, ou feitiço seu: é o trabalho da natureza. Ela foi despertada e fez não um milagre, mas o melhor que podia.

Libertei-me de St. John, que me seguira e que teria me detido. Era *minha* vez de assumir o controle. *Meus* poderes estavam em ação, e preponderantes. Disse-lhe que não fizesse perguntas ou comentários; queria que me deixasse: precisava ficar sozinha, e sozinha ficaria. Ele obedeceu de imediato. Onde há energia para dar ordens a obediência nunca falha. Subi até o meu quarto, tranquei-me ali, caí de joelhos e rezei à minha maneira – uma maneira diferente da de St. John, mas efetiva, a seu modo. Tive a impressão de chegar muito perto de um Poderoso Espírito, e minha alma se prostrou aos seus pés com gratidão. Levantei-me dessa ação de graças, tomei uma decisão e me deitei, sem medo, iluminada, ansiosa para que o dia raiasse.

[218](#) . Referência a Mateus: “Então Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete? Jesus lhe disse: Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete” (18:21-22).

[219](#) . Calcutá foi fundada como entreposto comercial da Companhia das Índias Ocidentais e foi capital da Índia britânica entre 1773 e 1911. A ideia de ser “assada viva” remonta ao ritual do sati (ver nota 158).

[220](#) . O capítulo 21 do Apocalipse de São João versa sobre a glória posterior ao Juízo Final.

[221](#) . Apocalipse 21:7-8.

[222](#) . Menção a Apocalipse: “E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro” (21:27).

[223](#) . Lê-se em Amos: “Subverti a alguns dentre vós, como Deus subverteu a Sodoma e Gomorra, e vós fostes como um tição arrebatado do incêndio; contudo não vos convertestes a mim, disse o Senhor. Portanto, assim te farei, ó Israel! E porque isso te farei, prepara-te, ó Israel, para te encontraras com o teu Deus” (4:11-12).

[224](#) . Menção a João: “Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (9:3-5).

[225](#) . Cf. Lucas 16:19-31.

[226](#) . Referência a Isaías: “E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira” (34:4).

CAPÍTULO 36

O DIA RAIOU. Levantei-me com a aurora. Fiquei durante uma hora ou duas arrumando as coisas em meu quarto, em minhas gavetas e meu guarda-roupa, como desejava deixá-las durante uma breve ausência. Enquanto isso, ouvi St. John sair do seu quarto. Ele parou diante da minha porta. Eu temia que fosse bater – não, mas um pedaço de papel passou por baixo da porta. Apanhei. Trazia estas palavras:

“Você me deixou abruptamente demais ontem à noite. Se ficasse um pouco mais, teria colocado a mão na cruz cristã e na coroa do anjo. Espero sua decisão cristalina quando regressar, daqui a duas semanas. Enquanto isso, fique atenta e reze para não cair em tentação. O espírito, acredito, está bem disposto, mas a carne, pelo que vejo, é fraca. [227](#) Rezarei por você a cada hora. Afetuosamente, St. John.”

“Meu espírito”, respondi mentalmente, “está disposto a fazer o que é correto, e minha carne, espero que tenha força suficiente para realizar a vontade dos Céus, quando eu souber com clareza qual é essa vontade. De todo modo, será forte o suficiente para procurar, para inquirir, para tatear em busca de uma saída dessa nuvem de dúvida, e encontrar o dia claro da certeza.”

Era o primeiro dia de junho, mas a manhã estava nublada e fria: a chuva batia forte sobre a gelosia da minha janela. Ouvi a porta da frente se abrir e St. John sair. Olhando pela janela, pude vê-lo atravessar o jardim. Ele tomou o caminho que ia pela charneca coberta pela neblina na direção de Whitcross; ali tomaria a diligência.

“Daqui a poucas horas vou segui-lo nesse caminho, primo”, pensei. “Também preciso tomar uma diligência em Whitcross. Também tenho algo que ver e que procurar na Inglaterra, antes de partir para sempre.”

Ainda faltavam duas horas para o desjejum. Preenchi esse intervalo

caminhando quieta pelo quarto, pensando na visita que dera esse novo rumo aos meus planos. Evoquei a sensação que experimentara – pois podia evocá-la, com toda a sua indizível estranheza. Lembrei-me da voz que ouvira; mais uma vez me perguntei de onde vinha, tão em vão quanto antes: parecia estar em *mim* – não no mundo real. Perguntei se teria sido uma mera impressão nervosa, uma ilusão. Não conseguia imaginar, ou acreditar em algo assim: era mais como uma inspiração. O maravilhoso choque de sentimento viera como o terremoto que sacudiu as fundações da prisão de Paulo e Silas;²²⁸ abrira as portas da cela da alma e afrouxara seus grilhões – acordara-a de seu sono, do qual ela saltara trêmula, atenta, aterrada; então por três vezes um grito ecoara em meus ouvidos alarmados, e em meu coração vacilante e através do meu espírito, que não se temia, mas exultava como se tomado pela euforia de ter alcançado um sucesso, fruto de muito esforço.

– Em poucos dias – eu disse, ao terminar minhas reflexões –, saberei algo sobre ele, cuja voz pareceu me chamar ontem à noite. As cartas foram inúteis... investigações feitas pessoalmente vão substituí-las.

Durante o desjejum, anunciei a Diana e Mary que partiria numa viagem, em que ficaria fora durante pelo menos quatro dias.

– Sozinha, Jane? – elas perguntaram.

Sim, era para tentar saber notícias de um amigo a respeito de quem eu andava preocupada ultimamente.

Elas poderiam ter dito, como sem dúvida pensaram, que achavam que eu não tinha outros amigos além delas, pois de fato eu dizia aquilo com alguma frequência. Contudo, demonstrando sua verdadeira delicadeza natural, abstiveram-se de fazer qualquer comentário, e Diana somente me perguntou se eu tinha certeza de que estava me sentindo bem o suficiente para viajar. Eu parecia muito pálida, ela observou. Respondi que nada me afligia exceto a ansiedade da mente, para a qual eu esperava em breve encontrar alívio.

Foi fácil tomar as providências seguintes, pois não fui perturbada por perguntas ou suposições. Tendo lhes explicado que por enquanto eu não poderia falar muito sobre os meus planos, elas aquiesceram com gentileza e sabedoria ao silêncio com o qual eu os levei a cabo, concedendo-me o privilégio da liberdade que eu lhes teria, sob circunstâncias similares, dado.

Deixei Moor House às três da tarde, e pouco depois das quatro estava junto

ao poste em Whitcross, aguardando a diligência que me levaria para a distante Thornfield. Em meio ao silêncio daquelas estradas solitárias e colinas desertas, pude ouvi-la se aproximar desde muito longe. Era o mesmo veículo do qual um ano antes eu descera, numa noite de verão, naquele exato lugar – tão desolada e desesperançosa e sem um objetivo! A diligência parou ao meu sinal. Entrei, agora não mais obrigada a me desfazer de tudo o que tinha para pagar por um lugar. Outra vez na estrada para Thornfield, sentia-me como um pombo-correio voando para casa.

Foi uma viagem de trinta e seis horas. Partira de Whitcross numa tarde de terça-feira, e cedo na manhã da quinta seguinte a diligência parou para dar água aos cavalos numa estalagem à beira da estrada, no meio de um cenário cujas sebes verdes e amplos campos e suaves colinas pastoris (como eram suaves e verdejantes se comparadas à severa charneca do norte, em Morton!) encontraram meus olhos como os traços de um rosto outrora familiar. Sim, eu conhecia aquela paisagem: tinha certeza de que estávamos perto do meu destino.

– Qual a distância daqui a Thornfield Hall? – perguntei ao rapaz da estrebaria.

– Só mais três quilômetros, madame, pelos campos.

“Minha jornada chegou ao fim”, pensei comigo mesma. Saí da diligência, deixei minha mala aos cuidados do encarregado, para que a guardasse até eu mandar buscá-la, paguei o que devia, dei uma gratificação ao cocheiro e me pus a caminho. O dia claro brilhava na placa da estalagem, e li, em letras douradas: *The Rochester Arms*. Meu coração saltou de alegria: eu já estava nas terras do meu senhor. Mas afundou outra vez: ocorreu-me o pensamento de que...

“Seu senhor pode muito bem estar do outro lado do canal da Mancha, pelo que você sabe: e, se estiver em Thornfield Hall, para onde você vai com tanta pressa, quem além dele estará lá? Sua esposa louca. E você não tem nenhum assunto a tratar com ele: não ousa falar ou aparecer diante dele. Perdeu seu tempo – é melhor não seguir adiante. Peça informações às pessoas na estalagem; elas podem lhe dizer tudo que precisa saber: podem acabar com suas dúvidas imediatamente – instou-me meu conselheiro. “Vá falar com aquele homem, e lhe pergunte se o sr. Rochester está em casa.”

A sugestão era sensata, mas eu não conseguia segui-la. Temia a resposta que haveria de me esmagar no desespero. Prolongar a dúvida era prolongar a esperança. Eu poderia mais uma vez ver a mansão sob a luz da sua estrela. Ali estava a escadinha na cerca, diante de mim – os mesmos campos pelos quais correra, cega, surda, enlouquecida com uma fúria vingativa que me seguia e me flagelava na manhã em que fugi de Thornfield. Antes mesmo que soubesse que caminho iria tomar, estava no meio deles. Como andava depressa! Como corria, às vezes! Como aguardava ansiosa a primeira visão daqueles bosques tão conhecidos! Com que sentimentos eu saudava árvores que conhecia, e os vislumbres familiares de campos e colinas entre elas!

Por fim a floresta surgiu; o viveiro de gralhas estava apinhado, e um alto grasnido rompeu o silêncio da manhã. Uma estranha alegria me inspirava: apressei-me. Atravessei mais um campo, segui pelos meandros de mais um caminho, e ali estavam os muros do pátio, as dependências dos fundos. A casa em si ainda estava oculta pelo viveiro de gralhas. “Minha primeira visão será da frente”, decidi, “onde suas intrépidas ameias encontrarão imponentes e de uma só vez meu olhar, e onde posso divisar a janela do meu senhor. Talvez ele esteja de pé diante dela – acorda cedo. Talvez esteja agora caminhando no pomar, ou na calçada da frente. Se eu pudesse apenas vê-lo! Por um momento que fosse! E nesse caso eu não iria cometer a loucura de correr até ele? Não sei dizer – não tenho certeza. E se fizesse isso – e então? Que Deus o proteja! E então? Não faria mal a ninguém se eu pudesse sentir mais uma vez a vida que o olhar dele é capaz de me dar. Estou delirando: talvez neste momento ele esteja vendo o sol nascer sobre os Pirineus, ou no mar calmo do sul.”

Eu vinha caminhando junto ao muro baixo do pomar – contornei a quina. Havia um portão ali, abrindo-se para o campo, entre dois pilares de pedra. De trás de um deles eu poderia espiar discretamente e ver toda a frente da mansão. Avancei a cabeça com precaução, desejosa de descobrir se a cortina de algum quarto já estava aberta: ameias, janelas, toda a fachada – desse local de observação escondido, estava tudo ao meu dispor.

As gralhas voando lá em cima talvez me observassem enquanto eu espiava. Perguntei-me o que estariam pensando. Deviam ter me achado muito cuidadosa e tímida no início, gradualmente me tornando bastante ousada e descuidada. Uma olhadela, e depois uma longa contemplação; saí então do

esconderijo e fui para o meio da campina, parei de súbito bem em frente à grande mansão, com um olhar demorado e destemido em sua direção. “Que insegurança fingida foi aquela no início?”, elas poderiam ter se perguntado, “e que descuido idiota é esse agora?”

Ouça uma alegoria, leitor.

Um amante encontra sua amada adormecida na beira de um rio; deseja ver por um instante seu rosto sem acordá-la. Caminha suavemente sobre a grama, cuidando em não fazer barulho; ele para – acreditando que ela se mexeu. Recua – não quer de modo algum que ela o veja. Tudo está quieto. Mais uma vez ele avança, debruça-se sobre ela; um leve véu cobre o seu rosto: ele o remove, abaixa-se ainda mais: agora seus olhos anseiam por uma visão da beleza – cálida, plena e adorável, em repouso. Que apressado foi seu primeiro olhar! Mas como estremece! Como se sobressalta! Como agarra com os dois braços, súbita e veementemente, aquela que há um minuto não usava tocar com o dedo! Como ele chama seu nome em voz alta, e a deixa cair, e a contempla desesperado! Ele a abraça e grita e olha fixamente, porque já não teme acordá-la com qualquer ruído que possa fazer – com qualquer movimento que possa fazer. Pensava que sua amada dormia docemente; descobre que ela está morta.

Eu olhara com receosa alegria em busca de uma casa imponente; vi uma ruína enegrecida.

Não havia, de fato, necessidade alguma de me esconder atrás de uma pilastra! De temer ser descoberta por alguém ao espiar pelas gelosias dos cômodos! Não havia necessidade de ficar atenta ao ruído de portas se abrindo, de imaginar passos na calçada ou no caminho de cascalho! O gramado e o jardim estavam pisoteados e arruinados; o portal, aberto e vazio. A fachada, como eu vira num sonho, não passava de um muro semelhante a uma casca, muito alto e de aspecto muito frágil, perfurado por janelas sem vida. Não havia telhado, nem ameias, nem chaminés – tudo ruíra.

Reinava um silêncio de morte por toda parte, a solidão de um ermo desabitado. Não era de se admirar que cartas endereçadas àquele lugar nunca tivessem recebido uma resposta: daria no mesmo escrever para uma tumba numa igreja. O negrume soturno das pedras dizia o que destruíra a mansão – um incêndio. Mas como começara? Que história teria esse desastre? Que

perdas, além de argamassa e mármore e madeira, haviam sido sofridas? Vidas também tinham sido arruinadas, além da propriedade? Sendo o caso, quais? Pergunta aterradora: não havia ninguém ali para respondê-la – nem mesmo um aviso, uma placa muda.

Caminhando a esmo em volta das paredes destruídas e pelo interior devastado, comprovei que a calamidade não tinha acontecido recentemente. As neves do inverno, pensei, tinham soprado por aquele arco aberto, as chuvas martelado aqueles caixilhos ocos; pois, em meio às pilhas ensopadas de escombros, a primavera fizera crescer vida: grama e outras ervas brotavam aqui e ali em meio às pedras e vigas caídas. Ah! E onde, enquanto isso, estava o desafortunado proprietário daquela ruína? Em que terras? Sob que auspícios? Meus olhos vagaram involuntariamente até a igreja cinzenta próxima aos portões, e perguntei: “Estará ele com Damer de Rochester, compartilhando o abrigo de sua estreita casa de mármore?”

Alguma resposta teria que ser encontrada para essas perguntas. Não havia outro lugar onde procurá-la além da stalagem, e para lá, sem muita demora, regressei. O próprio dono trouxe meu desjejum. Pedi que ele fechasse a porta e se sentasse: tinha algumas perguntas a lhe fazer. Mas quando ele me atendeu eu mal sabia como começar, tamanho era o horror que sentia dos possíveis desfechos. E no entanto o espetáculo da desolação que eu acabara de presenciar me preparara, em certa medida, para uma história de sofrimento. O dono da stalagem era um homem de meia-idade e aparência respeitável.

– Conhece Thornfield Hall, presumo? – consegui dizer, por fim.

– Sim, senhora; vivi lá no passado.

– É mesmo?

“Não na minha época”, pensei, “é um estranho para mim.”

– Eu era o mordomo do falecido sr. Rochester – ele acrescentou.

O falecido! Eu parecia ter recebido, com toda a força, o golpe do qual estivera tentando escapar.

– O falecido! – arquejei. – Ele morreu?

– Refiro-me ao pai do atual cavalheiro, sr. Edward – ele explicou.

Voltei a respirar, meu sangue voltou a correr. Aquelas palavras me

asseguravam que o sr. Edward – o *meu* sr. Rochester (que Deus o abençoasse, onde quer que ele estivesse!) vivia pelo menos; era, em poucas palavras, “o atual cavalheiro”. Palavras de alegria! Eu sentia que poderia ouvir tudo o que se seguisse, fossem quais fossem as revelações, com alguma tranquilidade. Já que ele não estava no túmulo, eu poderia, achava, ficar sabendo que estava nas Antípodas. [229](#)

– O sr. Rochester está em Thornfield Hall? – perguntei, sabendo naturalmente qual seria a resposta, mas ainda assim desejando protelar a pergunta sobre seu real domicílio.

– Não, senhora... ah, não! Ninguém está morando lá. Suponho que não seja daqui, ou teria ficado sabendo do que aconteceu no outono passado. Thornfield Hall está em ruínas: pegou fogo mais ou menos na época da colheita. Uma calamidade! Uma imensa quantidade de bens valiosos destruídos. Quase nada da mobília pôde ser salvo. O fogo começou no meio da noite, e antes que os bombeiros chegassesem de Millcote a casa inteira estava em chamas. Foi um terrível espetáculo: eu mesmo o testemunhei.

– No meio da noite! – murmurei. Sim, aquela era sempre a hora das fatalidades em Thornfield. – Sabe-se como começou?

– Fizeram suposições, senhora: suposições. Na verdade, eu diria que não restaram dúvidas. A senhora talvez não saiba – ele continuou, aproximando a cadeira um pouco mais da mesa, falando mais baixo – que havia uma mulher... uma... uma louca na casa?

– Ouvi dizer algo assim.

– Ela ficava presa, madame. Durante muitos anos as pessoas nem tinham certeza absoluta da sua existência. Ninguém: sabiam apenas do rumor de que essa pessoa vivia na mansão, e quem ou o que ela era, difícil conjecturar. Diziam que o sr. Edward a tinha trazido do estrangeiro, alguns acreditavam que havia sido sua amante. Mas algo estranho aconteceu faz um ano... algo muito estranho.

Eu temia, agora, ouvir minha própria história. Tentei trazê-lo de volta ao assunto principal.

– E essa mulher?

– Essa mulher, madame – ele respondeu –, no fim das contas era esposa do

sr. Rochester! A descoberta foi feita da maneira mais inusitada. Havia uma moça, uma educadora, na mansão, por quem o sr. Rochester se...

– Mas o incêndio – sugeriu.

– Vou chegar lá, senhora... por quem o sr. Rochester se apaixonou. Os criados dizem que nunca viram alguém tão apaixonado quanto ele: ficava o tempo todo atrás dela. Eles observavam... os empregados fazem isso, como sabe, madame... e ele dava a ela mais importância do que a todo o resto. Ninguém além dele a achava muito bonita. Era uma coisinha miúda, dizem, quase como uma criança. Eu nunca cheguei a vê-la, mas ouvi Leah, uma das criadas, falar dela. Leah gostava bastante dela. O sr. Rochester tinha seus quarenta anos, e essa jovem nem chegara aos vinte. E a senhora sabe, quando cavalheiros dessa idade se apaixonam por mocinhas, muitas vezes é como se estivessem enfeitiçados. Bem, e ele resolveu se casar com ela.

– Pode me contar essa parte da história em outro momento – eu disse –, mas agora tenho um motivo particular para querer saber tudo sobre o incêndio. As suspeitas foram de que essa louca, a sra. Rochester, teve participação?

– A senhora acertou, madame: é quase certo que tenha sido ela, e ninguém mais, quem começou o incêndio. Uma mulher chamada sra. Poole cuidava dela, uma mulher muito competente para o trabalho, de confiança, exceto por um defeito... um defeito comum em muitas enfermeiras e senhoras: *tinha sempre com ela uma garrafa de gim*, e de vez em quando exagerava. Perdoável, pois sua vida era dura, mas ainda assim perigoso, pois quando a sra. Poole dormia a sono solto depois do gim com água a louca, que era astuciosa como uma bruxa, pegava as chaves no seu bolso, saía do quarto e perambulava pela casa, fazendo todo tipo de malvadeza que lhe passasse pela cabeça. Dizem que quase queimou o marido na cama dele certa vez, mas quanto a isso nada sei. Contudo, nessa noite, ela pôs fogo nas tapeçarias do quarto anexo ao seu, e depois foi para o andar de baixo e encontrou o quarto que tinha sido da educadora. Era como se ela soubesse, de algum modo, o que tinha acontecido, e tivesse ódio da moça... ateou fogo à cama, mas não havia ninguém dormindo ali, felizmente. A educadora fugira dois meses antes, e, embora o sr. Rochester procurasse por ela como se fosse a coisa mais preciosa que ele tinha no mundo, nunca soube mais nada a seu respeito. Ele ficou descontrolado, realmente descontrolado em sua dor. Nunca foi um

homem fácil, mas se tornou perigoso depois de perdê-la. Passou a viver sozinho. Mandou a sra. Fairfax, a governanta, viver com parentes longe daqui, mas fez isso de maneira justa, estabelecendo para ela um salário anual pelo resto da vida. E ela merecia: era uma mulher muito boa. A srt. Adèle, protegida dele, foi mandada para a escola. E ele cortou todas as suas relações com a nobreza, e se fechou como um eremita na mansão.

– O quê! Ele não foi embora do país?

– Foi embora do país? Por Deus, não! Ele não cruzava a porta da casa, exceto à noite, quando caminhava como um fantasma pelo jardim e pelo pomar, como se tivesse perdido o juízo. O que na minha opinião aconteceu, pois um cavalheiro mais vivaz, arrojado e sagaz do que ele, antes que essa educadora minúscula o decepcionasse assim, a senhora nunca viu, madame. Ele não era um homem dado ao vinho, ou às cartas, ou às corridas, como alguns são, e não era muito bonito, mas tinha uma coragem e uma determinação como poucos. Eu o conhecia desde menino, e de minha parte desejei algumas vezes que essa srt. Eyre tivesse afundado no mar antes de vir para Thornfield Hall.

– Então o sr. Rochester estava em casa quando o incêndio começou?

– Sim, estava, e correu até o sótão enquanto tudo queimava em toda parte, e tirou os criados de suas camas e os ajudou ele próprio a descer, e voltou para tirar a esposa louca da cela. E então gritaram avisando que ela estava no telhado, de pé lá em cima, agitando os braços acima das ameias e gritando até que pudesse ouvi-la a um quilômetro de distância. Eu a vi e ouvi com meus próprios olhos. Ela era uma mulher grande, e tinha longos cabelos negros: sobressaía contra as chamas ao fundo. Eu testemunhei, e várias outras pessoas também, o sr. Rochester subir pela claraboia até o telhado; pudemos ouvi-lo chamando “Bertha!”, vimos quando se aproximou dela. Então, madame, ela gritou e deu um salto, e no minuto seguinte estava esborrachada no chão.

– Morta?

– Morta! Morta como as pedras sobre as quais seus miolos e seu sangue se espalharam.

– Deus do céu!

– A senhora bem pode dizer isso, madame: foi assustador!

Ele estremeceu.

– E depois? – insisti.

– Bem, madame, depois disso a casa inteira queimou: restaram apenas alguns pedaços de parede.

– Outras vidas se perderam?

– Não... talvez até teria sido melhor.

– O que quer dizer?

– Pobre sr. Edward! – ele exclamou. – Nunca achei que ia ver uma coisa dessas! Alguns dizem que foi um castigo justo por ele ter mantido seu primeiro casamento em segredo e tentado casar-se com outra enquanto tinha uma esposa viva. Mas, de minha parte, tenho pena dele.

– Disse que ele está vivo? – exclamei.

– Sim, sim: está vivo, mas muitos acham que seria melhor se estivesse morto.



By my
mother she
log smashed on the pavement

the last time of

No minuto seguinte estava esborrachada no chão.

– Por quê? Como? – meu sangue congelava outra vez. – Onde ele está? Está na Inglaterra? – perguntei.

– Sim, sim... ele está aqui; não tem como sair do país, imagino... agora não tem mais como viajar.

Que agonia, aquilo! E o homem parecia decidido a prolongá-la.

– Ele está cego como uma pedra – disse, por fim. – Sim, cego como uma pedra, o sr. Edward.

Eu temera coisa pior. Temera que estivesse louco. Reuni forças para perguntar o que causara essa calamidade.

– Foi a sua própria coragem, e, eu poderia dizer, sua bondade, de certo modo, madame: ele não queria deixar a casa até que todos tivessem saído. Ao descer pela grande escadaria, depois que a sra. Rochester se jogara das ameias, houve um grande estrondo... e tudo desmoronou. Ele foi retirado das ruínas vivo, mas muito ferido: uma viga caíra de maneira tal que o protegera parcialmente, mas um dos olhos foi arrancado, e uma das mãos ficou tão esmagada que o sr. Carter, o médico, teve que amputar imediatamente. O outro olho inflamou, e ele perdeu a visão. Agora está realmente desamparado... cego e aleijado.

– Onde ele está? Onde vive agora?

– Em Ferndean, uma casa numa fazenda a cerca de quarenta e cinco quilômetros daqui: um lugar muito desolado.

– Quem está com ele?

– O velho John e sua esposa. Ele não queria a companhia de mais ninguém. Está bastante abatido, dizem.

– O senhor tem algum tipo de transporte?

– Temos uma carruagem, madame, uma carruagem muito bonita.

– Mande aprontá-la imediatamente, e se o seu mensageiro puder me levar a Ferndean ainda hoje, antes que escureça, pago tanto ao senhor quanto a ele o dobro do que costumam cobrar.

227 . As palavras atribuídas a Jesus Cristo – “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” – são mencionadas nos Evangelhos de Mateus (26:41) e Marcos (14:38).

228 . “E, perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam. E de repente sobreveio um tão grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram, e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de todos” (Atos, 16:25-26). Ambos estavam detidos na prisão de Filipos por pregação da fé cristã.

229 . Em geografia, as Antípodas de qualquer ponto na terra se encontram no extremo diametralmente oposto. Para a Europa, tradicionalmente, as “Antípodas” são a Austrália e a Nova Zelândia; seus habitantes são os “antipodianos”.

CAPÍTULO 37

FERNDEAN ERA UMA CONSTRUÇÃO consideravelmente antiga, de tamanho modesto e sem pretensões arquitetônicas, escondida no fundo de uma floresta. Já ouvira falar dela antes. O sr. Rochester mencionava-a com frequência, e às vezes ia até lá. Seu pai comprara a propriedade para caçar. Teria alugado a casa, mas não conseguiu encontrar nenhum inquilino, em vista de sua localização remota e pouco salubre. Ferndean permaneceu então desabitada e sem mobília, à exceção de dois ou três cômodos preparados para acomodar o proprietário quando ele a visitava, na temporada de caça.

A essa casa eu cheguei pouco antes que escurecesse, num fim de tarde marcado por um céu triste, um vento frio e uma chuva fina, prolongada e penetrante. O último quilômetro percorri a pé, dispensando a carroagem e o cocheiro com a remuneração dobrada que prometera. Mesmo a tão pouca distância da casa nada se podia ver dela, tão fechada e escura era a floresta ao redor. Portões de ferro entre pilares de granito me mostraram por onde entrar, e, passando por eles, vi-me mais uma vez na penumbra da vegetação densa. Havia uma trilha coberta de mato descendo pela floresta entre troncos nodosos e acinzentados, e sob arcos formados pelos galhos. Por ali segui, esperando logo encontrar a casa, mas o caminho seguia, avançava sinuoso cada vez mais longe. Não havia sinal visível de qualquer construção.

Pensei ter tomado um caminho errado e estar perdida. A escuridão do crepúsculo se fechava ao meu redor. Olhei para os lados em busca de outra trilha. Não havia: tudo eram galhos entrelaçados, troncos maciços, a densa folhagem do verão – nenhuma abertura em parte alguma.

Prossegui: por fim o caminho se abriu, as árvores se dispersaram um pouco; logo vi uma cerca, e depois a casa – que mal podia, com aquela pouca luz, distinguir das árvores, de tão úmidas e verdes eram suas paredes apodrecidas. Entrando por um portal fechado apenas por um trinco, vi-me num espaço fechado, junto ao qual a floresta formava um semicírculo. Não

havia flores nem canteiros, apenas um amplo caminho de cascalho circundando um terreno gramado, tudo emoldurado pela floresta. A casa tinha dois frontões pontudos na frente; as janelas eram estreitas e cobertas por gelosias. A porta também era estreita, e um degrau levava a ela. A casa parecia, como dissera o dono do Rochester Arms, “um lugar muito desolado”. Estava silencioso como uma igreja em dia de semana; a chuva tamborilando nas folhas era o único som audível nas imediações.

“Haverá vida aqui?”, perguntei-me.

Sim, algum tipo de vida havia, pois ouvi um movimento – a estreita porta da frente se abria, e alguém estava prestes a sair da casa.

A porta se abriu devagar. Uma pessoa saiu para o crepúsculo e ficou de pé no degrau – um homem sem chapéu. Estendeu a mão para sentir se chovia. Mesmo escuro como estava, pude reconhecê-lo; era o meu senhor, Edward Fairfax Rochester, ninguém mais.

Detive meus passos e preendi a respiração, parando para observar – para examiná-lo, eu mesma sem ser vista e, ai de mim!, invisível para ele. Foi um encontro repentino, em que o êxtase recuou diante da dor. Não tive dificuldade em conter um grito, nem meus passos.

Ele ainda tinha a mesma compleição forte e robusta: o porte ainda ereto, o cabelo ainda preto como azeviche. Tampouco estavam os traços do seu rosto alterados ou afundados. No espaço de um ano, o que quer que tivesse sofrido, sua força atlética não havia sido prejudicada, nem seu perfeito porte destruído. Mas captei uma mudança: sua expressão era desesperada e meditativa, e me lembrava algum animal ou pássaro selvagem aprisionado, do qual era perigoso se aproximar em seu taciturno sofrimento. A águia engaiolada, cujos olhos dourados a残酷地 extinguíram, poderia ter o mesmo aspecto daquele Sansão cego.²³⁰

E pensa, leitor, que eu o temi em sua ferocidade cega? Se acha que sim, pouco me conhece. À minha tristeza se mesclava a doce esperança de que eu logo ousaria pousar um beijo naquela testa de pedra, naqueles lábios selados de maneira tão rígida; mas ainda não. Eu ainda não iria abordá-lo.

Ele desceu o único degrau e avançou devagar, tateando o caminho, na direção do gramado. Onde estavam agora seus passos largos e destemidos? Então ele parou, como se não soubesse para onde se virar. Ergueu a mão e

abriu as pálpebras; lançou um olhar vazio, com um grande esforço, para o céu e o anfiteatro de árvores: para ele era tudo escuridão vazia. Estendeu a mão direita (o braço esquerdo, que havia sido mutilado, ele mantinha recolhido junto ao peito); parecia desejar, através do toque, ter uma ideia do que havia ao seu redor. Mas só o que encontrava era o vazio, pois as árvores estavam a alguns metros dali. Desistiu da tentativa, cruzou os braços e ficou parado, mudo, sob a chuva, que agora caía forte sobre sua cabeça descoberta. Nesse momento, John se aproximou.

– Quer segurar o meu braço, senhor? – disse ele. – Uma chuva forte está se aproximando. Não quer entrar?

– Deixe-me sozinho – foi a resposta.

John foi embora, sem ter me visto. O sr. Rochester agora tentava caminhar: em vão – tudo era incerto demais. Tateou seu caminho de volta para a casa e, entrando, fechou a porta.

Eu então me aproximei e bati: a esposa de John abriu.

– Mary – eu disse –, como vai você?

Ela se sobressaltou, como se tivesse visto um fantasma. Acalmei-a. Ao seu apressado “É mesmo a senhorita, chegando tão tarde a este lugar solitário?” respondi segurando sua mão, e então a acompanhei até a cozinha, onde John agora estava sentado junto a um agradável fogo. Expliquei-lhes, em poucas palavras, que soubera tudo o que acontecera desde que eu deixara Thornfield, e que viera ver o sr. Rochester. Pedi que John fosse até uma barreira na estrada, onde eu descera da carruagem, e trouxesse meu baú, que eu deixara lá. E então, enquanto eu tirava meu chapéu e meu xale, perguntei a Mary se poderia me acomodar em Manor House naquela noite; e, vendo que, embora difícil, não seria impossível, informei-lhe que ficaria. Nesse momento, a sineta da sala de estar tocou.

– Quando for até lá – eu lhe pedi –, diga ao seu senhor que alguém deseja falar com ele, mas não diga meu nome.

– Não acho que ele vá vê-la – ela respondeu –; recusa-se a receber qualquer visita.

Quando ela voltou, perguntei-lhe o que ele dissera.

– Devo informar o seu nome e qual o assunto – respondeu ela. Foi então

encher um copo d'água e colocá-lo numa bandeja, junto com velas.

– Foi para isso que ele a chamou? – perguntei.

– Sim: ele sempre pede velas quando escurece, embora seja cego.

– Dê-me a bandeja; eu levo.

Peguei-a de sua mão, ela me indicou a porta. A bandeja tremia enquanto eu a segurava; a água derramou. Meu coração batia forte e rápido. Mary abriu a porta para mim, e fechou depois que entrei.

A sala estava sombria: um fogo descuidado queimava baixo na lareira, e, debruçado sobre ele, com a cabeça apoiada na moldura alta e antiquada, estava o ocupante cego do aposento. Seu cachorro, Pilot, estava deitado num canto, fora do caminho e enroscado como se temesse que inadvertidamente pisassem nele. Pilot levantou as orelhas quando entrei, deu um salto com um latido e um ganido, e veio pulando em minha direção. Quase derrubou a bandeja das minhas mãos. Sentei-me diante da mesa, acariciei-o e disse suavemente:

– Deitado!

O sr. Rochester virou-se mecanicamente para ver o que era aquela comoção. Mas, como não via de fato nada, virou as costas outra vez e suspirou.

– Dê-me a água, Mary – ele disse.

Aproximei-me com o copo agora só pela metade. Pilot me seguiu, ainda agitado.

– Qual é o problema? – ele perguntou.

– Deitado, Pilot! – repeti.

Ele interrompeu o gesto de levar a água aos lábios, e ficou escutando atento: bebeu, por fim, e colocou o copo de volta.

– É você, Mary, não é?

– Mary está na cozinha – respondi.

Ele estendeu a mão num gesto rápido, mas, sem ver onde eu estava, não me tocou.

– Quem é? Quem é? – perguntou, tentando, ao que parecia, *enxergar* com aqueles olhos cegos... tentativa inútil e angustiante! – Responda, fale de

novo! – ele ordenou, falando alto e de maneira autoritária.

– Quer um pouco mais de água, senhor? Derramei metade do que havia no copo – eu disse.

– *Quem* é você? *O que* é você? Quem está falando?

– Pilot me conhece, e John e Mary sabem que estou aqui. Cheguei esta tarde – respondi.

– Deus do céu!... Que alucinação estou tendo? Que deliciosa loucura tomou conta de mim?

– Não é alucinação e não é loucura: sua cabeça, senhor, é forte demais para alucinações, e sua saúde boa demais para um ataque.

– E onde está essa pessoa que fala? É somente uma voz? [231](#) Ah, *não posso* ver, mas tenho que sentir, ou meu coração vai parar e meu cérebro explodir. O que quer que você seja, quem quer que você seja, deixe-me tocá-la, ou não poderei mais viver!

Ele tateou ao redor; segurei sua mão e aprisionei-a entre as minhas.

– Os dedos dela! – ele exclamou. – Seus dedos magros e pequeninos! Sendo assim, deve haver mais.

A mão musculosa soltou-se; meu braço foi agarrado, meu ombro, meu pescoço, minha cintura – eu fui entrelaçada e puxada para junto dele.

– É Jane? *O que* é? Esse é o corpo dela, seu tamanho...

– Esta é a sua voz – eu acrescentei. – Ela está inteira aqui: seu coração também. Deus o abençoe, senhor! Estou feliz por estarmos tão perto outra vez.

– Jane Eyre! Jane Eyre! – foi tudo o que ele disse.

– Meu senhor querido – respondi –, é Jane Eyre. Encontrei-o... voltei para o senhor.

– É verdade? Em carne e osso? Minha Jane em pessoa?

– Está tocando em mim, senhor... está me abraçando, e bem apertado. Não sou fria como um cadáver, nem vazia como o ar, sou?

– Minha amada em pessoa! E estes são certamente seus braços, e estas as suas feições; mas não posso ser tão bem-aventurado, depois de todo o meu sofrimento. É um sonho, como os que tive à noite, em que a estreitei uma vez

mais junto ao peito, como faço agora, e a beiei, como agora... e senti que me amava, e tive a certeza de que não iria me deixar.

– E não vou, senhor, deste dia em diante.

– Nunca mais, diz a aparição? Mas eu sempre despertava e via que não passava de um escárnio vazio, e que eu estava desolado e abandonado, minha vida escura, solitária, sem esperanças, minha alma sedenta e proibida de beber, meu coração faminto nunca alimentado. Gentil e suave sonho, aninhado em meus braços agora, você há de voar para longe, como suas irmãs antes de você. Mas me beije antes de ir... abrace-me, Jane.

– Pronto, senhor... pronto!

Pressionei os lábios sobre os seus olhos outrora brilhantes e agora opacos – tirei o cabelo de sua testa e também a beiei. Ele subitamente pareceu despertar: a convicção da realidade de tudo aquilo o conquistara.

– É você? É Jane? Voltou para mim, então?

– Sim.

– Não está morta em algum fosso, debaixo de algum riacho? Definhando como uma miserável entre estranhos?

– Não, senhor! Sou uma mulher independente agora.

– Independente! O que quer dizer com isso, Jane?

– Meu tio na ilha da Madeira morreu, e me deixou cinco mil libras.

– Ah! Isso é algo de ordem prática... real! – ele exclamou. – Eu nunca sonharia com isso. Além do mais, há a voz peculiar dela, que tanto me anima e me enfeitiça, e que é também tão suave. Alegra meu coração arrasado, traz-lhe vida. Ora, Janet! Você é uma mulher independente? Uma mulher rica?

– Bastante rica, senhor. Se não me deixar viver com o senhor, vou construir uma casa para mim perto da sua, e poderá vir se sentar na minha sala quando quiser companhia no fim da tarde.

– Mas como é rica agora, Jane, sem dúvida tem amigos que possam cuidar de você, não precisa se devotar a um cego aleijado como eu.

– Já lhe disse que sou independente, senhor, bem como rica. Sou senhora de mim mesma.

– E vai ficar comigo?

– Certamente... a menos que se oponha. Vou ser sua vizinha, sua enfermeira, sua governanta. Vejo-o solitário: vou lhe fazer companhia, ler para o senhor, caminhar com o senhor, sentar-me com o senhor, servi-lo, ser seus olhos e suas mãos. Tire essa expressão tão melancólica do rosto, meu senhor querido; o senhor não será abandonado enquanto eu viver.

Ele não respondeu. Parecia sério – distraído. Suspirou; entreabriu os lábios como se fosse falar, fechou-os outra vez. Senti-me um pouco constrangida. Talvez eu tivesse deixado as convenções de lado depressa demais, e ele, assim como St. John, achasse aquela insensatez inadequada. Eu na verdade fizera a proposta partindo da ideia de que ele gostaria que eu fosse sua esposa, e me pedisse em casamento: sustentara-me uma expectativa, não menos certa porque não expressa, de que ele iria me querer imediatamente. Mas nenhuma sugestão nesse sentido sendo pronunciada por ele, e sua fisionomia tornando-se mais nublada, subitamente me dei conta de que pudesse estar completamente equivocada, e que talvez fizesse papel de tola sem saber; comecei a sair devagar do seu abraço – mas ele sofregamente me puxou para perto.

– Não, não, Jane. Não vá. Não... Eu pude tocá-la, ouvi-la, sentir o conforto da sua presença, a doçura do seu consolo. Não posso abrir mão dessas alegrias. Pouca coisa me resta... preciso ter você. O mundo pode rir, pode me chamar de absurdo, de egoísta, mas não importa. Minha alma exige você: terá de ser satisfeita, ou há de se vingar mortalmente de seu envoltório.

– Vou ficar com o senhor: isso eu já disse.

– Sim, mas ao dizer que vai ficar comigo você entende uma coisa, e eu outra. Você poderia, talvez, decidir ficar aqui e ser minha ajudante, cuidar de mim como uma gentil enfermeira (pois tem um coração afetuoso e um espírito generoso que a levam a fazer sacrifícios por aqueles de quem se apieda), e isso deveria bastar para mim, sem dúvida. Imagina que eu agora deva nutrir por você apenas sentimentos paternais. É o que pensa? Vamos, diga-me.

– Vou pensar o que o senhor quiser. Ficarei contente em ser só sua enfermeira, se achar melhor.

– Mas não pode ser sempre minha enfermeira, Janet. Você é jovem... deve se casar um dia.

- Não me importo com casamento.
- Mas deveria se importar, Janet. Se eu fosse como antes, tentaria fazer com que se importasse; mas... uma coisa cega!
- Ele voltou ao estado melancólico. Eu, ao contrário, fiquei mais alegre, e recobrei a coragem: aquelas últimas palavras me fizeram enxergar onde estava a dificuldade, e como para mim não era dificuldade alguma senti-me aliviada do meu constrangimento anterior. Passei a um tom mais animado.
- Está na hora de alguém tentar humanizá-lo de novo – eu disse, afastando seu cabelo grosso, que fazia tempos não era cortado –, pois vejo que está se metamorfoseando num leão ou algo do tipo. Tem um falso ar de Nabucodonosor [232](#) dos campos, isso é certo: seu cabelo me lembra penas de águia; se suas unhas cresceram como garras ou não, ainda não reparei.
- Neste braço não tenho nem mão, nem unhas – disse ele, tirando o braço mutilado. – É só um coto... uma visão terrível! Não acha, Jane?
- É uma penavê-lo, e uma pena ver seus olhos, e a cicatriz do fogo em sua testa. E o pior é que se corre o risco de amá-lo demais por tudo isso, pensar bem demais do senhor.
- Achei que você ficaria enojada, Jane, quando visse meu braço e meu rosto com a cicatriz.
- Pensou mesmo? Não diga isso... ou posso acabar dizendo algo que vá considerar aviltante. Agora vou deixá-lo por um instante para aumentar esse fogo e varrer essa lareira. Consegue saber quando o fogo está alto?
- Sim, com o olho direito eu vejo um brilho, uma névoa avermelhada.
- E pode ver as velas?
- Muito levemente... cada uma delas uma nuvem luminosa.
- Pode me ver?
- Não, minha fada: mas sinto-me extremamente grato por poder ouvi-la e senti-la.
- A que horas costuma jantar?
- Nunca janto.
- Mas vai jantar hoje. Estou com fome: deve estar também, imagino, mas não se dá conta.

Chamando Mary, logo tratei de deixar as coisas mais leves. Preparei para ele, do mesmo modo, uma boa refeição. Meu estado de espírito estava exultante, e foi com prazer e naturalidade que conversamos durante o jantar, e por muito tempo depois. Não havia nenhum constrangimento incômodo, nenhuma inibição de alegria e vivacidade com ele; em sua companhia, sentia-me inteiramente à vontade, porque sabia que lhe fazia bem. Tudo o que eu dizia ou fazia parecia consolá-lo ou reavivá-lo. Deliciosa certeza! Trouxe à vida e à luz toda a minha natureza: em sua presença eu vivia de maneira plena, e também ele na minha. Mesmo cego como estava, sorrisos brincavam em seu rosto, a alegria surgiu, os traços ficaram mais suaves e cálidos.



"You are altogether a
hungry being Jane?"

"You are certain of that?"

– Você é mesmo um ser humano, Jane? Tem certeza disso?

Depois do jantar, ele começou a fazer muitas perguntas sobre onde eu estivera, o que andara fazendo, como o encontrara; mas lhe dei apenas respostas muito breves. Era tarde para entrar em detalhes, naquela noite. Além do mais, eu não queria tocar nenhuma corda demasiadamente sensível – abrir alguma nova fonte de emoção em seu coração. Meu único objetivo era alegrá-lo. Alegre, como disse, ele estava, mas ainda assim apenas aos poucos. Se um momento de silêncio interrompesse a conversa, ele ficava inquieto, tocava-me e dizia: “Jane.”

– Você é mesmo um ser humano, Jane? Tem certeza disso?

– Eu sinceramente acredito que sim, sr. Rochester.

– Mas como, nessa noite escura e pesarosa, você pôde surgir tão de repente nesse lugar solitário? Estendi a mão para pegar um copo d’água de uma criada, e ele me foi dado por você. Fiz uma pergunta, esperando que a esposa de John me respondesse, e sua voz falou ao meu ouvido.

– Porque eu vim, no lugar de Mary, com a bandeja.

– E há um encantamento nesta hora que estou passando agora com você. Quem pode dizer que vida escura, terrível e sem esperanças foi aquela em que me arrastei durante meses? Sem fazer nada, sem esperar coisa alguma, deixando que a noite e o dia se confundissem, sentindo somente frio quando deixava o fogo se extinguir, fome quando me esquecia de comer, e também uma tristeza incessante, e, às vezes, um verdadeiro delírio de desejo de contemplar minha Jane outra vez. Sim: desejava que ela me fosse devolvida, muito mais do que a visão que perdi. Como é possível que essa Jane esteja comigo, e diga que me ama? Não vai partir tão subitamente quanto chegou? Temo não encontrá-la mais amanhã.

Uma resposta prática e pouco original, fora da linha de seus próprios pensamentos perturbados, era, eu tinha certeza, a melhor e mais reconfortante nessas condições. Passei o dedo sobre suas sobrancelhas e comentei que tinham sido queimadas, e que eu ia aplicar algo que haveria de fazê-las crescer e ficar tão espessas e negras como antes.

– De que adianta me ajudar seja no que for, espírito bondoso, se, em algum momento fatal, há de me abandonar outra vez, sumindo como uma sombra, sem que eu saiba para onde nem como, e sem que eu possa encontrá-la depois?

– Tem um pente, senhor?

– Para quê, Jane?

– Só para pentear essa juba preta descabelada. Seu aspecto é alarmante, visto assim de perto. Diz que eu sou uma fada, mas o senhor, tenho certeza, está mais para um duende.

– Estou horrível, Jane?

– Muito, senhor; mas sempre foi, como sabe.

– Humpf! A crueldade não a abandonou, por onde quer que você tenha andado.

– E no entanto eu estive com boa gente, muito melhor do que o senhor; gente cem vezes melhor, dotada de ideias e pontos de vista que o senhor nunca nutriu na vida, bem mais refinados e elevados.

– Com quem diabos você esteve?

– Se ficar virando a cabeça desse jeito vai me fazer arrancar seus cabelos, e aí então acho que vai parar de ter dúvidas quanto à minha substancialidade.

– Com quem você esteve, Jane?

– Não vai conseguir tirar essa informação de mim esta noite, senhor; terá que esperar até amanhã. Contar minha história pela metade será, o senhor sabe, uma espécie de garantia de que vou aparecer no café da manhã para terminá-la. A propósito, tenho que me lembrar de não vir somente com um copo d'água: tenho que lhe trazer um ovo, pelo menos, para não mencionar presunto frito.

– Elfo debochado... nascido entre as fadas e criado entre os humanos! Você me faz me sentir como se esses doze meses não tivessem passado. Se Saul [233](#) pudesse ter tido você em lugar de Davi, o espírito mau teria sido exorcizado sem ajuda da harpa.

– Pronto, já está penteadão e decente, senhor. Agora vou deixá-lo: estive viajando pelos últimos três dias, e me sentindo cansada. Boa noite.

– Só uma palavra, Jane: havia somente mulheres na casa onde você esteve?

Eu ri e fui dele, ainda rindo enquanto corria lá para cima. “Boa ideia!”, pensei alegremente. “Vejo que ainda tenho como fazer com que ele abandone sua melancolia por algum tempo.”

Bem cedo na manhã seguinte pude ouvi-lo acordado e ativo, andando de um cômodo para outro. Assim que Mary desceu, ouvi a pergunta:

– A srt. Eyre está aqui?

E depois:

– Em que quarto você a colocou? Estava seco? Ela já se levantou? Vá lhe perguntar se ela precisa de alguma coisa, e quando vai descer.

Desci assim que achei que havia uma perspectiva de desjejum. Entrando na sala muito silenciosamente, pude vê-lo antes que ele descobrisse a minha presença. Era triste, de fato, testemunhar a sujeição daquele vigoroso espírito a uma enfermidade corpórea. Estava sentado em sua cadeira – imóvel, mas não repousando: a expectativa era evidente, e as linhas da agora habitual tristeza marcavam seus traços fortes. Seu rosto fazia pensar num lampião apagado, à espera de ser aceso outra vez. E, ai de mim!, não era ele quem poderia agora acender o brilho da expressão vivaz: dependia de outra pessoa para isso! Eu queria ser animada e espontânea, mas a fragilidade daquele homem forte tocou meu coração. Ainda assim, aproximei-me dele com toda a alegria que me era possível.

– Está uma manhã brilhante e ensolarada, senhor – eu disse. – A chuva passou, e deixou tudo brilhando. Vamos sair para uma caminhada em breve.

Eu acendera o lampião: seu rosto se iluminou.

– Ah, você está mesmo aqui, minha cotovia! ²³⁴ Venha para perto de mim. Você não se foi, não desapareceu? Ouvi um de seus parentes faz uma hora, cantando na floresta, mas sua canção não me trazia música, não mais que os raios do sol nascente. Toda a melodia da terra está concentrada na voz da minha Jane em meus ouvidos, e ainda bem que não sou surdo: toda a luz do sol que consigo sentir é em sua presença.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir aquela confissão de dependência, como se uma águia real, acorrentada a um poleiro, precisasse pedir que um pardal viesse servi-la. Mas eu não ia me permitir ficar

melancólica. Enxuguei as gotas salgadas e fui preparar o desjejum.

A maior parte da manhã foi passada ao ar livre. Levei-o para fora da floresta úmida e selvagem, até alguns campos mais aprazíveis. Descrevia-lhe como eram de um verde brilhante, como as flores e as cercas vivas pareciam renovadas, como o céu estava de um azul cintilante. Busquei um lugar onde ele pudesse se sentar, num recanto escondido e adorável, o toco seco de uma árvore; também não me recusei a deixá-lo, depois que se sentou, colocar-me sobre seus joelhos. Por que haveria de impedir, quando tanto ele quanto eu éramos mais felizes próximos do que separados? Pilot estava do nosso lado, tudo em silêncio. Ele se manifestou subitamente, estreitando-me nos braços:

– Sua cruel desertora! Ah, Jane, o que eu senti quando descobri que você fugira de Thornfield, quando não consegui encontrá-la em parte alguma... depois de vasculhar o seu quarto, constatei que você não levara dinheiro algum, nem nada que pudesse servir como equivalente! O colar de pérolas que eu lhe dera estava intocado na caixa; seus baús estavam amarrados e trancados exatamente como tinham sido preparados para o nosso casamento. O que a minha adorada faria, perguntei-me, sem um centavo? O que ela fez? Conte-me agora.

Comecei então a narrativa da minha experiência no ano anterior. Suavizei consideravelmente o que dizia respeito aos três dias andando a esmo e passando fome, porque ter-lhe contado isso seria infligir uma dor desnecessária. O pouco que falei dilacerou seu fiel coração mais profundamente do que eu gostaria.

Eu nunca deveria tê-lo deixado assim, ele disse, sem nenhum meio de me sustentar: deveria ter dito quais eram minhas intenções. Deveria ter confiado nele: ele nunca haveria de me obrigar a ser sua amante. Por mais violento que pudesse parecer em seu desespero, na verdade ele me amava demais, e com demasiado carinho, para se transformar num tirano. Teria preferido me dar metade da sua fortuna, sem pedir em troca nem mesmo um beijo, a me ver sair pelo mundo sem parentes ou amigos. Eu havia suportado, ele tinha certeza, mais do que lhe confessara.

– Bem, quaisquer que tenham sido os meus sofrimentos, foram muito breves – respondi, e então lhe contei como fora recebida em Moor House, como conseguira o posto de professora na escola etc. O advento da fortuna, a

descoberta dos meus parentes seguiram-se naturalmente. É claro, o nome de St. John Rivers foi pronunciado algumas vezes. Quando terminei, ele foi imediatamente mencionado.

– Esse St. John, então, era seu primo?

– Sim.

– Falou dele com frequência: gosta dele?

– Ele era um homem muito bom, senhor. Gostar dele era inevitável.

– Um homem bom. Isso quer dizer um homem respeitável de cinquenta anos, ou o quê?

– St. John tinha vinte e nove anos, senhor.

– *Jeune encore*, ²³⁵ como dizem os franceses. Ele por acaso é um baixote fleumático e sem graça? Uma pessoa cuja bondade consiste mais na ausência de vícios do que na existência de virtudes?

– Ele é incansavelmente ativo. Vive para objetivos grandiosos e elevados.

– Mas sua cabeça? É fraca, provavelmente? Tem boas intenções, mas você não se impressiona quando o ouve falar?

– Ele fala pouco, senhor; o que diz é sempre certeiro. Sua cabeça é da melhor qualidade, eu não diria impressionável, mas vigorosa.

– Ele é um homem capaz, então?

– Completamente capaz.

– Um homem instruído?

– St. John é um estudioso excelente e talentoso.

– Sua conduta, você disse, é desagradável? Pedante e clerical?

– Não cheguei a mencionar sua conduta, mas, a menos que eu tivesse muito mau gosto, é bastante adequada: ele é polido, calmo e gentil.

– Sua aparência... esqueço-me da descrição que você fez de sua aparência. Uma espécie de cura abrutalhado, meio estrangulado com o colarinho branco, e as pernas de pau metidas em botas de solas grossas, não é isso?

– St. John se veste bem. É um homem bonito: alto, louro, tem olhos azuis e um perfil grego.

– (*Para o lado*) Maldito!... (*Para mim*) Você gostava dele, Jane?

– Sim, sr. Rochester, eu gostava dele, mas isso o senhor já me perguntou.

Percebi, claro, o que ele queria dizer. O ciúme o tomara: cravara nele seu ferrão, mas era uma ferida saudável: uma trégua da presa devoradora da melancolia. Eu não iria, portanto, encantar a serpente tão rápido.

– Talvez prefira não continuar sentada no meu colo, srtá. Eyre? – foi a observação seguinte, algo inesperada.

– Por que não, sr. Rochester?

– O quadro que acabou de descrever sugere um contraste excessivo. Suas palavras delinearam um belo e gracioso Apolo: ele está presente em sua imaginação, alto, louro, com olhos azuis e um perfil grego. Já os seus olhos repousam num Vulcano... um verdadeiro ferreiro, moreno, abrutalhado, e cego e aleijado para completar. [236](#)

– Nunca tinha pensado nisso antes, mas o senhor com certeza se parece bastante com Vulcano.

– Bem, pode me deixar, madame. Mas antes de ir – e ele me estreitou num abraço ainda mais forte –, por favor, me responda uma ou duas perguntas. Ele fez uma pausa.

– Que perguntas, sr. Rochester?

Seguiu-se então este inquérito:

– St. John fez de você professora da escola de Morton antes de saber que era sua prima?

– Sim.

– Você o via com frequência? Ele visitava a escola às vezes?

– Diariamente.

– Ele aprovava os seus planos, Jane? Sei que deviam ser ótimos, pois você é uma criatura inteligente!

– Ele aprovava, sim.

– Descobriu em você muitas coisas que não teria esperado encontrar? Alguns dos seus talentos não são comuns.

– Quanto a isso não sei dizer.

– Você tinha uma casinha ao lado da escola, pelo que me diz. Ele a visitava?

– De vez em quando.

– No fim do dia?

– Uma ou duas vezes.

Uma pausa.

– Por quanto tempo você morou com ele e suas irmãs depois que o parentesco foi descoberto?

– Cinco meses.

– Rivers passava muito tempo com as moças da família?

– Sim, a saleta dos fundos era seu estúdio, e o nosso também. Ele se sentava perto da janela, e nós à mesa.

– Ele estudava muito?

– Bastante.

– O quê?

– Hindustani.

– E o que você fazia, enquanto isso?

– No início estudei alemão.

– Ele lhe ensinava?

– Ele não sabia alemão.

– Ele lhe ensinou alguma coisa?

– Um pouco de hindustani.

– Rivers lhe ensinou hindustani?

– Sim, senhor.

– E às irmãs também?

– Não.

– Só a você?

– Só a mim.

– Você pediu para aprender?

– Não.

– Ele queria lhe ensinar?

– Sim.

Uma segunda pausa.

– Por que ele queria lhe ensinar? Que utilidade o hindustani poderia ter para você?

– Ele queria que eu fosse com ele para a Índia.

– Ah! Aqui chegamos ao cerne da questão. Ele queria que você se casasse com ele?

– Ele me pediu em casamento.

– É mentira... você está inventando isso para me aborrecer.

– Peço desculpas, mas é verdade literal. Ele me pediu em casamento mais de uma vez, e foi tão insistente quanto o senhor poderia ser.

– Srta. Eyre, repito, pode me deixar. Quantas vezes terei de dizer a mesma coisa? Por que insiste em continuar empoleirada no meu joelho quando já lhe disse para sair?

– Porque estou confortável aqui.

– Não, Jane, você não está confortável aqui, porque seu coração não está comigo: está com esse primo... esse St. John. Ah, até agora pensava que minha pequena Jane era toda minha! Acreditava que ela me amava mesmo quando me deixara: isso era uma partícula de doçura num mar de amargor. Por mais que tivéssemos ficado separados por tanto tempo, e que eu tenha derramado lágrimas quentes por causa da nossa separação, nunca teria imaginado que, enquanto eu chorava na sua ausência, ela amava outro! Mas é inútil sofrer. Jane, vá embora e se case com Rivers.

– Derrube-me daqui, então, senhor... empurre-me para longe, pois não vou deixá-lo por minha livre vontade.

– Jane, chego a gostar do tom da sua voz. Renova minha esperança, e parece tão sincero. Quando o escuto, sou transportado a um ano atrás. Esqueço-me de que você formou um novo elo. Mas não sou tolo... vá...

– Para onde devo ir, senhor?

– Seguir seu próprio caminho, com o marido que escolheu.

– E quem é ele?

– Você sabe: esse St. John Rivers.

– Ele não é meu marido, nem nunca será. Ele não me ama, eu não o amo.

Ele ama (até onde *pode* amar, e não é como o senhor ama) uma bela jovem chamada Rosamond. Ele queria se casar comigo apenas porque pensou que eu seria uma boa esposa para um missionário, o que não seria o caso dela. Ele é bom, um grande homem, mas muito sério; e, para mim, frio como um iceberg. Ele não é como o senhor. Não sou feliz ao lado dele, nem perto dele, nem com ele. Ele não é compreensivo; não me tem afeto. Nada em mim o atrai, nem mesmo a juventude: somente algumas poucas faculdades mentais úteis. Devo, então, deixar o senhor e ir atrás dele?

Estremeci sem querer, chegando instintivamente para mais perto do meu senhor, cego mas adorado. Ele sorriu.

– Ora, Jane! Isso é verdade? É mesmo essa a situação entre você e Rivers?

– Totalmente, senhor! Ah, não precisa sentir ciúme! Queria provocá-lo um pouco, para deixá-lo menos infeliz. Pensei que raiva seria melhor do que tristeza. Mas se quer mesmo que eu o ame, se pudesse ver o *quanto* eu o amo, ficaria orgulhoso e contente. Todo o meu coração é seu, senhor: pertence ao senhor, e com o senhor permaneceria, mesmo que o destino nos separasse para sempre.

Mais uma vez, enquanto ele me beijava, dolorosos pensamentos toldaram seu rosto.

– Minha visão queimada! Minha força mutilada! – ele murmurou pesarosamente.

Eu o acariciei, tentando acalmá-lo. Sabia no que ele estava pensando, e queria falar por ele, mas não ousava. Quando ele se virou por um instante, vi uma lágrima deslizar por baixo da pálpebra selada, e escorrer pelo rosto viril. Meu coração aumentou de tamanho.

– Não sou melhor do que aquela velha castanheira destruída pelo relâmpago no pomar de Thornfield – ele disse pouco depois. – Que direito teria aquela ruína de pedir que a madressilva cobrisse sua decadência com frescor?

– O senhor não é uma ruína, não é uma árvore destruída pelo relâmpago: está verde e vigoroso. Plantas crescerão em torno das suas raízes, quer lhes peça, quer não, porque se comprazem em sua ampla sombra. E, ao crescer, vão se virar em sua direção e envolvê-lo, porque sua força lhes oferece um apoio tão seguro.

Mais uma vez ele sorriu. Eu o reconfortava.

– Você fala de amigos, Jane? – ele perguntou.

– Sim, falo de amigos – respondi, algo hesitante, pois sabia que ele queria dizer mais do que amigos, mas não sabia que outra palavra empregar. Ele me ajudou.

– Ah, Jane, mas eu quero uma esposa.

– Verdade, senhor?

– Sim. Isso é novidade para você?

– É claro. O senhor não disse nada sobre isso antes.

– É uma novidade ruim?

– Depende das circunstâncias, senhor... depende da sua escolha.

– Que você fará para mim, Jane. Acatarei a sua decisão.

– Escolha, então, senhor... *aquela que o ama mais*.

– Vou escolher... *aquela a quem eu amo mais*. Jane, quer se casar comigo?

– Sim, senhor.

– Um pobre cego, que você terá de conduzir pela mão?

– Sim, senhor.

– Um aleijado, vinte anos mais velho que você, a quem terá de servir?

– Sim, senhor.

– De verdade, Jane?

– De verdade, senhor.

– Ah! Minha querida! Que Deus a abençoe e recompense!

– Sr. Rochester, se eu jamais fiz uma boa ação em minha vida, se jamais tive um bom pensamento, se jamais tive um desejo correto, sou agora recompensada. Ser sua esposa, para mim, é a maior felicidade possível na terra.

– Porque lhe agrada o sacrifício.

– Sacrifício! O que estou sacrificando? A fome em troca de comida, a expectativa em troca de contentamento. Ter o privilégio de abraçar quem me importa, beijar quem eu amo, ter paz em quem confio: isso é fazer um

sacrifício? Se for, então certamente eu gosto do sacrifício.

– E tolera minhas fraquezas, Jane. Desconsidera minhas deficiências.

– Que não existem para mim, senhor. Eu o amo mais agora, quando posso realmente lhe ser útil, do que amava em seu estado de orgulhosa independência, quando recusava cada função que não fosse a de provedor e protetor.

– Até então, sempre detestei receber ajuda, ser conduzido. Daqui em diante, sinto que não mais detestarei. Eu não gostava de colocar minha mão na de um criado, mas é agradável senti-la acolhida pelos dedinhos de Jane. Eu preferia a solidão absoluta ao constante auxílio dos empregados, mas a delicada atenção de Jane será uma alegria infinita. Jane é perfeita para mim: serei eu para ela?

– Até a última fibra da minha natureza, senhor.

– Sendo esse o caso, não temos mais nada no mundo pelo que esperar: devemos nos casar imediatamente.

Sua expressão e suas palavras eram de ansiedade: sua velha impetuosidade estava de volta.

– Devemos nos tornar uma única carne sem demora, Jane: só precisamos conseguir a licença, então nos casamos.

– Sr. Rochester, acabo de notar que o sol já baixou, e Pilot foi para casa jantar. Deixe-me ver o seu relógio.

– Prenda-o em seu cinto, Janet, e fique com ele daqui por diante: para mim não tem utilidade alguma.

– São quase quatro horas, senhor. Não sente fome?

– Nossa casamento deverá ser daqui a três dias, Jane. Pouco importam agora belas roupas e joias: tudo isso não vale um centavo.

– O sol já secou todos os resquícios da chuva, senhor. A brisa parou; está bastante quente.

– Você sabia, Jane, que eu trago o seu pequenino colar de pérolas preso ao redor do meu pescoço, por baixo da gravata? Tenho-o comigo desde o dia em que perdi meu único tesouro, como uma lembrança sua.

– Vamos voltar pela floresta: é o caminho com mais sombra.

Ele continuava perseguindo seus próprios pensamentos sem me dar atenção.

– Jane! Pensa que sou, imagino, um cachorro sem religião. Mas o meu coração se enche de gratidão pelo bom Deus desta terra. Ele não vê como o homem vê, mas com muito mais clareza; não julga como o homem julga, mas com muito mais sabedoria. Eu errei: teria maculado minha inocente flor, soprado culpa em sua pureza. O Onipotente a arrancou de mim. Eu, em minha obstinada revolta, quase amaldiçoei as circunstâncias: em vez de me submeter ao decreto, desafiei-o. A justiça divina seguiu seu curso, desastres abundaram em minha vida. Fui obrigado a passar pelo vale da sombra da morte. [237](#) Os Seus castigos são magníficos, e o que se abateu sobre mim tornou-me humilde para sempre. Você sabe o quanto eu me orgulhava da minha força, mas o que ela é agora, quando preciso me submeter à orientação de estranhos, como uma criança em sua fragilidade? Ultimamente, Jane... só ultimamente... comecei a ver e reconhecer a mão de Deus no meu destino. Comecei a sentir remorso, arrependimento, o desejo de me reconciliar com o meu Criador. Comecei a rezar às vezes: orações muito breves, mas muito sinceras.

“Faz alguns dias... não, sei bem quantos foram: quatro; foi na última segunda-feira – um estado de espírito peculiar tomou conta de mim. A tristeza tomou o lugar da angústia; o pesar, o do pessimismo. Achava que, como não conseguia encontrá-la, você devia estar morta. Tarde naquela noite, talvez entre onze horas e meia-noite, antes que eu me retirasse para o meu terrível repouso, supliquei a Deus que, se possível, eu fosse logo levado desta vida e admitido no mundo que há por vir, onde ainda havia a esperança de encontrar Jane.

“Estava no meu quarto, sentado junto à janela, que se encontrava aberta: acalmava-me sentir o bálsamo do ar noturno, embora eu não pudesse ver as estrelas e só por um brilho vago e enevoado soubesse da presença da lua. Como eu queria estar com você, Janet! Ah, queria de corpo e alma! Perguntei a Deus, com angústia e humildade, se eu já não passara tempo suficiente solitário, aflito e atormentado, se eu não poderia em breve tornar a provar a bem-aventurança e a paz. Que eu merecia tudo por que estava passando, reconheci; que não seria capaz de suportar mais ainda, declarei. O alfa e o ômega dos desejos do meu coração irromperam involuntariamente dos meus

lábios nas palavras *Jane! Jane! Jane!*”

- Você disse essas palavras em voz alta?
- Disse, Jane, e se alguém tivesse me ouvido teria me achado louco, tamanho o ímpeto com que as pronunciei.
- Isso foi segunda-feira, perto da meia-noite?
- Sim, mas a hora não importa. O que aconteceu depois é o mais estranho. Você vai me achar supersticioso... alguma superstição eu tenho no meu sangue, sempre tive, mas dessa vez é verdade. Verdade, pelo menos, que ouvi o que vou contar agora.

“Quando exclamei *Jane! Jane! Jane!*, uma voz (uma voz que não sei dizer de onde veio, mas sei de quem era) respondeu: *Estou a caminho, espere por mim* ; um instante depois, sussurrou, no vento: *Onde o senhor está* ?

“Não sei se consigo lhe transmitir a ideia, a imagem que essas palavras abriram em minha mente. Mas é difícil exprimir o que eu quero dizer. Ferndean está enterrada, como vê, numa densa floresta, onde qualquer som morre sem reverberar. *Onde o senhor está?* parecia ter sido dito entre montanhas; havia um eco repetindo as palavras. O vento pareceu então mais frio e fresco. Eu poderia jurar que em alguma paisagem remota e solitária eu e Jane estávamos nos encontrando. Em espírito, acredito que nos encontramos. Você sem dúvida estava, àquela hora, na inconsciência do sono, Jane: talvez sua alma tenha vagado para longe de sua cela a fim de recomfortar a minha, pois aquela era a sua voz, tão certamente quanto estou vivo, era a sua voz!”

Leitor, foi numa noite de segunda-feira – perto da meia-noite – que também eu receberei aquele chamado misterioso: aquelas eram as exatas palavras com as quais respondera a ele. Ouvi a narrativa do sr. Rochester, mas não revelei nada. A coincidência me parecia grandiosa e inexplicável demais para que a comunicasse ou discutisse. Se eu dissesse qualquer coisa, minha história causaria uma impressão muito forte em meu ouvinte. E sua mente, devido aos sofrimentos ainda inclinada demais à melancolia, não necessitava do tom mais profundo do sobrenatural. Guardei essas coisas comigo, então, e as ponderei em meu coração. [238](#)

– Você pode agora entender – continuou o meu senhor – por que quando apareceu diante de mim tão inesperadamente tive dificuldade de acreditar que

não passava de uma mera voz ou visão, algo que se dissolveria em silêncio e vazio, como o sussurro à meia-noite e o eco da montanha tinham se dissolvido antes. Agora agradeço a Deus! Sei que não é isso. Sim, agradeço a Deus!

Ele me tirou do seu joelho, levantou-se e, removendo reverente o chapéu da cabeça e baixando os olhos cegos para o chão, recolheu-se em muda devoção. Apenas as últimas palavras da sua prece foram audíveis:

– Agradeço ao meu Criador, que, no meio do julgamento, lembrou-se da piedade. Humildemente peço ao meu Redentor que me dê forças para viver uma vida mais pura, daqui por diante, do que a que levei no passado!

Ele então estendeu a mão para que eu o conduzisse. Segurei aquela mão tão querida, levei-a por um momento aos lábios, depois deixei que envolvesse meu ombro. Sendo eu muito mais baixa do que ele, servia tanto de apoio quanto de guia. Entramos na floresta, e fomos para casa.

230 . A imagem de Sansão cego, aqui comparado a Rochester, aparece em Juízes: “Então os filisteus pegaram nele, e arrancaram-lhe os olhos, e fizeram-no descer a Gaza, e amarraram-no com duas cadeias de bronze, e girava ele um moinho no cárcere. E o cabelo da sua cabeça começou a crescer, como quando foi rapado” (16:21-22).

231 . Ver nota 122.

232 . “Na mesma hora se cumpriu a palavra sobre Nabucodonosor, e foi tirado dentre os homens, e comia erva como os bois, e o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceu pelo, como as penas da águia, e as suas unhas como as das aves” (Daniel 4:33). Nabucodonosor foi um importante rei da Babilônia. Coube a ele a construção do grande império babilônico, estendendo seu território para além dos rios Tigre e Eufrates mediante lutas contra judeus e egípcios e empreendendo grandes obras arquitetônicas. Nabucodonosor é citado em diversas passagens do Velho Testamento. No livro do profeta Daniel, este lhe interpreta um sonho, segundo o qual o rei passara a viver entre os animais. Para o profeta, o rei deveria abdicar de seu orgulho para compreender o poder de Deus.

233 . Citado em 1 Samuel: “E sucedia que, quando o espírito mau da parte de Deus vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa, e a tocava com a sua mão; então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito mau se retirava dele” (16:23).

234 . A cotovia, pássaro de canto melodioso e hábitos diurnos, ganha a poesia como uma importante e tradicional imagem ou tema, explorado na Inglaterra por autores como William Shakespeare e Percy Bysshe Shelley, este último autor do célebre poema “A uma cotovia”.

235 . Em francês no original: “Ainda jovem”.

236 . Vulcano (Hefesto na mitologia grega) era o deus romano do fogo, donde sua representação como ferreiro. A mitologia conserva de Vulcano uma dupla origem: filho de Júpiter e Juno, ou ainda apenas

de Juno com o auxílio do Vento. Na versão que traz Júpiter como pai, este teria sentido tamanha aversão à feitura do bebê que o teria lançado do alto do Monte Olimpo, o que o fez coxo; em outra, sua mãe, envergonhada de sua deformidade de nascença, lança o pequeno deus ao mar, de onde é recolhido por Tétis e Eurínome, filhas de Oceano.

[237](#) . Menção a Salmos: “Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam” (23:4).

[238](#) . Menção a Lucas: “Maria, porém, guardava todas essas coisas e sobre elas refletia em seu coração” (2:19).

CAPÍTULO 38

Conclusão

LEITOR, casei-me com ele. Foi uma cerimônia discreta: ele e eu, o pároco e o escriturário estávamos presentes. Quando voltamos da igreja, fui até a cozinha, onde Mary preparava o almoço e John limpava as facas, e disse:

– Mary, casei-me com o sr. Rochester hoje pela manhã.

A governanta e seu marido eram ambos gente decente e pacata, a quem a qualquer momento pode-se comunicar uma novidade notável sem correr o risco de ter os ouvidos trespassados por alguma exclamação estridente e em seguida ensurdecidos por uma torrente de palavras de espanto. Mary ergueu os olhos, e me fitou. A concha com que regava de molho um par de frangos assando no forno ficou suspensa no ar por uns bons três minutos, e pelo mesmo espaço de tempo as facas de John também descansaram do polimento. Então ela, debruçando-se outra vez sobre o assado, disse apenas:

– É mesmo, senhorita? Ora, é claro!

Pouco depois continuou:

– Vi a senhora sair com o senhor, mas não sabia que tinham ido à igreja se casar – e continuou a regar os frangos.

John, quando me virei para ele, sorria de orelha a orelha.

– Eu disse a Mary como seria – falou. – Sabia o que o sr. Edward (John era criado antigo, e conhecia o patrão desde quando era o caçula da família; daí referir-se a ele com frequência pelo nome), eu sabia o que o sr. Edward ia fazer. Eu tinha certeza de que não ia esperar muito tempo. Ele fez bem, na minha opinião. Desejo-lhes felicidade, senhorita! – e educadamente fez uma mesura.

– Obrigada, John. O sr. Rochester me disse para dar isto a você e a Mary.

Coloquei em sua mão uma nota de cinco libras. Sem esperar para ouvir mais, deixei a cozinha. Ao passar pela porta algum tempo depois, entreouvi

as palavras:

“Ela vai ser melhor para ele do que qualquer uma daquelas damas.” E também: “Pode não ser a mais linda, mas não chega a ser feia, e tem muito boa natureza, e para ele é muito bonita, qualquer um pode ver isso.”

Escrevi para Moor House e para Cambridge imediatamente, contando o que eu fizera, e explicando em detalhes, também, por que agira assim. Diana e Mary aprovaram minha conduta sem reservas. Diana anunciou que só me daria tempo para terminar a lua de mel e então gostaria de me ver.

– É melhor ela não ficar esperando, Jane – disse o sr. Rochester, quando li a carta para ele. – Se esperar vai custar a chegar, pois a nossa lua de mel vai brilhar pelo resto da nossa vida. Seus raios só vão se apagar sobre o seu túmulo ou o meu.

Como St. John recebeu a notícia, não sei dizer. Ele nunca respondeu à carta em que eu a comuniquei. Seis meses depois, porém, ele me escreveu, sem contudo mencionar o nome do sr. Rochester ou aludir ao meu casamento. Sua carta era pacata, e, embora muito séria, gentil. Ele manteve comigo uma correspondência regular, embora não frequente, desde então. Espera que eu esteja feliz, acredita que eu não seja daqueles que vivem sem Deus e só se preocupam com as coisas mundanas.

Não se esqueceu da pequena Adèle, não é mesmo, leitor? Eu não me esquecera, e logo pedi e obtive permissão do sr. Rochester para ir visitá-la na escola onde ele a colocara. Sua alegria frenética ao me ver novamente me comoveu muito. Ela estava pálida e magra: disse que não estava feliz. Descobri que as regras do estabelecimento eram rígidas demais e seu programa de estudos demasiadamente severo para uma criança da sua idade: trouxe-a para casa comigo. Pretendia ser sua educadora outra vez, mas logo vi que seria impraticável; meu tempo e minhas atenções eram agora requisitados por outra pessoa – meu marido precisava deles. Então procurei uma escola com um sistema mais indulgente, e próxima o bastante para permitir que eu fosse visitá-la com frequência, e a trouxesse para casa às vezes. Certifiquei-me de que nada que pudesse contribuir para o seu conforto lhe faltasse. Ela logo se estabeleceu e passou a ser muito feliz lá, fazendo progressos em seus estudos. Enquanto crescia, uma sólida educação inglesa corrigiu em grande medida seus defeitos franceses, e quando ela deixou a

escola encontrei nela uma companheira agradável e solícita – dócil, de bom temperamento e de bons princípios. Através de sua grata atenção, já faz tempo que me recompensou por qualquer gentileza que eu jamais tenha tido em meu poder lhe oferecer.

Minha história chega ao fim: uma palavra a respeito da minha vida de casada, e um breve olhar sobre o destino daqueles cujos nomes apareceram com mais frequência nesta narrativa, e terei terminado.



"Will you a little blue
dress on?"

– Está usando um vestido azul-claro?

Faz agora dez anos que sou casada. Sei o que é viver inteiramente para e com aquilo que mais amo na terra. Considero-me abençoada ao extremo – mais abençoada do que as palavras podem expressar, porque eu sou a vida do meu marido tão integralmente quanto ele é a minha. Nenhuma mulher jamais esteve tão perto de seu companheiro quanto eu, nem foi de maneira mais absoluta carne da sua carne.²³⁹ Não conheço o cansaço na companhia do meu Edward, nem ele na minha, não mais do que temos consciência das batidas dos nossos corações; consequentemente, estamos sempre juntos. Estar juntos, para nós, é ter ao mesmo tempo a liberdade da solidão e a alegria da companhia. Conversamos, acho, o dia inteiro: falar com o outro é uma maneira mais feliz e audível de pensar. Todas as minhas confidências faço para ele, e todos os seus segredos são devotados a mim; somos unidos de forma precisa em temperamento – uma perfeita concórdia é o resultado.

O sr. Rochester continuou cego pelos primeiros dois anos da nossa união. Talvez tenha sido essa circunstância que nos aproximou tanto, que fez com que ficássemos tão unidos. Pois eu era a sua visão,²⁴⁰ como ainda sou sua mão direita. Literalmente, eu era (e como ele costumava me chamar) a menina dos seus olhos. Ele via a natureza e os livros através de mim, e eu nunca me cansei de contemplar o mundo por ele, colocar em palavras o efeito do campo, da árvore, da cidade, do rio, da nuvem, do raio de sol – da paisagem diante de nós, ou do tempo ao nosso redor –, e de transmitir, através do som em seu ouvido, o que a luz já não podia estampar em seus olhos. Nunca me cansei de ler para ele, nunca me cansei de levá-lo aonde queria ir – de fazer o que ele desejava. E havia um prazer nesse serviço, integral, delicioso, ainda que triste, porque ele me solicitava sem dolorosa vergonha ou humilhação reprimida. Ele me amava tão genuinamente que não tinha relutância em se valer dos meus cuidados. Sentia que eu o amava tanto que conceder esses cuidados era satisfazer os meus maiores desejos.

Certa manhã, ao cabo de dois anos, enquanto eu escrevia uma carta que ele ditava, ele se aproximou, inclinou-se sobre mim e disse:

– Jane, você está usando um ornamento brilhante no pescoço?

Eu usava uma corrente dourada de relógio. Respondi que sim.

– Está usando um vestido azul-claro?

Eu estava. Ele me disse então que havia algum tempo vinha achando que a obscuridade de um dos olhos estava se tornando menos densa, e que agora tinha certeza disso.

Ele e eu então fomos até Londres. Ele se consultou com um eminent oculista, e acabou recuperando a vista daquele olho. Não consegue enxergar de maneira muito distinta: não pode ler ou escrever muito, mas caminha sem ser levado pela mão. O céu e a terra já não são mais um vazio para ele. Quando seu primeiro filho foi colocado em seus braços, ele pôde ver que o menino herdara os seus olhos, como tinham sido outrora – grandes, brilhantes e negros. E ele mais uma vez reconheceu, com o coração tomado de emoção, que Deus tinha atenuado o julgamento com piedade.

Meu Edward e eu, então, somos felizes. E ainda mais felizes porque aqueles que mais amamos também são. Diana e Mary Rivers estão ambas casadas. Alternadamente, uma vez por ano, elas vêm nos ver, e nós vamos vê-las. O marido de Diana é capitão da marinha, um galante oficial e um bom homem. O de Mary é clérigo, colega de faculdade do seu irmão, e tanto por seus talentos quanto por seus princípios merecedor desse elo. Tanto o capitão Fitzjames quanto o sr. Wharton amam suas esposas e são amados por elas.

Quanto a St. John Rivers, ele deixou a Inglaterra e foi para a Índia. Passou a trilhar o caminho que estabelecera para si mesmo; ainda segue por ele. Jamais houve um pioneiro mais resoluto e incansável em meio a tantas pedras e perigos. Firme, fiel e devotado, ele trabalha por sua raça, abre o caminho para seu progresso; como um gigante, desbasta os preconceitos de credo e casta que a obstruem. Pode ser duro, pode ser exigente, pode ainda ser ambicioso, mas a sua austeridade é a do guerreiro Greatheart, que protege o comboio do peregrino da matança de Apolion. [241](#) Sua é a jornada do apóstolo, que só fala em nome de Cristo quando diz: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me.” [242](#) Sua é a ambição do espírito elevado, que deseja ocupar um lugar na primeira fileira entre aqueles que serão resgatados da terra – que se postam impolutos diante do trono de Deus, que compartilham as últimas poderosas vitórias do Cordeiro, que são chamados, e escolhidos, e fiéis.

St. John continua solteiro: não vai mais se casar a esta altura. Ele próprio bastou para o trabalho, e o trabalho chega perto do fim: seu glorioso sol está para se pôr. A última carta que recebi dele tirou dos meus olhos lágrimas humanas, mas encheu meu coração de alegria divina. Ele aguardava sua garantida recompensa, sua coroa incorruptível. Sei que logo a mão de um estranho vai me escrever, dizendo que o bom e fiel servo foi enfim chamado à alegria do Senhor. [243](#) E por que chorar por isso? O medo da morte não há de escurecer a última hora de St. John: sua mente estará cristalina, seu coração, imaculado, sua esperança será convicta e sua fé, inabalável. Suas próprias palavras são prova disso:

“Meu Senhor já me avisou,” diz ele. Todos os dias Ele me anuncia de maneira cada vez mais nítida: *Certamente, cedo venho!* [244](#) E a cada momento eu respondo com mais ardor: ‘Amém. Que venha, Senhor Jesus!’”

[239](#) . No Livro do Gênesis: “E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (2:23).

[240](#) . A relação entre Rochester e Jane Eyre apresenta ecos biográficos da vida de Charlotte Brontë, que auxiliou o pai, acometido de catarata à época da redação de *Jane Eyre* . Consta que Charlotte acompanhou o pai a Manchester para a realização da cirurgia e ficou ao seu lado no delicado pós-operatório, que envolvia repouso absoluto por semanas em um quarto escuro.

[241](#) . A passagem trata de personagens presentes em *O progresso do peregrino* , romance de forte influência bíblica do autor puritano John Bunyan. Greatheart atua como protetor e guia de Christiana, uma das personagens centrais da peregrinação. Apolion, também chamado Abadon, é uma personagem que, nos Livros de Jó (26:6) e do Apocalipse (9:11), representa fortemente o mal e a destruição. Estes deverão ser superados pelo Peregrino de Bunyan em seu caminho rumo à salvação.

[242](#) . Lê-se em Marcos: “E chamando a si a multidão, com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará” (8:34-35).

[243](#) . “E todo aquele que luta de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, uma incorruptível” (1 Coríntios 9:25).

[244](#) . Lê-se em Apocalipse: “Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus” (22:20).

ANEXOS

Prefácio à segunda edição

Um prefácio à primeira edição de *Jane Eyre* tendo sido desnecessário, não o escrevi. Esta segunda edição exige algumas palavras de agradecimento, bem como observações variadas.

Meus agradecimentos são necessários a três grupos.

Ao Públíco, pelo ouvido indulgente que dedicou a uma história simples com poucas pretensões.

À Imprensa, pelo espaço razoável que seu honesto sufrágio abriu a um nome obscuro de aspirante.

Aos meus Editores, por sua ajuda e tato, sua energia, seu senso prático e franca generosidade que concederam a um nome desconhecido e sem qualquer recomendação.

A Imprensa e o Públíco são, para mim, apenas vagas personificações, e tenho que lhes agradecer em termos vagos; mas meus Editores são pessoas específicas: também o são certos críticos generosos que me encorajaram somente como homens de coração amplo e mente elevada sabem encorajar um nome que, apesar de desconhecido, esforça-se arduamente. A eles, isto é, aos meus Editores e aos seletos Resenhistas, digo cordialmente: Cavalheiros, têm minha gratidão, do fundo do meu coração.

Tendo assim reconhecido o que devo àqueles que me ajudaram e aprovaram, volto-me a outra categoria; pequena, até onde sei, mas que não deve por isso ser desconsiderada. Refiro-me aos poucos timoratos ou capciosos [245](#) que têm dúvidas quanto à tendência de livros como *Jane Eyre*, aqueles a cujos olhos o que quer que seja incomum está errado, e cujos ouvidos detectam em cada protesto contra a intolerância – que é parente do crime – um insulto à devoção sincera, essa regente de Deus na terra. Eu gostaria de sugerir a esses célicos certas distinções óbvias e de lhes recordar

certas verdades simples.

Convenção não é o mesmo que moral. Hipocrisia não é o mesmo que religião. Atacar os primeiros não é desfazer dos últimos. Tirar a máscara do rosto do fariseu não é o mesmo que erguer mão ímpia à Coroa de Espinhos. [246](#)

Essas coisas e fatos são diametralmente opostos: são tão distintos quanto o vício e a virtude. Os homens os confundem com demasiada frequência. A aparência não deveria ser confundida com a verdade; as estreitas doutrinas humanas, que só tendem a exultar e enaltecer uns poucos, não deveriam ser substituídas pelo credo universalmente redentor no Cristo. Existe, repito, uma diferença; e é uma boa ação, não má, traçar de maneira ampla e nítida a linha que os separa.

O mundo talvez não goste de ver essas ideias apartadas, pois se acostumou a misturá-las, achando conveniente fazer a aparência externa passar por valor genuíno – deixar paredes caiadas afiançarem um templo limpo. Talvez o mundo deteste aquele que ousa escrutinar e expor, remover a douradura e revelar o metal barato que está por baixo, penetrar no jazigo e revelar restos mortais [247](#) – mas deve-lhe um favor, por mais o que deteste.

Acabe não gostava de Micaías porque este nunca profetizava algo bom a seu respeito, mas sempre algo ruim. Provavelmente preferia o filho sicofanta de Quenaaná; e contudo Acabe poderia ter escapado da morte sanguinolenta se tivesse ficado surdo à bajulação e aberto os ouvidos ao conselho pio. [248](#)

Há um homem em nossos dias cujas palavras não foram feitas para fazer cócegas em ouvidos delicados, que, em minha opinião, apresenta-se diante dos grandes da sociedade de maneira bastante similar àquela com que o filho de Inlá apresentou-se diante dos reis da Judeia e de Israel, e que fala uma verdade igualmente profunda, igualmente profética e vital, uma atitude igualmente intimidante e ousada. Será que o satirista da *Vanity Fair* é admirado nesses altos círculos? Não sei dizer, mas penso que, se alguns daqueles entre os quais ele ergue o fogo grego [249](#) do seu sarcasmo e sobre os quais despeja o relâmpago de suas denúncias ouvissem suas advertências a tempo, eles próprios ou seus descendentes ainda poderiam escapar de uma fatal Ramote-Gileade. [250](#)

Por que aludi a esse homem? Fiz isso, leitor, porque vejo nele um intelecto

mais profundo e singular do que seus contemporâneos reconhecem; porque vejo nele o primeiro regenerador social dos nossos dias, como o mestre daquele corpo de trabalhadores que há de restaurar a retidão ao distorcido sistema das coisas; porque julgo que nenhum comentador de seus escritores já encontrou uma comparação adequada a ele, os termos que caracterizem de maneira correta seu talento. Dizem que ele é como Fielding,²⁵¹ falam de sua sagacidade, humor, talento cômico. Ele se parece tanto com Fielding quanto uma águia com um abutre: Fielding podia se debruçar sobre carniça, mas Thackeray nunca faz isso. Sua sagacidade é brilhante, seu humor é atraente, mas ambos têm com o gênio sério a mesma relação que os relâmpagos cintilantes nas nuvens de verão têm com a centelha de morte elétrica oculta em seu ventre. Por fim, aludi ao sr. Thackeray porque a ele – se aceitar a oferta de alguém que não conhece – dediquei esta segunda edição de *Jane Eyre*....

CURRER BELL
21 de dezembro de 1847

²⁴⁵ . À época de seu lançamento, *Jane Eyre* recebeu críticas que sugeriam o “comportamento baixo” dos protagonistas. Charlotte mostrou-se particularmente afetada por nota da *Mirror of Literature, Amusement and Instruction* (dezembro de 1847), que acusava o romance de ataque à moral cristã e de incorporar o “espírito inquieto de insubordinação” próprio aos tempos. Em dezembro de 1848, o romance seria associado ao cartismo inglês (movimento de luta pela inclusão política da classe operária) e ao processo revolucionário que, a partir da França, se alastraria pelo continente, na chamada Primavera dos Povos.

²⁴⁶ . No séc.II a.C., os fariseus formavam uma seita judaica que combinava a chamada Lei (ou Torá) Oral – isto é, aquela representada pelas leis, estatutos e interpretações que teriam sido oralmente recebidos de Deus por Moisés no Monte Sinai – à fé nos cinco livros que compõem as Leis Mosaicas (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, na tradição cristã incluídos no conjunto conhecido como Velho Testamento). O rigor da seita afirmou-se em sua oposição à seita de seguidores de Jesus Cristo. Este os acusava de subserviência hipócrita e mundana às leis e códigos judaicos, sem respeito à verdade espiritual universal de Deus. Em Mateus 19:6, consta que Jesus teria dito aos fariseus: “Aquilo que Deus uniu, o homem não pode separar.”

²⁴⁷ . Referência a Mateus: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície” (23:27).

248 . Alusão à história dos reis Acabe, de Israel, e Jeosafá, de Judá, que rejeitaram os conselhos do profeta Micaías, filho de Inlá, quando este foi consultado sobre uma expedição militar contra Ramote-Gileade. Em 2 Crônicas 18, Acabe e Jeosafá convocam quatrocentos profetas para que estes lhes confirmem os planos; Micaías, contudo, declara-se fiel unicamente a Deus e não dá parecer favorável à expedição, despertando a ira não apenas de Acabe, mas também do falso profeta Zedequias (o filho sicofanta de Quenaaná), que questiona e golpeia Micaías.

249 . Arma incendiária utilizada pela marinha bizantina e desenvolvida por volta do séc.VII d.C. Ela consistia em uma mistura química inflamável (cujos componentes eram segredo de Estado) compartimentada em um sifão. A mistura atravessava o sifão mediante o uso da força propulsora do ar, alcançando uma chama no extremo oposto do sifão. Funcionava como uma espécie de lança-chamas.

250 . Segundo a Bíblia, Ramote-Gileade era uma cidade do território de Gade, ao leste do rio Jordão. A cidade, escolhida como subsede de seu governo, caiu sob o controle sírio durante conflitos destes com o norte do reino de Israel. Depois de consultar profetas, os reis Acabe, de Israel, e Jeosafá, de Judá, decidem reconquistar a cidade, porém sem sucesso.

251 . Romancista e dramaturgo, Henry Fielding (1707-54) se destaca como um dos expoentes da literatura inglesa do séc.XVIII. Conhecido por seu humor satírico, Fielding foi autor de obras-primas como o picaresco *Tom Jones* (1749), cuja importância reside, entre outras, no estabelecimento de padrões literários para a prosa nascente do romance, os quais chegariam ao séc.XIX influenciando uma miríade de autores britânicos e continentais.

Nota à terceira edição

Aproveito a oportunidade que uma terceira edição de *Jane Eyre* me oferece para me dirigir novamente ao Públíco e explicar que minha reivindicação ao título de romancista repousa nesta única obra. Se, portanto, a autoria de outras obras de ficção me tiver sido atribuída, trata-se de uma honra imerecida, e consequentemente negada. Esta explicaçāo servirá para retificar erros que talvez já tenham sido cometidos, e para evitar equívocos futuros.

CURRER BELL

13 de abril de 1848

CRONOLOGIA

Vida e obra de Charlotte Brontë

1816 | 21 ABR: Nasce em Thornton, Inglaterra, Charlotte Brontë. Filha de Patrick Brontë e Maria Branwell, é a terceira criança de uma família de cinco meninas e um menino.

1817 | 26 JUN: Nascimento do irmão Patrick Branwell.

1818 | 30 JUL: Nascimento da irmã Emily Brontë.

1820 | 17 JAN: Nascimento da irmã Anne Brontë. | 20 ABR: A família Brontë muda-se para o distrito remoto de Hawthorn, onde Patrick Brontë torna-se cura perpétuo.

1821 | 15 SET: Morte de Maria Branwell em decorrência de um câncer. Elizabeth Branwell vai morar com os Brontë para ajudar a cuidar dos sobrinhos.

1824: Charlotte e as irmãs, com exceção de Anne, são enviadas ao internato para meninas Clergy Daughter's School, em Cowan Bridge. Nele são submetidas a maus-tratos e privações.

1825 | 6 MAI: Morte da primogênita Maria Brontë, enviada para casa após um surto de tuberculose no internato. | 1º JUN: As irmãs Brontë retornam para a casa do pai. | 15 JUN: Morre Elizabeth Brontë, a segunda filha, também vítima da doença.

1825-30: Charlotte e os irmãos são educados em casa. Dedicam parte do seu tempo a escrever ciclos de histórias ambientadas em lugares imaginados por eles: Angria e Gondal.

1831 | JAN: Charlotte ingressa no colégio Roe Head, em Londres.

1832 | JUN: Deixa o Roe Head e volta para a casa da família, onde permanecerá pelos três anos seguintes.

1835: Retorna ao colégio Roe Head, agora como professora.

1837: Volta à casa do pai.

1842 | 12 FEV: Ao lado de Emily, ingressa no Pensionato Héger, em Bruxelas, Bélgica, tendo contato com o respeitado pedagogo Constantin Héger. As irmãs chegam, inclusive, a fazer parte do corpo docente da instituição: Charlotte como professora de inglês e Emily, de música. | 29 OUT: Morte da tia, Elizabeth Branwell. | 8 NOV: Charlotte e Emily regressam para casa.

1843 | JAN: Charlotte volta a lecionar no Pensionato Héger, agora sem a companhia da irmã.

1844 | JAN: Novo retorno para a casa do pai. Junto com Emily, tenta, sem sucesso, montar uma escola.

1845: Depara-se com os cadernos de poesia de Emily e, após dias de insistência e muito esforço,

convence a irmã a publicá-los.

1846 | MAI: Sob os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell, que não identificavam o gênero das autoras, publica junto com Emily e Anne um livro de poemas, por uma pequena editora. Charlotte contribuiu com vinte poesias. Emily e Anne com 21 cada. Encaminha seu romance *O professor* para algumas editoras, mas ele é recusado por todas.

1847 | SET: Apresenta *Jane Eyre* para a editora Smith, Elder & Co. O romance é aceito para publicação e lançado em outubro do mesmo ano com enorme sucesso de público e crítica. | DEZ: Lançamento em edição conjunta de *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey*, de Emily e Anne, respectivamente. Os três romances saem sob os pseudônimos Currer, Ellis e Acton Bell.

1848 | 24 SET: Morte do irmão, Patrick Branwell, vítima de tuberculose disfarçada pelo consumo abusivo de álcool. | 19 DEZ: Morte de Emily Brontë, também em decorrência de tuberculose.

1849 | 28 MAI: Como os irmãos, Anne sucumbe à tuberculose. | 26 OUT: Charlotte publica *Shirley*, ainda sob o pseudônimo Currer Bell. | NOV-DEZ: Viaja para Londres como convidada de George Smith, seu editor.

1850: Trabalha numa edição revista de *O morro dos ventos uivantes*, para a qual escreve uma nota biográfica revelando a identidade e o gênero de Ellis e Acton Bell.

1851: Faz nova viagem para Londres, onde conhece a romancista e contista Elizabeth Gaskell, sua futura biógrafa.

1853 | 28 JAN: Lança o romance *Villette*, ambientado em Bruxelas.

1854 | 29 JUN: Após ter recusado outros pedidos, casa-se com Arthur Bell Nicholls, funcionário de seu pai e cura de Haworth.

1855 | 31 MAR: Morre aos 38 anos, mais uma vítima da tuberculose na família Brontë. Estava no início de uma gestação. | 4 ABR: É enterrada no mausoléu da família em Haworth.

1857 | MAR: Lançamento da biografia *A vida de Charlotte Brontë*, escrita por Elizabeth Gaskell. | JUN: Publicação póstuma de *O professor*.

1860: *Emma*, sua última obra, inacabada, é publicada na revista *Cornhill*.

1861 | 7 JUN: Aos 84 anos, e tendo enterrado a esposa e os seis filhos, morre o reverendo Patrick Brontë.

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Persuasão [*](#)

Jane Austen

O morro dos ventos uivantes[*](#)

Emily Brontë

Sherlock Holmes (9 vols.)

A terra da bruma

Arthur Conan Doyle

As aventuras de Robin Hood[*](#)

O conde de Monte Cristo[*](#)

A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror

Os três mosqueteiros[*](#)

Vinte anos depois

Alexandre Dumas

O melhor do teatro grego

Ésquilo, Sófocles, Aristófanes, Eurípides

O corcunda de Notre Dame[*](#)

Victor Hugo

Os livros da selva

Rudyard Kipling

Carmen e outras histórias

Prosper Mérimée

O Ateneu

Raul Pompeia

Os Maias*

Eça de Queirós

Frankenstein

Mary Shelley

A besta humana

Émile Zola

* Disponível também em edição bolso de luxo

Veja a lista completa da coleção no site zahar.com.br/classicoszahar

Copyright desta edição © 2018:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ilustrações de F.H. Townsend para a edição de 1848 (Londres, Smith, Elder & Co.)

Capa: Rafael Nobre

Produção do arquivo ePub: [Booknando Livros](#)

Edição digital: maio de 2018

ISBN: 978-85-378-1766-7



EMILY BRONTË
**O MORRO
DOS VENTOS
UIVANTES**

CLÁSSICOS ZAHAR

O morro dos ventos uivantes: edição bolso de luxo

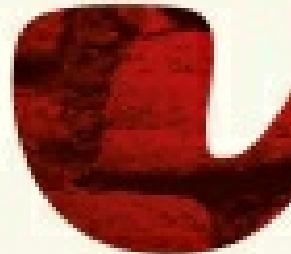
Brontë, Emily
9788537817582
474 páginas

[Compre agora e leia](#)

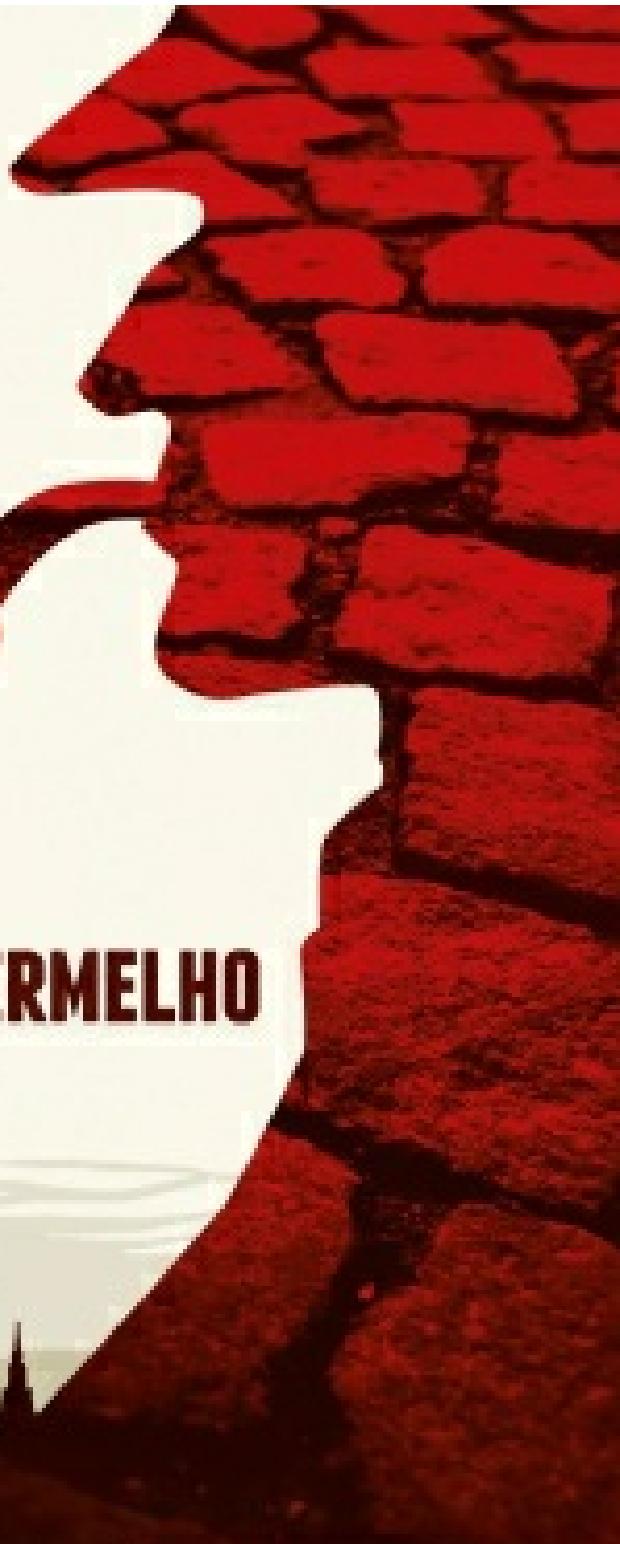
A história de um amor que nem mesmo as armadilhas do destino e a morte conseguiram destruir. No centro dos acontecimentos dessa história de obsessão e dor, perversidade e vingança, estão a obstinada figura de Catherine Earnshaw e o rude e enérgico Heathcliff, que aprende a odiar após sofrer humilhações e rejeições de todos os tipos. Publicado originalmente em 1847, O morro dos ventos uivantes é um retrato penetrante e comovente da degradação humana. E, como todo bom clássico, tem várias portas por onde o leitor pode entrar. Mais difícil, no entanto, será encontrar a saída, pois o efeito da leitura ficará entranhado para sempre em sua lembrança. Essa edição traz excelente tradução de Adriana Lisboa e breve apresentação de Rodrigo Lacerda. A versão impressa apresenta ainda a capa dura e o acabamento de luxo dos Clássicos Zahar.

[Compre agora e leia](#)

*Arthur
Conan
Doyle*



UM ESTUDO EM VERMELHO



CLÁSSICOS ZAHAR

Um estudo em vermelho

Conan Doyle, Arthur

9788537811054

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado originalmente em 1887, Um estudo em vermelho chegou a ser considerado uma espécie de "livro do Gênesis" para os casos de Sherlock Holmes, pois marca não só a primeira aparição pública do detetive mais popular da literatura universal como o primeiro encontro entre Holmes e Watson. Ao buscar conhecer melhor seu novo amigo, em pouco tempo Watson vê-se envolvido numa história sinistra de vingança e assassinato... Essa Edição Bolso de Luxo traz texto integral e cerca de 30 ilustrações originais.

[Compre agora e leia](#)

Robert JACKSON
e Georg SØRENSEN



Introdução às Relações Internacionais

3^a EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA



Introdução às relações internacionais – 3^a edição revista e ampliada

Jackson, Robert

9788537817797

466 páginas

[Compre agora e leia](#)

As principais teorias e abordagens das relações internacionais em um só volume, apresentadas de forma didática e relacionadas aos fatos históricos que marcam a disciplina Nova edição revista e ampliada Ao longo dos 11 capítulos da obra, os autores abordam, de forma clara e precisa, as correntes teóricas do pensamento internacional: das perspectivas mais tradicionais à análise dos novos temas do ramo. Verdadeiro passo a passo para quem pretende iniciar um entendimento mais aprofundado de relações internacionais, essa edição contém: - Indicações de links e material para estudo na internet; - Resumos de pontos-chave para cada capítulo; - Questões propostas sobre os principais assuntos estudados; - Glossário de termos-chave. "O manual de Jackson e Sorensen representa uma contribuição de enorme valor para o desenvolvimento do ensino de relações internacionais no Brasil." João Pontes Nogueira, professor e pesquisador do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio

[Compre agora e leia](#)

JORGE ZAHAR EDITOR

Rebeliões no Brasil Colônia



LUCIANO FIGUEIREDO

Descobrindo o Brasil

Rebeliões no Brasil Colônia

Figueiredo, Luciano

9788537807644

88 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inúmeras rebeliões e movimentos armados coletivos sacudiram a América portuguesa nos séculos XVII e XVIII. Esse livro propõe uma revisão das leituras tradicionais sobre o tema, mostrando como as lutas por direitos políticos, sociais e econômicos fizeram emergir uma nova identidade colonial.

[Compre agora e leia](#)

TRANS SEXUAL .IDADE

O CORPO ENTRE O SUJEITO E A CIÊNCIA

Marco Antonio Coutinho Jorge
Natália Pereira Travassos



ZAHAR

Transexualidade

Jorge, Marco Antonio Coutinho

9788537817780

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma análise relevante e cuidadosa para um debate atual e indispensável A transexualidade tem sido tratada de modo corriqueiro e banalizado. Claro que ela deve ser considerada com naturalidade, porém a falta de qualquer pausa ou indagação surpreende, já que o processo transexualizador implica tratamentos médicos sérios, muitos irreversíveis. Esse livro trata o tema sob o prisma da psicanálise. Ressaltando os aspectos essenciais da sexualidade humana, traz uma breve história da transexualidade na medicina, na psicanálise e na cultura. Propõe discussões relevantes e pouco exploradas, como destransição e a relação entre homofobia e transexualidade. Questiona a rapidez da medicina ao atender às demandas de adequação corporal dos transexuais, e marca posição sugerindo prudência e refinamento nas avaliações dos casos de transexualidade, sobretudo na infância. Para isso, defende que situemos a transexualidade nas encruzilhadas da cultura e seus efeitos sobre a vivência da sexualidade. Repudiando tanto a patologização da condição trans quanto a simplificação leviana do que ela envolve, é uma ótima contribuição para um debate, e uma realidade, que promete prosseguir vivo. "Graças a um estudo profundo e a uma análise pertinente, esse é um grande livro. Tão surpreendente pelo conteúdo quanto pela forma. Ideias novas expostas com a maior clareza." Betty Milan

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Apresentação, por Antonia Pellegrino](#)

[JANE EYRE](#)

[ANEXOS](#)

[Prefácio à segunda edição](#)

[Nota à terceira edição](#)

[Cronologia: vida e obra de Charlotte Brontë](#)

[Copryright](#)